UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões

Luzia Aparecida de Souza

Orientador: Prof.Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - Área de Concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosóficos-Científicos, para obtenção do Título de Mestre em Educação Matemática.

Rio Claro (SP)
2006

510.07 Souza, Luzia Aparecida de
S729h História oral e educação matemática : um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões / Luzia Aparecida de Souza. – Rio Claro : [s.n.], 2006
313 f. : il., fots., gráfs.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Educação matemática. 3. Matemática – História. 4. História oral. 5. Narrativas. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Profa. Dra. Maria Ângela Miorim

Prof. Dr. Romulo Campos Lins

Luzia Aparecida de Souza
- Aluno(a) –

Rio Claro, 03 de fevereiro de 2006.

Resultado: Aprovada

Dedico este trabalho a minha família, em especial a meus irmãos e cunhadas (Leandro, Adauto, Luciane e Paula), minha sobrinha Eduarda, ao Ricardo (meu grande amor) e a meus pais, José e Maria. Agradeço a estes pela minha vida, por tudo o que sou e serei.

Agradecimentos

Aos membros do GHOEM: Helenice, Zionice, Ivete, Michela, Marisa, Vianna, Silvia, Carrera, Gilda, Rosinete, Ivani, Vicente, Ednéia, Heloísa, Emerson, Ronaldo, Fábio, Fernando, Lidiane, Otávio e, de forma especial, aos depoentes: Ivete, Michela, Marisa, Vianna, Silvia, Carrera, Gilda, Rosinete, Ivani e Vicente.

Aos amigos de Rio Claro pelo apoio, incentivo e crença no meu trabalho: Ednéia, Heloísa, Emerson, Ronaldo, Fábio, Fernando, Keila, Carla, Mirian, Marcela, Rose, Adriana, Maria Isabel, Adailton, Vanda, Adelino e Simone.

Aos amigos de Bauru: Fabiana, Cristiane, Eni e Germano pelo apoio.

À Maria Ângela Miorim e ao Romulo Campos Lins pelas contribuições e incentivos.

À Ana, Elisa, Alessandra e Zezé pelo auxílio.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

Ao Vicente, uma vez mais, pela orientação, amizade e acima de tudo por ter me possibilitado estar aqui querendo ir além. Por ter acreditado em mim quando nem eu acreditava.

Ao Ricardo pelas discussões, sugestões, respeito, compreensão e amor. Por tudo o que nos tornamos juntos.

A Deus por tudo e por todos.

RESUMO

Essa pesquisa procura constituir um primeiro cenário do trabalho na interface história oral e Educação Matemática e, a partir deste, olhar para as questões que têm fundamentado este trabalho. Para tanto, optou-se pela realização de entrevistas com pesquisadores em Educação Matemática que se dedicam ao trabalho/estudo da história oral e por uma revisão das produções (publicações em revistas, periódicos, teses e dissertações) destes pesquisadores. As entrevistas parecem ter se constituído como uma forma interessante de re-significação de trabalhos escritos em épocas distintas e de "atualização" da compreensão de alguns conceitos. Emergem desse estudo discussões acerca dos fundamentos da história oral e de como esta vem sendo pensada na/para a Educação Matemática. As noções de documento, História, memória, análise, entre outras, colocam-se como fundamentais para a constituição/compreensão deste primeiro cenário e a história oral na Educação Matemática é apresentada como uma trajetória peculiar que se diferencia, por vezes, veementemente de como a história oral vem sendo pensada em outras áreas de pesquisa como a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Culturais e a própria História.

Palavras-Chave: História Oral, Educação Matemática, História.

ABSTRACT

This work intends to sketch a general picture of the relation between Mathematics Education and Oral History, in order to understand the theoretical framework which supports that work. Mathematics Education researchers whose work involves Oral History were interviewed and their work (papers, dissertations, reports etc) analyzed. The interviews and data analysis were an interesting way to notice that these scientific works and the concepts they present gradually assume different meanings to the researchers themselves. Documents, History and memory, among other themes, are essential elements to understand the theoretical framework we are working within. Our analysis focusing investigations in Mathematics Education in which Oral History takes part as the main methodology shows that Oral History in Mathematics Education can be taken as a resource truly distinct from the Oral History developed by other areas of knowledge, as Sociology, Anthropology, Cultural Studies and History itself.

Key-Words: Oral History, Mathematical Education, History.

SUMÁRIO

Prólogo.....07
Introdução.....11
Capítulo 1: Contextualizando o movimento da História Oral: um olhar possível.....18
1.1) Movimentos na História.....20
1.1.1) Um primeiro olhar sobre o geral.....20
1.1.2) Annales.....23
1.2) Movimentos nas Ciências Sociais: a Sociologia.....29
1.3) A história oral: uma perspectiva geral no diálogo inter-áreas.....38
Capítulo 2: Educação Matemática e perspectivas históricas internas.....50
2.1) Educação Matemática.....51
2.2) Enfoques em questões da História na Educação Matemática.....58
2.2.1) História E Educação Matemática.....64
2.2.2) História da Matemática.....65
2.2.3) História da Educação Matemática.....66
Bastidores.....69
Capítulo 3: Discussões Metodológicas.....78
3.1) Pesquisa: negociações.....79
3.2) Pressupostos e articulações: uma discussão necessária.....84
3.3) Opções necessárias.....87
3.3.1) Entrevistas.....87
3.3.2) Estudo Bibliográfico.....89
3.3.3) Das intervenções.....91
3.4) Alinhavando compreensões sobre o processo de análise.....94
3.4.1) Repensando opções.....97
Capítulo 4: História Oral e Educação Matemática: um olhar sobre a literatura.....99
4.1) Um olhar sobre a literatura: algumas suturas.....100
4.2) Pós- Graduação: um pequeno inventário.....120
Capítulo 5: Vozes na pesquisa em Educação Matemática.....128
5.1) Ivete Maria Baraldi.....129
5.2) Michela Tuchapesk.....139
5.3) Marisa Rezende Bernardes.....155
5.4) Carlos Roberto Vianna.....172

5.5) Silvia Regina Vieira da Silva.....184

5.6) Gilda Lúcia Delgado de Souza.....192

5.7) Antonio Carlos Carrera de Souza.....203

5.8) Rosinete Gaertner.....232

5.9) Ivani Pereira Galetti.....246

5.10) Antonio Vicente Marafioti Garnica.....253

Capítulo 6: Um primeiro olhar sobre o cenário.....272

6.1) Quem fala.....273
6.2) O grupo de onde falam.....273
6.3) O que falam.....276
6.3.1) Diálogos com a História.....277
6.3.2) Posições e contraposições.....278
6.3.3) Discussões acerca do processo de análise.....282
6.3.4) Movimentos em torno de vidas, versões e seus espaços na pesquisa.....288
6.3.5) Preocupações e práticas no contato com o outro.290
6.3.6) História oral: diálogos e perspectivas.....291
6.3.7) A história oral pensada na Educação Matemática e algumas possibilidades de relação entre essas formas de pensar.....294
6.3.8) Um cruzamento de posições.....296
6.3.9) A problemática da concessão de voz.....298

O fim-começo.....300

Bibliografia.....305

Anexos (em CD-Rom)

Prólogo

"Perdi-me dentro de mim porque eu era labirinto"
Mario de Sá Carneiro

"Perder-se também é caminho"
Clarice Lispector

Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Rio Claro, IGCE, Pós-Graduação em Educação Matemática; fevereiro de 2004. Estes são local e data do início de um momento, antes longínquo, de minha formação.

A chegada a um programa de Pós-Graduação em Educação Matemática colocava-se em meio a um misto de alegrias e receios. Alegrias por ter chegado até aqui e receios pela adaptação a uma nova cidade, instituição e curso.

A inserção em grupos de pesquisa e a disposição de grande parte dos alunos, para organizar grupos de estudo ligados ou não às disciplinas cursadas facilitaram em muito essa "adaptação", mas também provocaram outros tantos incômodos, fatores essenciais para o movimento de formação. Foram grupos de estudo em Filosofia da Matemática, Filosofia da Educação Matemática, Análise Matemática, História e História Oral, História Oral e Educação Matemática, Inglês, elaboração de documentação para avaliação interna da PGEM, Grego, correções de artigos do BOLEMA...

A proximidade com as discussões sobre a política interna do Programa e outras temáticas deu-se nas Reuniões Discentes que ocorrem semanalmente sob a coordenação de seus representantes. O envolvimento com essas questões legitimaria a indicação para que eu atuasse na representação discente e esta atuação, por sua vez, impulsionaria um maior contato com as questões estruturais do Programa do qual participo, com as idéias e movimentos dos outros alunos e com as negociações e discussões com/do Conselho do Programa[1].

A multiplicidade de pesquisas, linhas e experiências articulam-se em discussões sobre as temáticas pesquisadas trazendo grandes contribuições para o desenvolvimento dos trabalhos. São pesquisadores do Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul, Ceará,

[1] À época composto por Miriam Godoy Penteado, Marcos Teixeira, Romulo Campos Lins, Antônio Vicente Marafioti Garnica, Emerson Rolkouski e Luzia Aparecida de Souza (2004-2005).

Pará, São Paulo, Paraná... discutindo e trabalhando com Educação Matemática. Cabe ressaltar que, embora não tenha sido neste ambiente que as preocupações geradoras dessa pesquisa tiveram origem, foi em meio a essa multiplicidade de perspectivas que surgiram as preocupações que sustentaram seu desenvolvimento.

Essa pesquisa será melhor apresentada adiante, mas a preocupação que a motivou começa a ser delineada num outro momento: a Graduação em Licenciatura em Matemática cursada na Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Bauru, Faculdade de Ciências, no período de 2000 a 2003.

A chegada na Licenciatura apresentou as mesmas necessidades de adaptação que a mudança de cidade e curso trazem. Além disso, deparei-me com um movimento que não se fazia presente em minha formação até o Ensino Médio. Havia Conselhos de Classe, Assembléias Gerais do Curso, organização de protestos contra Provão, Abaixo-Assinados... sendo a maioria destes fundamentados no que era chamado de Projeto Pedagógico da Licenciatura.

O envolvimento nessas discussões e nos eventos internos à licenciatura proporcionaram um maior conhecimento acerca do curso no qual havia me inserido, dos embates políticos que o envolviam e das possibilidades acadêmicas de continuidade de estudos.

Na XII Semana da Licenciatura em Matemática da UNESP-Bauru, no ano de 2000, um grupo de estudantes da Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro apresentou suas pesquisas tentando dar uma visão geral, com as temáticas de suas pesquisas, das tendências em Educação Matemática.

Iniciava-se, no primeiro ano de faculdade, a participação em grupos de estudo dos conteúdos vistos nas disciplinas e discussões sobre a possibilidade de realização de um trabalho de Iniciação Científica sob orientação do Prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica.

Na tentativa de compreender o significado do Projeto Pedagógico para o curso e sua efetivação perante as críticas de que professores e alguns alunos seriam "conteudistas" e as questões pedagógicas eram relegadas a segundo plano, um projeto de pesquisa foi estruturado - com orientação deste professor - no início do segundo ano do curso, paralelamente ao desenvolvimento de um trabalho de Monitoria da Disciplina Cálculo I, sob orientação da Prof. Sueli Liberati Javaroni. Este trabalho foi interrompido quando da confirmação do apoio financeiro da FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo para a Iniciação Científica.

O projeto[2] passaria a ser realizado no segundo semestre de 2001, com o objetivo de investigar as influências da formação de alunos oriundos do CEFAM na efetivação do Projeto Pedagógico da Licenciatura em Matemática da UNESP de Bauru. Foram entrevistados os oito alunos da Licenciatura que haviam cursado ou ainda cursavam (paralelamente) o curso do CEFAM e as entrevistas apontavam para o Projeto (visto por nós como Político Pedagógico já que se preocupa com a formação do professor de Matemática para um determinado tipo de sociedade, discutindo e apontando ações educativas para tal formação) como uma "lei" a ser cumprida pelos professores do curso, com o que identificamos nos discursos as possibilidades de burla exercitadas internamente ao curso. Em sua maioria, os depoentes negavam a existência ou um diferencial, nos anos finais da Licenciatura, de influências significativas vindas de sua formação pedagógica prévia. Outras questões foram levantadas com relação aos conteúdos matemáticos, ao corpo docente da Licenciatura e do CEFAM, à busca por uma formação geral ou específica. Percebemos uma característica comum aos discursos: a de criticidade à Licenciatura e a dificuldade (ou mesmo impossibilidade) dessa mesma criticidade quando era o CEFAM o objeto alvo da crítica.

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu simultaneamente à participação num grupo de pesquisa e estudos sobre Pesquisa Qualitativa envolvendo o orientador deste trabalho, uma outra aluna da Licenciatura em Matemática e alunos da Pós- Graduação em Educação para a Ciência da Unesp-Bauru.

Foi em 2001 que se iniciaram minhas participações em Congressos, algumas com apresentação de trabalhos. Foram eventos como Congressos de Iniciação Científica da UNESP, Congresso Nacional de Educação – CONED, Fórum Mundial de Educação, Fórum Social Mundial, Congresso da União Estadual dos Estudantes- UEE, Seminário Internacional de Memória, Rede e Mudança Social...

Nos anos seguintes foram desenvolvidas atividades em grupos de estudo e pesquisa como[3]: "Formação de Professores", sob coordenação do Prof. Geraldo Bergamo (dedicando-se a discussões acerca da formação de professores e de suas relações com as políticas públicas); "Concepções", sob orientação do prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica e composto por alunos de mestrado e doutorado da Pós-

[2] **Influências da formação pedagógica prévia na construção e efetivação do Projeto Pedagógico de uma Licenciatura em Matemática**. Trabalho de Iniciação Científica. Licenciatura em Matemática, Faculdade de Ciências, UNESP-Bauru, 2002.

[3] A exceção do último desses grupos, os outros não possuíam um título. As referências colocadas entre parênteses são relativas à temática abordada nos grupos.

Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro (com o intuito de discutir as concepções de pesquisa e Educação Matemática presente nos trabalhos de Iniciação Científica selecionados na disciplina optativa para o curso de graduação em Licenciatura em Matemática da UNESP- Bauru: "Metodologia de Pesquisa Científica") e, finalmente, "História Oral e Educação Matemática" que será melhor delineado no corpo deste trabalho.

Durante o último ano da Licenciatura, em especial durante os debates realizados na disciplina "Metodologia da Pesquisa Científica" (que cursei como ouvinte, já que um emprego em período integral impedia o desenvolvimento de uma pesquisa ligada à disciplina) tive acesso a vários debates acerca de pesquisa e Educação Matemática.

Num desses debates surgiu um questionamento sobre as teorias do conhecimento que fundamentavam a produção de pesquisa científica atualmente. Aliando essas indagações ao que vínhamos vivenciando durante o processo de formação no curso de Licenciatura, optamos por elaborar um projeto de pesquisa que focasse essa questão, mas de modo especificamente dirigido a uma determinada tendência: aquela em que se vinculavam História, Oralidade e Educação Matemática.

Foi essa a trajetória de estruturação do projeto com o qual eu ingressaria na Pós-Graduação em Educação Matemática.

Introdução

"[...] o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo a escrever mil páginas escrever milumapáginas para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo [...] um livro é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro e cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim-comêço começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil [...]"

Haroldo de Campos

Por fim, o fim-começo.

O necessário trabalho de comunicação de uma atividade realizada impõe consigo a difícil tarefa de ordenação e linearização de um processo dinâmico cujo final parece inexistir e os caminhos se fazem em direções e sentidos múltiplos.

Fugindo da linearidade cronológica, não é possível escapar à outra (delimitante de uma seqüência qualquer). A partir deste reconhecimento o trabalho será apresentado sem preocupações quanto a um rompimento dessas amarras. A organização da exposição, até este momento, parece sempre fugir da dinâmica da pesquisa.

Parte-se do reconhecimento de um diálogo específico que origina interlocutores "distintos" para os quais Fernando Pessoa atribuiria heterônimos. Colocar-se diante da tarefa de buscar caminhos e questionar essa busca, apontar possibilidades e, ao mesmo tempo, as contradições quando se tenta articulá-las nos remete a uma oscilação de papéis: somos conosco mestres e aprendizes.

A busca que constitui o movimento da pesquisa é fomentada pelo desejo de aprender e a arrogância do saber pode colocar-se como uma barreira quase que intransponível na produção de novos conhecimentos, permitindo somente, e talvez, um certo tipo de aprimoramento do que já se sabe ou se pensa saber.

Reconhece-se aqui que nada se constitui fora de um campo de significação e o objetivo deste trabalho passa pela busca das significações que fundamentam a opção pela história oral no desenvolvimento de pesquisas em Educação Matemática.

O trabalho que agora se efetiva não se insere, em princípio, num único paradigma (tendo este como um conjunto de estratégias, práticas e concepções fixas, um modelo pronto que vai gerenciar ações futuras). O que se procura expressar neste momento e no decorrer da dissertação são as verdades provisórias que, muitas vezes, orientam ações que podem se alterar no decorrer da pesquisa: são rearticuladas, reconfiguradas, retomadas a partir das reflexões e posicionamentos que se impõem ao pesquisador no encaminhamento do trabalho.

Os termos "verdade" e "fato" serão utilizados neste texto com o intuito de buscar uma relativização de significado que, pensamos, é urgente e importante.

Um exercício que se pretendeu presente neste trabalho foi o de contrapor posições de autores para evidenciar aquelas que negam ou questionam as posições tomadas por esta autora em meio às discussões. Todo pesquisador deve ser capaz de criticar seu trabalho, seus procedimentos, seus temas e seus fundantes.

Em conferência no Fórum Social Mundial[4], Kailash Satyarthi, ao falar da construção social do conhecimento, afirmou que a busca do conhecimento deve começar pela pergunta, pois essa seria continuidade, vida; enquanto a resposta seria ponto final, morte. Dessa forma a possibilidade de transformação estaria diretamente ligada à capacidade de elaborar questionamentos.

São esses movimentos, essas críticas e indagações que possibilitam que o desenvolvimento de uma pesquisa específica contribua para a formação profissional daquele que a desenvolveu e dos nela envolvidos.

Assim, a intenção de uma pesquisa não deve ser o de substituir verdades provisórias por outras eternas. O conhecimento reflete-se na capacidade de questionar, de identificar o caráter dinâmico de uma dada situação e não de dar respostas simples e imediatas a esta.

Colocando, pois, a pesquisa como um processo dinâmico, surge o necessário reconhecimento da existência de avanços e retrocessos.

Essa pesquisa tem por objetivo perceber as questões que fundamentam a utilização da história oral na Educação Matemática e delinear um primeiro cenário sobre trabalhos que se dedicam a essa articulação.

Este trabalho, segundo pensamos, coloca-se como pertinente para a compreensão do Movimento da Educação Matemática, tendo em vista sua intenção de permitir um

[4] Realizado em janeiro de 2003.

olhar sobre tendências de direcionamento e sobre conceitos que fundamentam a origem e continuidade dessas tendências. Para ordená-lo, visando à comunicação de sua trajetória, optou-se por organizar esse nosso esforço em seis capítulos, com uma preocupação constante de articulação das idéias expostas em cada um deles. Um pressuposto que se teve em mente, principalmente na estruturação dos capítulos, foi aquele colocado por Queiroz em 1994: "para expor com clareza e chegar à compreensão de qualquer tema proposto, um dos primeiros cuidados é definir em que terreno está sendo abordada a questão"(p.101).

Portanto, vêm à baila questões presentes em todos os processos de negociação ocorridos nesta pesquisa e procurou-se expressar, na escrita, as variações de intensidade na exploração de tais questões. Pretende-se traçar, com esta configuração, uma espécie de orientação sobre o que tem sido estudado – explicitando, inclusive, mudanças de enfoque e alteração da concepção ao longo dos estudos – visando a possibilitar uma visão panorâmica, talvez mais nítida - para a própria autora e seu grupo -, do solo que tem sustentado esse caminhar.

Essa discussão evidencia uma preocupação em delinear, em alguns momentos, os movimentos que constituem o processo de pesquisa. Desta forma, algumas questões surgidas neste processo são debatidas no texto, mesmo que a necessidade desse debate tenha sido superada nos últimos meses do processo de elaboração deste relatório de pesquisa. Um exemplo disso é a inquietação em estar participando da construção de um discurso a ser analisado e, como essa questão esteve muito presente em debates estabelecidos com outros alunos da PGEM, optou-se por manter, em certo momento, um posicionamento sobre isso.

Tentando compreender como se deu a constituição da História da Matemática, da Educação Matemática e do estudo das relações entre a História da Matemática e a Educação Matemática como campos autônomos de investigação, Miorim e Miguel (2001) apontam alguns indicadores necessários à constituição e desenvolvimento histórico de cada um deles:

1) a existência de textos específicos abordando questões relativas ao campo em questão;
2) discussões coletivas acerca destas questões e que podem vir a se refletir em publicações como livros, anais, periódicos;

3) o surgimento de organizações como sociedades, comunidades científicas, cursos, entre outros, com a preocupação de desenvolver e delimitar esse novo campo.

Estes indicadores serão retomados em vários momentos com o intuito de estruturar o delineamento dos campos da História Oral, Educação Matemática e História da Educação Matemática que se colocam como de interesse mais imediato nesta investigação.

Com algumas de suas disposições já elaboradas, apresentam a organização interna de cada capítulo:

Capítulo 1

Este capítulo pretende delimitar alguns conceitos e contextos do que tem sido chamado de história oral. Essa discussão, entretanto, envolve uma inserção nos campos da História e das Ciências Sociais buscando um olhar acerca dos movimentos internos a estas áreas que, em acordo com alguns pesquisadores, teria inspirado a tendência de trabalho com história oral.

Dessa forma, volta-se para o movimento historiográfico com o intuito de indicar algumas das tendências e mudanças de direcionamentos e concepções da História. São incluídos alguns traços do positivismo e do historicismo, e a necessidade de afunilamento leva, rapidamente, ao enfoque dos *Annales* e da Nova História, apontando algumas de suas características.

Da mesma maneira, procura-se delinear algumas discussões acerca das Ciências Sociais, em especial da Sociologia, voltando-se para a Escola de Chicago e aquelas propostas que teriam influenciado o próprio movimento historiográfico.

A história oral passa a ser olhada, então, como imersa num discurso inter-áreas, o que nos leva a procurar expressar distanciamentos e aproximações que, com esse diálogo, são possíveis e efetivadas entre várias áreas.

Cuidado do terreno, resta localizar neste a discussão inicial. Assim, a história oral, concebida então como campo autônomo de investigação, é apresentada junto a algumas de suas tendências internas.

Capítulo 2

As discussões realizadas neste capítulo procuram colocar em cena o movimento da Educação Matemática e as preocupações de caráter histórico que caracterizam suas tendências internas.

Houve uma preocupação quanto ao delineamento de dois grandes campos, a História da Matemática e a História da Educação Matemática. Essa preocupação coloca-se com o intuito de delinear o entorno e os limitantes desses dois campos, muitas vezes unificados em pesquisas atuais e, de forma especial, do campo da História da Educação Matemática onde pretendem estar inseridos grande parte dos trabalhos ligados à história oral.

O capítulo é encerrado com o anúncio da existência de trabalhos, neste campo de investigação, que se voltam para uma abordagem histórica ligada à história oral. Um olhar sobre esses trabalhos, entretanto, exigiria uma abordagem específica.

Para falar do objetivo inicial que envolve a história oral e a Educação Matemática, e/ou mais especificamente a História da Educação Matemática, a possibilidade de diálogo com outros autores diminui em muito. No Brasil o único grupo cadastrado no CNPq que se dedica, enquanto tal, a este trabalho é o grupo História Oral e Educação Matemática.

A abordagem a este grupo, entretanto, requer alguns cuidados e estudos.

Bastidores

Optou-se por criar um espaço entre-capítulos para explicitar o posicionamento (desta pesquisadora) que formou-se/forma-se no decorrer destes estudos e que influi diretamente em sua condução. É sabido que outras posturas e crenças influenciam, a todo o tempo, a investigação científica: reconhece-se aqui a subjetividade como característica inerentemente humana. Entretanto, a opção por criar e manter este espaço deve-se à idéia de que este se coloca muito presente na relação pesquisador/entrevistados, pesquisador/bibliografia, pesquisador/informações e, apesar disso, sua percepção no desenvolvimento e estruturação desta pesquisa não é imediata.

Dessa forma, são expressas, neste espaço, as posições desta pesquisadora perante à História, memória/esquecimento, por exemplo, com o intuito de apresentar ao leitor o "lugar" de onde e sob que perspectivas esta pesquisadora encaminha estudos e embates (durante e após as entrevistas). Pretende-se, assim, resgatar a importância de considerar e expressar os movimentos que compõem o processo investigativo e trazer à tona

questões consideradas como fundamentais nesse estudo e que nem sempre se colocam explícitas na literatura consultada.

Capítulo 3

Neste capítulo pretende-se evidenciar as discussões metodológicas realizadas neste processo. São enfatizados pressupostos da pesquisadora, metodologia, pesquisa qualitativa, abordagens e escolhas necessárias à delimitação dos procedimentos de pesquisa a serem utilizados.

É importante ressaltar que as opções metodológicas neste trabalho foram feitas internamente ao grupo de pesquisa em questão, no momento da "coleta" de informações.

Capítulo 4

O propósito da constituição deste capítulo é evidenciar um olhar acerca da bibliografia produzida pelos pesquisadores entrevistados. São focados seus posicionamentos e opções sobre o momento em que realizavam suas pesquisas para tentar , com isso, caracterizar o movimento de trabalho com história oral na Educação Matemática. Este é um primeiro momento, sistematizado, de análise.

São feitas algumas suturas com relação às idéias defendidas por estes autores e um pequeno inventário das dissertações e teses é apresentado. Além dessas obras, foram utilizadas também artigos de periódicos acadêmicos e capítulos de livros.

Capítulo 5

Este espaço foi reservado para a apresentação integral das entrevistas realizadas, todas elas na forma de textualização. Esses textos nos ajudaram na compreensão e atribuição de significado aos olhares que estes pesquisadores lançam atualmente aos trabalhos já realizados, às questões vinculadas a estes trabalhos e à pesquisa que, em Educação Matemática, vale-se da história oral.

Capítulo 6

Este capítulo é constituído por um dos momentos da análise que arremata, ainda que não definitivamente, a presente pesquisa.

Trata-se de uma tentativa de situar o leitor, a partir das perspectivas desta pesquisadora, acerca de quem fala, de onde falam e do que falam.

As referências que, neste capítulo, não vierem acompanhadas de data de publicação no corpo do texto estarão tratando de questões presentes nas textualizações disponibilizadas no quinto capítulo.

O fim-começo

Este momento foi reservado para algumas considerações gerais acerca desse trabalho.

Olhando para o geral, para todas as discussões feitas neste trabalho, procuramos tecer alguns comentários à luz do interesse inicial dessa investigação.

Capítulo 1

Contextualizando o movimento da História Oral: um olhar possível

Pretende-se, neste capítulo, apresentar algumas considerações sobre a história oral e configurar, ainda que de forma modesta ou não aprofundada, um cenário no qual se delineia a criação de diversas tendências dentro desta.

A compreensão da história oral traz consigo uma necessária contextualização e esta tem sido feita de diversas maneiras por autores também diversos. Esse trabalho, aqui, será desenvolvido sob duas perspectivas que emergem das discussões e estudos realizados até o momento. São elas: a perspectiva histórica (enfatizada nas publicações dos pesquisadores entrevistados durante esta pesquisa) e a perspectiva sociológica (que emergiu recentemente nas discussões e abordagens feitas por estes pesquisadores).

Optando pela abordagem qualitativa de pesquisa (discutida no capítulo 3), privilegia-se um olhar sobre o processo de pesquisa e, na tentativa de reconhecê-lo em meio às discussões aqui apresentadas, optou-se por resgatar na apresentação destes escritos as mesmas ênfases e tendências que caracterizaram o movimento da investigação.

Dessa forma, embora haja uma abordagem sociológica que começa a ser conhecida pelos depoentes desta pesquisa, será dada ênfase à "abordagem histórica" da história oral, visto que esta marca não somente a trajetória de trabalho do grupo de pesquisa aqui enfocado, como representa também a trajetória percorrida por esta autora em particular.

Sendo assim, este capítulo foi dividido em três momentos:

Movimentos na História: Onde são delineados alguns dos movimentos que surgiram na área da História e que acabaram se refletindo nos fundamentos do e críticas ao trabalho com a história oral. Pretende-se com este delineamento explicitar alguns dos fundamentos oriundos da História que "inspiraram" o surgimento do trabalho com história oral e sustentaram sua continuidade.

Movimentos nas Ciências Sociais: a Sociologia: Trata-se de um espaço para dissertar sobre tendências nas Ciências Sociais e, em especial, na Sociologia, que teriam originado (na visão de alguns pesquisadores) a tendência de trabalho com história oral. Também são apontados traços de algo que influiria diretamente na área da História e direcionaria alguns de seus principais avanços.

A história oral: uma perspectiva geral no diálogo inter-áreas: É um "momento" reservado à caracterização da história oral sob a ótica de historiadores, sociólogos e outros pesquisadores que têm se dedicado ao estudo dessa vertente de trabalho. Propõe-se, aqui, um diálogo entre alguns desses pesquisadores na tentativa de compor, mais que um quadro fixo de características e traços, um panorama que contenha a diversidade de possibilidades e de questionamentos perante as temáticas que, com a história oral, vêm à cena.

1.1) Movimentos na História

A história oral vista como uma decorrência do movimento historiográfico tem sido amplamente difundida por autores, em geral historiadores, e coloca-se como uma abordagem característica do grupo a ser estudado. A referência constante é feita à escola dos *Annales* e ao movimento da Nova História. Aqui, uma primeira contextualização é necessária.

1.1.1) Um primeiro olhar sobre o geral

Sobre o movimento historiográfico Reis (2004) aponta o século XIX como o período de criação da "história científica" na qual o conhecimento histórico saía da marginalidade e passava a ser considerado culto. O conhecimento produzido nesta época é dito "positivo" e se voltava exclusivamente às relações de causa e efeito preconizado pela "objetividade".

Reis, em seus estudos, alerta para o sentido atribuído, por esse movimento, ao termo "objetividade", que não seria tido como sinônimo de "imparcialidade", mas de "universalidade":

> A história científica quer ser "objetiva", isto é, quer formular enunciados adequados ao seu objeto e que sejam válidos para todo tempo e lugar, como ela estimava que faziam as ciências naturais. (REIS, 2004, p.10).

O mesmo autor coloca a busca pela objetividade como um caminho rumo à convicção de impossibilidade de produção da história e questiona a existência de uma "história científica" que tenha conseguido alcançar esta objetividade.

Para Reis, o esforço pela constituição de uma história científica no século XIX teria tomado três direções principais. Seriam elas:

> a orientação rankiana, que quer aproximar a história do modelo científico da física; a orientação diltheyana, que quer descobrir o que há de específico no conhecimento histórico que o torne uma 'ciência' diferenciada das ciências naturais; e a orientação marxista, que submete o conhecimento histórico-científico à sua relação com a realidade histórica, à práxis. São três projetos de história científica inteiramente diferentes entre si, mas que têm alguns pontos em comum: a recusa explícita da filosofia da história, o esforço de objetividade e a valorização do evento, percebido diferentemente por cada um. São posições historicistas no sentido amplo do termo, isto é, que recusam o absoluto da razão intemporal e a submetem às condições históricas objetivas. (REIS, 2004, p.12-3).

Leopold Von Ranke (1795-1886) teria sido o maior representante da história científica. Alemão defensor da nobreza, Ranke interessava-se particularmente pelas questões do Estado e via na história uma oportunidade de colaborar para a manutenção da estrutura social. Os princípios defendidos por Ranke delineiam uma história na qual o sujeito teria que se neutralizar para fazer aparecer seu objeto; e tais objetos deveriam ser apresentados "como são". O historiador voltar-se-ia para o passado desvinculado do presente e manter-se-ia "isento, imparcial, emocionalmente frio e não se deixaria condicionar pelo seu ambiente sócio-político-cultural"(p.18). Além disso, a área do historiador seria o passado desvinculado do presente.

Os "positivistas" franceses teriam seguido os mesmos princípios defendidos por Ranke. Segundo Martins (2005) Ranke preserva a história "vista de cima" como a busca por grandes atos de grandes homens. Para Martins esta concepção de história

> surge como uma reação deliberada contra as limitações de uma narrativa factual e, não raras as vezes, ficcional – as chamadas crônicas – que caracterizava a escrita da história até aquela época e que contrastava com a nova ordem metodológica do cientificismo em plena expansão naquela primeira metade do século XIX com o surgimento do positivismo. (MARTINS, 2005, p.17).

Queiroz (1994) afirma que já no século XVIII a História deixava de lado as lembranças e a capacidade humana de conservar coisas do passado, tendendo a se basear em dados exteriores à mente, presentes em uma crescente documentação. Essa tendência teria sido evidenciada pela criação dos Arquivos Nacionais na França em 1790 cujo objetivo era o de preservar e sistematizar acervos documentais.

Em acordo com Reis:

> O Estado francês criou arquivos públicos unificados e enviou comissões de historiadores para diversas regiões do mundo, a fim de coletar os documentos que interessavam diretamente à história da França e à historiografia em geral. [...] "Método" tornou-se a palavra-chave, e o que distinguia a história da literatura. A história se profissionalizou definitivamente – numerosas cadeiras na universidade, sociedades científicas, coleções de documentos, revistas, manuais, publicação de textos históricos, um público culto comprador de livros didáticos. (REIS, 2004, p.22).

A visão positivista de história a afirmava como uma ciência pura, formada por fatos que teriam significado em si mesmos. Esses fatos seriam objetivos na medida em que possuíam uma verdade única em sua formação e a reconstituição dos mesmos

deveria ser feita por mentes neutras, livres de uma subjetividade que alteraria a verdade dos fatos, modificando **A** história. Para Garnica,

> Falar de uma história "verdadeira", de uma história que "realmente aconteceu" – o que muitas vezes fica implícito quando falamos "A" história – é desprezar a existência de vieses alternativos, de versões outras que não as tidas como "reais", "corretas", "verdadeiras". É, do mesmo modo, negligenciar como, por que e por quem essa história definitiva e unívoca é constituída. (GARNICA, 2004, p.79).

Olhando para este movimento historiográfico, Queiroz afirma:

> A tendência da reconstrução histórica se basear em elementos exteriores à memória, [e] a falta de continuidade das séries de documentos desenvolvia intensa insatisfação em grupos de historiadores franceses [...]. (QUEIROZ, 1994, p.106).

Para esta autora, foram inquietações dessa natureza que levaram o historiador francês Marc Bloch (1886-1944), sob influência do sociólogo Émile Durkheim, a buscar uma aproximação com as Ciências Sociais, atentando para a pluralidade de dados (sociais, econômicos, políticos) e para a "importância de fontes não escritas como a Arqueologia e a Etnografia"(p.107).

1.1.2) *Annales*

Nessa direção, um outro movimento constitui-se como um rompimento com a concepção de história vigente até o início do século XX. Este movimento surge na região de Alsácia-Lorena, Universidade de Estrasburgo, num processo de de-germanização dessa região (Cf. GARNICA, 2004, p.80).

É nessa Universidade, na década de 1920, que se reúnem estudiosos de diversas áreas, interessados na constituição de uma espécie de vitrine intelectual francesa perante o mundo alemão. Em meio a esses estudiosos encontravam-se os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre que fundaram, em 1929, a revista ***Annales***, à época intitulada ***Annales d'histoire économique et sociale***[1].

As manifestações quanto ao que garantiria a unidade dos Annales, bem como se este grupo teria provocado uma "revolução científica" ou se seriam, ainda, herdeiros da história praticada anteriormente, têm se colocado de formas distintas.

Reis (2004) comenta a posição de alguns historiadores de que a continuidade e unidade dos *Annales* dar-se-ia em torno de sua proposição central: "retirar a história de seu isolamento e aproximá-la das outras ciências sociais"(p.72). Essa posição estaria ligada à idéia de que os *Annales* teriam se valido de paradigmas vários, tendo em vista a multiplicidade das ciências sociais.

Uma outra posição que, segundo este autor, tem sido defendida é a de que o próprio grupo dos *Annales* teria se constituído como um paradigma. A esta posição Braudel se colocaria contrariamente afirmando que:

> [...] apesar de combaterem a história tradicional, Febvre e Bloch não tiveram a impressão de estar criando um paradigma, entende-se esse termo como um sistema de pensamento rigorosamente articulado e concluído. Eles não teriam [...] nenhum prazer em usar esse termo e menos ainda termos como 'escola' e 'modelo'. O que propuseram foi somente uma 'troca de serviços' da história com as ciências sociais. (Apud REIS, 2004, p.70).

Dessa forma, Braudel apresenta esta troca como o "motor" dos *Annales* que se constituiu como uma novidade radical em 1929.

Nessa mesma direção, Pierre Vilar (1992) afirma que o termo "Escola", por se aproximar da idéia de doutrina ensinada e imposta por mestres, destoa dos *Annales*. Essa revista,

---

[1] De acordo com Le Goff (2001), a revista teve que mudar várias vezes de nome devido às condições impostas pela guerra e pela invasão alemã, passando a chamar-se, a partir de 1946, ***Annales. Economies. Sociétés. Civilisations*** ("Anais. Economias. Sociedades. Civilizações."). (Cf. p.32)

> Pediu aos historiadores – dentro do espírito da síntese histórica, já inaugurado no início do século – que se ocupassem das sociedades em geral, tanto de suas bases materiais quanto de seu coroamento intelectual, sentimental e ideológico, e que olhassem se existem, entre esses três níveis, relações a estabelecer, problemas a resolver. Jamais uma recomendação foi feita pelos Annales para que se tratasse dessa ou daquela maneira um problema colocado. (In: D'ALESSIO, 1998, p.64).

Embora Rebérioux reconheça a importância deste movimento, ela ressalta que o primeiro grande debate entre partidários da história positivista não ocorreu nos anos de 1930, com o nascimento oficial dos *Annales*, mas no começo do século, em 1903, com a École Normale Supérieure em seu conflito com a Sorbonne. Neste conflito, entretanto, não teria havido o confronto entre uma história nova e antiga, já que não se imaginava naquela época uma história que não estivesse numa perspectiva positivista. Aliado a essa consideração, Rebérioux reforça sua crença de que a história seria uma disciplina cumulativa com relação ao conhecimento e que este não progride somente por meio da mudança de ponto de vista, mas pela acumulação de conhecimentos, descoberta e confronto de novas informações, descoberta de novas fontes. Essa perspectiva de evolução sem rompimento brusco é reforçada pela autora;

> Comungo de um ideário que desconsidera a possibilidade de jogar por terra a história positivista, e sempre disse que desprezá-la parecia-me muito perigoso. Negar que elementos factuais que possam ser estabelecidos a partir de informações complementares e diversificadas é criar condições não para um melhor conhecimento mas, provavelmente, para puras e simples práticas de falsificação. (In D'ALESSIO, 1998, p.129).

Se este movimento não teria sido o primeiro para Rebérioux, para Ariès ele não teria sido o único.

> Cumpre acrescentar a ele personalidades independentes e solitárias, que tiveram o mesmo papel pioneiro: o célebre historiador holandês Huizinga, autores que permaneceram obscuros durante muito tempo, como o alemão Norbert Elias, cujos livros inovadores, publicados em 1939, foram levados de roldão na tempestade e que hoje são redescobertos, ou ainda autores um pouco marginais, quero dizer, cuja relação com a história das mentalidades não apareceu e não foi logo reconhecida, como Mario Praz, historiador da literatura maldita e de gênero mórbido, [...]. (ARIÈS, 2001, p.155).

Ao lembrar o nome de pessoas que acompanharam a produção dos *Annales* e não foram consideradas como mestres por ela, Pierre Vilar afirma que esta revista ficou conhecida, sobretudo, por suas exclusões.

Com relação a uma possível revolução científica efetivada pelos *Annales*, as opiniões são divergentes. Reis (2004) aponta o caso de Jean Glénisson que contesta a existência de qualquer alteração no panorama da ciência histórica com a criação dos *Annales*.

Para Reis (2004), com esta afirmação feita em 1965, Glénisson traz à tona uma interessante questão a ser pensada: a relação entre as idéias dos *Annales* e seu estabelecimento como dominantes no panorama geral dos estudos históricos.

Segundo Martins (2005), as mudanças propostas pelos *Annales* não foram totalmente incorporadas até mesmo nos dias de hoje, elas teriam somente deslocado

> o foco das investigações de um objeto de análise para outro e as explicações históricas do uso das 'idéias' para o das relações sociais. De resto, permanece tudo como era antes: uma história vista de cima, onde as circunstâncias superestruturais – econômico-deterministas, no caso – permanecem no centro das atenções, ficando qualquer outra forma de abordagem histórica relegada a um segundo plano no universo dos historiadores. (MARTINS, 2005, p.18-19).

Ainda que considerando a pertinência dos questionamentos de Glénisson e de Martins, afirma-se, neste trabalho, a idéia de que os *Annales* representaram, se não uma revolução científica, ao menos uma mudança significativa quanto à forma de abordar a História e o conhecimento histórico, tendo papel fundamental na constituição de uma nova tendência historiográfica. Expressa essa posição, retomamos as discussões sobre os primeiros movimentos deste grupo.

Segundo Le Goff (2001), as motivações de Lucien Febvre e Marc Bloch para o lançamento da revista *Annales* em Estrasburgo eram de várias ordens e envolviam, num primeiro momento, a retirada da história de um confinamento em barreiras disciplinares e do seu conseqüente marasmo. Além disso, foram incluídos aspectos econômicos e sociais num panorama até então dominado por uma história política e do acontecimento. Por história política, o autor entende uma história narrativa, "fatual, teatro de aparências que mascara o verdadeiro jogo da história, que se desenrola nos bastidores e nas estruturas ocultas em que é preciso ir detectá-lo, analisá-lo, explicá-lo". (p.31)

Se na perspectiva positivista não havia História sem documentos, agora, para que esta existisse deveria haver um problema.

Em ***Apologia da história ou o ofício do historiador***, Bloch, um dos criadores dos *Annales*, critica o positivismo que se tinge de utilitarismo quando em vez de trabalhar com a história total, reduz o trabalho histórico ao que lhe parece capaz de

servir à ação. Critica também a definição de história de Fustel de Coulanges (a quem admirava) de que "a história é a ciência das sociedades humanas" por achar que isso reduz em muito, na história, a parte do indivíduo. A partir dessa constatação, Bloch re-define a afirmação do antigo mestre: a história seria vista como o estudo dos homens no tempo.

Bloch questiona as idéias de seu tempo e passa a reconhecer a subjetividade no trabalho do historiador, o conhecimento histórico não é mais neutro e exato, "é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa" (p.75). Sendo assim, os fatos históricos não falam por si só e o trabalho do historiador deixaria de ser o de, imparcialmente, ouvir e narrar o que estes dizem:

> Mas, a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar [mesmo a contragosto] mais do que nunca impõe-se um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida. [...]
> Pois os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los. (BLOCH, 2001, p.79).

Reis afirma que:

> De 1929 a 1990, os Annales passaram por várias fases, renovaram o questionário proposto pelos fundadores, mudaram as condições da pesquisa e estabeleceram novas alianças com as ciências sociais, mas mantiveram-se fiéis ao "programa" dos fundadores. Essa fidelidade não se traduziu em uma repetição, mas na renovação constante da pesquisa e na abertura da história às necessidades do presente. (REIS, 2004, p.77).

Para Garnica (2003) há um consenso entre os pesquisadores acerca de uma caracterização dessas fases, ainda que datas tão pontuais sejam questionáveis.

A primeira delas (que, segundo os autores, vai de 1929 a 1946) teria Marc Bloch e Lucien Febvre como pioneiros e coloca-se como uma renovação historiográfica. A segunda (de 1946 a 1968), sob direção de Braudel, consolida o programa teórico da escola, radicalizando, de certa forma, o pensamento dos fundadores. A terceira seria chamada de Nova Nova História e reduziria a importância dada por Braudel à economia (de 1968 a 1988) (Cf. GARNICA, 2003).

O destronamento da história política dá origem a diversas histórias até então não consideradas pela chamada História tradicional. Vovelle volta-se às críticas surgidas junto a esta diversidade de histórias afirmando que, embora essa inexistência de lógica própria quanto aos temas abordados pela história possa trazer enriquecimento aos

estudos desenvolvidos, essa ausência significaria o obscurecimento da visão acerca da história e da constatação da pluralidade de seus mundos: uma confissão de impotência perante esse campo de estudos.

Rebérioux (In D'ALESSIO, 1998) parece ver esse esfacelamento como um movimento natural no processo de reconstituição histórica. A história não estaria em migalhas:

> A história social renova-se na confluência de todas as ciências sociais. Todas as áreas lhe interessam. Sua presa, para retomar uma expressão de Lucien Febvre, é farejada em todos os campos. Ela conquista a vitória pela variedade de suas formas de abordagem e de seus questionamentos. [...] Eu não acredito que o projeto da história total seja colocado por muito tempo entre parênteses". (D'ALESSIO, 1998, p. 125).

A história nova, segundo Le Goff, possui uma tradição própria que é a dos fundadores da revista ***Annales d'histoire économique et sociale,*** e revive duas das preocupações de Bloch:

> De um lado, recusar o "ídolo das origens", porque, de acordo com um provérbio árabe, "os homens se parecem mais com o seu tempo do que com seus pais". De outro, estar atento às relações entre presente e passado, isto é, "compreender o passado pelo presente" – donde a necessidade de um método "prudentemente regressivo". (LE GOFF, 2001, p.34).

Em acordo com Le Goff, a história nova ampliou o campo documental histórico, acrescentando às fontes, até então compostas puramente de textos escritos, documentos orais, de escavações arqueológicas, fotografias, curvas de preço, ferramentas... Entretanto, ressalta o autor, "os métodos de crítica desses documentos novos calcaram-se mais ou menos nos métodos aperfeiçoados pela erudição dos séculos XVII, XVIII e XIX."(p.29)

Ainda segundo Le Goff (2001), a nova história buscava outros tipos de história (como a econômica, a demográfica...), ampliando uma visão até então restrita ao estudo da história política e militar. Ampliando o foco que até então iluminava apenas os grandes homens e a narrativa dos acontecimentos, a história se voltava, agora, no rastro de suas conquistas recentes, para todos os homens e para a estrutura que os cercava, dando origem a uma história em movimento, capaz de perceber as mudanças e transformações que ocorriam ao longo do tempo.

Dessa forma, é evidenciada a idéia de Le Goff de que,

> Destronar a história política foi o objeto número um dos "Annales" e continua sendo uma preocupação de primeira ordem da história nova, ainda que, [...]

uma nova história política, ou antes uma história de uma nova concepção do fato político, deva tomar seu lugar no domínio da história nova.
Desembaraçar-se da história dos grandes homens – essa empresa está bem encaminhada, ainda que, de um lado, essa história das aparências ilusórias continue a grassar na produção para a pseudo-história e que, de outro, a história nova deva reexaminar a questão dos grandes homens e dar um novo estatuto científico à biografia. (LE GOFF, 2001, p.42).

1.2) Movimentos nas Ciências Sociais: a Sociologia

Um outro movimento parece ter inspirado a produção em história oral e o próprio movimento historiográfico: colocam-se em cena as Ciências Sociais.

Os pesquisadores qualitativistas dentro das Ciências Sociais recusam o modelo positivista para o estudo da vida social e, com ele, seu pressuposto básico de "unidade de todas as ciências e aplicação da abordagem científica na realidade social humana", como defendido por Augusto Comte no século XIX.

Goldenberg (2003) detalha tal perspectiva, afirmando que Comte estabeleceu uma hierarquia das ciências - na qual a matemática ocupava o primeiro lugar e a "física social" ou sociologia, o último – cuja relação determinava a dependência da existência e evolução de uma ciência em relação àquela que a precedia nesta cadeia. Afirmava-se, assim, que o objeto das ciências sociais deveria ser estudado tal como o era nas ciências físicas e que "a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa" (p.17).

Essas discussões colocam, no desenvolvimento das Ciências Sociais, duas perspectivas contrastantes que têm sido chamadas: sociologia positivista (que adere aos princípios lançados por Comte, Durkheim e outros) e a sociologia compreensiva (que nega esses princípios).

A perspectiva da sociologia compreensiva considera como necessário o desenvolvimento de um procedimento metodológico próprio para o estudo dos fenômenos sociais e teria sua origem no historicismo alemão de Wilhelm Dilthey (1833-1911) que criticava o uso da metodologia das ciências naturais pelas ciências sociais em função da diferença fundamental existente entre seus focos de estudo. Para este teórico, os fatos sociais não são suscetíveis de quantificação.

Goldenberg, sob essa mesma perspectiva, afirma que:

> Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado. [...]
> Esta discussão filosófica mais geral, que diferencia as ciências sociais das demais ciências, contextualiza o surgimento e o desenvolvimento das técnicas e métodos qualitativos de pesquisa social. (GOLDENBERG, 2003, p.19).

Reis (2004) aborda as Ciências Sociais como uma área que antecipa a História na formulação e encaminhamento de questões novas e próprias do início do século XX, talvez por ter seguido a orientação diltheana em vez da rankeana como ocorreu à História. Embora não detalhe ou justifique, este autor aponta o "tempo histórico"como exemplo de uma questão fundamental desse momento.

As Ciências Sociais estariam, dessa forma, dialogando com as preocupações sociais da época, propondo novas questões a serem abordadas com novos métodos, mas continuavam fora das instituições de ensino e das pesquisas sociais que a história tradicional controlava. Este, segundo Reis, seria um motivo pelo qual se instalou uma "luta dos cientistas sociais contra os historiadores tradicionais. Esperava-se que estes últimos "revissem todo o seu método de abordagem da realidade humana".

> Sob o impacto das ciências sociais, a comunidade de historiadores se dividiu: havia os que defendiam o método histórico tradicional, com seus valores e pressupostos, e os que aderiram ao novo ponto de vista das ciências sociais. A luta interna e a história efetiva darão "razão" ao lado que assumiu o ponto de vista das ciências sociais. (REIS, 2004, p.74).

Segundo alguns pesquisadores, o desenvolvimento da história oral estaria ligado à sociologia, às ciências sociais.

Essa ligação pode ser percebida já acima, nos momentos em que é ressaltado o diálogo entre a História e as Ciências Sociais, em especial a sociologia. O sociólogo Norbert Elias aparece anteriormente como um estudioso que, embora não estivesse ligado à Escola dos *Annales*, trabalhava na mesma direção, inovando em propostas para sua época.

Embora seja o surgimento do gravador portátil, na década de 1940, o fator comumente apontado como decisivo para o surgimento da história oral, experiências com relatos orais de vida já vinham sendo realizados desde o início do século XX, em especial pelo grupo da Escola Sociológica de Chicago.

A Universidade de Chicago surgiu em 1892 e seu departamento de Sociologia e Antropologia teria se tornado o principal centro de pesquisas sociológicas dos EUA. Este departamento esteve unido até 1929, o que sugere, segundo Goldenberg (2003), uma contribuição das pesquisas etnográficas na legitimação de "técnicas e métodos qualitativos na pesquisa sociológica em grandes centros urbanos" (p.25).

Segundo Goldenberg, o termo "Escola de Chicago" teria sido usado pela primeira vez por Luther Bernard em 1930,

> Por este termo, designa-se um conjunto de pesquisas realizadas, a partir da perspectiva interacionista, particularmente depois de 1915 na cidade de Chicago. Um de seus traços marcantes é a orientação multidisciplinar, envolvendo, principalmente, a sociologia, a antropologia, a ciência política, a psicologia e a filosofia. (GOLDENBERG, 2003, p.25).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a Escola de Chicago era formada por um grupo de sociólogos com funções docentes e discentes no departamento de Sociologia da Universidade de Chicago que contribuiu para o desenvolvimento do método hoje chamado "qualitativo".

Segundo esses autores, ainda que os membros deste grupo se distinguissem em vários aspectos, eles partilhavam de algumas idéias teóricas e metodológicas: em relação à questão teórica "todos eles entendiam os símbolos e as personalidades como emergentes da interacção social" e, em relação à questão metodológica, "todos se baseavam no estudo de caso, quer se tratasse de um indivíduo, de um grupo, de um bairro ou de uma comunidade" (p.27). A perspectiva interacionista enfatizava a natureza social e interativa da realidade.

A Escola de Chicago é caracterizada pelo desejo de produzir conhecimentos úteis ao enfrentamento de problemas sociais pelos quais passava a cidade de Chicago (criminalidade, integração de imigrantes à sociedade americana, pobreza, desemprego, racismo), deixando num segundo plano as questões educacionais. Alguns sociólogos apontam-na como uma primeira tentativa de entender as relações sociais num país formado predominantemente por imigrantes, valendo-se de dados qualitativos via combinação da história de vida com outras fontes.

Devido a esta sua preocupação de caráter empírico, Goldenberg afirma que uma das grandes contribuições da Escola de Chicago foi:

> o desenvolvimento de métodos originais de pesquisa qualitativa: a utilização científica de documentos pessoais, como cartas e diários íntimos, a exploração de diversas fontes documentais e o desenvolvimento do trabalho de campo sistemático na cidade. (GOLDENBERG, 2003, p. 28).

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que esses recursos metodológicos utilizados pelos sociólogos da Escola de Chicago eram chamados de "dados recolhidos em primeira mão" e englobavam a observação direta do pesquisador.

Estes autores voltam-se para a Sociologia da Educação afirmando, quando esta começa a se desenvolver, seu distanciamento com relação à Escola de Chicago. Este

notório distanciamento pode ser percebido a partir dos volumes publicados pelo **Journal of Educational Sociology**.

Essa revista aponta, em seu primeiro volume, para uma aproximação com a perspectiva desenvolvida na Escola de Chicago, o segundo volume passa a enfatizar a abordagem quantitativa e expressa uma aspiração por tornar ciência a Sociologia da Educação, o que exigiria o desenvolvimento de um caráter experimental. Assim, os volumes seguintes da revista, em paralelo ao que ocorreu com a Sociologia da Educação, afastam-se da perspectiva de Chicago encaminhando-se para uma abordagem quantitativa e experimental.

Segundo Goldenberg (2003), a partir de 1935 acentua-se uma crise entre a sociologia quantitativista, que iria se tornar dominante nos EUA, e a sociologia qualitativa produzida na Escola de Chicago.

Essa Escola teria ampliado a gama de trabalhos em sociologia, principalmente com relação a métodos e técnicas de pesquisa qualitativa. O trabalho de campo passaria a ser de uso comum na sociologia, não mais se restringindo à antropologia.

A Escola de Chicago colocaria em cena a investigação biográfica ou narrativa como contraposição aos ideais positivistas da época. Esses ideais envolviam o estabelecimento de um distanciamento entre investigador e o foco de investigação na busca pela objetividade. A investigação narrativa, segundo Bolívar (2002), viria justamente para negar esse ideal de objetividade buscando a fala de pessoas sobre si mesmas, ou seja, o não silêncio de sua subjetividade.

Esse tipo de investigação, segundo o autor, desenvolveria uma ampla tradição na América Latina e, em especial, no México:

> "Depois de seu emprego nos anos trinta pela chamada Escola de Chicago, Oscar Lewis (1966) escreveu, no começo dos anos sessenta, a conhecida história da família mexicana dos Sánchez, que causou um forte impacto (publicada em inglês em 1961 e traduzida nos anos seguintes para o francês e italiano), ao coincidir com a crise dos métodos quantitativos em sociologia. Os relatos cruzados dos distintos membros da família (pai e quatro filhos) proporcionaram um exemplo prático do que é fazer outro tipo de história"[2] (BOLÍVAR, 2002, p.44. Grifo nosso).

[2] *"Después de su empleo en los años treinta por la llamad Escuela de Chicago, Oscar Lewis (1966) escribió, a comienzos de los años sesenta, la conocida historia de la familia mexicana de los Sánchez, que causó un fuerte impacto (publicada en inglés en 1961 y traducida en los años siguientes al francés e italiano), al coincidir con la crisis de los métodos cuantitativos en sociología. Los relatos cruzados de los distintos miembros de la familia (padre y cuatro hijos) proporcionaban un ejemplo práctico de hacer otro tipo de historia". (p.44)*

Bolívar aponta para dois tipos de conhecimento científico, o paradigmático e o narrativo.

O primeiro expressa-se como um conhecimento proposicional, normado por princípios prescritivos que englobam a explicação por causa e efeito buscando o desaparecimento da voz do pesquisador. Embora o conhecimento paradigmático valha-se de procedimentos e métodos estabelecidos pela tradição positivista, ele não se identifica estritamente com essa corrente, tanto que está presente em grande parte dos fazeres qualitativos.

Já o conhecimento narrativo volta-se para o saber popular e para a construção de biografias, narrativas, expressando intenções, ações, histórias particulares. Ele se constitui como um conhecimento prático de caráter temporal e particular que representa significados e vozes dos atores e do investigador. Na tentativa de apresentar a experiência concreta humana como uma descrição de intenções num tempo e espaço delimitados, os relatos biográfico-narrativos colocam-se como meios privilegiados de produção de conhecimento (cf. Bolívar, 2002). Para este autor,

> Se o pensamento paradigmático se expressa em conceitos, o narrativo o faz por descrições anedóticas de incidentes particulares, em forma de relatos que permitem compreender como os humanos dão sentido ao que fazem. Por isso mesmo não deve, correndo o risco de estrangulamento, ser reduzido a um conjunto de categorias abstratas ou gerais que anulem sua singularidade[3]. (BOLÍVAR, 2002, p.48-49).

Esses apontamentos trazem à tona uma discussão acerca da singularidade de um indivíduo *versus* o contexto social/histórico no qual este está inserido. Segundo Goldenberg (2003) essa discussão acompanha de perto o desenvolvimento do que tem sido chamado nas Ciências Sociais de "método biográfico". A autora coloca que cada indivíduo "singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social" e, assim, uma narrativa, uma biografia, constituir-se-ia como um interessante meio de conhecer o social partindo da "especificidade irredutível de uma vida individual".

Entretanto, há que se cuidar quanto à diferenciação existente entre biografias e método biográfico. Howard Becker (apud Goldenberg, 2003. p.42) considera que "a principal diferença entre o método biográfico nas ciências sociais e as biografias e

---

[3] *"Si el pensamiento paradigmático se expresa en conceptos, el narrativo lo hace por descripciones anecdóticas de incidentes particulares, en forma de relatos que permiten comprender cómo los humanos dan sentido a lo que hacen. Por ello mismo, no debe, a riesgo de estrangularlo, ser reducido a un conjunto de categorías abstractas o generales que anulen su singularidad". (p.48-49)*

autobiografias tradicionais está na perspectiva a partir da qual o trabalho é realizado e nos métodos utilizados". O pesquisador deveria estar consciente de que as biografias, histórias de vida e autobiografias, da mesma forma que outros documentos, não revelam a totalidade da vida de um indivíduo, mas uma versão selecionada que pode, inclusive, deixar de lado coisas que para ele seriam desagradáveis. Em analogia com as fotografias, este tipo de trabalho voltar-se-ia ao que chamamos de "pose".

Dessa forma, um dos objetivos do método biográfico é apresentado por Becker como sendo o de acrescentar aos estudos já realizados a visão do lado subjetivo dos processos que vêm sendo estudados (como são experimentados concretamente pelas pessoas) culminando no questionamento sobre uma experiência mais ampla.

Segundo Queiroz (1988) as histórias de vida, abordadas por este método, poderiam ser vistas como autobiografias em sentido lato. Em sentido restrito, entretanto, a autobiografia existe, segundo esta pesquisadora, sem um pesquisador, sendo o narrador quem manipula os meios de registro e quem, "[...] por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu [...]" (p.23).

A biografia, por sua vez, é considerada como a história de um indivíduo redigida por outro e apresenta algumas proximidades com a história de vida como a presença do pesquisador e o relato escrito que sucede as entrevistas. Para Queiroz (1988) a biografia objetiva um olhar sobre a vida particular de um indivíduo e "[...] mesmo que neste estudo atinja a sociedade em que vive o biografado, o intuito é, através dela, explicar os comportamentos e as fases da existência individual"(p.23).

Dessa forma, embora existam proximidades, a finalidade de um biógrafo parece colocar-se em sentido oposto ao dos pesquisadores que trabalhavam com histórias de vida em Ciências Sociais:

> [O biógrafo] fará ressaltar em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo cuja existência decidiu revelar ao público. [O pesquisador] busca, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como mero representante da mesma através do qual se revelam os traços desta. (QUEIROZ, 1988, p.24).

A distinção de perspectivas anunciada acima por Becker, em relação às biografias e ao método biográfico utilizado nas Ciências Sociais, expressa-se, também, em outros fatores: segundo Queiroz (1988), a biografia não pode ser decomposta e utilizada em fragmentos, pois o objetivo de sua constituição é considerar o indivíduo em

sua integralidade; já num estudo sociológico ou antropológico, as biografias e autobiografias são usadas para compreender as relações existentes entre o indivíduo e seu grupo, sua sociedade, devendo "ser analisada e, portanto, fragmentada" (p.32).

Para Goldenberg (2003), a utilização do método biográfico nas Ciências Sociais é uma forma de "revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem" (p.43).

No que se refere ao trabalho com essas narrativas em Educação, Bolívar afirma que:

> A narração é a verdadeira matéria de que é feito o ensino, a paisagem em que vivemos como professores ou investigadores, e dentro da qual se pode apreciar o sentido do trabalho dos professores. Isto não é só uma pretensão acerca do lado emocional ou estético da noção de relato, segundo uma compreensão intuitiva do ensino; é - pelo contrário - uma proposta epistemológica, que o conhecimento dos professores se expressa em seus próprios termos por narrações e pode ser melhor compreendido deste modo[4]. (BOLÍVAR, 2002, p.46).

O método biográfico viria a receber, formalmente, o nome de história oral e, embora essas posições tenham se colocado como as mais recorrentes, é Paul Thompson que, em palestra no Seminário Internacional de Memória, Rede e Mudança Social[5], assinala a possibilidade de vê-la como interdisciplinar e, portanto, como sociológica, antropológica, cultural, histórica. Thompson afirma que este método apóia-se na construção humana que ultrapassa essas disciplinas.

Nessa direção, argumenta a socióloga Olga Von Simson[6]:

> a vantagem dessa metodologia é que ela pode ser usada por diferentes ciências, com diferentes objetivos. Ela não é uma metodologia que se restringe ao campo das humanas e por incrível que pareça os historiadores são os últimos a se valerem dessa metodologia, embora ela se chame história oral. Por quê? Mantiveram durante muito tempo aquela visão de que documento é só o documento escrito, e que o documento oral, na verdade, seria um documento menor, um documento que não seria passível de ser considerado como válido, dado que a subjetividade, a emoção, uma série de fatores estariam perturbando a constituição desse documento. Os historiadores, acostumados a trabalhar com documentos produzidos por outrem, por uma pessoa, por alguém que viveu o

---

[4] "La narración es la verdadera materia de la enseñanza; el paisaje en que vivimos como profesores o investigadores, y dentro de la que se puede apreciar el sentido del trabajo de los profesores. Esto no es sólo una pretensión acerca del lado emocional o estético de la noción de relato, según una comprensión intuitiva de la enseñanza; es ~por el contrario~ una propuesta epistemológica, que el conocimiento de los profesores se expresa en sus propios términos por narraciones y puede ser mejor comprendido de este modo". (p.46)

[5] Realizado em 12 de agosto de 2003 no SESC Vila Mariana em São Paulo.

[6] Fonte oral gravada em Seminário organizado pelo Grupo História Oral e Educação Matemática em janeiro de 2005.

> fato, o fenômeno pessoalmente, privilegiaram ainda mais os documentos oficiais e faziam uma crítica a essa documentação antes de utilizá-la, achando que a história oral era uma documentação de segunda. (Informação Verbal)[7]

Von Simsom fala ainda acerca da criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e dos embates e negociações existentes com relação à denominação "história oral":

> Tem gente que vem da comunicação, tem gente que vem da arquitetura, tem gente que vem das mais diferentes áreas, tem gente que vem da área da saúde, por exemplo, para analisar processos no campo das práticas sociais, no campo da saúde [...]. Existe uma larga utilização de uma metodologia que se utiliza de várias técnicas, mas que, por influência da história nova, muito mais recentemente, quando os historiadores vão passar a se valer dessa metodologia para fazer a história nova, começam a chamá-la de história oral e, aí, têm a hegemonia de espaço. A Associação Brasileira de História Oral (eu participei de todo o processo, na verdade), surge em 1992 num Congresso ocorrido no Departamento de História da USP, comemorando os quinhentos anos de história do descobrimento da América. O professor José Carlos Sebe Bom Meihy tinha ido para o México e visto a importância da Associação Latino Americana de História Oral, volta com a idéia de fundar uma Associação nacional, brasileira de História Oral e convida a mim e a outros pesquisadores para uma reunião durante esse congresso dos quinhentos anos. Eu estava no Centro de Memória da UNICAMP, colegas minhas do CERU[8] e outros pesquisadores. Já se queria, naquele momento, criar a Associação Brasileira de História Oral. Eu falei: "Não, se vocês querem fazer alguma coisa séria, a gente tem que chamar todas as pessoas dos mais diferentes locais do Brasil que já estão trabalhando essa metodologia e não são todos da área de História, tem gente da Sociologia, tem gente da área da Educação, tem várias pessoas que eu conheço, tem a turma do CPDOC[9] do Rio de Janeiro que vem trabalhando com essa questão há muitos anos... a gente tem que fazer uma discussão mais ampla, se não de novo vão dizer que São Paulo fez lá uma mexida e já quis criar a Associação Nacional!". Aí falaram: "Ah, então vamos marcar uma reunião para o ano que vem para a gente chamar todas essas pessoas". E eu estava indo para a Alemanha fazer o meu pós- doutorado. Chamei minhas colegas do CERU e falei: "Vocês tem que estar na Comissão, porque senão de novo vão ser só os historiadores, eles vão mandar no pedaço e nós que vínhamos trabalhando com essas coisas há muito tempo vamos ficar de fora". A reunião foi realizada no CERU, sociologia da USP, e foram convidados pesquisadores do Brasil inteiro. Foi uma enorme discussão porque alguns queriam chamar de história oral, os pesquisadores que não eram da área de História queriam chamar de "pesquisa qualitativa com fontes orais" e não conseguimos mudar o nome da Associação. A próxima reunião foi no Rio de Janeiro, em 1994, no CPDOC. Eu já estava de volta, participei também e então a discussão era: "A Associação Internacional é de História Oral na Europa, é de História Oral nos Estados Unidos, a Latino Americana é de História Oral (esse era o argumento dos historiadores)... se a gente for criar uma de Metodologia Qualitativa baseada em Fontes Orais aqui no Brasil, a gente não vai ter diálogo com essas outras Associações!". E com esse argumento eles venceram. [...]Era um nome conhecido internacionalmente e aí ganhou a proposta de História Oral. Mas para a Assembléia estava muito nítida que era uma metodologia qualitativa utilizada por todos os cientistas, para cientistas das mais diversas origens e que essa Associação tinha que contemplar a pluralidade. [...] O nome

[7] Informação transcrita a partir de gravação da exposição oral feita por Olga Von Simson em Encontro com o Grupo História Oral e Educação Matemática, na UNESP de Rio Claro, em janeiro de 2005.
[8] Centro de Estudos Rurais e Urbanos.
[9] Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

é "História Oral" porque os historiadores venceram com esse argumento. (Informação Verbal)[10]

[10] Informação transcrita a partir de gravação da exposição oral feita por Olga Von Simson em Encontro com o Grupo História Oral e Educação Matemática, na UNESP de Rio Claro, em janeiro de 2005.

1.3) A história oral: uma perspectiva geral no diálogo inter-áreas

É a ampliação de fronteiras, perspectivas e fontes que, mais tarde, viria a inspirar uma prática, cujo surgimento não pode ser localizado dentro das fronteiras, ainda que ampliadas, da História. As discussões feitas por Olga Von Simsom e expressas anteriormente abordam bem essa questão. Além disso, os movimentos internos à História e à Sociologia não ocorreram isoladamente de outros movimentos; olhando para o recorte feito até aqui pode-se ressaltar já a importância e a influência da Antropologia nesse contexto.

Dessa forma, não há, aqui, um interesse em opor radicalmente a história oral e a história positivista, nem tão pouco apontá-la como possibilidade única de trabalho dentro de uma concepção que nega os ideais positivistas. Reconhecendo a possibilidade de outras iniciativas e os vários movimentos que constituem o que hoje tem sido chamado de história, optou-se por fazer um recorte que evidenciasse as tendências que teriam influenciado diretamente o desenvolvimento da história oral.

A história oral, em acordo com Meihy (2002), não pode ser definida facilmente tendo em vista que sua dinâmica (de reflexão e ação) torna provisória qualquer definição. Esta constatação faz da busca por uma conceituação uma tarefa ousada que será implementada, em princípio, por meio de uma aliança de alguns dos conceitos expostos no decorrer do livro de Meihy. É importante ressaltar que, embora esses conceitos sejam pensados a partir da leitura deste livro, essa aliança não resulta, necessariamente, na constituição da mesma visão defendida pelo autor.

Sendo assim, a história oral será aqui tomada, convenientemente, como uma metodologia de pesquisa qualitativa que envolve a "apreensão de narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato".(Meihy, 2002: p.13).

A utilização de entrevista ou, antes, da oralidade, fundamental nesse tipo de trabalho, não se coloca como uma novidade em âmbito mundial, estas sempre se constituíram em recursos para negociações de entendimentos, consensos e transmissão de conhecimentos. A história oral, ou "moderna história oral" como tem sido chamada por alguns pesquisadores, parece articular-se após a Segunda Guerra Mundial e, para Meihy, um trabalho só pode ser reconhecido nesta vertente se reconhece sua intenção e determina os procedimentos e a devolução pública dos resultados.

Este autor discute a história oral na área da História e reconhece que o "grande passo" para a transformação da "pré-história da história oral" em "moderna história oral" teria sido dado entre 1918 e 1920, nos Estados Unidos, quando a Escola de Sociologia de Chicago, num projeto que pretendia recolher informações sobre as experiências de vida de um grupo de cidadãos ilustres, elaborou regras capazes de garantir credibilidade às histórias de vida. Para Meihy, "o encontro da história oral com as propostas metodológicas das 'histórias de vida'" teria sido definitivo para o surgimento de um "novo gosto pelo conhecimento da sociedade".

Dessa forma, segundo Gattaz (1998), parece haver uma concordância quanto ao nascimento da moderna história oral, que teria se dado em 1948 com o jornalista e historiador Alan Nevins num trabalho de entrevistas gravadas com "americanos importantes", fundando o Oral History Research Office na Universidade de Columbia em Nova York e uma tendência que Gattaz chamou "História das Elites". Entre as idéias difundidas pela Oral History Research Office está a fita como um meio provisório de constituição do documento e cuja transcrição, texto escrito e corrigido, era tida como documento original. Segundo Meihy (p.89), Nevins organizou um arquivo e oficializou o termo "moderna história oral" que passou a ser "indicativo de uma nova postura em face da formulação e da difusão das entrevistas".

Segundo Trebitsch (1994), seguindo este modelo, teriam surgido alguns outros centros nos anos de 1950 e a partir de 1964 teria havido um grande aumento quantitativo dos mesmos. De 89 centros em 1961, este número teria se quadruplicado em 1965 e chegado a mil em 1977. Entretanto, este grande aumento, segundo o autor, não se deve à organização criada por Nevins, nem ao aprimoramento do gravador portátil,

> ao contrário, o modelo de Columbia, que considera a transcrição, e não a gravação, como documento original, que privilegia o estudo das elites, e não dos excluídos da história, que atribui à História Oral a tarefa de preencher as lacunas dos documentos escritos e até mesmo de constituir arquivos de mesma natureza, esse modelo moderado será considerado como o exemplo daquilo que não se deve fazer. (TREBITSCH, 1994, p.21).

No cerne do contra-discurso desenvolvido pela história oral na década de 1960 estaria a luta pelo rompimento da barreira imposta pela história do século XIX que retirava a tradição oral do campo científico em favor das fontes escritas e, em acordo com Trebitsch (1994), propunha uma inversão historiográfica radical, tanto de objetos

quanto de métodos. Surgia a história vista de baixo, história dos humildes em contraposição à história da elite.

Segundo Meihy (2002), nessa época teria sido necessário um movimento "contestador da exclusividade e da autoridade absoluta da letra escrita como documento para que a história oral emergisse"(p.99).

Com relação às possibilidades de estudo com história oral, no Brasil, o estudo da história das elites políticas e econômicas caracterizou suas primeiras iniciativas e parece ter sido oriunda da ditadura militar que censurava e controlava os trabalhos ligados às "classes subalternas da população". Dessa forma Gattaz ressalta:

> [...] o primeiro centro sistematizado de recolhimento de depoimentos orais no país, o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, visou inicialmente recolher a informação oral disponível entre a elite política nacional. (GATTAZ, 1998, p.23).

Ressalta também o fato de que esse Centro nasceu de um projeto do Ministério da Educação e Cultura com o patrocínio da Fundação Ford.

O CPDOC possui um "Programa de História Oral", criado em 1975, que tem por objetivo "realizar entrevistas sobre o passado e tratá-las seguindo técnicas que permitissem guardar e divulgar o testemunho vivo dos entrevistados". Atualmente conta com um acervo de cerca de 800 entrevistas (mais de 4 mil horas de gravação) das quais metade encontra-se disponível em seu *site*.

Em acordo com informações divulgadas no *site* da instituição, as entrevistas são originadas através de diversos projetos de pesquisa, sendo que muitas seriam oriundas da proposta inicial do Programa: "estudar a trajetória e o desempenho das elites brasileiras desde os anos 1930", com o intuito de examinar como se chegara ao regime militar. Essa linha de trabalho preserva-se ainda hoje e é acrescida de outras linhas que procuram compreender "acontecimentos conjunturais da história do Brasil"[11].

A tendência historicista da história oral surge entre os ingleses como possibilidade de recuperar a sociedade passada, buscando através da documentação oral preencher possíveis lacunas na reconstituição de fatos históricos. Gattaz alerta para a direção que a falta de conteúdo analítico desse tipo de trabalho traz, afirmando que este se aproxima mais de um anedotário que propriamente de uma "verdadeira historiografia" ou etnografia. (cf. p.24)

---

[11] Informações disponíveis no *site* oficial do CPDOC: **http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/**

Na década de 1970 a história oral difundiu-se em diversos países e o método se abriu a novos questionamentos culturais dando origem a novas tendências, agora voltados a setores minoritários da sociedade, como a história dos vencidos, que se dedicou a resgatar a história de grupos e movimentos sociais e políticos perseguidos que seriam extintos da história não fosse o trabalho desenvolvido pelos oralistas. Estes conseguiram recuperar e preservar "os últimos traços de acontecimentos" que não tiveram seus registros escritos preservados ou os tiveram deturpados pelos vencedores.

É nesta década que, segundo Trebitsch,

> [...] a História Oral será encampada pela academia [...], com a abertura, em 1972, do Department of Sounds Records, no Imperial War Museum de Londres, e a criação da revista Oral History, além da Oral History Society, em 1973. (TREBITSCH, 1994, p.29).

Nos anos de 1960 e 1970 a história oral coloca-se perante a história oficial, segundo este autor, como uma contra-história,

> tornando-se, em parte, [...] a arma utilizada por uma jovem geração de pesquisadores marginalizados (mulheres, acadêmicos não-parisienses), com trajetórias atípicas, que estabelecem, por conta própria, a ligação entre a crise do emprego na área das ciências humanas e o declínio dos grandes paradigmas teóricos. (TREBITSCH, 1994, p.37).

Próxima à última vertente apontada, surge uma outra voltada para pessoas comuns, marginalizadas social e economicamente: é a história oral da gente comum.

Segundo Gattaz, no Brasil, esses trabalhos voltados aos setores marginalizados da população tomam força na busca de uma história oral mais militante.

Uma outra tendência identificada seria a arquivista. Esta é utilizada por instituições, como o Museu da Imagem e do Som, que se empenham em formar um arquivo oral a ser utilizado ulteriormente por historiadores (Cf. p.30). Segundo Gattaz, a tendência arquivista diferencia-se das anteriores por não apresentar, de forma explícita, "um viés interpretativo, condutor das entrevistas e de sua análise" (p.30)

Gattaz ressalta ainda a vertente biográfica que, por meio dos testemunhos, procura refletir sobre a vida de uma pessoa, geralmente pública, mas nem sempre da elite.

Reconhecendo a impossibilidade de inventariar todas as tendências existentes, o autor, diante desse ensaio, aponta "para a valorização do indivíduo, da família e da

coletividade em detrimento da nação, da cultura em detrimento da economia; da análise qualitativa em detrimento da quantitativa" (p.31).

Voltando-se para o trabalho com história oral, Meihy afirma que a presença do passado no presente é a razão de ser da história oral, o que representaria, em alguma instância, uma mudança do conceito de história. Em acordo com Meihy (2002) a constituição do registro, da gravação das entrevistas, é uma etapa necessária, germinal, que pode ou não ser seguida pela elaboração de um texto e de análise, mas que deve ser disponibilizada para usos futuros.

Segundo Queiroz (1994) o trabalho de conservação das entrevistas iniciou-se com um empenho para que historiadores futuros não se deparassem com a situação encontrada há algumas décadas em que os registros e dados de personalidades ou de pessoas de classes mais elevadas superavam, em muito, quantitativamente, os registros de pessoas das "camadas inferiores".

O interesse da história oral pelo registro de dados dessas "camadas inferiores", através da história de vida, estava imerso em questões como:

> [...] a preocupação com o presente das camadas populares, que devia ser resguardado, e o sentimento de fazer justiça, dando-lhes importância idêntica à que as mais afortunadas vinham gozando através dos tempos, além de complementar uma documentação histórica que sempre fora falha. (QUEIROZ, 1994, p.110).

A extrema valorização da técnica e dos meios de coleta de dados como vídeos, fotografias, fitas, etc. teria delineado uma tendência a considerar a construção de um registro muito mais fiel à realidade, trazendo à tona a idéia de verdade como uma marca na História e sendo excessivamente cautelosa a possibilidade de uso de outros tipos de fontes devido a uma pretensa "auto-suficiência" anunciada pela objetividade dos meios. Dessa forma, teria sido negligenciada, em princípio, a questão de que estas técnicas de coleta de informações "são sempre utilizadas por um pesquisador que determina o que vai gravar e como vai fazê-lo"(Queiroz, 1994: p.111).

A preocupação com os documentos no desenvolvimento da história oral e da História é exposta por Queiroz (1994) junto a discussões acerca da constituição de arquivos. Nesta mesma perspectiva, Meihy (2002) afirma que "é relevante lembrar que só faz sentido discutir o documento em história oral se for considerada sua disponibilidade pública"(p.77). Os arquivos foram, através dos tempos, incorporando a seu acervo de materiais exclusivamente escritos novos tipos de documentação como

fotografias, fitas de gravador e vídeos. Esses documentos seriam produzidos pelo pesquisador a partir da interação entre este e o entrevistado no momento da entrevista. Diferentemente do documento escrito, no processo de elaboração do documento em história oral há a possibilidade de questionamentos.

Assim, a história oral apresenta, de início, três possibilidades: preencher lacunas oriundas da inexistência de documentos escritos sobre determinado assunto, dialogar com as versões expressas em documentos já existentes ou constituir uma outra história a partir das versões apresentadas nas entrevistas, tendo acesso a perspectivas veladas pela pretensa "objetividade" dos documentos escritos.

Alberti (2004) apresenta algumas considerações de Lutz Niethammer acerca da entrevista e dos quatro componentes característicos da mesma:

> Em primeiro lugar, trata-se do registro de uma interação social (entre entrevistado e entrevistador); em segundo, de uma ou mais versões da história de vida do entrevistado; em terceiro lugar, o texto reúne uma variedade de informações, que podem ser verdadeiras ou não (e cabe ao pesquisador indagar-se sobre sua plausibilidade, comparando-as com outras fontes); em quarto lugar, finalmente, quase toda entrevista contém histórias. "Essas histórias", diz Niethammer, "são o grande tesouro da história oral, porque nelas se fundem, esteticamente, declarações objetivas (podemos dizer: os acontecimentos) e de sentido". (ALBERTI, 2004, p.84).

Quanto à discussão posta por alguns estudiosos acerca da cientificidade da história oral, Meihy (2002) alerta que esta é sempre feita em direção a dois alvos:

- o caráter de documento criado a partir de relatos orais;
- as derivações naturais da materialização do oral no escrito;

Um primeiro ponto a ser considerado é que o documento escrito, tanto quanto o oral, pode ser submetido exatamente às mesmas críticas, pois ambos constituem-se como versões e estão impregnados de subjetividade e intenções. Além disso, o processo de registro (escrito) da oralidade se aproximaria de um trabalho artístico que, segundo Meihy, seria um dos motivos da ampla aceitação da história oral. Para este autor:

> Um dos pontos mais polêmicos sobre o caráter científico da história oral é seu uso como referência objetiva. Como muitas pessoas pensam ainda que a história oral deve, prioritariamente, ser usada em projetos que não tenham documentos escritos ou outras referências materiais capazes de gerar análises, cobra-se das narrativas um teor de informação próximo do que os positivistas acreditavam ser o papel do documento: conter a verdade em si. (MEIHY, 2002, p.49)

As considerações feitas até o momento levam à renúncia dessa possibilidade. "Conter a verdade em si" coloca-se como uma impossibilidade de qualquer tipo de enunciação e, portanto, não cabe como tentativa de delimitação do "científico".

O autor coloca a diferenciação entre história e memória, afirmando que a história oral exerce o papel de mediadora entre duas soluções, "uma que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais"(p.54).

Segundo Meihy (2002), a história oral é dependente da eletrônica (gravadores, filmadoras, computadores, telefones) e, apesar de passar por uma fase necessariamente oral, ela se materializa em um documento escrito. Esse trabalho teria os propósitos de registro e compreensão da sociedade e não deveria se render ao que o autor chama de traição de propósitos, efetivada na homenagem tola ou na propaganda comercial. A história oral acabou sendo identificada como "história vista de baixo", ou "uma outra história", por ter sido validada pelos grupos oprimidos e por apresentar uma alternativa documental diversa da usada tradicionalmente.

Para Meihy

> Quando a cultura oficial aborda os grupos excluídos, colocando-os como tema de seus estudos, o faz por via indireta, pelos documentos escritos. Assim, essas análises são sempre "sobre" eles e nunca "deles". Os documentos impressos, então, exercem um papel de filtro que tende a considerar sempre os fatores socioeconômicos e não os comportamentos subjetivos. (MEIHY, 2002, p.31).

Esta perspectiva apresenta-se de forma interessante e evidencia ao menos duas questões a serem consideradas:

- a materialização da entrevista em documento escrito se efetiva após uma negociação entre entrevistador e entrevistado;
- o cuidado que se deve ter ao vincular a história oral exclusivamente à história dos oprimidos.

Quanto à primeira dessas questões, é importante ressaltar o termo "narrativas" presente numa das referências feitas a Meihy nesta dissertação.

Para Alberti (2004), ao contrário da literatura (que está sempre na esfera da escrita), pode-se afirmar que "tudo é narrativa"[12]. A opção por um estilo literário, por uma forma de escrita, entretanto, não é essencial na construção da narrativa pelo

[12] A autora ressalta a exceção das leis e poemas líricos, em acordo com Lima (1989).

entrevistado. Este narra-se. O trabalho que, em história oral, tem sido chamado de textualização é "coletivo" e o primeiro delineamento (estrutural) quanto à forma literária, em geral, é feito pelo entrevistador.

A noção de textualização coloca-se aqui como transformar em texto (escrito) e envolve dois momentos distintos: a transcrição (que fixa pela escrita os dizeres, pausas, entonações e vícios de linguagem, aproximando-se ao máximo do registro do oral) e a textualização, propriamente dita, que seria o processo de transformar o discurso em uma narrativa mais corrente (com ou sem o estilo pergunta-resposta) e sem os vícios que marcam a espontaneidade das construções nos momentos de fala. Um trabalho conjunto é efetivado, nesse processo, com a negociação quanto a este último texto, possibilitando correções, inserções e reformulações. A concordância com a versão final a ser disponibilizada tem sido registrada por meio de cartas de cessão assinadas pelos entrevistados (cuidado comum entre historiadores) ou garantida pela construção de uma relação de confiança e harmonia entre pesquisador e entrevistado (como tem sido feito por alguns sociólogos).

Dessa forma, a narrativa é colocada por Alberti (2004) como um dos principais alicerces da história oral. Segundo a autora, "um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isto significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista"(p.77).

Com relação a esta última questão ("o cuidado que se deve ter ao vincular a história oral exclusivamente à história dos oprimidos"), é importante trazer novamente em cena o trabalho realizado por Gattaz (1998) e apresentado inicialmente. Colocando em discussão as possibilidades de história oral, num artigo em que pretende refletir sobre quase meio século de prática, este autor delineia algumas tendências que se apresentam nesse tempo.

O estudo realizado por Gattaz coloca-se como uma expressão significativa das diversas perspectivas que se tem desenvolvido em trabalhos com história oral. Ele permite, assim, uma visão menos tendenciosa, no sentido de generalizar posições singulares, ao deparar-se com posições como a de Philippe Joutard:

> A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (JOUTARD, 2000, p.33).

Ela possibilitaria também a releitura da história das elites. Dessa forma, a história oral pode ser vista como um trabalho específico que perpassa tanto os discursos oficiais quanto aqueles tidos por estes como "rumores".

Joutard (2000) contrapõe a história oral militante à história oral acadêmica. A primeira se dedicaria a construir uma história do ponto de vista dos excluídos, uma outra história; já a segunda, respeitaria seus interlocutores, mas buscaria um certo distanciamento e a construção de um verdadeiro discurso histórico (o que parece evidenciar sua concepção acerca do que possa ser dito científico, acadêmico).

Atualmente, entretanto, essa contraposição seria dificultada pela aparente inexistência dos limites tão bem estabelecidos em Joutard. O diálogo entre perspectivas distintas teria aproximado interesses e posições dando origem a trabalhos diversos (em posturas e áreas).

No primeiro semestre de 2001 ocorreu, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, o encontro "História Oral na Voz de Paul Thompson" e este já apontava para a existência desses trabalhos.

O encontro, que teve por objetivo contextualizar e problematizar a discussão sobre esse recurso comprovou, segundo Freitas (2002), o interesse de um número significativo de pesquisadores que utilizavam a História Oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental. Foram identificados 125 projetos de História Oral em desenvolvimento no Brasil, totalizando 220 participantes.

Verena Alberti insere em suas discussões uma outra perspectiva a ser considerada quando do olhar sobre esses trabalhos com história oral:

> Qualquer pessoa é capaz de descobrir, por suas especificidades individuais e sociais, novos sentidos e informações, além dos fornecidos pelo entrevistado e pelo historiador. Por essa razão – e porque "qualquer um" também pode controlar a interpretação proposta pelo historiador com base na própria história do entrevistado -, Niethammer sugere que o processo de produção na história oral seja compreendido muito mais como um triângulo, do qual faz parte o "receptor" das interpretações do historiador e das histórias do entrevistado, do que como uma simples polaridade entre sujeito (o historiador) e objeto (o entrevistado). (ALBERTI, 2004, p.73)[13].

[13] Cabe ressaltar que, nesta dissertação, o entrevistado não tem sido pensado como objeto de pesquisa. Discussões acerca dessa questão serão realizadas mais propriamente em capítulo específico.

A aproximação e identificação do "qualquer um" com as narrativas presentes nesse tipo de trabalho seria, segundo Alberti, uma das razões do "sucesso da história oral".

Em pesquisa realizada na Plataforma Lates do CNPq[14] foi possível identificar 54 grupos de pesquisa que se utilizam da história oral nas linhas de: Arqueologia, História, Educação, Ecologia, Letras, Artes, Comunicação, Serviço Social, Educação Física, Antropologia, Ciência da Informação, Lingüística, Teologia, Administração, Economia Doméstica, Arquitetura e Urbanismo, Medicina, Enfermagem, Psicologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Geografia.

Em eventos recentes, específicos ou não da Educação Matemática, o trabalho com história oral tem sido representado significativamente por pesquisadores de diversas instituições. Cabe ressaltar

1) o EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática de 2004, realizado pela UEL- Universidade Estadual de Londrina, em cujo grupo temático "História da Educação Matemática" a quase totalidade dos presentes trabalhava com história oral

e

2) o "II Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos: a pesquisa em debate" ocorrido em 2004 na Universidade do Sagrado Coração em Bauru/SP no qual vinte e duas pessoas apresentaram trabalhos ligados à história oral. Neste evento as autoras Joiciane Aparecida de Souza, Lana Ferreira de Lima e Rossana Valéria de Souza e Silva apresentaram na modalidade Pôster o trabalho "A História Oral nas Teses e Dissertações em Educação Física" expressando um panorama geral dos estudos desenvolvidos nessa área. Seus estudos apontam para a existência de poucos trabalhos desenvolvidos na Educação Física que se valem da história oral. Segundo as autoras esses trabalhos começam a surgir a partir da década de 1990 abordando temáticas diversificadas e privilegiando o resgate histórico. As teses e dissertações analisadas pelas autoras "ressaltam a necessidade de

[14] Em julho de 2004.

trazer o homem para o centro das pesquisas"(Caderno de Resumos, 2004: p.131).

Outros eventos podem ser citados, em especial,

3) o "I Seminário Paulista de História e Educação Matemática – SPHEM", realizado na USP- São Paulo em outubro deste ano, no qual a pesquisa com história oral foi apontada pela pesquisadora Maria Ângela Miorim como uma das três tendências atuais de trabalho nessa linha.

4) O "VI Encontro Regional Sudeste de História Oral: História, Cultura e Poder", realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora no final de novembro e começo de dezembro de 2005, tendo por objetivo,

> [...] se constituir em um espaço de debates e troca de experiências que contribuam para o avanço do ensino e pesquisa no âmbito da documentação oral no Brasil. Tem também por objetivo incentivar e mobilizar a comunidade participante para criação de acervos orais em suas respectivas instituições. [15]

É interessante ressaltar esses diferentes estudos e iniciativas para fugir de uma primeira idéia que possivelmente permeou algumas das discussões feitas no início deste capítulo: a filiação de um método. Buscou-se até aqui, não estabelecer uma filiação para a história oral (se da Sociologia, se da História), mas identificar os movimentos que permitiram sua configuração mais nuclear, assim como sua prática/constituição nas mais diferentes áreas.

Como recurso metodológico para a Educação Matemática, a presença da história oral é também recente, havendo poucos trabalhos desenvolvidos segundo essa abordagem. Na Plataforma Lates, entre os grupos inscritos na linha de pesquisa em Educação, somente um se insere na área da Educação Matemática e é o grupo "História Oral e Educação Matemática" – GHOEM, pelo qual já demonstrávamos um evidente interesse.

Este grupo é inter-institucional e é composto por dezenove pesquisadores[16] que utilizam esse recurso metodológico em Educação Matemática e que se dedicam a

[15] Informações disponíveis em http://www.propesq.ufjf.br/historia/.

[16] Antônio Carlos Carrera de Souza, Antônio Vicente Marafioti Garnica, Carlos Roberto Vianna, Emerson Rolkouski, Fernando Guedes Cury, Gilda Lúcia Delgado de Souza, Helenice Fernandes Seara, Heloísa da Silva, Ivani Pereira Galetti, Ivete Maria Baraldi, Lidiane Sossolote, Luzia Aparecida de Souza,

discussões sobre história oral. Apoiados nos trabalhos desse grupo, na produção de seus integrantes e em outros textos que vêm sendo publicados neste e sobre este viés, podemos afirmar que a consolidação da história oral como recurso para a Educação Matemática tem sido pensada "em trajetória".

Antes de falar deste grupo e sua trajetória, faz-se necessário um olhar sobre a área a qual estes pesquisadores estão diretamente ligados: a Educação Matemática.

Maria Ednéia Martins, Marisa Resende Benardes, Michela Tuchapesk, Otávio Salles, Rosinéte Gaertner, Silvia Regina Vieira da Silva, Zionice Garbelini Martos.

Capítulo 2

Educação Matemática e perspectivas históricas internas

A literatura consultada delineia o trabalho do grupo de pesquisa aqui focado em duas frentes: a Educação Matemática e a História da Educação Matemática, ainda que essa seja uma classificação artificialmente dicotômica para servir aos nossos propósitos de caracterizar as investigações do GHOEM.

Este capítulo aborda algumas discussões acerca do movimento da pesquisa em Educação Matemática com o objetivo de delinear algumas das tendências que se formam entre convergências e divergências com outras já existentes.

Além da caracterização da Educação Matemática como região de inquérito, este espaço foi reservado para discussões iniciais, acerca das preocupações históricas internas à Educação Matemática e que têm se apresentado, ao longo do tempo, como campos autônomos de investigação. Ressalta-se aqui a existência de uma certa ênfase quanto a alguns movimentos atualmente recorrentes na Educação Matemática, entre eles a História da Educação Matemática.

A opção por discutir essas preocupações históricas, bem como as questões acerca do movimento historiográfico apresentadas no primeiro capítulo (e marcantes nos trabalhos dos entrevistados desta pesquisa), impõe um posicionamento quanto a esta outra área de investigação: a História.

Pensando nessa articulação, este capítulo é dividido em dois momentos:

Educação Matemática: aqui, pretende-se caracterizar o movimento da Educação Matemática, algumas de suas tendências e abordagens;

Enfoques em questões da História na Educação Matemática: este momento dedica-se a delinear as distintas tendências da Educação Matemática intrinsecamente ligadas a preocupações históricas. Dentre essas tendências encontra-se uma de especial interesse para essa investigação: a História da Educação Matemática.

2.1) Educação Matemática

Embora Miorim e Miguel (2001) reconheçam a possibilidade de existência, na Antigüidade, de discussões acerca de questões relativas à prática pedagógica em Matemática devido à percepção de sua importância na sociedade, eles não acreditam que tenha havido aí a constituição consciente da educação matemática enquanto campo de investigação autônomo.

D'Ambrósio (2004) aproxima-se desta posição ao afirmar que apesar da existência de preocupações com o ensino da Matemática entre os antigos, em particular no livro VII da República de Platão, é na "Idade Média e Renascimento e nos primeiros tempos da Idade Moderna que essas preocupações são melhor focalizadas"(p.13).

Para Miorim e Miguel (2001), essa questão configura-se a partir da problemática da infância, momento em que são pensadas as especificidades da criança em relação ao adulto. É neste momento que também a educação matemática passa a ser vista como um problema psicológico ligado ao ato de ensinar e aprender.

> A problemática relativa ao ensino-aprendizagem é, portanto, aberta aos trabalhos de Rousseau, no final do século XVIII, e consubstanciada pelo surgimento dos sistemas escolares nacionais no século XIX, no interior dos quais a matemática passa a figurar como campo disciplinar [...]. (MIORIM; MIGUEL, 2001, p.42).

A criação de vários grupos, a organização de publicações e de encontros para debater a E(e)ducação M(m)atemática foram se efetivando e em pesquisa feita sobre a produção brasileira em Educação Matemática nas décadas de 1970 e 1980, Fiorentini (1994) aponta um quadro com as principais áreas temáticas da pesquisa acadêmica neste campo. A base deste seu estudo são 204 trabalhos produzidos/defendidos em cursos de Pós- Graduação em Educação, Matemática e Psicologia.

As áreas[1] destacadas pelo autor são: Metodologia/didática do ensino da Matemática; Currículo escolar no ensino da Matemática; Materiais didáticos e meios de ensino; Prática pedagógica e/ou escolar; Formação do professor de Matemática; Psicologia, cognição e aprendizagem Matemática; Etnomatemática; Educação de

[1] A estruturação dessas áreas temáticas deu-se, segundo Fiorentini (1994) por meio do cruzamento do esquema classificatório da Revista Alemã "Zentralblatt für Didaktik der Mathematik" (que aponta 12 grandes áreas) e do esquema proposto por Mancera Martinez em 1990 (que divide as investigações em Educação Matemática em 8 áreas), priorizando a organização prévia das teses/dissertações perante áreas ou focos temáticos.

adultos; Fundamentos teóricos da Educação Matemática; Ideologia e/ou concepções e significados; História do ensino da Matemática e Políticas oficiais sobre o ensino da Matemática. Outros trabalhos teriam se dedicado ao estudo da prova de Matemática no Concurso Vestibular e ao desenvolvimento de modelos matemáticos para descrever processos de ensino.

Fiorentini (1994) sugere, a partir de seu estudo, que a Educação Matemática teria passado por três fases distintas e, à época da defesa de sua pesquisa, estaria numa quarta fase:

- A primeira teria início no começo do século XX e iria até o final da década de 1960 quando a Educação Matemática não existia como um campo diferenciado de estudo ou pesquisa. Com exceção de poucos, os trabalhos ligados ao ensino no país estavam ligados a pedagogos e psicólogos. A emergência desse novo campo de estudo dar-se-ia pela formação de grupos de estudo como o GEEM, GRUEMA, GEEMPA e GEMEG. Além disso, em acordo com Fiorentini,

> o surgimento das Licenciaturas em Matemática, na década de 30; dos Ginásios de Aplicação, nos anos 40; e da obrigatoriedade da disciplina de Prática de Ensino e do Estágio Supervisionado firmado nos anos 60 (Parecer 292/62) abririam um campo profissional para o surgimento nas universidades de especialistas em didática e metodologia do ensino da matemática. (FIORENTINI, 1994, p.284).

- A segunda (início da década de 1970 até os primeiros anos da década de 1980) marcaria o surgimento da Educação Matemática enquanto campo profissional do ensino, mas também da pesquisa. A problemática mais comum a ser abordada nas pesquisas seria a do fracasso escolar numa outra perspectiva: se antes de 1970 a questão era reformular o conteúdo escolar, agora (até 1980) centrava-se o foco no professor, nos materiais de ensino e no modo de ensinar. As produções científicas ainda se constituíam como iniciativas individuais e visavam a atender as exigências acadêmicas em busca de titulação.

> pode-se dizer que, até os primeiros anos da década de 80, apesar da existência de especialistas em educação matemática, não havia ainda uma comunidade nacional organizada e articulada que tivesse como objeto de estudo ou de reflexão sistemática a educação matemática. (FIORENTINI, 1994, p.286-287).

- A terceira fase (1983-1990) marca o surgimento de uma comunidade nacional de educadores matemáticos. Não havia ainda, nesse período, uma comunidade de pesquisadores em educação matemática com linhas de pesquisa bem definidas e produção de conhecimento desligada de Programas de Pós- Graduação. Havia, segundo o autor, a possibilidade de que grande parte dos educadores matemáticos brasileiros confundissem projeto de ensino e projeto de pesquisa.

> No plano da pesquisa, representa o período da ampliação da região de inquérito da educação matemática e do aparecimento de algumas linhas temáticas de pesquisa com alguma continuidade e consistência teórico-metodológica. (FIORENTINI, 1994, p.287).

- A quarta fase (que o autor situa em seu presente, início da década de 1990) apontaria para a emergência de uma comunidade científica de pesquisadores em Educação Matemática. Considerando os doutores formados no Brasil ou no exterior, em Educação Matemática ou áreas próximas como Psicologia e Educação que faziam da Educação Matemática seu principal campo de produção de conhecimento, Fiorentini computava, em 1994, cerca de 50 profissionais dessa comunidade.

Com relação ao movimento de criação e desenvolvimento de encontros e sociedades específicas na área da Educação Matemática, Miorim e Miguel (2001) colocam como uma espécie de marco inicial a "criação da comissão internacional de educação matemática [que] foi constituída durante a realização do IV Congresso Internacional de Matemática, realizado em Roma, em abril de 1908"(p.57). D'Ambrósio (2004) aponta a criação dessa comissão (IMUK/ICMI), sob liderança de Felix Klein, como o momento de "consolidação da Educação Matemática como uma subárea da matemática e da educação, de natureza interdisciplinar"(p.15). Segundo este autor, a revista ***L'Enseignement Mathématique***, citada acima, seria o principal veículo de divulgação das atividades do ICMI.

Fiorentini reafirmava em seu trabalho a posição de Edgar Morin (Morin, 1982, apud. Fiorentini, 1994.) de que o papel da pesquisa "não consiste em produzir a verdade

ou a certeza, mas sim de interrogar, questionar, problematizar a realidade e, sobretudo, compreendê-la para melhor transformá-la" (p.290).

Em 1993, Bicudo, ao discutir a temática "pesquisa" sobre a qual apresentara um seminário na UNESP de Bauru no ano anterior, enfoca a Educação Matemática como uma região de inquérito em construção por não contar ainda com "uma rede já desenvolvida e bem tecida de estudos elaborados que a afirmem como realidade bem configurada"(p.19). Apesar disso, reconhece que, àquela época, a configuração desta região já estava sendo delineada com o enfoque no que seriam seus núcleos de preocupação: "[...] preocupações com o compreender a Matemática, com o fazer Matemática, com as interpretações elaboradas sobre os significados sociais, culturais e históricos da Matemática"(p.19-20). A autora ressalta também a preocupação com a ação político-pedagógica em Matemática e afirma que:

> A pesquisa em Educação Matemática não é uma pesquisa em Matemática, nem é uma pesquisa em Educação, embora trate de assuntos pertinentes a ambas, trabalhe com a Matemática e utilize-se de procedimentos próprios da Educação. (BICUDO, 1993, p.19, grifo meu).

Outros pesquisadores, nessa mesma direção, apontam para a Educação Matemática como um campo que não possui métodos próprios, valendo-se cada vez mais de procedimentos de outras áreas, em especial das Ciências Sociais e da Educação.

Nesta dissertação essa questão será abordada da seguinte forma: pode-se constatar a autonomia – ou a trajetória que permite que uma autonomia possa ser percebida - da Educação Matemática em relação a outras áreas de conhecimento focando não só suas "respostas" mas, prioritariamente, suas "perguntas". Ela tem questões próprias e é esta idéia que coloca em suspenso um acordo pleno com a idéia de D'Ambrosio (2004), expressa anteriormente, de que ela seria uma sub-área da Matemática e da Educação. Ou seja, embora haja uma ligação entre estes campos (como há também com relação à História, à Filosofia, entre outras), a autonomia do campo da Educação Matemática passa pela capacidade de gerar questões e inquietações próprias e ainda de encaminhar de forma diferente questões comuns (à Matemática ou à Educação). As questões geradas ou os direcionamentos propostos pela Educação Matemática não estão ligados somente à Matemática, ou à Educação, ou ainda à Matemática-e-Educação (como regiões independentes com as quais se pode estabelecer

um paralelo), mas às relações estabelecidas quando se pensa a Matemática em situações ligadas à Educação.

Dessa forma, a idéia de valer-se de métodos de outras áreas coloca-se simplista já que o diálogo entre áreas não se estabelece como reprodução de práticas, mas como uma apropriação criativa que garante, inclusive, que para estabelecer esse diálogo com outras áreas o pesquisador não tenha que "abrir mão" dos referenciais e pressupostos teóricos defendidos em sua própria área de atuação. Métodos não têm filiação, eles se constituem em determinada prática que, por sua vez, está ligada à determinada área. Se não é necessário abrir mão de referenciais de sua área de atuação e se a apropriação, feita através de diálogos com outras áreas, é criativa, não faz sentido pensar em uma área sem métodos próprios.

Com os centros de pesquisa em Educação Matemática, um discurso específico começa a se constituir num diálogo inter–áreas, e os estudos realizados na Educação Matemática enquanto campo autônomo de investigação, como afirmam Miorim e Miguel (2001), permitem uma configuração própria, dentro desse campo, acerca da temática sobre a qual se está a trabalhar.

Garnica (1999), ao procurar re-significar alguns termos rumo à dessacralização das idéias que se tem acerca da Filosofia da Educação Matemática, delineia a Educação Matemática como um movimento, "um conjunto de práticas sociais dentre as quais está, obviamente, a prática científica"(p.59). Nesse processo de re-significação, o próprio termo "científico" parece ganhar um espaço, na discussão, que pode não ser aquele reservado às universidades. A tarefa do pesquisador é apresentada como uma investigação que busca a compreensão de algo através de vestígios.

Neste trabalho, Garnica insere algumas discussões acerca do processo de pesquisa e de questões metodológicas com o intuito de orientar uma outra discussão: a proposta de um projeto de pesquisa em Filosofia da Educação Matemática. Essa proposta aproxima-se da temática que orienta esta nossa pesquisa na medida em que propõe a identificação de concepções e conceituações que sustentam a produção atual em Educação Matemática.

A proximidade entre Filosofia da Educação Matemática e a Educação Matemática é novamente trazida à tona por Bicudo e Garnica em 2001, quando reconhecem a dificuldade em delinear, de forma rígida e estática, suas diferenças. Estes autores apontam para a Filosofia da Educação Matemática como uma área que visa a esclarecer os elementos constitutivos da Educação Matemática, buscando uma imersão

dessa trama teórica nas atividades ligadas à Matemática, não com o intuito de antecedê-la ou encaminhá-la, mas de fomentá-la e tê-la como fomento. Essa imersão parece ampliar as possibilidades de perspectivas distintas acerca de um fenômeno singular e é essa multiplicidade de perspectivas que, segundo os autores, permite uma compreensão mais global da Educação Matemática[2].

Com relação às pesquisas realizadas no movimento da Educação Matemática, estas estariam voltadas, de forma geral, às preocupações apontadas por Bicudo (1993) e já expressas anteriormente neste capítulo. Esse "andar em torno" de um questionamento leva a uma aproximação do pesquisador com outras áreas de conhecimento.

Segundo Bicudo (1993), estas pesquisas seriam, "portanto, pesquisas que solicitam domínio compreensivo de um vasto horizonte de conhecimentos, como os horizontes da Psicologia, da História, da Filosofia, entre outros, e, certamente da Matemática"(p.20). E reforça:

> Os pesquisadores em Educação Matemática devem cuidar para não fazer afirmações ingênuas, improcedentes, vazias, ao lançar mão de estudos elaborados pela Psicologia, História, Filosofia, Matemática, Antropologia... (BICUDO, 1993, p.20).

Esse diálogo com outras áreas de conhecimento coloca-se como uma característica fundamental do campo da Educação Matemática, tendo em vista as possibilidades de ampliação de enfoques e perspectivas que contribuem para a compreensão de questões próprias a essa região.

As pontuações colocadas por Bicudo (1993), no entanto, trazem à tona os cuidados (alguns já alertados anteriormente) que se deve ter ao estabelecer esses diálogos no desenvolvimento de uma pesquisa. Esses cuidados são tomados aqui como fundamentais e passam pela necessidade de expressão da visão do pesquisador acerca da área com a qual se pretende dialogar. Coloca-se aqui a defesa dessa visão como necessária à compreensão das articulações buscadas pelo pesquisador e, em especial, da coerência, existente ou não, entre a posição que este ocupa no campo da Educação Matemática e da que ocupa no campo com o qual negocia.

---

[2] A discussão acerca de Filosofia da Educação Matemática foi inserida neste texto com o objetivo de delinear o terreno em que estes autores debatem a Educação Matemática, não havendo, por tanto, a preocupação em caracterizá-la como campo de investigação.

Esse trabalho em fronteiras é colocado aqui como algo que potencializa as possibilidades de compreensão dos problemas de uma área específica, mas que, ao mesmo tempo reivindica um processo de reconhecimento da área da qual essa se aproxima. Esse processo permite um caminhar sobre esse novo terreno e o envolvimento com as questões próprias deste afasta a prática de mera apropriação e aplicação de técnicas.

Ressalta-se também a relevância de grupos de pesquisa na discussão e efetivação desses diálogos inter-áreas. A existência de um "projeto maior" de um grupo específico e as discussões conjuntas sobre teorias e áreas distintas daquela a que estão ligados tendem a aproximar os envolvidos neste projeto visando a um aprofundamento nas questões próprias dessas áreas. Os estudos individuais que apresentam, em geral, bibliografias distintas são tidas, nessa nossa investigação, como fundamentais à presença de argumentações e questionamentos diversos no momento das discussões conjuntas.

Os termos "região de inquérito", "campo de investigação", "movimento", "região fronteiriça", utilizados até o momento, se articulariam, aqui, na busca por uma melhor forma de expressar um movimento delineado por preocupações próprias (e que, portanto, tem um "espaço" próprio) e que dialoga permanentemente com outras e diversas regiões com as quais estabeleceria uma espécie de fronteira. O termo "região" é aqui concebido como o delineamento de um entorno em relação às questões constitutivas e definidoras do movimento em questão. É também esta idéia que se faz presente com relação ao termo "campo".

2.2) Enfoques em questões da História na Educação Matemática

O movimento da Educação Matemática (como se pode perceber nos trabalhos de Fiorentini (1994), Miorim e Miguel (2001) e Xavier (1997)) dá origens a algumas vertentes de estudo e pesquisa que revelam uma preocupação histórica interna.

Para Miguel e Miorim, algo que,

> [...] contribuiu para o desenvolvimento de estudos históricos foi o movimento brasileiro em torno da Etnomatemática idealizado por Ubiratan D'Ambrósio e Eduardo Sebastiani Ferreira, professores do Instituto de Matemática da Universidade Estadual de Campinas. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.182).

A Etnomatemática não será discutida aqui em espaço próprio, mas há que se ressaltar sua grande importância no movimento historiográfico, em especial no Brasil.

Clareto (2002) dedica-se a discutir, em seu artigo para o BOLEMA, implicações do momento de crises políticas, ideológicas e epistemológicas pelas quais passam a Educação Matemática e, particularmente, a Etnomatemática. Segundo a autora, a Modernidade anunciava a busca por verdades universais e estabelecia uma supremacia da Matemática em relação a outras disciplinas. Esta supremacia seria questionada pelo projeto da Pós Modernidade. Frente a essa crise, a autora propõe-se a refletir acerca do lugar e do papel da Matemática e da Educação Matemática, tendo como referência o campo da Etnomatemática.

Para Clareto (2002), um dos questionamentos colocados à Modernidade diz respeito à sua intolerância quanto à diversidade. Seu projeto caracterizar-se-ia por uma tentativa de uniformização e homogeneização expressa, na época da colonização, com a imposição de culturas e saberes. Daí surgiria um processo de hierarquização que compõe um quadro de desprezo às chamadas culturas de massa e culturas populares.

Os discursos pós modernos têm contestado o etnocentrismo dos modelos universalizantes de cultura e civilização americano e europeu.

Essa tendência, por sua vez, apresenta-se numa ligação com o que tem sido chamado por alguns autores de "história dos marginais".

Os historiadores da marginalidade procuram resgatar a memória daqueles que foram esquecidos pela história tradicional.

Para Schmitt (2001), a ampliação da perspectiva histórica requer a ampliação das fontes consideradas até então. Essa necessidade, anunciada pelo desejo de buscar outras

faces da história, leva historiadores a recorrerem a registros da Inquisição, arquivos de tribunais, prisões, etc, documentos que, por serem produzidos pelo "centro", acabam colocando-se como referência indireta aos povos marginalizados.

Um outro fator a ser considerado é que estes documentos trazem à tona situações envolvendo pessoas que, de alguma forma, defrontaram-se com "instâncias de poder" de determinada época.

Considerando os limites impostos pelo tempo, as possibilidades de exploração desses documentos parecem ter sido significativamente efetivadas na História: segundo Schmitt (2001), eles permitem a reconstituição do retrato, da linguagem dos marginais de uma certa época e, para além disso, permitem a releitura da história do centro. O autor defende que uma sociedade revela-se plenamente no tratamento de suas margens.

Os estudos feitos por Schmitt apontam para a existência, aparentemente inevitável, da marginalidade, colocando-se em duas linhas: a de integração e a de exclusão. É interessante observar as formas de marginalização e como estas se constituem como interesses políticos, sociais e religiosos. As relações de poder delineiam, em seus estudos, as atitudes frente a um grupo a ser marginalizado revelando que as formas de exclusão se manifestam justamente nos momentos em que o controle (seja quantitativo ou de ideologias e ações) se mostra difícil ou impossível.

Dessa forma, o movimento centro-periferia coloca-se como uma proposta ampla de compreensão do processo histórico e aponta para a possibilidade de investigar mudanças nas estruturas social, econômica e ideológica, tendo em vista que o conhecimento/reconhecimento desse processo de marginalização nos fornece indícios dos valores e recusas de nossa própria sociedade.

O diferencial colocado por Clareto (2002) com relação à Etnomatemática refere-se à sua crença de que os estudos etnomatemáticos teriam como objetivo a valorização das produções culturais excluídas da "cultura oficial". A idéia de cultura surge nas discussões da autora com o intuito de ressaltar uma idéia de D'Ambrósio de que a Matemática seria "uma manifestação cultural e que cada cultura se manifesta diferentemente, assim como ocorre com as diferentes manifestações culturais de uma comunidade (como a música, as artes em geral, as cosmologias)"(p.34).

Num quadro mais geral, o descentramento da História é visto aqui como necessário à percepção dos entornos que constituem os campos em questão.

Segundo Clareto:

> [...] as investigações etnomatemáticas seriam um "dar voz" aos colonizados e aos excluídos, uma luta contra o etnocentrismo dos conhecimentos científicos e acadêmicos, uma expressão contra a colonização, a cultura colonizadora elitista. (CLARETO, 2002, p..34).

No trabalho desenvolvido por Fiorentini (1994), as pesquisas nas quais foi possível identificar vieses históricos inserem-se em áreas temáticas diversas como "Currículo escolar no ensino da Matemática", por meio de estudos dos fundamentos histórico-filosóficos e epistemológicos para a inovação curricular; "Prática pedagógica e/ou escolar", com estudos da prática docente através de histórias de vida; "Etnomatemática"; "Fundamentos teóricos da Educação Matemática", com estudos acerca da evolução histórica da Matemática; "Políticas oficiais sobre o ensino", com investigação sobre a evolução histórica dos programas oficiais sobre o ensino da Matemática no Brasil; e "História do ensino da Matemática".

Mais especificamente, esta última área é composta por trabalhos que propõem: o estudo da evolução histórica da resolução de problemas, relatos de detalhes históricos do ensino da Matemática no Brasil desde o século XVI, estudo do ensino secundário no Brasil e no Paraná, estudo das razões do abandono do ensino da geometria, do Movimento da Matemática Moderna e das raízes histórico-culturais do fracasso do ensino e da aprendizagem da Matemática no Brasil (Cf. FIORENTINI, 1994, p.138).

De todo modo, este interesse por estudos históricos, em qualquer abordagem, coloca-se como uma tendência expressa cuja origem é difícil de pontuar.

No EPEM- Encontro Paulista de Educação Matemática realizado na Faculdade de Educação da USP/ São Paulo em junho de 2004 foi possível identificar o interesse significativo entre os participantes do evento com relação à História da Educação Matemática pela maciça presença no Grupo de Discussão Temático "História da Educação Matemática no Brasil: construindo fontes de pesquisa para a análise de conteúdos e contextos".

Sob a coordenação de Wagner Rodrigues Valente, foram expostos trabalhos ligados ao grupo GHEMAT- Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática ligado ao Programa de Estudos Pós Graduados em Educação Matemática da PUC/São Paulo. Não se tratava, entretanto, de construção de fontes de pesquisa, mas de localização e resgate de materiais ligados ao cotidiano escolar que têm se constituído como fontes no desenvolvimento de pesquisas, tanto em nível de iniciação científica quanto de pós graduação.

> O grupo considera ser de fundamental importância construir bancos de dados de materiais que remetem a cotidianos escolares passados. Desse modo, dentre as produções do GHEMAT, figuram, em meio digital, provas de alunos e um inventário analítico de livros didáticos antigos. Há, também, um inventário de documentos de uma das principais figuras da educação matemática brasileira do período 1920-1950: o professor Euclides Roxo. (VALENTE; DUARTE; ALVAREZ et al., 2004, p.79-80).

É interessante observar que dos 158 trabalhos inscritos para o EBRAPEM-Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática de 2004, nove estavam inseridos no grupo temático História da Educação Matemática. Estes trabalhos abordam temáticas que envolvem o estudo de grupos, sua identidade e suas influências na Educação Matemática, o resgate da visão de antigos professores de Matemática das zonas rural e urbana e de educadores matemáticos ativos atualmente, o sistema escolar e os aspectos de permanência e mudança no movimento da Educação Matemática no Brasil.

Não buscando estabelecer barreiras entre uma linha de pesquisa e outra, já que é nítida e interessante a existência de diálogo e relação entre essas (como já apontado anteriormente), é curioso ressaltar que grande parte dos trabalhos inscritos no grupo temático de História da Matemática do EBRAPEM-2004 seria facilmente categorizada como mais propriamente pertencente à História da Educação Matemática. O que faz com que esses pesquisadores escolham, desse modo, o espaço em que inscrevem suas pesquisas?

A partir de discussões no EBRAPEM (e com Garnica e colegas do grupo de pesquisa "História Oral e Educação Matemática", em momento posterior) foi possível pensar essa questão em duas frentes: a idéia de preservação de grupo e uma possível confusão de fronteiras entre os campos de História da Matemática e História da Educação Matemática.

Com relação à preservação de grupo, o que se apresentou em alguns casos de trabalhos expostos no EBRAPEM foi o interesse, para o grupo de pesquisa ao qual o pesquisador pertencia, de estabelecer um diálogo com o coordenador de um grupo temático (História da Matemática) que, em princípio, não teria relação direta com a temática desenvolvida naquela pesquisa (História da Educação Matemática).

No que se refere à possível confusão ou ampliação de fronteiras entre os dois campos citados acima, esta se aliou ao interesse inicial de configurar um panorama,

ainda que primeiro, da História da Educação Matemática para colocar em cena uma tendência de trabalho que se apresenta como foco desta pesquisa. Dessa forma, a atitude da autora desta dissertação em apontar a pertença de determinado trabalho como mais "natural" ao grupo História da Educação Matemática e não ao da História da Matemática, encontra oportunidade de se justificar. É na delimitação desses campos que esta pesquisadora procurará pelas aproximações e distanciamentos que os compõem como dois campos distintos de investigação.

Miguel e Miorim (2002) buscando uma caracterização inicial da produção acadêmica no âmbito da História da Matemática[3] constatam que, a partir de 1999, a produção no campo da História da Educação Matemática amplia-se em relação aos campos da História da Matemática e da História na Educação Matemática.

Nesse sentido, é importante ressaltar o "1º Seminário Paulista de História e Educação Matemática – SPHEM: possibilidades de diálogos" realizado no período de 10 a 12 de outubro de 2005 no IME-USP. Este seminário teve como objetivos,

> - Reunir pesquisadores e interessados nas áreas de História da Educação Matemática e das relações entre História e Educação Matemática para debater temas filosóficos, históricos ou pedagógicos[...].
> - Debater o campo, os limites e o alcance dessa área de pesquisa, promovendo a reflexão sobre suas interfaces com a História, a História da Educação e a História da Matemática.
> - Disponibilizar para um público mais amplo – professores dos ensinos fundamental e médio, professores do ensino superior, alunos de graduação – resultados, conclusões e possibilidades de projetos nessa área.

Foi aprovado para apresentação (oral ou em pôster) um total de 69 trabalhos (dos 86 submetidos) ligados à temática do evento, com abordagem histórica, envolvendo trabalhos de "iniciação científica, resultados de pesquisa, projetos de pesquisa, propostas didáticas, relatos de experiência". As mesas redondas foram realizadas em torno das possibilidades de diálogos entre História, Cultura e Educação; História, Ciência e Educação e História e Educação Matemática (esta última envolvendo uma discussão específica acerca do trabalho com história oral).

Dessa forma, este se colocou como um importante momento de discussão entre aqueles que têm dedicado seus trabalhos a entender/efetivar a relação entre História e Educação Matemática.

[3] Foram analisados 169 trabalhos, "cerca de 40% deles pertencem ao campo da história da matemática, cerca de 20% ao campo da história da educação matemática, cerca de 15% ao campo da história na educação matemática[...]" (p.188).

Partindo do crescente interesse da comunidade em Educação Matemática – e desta pesquisadora, em especial - pela História da Educação Matemática optou-se por uma tentativa de delineamento acerca do significado e das bases definidoras da História da Educação Matemática e de outros campos que apontem para preocupações históricas nessa região de inquérito específica.

2.2.1) História E Educação Matemática

Vários têm sido os campos de investigação em Educação Matemática que se desenvolvem com uma preocupação histórica. Além dos campos História da Matemática e História da Educação Matemática outros campos[4] podem ser explicitados.

- **História na Educação Matemática**: no qual se inserem pesquisas que estudam a participação da História da Matemática e/ou da Educação Matemática na Educação Matemática (como prática pedagógica ou investigativa);
- **Estudos historiográficos**: no qual estão inscritas pesquisas que se dedicam a estudar aspectos da historiografia da Matemática ou da Educação Matemática;
- **Teoria da História na ou da Educação Matemática**: no qual são incluídas pesquisas de natureza filosófica que investigam questões relativas à História na Educação Matemática e/ou História da Educação Matemática destinadas ao ensino.
- **Campos afins**: nestes estão inscritas pesquisas cuja temática não se identifica com aquelas dos campos anteriormente descritos.

Dentre estes, destacaremos os campos **História da Matemática** e **História da Educação Matemática**, sendo este último de especial interesse para a composição deste nosso terreno.

A opção por delimitar algumas características desses dois campos justifica-se pela procura, desta mestranda, de uma noção mais clara das aproximações e distanciamentos que os constituem como campos distintos de investigação e que, portanto, permitirá uma melhor compreensão dos trabalhos analisados que se inscrevem no campo da História da Educação Matemática.

[4] O delineamento desses campos, bem como sua diferenciação, foi realizado segundo estudo feito por Miguel e Miorim, divulgado no ano de 2002.

2.2.2) História da Matemática

Atentando-se para a diferenciação que deveria ser feita entre histórias da matemática e fontes de estudo sobre a mesma, Miorim e Miguel (2001) optam por considerar como "histórias" os materiais que indicam pessoas que se envolveram na produção de determinado conhecimento, o contexto de tal produção e comentários técnicos acerca da Matemática produzida em determinada época. Dessa forma, é possível delinear o movimento de constituição deste campo autônomo de investigação a partir de considerações desse e de outros trabalhos (como o de NOBRE, 2002; MIGUEL e MIORIM, 2002)). Esses estudos apontam para as primeiras manifestações em textos acerca da História da Matemática, para a organização de publicações e de sociedades específicas nessa temática.

Como campo autônomo de investigação e, portanto, como um movimento de busca e não um conjunto de conhecimentos pura e simplesmente, Miguel e Miorim inserem neste campo todo estudo histórico que se dedica a investigar:

> [...] todas as dimensões da atividade matemática na história em todas as práticas sociais que participam e/ou participaram do processo de produção de conhecimento matemático: os modos de constituição e transformação dessa atividade em quaisquer épocas, contextos e práticas; as comunidades de adeptos e/ou as sociedades científicas ligadas a essa atividade; os métodos de produção e validação do conhecimento matemático gerados por essa atividade; os processos de abandono e incorporação de objetos antigos ou novos de investigação por essa atividade; a natureza e os usos sociais dos conhecimentos produzidos nessa atividade; os produtores de conhecimentos que se envolveram com essa atividade; as obras nas quais esses conhecimentos foram expostos; as instituições sociais que promoveram e/ou financiaram essa produção, etc. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.186. Grifos nossos).

A ampliação de fronteiras e o diálogo entre campos afins aproxima conceitos e especificidades.

> A partir do momento em que a história da matemática passa a ser vista, pela educação matemática, como um campo profícuo de interação, o próprio campo da história da matemática é estendido e, nesse sentido, fazer "história da matemática" passa a significar coisas distintas, tais como: fazer história da matemática propriamente dita, fazer história da educação matemática, realizar investigações teóricas ou de campo a respeito das relações entre história da matemática e educação matemática ou ainda fazer a história de todas essas histórias. (MIORIM; MIGUEL, 2001, p.60).

Retomando a idéia de que a produção de conhecimento se dá, principalmente, por meio de questionamentos, coloca-se a possibilidade de distinção desses campos pelo

tipo de indagação feita e pela forma e fontes onde são buscados apoios para pensar acerca desta indagação.

2.2.3) História da Educação Matemática

De acordo com Miguel e Miorim:

> Quando destacamos da atividade matemática aquela dimensão que se preocupa exclusivamente em investigar os processos sociais intencionais de circulação, recepção, apropriação e transformação dessa atividade, estaremos distinguindo, por inclusão, um novo campo de investigação que denominamos história da educação matemática. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.187).

As primeiras produções em História da Educação Matemática teriam surgido, segundo Miguel e Miorim (2002), "como fragmentos ou capítulos de textos de histórias gerais das civilizações, de histórias mais gerais da educação ou mesmo de histórias particulares da matemática"(p.181)

Esse campo de investigação é constituído, segundo estes autores, por todo estudo histórico que investiga:

> [...] a atividade matemática na história, exclusivamente em suas manifestações em práticas pedagógicas de circulação e apropriação do conhecimento matemático e em práticas sociais de investigação em educação matemática do modo como concebemos esse campo em todas as dimensões dessa forma particular de manifestação da atividade matemática: os seus modos de constituição e transformação em qualquer época, contexto e práticas; a constituição de suas comunidades de adeptos e/ou de suas sociedades científicas; os métodos de produção e validação dos conhecimentos gerados por essa atividade[...]. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.187, grifos nossos).

Em um mapeamento de Educação Matemática no Brasil realizado por Xavier (1997) a partir dos dados enviados ao INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais por instituições e profissionais que trabalham com a pesquisa em Educação Matemática, foram identificados quatro trabalhos no que esta autora chama de sub-área temática de "História da Matemática e História do Ensino de Matemática".

Estes trabalhos expressam metodologias muito próximas umas das outras e é interessante ressaltar que todos estes privilegiam a utilização de registros escritos. As metodologias utilizadas são expressas por cada autor como:

> pesquisa histórica de documentos, jornais e livros do século XIX. (SZTAJN, 1992[5]. In: XAVIER, 1997, p.85).

> a pesquisa envolverá diferentes fases: 1ª) coleta de material, em bibliotecas, arquivos, museus e sebos; 2ª) análise do material coletado; 3ª) análise do material; 4ª) redação e divulgação dos textos produzidos em seminários junto com os bolsistas e com o grupo de pesquisa do Paraná. Após, publicação dos resultados em periódicos especializados. (SILVA, 1997[6]. In: XAVIER, 1997, p.86-7).

> pesquisa bibliográfica. (OLIVEIRA, 1991[7]. In: XAVIER, 1997, p.88).

> enfoque historiográfico holístico e transdisciplinar, através do exame de fontes primárias e secundárias, conceituadas muito amplamente. Também é utilizado o enfoque proposto na basin metaphor como elemento de análise da produção e do impacto social da ciência e da tecnologia nos países centrais e periféricos. A pesquisa dessas fontes faz-se através de uma análise hermenêutica. (D'AMBRÓSIO, (na época, em andamento)[8]. In: XAVIER, 1997, p.90).

Na sub-área temática "Avaliação" é apresentada uma pesquisa sob responsabilidade de Eduardo Sebastiani Ferreira intitulado **O Uso da História na Educação Matemática**[9]. Este trabalho, ainda em andamento na época, reflete a expectativa com relação à utilização da História da Matemática, cujos objetivos seriam:

> 1) buscar na História da Matemática subsídios para o ensino da Matemática nos três níveis; 2) conscientizar os professores de que <u>a História da Matemática pode e deve ser uma ferramenta importante na Educação Matemática.</u> (In: XAVIER, 1997, p.14, grifo nosso).

A certeza, anunciada já nos objetivos da pesquisa, de que a História da Matemática seria importante na Educação Matemática expressa o direcionamento dado pelo autor em seus estudos e discussões acerca desse campo de investigação. Essa perspectiva, por sua vez, permite uma releitura do título do trabalho **"O uso da História na Educação Matemática"**, evidenciando uma possível redução do campo de possibilidades desse uso.

---

[5] Pesquisa **Ensinando Matemática para Entendimento: um Episódio do Século XIX** de Paola Sztajn, ligada à Indiana University, EUA.
[6] Pesquisa **A Evolução do Ensino Superior da Matemática nas Escolas Militares e de Engenharia no Século XIX no Brasil** de Circe Mary Silva da Silva, ligada à Universidade de Caxias do Sul (UCS).
[7] Pesquisa **Análise Não-Standard: uma Apologia ao seu Ensino** de Telma Alves de Oliveira, ligada à UNESP-Rio Claro.
[8] Pesquisa **Uma Historiografia Adequada para os Países Periféricos na Produção e Difusão do Conhecimento Científico** de Ubiratan D'Ambrósio. Pesquisa independente.
[9] Esta pesquisa contou com a equipe técnica executora: Ema Luiza Beraldo Prado, Roseli Alvarenga Correa, Maria Queiroga Amoroso, Mauro D. Silva, Ademir D. Caldeira. Trabalho ligado ao Instituto de Matemática, Ciências e Estatística/ Universidade Estadual de Campinas (IMECC/UNICAMP).

Uma outra questão, já apontada neste capítulo anteriormente, a ser considerada é colocada por Miguel e Miorim:

> A produção de histórias no campo da educação matemática está, é claro, condicionada às diferentes formas de se conceber a história, cada uma delas respondendo diferentemente a questões específicas desse campo de investigação. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.189).

Aliando essas discussões acerca de metodologias e concepções na pesquisa em Educação Matemática e em especial em História da Educação Matemática emerge uma discussão teórica que tem fundamentado o que tem sido chamado de história oral na Educação Matemática.

Começa-se, assim, a pensar no diálogo entre esses dois campos autônomos de investigação e a delinear os direcionamentos e o entorno que o constitui.

Bastidores

Considerando a estrutura de um campo autônomo de investigação como estabelecido em Miorim e Miguel (2001) e as discussões feitas acerca da história oral no primeiro capítulo desta dissertação, pode-se pensar a relação da Educação Matemática com a história oral como um diálogo entre campos específicos e autônomos de investigação. Antes, porém, de prosseguir nos estudos para a compreensão deste diálogo, e tendo em mente a grande influência da História nos trabalhos que têm pensado essa articulação, coloca-se a necessidade de um posicionamento, por parte desta pesquisadora, retomando a preocupação de Bicudo (1993) com relação à possibilidade de ingenuidade das afirmações acerca de uma área de conhecimento que o pesquisador pretende fazer dialogar com a sua.

Dessa forma, opta-se por expressar algumas considerações da autora dessa dissertação com relação à História. Tais considerações (a partir das quais a autora estabelece – e explicita – suas concepções sobre o tema), emergem de um diálogo entre pesquisadores cujas autoridades para falar dessa temática pareceram mais legítimas a julgar pelo reconhecimento acadêmico dos autores e não, ainda que isso possa soar de certa forma arrogante, por uma diferenciação entre os esforços por eles desempenhados para compreender o tema em relação ao nosso esforço.

História

Faz-se necessário, antes de qualquer incursão neste campo de negociações, tornar explícita a concepção que fundamenta, aqui, esta discussão. Cabe ressaltar que as visões aqui defendidas surgiram a partir de leituras e discussões que permearam esse processo de pesquisa, não se constituindo, portanto, como um posicionamento a priori.

A História - enquanto área que tem por objeto de estudo as representações acerca do vivido e por abordagem a essas representações a historiografia - é vista por esta autora como envolvendo um processo que não se caracteriza por objetividade, neutralidade ou imparcialidade, pela simples razão de ser um processo humano em todos os seus aspectos de ação, representação e estudo. A isso nos alertava Pierre Vilar (D'ALESSIO, 1998, p. 70):

> Não nos esqueçamos do olhar humano, pois seria absurdo simular indiferença ou neutralidade, já que toda obra é constituída também pelas tendências profundas do autor, o que já é um fato a ser estudado, pois a visão que se tem das coisas pode ser analisada, tanto quanto as coisas em si. Creio que a única objetividade é aquela que o próprio autor percebe e dá a perceber.

Mas a característica "humana" não é a única a ser considerada nestas discussões. Em acordo com Bloch (2001, p. 55) "o historiador não apenas pensa 'humano'. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração".

Dessa forma, a História traria em sua essência o homem e o tempo, ou ainda mais amplamente, como nos alerta Bloch, ela seria o estudo dos homens no tempo.

É também deste autor a afirmação de que o conhecimento das relações dos homens no tempo deve ser feita através de vestígios.

Para Ginzburg (2003) que atualiza – e aprofunda – essa afirmação de Bloch, o estudo por meio de vestígios e pistas caracteriza o chamado paradigma indiciário, cujas raízes são muito antigas e estão intrinsecamente ligadas à tendência expressa de identificação das causas a partir de efeitos.

Esse paradigma fundamentava uma trajetória iniciada na busca de vestígios, caracterizando o conhecimento histórico, vinculado a diversas disciplinas, como indireto, indiciário, permitindo a construção de um quadro descritivo acerca do objeto investigado.

É atribuída à literatura de imaginação (que apontava para descobertas imprevistas alcançadas por meio da inteligência) uma aspiração ao paradigma em

questão que leva à união de disciplinas diversas em busca de "profecias retrospectivas". Ao descartar o paradigma galileano, defende-se a idéia de que "quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferí-las a partir dos efeitos" (p.169).

O que antes havia sido impossibilitado pelas técnicas de quantificação emerge no processo de descrição e restituição de algo. É essa ampla gama de possibilidades, ligada às formas de saber da experiência cotidiana, que leva à renúncia do rigor anteriormente proposto pelas ciências da natureza.

A pretensão aqui não é buscar uma inserção em determinado paradigma, mas apontar que as considerações feitas por Ginzburg e inseridas neste trabalho trazem à tona duas questões: a necessidade de reforçar que o trabalho do historiador não se restringe à busca por causas – busca que segundo Rebérioux (1995) é sempre insuficiente - e um movimento que pode ser transposto para esta discussão da seguinte forma: são do presente as preocupações que fundamentam o estudo do passado, é neste tempo que encontramos os indícios e vestígios responsáveis pelo fomento de todo e qualquer estudo. É este movimento que caracteriza o método regressivo sugerido por Bloch (2001), pois, segundo ele "a *démarche* natural de qualquer pesquisa é ir do mais ou do menos mal conhecido ao mais obscuro"(p.67).

É importante ressaltar que o pesquisador não se apresenta "desarmado" perante esses indícios e pistas. Para Bloch:

> Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos todavia saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. [É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado.][1]. (BLOCH, 2001, p.78).

Dessa forma o autor reforça a idéia de que um documento só fala se se sabe interrogá-lo. E de que a sua compreensão se dá, também, no delineamento do terreno sobre o qual ele se constituiu.

Em acordo com Vianna (1995), a pesquisa histórica está sempre vinculada a preocupações do presente. As próprias transformações na historiografia são inseridas neste debate por Vovelle (1995. In: D'ALESSIO, 1998, p. 97):

[1] As notas que se apresentam entre colchetes nesta citação são originais do autor, acrescentadas na última versão do ***Apologia da História*** por seu filho Étienne Bloch.

> [...] mais que pela dinâmica própria de extensão das curiosidades e dos "territórios" do historiador, pode ser legítimo explicar essas transformações [...] pelo fato evidente de que todo historiador expressa, conscientemente ou não, as interrogações de seu tempo.

.1) História e Representação

Falar da História e do ofício do historiador é também falar de representações. Em entrevista realizada por D'Alessio (1998) em 1992, Madeleine Rebérioux (historiadora francesa que se dedicou profundamente ao estudo da classe operária, à história política) afirma que criar um livro de história é criar uma representação sobre o período ou temática estudada.

Ao discutir representação, alguns autores dedicam-se a explanações acerca da linguagem e da impossibilidade do pensamento sem a mesma. Outros focam imagens motoras ou visuais. Aqui, a representação será tomada como um processo responsável pela constituição de uma visão acerca de algo, de um olhar.

A respeito dessa temática Pierre Vilar posiciona-se da seguinte forma:

> De minha parte, diria o seguinte: atribuamos uma importância evidente e necessária à maneira como os homens representam as estruturas que os dominam e os fatos que lhes acontecem. Entretanto, depois de ter visto a mitificação ou a mistificação de tais estruturas ou de tais fatos, preservemo-nos bem para não reconstituirmos estas realidades, pois corremos o risco de perder algo que é essencial: como as realidades se transformam e, conseqüentemente, como a representação que se tem delas pode também – em seu ritmo – transformar-se. (In: D'ALESSIO, 1998, p. 29).

Esta posição traz à tona a idéia de versão como um olhar acerca do vivido e é este conceito que, nesta dissertação, substitui a idéia de uma "história verdadeira", defendida por muito tempo como aquela cuja correspondência com a realidade seria correta. Tal correspondência - direta, unívoca e inequívoca - é aqui tomada como impossível por ser a "realidade" o olhar sobre o vivido e, portanto, dada a necessária distinção entre os olhares possíveis de serem constituídos, plural em seu cerne.

Para Vovelle a história das representações constitui-se como uma das transformações mais marcantes da historiografia:

> Tem-se a impressão que o interesse do historiador não é mais a pesquisa de uma realidade, mas do "olhar sobre". Estamos atualmente num período do

> estudo do olhar sobre o olhar, abordagem que dá a sensação de desfazer toda uma parte da trama do discurso histórico. (In: D'ALESSIO, 1998, p. 84).

Esta nova perspectiva resgata a preocupação de Bloch com a idéia de terreno, de abordar o que se está a estudar sem esquecer a "civilização que [se] teve como atmosfera", lembrando que esta também é construída pelos olhos do presente. A isto estão ligadas, de forma mais imediata, as mudanças de significações atribuídas tanto a termos (como, por exemplo, o termo "paixão" que hoje é empregado de forma distinta daquela de antigamente, em que era assumido com o significado de sofrimento, afecção – "Paixão de Cristo") quanto a ações como a descrita por Ariès (2001), a partir da seguinte história contada por Lucien Febvre:

> De madrugada, o rei Francisco I saiu da cama da sua amante para voltar incógnito a seu castelo. Passou, então, em frente de uma igreja bem no momento em que os sinos chamavam para o ofício. Emocionado, ele parou para assistir a missa e orar devotamente.

Essa referência é feita por Áries para introduzir uma discussão acerca da mudança de mentalidades que marca épocas e culturas e que deve ser considerada em estudos dessa natureza.

Além das mudanças a serem percebidas e consideradas, com relação aos registros históricos, há uma ampliação no campo das fontes históricas que acompanha o movimento da historiografia.

Ao discutir a história oral, Thompson[2] ressalta a importância da oralidade como fonte histórica apontando que a expressão do sentimento sempre teve mais poder quando era dita e não escrita.

Para este pesquisador, a oralidade daria instrumentos para compreender coisas que a escrita não registra. Esta, expressa em documentos escritos, freqüentemente não relatava o que era usual, preferindo focar o incomum, como casamentos desfeitos, igrejas mal comportadas, etc.

Em acordo com Rebérioux,

> fontes novas estão hoje sendo exploradas pelos historiadores. Elas já estavam à sua disposição, mas eles não as utilizavam sistematicamente. Podem-se citar como exemplos: as entrevistas, cujas formas de registro e interrogação estão

[2] No Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social, realizado em 2003 pelo Museu da Pessoa.NET e pelo SESC São Paulo.

> hoje em evidência; as cartas, em que as pessoas dão o melhor de si[...]. (In: D'ALESSIO, 1998, p.120).

Bloch faz um alerta quanto às fontes de informação: "nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, [eles] também, podem ser falsificados"(p.89). O autor segue suas discussões colocando em pauta o método crítico como uma triagem entre a mentira e a verdade e alerta que "[...] não basta constatar o embuste. É preciso também descobrir seus motivos. Mesmo que, a princípio, para melhor rastreá-lo". A crítica deveria buscar, portanto, por trás de uma aparente impostura, o homem.

Essa busca, entretanto, deve ser cautelosa. Ao afirmar que o método crítico reconhece um testemunho como autêntico somente se este apresentar semelhanças com testemunhos vizinhos, o próprio Bloch questiona-se acerca do lugar reservado à descoberta. Afinal, como alerta este autor, a descoberta caminha junto à surpresa e à dessemelhança e "uma ciência que se limitasse a constatar que tudo acontece sempre como se esperava não teria uma prática proveitosa, nem divertida"(p.115).

Dessa forma, constatada a possibilidade de falsificação nas representações que se tornam públicas, reafirma-se a postura de busca pelos olhares que se expressam em registros históricos não somente como uma dura triagem que oscila na identificação do verdadeiro e do falso, mas, antes, como a constituição de versões e do terreno que a tornou uma "verdade", singular ou coletiva.

.2) História e Memória

Pretende-se aqui, dissertar, ainda que de forma apoucada e breve, acerca da memória, uma temática recorrente àqueles que se propõem a falar de História.

Rebérioux anuncia uma diferença, defendida neste trabalho, entre História e memória, afirmando que a coleta de memórias, apesar de ser indispensável aos historiadores, não se constitui como um possível sinônimo desta.

> Todas as memórias devem ser convocadas, evocadas, confrontadas, mas nenhuma delas, individualmente ou em conjunto, constituem a história. Esta consiste necessariamente na escolha e construção de um objeto, operação que pode dar-se a partir de evocações de lembranças, mas que não pode levar à redução da história a essas memórias. (1992; p.118-19).

Mas a memória não é o único fator relevante neste debate. Mitre (2003) argumenta acerca da grande importância assumida, na vida e na historiografia, pelo esquecimento. Para este autor:

> [...] a evolução do conhecimento depende não só da capacidade de preencher vazios, mas também da habilidade para criá-los, e que a reconstrução do passado, ao mesmo tempo que se apóia sobre velhas e novas descobertas, reclama disposição e método para esquecê-las. (MITRE, 2003, p.11).

Mitre aproxima-se da história de *Funes el memorioso,* contada por Jorge Luis Borges para discutir o esquecimento. O protagonista desta história, após um golpe acidental na cabeça, perde a capacidade de esquecer e de fazer abstrações, o que faz dessa experiência um exercício interessante na perspectiva que aqui se coloca.

As reproduções feitas por Ireneo (protagonista) seriam tão fiéis e detalhadas que levaria um dia para relatar o acontecido no período de um dia. Segundo Mitre, "empanturrado de informações, o Memorioso acaba sendo incapaz de contar uma simples história, o que exigiria reconhecer nos fatos algum tipo de estrutura, sentido ou direção – um desafio insuportável para semelhante prodígio"(p.15).

Ao comentar o trabalho de Borges, Mitre alerta para o perigo de que a história escrita sobre o impulso de duplicar o passado torne-se um depósito de escombros e lixo.

> A caça ao documento em qualquer temporada e o apetite insaciável pelos dados de que se jacta grande parte da produção atual originam-se, com freqüência, na mesma falácia que se adverte na estratégia narrativa de Funes, segundo a qual explicar um acontecimento equivale a reproduzí-lo em todos os seus pormenores e, portanto, quanto maior o número de informações à mão, mais próximo se estaria de aprisioná-lo. O resultado desta classe de proezas é, em geral, uma mixórdia de pérolas e desperdícios na qual resulta quase impossível reconhecer os traços de uma trama ou o corpo de uma simples história. (MITRE, 2003, p.17).

Dessa forma este autor ressalta alguns dos vícios de historiadores que, na busca pela memória duplicante, entregam-se aos dados recolhidos, numa postura ingênua, esperando que estes, sozinhos, digam o que há de ser dito sobre um determinado tempo histórico. Ressalta ainda que não é tarefa do historiador corrigir ou julgar aqueles de quem as informações originaram, nem tão pouco depositar nestes uma crença inquestionável. Há que se ter em mente a possibilidade de que as informações concedidas, embora possam não fazer sentido aos olhos do pesquisador, tenham se manifestado de forma coerente para aqueles que as relatam.

A própria idéia, já apresentada, de que o paradigma indiciário estaria ligado, de certa forma, à busca por profecias retrospectivas, pode ser retomada aqui com o devido cuidado para não recair na divinização da memória presente entre os gregos na antigüidade clássica. Para eles, a memória era uma deusa, Mnemósine, e o homem, ao ser transportado por ela ao cerne dos acontecimentos antigos, tornava-se um adivinho do passado.

Mitre indica a existência de uma articulação positiva entre memória e tradição oral, constatando que:

> Com a invenção e difusão da escrita, a Terra inteira transforma-se em uma superfície onde se inscreve a lembrança, provocando, entre outras coisas, mudanças na hierarquia dos sentidos: a vista ganha *status*, associando-se à idéia de verdade, e o ouvido passa a filiar-se ao enganoso canto das sereias. (MITRE, 2003, p.23).

Rebérioux coloca-se com um certo incômodo perante a idéia de "esquecimento do passado" e traz à tona uma questão interessante a ser considerada:

> Não sabemos o que é nosso passado. Somos nós que o constituímos. Portanto, a noção de esquecimento do passado deixa-me um pouco inquieta: dizer que esquecemos nosso passado significa dizer que ele existe em alguma parte, como um estoque de objetos que não podem ser esquecidos. Mas somos nós que escolhemos, nesse imenso passado, aquilo que será objeto de memória e de conhecimento. E o fazemos a partir de dois fatores: o primeiro, eu chamaria cívico, sublinhando que há muitas formas de civismo. Tomamos do passado aquilo que nos parece útil às lutas em que estamos engajados no mundo em que vivemos. [...] O outro fator que nos atrela ao passado é o do próprio conhecimento. Na realidade, quando um historiador volta suas atenções para um problema, nunca o isola de outros. Sua perspectiva é a de vê-lo compondo uma longa cadeia, vastos conjuntos [...]. (In: D'ALESSIO, 1998, p. 117-18).

Essa questão parece esbarrar em qualquer idéia de estrutura hierárquica de sentidos, colocando sob suspeição qualquer registro (escrito, oral, imagético, etc.) a que se tenha acesso em estudos históricos.

Encaminhando

Tendo sido caracterizados os campos da história oral, da Educação Matemática e da História da Educação Matemática (focos fundamentais nessa investigação) e tendo buscado por um posicionamento quanto à História (temática que perpassa todos esses

campos) volta-se à necessidade de apresentação do grupo de pesquisa “História Oral e Educação Matemática” como aquele que tem pensado e efetivado esta articulação.

Para apresentar devidamente este grupo, bem como sua trajetória, faz-se necessário uma breve “pausa” para explicitar a abordagem feita ao grupo, nesta pesquisa, os procedimentos metodológicos e discussões e posições que delineiam o olhar sobre as informações coletadas, sobre a constituição dos dados para a pesquisa e, antes ainda, sobre o próprio processo de “coleta”.

Capítulo 3

Discussões Metodológicas

"[...] every way of seeing [being] is also a way of not seeing [being]."

David Silverman

O ato de pesquisar, segundo Garnica (1999) "indicaria uma postura rigorosa, séria, sistemática, de disposição a uma busca, na realidade interminável, numa atitude de rodearmos aquilo que pretendemos conhecer"(p.67). À luz dessa idéia, este capítulo é organizado com o intuito de discutir e apresentar pressupostos, concepções e procedimentos que orientam este "rodear", constituindo-se, para tanto, de quatro momentos.

O primeiro deles, **Pesquisa: negociações**, procura delinear os primeiros movimentos e as aparentes contradições que emergem da pesquisa, em especial da relação pesquisador/pesquisados.

O segundo, **Pressupostos e articulações: uma discussão necessária** expõe, mais diretamente, alguns dos pressupostos orientadores de ações/opções no decorrer deste trabalho. Neste momento são expressas oscilações características de um processo de pesquisa e abordagens que se apresentavam coerentes com as visões defendidas até o momento. Essas questões tiveram um espaço próprio neste trabalho, embora estejam imersas em sua totalidade, por serem percebidas como legítimas e cruciais no processo de investigação.

Em seguida, são apresentadas considerações acerca das **Opções necessárias** ao processo de investigação, envolvendo discussões mais específicas acerca das **Entrevistas** e do **Estudo bibliográfico** como fontes de informação.

O último momento é dedicado a discussões sob o título **Alinhavando compreensões sobre o processo de análise**. Essas discussões envolvem as primeiras e possíveis considerações e encaminhamentos acerca das fontes utilizadas, de questões éticas que envolvem a pesquisa científica e dos cuidados necessários no que se refere à interpretação realizada e ao processo que a gerou.

3.1) Pesquisa: negociações

Coloca-se, já de início e em acordo com Alves-Mazzotti (2004), a pesquisa científica como uma construção coletiva e ressalta-se a importância de sua exposição a críticas por pares. Segundo Alves-Mazzotti, "as áreas do saber que mais progridem são aquelas que mais se expõem e que mais naturalmente aceitam a crítica mútua como prática essencial ao processo de produção do conhecimento" (p.145).

Essa idéia é ressaltada com o intuito de inserir em cena o grupo "História Oral e Educação Matemática", foco desta pesquisa, que se abriu a questionamentos e observações colocando-se como tema a ser estudado e seus membros como interlocutores constantes desta pesquisadora que nunca se furtaram a debater questões pertinentes ao encaminhamento deste trabalho.

Com este grupo em cena é possível procurar compreender como se dão as relações entre pesquisadores unidos na busca ao redor do trabalho com história oral na Educação Matemática, sua área de pesquisa. Junto a essa possibilidade, emergem as diferenças e similitudes que delineiam o tipo de relação que o constitui enquanto grupo e a difícil tarefa de perceber de que forma algumas das concepções que orientam essa investigação estão sendo influenciadas pelas discussões desenvolvidas dentro do grupo focado.

Essas influências acabam por se efetivar dado o significativo e constante contato entre entrevistadora e entrevistados. A participação desta pesquisadora nas reuniões do grupo em estudo, bem como dos eventos ligados ao trabalho desenvolvido pelo mesmo ocorrem, efetivamente, desde o segundo semestre de 2003 e espera-se que essas participações contribuam para a compreensão do movimento que constitui os trabalhos com história oral na Educação Matemática.

Assim, o início dessa participação no grupo deu-se como forma de contato e exploração das idéias e concepções envolvidas. A permanência nele, por sua vez, justifica-se por um aprofundamento dessa exploração e da possibilidade de reconhecer o Grupo de Pesquisa "História Oral e Educação Matemática" como o "ambiente natural" dessa investigação.

Para Denzin e Lincoln,

> [...] pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa, naturalística do mundo. Isto significa que pesquisadores qualitativos estudam coisas em seu ambiente natural, afirmando fazer sentido de, ou interpretar, fenômeno em

> termos do significado que as pessoas atribuem para ele. (DENZIN; LINCOLN, 2000, p.03)[1].

A participação desta pesquisadora no grupo de pesquisa "História Oral e Educação Matemática" e a conseqüente proximidade entre entrevistadora e entrevistados traz à tona, no momento de escrita deste capítulo, uma discussão acerca do distanciamento como exercício positivo ou não à pesquisa científica. A necessidade de "cuidados", no que diz respeito ao envolvimento com os entrevistados, numa investigação vai além do discurso positivista, quando de suas reivindicações por uma importante neutralidade, delineando outros (e diversos) discursos que se voltam à questão metodológica. Seja a metodologia vista como essencialmente procedimental ou, no viés adotado neste trabalho, como uma interface entre fundamentos teóricos e procedimentos de pesquisa.

A discussão acerca da necessidade ou não do distanciamento apresentou-se como pertinente perante o esforço em explicitar o processo de pesquisa e não como busca por uma objetividade reconhecidamente inexistente, como alertado acima. Dessa forma, são consideradas abaixo algumas das questões levantadas na literatura consultada de modo a esboçar os fatores que envolvem esse debate.

Para Wittgenstein (1968, apud SILVERMAN, 2000, p.832) aspectos de coisas que nos seriam mais importantes acabam escondidas por sua simplicidade e familiaridade. Em outras palavras, a naturalização ou familiarização que pode ser gerada pela proximidade seria uma das responsáveis pelo velamento de questões relevantes à pesquisa em questão. Na mesma direção, Goldenberg (2003) afirma que "o fato de ter uma convivência profunda com o grupo estudado pode contribuir para que o pesquisador 'naturalize' determinadas práticas e comportamentos que deveria 'estranhar' para compreender" (p.59). Dessa forma, o distanciamento seria um movimento necessário à compreensão das relações em foco e fundamental para que um estudo não oculte conhecimentos, mas revele-os de forma a produzir outros.

É, entretanto, importante argumentar por outra posição. Ginzburg (2003) afirma que "a tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador" (p.163). Este autor discorre acerca do "Tratado de

---

[1] *[...] qualitative research involves an interpretative, naturalistic approach to the world. This means that qualitative researchers study things in their natural settings, attempting to make sense of, or to interpret, phenomena in terms of the meanings people bring to them. (p.03)*

Arquitetura" de Filarete, colocando suas afirmações acerca da impossibilidade de construir dois edifícios idênticos, da incapacidade de reconhecimento de animais semelhantes como formigas, vermes... entre si e das diferenças nas semelhanças entre " 'as fuças tártaras, que têm todas a mesma cara, ou as da Etiópia, que são todas negras [...]'" para, então, propor que:

> Aos olhos de um arquiteto europeu, as diferenças mesmo pequenas entre dois edifícios (europeus) eram relevantes, as entre duas fuças tártaras ou etíopes, negligenciáveis, e as entre dois vermes ou duas formigas, até inexistentes. Um arquiteto tártaro, um etíope desconhecedor de arquitetura ou uma formiga teriam proposto hierarquias diferentes. (GINZBURG, 2003, p.163-4).

Reis (2004) coloca o distanciamento como uma das buscas positivistas no movimento historiográfico. Para os ditos positivistas o distanciamento do objeto estudado garantiria um "conhecimento histórico objetivo, um reflexo fiel dos fatos do passado, puro de toda distorção subjetiva"(p.18).

Ricoeur (apud GARNICA, 1992 e 2002) vai argumentar acerca da experiência vivida. Esta, enquanto experiência do outro, é intransferível. No diálogo com o outro, constrói-se uma paisagem a partir do dito por esse outro. Os significados são produzidos por ambas as partes (quando se tratando de entrevistas) já que mesmo para o entrevistado, ao narrar a experiência não se coloca como um reviver dessa experiência, mas como um ato de recordação e articulação da experiência vivida com o intuito de comunicá-la a alguém. No que se refere ao pesquisador, os significados são construídos em aliança com referências teóricas que se situam num espaço que não é o espaço próprio do pesquisador. Haveria então, em acordo com Garnica[2], um distanciamento natural entre entrevistador e entrevistado e, ainda, um "natural" estranhamento que emerge ao se pensar que não sou eu quem, para mim, narra suas experiências. Exige-se para isso, é claro, do pesquisador, uma "escuta atenta", diferente, em sua natureza, do mero "ouvir".

Em meio a essas discussões e ao necessário reconhecimento da subjetividade que permeia todo trabalho de pesquisa, optou-se por considerar como vital a explicitação do jogo entre aproximações e distanciamentos (por exemplo, da pesquisadora em relação ao grupo pesquisado), cabendo explicitar aqui a diferenciação de perspectivas existente com relação às posições ocupadas (seja de formiga ou arquiteto), como alertado em Ginzburg.

[2] A partir de discussões no grupo de pesquisa "História Oral e Educação Matemática".

A relação com o grupo aqui estudado aproximaria a prática desta pesquisadora da pesquisa participante, no sentido de que

> Um dos fundamentos da pesquisa participante está em que ela participa de algum momento da vida de uma comunidade [...] emprenhada em criar meios e situações de produção de conhecimentos: a) sobre suas condições atuais; b) sobre fatores causantes deste ou daquele domínio específico de suas condições atuais de vida social em geral ou tomada em alguma esfera específica [...]; c) sobre a sua história e memória; d) sobre dimensões de identidade; e) sobre esferas de experiências culturais locais ou regionais; f) sobre a conjuntura social mais ampla[...]. (BRANDÃO, 2003, p.301).

Entretanto, Brandão (1999) sugere cautela na denominação de uma pesquisa enquanto participante, diferenciando

- observação participante: em que o fio condutor do pesquisador deve ser, não ele ou a sua ciência, mas o da própria cultura em estudo, da forma como é expressa pelos sujeitos que a vivem;
- participação da pesquisa: em que o cientista e sua ciência deveriam constituir, inicialmente, compromisso e participação em relação aos projetos de luta do outro, a quem, "mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir"(p.12);
- pesquisa participante: na qual o pesquisador sente-se desafiado, em sua participação no trabalho político de classes populares, a compreender tais classes, "tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa"(p.13).

Brandão (2003) afirma que uma pesquisa cujo "lugar de decisão de processos e de produtos é uma instituição universitária, não é propriamente uma pesquisa participante"(p.300), poderia estar próxima de uma ou então fornecer subsídios para a realização de uma pesquisa participante. Uma das características da pesquisa participante seria um deslocamento de eixo (lugar, partilha e destino), migrando de centros especializados de produção científica do saber para "unidades de realização de práticas sociais concretas".

Essa restrição apresentada pelo autor parece não comprometer os fundamentos da pesquisa participante expressos em citação feita acima. Dessa forma, mais que uma denominação para o tipo de pesquisa aqui realizado, é importante explicitar que a comunidade estudada é o Grupo de História Oral e Educação Matemática e este estudo

engloba, em princípio, uma preocupação com a criação de situações de produção do conhecimento como as descritas por Brandão (2003).

Junto a essa idéia surge o que Goldenberg (2003) chama de *bias*. Ao negar a existência de neutralidade por parte do pesquisador, caberia a este reconhecer seu *bias*, ou seja, reconhecer a interferência de seus valores na seleção e encaminhamento da questão a ser estudada. No que se refere ao estudo de grupos, a autora adverte que "a melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa"(p.55).

Olhando para a participação desta autora no grupo de pesquisa focado, não é aparente, até o momento, qualquer tipo de desconforto ou intimidação por parte dos outros membros do grupo. É importante ressaltar a disponibilidade e atenção que os integrantes deste grupo têm demonstrado em relação a este trabalho e, em especial, no momento da entrevista, a colaboração que se evidencia em tentativas de evitar problemas de gravação ou dinâmica de entrevista pelos quais estes passaram quando eram eles os entrevistadores. Quanto às influências sofridas por esta pesquisadora em meio às discussões ligadas a este grupo, elas são evidentes em alguns casos e estão imersas na apresentação dos pressupostos que conduzem esta investigação.

3.2) Pressupostos e articulações: uma discussão necessária

Esboça-se aqui um outro pressuposto: a ausência de uma verdade e, portanto, a inexistência de um parâmetro cristalizado ou de categorias *a priori* que trouxessem à baila práticas de valoração (correto/incorreto; adequado/inadequado) dos dados constituídos a partir desta investigação.

A produção de conhecimento científico nas ciências humanas é tomada como um processo que se dedica à compreensão de fatores múltiplos interligados numa rede subjetiva e "individual" que se expressa socialmente imersa em outras relações, constituindo uma rede mais ampla de negociações e significados. Compreender essas relações e o que motivou a constituição de uma rede específica de relações apresenta-se como um trabalho que pede, em princípio, uma articulação de diferentes procedimentos em consonância com as teorias fundantes da investigação.

Essa articulação é denominada por Araújo e Borba (2004), Alves-Mazzotti (2004) e outros autores por "triangulação", e as principais formas de efetivação dessa prática estariam relacionadas às fontes e aos métodos. Reconhecendo a importância, apontada pelos autores, da multiplicidade de procedimentos por proporcionarem "diferentes visões de objetos semelhantes" (p.30), optou-se neste trabalho pela triangulação de fontes.

A noção de triangulação exposta acima coloca-se como inerente às práticas de grupos de pesquisa, efetivando-se nos trabalhos de cada integrante e na relação existente entre esses trabalhos e o que deles falam seus autores. Como afirmam Araújo e Borba (2004), "um trabalho em grupo permite que diversos focos sejam escolhidos, diversos procedimentos sobre o mesmo foco sejam utilizados proporcionando uma perspectiva mais global de um fenômeno estudado"(p.38). A discussão realizada por estes autores acerca da pesquisa em grupo e da multiplicidade de focos ressalta a necessidade de reconhecimento das "limitações" de qualquer pesquisa científica e do pesquisador que a conduz.

É interessante retomar a busca pela multiplicidade de olhares, informações e enfoques proposta pelos vários tipos de triangulação como uma característica constitutiva do que tem sido chamado Educação Matemática. Ampliando as noções esboçadas até o momento, a idéia de triangulação pode ser estendida para o diálogo entre áreas. Ao pensar a Educação Matemática como região fronteiriça é importante

trabalhar sua potencial possibilidade: o entrelaçamento de recursos e argumentos de diversas áreas para a compreensão de questões próprias da sua área.

A aliança destes pressupostos nos leva à abordagem qualitativa e, com ela, a outros pressupostos, num movimento cíclico de (re)formulações e encaminhamentos. Essa discussão metodológica (concepções e/ou efetivações) apresenta-se como uma constante na literatura acerca de investigação científica, em especial na Educação.

Segundo Lüdke e André (1986), a proximidade entre as ciências humanas e sociais acaba por incorrer em influências nas questões educacionais no que se refere às evoluções ocorridas nestas ciências. Assim, os fenômenos educacionais foram estudados por muito tempo segundo os modelos que serviam às ciências físicas e naturais. Denzin e Lincoln (2000) afirmam ainda que "historicamente, a pesquisa qualitativa foi definida dentro do paradigma positivista, onde pesquisadores afirmavam fazer boa pesquisa positivista com métodos e procedimentos menos rigorosos" (p.09)[3].

Em acordo com Lüdke e André (1986), ao questionar a possibilidade de decompor estes fenômenos em variáveis básicas, passíveis de quantificação e isolamento, questiona-se também a crença na separação existente entre pesquisador e objeto de pesquisa como garantia de objetividade e neutralidade da pesquisa. A partir de então se reconhece que "os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador. Nem este os enfrenta desarmado de seus princípios e pressuposições." (p.04). Mais além, na área da história, Bloch (2001) afirma que "os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los"(p.79). A posição evidenciada por Bloch, entretanto, parece não se ligar à idéia de que haveria um significado a ser apreendido, mas a de que o tipo de questão feita a determinado texto delimita a resposta a se "obter".

A abordagem qualitativa de pesquisa volta-se para processos em construção e trabalha essencialmente com dados descritivos. Essa abordagem, em evidente oposição aos ideais positivistas, caracteriza-se pelo reconhecimento da não neutralidade do pesquisador. A pesquisa científica é um processo dirigido, não espontâneo.

Garnica (1999), ao discorrer sobre esta abordagem, afirma que a existência de o mundo está condicionada a quem o percebe e essa percepção, por sua vez, é feita sob múltiplas perspectivas através da atribuição de significados. O autor alerta ainda para o pesquisador como agente no rigor da pesquisa, sendo ele o responsável pela divulgação

---

[3] *"historically, qualitative research was defined within the positivist paradigm, where qualitative researchers attempted to do good positivist research with less rigorous methods and procedures" (p.09)*

das discussões, da coleta de informações e de uma análise de dados que não pretenda uma classificação entre correto e incorreto, mas a geração de uma perspectiva possibilitada pelos olhares descritos no processo de investigação.

Opta-se então por esta abordagem, tendo em vista que ela proporciona "conclusões" transitórias que fazem sentido num determinado tempo e espaço e representam uma ponte entre o que se tem e a possibilidade de mudanças.

Garnica (1999) afirma que abraçar uma postura metodológica é explicitar uma visão de mundo. Dessa forma, partimos de um constante e necessário olhar sobre as formas de produção de conhecimento bem como do princípio de que nenhuma opção inicial por um certo recurso, no desenvolvimento de um trabalho, é gratuita. Propomos uma investigação quanto às questões que fundamentam a opção pela utilização de história oral em Educação Matemática e como, nos trabalhos desenvolvidos, essa concepção efetivamente opera ou parece operar.

3.3) Opções necessárias

Para refletir sobre a questão central dessa investigação, nos valemos de alguns recursos, dentre eles citamos a lista eletrônica do Grupo História Oral e Educação Matemática[4], os trabalhos já realizados por integrantes do grupo e as entrevistas com esses autores.

Utilizar para esta pesquisa a História Oral como método de investigação – o que, de fato, ocorreu e poderá ser percebido pelo leitor na continuidade deste trabalho – não foi uma opção a priori, foi, antes, resultado de todas as compreensões surgidas na trajetória da investigação.

No processo de pesquisa as buscas não são lineares, nem os caminhos e possibilidades únicos. Impõe-se, assim, a necessidade de escolhas e, junto a estas, a consonância dos procedimentos selecionados com os pressupostos teóricos esboçados anteriormente.

Seguem, desta forma, as opções negociadas.

3.3.1) Entrevistas

Vemos na realização de entrevistas um meio eficaz de condução do presente trabalho como uma análise em trajetória dos estudos desenvolvidos dentro do grupo em questão, e com possibilidades maiores de "embates" significativos à luz dos objetivos traçados, já que este se constitui como um trabalho compartilhado entre pesquisadora e entrevistados (todos interessados em discussões acerca da utilização da História Oral na Educação Matemática).

Em acordo com Silverman (2000), há diferentes abordagens à entrevista e às informações nela contidas. A abordagem realista sugere que a entrevista seja acompanhada de outras observações com o intuito de checar a precisão da fala de seus respondentes. Uma outra abordagem possível é a narrativa. Segundo o autor, esta vê nas entrevistas um meio de acessar histórias variadas através da descrição que as pessoas fazem de seu mundo. (Cf. p.823).

[4] Esse recurso, especificamente, embora não tenha sido utilizado de forma explícita no trabalho, embasou algumas de nossas considerações nesta dissertação, além de dar suporte para o entendimento da posição de vários membros do grupo e analisá-las à luz de informações provenientes de outros recursos.

Bolívar (2002) volta-se à questão da narrativa afirmando que para compreender algo humano, pessoal ou coletivo, é necessário contar uma história. Para este autor, a investigação biográfico narrativa se tem constituído como uma perspectiva específica de investigação educacional e não em uma metodologia.

> [...] um enfoque narrativo prioriza um eu dialógico, sua natureza relacional e comunitária, de onde a subjetividade é uma construção social, intersubjetivamente conformada pelo discurso comunicativo. O jogo de subjetividades, em um processo dialógico, se converte em um modo privilegiado de construir conhecimento[5]. (BOLÍVAR, 2002, p.43).

Procurando deixar de lado a busca pela verdade optou-se nesta pesquisa pela última abordagem, segundo as discussões realizadas por Silverman.

> Esta abordagem narrativa reivindica que, por abandonar a afirmação de tentativa de tratar as afirmações do respondente como potencialmente pinturas "verdadeiras" da "realidade", nós nos voltamos para análises métodos ricos culturalmente através de entrevistadores e entrevistados, em interesse, gerando afirmações plausíveis do mundo. (SILVERMAN, 2000, p.823)[6].

A entrevista é um momento de interação e esta característica apresenta-se, segundo Lüdke e André (1986), como um diferencial em relação a outros instrumentos de pesquisa como a observação unidirecional ou aplicação de questionários que, em geral, estabelecem uma certa hierarquia entre pesquisador e pesquisado (Cf p.33).

Optamos, mais especificamente, pela entrevista semi-estruturada que, segundo as autoras citadas acima, "[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações" (p.34).

Como "esquema básico" foi elaborado um roteiro com questões tidas como relevantes à luz do tema abordado nesta pesquisa (delineando o que tem sido chamado de história oral temática). É importante ressaltar que não houve, na elaboração deste roteiro, uma seqüência lógica a ser respeitada; mas um questionamento inicial a cuja

---

[5] *"[...] un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social, intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento". (Bolívar, 2002. p.43)*

[6] *This narrative approach claims that, by abandoning the attempt to treat respondent's accounts as potentially "true" pictures of "reality", we open up for analysis the culturally rich methods through which interviewers and interviewees, in concert, generate plausible accounts of the world. (p.823).*

resposta eram ligadas outras questões listadas, ou ainda, que se apresentavam pertinentes no momento. As questões presentes neste roteiro são oriundas de observações e discussões dentro do grupo em estudo. Elas apresentavam-se como relevantes nas posturas teóricas assumidas pelos integrantes desse grupo desde o segundo semestre de 2003, quando esta pesquisadora começa a participar efetivamente das discussões e, ao que tudo indica, estavam já presentes em discussões anteriores.

Foram selecionados para as entrevistas e pesquisa de material para análise bibliográfica, dez pesquisadores do grupo "História Oral e Educação Matemática" segundo o critério expresso abaixo.

3.3.2) Estudo bibliográfico

A proposta de estudo bibliográfico envolve a opção por trabalhos já finalizados e esta se justifica por estar a história oral, em Educação Matemática, sendo constituída ao mesmo tempo em que os trabalhos vêm sendo desenvolvidos. Dessa forma, voltar-se para os trabalhos já concluídos nessa linha é observar como se efetivou, neles, esse modo de investigar. A escolha dos depoentes deu-se, em princípio, mediante o critério "ter finalizado um trabalho em Educação Matemática valendo-se da história oral".

A utilização das fontes escritas coloca-se como um interessante meio de estabelecer um diálogo entre concepções expressas na prática do pesquisador e em seu discurso posterior. Não há, neste texto, a intenção de estabelecer uma hierarquia de dados escritos perante as informações oriundas de entrevistas, ou o contrário. Assume-se aqui a idéia de inexistência de supremacia entre fontes, em especial aquela, defendida durante muito tempo, da escrita perante o oral (Cf. GARNICA, 1998).

Dessa forma, a triangulação de fontes proposta anteriormente não adquire necessariamente as mesmas características do exemplo citado por Borba e Araújo (2004) quando de suas discussões acerca de questões metodológicas de pesquisa em Educação Matemática: "Quando checamos, por exemplo, as informações obtidas em uma entrevista com as atas de uma reunião sobre um mesmo assunto, estamos fazendo uma triangulação de fontes." (p.35). O processo de triangulação, neste estudo em específico, não estará voltado à checagem de uma fonte por meio de outras, mas à relação entre versões, cujo pensar poderá contribuir na formação de uma outra.

Os pressupostos teóricos[7] que fundamentam as opções relatadas neste capítulo levam à necessidade de um olhar sobre os textos selecionados em busca do processo pelo qual estes descrevem sua prática.

Silverman utiliza o termo "texto" como um dispositivo heurístico para identificar dados consistindo de palavras e imagens que foram registradas sem a intervenção do pesquisador (Cf. p.825) e embora trate "texto" de forma separada da entrevista, reconhece a possibilidade de artificialidade ao fazê-lo, já que ao pensar a entrevista como narrativa, admite a possibilidade de olhar para as mesmas características trabalhadas em textos.

Nesta pesquisa, texto será tomado, numa forma mais restrita, como discurso fixado pela escrita como faz Paul Ricoeur em determinado momento de sua obra. Em acordo com Garnica (2002), o que se mostra no texto é a intenção de dizer do autor e é com essa intenção que o leitor dialoga no momento da leitura. Sendo assim, para este autor, "o que se fixa pela escrita é um discurso que se manifestou, mas que é fixado porque não se o diz mais"(p.49).

Considerando essas questões, voltar-se às entrevistas é um interessante exercício de perceber a dinâmica e a continuidade de um processo (ao considerar a interação entre entrevistador e entrevistado) que ultrapassa a necessária fixação (talvez cristalização?) pela escrita. Sendo assim, as entrevistas colocam-se como um interessante exercício de revisão da literatura publicada pelos depoentes.

[7] Que como todos os pressupostos, possuem uma imensa carga de formação cultural.

3.3.3) Das intervenções

As entrevistas realizadas com membros do grupo História Oral e Educação Matemática foram transcritas, textualizadas e devolvidas aos depoentes para conferência.

Este processo de conferência termina com o encaminhamento das correções das narrativas, como proposto pelo entrevistado, e engloba algumas negociações sobre estilo e conteúdo que serão apontadas (ainda que em linhas gerais) a seguir.

- Ivete Maria Baraldi: Sugeriu algumas correções quanto ao estilo de fala registrado na textualização e a retirada de um parágrafo que não estaria diretamente relacionado ao tema desta pesquisa. A entrevista foi realizada em sua residência, em Bauru;
- Silvia Regina Vieira da Silva: Fez correções minuciosas na textualização, envolvendo estilo de escrita, pontuações, construção de parágrafos e retirada de alguns parágrafos que repetiam, segundo a entrevistada, idéias já presentes em outros momentos da narrativa. As correções foram feitas e o texto foi reencaminhado para conferência junto com um pedido de disponibilização da carta de cessão autorizando a utilização daquela versão nesta pesquisa. A entrevista foi realizada na residência de sua sogra, em Rio Claro;
- Michela Tuchapesk: solicita uma nova cópia da textualização que lhe havia sido encaminhada, para substituir a que havia perdido. Faz poucas correções ocultando alguns nomes citados e opiniões acerca de algumas pessoas. Reestrutura algumas frases e agenda uma data para discutir cada uma das suas sugestões de alteração. Nesse dia também foram discutidas propostas de sinônimos para alguns termos e a reescrita de uma frase. A entrevista foi realizada na sala de reuniões dos discentes da PGEM, na UNESP de Rio Claro.
- Marisa Resende Bernardes: permaneceu fora de contato por um considerável período de tempo. Retomando esse contato, fez correções quanto a vícios de linguagem e inserções que julgou pertinentes para melhor compreensão das idéias registradas na textualização. A entrevista foi realizada em quarto de hotel, onde Marisa estava hospedada, em Bauru.
- Carlos Roberto Vianna: via e-mail, pede para que sejam encaminhadas a ele, de forma destacada, somente as questões que ele deveria esclarecer (como trechos

incompreensíveis da fita, nomes de autores citados). Responde a estas questões pontuais e comunica que não irá alterar o conteúdo da entrevista, requisitando somente uma cópia do texto, após todas as correções, que será incluído na dissertação. A entrevista é realizada em dois momentos, o primeiro deles realizado em sala de seminário na UNESP de Rio Claro e a segunda no saguão do hotel onde Carlos estava hospedado, em Rio Claro;

- Gilda Lúcia Delgado de Souza: solicitou as fitas para conferência de trechos que não haviam sido identificados no momento da transcrição. Tendo em vista o baixo volume da gravação esta pesquisadora responde a um e-mail da depoente (no qual verificava como estava indo o processo de correção) sugerindo um trabalho conjunto de identificação daqueles trechos. Os preparativos para a defesa de doutorado desta depoente leva-a a pedir um prazo maior para conferência dos textos da entrevista: agosto de 2005. No final de setembro foi realizado um encontro entre entrevistada e pesquisadora para discutir possíveis alterações na textualização e alguns nomes que haviam sido citados no momento da entrevista. A entrevista foi realizada em seu escritório de estudo em Rio Claro;
- Antonio Carlos Carrera de Souza: encaminha parte da correção da textualização para verificar o direcionamento de seu trabalho de correção. Encaminha o texto totalmente corrigido, constando de assinalamentos distintos para trechos que deveriam ser retirados e trechos que deveriam ser incluídos para esclarecimento de algumas das idéias expostas na entrevista. Foram feitas várias alterações desse tipo e, embora o entrevistado tenha autorizado a versão de sua entrevista para o exame de qualificação, afirma que continuaria trabalhando no texto. A entrevista foi realizada no escritório de Gilda, em Rio Claro.
- Rosinéte Gaertner: em reunião específica com a autora desta dissertação, a entrevistada falou das correções feitas no sentido de complementar algumas das idéias colocadas e de sugestões quanto à construção de parágrafos. A textualização foi conferida após as correções sugeridas. A entrevista foi realizada no quarto do hotel em que Rosinete estava hospedada, em Rio Claro;
- Ivani Pereira Galetti: por problemas ligados à instituição com a qual possui vínculo empregatício, Ivani acaba adiando a entrevista por cerca de quatro meses. Por solicitação dessa depoente, o roteiro de entrevista foi disponibilizado

via e-mail com bastante antecedência. Ivani mostrou-se bastante ansiosa com a realização da entrevista, o que pôde ser confirmado pela evidente preparação desta com relação ao que iria ser dito. A entrevista foi realizada em sua residência, em Dracena.

- Antonio Vicente Marafioti Garnica: a entrevista é realizada em sua sala no Departamento de Matemática da UNESP de Bauru. Fez poucas correções em nomes e estruturas de frase.

É interessante ressaltar que, tendo em vista suas experiências com pesquisa e, em específico com entrevistas, os depoentes compartilharam preocupações como posição do gravador (se este estava próximo, fora de correntes de ar), presença de barulho como fator relevante na escolha do local a ser realizada a entrevista, cuidados para evitar interrupções por parte de terceiros, aumentar o tom de voz, entre outras.

3.4) Alinhavando compreensões sobre o processo de análise

A opção pela abordagem qualitativa é feita, nesse trabalho, considerando o posicionamento de Bolívar:

> [...] É curioso catalogarmos como "qualitativa" uma investigação pelo modo como os dados são recolhidos (notas de campo, observação participante, entrevistas, etcétera), quando o que a faz qualitativa deveria ser, antes, como ressalta a "teoria fundamentada", o modo como se analisa e "representa"; isto é, a forma distinta com que se faz emergir a teoria[8]. (BOLÍVAR, 2002, p.50).

A pesquisa qualitativa, de acordo com Denzin e Lincoln (2000), não possui um método ou prática própria e singular. Segundo estes autores, ela é inerentemente política e multi-paradigmática.

Essa multiplicidade de possibilidades não facilita a discussão sobre um fator muitas vezes polêmico e delicado: a análise.

Na pesquisa qualitativa, é difícil pontuar em que momento esta se inicia e talvez essa dificuldade se mostre impune tendo em vista que não há como fazer tal pontuação. Sendo assim, a opção aqui será por discutir e apresentar alguns momentos do processo de pesquisa e, para tanto, se faz necessário acrescentar que a ordenação dessas discussões neste texto dificilmente representariam a dinâmica e o movimento que o caracterizam.

Considerando esse processo, de forma geral, pode-se caracterizá-lo por meio de aproximações com vários e distintos paradigmas que, embora não o englobem totalmente, delineiam alguns caminhos e movimentos. Uma destas aproximações ocorre em relação ao paradigma indiciário, em acordo com as caracterizações feitas por Ginzburg (2003). Essa aproximação pode ser proposta aqui com referência à busca por indícios que possibilitem, a partir dos efeitos (práticas e discursos acerca da história oral na Educação Matemática), uma aproximação com o que poderia ser denominado "causas" (antecedentes que levaram à opção pela história oral nesta região específica).

Mais especificamente, um dos momentos a se considerar é o da entrevista (ou o que o segue?). Optou-se, na pesquisa, por um trabalho de "edição" da entrevista que

---

[8] *"[...]Es curioso que solemos catalogar de 'cualitativa' una investigación por el modo como recoge los datos (notas de campo, observación participante, entrevistas, etcétera), cuando lo que la hace cualitativa debería ser, más bien, como resaltó la 'teoría fundamentada', el modo como se analizan y 'representan'; es decir, una forma distinta de hacer emerger teoría". (p.50)*

envolve basicamente duas etapas: a transcrição e a textualização. Com a transcrição pretende-se ao máximo conservar entonações, vícios de linguagem, risos, silêncios, passando para a forma escrita o que antes se preservava unicamente no domínio da oralidade. Já a opção pela textualização decorre de discussões realizadas dentro do grupo em estudo e da convergência de idéias entre pesquisadora e demais membros nessas discussões. Dessa forma, a textualização como transformação da transcrição num texto corrido, em primeira pessoa (o depoente), com uma reorganização de idéias, surge numa tentativa de apresentação integral do sujeito. A eliminação de vícios de linguagem, a diluição das questões do momento da entrevista nas respostas permite uma maior fluência na apresentação das idéias colocadas pelo depoente, eliminando as fragmentações presentes na transcrição, permitindo aos leitores uma visão "inteira" do entrevistado e a este uma maior proximidade ao que poderíamos chamar de "visão de um espelho" e não mais do que, nesses termos, poderia ser reconhecido como "estilhaços". Essa visão lhe garantiria a possibilidade de identificação de lacunas a serem complementadas, informações a serem ocultadas, enfim, uma possibilidade maior de intervenção sobre o discurso ali fixado. Cabe ressaltar, em acordo com Garnica (2004), que "a textualização constitui-se um texto em colaboração. Não é mais o texto do depoente, mas, sim, um texto do pesquisador, elaborado à luz das falas dos colaboradores"(p.94) e, portanto, um exercício de análise.

Mais recentemente a idéia de organização da textualização tem sido pensada como uma possibilidade de explicitar os momentos em que a fala do pesquisador direciona o depoente (quanto a responder ou não determinada questão e/ou quanto ao tipo de resposta elaborado naquele momento). Dessa forma, preservar as questões principais feitas pelo pesquisador no momento da entrevista pode apresentar-se como uma forma de evidenciar encaminhamentos e, ao mesmo tempo, garantir uma certa fluência na narrativa constituída.

Uma das intervenções efetivadas neste processo é feita em momento posterior ao de transcrição e textualização e refere-se ao processo de "conferência". É após esse processo de complementação/ocultação/correção/reconhecimento que o entrevistado autoriza a utilização, por parte da pesquisadora, desse material (neste caso em particular, da transcrição e textualização) para fins acadêmicos, e o faz através de uma carta de cessão.

Essa idéia traz à tona a textualização enquanto um trabalho do pesquisador, um esforço na produção de um texto (a partir da entrevista) que expresse um encadeamento

de idéias cuja autorização para publicação, dada pelo entrevistado, revelaria esse mesmo texto como "algo que ele diria/escreveria" sozinho.

Dessa forma, a questão ética que envolve a pesquisa científica não seria um cuidado ulterior ao processo de análise, mas parte deste. O cuidado em não "violar confidências ou causar danos às pessoas que se estuda" (Goldenberg, 2003: 99) ou mesmo de avaliar o que deve ou não se tornar público é algo que deve possuir um espaço em meio às negociações das entrevistas: é direito do entrevistado ocultar informações já ditas no momento da gravação ou acrescentá-las quando julgar necessário. Em outras palavras, o entrevistado tem pleno direito sobre suas memórias e efetivar a possibilidade que ele tem de exercê-lo coloca-se como uma questão ética a ser exercitada.

Neste trabalho, entretanto, a abordagem qualitativa, como já expresso anteriormente, é vista no viés da geração de uma perspectiva emergente dos diversos olhares (pesquisadora e pesquisados) descritos no processo de investigação. Sendo assim, em vez de verificação, este momento estaria reservado a um último diálogo frente à perspectiva apresentada sendo então, um meio de ampliar esta perspectiva antes de torná-la pública e expô-la ao questionamento por pares. Este questionamento, por sua vez, coloca-se como essencial ao pesquisador para que este não se submeta à enganosa sensação de que é sua a única interpretação possível no processo de pesquisa.

Essa questão é abordada por Silverman (2000) que alerta para o perigo de assumir uma correspondência um-a-um entre as categorias identificadas pelo pesquisador e aspectos da "realidade" que pretende descrever.

O equívoco dessa correspondência pode ser visto anteriormente se considerarmos as argumentações esboçadas acerca da noção de leitura, da não transferência de experiências vividas e outras.

O termo "participante" aparece, junto a outros, neste trabalho, como forma de ressaltar a visão do entrevistado como um colaborador, um sujeito que, ao estabelecer um diálogo com o pesquisador, tornou possível a discussão, elaboração e negociação de conhecimentos, o surgimento de novas perspectivas. A necessidade de expressar a visão acerca do entrevistado no processo da pesquisa vem à tona, por exemplo, quando em conferência realizada em 25 de março de 2004[9], Bernard Pietre expõe alguns dos abusos

[9] II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru/SP.

existentes no contato com o outro: a humilhação como suprimento do sentido que vem do outro e a dominação que emerge ao tornar o outro um objeto.

Este "tornar o outro um objeto" pode ser entendido como uma prática de aplicação e imposição de teorias e métodos escolhidos a priori e de forma independente dos participantes da pesquisa. A negação a este processo de "tornar objeto" não se limita às considerações terminológicas feitas acima, mas coloca-se como recorrente em vários momentos deste texto. Dessa forma, pode-se afirmar, em acordo com Silverman (2000), que "uma tal ligação entre cultura e método poderia ser uma oportunidade para questionarmos a nós mesmos sobre nossas preferências metodológicas" (p.822)[10].

O cenário que se pretende constituir a partir das entrevistas e leituras acerca da história oral na Educação Matemática envolve análises específicas que se configuram com a organização/reestruturação dos conteúdos da entrevista (na textualização) e com as tentativas de suturas e de apontar direcionamentos nessa área, a partir dos trabalhos desenvolvidos por estes pesquisadores. Nesta busca por suturar as discussões encontradas na bibliografia (produzida pelos entrevistados) consultada tenta-se esboçar várias das ligações estabelecidas por esta pesquisadora neste processo de pesquisa, bem como expressar as concepções apontadas e/ou defendidas pelos entrevistados.

3.4.1) Repensando opções

A opção pela leitura dos trabalhos dos depoentes como um trabalho posterior ao da realização das entrevistas foi feita com o intuito de perceber se e como, no momento da entrevista, o entrevistado abordaria questões (com relação a trabalhos já finalizados) que julgasse pertinente de serem ressaltadas/atualizadas. Por outro lado, essa opção impediu o levantamento de questões importantes que haviam sido abordadas em determinada publicação e que não foram retomadas, ou o foram de forma menos aprofundada do que poderia ter sido.

Uma outra questão a ser ressaltada é quanto ao processo de fixação da oralidade pela escrita, mais especificamente, quanto à textualização. A opção por fundir nas respostas as questões colocadas por esta pesquisadora no momento da entrevista pode ocultar informações relevantes ligadas à influência da pesquisadora na condução de determinada discussão. Dessa forma, não ficam explícitos os momentos em que a

[10] *"[...] such a link between culture and method should be an opportunity to question ourselves about our methodological preferences" (p. 822).*

intervenção da pesquisadora colocou-se de forma decisiva no direcionamento de algumas questões, o que, por outro lado, não impede que o leitor tenha acesso a isso consultando a transcrição literal. A idéia é que esse tipo de busca fosse desnecessário frente à preservação, na textualização, do caráter interativo da entrevista. Essa última idéia faz-se presente em dois momentos no trabalho de textualização: o primeiro está ligado à primeira etapa da entrevista com Carlos Roberto Vianna. Nesta são preservadas as principais questões e colocações desta pesquisadora com o intuito de revelar as inquietações/questionamento do próprio entrevistado com relação à entrevista e à própria pesquisa (parece ter sido uma "entrevista mútua"). O segundo refere-se à entrevista realizada com Antonio Vicente Marafioti Garnica, conhecendo os encaminhamentos dados por esta pesquisadora quanto aos processos de transcrição e textualização e, tentando ganhar tempo na realização deste trabalho, Garnica sugere que, a partir da gravação, fosse elaborado um texto no estilo, já, da textualização. Para atender a essa sugestão e, ainda, à inquietação colocada acima (de deixar indicadas as intervenções feitas pelo pesquisador no momento da entrevista) procurou-se realizar um trabalho distinto dos feitos anteriormente, preservando na textualização as principais questões que geriram esse diálogo com o cuidado para manter a característica de discurso integral do depoente, colocado anteriormente.

Capítulo 4

História Oral e Educação Matemática: um olhar sobre a literatura

Este texto dedica-se a apresentar uma discussão acerca da utilização da História Oral na Educação Matemática dentro do grupo focado. Os entrevistados colocam-se como principais autores da literatura de referência neste debate.

Foram consultados, para a elaboração deste texto, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos ligados à temática que se coloca como recorrente neste trabalho.

Dessa forma, pretende-se constituir um primeiro cenário da História Oral na Educação Matemática, o que indica não somente um esforço em traçar características e delimitações de lugares, pessoas, ações, mas também em estabelecer uma articulação (das idéias presentes nas publicações e, num outro momento, nas entrevistas – por meio da estruturação das textualizações) que possibilite uma compreensão das personagens e de seus movimentos.

Este capítulo é desenvolvido em dois momentos. O primeiro deles, **Um olhar sobre a literatura: algumas suturas**, dedica-se a um diálogo entre as publicações disponíveis, no qual artigos, capítulos de livros, teses e dissertações suturam um primeiro quadro (bibliográfico) sobre o tema em questão. O segundo, **Pós Graduação: um pequeno inventário**, dedica-se a uma apresentação de resumos de teses e dissertações consultadas neste trabalho.

4.1) Um olhar sobre a literatura: algumas suturas

O grupo "História Oral e Educação Matemática" começa a ser estruturado de forma mais sistemática em 2002 com a realização do I Seminário de História Oral e Educação Matemática, realizado na UNESP- Universidade Estadual Paulista - Bauru. De acordo com Bernardes (2003), neste evento a história oral foi exaustivamente discutida enquanto metodologia. Em referência a essa discussão, a autora ressalta dois pontos relevantes: o primeiro deles seria a observação feita pelo professor Antonio Carlos Carrera de Souza de que a utilização dessa metodologia só seria válida se resultasse na produção de um documento e o segundo seria a aceitação dos presentes por uma tentativa de síntese elaborada por Antonio Vicente Marafioti Garnica de que "o trabalho de pesquisa desenvolvido segundo uma perspectiva qualitativa, ao adotar como método a História Oral, deverá resultar em um documento, sendo esse documento considerado uma 'enunciação em perspectiva'"(BERNARDES, 2003, p.98).

Em consulta à Plataforma Lattes do CNPq (base de dados ligada ao censo de 2002)[1] pode-se encontrar os objetivos apontados pelo grupo "História Oral e Educação Matemática" que se apresenta inscrito em duas linhas de pesquisa: História Oral e Educação Matemática e História da Educação Matemática.

Interessado no estudo da interface História Oral/Educação Matemática, o grupo expressa interesse em contribuir com os trabalhos sobre História da Educação Matemática Brasileira. Com relação à linha História Oral e Educação Matemática, os objetivos expressos são "[...] a) desenvolver referencial teórico de sustentação às iniciativas de utilização da História Oral em investigações em Educação Matemática e b) Analisar os desdobramentos da utilização desse referencial em pesquisas específicas (construção de modelo-em-ação)". No que se refere à linha História da Educação Matemática, o objetivo colocado é o de "constituir um mapa da movimentação da formação de professores no país, suas concepções e suas práticas".

Mais recentemente Garnica (2005a) aponta para uma possível delimitação do trabalho do grupo "História Oral e Educação Matemática" em duas frentes: a Educação Matemática e a História da Educação Matemática.

---

[1] Informações disponibilizadas em http://lattes.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330708_ZKHHFK4. Consulta feita em 13/05/2005.

Na busca do que poderíamos chamar de inventário das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do grupo, Garnica (2005a) considera que:

> Buscando inscrever-se na tendência História da Educação Matemática, estão os projetos que visam à constituição de um mapa da trajetória de formação de professores nos estados de São Paulo (Litoral, Centro, Extremo-Oeste e zona rural), Santa Catarina, Goiás, Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso. Além desses, há projetos cuja intenção é conhecer e analisar a produção de núcleos – institucionalizados ou não – em Educação Matemática como é o caso do NEDEM (Núcleo de Estudo e Difusão do Ensino de Matemática), vinculado ao processo de implantação da Matemática Moderna no estado do Paraná, do CEM (Centro de Educação Matemática, de São Paulo) e do próprio GHOEM. Alguns desses projetos pretendem, ainda, entender a identidade de grupos de ensino e pesquisa; e analisar instituições e órgãos responsáveis por diretrizes curriculares que se estabeleceram como singulares para a educação nacional (este é o caso da CENP- Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo).
> No campo mais geral da Educação Matemática (investigações que utilizam a História Oral não necessariamente desenvolvendo estudos de teor histórico – no sentido mais clássico dado ao termo 'histórico') incluem-se projetos que estudam a relação escola-família-matemática; a profissionalização e as concepções dos professores de Matemática; e, finalmente, resistências, utopias e preconceitos.

As considerações feitas por Garnica, bem como o viés presente nos outros trabalhos estudados, indicam uma "característica histórica" marcante. Essa característica faz-se presente nas considerações acerca da natureza dos documentos, do papel do pesquisador em sua constituição e no posicionamento (ou busca de) sobre História, assumido pelos pesquisadores.

Em 03 de agosto de 2004, Garnica, ao apresentar o GHOEM[2] num seminário temático[3] para o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro, aponta para a necessidade de explicitação da visão dos pesquisadores desse grupo sobre documento, História, verdade e método. Nesse seminário, Garnica afirma que o grupo se constitui sobre princípios inegociáveis que poderíamos chamar de pontos de consenso. Seriam eles:

- Substitui a idéia de "A História", "A Verdade", pela idéia de versões que se apresentam mais ou menos elaboradas;
- Desenvolve um trabalho que foque tanto "heróis" quanto "excluídos", voltando-se para a importância do estudo dos homens no tempo;

[2] Grupo de História Oral e Educação Matemática.
[3] O Seminário Temático aqui referido foi realizado em três momentos distintos no segundo semestre de 2004. Foi organizado por Emerson Rolkouski e Luzia Aparecida de Souza em forma de mesas redondas com os professores responsáveis por grupos de pesquisa internos à PGEM.

- Reconhece esse trabalho como voltado para o passado e para o presente;
- Compartilha de concepções ou possui concepções próximas acerca de verdade, método, história, documento, Educação, Educação Matemática;
- Considera a importante posição da oralidade nesse panorama;

Garnica afirma, em sua fala, que o grupo reconhece distintas metodologias, distintos "lugares" ou regiões de conhecimento com os quais negocia, mantendo sua posição de inscrever-se como um grupo de Educadores Matemáticos.

Para este pesquisador, as verdades são um percurso de estabelecimento de verdade e esta visão estaria diretamente ligada à necessidade de ressignificação da História (que começaria a ser feita a partir de discussões propostas pelos *Annales*). Essa ressignificação apresenta-se como possível perante uma ampliação do quadro de documentos e interlocutores.

Para Souza[4], o que "arrebata" este grupo de pesquisa "[...] é a descoberta que existe uma 'história marginal' à 'história oficial'". (p.19).

As primeiras discussões em uma dissertação de mestrado (de um membro do GHOEM) foram realizadas por Souza (1998). Neste trabalho, a história oral é apresentada como um sub-item da temática "História" e abordada como tendo contribuição significativa na revolução historiográfica, uma vez que se valeria de métodos das Ciências Sociais e levaria para outros períodos de tempo as problemáticas levantadas pela história nova. Esta última teria ampliado significativamente a noção de documento histórico reconhecendo documentos originários de pesquisas arqueológicas, a oralidade, fotografias, filmes, etc.

Em meio às discussões realizadas por esta pesquisadora, emerge o esboço de um cenário que se apresentava à época: "No campo acadêmico, a História Oral, ainda hoje, enfrenta resistências quanto à sua aceitação"(p.59). E, ainda: "Na área de História, essa resistência era e ainda o é bastante acentuada pelo fato de ter como referência o paradigma estruturalista[5]"(p.59). Souza[6] afirma que em 1996 a questão da memória e da história oral estava muito distante da área da Educação Matemática.

---

[4] Memorial de Antonio Carlos Carrera de Souza.
[5] Que atribuía fundamental importância às técnicas de quantificação e às fontes seriais, valorizando os processos de longa duração.
[6] Memorial de Antonio Carlos Carrera de Souza.

Galetti (2004, p. 2), ao apresentar sua intenção em compreender a paisagem da Educação Matemática na Nova Alta Paulista, afirma que utilizará a história oral como metodologia de pesquisa e, "[...] portanto, [seu trabalho seria] um esforço que se inscreve na tendência 'História da Educação Matemática Brasileira'". Vianna (2000) afirma ter construído quinze fontes relevantes para o entendimento da história da Educação Matemática e, nesse ponto, todas as outras pesquisas (mestrado ou doutorado) parecem contribuir.

Nos trabalhos, em geral, a busca por um posicionamento frente à História parte de uma ação anterior: o reconhecimento de uma História que estaria sendo escrita, desde há muito tempo e de forma exclusiva, pela ótica dominante, concentrando-se nos feitos de grandes homens.

Essa "restrição" - de olhares e formas de registro - da perspectiva histórica reflete-se de forma muito próxima na área específica destes pesquisadores:

> Na área educacional, sobretudo em Educação Matemática, a documentação, oficial ou não, em que transparece o trabalho docente é quase inexistente, resumindo-se a registros que tratam da regulamentação, através da legislação, deste fazer, menos ainda encontramos manifestações dos professores em relação a esses documentos. (BARALDI, 2003, p.24).

Baraldi opta, em sua tese de doutorado, por parafrasear Gattaz afirmando que "a História Oral é um instrumento legítimo que nos permite recuperar algumas dimensões dos processos históricos, em Educação Matemática ou não, que de outra forma não seriam possíveis" (p.25). Dessa forma, a história oral é apresentada como uma possibilidade de tecer referências históricas que, segundo a autora, estariam antes inscritos apenas na memória de alguns professores ou pequenos grupos.

É importante diferenciar esta perspectiva de uma outra presente nos trabalhos de Silva (2004) e Tuchapesk (2004).

Silva (2004) aponta a existência de princípios e procedimentos "políticos-metodológicos" comuns às pesquisas já realizadas. Um exemplo citado pela autora é justamente utilizar a entrevista com um "tema pré-definido envolvendo o tempo histórico, para dar voz a quem normalmente não a tem ou não teve no momento histórico vivido". Um dos estudos quanto à fundamentação teórica de sua pesquisa aponta que a história oral, a partir da segunda metade da década de 1970, passou a ser vista como história dos "vencidos", excluídos, ou silenciados.

Tuchapesk (2004), por sua vez, apresenta a idéia de Portelli de que as pessoas não devem se convencer de que os derrotados serão para sempre derrotados:

> E assim, se[7] optarmos pela História Oral como forma de privilegiar a classe discriminada e derrotada do nosso país, esperamos que, como historiadores, possamos proporcionar um melhor entendimento da estrutura, no caso desta pesquisa, social e educacional do presente e oferecer subsídios para uma crítica às "noções de senso comum" da realidade apresentada pelos nossos participantes. (TUCHAPESK, 2004, p.258).

Essa afirmação enuncia uma perspectiva de que, em seu trabalho, Tuchapesk volta-se a um grupo cujas características já foram bem delimitadas: discriminados, derrotados (sob determinada perspectiva).

Para além disso, a opção, prática, pela História Oral como forma de "privilegiar a classe discriminada e derrotada", os silenciados e excluídos, (que não se faz presente em todos os trabalhos[8]) coloca em suspensão o segundo ponto indicado por Garnica como consensual entre os membros do grupo.

Ao reconhecerem seu trabalho como se valendo, de alguma forma, da história oral, alguns pesquisadores tendem a voltar-se para o aspecto histórico de seu trabalho. A idéia de história oral parece, novamente, estar atrelada a trabalhos com preocupações históricas.

> [...] apesar de as autobiografias, de as tendências e, principalmente, de as entrevistas se apresentarem como alguns dos procedimentos utilizados em trabalhos de História Oral, não necessariamente podemos apontar que uma pesquisa seja de História Oral por utilizar tais processos; há outros motivos específicos que precisam estar presentes. (TUCHAPESK, 2004, p.249).

Esta autora assume sua pesquisa como sendo de História Oral, "principalmente porque o objetivo dela parte de um problema histórico, que é compreender a relação existente entre a escola, a família e a Matemática".(p.250)

Ainda com relação ao posicionamento dos membros do grupo frente à História, citado anteriormente, este se coloca como a procura por uma fundamentação necessária no diálogo entre áreas. Desta forma, os depoentes desta pesquisa, em suas publicações, optam, em geral, por compor ainda que brevemente, uma espécie de esboço dos movimentos dentro da História, evidenciando suas opções. Essa composição dá-se de

---

[7] O termo "se", segundo pensamos, deveria ser substituído por "ao".

[8] Nesse sentido o trabalho de doutorado de Carlos Roberto Vianna é emblemático. Seus depoentes são nomes consagrados no contexto científico nacional e, mais especificamente, na Educação Matemática.

diferentes modos, englobando termos como “História Clássica”, “História Documental”, “História Monumental”, “Nova História”, entre outros. Da mesma forma que os historiadores cujas obras foram estudadas, os entrevistados nesta pesquisa aliam aos diferentes movimentos na área da História, a ampliação ou alteração do tipo de fonte utilizada. Essa aliança pode ser percebida em pontuações como:

> Tomando a História Clássica como Ciência e adotando como referencial as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos, que dão origem à: **História Documental**, a qual possui uma metodologia específica para investigar e para estudar a história dos documentos e dos mortos; podemos ainda dizer que seus fatos são cristalizados e que os sujeitos foram, de algum modo, importantes social ou politicamente; **História Monumental**, a qual também utiliza uma metodologia própria que apresenta estudos voltados à análise de monumentos; e a **História Oral**, que, diante de uma metodologia específica, difere tanto da documental quanto da monumental, pois se apóia na criação de documentos orais por pessoas. (TUCHAPESK, 2004, p.251).

> [...] história nova ampliou, de forma significativa, a esfera do documento histórico, substituindo a história que se baseava unicamente em textos e documentos escritos por uma diversidade de documentos [...] Com a *nova história*, estabeleceu-se “uma revolução documental”. (SOUZA, 1998, p.60).

> Não só o fazer da história mudou; a postura do historiador frente às fontes de pesquisa ampliou-se. A crença de que o distanciamento do objeto pelo pesquisador era o meio mais seguro de não se comprometer a objetividade da pesquisa, defendida por muitos, não se sustentou. O historiador é sempre um engajado[...]. (GAERTNER, 2004. p. 153)

Para Bernardes (2003), os trabalhos históricos que não consideram as fontes orais são incompletos por definição. Mais que eventos ou estruturas, a História seria, também, o como estes são vivenciados e lembrados.

Quanto a esta afirmação, há que se cuidar, entretanto, dos interesses que direcionam determinada investigação. A escolha das fontes mais pertinentes a um determinado estudo passa, antes de qualquer coisa, pela coerência com os pressupostos teóricos do investigador e pelos objetivos traçados para seu trabalho. A idéia de “completude” (se faz sentido considerá-la aqui) parece colocar-se mais próxima da intenção do pesquisador, do que da “imposição” da utilização de uma fonte a *priori*.

Em meio a fontes, movimentos e histórias distintas surge a necessidade de um posicionamento teórico dentro dessa área. A ousadia da busca, neste momento, por algo representativo em relação aos trabalhos dos entrevistados coloca, em princípio, a consideração de Gaertner como uma possibilidade:

> O diálogo entre o erudito e o popular, o oral e o escrito, encarados de maneira dinâmica em suas múltiplas e mútuas influências, constituem, no trabalho investigativo, novas e ricas possibilidades de se fazer história. Não é a "verdadeira" história que buscamos, mas uma história na qual o humano está presente e se revelando em suas angústias, incertezas e pontos de vista. Deste modo, não pregamos conhecer "a história"; a ela preferimos, as "versões da história". (GAERTNER, 2004, p.154).

A necessária coerência entre os pressupostos teóricos do pesquisador passa também por essa questão. Galetti (2004) afirma que sua opção pela história oral não foi tão natural quanto a escolha do tema de investigação devido às suas concepções referentes ao fazer histórico. Segundo esta pesquisadora, sua proximidade com uma visão positivista da História a fazia crer que esta, isentando-se o fator subjetivo, seria "um reflexo fiel de acontecimentos passados". Dessa forma, antes de vislumbrar um trabalho com história oral, Galetti colocou-se a dialogar com a obra de outros historiadores e chegou à possibilidade de realização de estudos com homens comuns, sobre seu cotidiano: um trabalho que visava a constituir uma versão para a história do ensino da Matemática.

A preocupação com interesses históricos, o diálogo estabelecido com a História e o decorrente posicionamento em relação à concepção sobre História trazem à tona afirmações variadas como:

- "[...] tomando como referencial as textualizações [...] e a teoria histórica proposta prioritariamente por Ariès (1990), e, em conseqüência, por todos os historiadores da Escola de *Annales*, forneceremos uma história baseada em depoimentos". (SILVA, 2004, p.228)
- Tomando como referência Joutard (1999), a História Oral "é uma outra maneira de fazer história e é capaz de apreender o 'povo', sua cultura e atualidade". (BARALDI, 2003, p.18)
- "Somente poderão ser inscritos como memorialistas orais ou como historiadores orais os que se responsabilizaram por uma concepção específica de História e pela condução dos trabalhos historiográficos segundo esta perspectiva, em específico."(BARALDI, 2003, p.19)
- "[...] se optarmos pela História Oral como forma de privilegiar a classe discriminada e derrotada do nosso país, esperamos que, como historiadores, possamos proporcionar um melhor entendimento da estrutura[...]". (TUCHAPESK, 2004, p.258)

Estas e outras considerações fazem emergir no grupo "História Oral e Educação Matemática" um debate acerca do papel do pesquisador. Seria ele um historiador?

É interessante observar as colocações destes pesquisadores em suas publicações. Estas variam de "não sou historiador, sou professor de Matemática e, portanto, atrevo-me" (GARNICA, 1998, p.27) até "[...] como historiadores orais brasileiros, sabemos que muitos ainda são os desafios a enfrentar" (SILVA, 2004, p.36) revelando uma divergência de posições que se sustenta até o momento de sua constatação. A partir de então as discussões/argumentações internas ao grupo e seus membros tratariam de negociar a possibilidade de uma posição menos conflitante.

De qualquer modo, uma perspectiva - exposta em 1998 por Souza - coloca-se como possibilidade inerente aos vários discursos presentes nos trabalhos consultados. O caos das tentativas de articulação de novas idéias não nega a idéia de que "[...] precisamos de alguma forma ampliar e corrigir as nossas possibilidades como observadores do **Tempo** (passado, presente e futuro), narradores da **Memória** (individual e coletiva) e educadores que interpretem as práticas **cotidianas** da Educação Matemática" (SOUZA, 1998, p.54).

Dissertando acerca de um terreno (História) e, em alguns casos, de sua proximidade com outros (das Ciências Sociais)[9] a história oral emerge sob diferentes perspectivas:

Referência	Definição de história oral
Souza (1998)	"A História Oral consiste em um trabalho de pesquisa baseada em um projeto vinculado à utilização de fontes orais originadas em situação de entrevista". Para Souza as fontes orais citadas acima dizem respeito a um trabalho que visa a constituição de um documento.
Tuchapesk (2004)	"[...] História Oral como um dos três procedimentos de pesquisa, que dão origem à História [...]"(p.251). "[...] entendemos que existem três procedimentos de pesquisa

[9] As idéias de terreno, área de conhecimento, fronteira, serão utilizadas aqui por não ter, a autora desta dissertação, tido o aprofundamento necessário para fazer afirmações coerentes ou legítimas sobre "quebra das fronteiras" entre áreas (aspecto que tem sido ligado ao pós-modernismo).

	distintos, que dão origem à: História Documental [...], História Monumental [...] e a História Oral, que diante de uma metodologia específica [...] se apóia na criação de documentos orais por pessoas"(p.251). "[...] considero que esta pesquisa tem, como método de investigação, a História Oral, não porque utilizamos as autobiografias, ou usamos gravador e transcrevemos as entrevistas [...], mas porque estamos, principalmente, respeitando o tempo e o sujeito, fatores relevantes da História". (p.257)[10]
Baraldi (2003)	"[...] adotamos a História Oral como metodologia para nosso trabalho de pesquisa". (p.17. V. Aleph) "Ao adotar-se a História Oral como metodologia de pesquisa[11], trabalha-se com o testemunho oral de indivíduos ligados por traços comuns".(p.25 V. Aleph)
Garnica (2005a)	"O que hoje concebemos como 'História Oral' é uma metodologia[12] de pesquisa que, no Brasil, tem sido amplamente utilizada na área dos estudos culturais, por sociólogos, antropólogos e historiadores"(s/p.) "[...] defendemos a História Oral como uma contribuição significativa para a Educação Matemática, podendo ser entendida como uma abordagem qualitativa de pesquisa dentre as muitas que têm caracterizado o cenário da produção brasileira e internacional". (s/p.)
Gaertner (2004)	"[...] utilizamos a História Oral (temática) como metodologia de investigação acompanhada de pesquisa a registros escritos". (p.6) "[A composição da colcha de retalhos, também,] aconteceria através

[10] Embora Tuchapesk não explicite seu significado, diferencia método de procedimento de pesquisa e de metodologia.

[11] Assume a história oral como metodologia de pesquisa em referência à Garnica (2003) – à época, esta obra não havia sido publicada e sua referência é mímeo (2002a) – que apontava a necessidade de estudar fundamentos para ações de distintas naturezas (estabelecer o que se pretende compreender a partir dos depoimentos e o que faz esse depoimento pertencer à abordagem específica da história oral).

[12] É importante ressaltar que Garnica (2005a) entende a questão metodológica como "procurar por um método julgado eficaz, adequado e consistente com nossas propostas de investigação [... e] –além disso- de explicitar as concepções que a ele subjazem, exercitando continuamente a testagem dos limites desses métodos e de seus pressupostos teórico-filosóficos, avaliando seus resultados e tornando públicos suas conquistas e embaraços, no desejo de ultrapassá-los".(s/p.)

	de depoimentos de ex-alunos e antigos professores de Matemática das duas escolas selecionadas, durante o período pesquisado, ou seja, a História Oral seria utilizada como metodologia de pesquisa". (p.202)
Galetti (2004)	"[...] optou-se por constituir a metodologia ao mesmo temo em que pesquisas específicas vão sendo realizadas". (p.190) "A nova história oral[13] tem características especiais uma vez que não conta com fontes que se constituem a *priori*, ou seja com fontes já estabelecidas[...], mas que se constituem no decorrer da pesquisa. Seus documentos são 'arquivos orais provocados', que, entretanto, como os outros 'lugares da memória' resgatam a *posteriori* o passado". (p.177)
Bernardes (2003)	"Pensamos em recorrer à História Oral como recurso metodológico e, portanto conceber como documento depoimentos coletados dos professores que nossa opção nos levaram[14] a entrevistar [...]"(p.98). "A História Oral como método não tem pretensão de homenagear [...] qualquer dos entrevistados mas colocar para os eventuais leitores de um trabalho de pesquisa diferentes questões em perspectiva"(p.113).
Silva (2004)	"[...] entrevistamos dez professores de Matemática da rede de ensino público de Rio Claro [...] que, através de suas narrativas permitiram a utilização da História Oral, como um procedimento de pesquisa".(p.6) "Pensando em História, enquanto Clássica, e tomando como referencial as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos que dão origem, respectivamente à História: Documental, Monumental e Oral". (p.9) "Portanto, a nossa proposta atual é fazer uma História Oral de professores da rede de ensino pública de Rio Claro, tendo como foco a identidade cultural". (p.22)
Vianna	Algo, uma região (talvez) que possui metodologia própria. "Para

[13] A autora afirma que a história oral que antecede a esta fazia-se presente desde a Antigüidade e era voltada aos atores principais e a acontecimentos com o intuito de complementar documentos escritos.
[14] Sugere-se "levou".

2000	obter elementos de apoio para a defesa dessa tese, foram realizadas entrevistas tendo como base a metodologia da História Oral, em duas vertentes: por um lado, história de vida e, por outro, a história oral temática". (s.p.)
Souza 2001	"[...] o projeto individual **'Educação Matemática e Memória: Paisagens e Ambientes do Cotidiano no Ensino de Matemática nas Décadas de 1950-1970'**. Este projeto está em fase adiantada de elaboração [...]. A metodologia de pesquisa é a História Oral e a fundamentação teórica é constituída pelo universo da Antropologia, Sociologia, Filosofia e História (Nova)".[15]

A história oral, dentro do GHOEM e a partir das publicações consideradas, parece ser vista sob quatro perspectivas distintas:

- Metodologia de pesquisa;
- Região que possui metodologia própria;
- Procedimento de pesquisa da área da História;
- Tipo específico de história;

Considerando as discussões realizadas na lista eletrônica do grupo, a primeira e a segunda visão podem ser vistas em aproximação tendo em vista o que cada entrevistado define como metodologia. A visão de história oral como região parece constituir-se como forma de evidenciar que ela é algo mais que uma metodologia de pesquisa, entretanto Vianna parece entender metodologia como uma seqüência de procedimentos. Em Garnica, por exemplo, a idéia de metodologia envolve a relação entre esses procedimentos e a discussão teórica que os sustenta.

Quanto à história oral vista como procedimento de pesquisa ou como um tipo específico de história, o fato destas serem apontadas (juntas) pelas mesmas pesquisadoras pode dar a entender que, enquanto um tipo específico de história, a história oral teria um procedimento específico para sua constituição que receberia o mesmo nome. Em um destes casos a história oral é também apontada como método.

Olhando para autores utilizados nas discussões feitas por esses entrevistados, perceber a história oral como um tipo de história não parece ser uma decorrência

[15] Página 19 do Memorial deste pesquisador, disponível em http://www.ghoem.com/textos/carrera/o_espelho_memorial_carrera.pdf . Última consulta feita em 17 de junho de 2005.

imediata. O termo "oral" é, em geral, utilizado por esses autores como fonte a ser privilegiada (no sentido de sua construção) e não como um adjetivo para "história".

Tuchapesk caracteriza o trabalho com a história oral como tendo, além dos procedimentos de gravação e textualização das entrevistas, uma preocupação com o tempo e o sujeito. Embora não explicite sua visão sobre, esta pesquisadora traz à tona a importância do tempo na História. Em referência a isso, Silva (2004) expressa a idéia de Le Goff de reconhecimento da multiplicidade do tempo, na qual a memória deve ser pensada. Segundo a autora,

> Os novos historiadores, apesar de terem percebido que as sociedades históricas também funcionam com base na memória, não levaram em conta que existem memórias que não podem ser datadas segundo a cronologia tradicional. (SILVA, 2004, p.28).

A idéia de um tempo linear, homogêneo deveria ser abolida.

Bernardes (2003) traz a idéia de que para localizar um evento no tempo contínuo seria necessário quebrar essa continuidade, mas retorna à questão também esboçada por Silva (2004) anteriormente, afirmando que:

> [...] a cronologia que reparte e mede a vida e a História em unidades seriadas é insatisfatória para penetrar e compreender as esferas simultâneas da existência social, porque cada unidade convencional de tempo pode ser usada para designar mais de um evento. (BERNARDES, 2003, p.102).

Em referência a Bosi (1992), Bernardes aponta como um possível encaminhamento trabalhar com o sentimento de simultaneidade que a memória produz. A idéia de tempo reversível tornaria possível a construção de uma percepção, o resgate da memória.

Souza (2001) depara-se com as idéias de alguns autores acerca do tempo. Em especial com a visão de Agnes Heller (1998) acerca do tempo histórico como irreversibilidade dos acontecimentos sociais e a de Bosi (1994) acerca do tempo reversível como construção da percepção e da memória. Dessa forma o autor admite que:

> - Se de um lado o movimento humano de elaborar, reelaborar e trabalhar o natural é o contínuo e irreversível [...], formando paisagens e transformando o natural em histórico;
> - De outro lado encontramos na reversibilidade do tempo a possibilidade de observar a paisagem através da moldura da percepção [...]. (SOUZA, 2001, p.112).

Em referência a Bosi (1994), com relação à idéia de datas como pontas de icebergs, Souza, em sua tese de livre docência, afirma que "a verdadeira história da Educação Matemática encontra-se submersa". O trabalho com a oralidade, proposto por esse grupo, seria um possível exercício de trazer à tona.

Com relação às fontes orais, são apresentados diferentes tipos de trabalho na história oral. Souza (1998) aponta para três possibilidades (história oral de vida, relatos orais de vida e depoimentos orais). Baraldi (2003), Garnica (2003) e Bernardes (2003) reconhecem nesse trabalho duas modalidades possíveis (história oral temática e a história de vida).

Para Souza, na história oral de vida o narrador relata, "de forma muito mais subjetiva do que objetiva, experiências pessoais, profissionais e sociais", segundo Garnica, ele conta sua vida como uma totalidade: narra-se. Para Souza, no relato oral de vida o ato de narrar estaria ligado a uma temática específica e no depoimento oral o narrador faz referência a situações sobre as quais possua alguma informação, é uma espécie de "testemunho histórico". Em Garnica, Bernardes e Baraldi, essas duas últimas possibilidades parecem fundir-se em uma única; a história oral temática abrangeria partes de experiências de vida, recortes ligados a temáticas previamente selecionadas pelo pesquisador.

Com relação à idéia de documento histórico, Souza (1998) aponta diferenciações de posturas entre pesquisadores que assumem, alguns, a fita gravada, outros, a transcrição da entrevista como o documento produzido no trabalho com história oral. Para além desta questão, a autora coloca a importância de destacar que a base dessas entrevistas é a memória e esta não se apresentaria como sonho, mas como trabalho. Essa idéia vai ao encontro da expressa por Galetti (2004) de que os documentos, no trabalho com história oral, são "arquivos orais provocados" que "resgatam"[16] a *posteriori* o passado.

Para esta autora, "Entender a concepção de memória como o resgate[17] do passado, é portanto, entender que esse resgate não significa a volta dos acontecimentos, mas a construção de 'uma' versão para esses acontecimentos [...]"(p.180).

---

[16] Para Galetti (2004), "o resgate do passado e o passado têm "texturas" diferentes, uma vez que esse resgate é, usando um termo de Nietzche, uma *Erfindung* – uma invenção"(p.180)

[17] O termo "resgate" é entendido nesta dissertação como referência a um exercício de busca do que existe e, portanto, poderia ser empregado com relação ao passado desde que este último fosse tomado como representações atuais.

Pode-se pensar na idéia de memória como trabalho, também, a partir das considerações feitas por Gaertner:

> Ao recordar, o indivíduo reconstrói suas experiências passadas, não como elas ocorreram lá, pois o contar estará impregnado das experiências de vida dele e do contexto social. A lembrança do fato não é a mesma imagem que foi experimentada na época em que ele ocorreu, porque o nosso ponto de vista é outro, não somos mais os mesmos. (GAERTNER, 2004, p.147).

Segundo Tuchapesk (2004), parte-se do princípio de que, nas pesquisas em história oral, nem tudo é conhecido, a memória não traz à tona todo o passado e o que importa são as versões.

Sendo assim, esse trabalho (memória) permitiria a constituição de narrativas que, embora traga em suas amarras a noção de continuidade, não abarca o tempo vivido. Para Souza (2001) "narrar a vida é ordená-la sob um ponto de vista particular, de hoje. Assim, de alguma maneira, o homem de hoje busca o menino de ontem, refletido neste" (p.1). Sobre o exercício de narrar a si próprio, este autor afirma:

> Fui descobrindo circunstâncias que me formaram. Algumas portas mantiveram-se intocadas porque outras chamavam mais a minha atenção. Em vários momentos tive a sensação de escolher qual das minhas vidas eu queria ou iria relatar. Caminhos que não segui estavam lá quase que perguntando: por que? (SOUZA, 2001, p.20).

Souza (2001) alerta para a existência de uma luta constante de dois movimentos: aquele que aponta e insiste pela lembrança e um outro que o faz pelo apagamento. Este autor afirma que cabe aos educadores pontuar a necessidade de registrar as memórias e práticas educativas na área da Educação Matemática, buscando, segundo ele, "[...] paisagens e memórias educativas que revelem experiências vividas e que articularão as possibilidades da existência do novo [...]"(p.98).

Para Souza (2001) o sujeito da memória é um sujeito da enunciação, aquele que conta uma história, narra um fato. Uma forma de trabalhar essa questão da memória, culminando, segundo este autor, em "contribuições valiosas para a renovação historiográfica" seria voltar-se aos documentos oriundos de depoimentos orais. Este pesquisador ressalta a importância, para seu trabalho, da "reabilitação da oralidade como fonte de estudos históricos"; estes diriam "diretamente dos objetivos e métodos" de sua pesquisa.

Garnica (2004)[18] afirma que "Todo documento – seja ele fonte primária[19] ou não – carrega a visão, as interpretações, as crenças e os interesses de quem o gerou. Em seminário em 2004, referenciando-se a Le Goff, afirma que, no limite, todo documento é mentira.

Em Vianna (2000) essa idéia já se fazia presente em meio às discussões elaboradas pelo autor para seus leitores fictícios, personagens da tese. Eisaiona afirma que mesmo buscando ser fiel aos dizeres do entrevistado, cada história composta é criação do autor (cada tradução cria um novo poema). Crono afirma que cada texto de história de vida apresentado no trabalho é uma interpretação da vida do entrevistado, é uma tradução dessa vida feita pelo autor da tese para o leitor[20].

Nessa mesma direção, em 2003, Bernardes apontava como polêmica a de-gravação das entrevistas. A transcrição, tentativa de aprisionamento do oral, reflete a impossibilidade de neutralidade ou pureza no trabalho do pesquisador; seria, já, uma primeira interpretação. Num outro momento Bernardes afirma que parte de uma das transcrições de sua dissertação foi feita por uma pessoa contratada para este fim. Galetti (2004) também recorreu à contratação de uma pessoa que se ocupou da transcrição de todas as entrevistas realizadas em sua pesquisa.

Bernardes avalia essa sua experiência de forma negativa. Por não ter acesso a pessoas que tenham familiaridade com a atividade de transcrição, não acredita que tenha sido uma experiência válida. A autora reconhece essa tentativa como uma forma de averiguar a validade da utilização do que ela chama de transcrevedores (pessoas que fazem transcrições) como uma possibilidade para um possível doutorado. Dessa forma, optou por passar ao transcrevedor algumas instruções sobre a atividade a ser realizada, mas estas parecem não ter sido seguidas. Esses cuidados parecem refletir uma preocupação com uma constatação feita pela própria pesquisadora, mas que acaba por não se expressar nas discussões feitas em outras dissertações e teses: "É consenso entre pesquisadores que se utilizam da história oral que[21] de alguma forma, delegar a transcrição a outra pessoa fire[22] a questão ética na pesquisa"(p.110).

Além deste, são apresentados outros problemas no processo de de-gravação. Bernardes (2003) aponta que, apesar da busca pela preservação do tom, das pausas...

---

[18] http://www.ghoem.com/textos/bibli/textos_didaticos_antigos.pdf Consulta feita em 13/05/2005.
[19] Por fonte primária o autor entende: material original, a partir do qual uma visada histórica é possível.
[20] Eisaiona e Crono são leitores fictícios criados por Vianna para discutir com ele sua tese.
[21] Sugere-se vírgula.
[22] Sugere-se "fere".

dos entrevistados, a escrita apaga muito do presente no oral. Segundo a pesquisadora, "Não há como negar, a assepsia do texto tira o colorido especial que os falantes dão aos seus discursos, por mais cuidado que se tenha para não descaracterizar aspectos identitários" (p.113).

Os trabalhos em história oral valem-se, principalmente, dos documentos construídos a partir da oralidade e estes, segundo Galetti:

> [...] nos permitiriam enfocar o tema proposto de uma forma mais ampla, uma vez que o que se registra nos documentos escolares é de natureza burocrática, não tem vida. Desses documentos – frios e estáticos – não constam interferências de pais de alunos, as dificuldades que os professores têm com os conteúdos. Neles, o burburinho dos alunos e o toque da campainha são silenciados. O que registram sobre a vida dos professores diz respeito exclusivamente aos aspectos administrativos de suas carreiras. (GALETTI, 2004, p.47).

Embora haja a construção de documentos no trabalho com história oral, a consulta a outros referenciais (orais ou escritos), segundo Baraldi (2003), não deve ser negligenciada no momento em que o pesquisador se depara com a forma como o depoente organizou suas memórias. No entanto isso não deve ser feito como esforço de checagem ou validação definitiva, mas como forma de complementação e compreensão de perspectivas e possibilidades.

Nesta mesma direção, Gaertner ressalta a importância das fontes escritas que, em nossa sociedade, é uma das formas mais comuns de registro de experiências e denuncia o descuido com essas fontes:

> Em relação aos registros escritos escolares, nas unidades escolares de Blumenau, de forma geral, percebe-se que quase nada foi ou está sendo preservado. Os livros didáticos antigos são desprezados e vendidos para empresas recicladoras de papel; registros docentes, fichas de matrículas de alunos e atas de reuniões repousam esquecidos em arquivos-mortos, localizados em espaços úmidos, servindo de comida às traças; as fotografias que registram situações e pessoas essenciais à memória da escola e da comunidade estão depositadas em caixas ou álbuns sem a sua devida identificação. (GAERTNER, 2004, p.217).

Esta denúncia, entretanto, envolve fontes outras e a autora aponta, também, para o descuido com os idosos que guardam a memória de uma época. A não valorização de suas lembranças e conhecimentos torna mais clara a posição daqueles que denominam a sociedade atual de "sociedade do esquecimento".

Dessa forma, a constituição de documentos orais não implica na desvalorização de outras fontes/arquivos históricas, pelo contrário, sua utilização tem sido cada vez

mais recorrente nos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do GHOEM, bem como o estímulo à criação/organização/recuperação de arquivos orais, escritos e imagéticos que possam contribuir com estudos futuros.

Quanto a isso surgem algumas diferenciações entre as chamadas "história oral pura" e "história oral híbrida" que, embora não seja explorada pela grande maioria dos entrevistados, é abordada por Silva (2004) a partir das diferenciações colocadas por Meihy. A história oral pura seria aquela que propõe o diálogo com outras fontes orais e a história oral híbrida seria aquela que cruza documentos variados. Silva afirma valer-se da oralidade para chegar à memória, afirmando que, segundo Meihy, este seria um esforço mais progressista. Para esta autora, o fornecimento de uma História baseada em depoimentos seria possível a partir do material coletado e do amparo teórico em conceitos históricos. Gaertner (2004), assim como outros pesquisadores do grupo, desenvolve um trabalho baseado em documentos escritos, relatórios antigos, fotos e entrevistas, efetivando a idéia de ampliação e não mudança de fontes.

Tendo delineado algumas das discussões presentes nestes trabalhos acerca da escrita perante o oral, é possível identificar na dissertação de Bernardes a constatação de uma posição que teria como "esquema básico" o oral perante a escrita. Em referência à Portelli, esta autora coloca em cena a existência de preconceitos dos historiadores em relação às fontes orais. Esse preconceito estaria fundamentado na suspeita gerada pelo distanciamento cronológico entre o depoimento e o acontecido. Para além de apresentar esta postura, Bernardes argumenta, com o mesmo autor, que muitos dos documentos escritos foram produzidos após a ocorrência do evento e, muitas vezes, por pessoas que, deste, não participaram. Argumenta também por meio do conteúdo das fontes escritas, estes seriam textos fixos e, assim, a única alternativa seria interpretá-los.

Em referência a José Carlos Sebe Bom Meihy, Souza (1998) ressalta que o trabalho com história oral apresenta dois momentos significativos e que, "embora independentes, complementam-se[...]". Seriam eles a constituição do documento e a análise que decorre deste.

Aqui, apresentam-se também algumas recorrências aos objetivos identificados no trabalho com a história oral. De forma específica, Baraldi (2003), ao falar das tendências levantadas em seu trabalho, afirma que este é um momento de análise no qual, além de fazer esse levantamento, procura preencher lacunas.

Embora grande parte dos entrevistados apresentados nesta dissertação voltem-se para a importância do momento de análise, existem alguns pesquisadores com posições distintas. Para Tuchapesk,

> [...] vale lembrar que a análise não é o mais importante nos trabalhos de História Oral, pois, quando entramos em contato com a história dessas vidas, torna-se antiético analisá-las. Entretanto, outro pesquisador pode apropriar-se dos depoimentos e, então, analisá-los. (TUCHAPESK, 2004, p.258).

Essa idéia parece estar ligada à visão desta autora acerca da "análise" na pesquisa científica. Segundo Tuchapesk, essas pesquisas voltam-se a temas abrangentes e não devem ser condicionadas a uma pergunta, pois esta constituir-se-ia como uma forma de analisar o depoente, "[...] entrar no depoimento dos entrevistados e julgá-los, ou seja, o pesquisador não consegue fugir da análise do discurso dos participantes". (p.258)

Galetti (2004) justifica sua opção pela "não análise" em sua dissertação da seguinte forma: "[...] as respostas que procuramos estão – ou não – nos textos e pensamos que a sua carga subjetiva já é suficiente e não há necessidade de ampliá-la, ainda mais, com as nossas análises". (p.185)

Bernardes (2003) discute em seu trabalho sua situação de conflito ao tentar finalizar a pesquisa. A autora coloca, de um lado, a posição de Garnica que vê como relevante o exercício de destacar situações importantes que permeiam os relatos orais e, por outro lado, a posição de Vianna (2000) de que o que importa são as vidas e, "portanto, estas não deveriam ser analisadas" (BERNARDES, 2003, p.215). Tendo iniciado a dissertação com uma auto-entrevista, a autora opta, seguindo indicação de sua banca de qualificação, por analisar genericamente o que foi dito pelos depoentes por meio de uma análise de si.

> [...] histórias de vida não devem ser analisadas. Vou tentar rescrever [23]esta afirmação: histórias de vidas não devem ser analisadas porque, além da interpretação dos pensamentos e ações de outrem, poder-se-ia sugerir uma prescrição de penitência. (BERNARDES, 2003, p.227).

Com relação à tese de Vianna (2000), a referência à importância das vidas caminha paralelamente a um cuidado em não sublinhar ou projetar sua visão sobre os textos e depoimentos com os quais trabalha. Essa postura, entretanto, não se coloca

[23] Reescrever.

como uma regra a priori. A apresentação das entrevistas coloca-se como uma forma de esboçar ao leitor a trajetória de cada depoente, levando-o a reconhecer nesta, uma dependência quanto a uma maior ou menor manifestação de resistência.

> A minha recusa em analisar as entrevistas não se deve a uma questão ética. Depois de defendida a tese, após os textos serem tornados públicos, não vejo qualquer problema em fazer as minhas análises, não haveria nenhuma quebra de confiança nesse procedimento. A questão é que para a defesa da minha tese considero essencial que eu não faça análises das entrevistas, mas a motivação para isso só deverá ficar clara no final do trabalho". (VIANNA, 2000, p.158).

No que se refere à relação entre pesquisador e entrevistados, Bernardes afirma que:

> [...] cabe ao pesquisador estar atento para o ajuste ideal quanto à relação distanciamento - afastamento necessário às situações de entrevistas. Entre as interferências, às quais estão sujeitas as entrevistas em História Oral, está o processo de sedução passível de ser instalado nas relações estabelecidas entre pesquisador e depoente. Existir empatia (ou não) entre estes dois sujeitos, tanto pode afetar a narrativa, como pode afetar o tipo de condução dada à entrevista e, conseqüentemente, o encaminhamento do processo de pesquisa. (BERNARDES, 2003, p.105-6).

Para Gaertner (2004), essa relação se estabelece (particularmente por meio de sua opção por entrevistas semi-dirigidas) a partir do posicionamento do pesquisador como alguém que está dialogando com o intuito de obter conhecimento sobre um certo assunto e, ao mesmo tempo, procurando evitar que esse assunto seja deixado de lado pelo entrevistado.

Olhando para os trabalhos de mestrado e doutorado consultados nesta pesquisa, é possível perceber uma tendência em "ocultar", progressivamente, um maior detalhamento com relação à história oral. Esse movimento expressa-se mais claramente em Galetti (2004). Ao apresentar sua intenção de constituir a metodologia da história oral em trajetória, ou seja, ao mesmo tempo em que a pesquisa está sendo desenvolvida, a autora justifica a não inclusão de um tratamento mais detalhado deste tema. Este exercício, segundo Galetti, poderia constituir-se como proposta de algum outro membro do grupo ou de um conjunto de trabalhos do GHOEM.

Essa última perspectiva aponta para a possibilidade de realização de outras pesquisas que tenham como foco de investigação os trabalhos desenvolvidos pelo GHOEM. É importante ressaltar que, nos trabalhos estudados, são delineados indicativos de continuidade de estudo e são apontadas algumas das primeiras ligações

entre os depoimentos coletados por cada pesquisador, constituindo, dessa forma, uma ampla gama de investigações "potencialmente re-exploráveis". Consolida-se assim, a idéia de disponibilidade pública dos documentos produzidos, tornando mais concretizáveis as possibilidades de estudos outros.

4.2) Pós Graduação: um pequeno inventário

"Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção". Tese de doutorado de Ivete Maria Baraldi, orientada por Antonio Vicente Marafioti Garnica e defendida em 2003 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

O trabalho é organizado em três volumes independentes nominados "A", "α" e "ℵ". Estes volumes abordam, respectivamente, os depoimentos temáticos de professores de Matemática da região de Bauru; notas com apontamentos da Literatura; e um esboço teórico acerca da história oral junto a uma crítica metodológica.

O volume A dedica-se a expor as vozes dos oito professores de Matemática entrevistados, constituindo o que a autora chama de "mosaico de vidas". Esse mosaico é composto pelas narrativas geradas no processo de textualização.

O volume α é composto por notas referentes a questões levantadas nas entrevistas (a indicação do número de cada nota é feita nas textualizações, sobre as quais faz referência, do volume A). Essas notas procuram delinear uma paisagem da região de Bauru, uma discussão histórica das ferrovias que cortam essa região e de sua importância no âmbito do ensino e aprendizagem da Matemática; alguns traços da CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (muito citada pelos depoentes como parte de sua formação) e considerações acerca da Matemática Moderna e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692/71. Este volume é constituído num diálogo entre as questões colocadas pelos depoentes e a literatura disponível (livros, leis e *sites* oficiais).

No volume ℵ, a história oral é apresentada como a metodologia de pesquisa (na vertente história oral temática) utilizada no desenvolvimento da tese. São entrevistados, nesta pesquisa, professores de Matemática da região de Bauru que exerciam o magistério nas décadas de 1960 e 1970 nas escolas de ensino fundamental e médio. A escolha desses depoentes foi feita a partir de indicações informais ou do conhecimento da própria pesquisadora e, a partir daí, os próprios entrevistados indicavam outros possíveis depoentes. Das textualizações foram retiradas tendências ou grupos de convergência acerca de algumas temáticas. Este volume engloba, também, uma discussão acerca do fazer histórico e de alguns dos movimentos que se desenvolveram na historiografia. Entre estes, a Escola dos *Annales* é apontada como fornecedora dos ingredientes que levariam à constituição da história oral. Há

neste texto considerações acerca do movimento da história oral no Brasil e da formação de professores na região de Bauru segundo literatura disponível.

As nominações A, ℵ e α foram utilizadas com o intuito de não estabelecer uma ordem *a priori* para a leitura dos volumes. Pretende-se que estes sejam independentes e configurem-se como um "hipertexto em suporte de papel". Para apresentar ao leitor o "contexto maior" de cada volume (a pesquisa), a autora optou por manter o índice dos três volumes, bem como uma introdução comum a estes, situando a relevância de cada um no trabalho desenvolvido.

"O Movimento das Tendências na Relação Escola-Família-Matemática". Dissertação de mestrado de Michela Tuchapesk, orientada por Antonio Carlos Carrera de Souza e defendida em 2004 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

A autora aponta como seu objetivo "investigar, através de um diálogo teórico e prático, as interações que ocorrem entre a Escola, a Família e a Matemática"(p.10). Para tanto, investiga uma escola de Rio Claro, mais especificamente as salas do primeiro ano do Ensino Médio, no período de julho a novembro de 2002.

Procurando compreender uma relação do presente, que segundo a autora, é parte de um problema histórico, opta pela história oral como método de investigação com o intuito de buscar considerações em fontes orais acerca do problema apontado. Num momento anterior ao da realização das entrevistas, Tuchapesk volta-se à construção de um outro tipo de narrativa, as autobiografias, ou mais especificamente, autobiografias temáticas (já que estão diretamente ligadas à questão proposta pela autora: "A minha relação com a Matemática e a da minha família com a escola").

Das noventa e uma autobiografias produzidas nas salas do primeiro ano do Ensino Médio, seis foram selecionadas. O critério para a seleção levou em conta vários fatores, entre eles a presença de aspectos interessantes da vida cotidiana, familiar e escolar; o relato de opiniões relevantes sobre a relação da sua família com a escola e a declaração de sua relação de "sucesso" ou de "fracasso" na aprendizagem da Matemática, além de mostrar interesse em conversar sobre o tema sugerido.

Essas autobiografias dariam base para a formulação de um roteiro de entrevista específico para cada aluno a ser entrevistado. Juntos, estes materiais embasariam os roteiros para entrevista com os pais desses alunos (a estes roteiros específicos acompanharia um roteiro geral para os pais), com os professores de Matemática e os

coordenadores da escola. Dessa forma, seriam entrevistados seis alunos, seis famílias (pai, ou mãe, ou ambos numa mesma sessão), três professores e dois coordenadores, totalizando dezessete entrevistas.

Baseada em Philippe Ariès, a autora classifica as possíveis tendências em "Tendências de Conservação" (nas quais práticas e discursos se conservam ao longo dos anos), "Tendências de Mudança" (nas quais essas estruturas se modificam) e "Tendências em Movimento" (nas quais há, segundo a autora, a possibilidade de "regressão" rumo à conservação ou de "avanço" rumo à mudança).

O trabalho com as textualizações dos depoimentos, cuja autorização teria sido concedida por meio de assinaturas nas laudas do texto, foi feito por meio de convergências e divergências com relação a alguns pontos específicos (Tendências de Conservação: uso do uniforme, valorização do estudo, interação escola-família, aula de Matemática, escolas públicas e particulares – Tendência de Mudança: relacionamento entre professor e aluno – Tendência de Movimento: fracasso na aprendizagem Matemática), que seriam debatidos tendo em vista a bibliografia estudada.

A história oral é, por fim, apresentada como uma possibilidade de estabelecer um diálogo mais amplo sobre a "importância e o significado deste problema no presente".

"A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau". Tese de doutorado de Rosinete Gaertner, orientada por Antonio Vicente Marafioti Garnica e defendida em 2004 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

Esta tese teve como principal objetivo o resgate de aspectos históricos da educação e da matemática em região catarinense de colonização alemã, no período de 1889 a 1968.

Apresentando inicialmente um pequeno estudo acerca das colchas de retalhos que continham, em cada uma de suas "partes" (retalhos), referências a lembranças específicas, a autora opta por estruturar seu trabalho usando essa colcha de retalhos como metáfora.

Dessa forma, a tese é dividida em vinte "retalhos", dedicados às textualizações das falas de seus depoentes, e a considerações metodológicas, analíticas e de arremate.

A autora articula depoimentos com estudos bibliográficos, imagens, leis e artigos de jornais. Os depoimentos abordam questões relativas ao processo de imigração, ao período de nacionalização e seus reflexos na educação e sistema escolar das colônias alemãs. Gaertner esboça o cenário do início da industrialização na Alemanha e do incentivo à emigração no Brasil no início do século XIX, fala acerca da formação e desenvolvimento das colônias, de seu processo de escolarização, bem como das leis estaduais voltadas às regiões de imigração, com atenção especial à Blumenau. Ressalta, ainda, a importância da imprensa escrita na formação de professores e discute a criação de escolas responsáveis por essa formação.

Gaertner procura expressar a trama política e cultural que permeia as mudanças ocorridas nos rumos da educação escolar nas colônias alemãs. Às alterações nas divisões do período escolar acompanham descrições sobre o processo de escolha pelo tipo de ensino secundário da época, considerações acerca do currículo escolar, livros didáticos, avaliação, formação de professores e outras que emergiram da memória dos depoentes, dos dados de arquivos documentais escritos e da literatura específica consultada. Nos programas de ensino são apontadas duas estratégias didáticas: o cálculo mental e a resolução de problemas.

Dessa forma, a autora reconstitui, com seu trabalho, faces da história da educação e educação matemática no Brasil tendo como pano de fundo o movimento da nacionalização. Em específico, reconstitui a história de uma sociedade que criou a escola para promover sua educação e preservar sua cultura, construindo uma rede de comunidades escolares. Gaertner assume posturas teóricas quanto à história, à memória e às fontes históricas.

A autora apresenta sua opção pela metodologia história oral e revela sua pretensão de gerar uma união harmoniosa dos retalhos (colcha) a ser contemplada por outras pessoas. Coloca-se então a costurar seus retalhos, constituindo e apresentando sua colcha "pronta". Ao olhar para esta, a autora discorre acerca de suas compreensões sobre o período de nacionalização com a criação de redes de vigilância e a destruição da memória cultural, sobre a força política no interior das escolas em Blumenau, sobre a formação dos professores, o ensino da matemática e os livros didáticos comuns nas escolas alemãs. Uma crítica feita pela autora é quanto à falta de cuidado com a memória estimulada pela valorização excessiva ao conhecimento sempre atualizado.

A colcha mantém-se e outros olhares podem ser lançados sobre ela, enfatizando retalhos ou costuras também outras.

Três décadas de Educação Matemática: um estudo de caso da baixada santista no período de 1953 – 1980. Dissertação de Mestrado de Gilda Lúcia Delgado de Souza, orientada por Antonio Vicente Marafioti Garnica e defendida em 1998 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

Com o objetivo de resgatar a memória da Educação Matemática no estado de São Paulo, especialmente na cidade de Santos, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, Souza volta-se a um grupo de professores da Baixada Santista vinculados às redes particular e oficial de ensino.

A delimitação deste período vincula-se a sua trajetória enquanto professora de Matemática e às diversas reformas que presenciou neste período (lei 5692/71; surgimento de órgãos oficiais da Secretaria como COGESP, CENP...), estando a escolha dos depoentes, inicialmente, ligada à forte atuação destes frente a essas reformas e aos movimentos ligados ao ensino da Matemática naquela época (tendo em vista sua atuação docente e participação em órgãos oficiais do estado de São Paulo responsáveis por determinar políticas públicas neste período).

Buscando destacar como o cotidiano, a memória e a história estão articulados, a autora vale-se das discussões de Agnes Heller e aponta para a vida cotidiana como aquela que ocorre continuamente e na qual o homem exerce algumas atividades que são diárias. É no cotidiano que acontecem os "fatos históricos" que alteram a cotidianidade dando-lhe novos rumos. A importância da memória é relevada e esta se expressa no cotidiano por meio da linguagem. Para a autora, contar é um ato de Educação e a memória é trabalho. Souza volta-se para estudos de Ariès apontando para a história como um estudo, um percorrer de vastos espaços no qual a mudança e a permanência colocam-se como possibilidades de métodos históricos. O relato é visto como uma prática de espaço e, neste, haveria a necessidade de levar em conta a variação do tempo.

Como uma discussão interna à História, Souza aponta para a perspectiva histórica de seu trabalho e apresenta a história oral como um trabalho de pesquisa vinculado à utilização de fontes orais originadas em situação de entrevista e com o objetivo de produzir documentos.

A autora dedica um momento próprio na dissertação para discutir os procedimentos de pesquisa ligados à história oral (transcrição, textualização, retorno da entrevista, carta de cessão) e os contatos com seus entrevistados.

O terceiro capítulo dedica-se a apresentar integralmente as entrevistas realizadas com quatro professores.

Com o intuito de assinalar mudanças e permanências na trama histórica constituída a partir dos depoimentos coletados, Souza discute algumas das temáticas ressaltadas nos documentos produzidos: formação acadêmica desses professores, docência, projetos e ações desenvolvidas pelos depoentes e legislação vigente.

As várias vozes e seus regimes de verdade: um estudo sobre profissionalização (docente?). Dissertação de Mestrado de Marisa Rezende Bernardes, orientada por Antonio Vicente Marafioti Garnica e defendida em 2003 na Faculdade de Ciências da UNESP- Bauru.

O foco desta pesquisa está na história da atuação do professor, mais especificamente nas relações de saber/poder constituídas e exercidas entre o magistério e a profissionalização.

A autora recorre à história oral enquanto recurso metodológico reconhecendo os depoimentos coletados como documentos. Opta por entrevistar pessoas reconhecidas publicamente por seu engajamento com sua profissão levando em conta participação política em sindicatos, partidos... O critério adotado para a seleção dos depoentes explicita uma expectativa que, segundo a autora, está fundada no modelo proposto por Foucault que propõe "abordar o problema da formação de um certo número de domínios de saber a partir das relações de força e de relações políticas na sociedade"(p.101).

O objetivo da pesquisadora era perceber dos depoentes quais os aspectos de suas ações os tornam diferenciados na visão de seus pares. Opta por não fazer análise de cada depoente, mas "das condições que possibilitam a cada um destes depoentes cumprir a função de sujeito"(p.98).

Vidas e circunstâncias na Educação Matemática. Tese de doutorado de Carlos Roberto Vianna, orientado por Antonio Miguel e defendida em 2000 na Faculdade de Educação da USP-São Paulo.

Defende a tese de que professores que atuam em Departamentos de Matemática e que trabalham, predominantemente, no campo da Educação Matemática sofrem resistências de fundo preconceituoso por parte de seus colegas.

Com base na metodologia história oral – trabalhando com história de vida e história temática – Vianna realiza entrevistas com quinze pessoas selecionadas a partir

de critérios. O principal deles seria entrevistar pessoas que trabalharam com Educação Matemática em Departamentos de Matemática e que já tivessem aposentados. Este critério é "rompido" quando o autor opta por inserir outras perspectivas no trabalho, voltando-se para pessoas que, embora trabalhassem com Educação Matemática, não estavam ligados a Departamentos de Matemática.

As entrevistas são transcritas, textualizadas ou transcriadas, tornando-se, cada entrevista, uma história criada pelo autor. A opção por apresentar as entrevistas no trabalho dá-se pela intenção de deixar claro para o leitor o ambiente, e a trajetória que gerou as idéias ali apresentadas e, pelo pressuposto do autor de que as resistências enfrentadas ou não estariam diretamente relacionadas com a história de vida de cada um. Vianna opta por não analisar os depoimentos, criando uma trama que provoque no leitor o exercício da compreensão.

Dessa forma, o autor mistura ficção e realidade. Os comentários dos leitores (fictícios ou não), os recursos de estranhamento e surrealismo parecem ser inseridos no texto com o intuito de propiciar ao autor a possibilidade de discutir suas opções metodológicas e intenções. O texto da tese ressalta as várias vozes que participam de sua construção.

Para que o leitor compreenda a idéia de preconceito defendida na tese, Vianna cria uma trama que leva o leitor a sentir esse preconceito em relação a outras questões (noção de ciência, rigor, pesquisa...). É proposto aos leitores um trabalho de correspondência entre recortes feitos das entrevistas (nos temas definição de utopia, definição de Educação Matemática e resistência vivida) e as narrativas entrevistados.

Vianna traz à tona a idéia de que a resistência sempre existe e é socialmente construída. Opta, então, pela não análise e, para além disso, considera-a essencial trazendo, através das entrevistas, uma busca possível pela localização dessa resistência e pelos modos como esta se manifesta.

"Educação Matemática e Nova Alta Paulista: Orientação pra Tecer Paisagens". Dissertação de mestrado de Ivani Pereira Galetti, orientada por Antonio Vicente Marafioti Garnica e defendida em 2004 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

A autora teve como objetivo constituir uma paisagem da Nova Alta Paulista (última região do estado de São Paulo a ser colonizada pelo homem branco), tecida a partir do professor de Matemática, seu cotidiano e suas práticas. Para tanto, realizou um estudo a partir da literatura disponível acerca da colonização da Nova Alta Paulista e

valeu-se da metodologia da história oral envolvendo entrevistas com cinco professores de Matemática que atuaram em diferentes cidades dessa região no período de 1950 a 1970 e cuja trajetória profissional prolonga-se até o final do século XX.

A dissertação é estruturada tendo como base uma sessão de orientação com o orientador da pesquisa, realizada em 13 de agosto de 2004. Dessa forma, alternam-se no corpo do trabalho diálogos entre orientador e orientanda, textos elaborados a partir da bibliografia consultada e as textualizações integrais das entrevistas realizadas. Para diferenciar os momentos de orientação dos textos previamente elaborados, a autora opta pela alteração das margens e do formato de cada "tipo" de texto.

Com este trabalho a autora afirma estar contribuindo para a compreensão de um cenário mais amplo, do movimento da formação de professores de Matemática no interior do estado de São Paulo.

"Identidade Cultural do professor de Matemática a partir de depoimentos (1950-2000)". Tese de doutorado de Silvia Regina Vieira da Silva, orientada por Antonio Carlos Carrera de Souza e defendida em 2004 na PGEM da UNESP-Rio Claro.

A autora promove uma discussão a respeito da Identidade Cultural do Professor de Matemática, voltando-se para as décadas de 1950 a 2000.

Silva utiliza procedimentos da história oral e entrevista dez professores da rede de ensino público de Rio Claro, afirmando-as como fontes essenciais. As textualizações são apresentadas integralmente como forma de proporcionar ao leitor acesso às histórias de tempos e vidas de professores de Matemática.

Valendo-se do conceito de tendências históricas de Philiphe Ariès, a autora levanta quatro tendências: três delas de conservação (Sociedade, Prática x Teoria e Identidade Magistério) e uma de mudança (Fragmentação do sujeito professor).

Com base no trabalho de Stuart Hall acerca de identidade cultural, Silva promove uma discussão envolvendo as práticas do professor de Matemática e afirma que, apesar dos decentramentos, algumas características permaneceram (como apontado pelas tendências) e é necessário aprendermos a conviver com o diferente.

Capítulo 5

Vozes na pesquisa em Educação Matemática

"Um lugar possível para a busca de referenciais perdidos é a discussão epistemológica, em que se procura recolocar papéis e redefinir campos"
D'Alessio

Este capítulo foi pensado como um espaço que procura revelar, para além das informações coletadas nesta pesquisa, verdades singulares como algo que faz sentido para alguém e não como algo existente ao final de "cálculos" de verificação. Busca-se aqui um rompimento com a incoerência entre a ação humana e o silêncio do mundo quanto à sua expressão.

Dessa forma, os depoentes serão aqui apresentados como no teatro épico em que o autor vai ao palco não para interpretar os personagens, mas para contar sobre eles. Neste caso, em específico, os atores contam sobre si e este contar é um exercício coletivo em que a apresentação das narrativas, construídas por esta pesquisadora e seus entrevistados, coloca-se como um interessante trabalho de fazer ecoar as vozes que fomentaram esta pesquisa.

O movimento em direção à constituição de um quadro da história oral na Educação Matemática coloca-se, num certo momento, como um exercício de audição. Recorrer a vozes sobre determinado tema pressupõe um ouvido atento.

Em acordo com Paul Thompson[1], saber ouvir é uma habilidade essencial e desenvolvê-la coloca-se como uma possibilidade de reconstrução histórica mais ampla.

Este capítulo apresenta, de forma integral, as narrativas constituídas nesta pesquisa como uma forma de possibilitar aos leitores um exercício próximo do relatado acima: uma espécie de "ouvir", ou ainda, de "falar".

[1] Seminário Internacional de Memória, Rede e Mudança Social. 2003.

5.1) Entrevista realizada em 07 de julho de 2004.
Ivete Maria Baraldi

Meu nome é Ivete Maria Baraldi, sou professora há sete anos na USC (Universidade do Sagrado Coração) aqui de Bauru e também, desde o ano passado, professora substituta na Unesp de Bauru.

Comecei a ouvir falar de história oral com o prof. Antonio Vicente Marafioti Garnica. Ele começou a falar disso mais ou menos em 1998. Foi quando fui fazer uma disciplina com ele aqui na UNESP de Bauru, eu estava querendo fazer um doutorado e estava ainda meio perdida! Tinha terminado o mestrado em 1996 numa área completamente diferente, lógico que em Educação Matemática, mas sempre estudei muito psicologia da Educação, teorias de aprendizagem... que é uma área que eu gosto bastante! (Eu trabalho também com prática de ensino, então sempre li bastante coisa nessa área.) E aí eu fui fazer essa disciplina com o Vicente para poder voltar a ler, a estudar e quem sabe surgir um projeto!

Foi aí que o Vicente começou a falar de história oral e da sua vontade de fazer uma pesquisa aqui na região de Bauru sobre os professores, a formação dos professores de matemática. Ele estava terminando de orientar o trabalho da Gilda de Souza (acho que é esse o nome, não sei o nome dela inteiro), que defendeu no final de 1998, começo de 1999..., acho que foi final de 1998. Esse foi o primeiro trabalho que eu vi em história oral!

Foi nessa época que o Vicente foi para os Estados Unidos. A gente trocava bastante figurinha e eu fui lendo muita coisa. Aí vieram aqueles livros que todo mundo lê! **Usos e abusos da história oral**, o manual do Meihy, textos do pessoal lá da FGV[2], do CPDOC[3], a Olga Simson... E foi aí que eu decidi, juntamente com o Vicente, fazer um projeto em história oral.

A sensação que eu tive lendo o trabalho da Gilda (que é muito legal), nunca tendo lido nada de história oral, é a que eu descrevi para o Vicente num e-mail: "Vicente, eu terminei de ler o trabalho da Gilda e achei muito legal, mas eu me senti uma criança!" Porque ela tem toda uma bagagem de anos como professora. Eu falei: "ah eu não sei se eu consigo fazer um projeto desse tipo! Eu não tenho essa vivência, eu sou uma menina!" E o Vicente falou: "ah, não se preocupe, realmente você perto da Gilda é uma menina". Isso em termos de profissão e até mesmo de idade, não que ela seja tão mais velha que eu, mas em termos de vivência.

Foi aí que a gente começou a pensar junto esse projeto sobre formação de professores e que eu tive um primeiro contato com a história oral.

Depois vieram outros trabalhos, porque em 1999 eu prestei o exame de seleção na UNESP em Rio Claro, com um projeto cujo nome foi, bem dizer, o nome da tese! Aí já com entrevistas e com bastante leitura sobre história oral.

Pensar na definição de história oral é pensar na grande briga do povo todo, né! Para mim a história oral é uma metodologia de pesquisa qualitativa, porque ela vem organizar toda a questão da pesquisa, com os seus métodos, conforme ela vai direcionando como se fazer uma entrevista, como abordar, enfim, mas o mais importante é que é uma metodologia, como qualquer outra metodologia qualitativa, que implica uma concepção. Ela implica em ou ela precisa de, não sei que palavra usar, mas você precisa ter uma concepção de história que te permita utilizar a história oral como metodologia. Não sei se posso dizer que essa concepção se alterou com o tempo, tendo em vista meus primeiros contatos com a história oral e meu trabalho atual, acredito que

[2] Fundação Getúlio Vargas.
[3] Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

ela vem se delineando. Naquela época era uma coisa relativamente nova. Eu brinco com o Vicente: "eu *malemá* estava tentando ser uma educadora matemática e aí inventei de estudar história oral". Eu sempre estudei teorias de aprendizagem, então isso foi muito novo para mim. Tanto que até mesmo depois que eu defendi a tese... eu achei uma reportagem sobre fotos, não era nada em história oral e eu falei: "Vicente, olha que legal!" Porque é um fotógrafo cego que tira fotos. As pessoas falam para ele o que tem na foto. Eu me senti como esse fotógrafo. É assim que eu me sinto em história oral, ou seja, eu consigo enxergar as versões histórias por meio do contar dos outros. Dessa maneira, percebi que estava conseguindo absorver, entender o que é realmente história oral e fazer associação com outras coisas! Então para mim foi assim... o caminho das pedras, foi difícil estar vindo de outra área, ou melhor, de outra linha de pesquisa.

Quando olho para o grupo "História Oral e Educação Matemática" eu vejo antes de tudo que são meus grandes amigos, queria estar mais junto de todos. Acho que foi uma coisa bem legal que aconteceu, embora tenha alguns rachas aí entre algumas pessoas que eu saiba. Mas, de maneira geral, a questão das amizades foi uma coisa bem importante para mim, mesmo com a Luzia, com a Ednéia,... com a Rosinéte! A gente é de se ligar! E olha, quando eu ia imaginar que eu ia fazer uma amizade em Santa Catarina! A Rosinéte liga, conversamos, trocamos algumas idéias. A Silvia que está lá no Mato Grosso do Sul! Então eu acho isso uma coisa muito importante, essa coisa da amizade e vejo como um grupo de amigos. Mas, academicamente falando, eu vejo um grupo em crescimento! Se eu tivesse que dizer uma palavra, mostrar uma imagem, que em geral é difícil de transcrever e explicar para alguém, eu diria que é como...

É que eu ganhei uma receitinha de um bolo que é de três dias! É um fermentinho que você ganha e que vai crescendo por três dias. Bolo da fartura! Eu ganhei e estou guardando os fermentinhos na geladeira porque daí eu posso ter bolo da fartura para o resto da vida! Então, é como isso, a gente está alimentando esse fermentinho. Você tem que alimentar ele por dois dias, com açúcar, farinha e leite. No terceiro dia você pode partir e fazer o bolo! Acho que até dá para dividir em quatro e aí cresce um dos bolos. Então, se eu tivesse que mostrar como eu vejo - eu adoro trabalhar com metáforas - eu vejo como esse fermento que a gente está cuidando para virar um bolo bem legal! Bolo no sentido de amadurecimento, por enquanto é uma massa disforme em crescimento, acho que ainda não é um grupo pronto, formado, é um grupo que ainda está em crescimento, no qual cada um, de sua maneira, está acrescentando ingredientes!

Pensando no que faz desse grupo um grupo... eu já falei em relações de amizade, estudo, crescimento. Mas a gente não pode esquecer que quando eu falei dessa massinha, do bolo eu estou colocando todo mundo no mesmo patamar e não é isso que acontece no grupo. Por exemplo, nós não podemos esquecer do Carlos Roberto Vianna, podemos esquecer não, devemos ressaltar o Carlos (que tem muita leitura em filosofia), o Vicente (que lê muito e com muita rapidez absorve os conceitos e discute-os), o Antonio Carlos Carrera de Souza (sempre muito lúcido. Eu gosto muito da lucidez do Carrera!), a Gilda (com toda uma experiência de vida e de enxergar algumas outras coisas que às vezes a gente não enxerga) e então eu vejo que é isso e aí têm todos os outros nós! Nesse sentido da gente estar caminhando, batalhando, chegando e, como eu falo, não tem nem que querer comparar com nenhum outro! Não tem comparação, mas eu sou uma pequenininha ainda, eu estou crescendo... estou crescendo.

Pensando nisso, falar do que faz do nosso grupo um grupo é complicado. Acho que é a questão de estarmos procurando uma mesma coisa pela diversidade dos pensamentos, a pluralidade das idéias! Se todo mundo já tivesse a mesma idéia, ficaria uma coisa que não... não teria tom de..., acho que não definiria um grupo! Acho que é esse movimento, essa discussão, é essa vontade de crescer, essa vontade de se colocar e

falar: “olha, nós somos pioneiros, é um grupo de história oral e Educação Matemática! Quando ninguém estava pensando nisso ‘nós’, eu acho que mais os outros que eu citei primeiro, nós fomos pensar, nós nos formamos”. Acho que um grupo seria um movimento de pessoas com visões diferentes, mas com um objetivo em comum!

Quando penso nos “fundadores” do grupo “História Oral e Educação Matemática” sei que não tenho os fundantes que a maioria deles têm acerca de filosofia. A leitura que eu fiz em filosofia sempre foi muito pouca, não tenho a leitura que eles têm e talvez isso possa ter dificultado alguma coisa. De qualquer forma acho que as idéias foram clareando, foram se delineando, então pensar em história oral é pensar que você terá que adotá-la como metodologia e junto dela uma postura de pesquisadora em história e em história oral. Acho que isso foi se definindo porque na minha qualificação, embora eu achasse que ela poderia ser uma metodologia, eu, sem que houvesse percebido, havia colocado a história oral como o referencial teórico. Isso porque, na verdade, ela fazia com que eu tivesse uma postura frente à História e, dentro da História, frente à história oral. Mas com o tempo a idéia de história oral como metodologia foi clareando para mim. O que não faz com que eu não aceite as outras, eu aceito, lógico! Por exemplo, quando o Carlos fala que história oral é uma disciplina, eu concordo segundo sua visão acerca de disciplina, mas para mim, a forma como eu a utilizei foi como metodologia! Isso para mim é muito claro!

Enquanto pesquisadora que se utiliza da história oral eu não me vejo como historiadora, mas como uma educadora matemática que se apropria de uma espécie de ferramenta (conforme discutido há pouco tempo no grupo de pesquisa)! Essa apropriação não me faz uma historiadora! Como o Carlos diz “uma historiadora de carteirinha”! Não sou uma historiadora de carteirinha, não posso ser uma historiadora tendo em vista a definição que classicamente é dada à mesma! Enquanto uma educadora matemática, eu me aproprio da história oral.

Utilizando essa metodologia eu produzi a tese e alguns frutos dela, como artigos, não em revistas científicas, mas em Anais, trabalhos completos em Anais, apresentação de trabalhos, pôsteres, enfim os frutos da tese! Então eu acho que a grande produção é a tese e aí tem os filhotinhos.

Tentando pensar em princípios inegociáveis na utilização da história oral, retomo a idéia de exigência de uma certa concepção de história e ressalto a questão de que trabalhar com a oralidade não implica em trabalhar com a história oral. A história oral não é depoimento oral, quer dizer, depoimento oral não é, por si só, história oral! Então, no trabalho com história oral, você tem que carregar junto essa concepção de história. Não vejo, por exemplo, você só se apropriando de depoimentos, analisando e fazendo uma história clássica com aquilo ali. Parece que essas são coisas intrínsecas, talvez inegociáveis. Para mim não tem como pensar em história oral dissociado dessa concepção de história em movimento, em construção, a história dos vencidos, mas não só dos vencidos. Eu não trabalhei com vencidos, nem com uma classe marginalizada, eu trabalhei com as memórias dos professores, com o cotidiano, com as pessoas comuns, como todos nós. Não vejo essas coisas dissociadas!

Pensando na cientificidade da história oral, me lembro da questão que surgiu na defesa de tese da Sílvia Regina Vieira da Silva sobre a história ser ou não uma ciência. Pensar na cientificidade da história oral é complicado porque envolve várias coisas! É a mesma coisa que perguntar: “matemática é ciência ou não é? O que é ciência?”. Num achômetro vou pensar nessa cientificidade como uma área de conhecimento, produção de conhecimento. Então a história oral é científica? Se estou pensando nela como construção dentro de uma área de conhecimento e se estou produzindo dentro dessa área, então é. Eu definiria dessa forma! Não sei se, agora, eu saberia explicitar ciência

de uma outra forma! Sendo assim, se tenho uma área já definida como científica e se consigo produzir conhecimento dentro dessa área, então este é científico. Agora se eu pensar: "a história é uma ciência?, a matemática é uma ciência?, a educação é uma ciência?" Se eu responder não para todas elas, eu respondo não para história oral e aí eu tenho que justificar de outra forma. Caso contrário, se eu digo: "não, é uma área de conhecimento, estou produzindo conhecimento científico, estou produzindo 'Ciência' ", a história oral está dentro disso.

Quanto aos autores, à literatura que, fundamentalmente, sustenta o meu trabalho em história oral,... todo mundo começa pelo be-a-bá, né? Pelo Meihy, o trabalho **Usos e Abusos**... Acabei de comprar outros dois livros, que eu não li ainda, mas, um chama **Manual de história oral** que é daquela autora, ... me fugiu o nome, que é do pessoal do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, ... Alberti! Verena Alberti, uma coisa assim ... É isso mesmo, está aqui o livro! Verena Alberti! Eu li muitos dos textos daqui, textos da Olga Simson,... Paul Thompson! Quando se fala em história oral, todo mundo lembra do Paul Thompson! **Essas vozes que chegam do passado** do Joutard! É importante ler **O ofício do historiador** do Marc Bloch. Acho esses textos bem interessantes enquanto fundamentação teórica!

Os trabalhos desenvolvidos com a metodologia de pesquisa qualitativa história oral contribuem com o meio acadêmico, com os trabalhos científicos que estão sendo desenvolvidos, ao mostrar as diversas versões, as várias facetas de uma mesma história. A frase pode não ter ficado tão boa, mas a idéia é poder dar voz, estar mostrando uma versão histórica daquele cotidiano, das pessoas que viveram aquilo. Eu gosto muito de uma frase do Joutard, que me lembro de ter falado lá em Curitiba e todo mundo ter ficado meio assim. A frase é: as lágrimas, a dor, o horror, só sabe traduzir quem viveu. Então às vezes a gente pega os papéis ou mesmo os livros de história clássicos, eles não têm a emoção de quem viveu aquilo, e eles estão contando uma versão. Então os trabalhos em história oral vão contribuir para mostrar as diversas versões de quem viveu e de quem ajudou a construir aquilo. No caso do meu trabalho, pensando nos professores de matemática, como foi essa versão dos professores? Não adianta a gente ouvir, quer dizer, adianta, lógico! Mas não adianta só ouvir a versão, por exemplo, se ainda fosse possível, de um Benedito Castrucci, de um Osvaldo Sangiorgi, que divulgaram a Matemática Moderna. Essa seria uma versão, mas os meus professores que estavam na sala de aula e receberam isso, como é que eles trabalharam? É uma outra versão! O mesmo ocorre com as imposições, por exemplo, da lei 5692 que veio em 1971. Para muitos ela foi uma organização do ensino e para outros muitos professores foi a derrocada do ensino. A contribuição, então é você poder ver essas várias versões e ver esse movimento, aliás a Educação Matemática também é um movimento, em construção. É, você poder olhar para o Brasil todo, para o que está acontecendo em diversos lugares e para as várias versões da história! E é contribuir para com a construção de uma versão dessa Educação Matemática, desse movimento no Brasil.

Eu chego a discutir no meu trabalho o quanto este é representativo para Educação Matemática, mas talvez não faça isso explicitamente já que o meu trabalho foi num molde um pouco diferente, não existem considerações finais e, em geral, é lá (nessas considerações) que se costuma ver esse tipo de discussão. Nos arremates do trabalho foi possível perceber uma coisa que ficou bastante forte, a sua contribuição em mostrar muitas outras histórias e o que elas falavam: "como é a formação dos professores? Eles todos vieram das universidades?". Não. Tanto que as universidades aqui no interior se formaram baseadas na escola normal, porque a maioria dos professores eram da escola normal. Então se a gente for pensar em todo esse ciclo, quer

dizer, que a formação dos alunos em matemática se deu em acordo com a formação que aquele professor havia tido na escola normal, que era a formação do professor de primeira à quarta série... Todo esse movimento no centro do estado é muito diferente, por exemplo, daquilo que a gente teria lá na capital! Essa região central é uma região abastada, não é uma região pobre, e no que se refere a esse movimento que teve a formação do professor de matemática houve uma grande dificuldade de se conseguir um lugar para essa formação. Acho que essa é uma das grandes contribuições do meu trabalho, ele deixa mais explícito como é amarrado a isso de várias formas, ele contribui para perceber a ferrovia na formação de professor, a importância da CADES aqui para o interior, que é o momento em que eu volto a falar da formação de professores. Então ele vem a contribuir dessa forma, ele mostra outras faces dessa formação do professor de matemática! E isso é uma coisa que eu falava na hora em que eu estava terminando o trabalho: às vezes dá uma sensação de impotência, porque a gente vê que existe ainda tantos *links*, tantos elos, tantas coisas que a gente tem que fechar e que não tem como, ou a gente termina o trabalho ou a gente vai ficar a vida inteira fazendo! Essa é uma coisa que eu reconheço no meu trabalho, pelo menos eu vejo isso, ele contém alguns pontos de luz para vários outros tantos trabalhos, que dá para pegar: "então vamos pegar isso, vamos olhar direito como que foi essa questão nas universidades, como foi a primeira faculdade aqui, qual foi, os cursos vagos, inclusive os cursos de finais de semana, onde tem, como eles funcionam, funcionam ainda?, como que é essa questão do professor na prática, o professor se formando na prática?". Que são concepções que os nossos alunos ainda têm! Eles, às vezes, às disciplinas específicas de prática de ensino, não dão importância porque acham que vão aprender só na prática da sala de aula! Então acho que têm vários desses pontos de importância, mesmo aqui para região. Eu acho que ele pode contribuir para isso, acho que ele levantou uma gama ampla de possibilidades de outros estudos. Uma das últimas frases que eu escrevi, certamente não será a que você vai ler já que ele não tem muita lógica em sua ordenação, é que: "hoje nós temos uma UNIP[4], nós temos UNESP, nós temos FIB[5], tem a FENIX que vai abrir curso de matemática, tem a USC[6] ... que professor nós estamos formando? De onde vem a nossa herança de tudo isso? Porque a gente teve a formação lá com aqueles professores, que tiveram a formação na CADES, nos cursos vagos, que se formaram na prática, que fizeram os cursos em escola normal, e aí? Somos nós que estamos hoje na universidade, como é isso? Que tipo de formadores somos?". Isso eu acho bem legal, como eu já falei, eu acho que é a grande contribuição porque a maioria dos professores com quem eu converso nunca ouviram falar de CADES[7], não fazem idéia de como era essa formação. Quando eu pergunto para os meus alunos: "vocês sabem como era a formação de seus professores? Então, olha, será que podia ser assim? Será que era daquele jeito?". Isso tem sido pouco discutido. Veja a força de vontade desses professores, de ficar um mês fora! Porque tinha que fazer, tinha que sobreviver. São essas as várias coisas que a gente iluminou, alguns dos pontos que a gente iluminou, mas esses pontos podem ser ainda explorados assim como alguns escurinhos que a gente não enxergou.

Em termos de Brasil, pensar quantitativamente é complicado, quem sou eu dentro do Brasil? Um pontinho de luz! Mas em termos de Educação Matemática, em termos de Educação, eu espero, e essa é minha esperança, que meu trabalho seja significativo. Porque é sabido que em termos de tese, são poucas pessoas que vão ter

[4] Universidade Paulista.
[5] Faculdades Integradas de Bauru.
[6] Universidade do Sagrado Coração.
[7] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

acesso, não sei se todo mundo vai ler, embora várias pessoas já tenham lido. O seu Linneu lá em Jaú já deu para um monte de gente ler e vieram falar: "ah, seu trabalho é legal!". Então acho que aos poucos vai abrangendo, mas vamos ver se ela, em versão livro, tem uma abrangência um pouco maior! Então, quantitativamente, eu acho que ela é importante, apesar de não saber dizer o quanto! Não sei estipular, eu gostaria que fosse muito, mas não é, eu acho que é pouco porque se pensar em termos de Brasil... é pouco assim, em termos de abrangência, de todo mundo conhecer, mas eu acho que em termos de localidade, de mostrar isso da região desse interior aqui, eu acho que ela é bastante representativa!

Quanto a algumas discussões que nós do grupo "História Oral e Educação Matemática" temos feito, no que se refere especificamente ao documento, penso que envolve uma outra coisa que estávamos discutindo que é a parcialidade, distanciamento, estranhamento. Documento escrito, oficial, que tem carimbo lá do governo ou que seja de qualquer instituição é documento para mim também! Como a fita é um documento. Sempre lembrando realmente que um documento só vai mostrar uma faceta! Um manuscrito que seja aceito é um documento! Então eu vejo que documento é tudo aquilo que é produzido e que retrata uma determinada posição, uma determinada versão. Então documento é, em história oral, a gente produzir a fita, a fita é um documento, como a textualização também é um documento!

O pesquisador que se utiliza da história oral produz documentos. Estava discutindo outro dia com a Silvia sobre uma palavra que eu usei na tese - parcialidade - e ela falou: "é, realmente você tem que tomar cuidado porque ao usar a palavra parcialidade parece que você está forjando uma situação". Mas não é essa a intenção, na verdade, porque quando você está produzindo o documento que é a fita, você tem o foco do pesquisador, então, queira ou não, você está direcionando o entrevistado, ou o depoente, a falar sobre aquilo que você quer ouvir! Então não seria a questão da parcialidade, mas do foco, do desejo. O Carlos fala muito do embate entre entrevistado e entrevistador, que é de tirar da pessoa, de discutir. Então, diante da metodologia de história oral, com o uso dessa metodologia, nós estamos produzindo documento que outras pessoas podem olhar! É um documento de pesquisa, como qualquer outro, como a fita cassete e de vídeo, como o jornal, como a carta de uma pessoa, seja ela mais famosa ou menos famosa.

As entrevistas que eu efetuei, os depoimentos (todos gravados), estão no arquivo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru e Região "GABRIEL RUIZ PELEGRINA"-NUPHIS da USC. Isso porque a gente conseguiu a cessão de todos os depoentes. Os depoentes cederam as gravações para que outras pessoas pudessem utilizar essas fontes orais.

Nesse arquivo, eu não sei se as gravações são emprestadas, acho que as coisas que estão lá no arquivo não saem de lá porque você poderia, se fosse um documento escrito, fotografar com câmera digital, que eu sei que é o que é permitido. Não pode xerocar, não pode *digitalizar por meio do scaner* por causa da luz! Por causa dessas coisas todas eu acredito que essas fontes orais você teria que ficar ouvindo lá, seria um documento para ficar ouvindo lá. Como não tem nenhum veto ao trecho, uma pessoa que vai fazer a pesquisa, ela pode usar e, na verdade, até mesmo fazer uma outra transcrição, uma outra textualização daquele documento que está lá. Quanto à ética na utilização desses documentos, não acho que caiba aos responsáveis do arquivo, mas a cada pesquisador! De saber o que é que ele vai usar, o que ele vai deixar de usar, a postura.

Quando eu adoto uma metodologia tem algumas coisas que eu vejo como intrínsecas. Mesmo na pesquisa qualitativa! Qualquer pesquisa qualitativa! Você vai ter que ter uma ética, uma postura de pesquisador.

No meu trabalho, falando agora das relações com os depoentes, tiveram alguns, por exemplo, que eu só conversei com eles na época da textualização, da conferência e tudo mais e voltei... Por exemplo, eu fiz umas entrevistas em 2001 e só voltei a ter contato novamente com a pessoa no final de 2003. Por quê? Porque não eram pessoas próximas, então eu tive pessoas de Botucatu, de São Carlos, Pederneiras... não tinha uma relação próxima. Se for pensar nesse tipo de relação, a questão do distanciamento que estava discutindo bastante estava ligada à idéia de que com nenhuma dessas pessoas eu tinha um elo afetivo. Quando eu usei essa palavra distanciamento, eu não tinha pensado naquela última discussão que o grupo fez sobre estranhamento baseado no livro **Olhos de Madeira**, não tinha essa leitura na época. E aí eu volto àquela questão do trabalho em história oral e da minha dificuldade e tudo mais, eu não tinha parâmetro de história oral dentro da Educação Matemática, eu não tenho leitura suficiente em filosofia, é uma coisa que eu tenho que ir aos poucos! Pode falar: "ah tem o trabalho do Carlos, da Gilda". Jóia, ótimos trabalhos! Mas eles não deram conta de discutir tudo isso! E eu também não dei. Então quando eu usei a palavra distanciamento era só pensando em não utilizar pessoas com quem eu tinha elos emocionais. Como foi o exemplo daquele professor meu de matemática, que o Vicente até contou. Eu não enxergava que eu tinha aquela empolgação por ele! Ele foi uma pessoa importante para mim, tanto que quando ele falou: "ah, me esquece!". Eu falei: "caramba, né, e agora, para onde que eu vou?". Então esse tipo de distanciamento foi até legal porque eu pude colocar tudo o que eles haviam dito, pude fazer algumas análises, pôr algumas perguntas ali sem medo de: "ai, eu vou chocar as pessoas", não! Não porque eles foram os meus depoentes, eles cederam aquele discurso para mim. A única pessoa com quem eu tive mais contato, por exemplo, foi a dona Miriam, porque a gente está trabalhando no mesmo local, mas evitei de ficar falando sobre o assunto sempre.

Foi bem legal a hora em que eu retornei com o trabalho pronto, que eles viram na caixinha e tudo: "nossa, mas é tudo isso? Não, para mim não precisava, podia ser só encadernado com espiral!". Daí eu falei: "não, fiz pra todo mundo". Mostrei tudo certinho, eles ficaram bastante contentes com o resultado final. Entreguei uma cópia do trabalho para cada depoente, a caixinha com os três volumes, com o CD anexo, tudo certinho e antes da defesa. Entreguei um por um em mãos, eles gostaram. Durante a entrevista surgem algumas coisas interessantes como a questão da cumplicidade, alguns como se tivessem confessando alguma coisa, outros mais receosos, mas de uma maneira geral ficou isso: eles se tornaram importantes para mim. É essa a relação que fica porque já não era mais o professor fulano e também não é aquela relação: "ah eu só me aproveitei deles para fazer o trabalho!". Não, é aquela questão de: "eles foram importantes para mim, agora eles fazem parte da minha vida".

Entreguei a tese quando eu fui pedir a outra carta de cessão, que é onde eles me cedem a entrevista para poder entregar para o arquivo. Essas cartas revelam já um cuidado ético.

Falar de análise é difícil, tenho a sensação de que devia ter estudado mais antes de falar. Considerando que trabalhamos com versões, a gente trabalhou, eu trabalhei muito diante do que o Vicente havia escrito, de que analisar (isso é o que está entendido no meu trabalho, ainda não tive condições de sentar e falar: "não, vamos ver isso com mais calma!"), é enxergar perspectivas, enxergar tendências, então coisas que se tornam... não seriam repetitivas, mas convergentes. Iluminando uma certa direção, e aí, diante dessa tendência, de trabalhar com essa tendência, escrever e destrinchar essa

tendência, até mesmo poder fazer alguns questionamentos sobre aquela determinada coisa que eu estou enxergando e fazer uma análise mais crítica, vamos dizer assim né! Aí entram outros autores, coisas que eu não fiz no meu trabalho! Eu fiz o apontamento das tendências e deixei algumas questões. Então como eu falei, eu acho que é legal por causa disso, porque vai mostrando: "olha, tem coisas que ela não explorou ainda e se a gente for por esse lado?". Que foi uma coisa que chamou bastante atenção, principalmente na qualificação, se era necessário fazer algumas críticas ou então colocar algumas coisas em xeque. Não se era bom ou se não era, não emitir julgamento sobre algumas tendências.

Quando falo em tendências estou falando em temáticas que surgiam pela convergência ou divergência no discurso dos depoentes, eram algumas coisas que eram apontadas. Eu trabalhei com história oral temática.

No momento das entrevistas não tive, vamos dizer assim, problemas éticos. Porque os meus professores, vamos imaginar assim, eu não tive nenhum problema de professor que falou: "ah eu não quero que você coloque tal coisa!". Alguns, lógico, corrigiram e tudo mais. Só que na transcrição acabou indo daquela forma, embora a transcrição só estivesse no CD! E na fita também, mas ele não censurou a fita. Por exemplo, eu tinha um professor que fazia muita comparação entre o nordestino e o paulista, então dava para perceber que ele tinha uma certa bronca de alguns nordestinos, mas ele falou: "ah eu vou tirar isso aqui porque senão minha filha vai pegar no meu pé!" Mas ele não assumiu isso como: "ó, não vai ficar bem, corta isso definitivamente!". Eu não tive problema com os meus professores sobre isso. Inclusive falam: "ah, eu vou falar mesmo!". Colocam aquela sensação de: "Olha, eu não pude falar até hoje, agora que me deram a chance, vou botar a boca no trombone, eu não tenho mais nada a perder". E não tinham mesmo, né! Eu não tive problemas quanto a isso. Quanto às cartas de cessão, são necessárias porque a entrevista é dele, é ele que está me cedendo! Então eu não teria o direito de disponibilizar para outras pessoas se ele não quisesse! Se ele não me autorizasse a mostrar o nome dele, então eu tomaria cuidado: olha esse aqui eu não posso dizer quem é. Esse seria um cuidado ético!

Não tive problemas com palavrão, porque eu lembro de uma vez o Carlos falando que teve um professor: "ah porque eu vou fazer não sei o quê!". E falou um palavrão. E que na hora o Carlos teve que mudar. Problema ético? É, porque eu deixo ou não deixo o palavrão? Mas eu vou ganhar deixando o palavrão? O que eu ganho e o que eu perco? Então eu não tive problema com esse tipo de coisa. Eu acho que foi mais amena essa questão da ética, eu só segui os procedimentos de quem trabalha com história oral. Elaborei as cartas de cessão para disponibilizar a entrevista e, antes, para utilizar a textualização.

A textualização é a fase final da entrevista, que a pessoa dá autorização de utilização. Eu vejo esse trabalho de textualizar como importante porque segundo uma frase, (agora eu não vou lembrar, eu sei que li no Gattaz, mas eu não sei se era dele ou se era do Meihy) a pessoa na verdade só se enxerga na textualização. Nenhum dos meus depoentes leu a transcrição. Lógico, depois eu corrigi algumas coisas da textualização, de algumas transcrições eu não corrigi porque eu não tinha mais como corrigir. Então dá para perceber que na transcrição falta o nome do fulano e na textualização está inteiro, porque eu não tinha mais como voltar outras vezes! A textualização é a forma dele se enxergar. Mas ao mesmo tempo não é só isso, não é só para deixar o texto bonitinho para todo mundo ler. Porque aí está a questão da relação entre depoente e pesquisador, do embate que eu já falei. Porque ali na textualização também estão as minhas palavras embutidas, as minhas perguntas embutidas. Na verdade é um texto escrito a quatro

mãos, ou a duas vozes! Então não é essa coisa de ficar mais legível, mais agradável de ler, mas de ficar essa união pesquisador-depoente.

Eu sempre entreguei a transcrição e a textualização para a conferência do depoente, mas só vinha corrigida a textualização. Uma vez um professor começou a ler a transcrição, porque entreguei o material a ele e só depois que ele viu que eram duas coisas distintas, ele falou: "ah comecei a ler isso aqui e comecei a corrigir porque estava muito ruim! Mas estava dando um trabalho danado! Aí eu vi o outro texto bonitinho que você fez, aí eu só corrigi ele!". Então era bem isso. Eles não corrigiam nada da transcrição! Depois o que era possível, às vezes, eu corrigir da transcrição eu corrigia, mas se você pegar transcrição e textualização, têm muitas coisas distintas. Inclusive porque eu tive um professor para o qual eu entreguei a textualização num disquete (ele gosta de ler pelo computador) que mudou completamente um monte de coisa, ele acrescentou! Então se você for ver a transcrição, é totalmente (totalmente eu não digo), mas a textualização é muito mais rica do que a transcrição! Porque ele gostou daquilo e foi se empolgando, foi escrevendo. Até mesmo a fita! Se você for ver a textualização é muito mais rica do que o arquivo oral, a fonte oral!

A fita eu não entregava na época, junto à transcrição e à textualização, para ele ouvir de novo. Não sei porque eu não entregava, acho que porque na verdade eu conversava com ele que a transcrição era a transcrição literal! Só entreguei no final, eu devolvi pra todos eles as fitas (as de vídeo e as de áudio), em definitivo.

Quanto ao arquivo, eu passei tudo, mesmo algumas fitas de vídeo e fitas cassete de áudio, eu transformei tudo em áudio e desse áudio eu passei para CD, que a durabilidade é muito maior.

Considerando essas e outras questões ligadas ao grupo, eu me culpo por não ter avançado nas leituras, esse meu semestre foi tão complicado, depois que eu terminei a tese eu não parei de trabalhar um minuto, esse semestre eu estava com uma carga horária exagerada. Eu me culpo por não ter tido tempo suficiente, pode falar: "ah, o tempo é sempre desculpa!", mas é que chegava de sábado à tarde e domingo que era o único tempo que eu tinha disponível, não tinha condições!

Quando penso nas discussões que estão sendo realizadas no grupo acho, na verdade, que faltam ainda muitos delineamentos. Como eu falei na minha tese, eu não consegui discutir muitas coisas, não consegui mesmo! Devido a minha própria dificuldade de poder ler tudo isso e estar entendendo. Como eu falei, eu estava tentando ser educadora matemática e tive que estudar na área de história! Embora eu sempre tenha trabalhado muito com história, eu sempre gostei muito de história e então essa questão da história em movimento, em construção, da perspectiva do outro, das versões, já estava intrínseca em mim, o que fez com que eu não sentisse como uma ruptura, acho que isso já estava em mim. Não sei falar o que acho que deveria ser aprofundado ou discutido no grupo! Acho que essa questão do distanciamento e do estranhamento é bem legal, acho que é uma coisa que a gente tem que discutir mais. A questão dos documentos, uma pergunta que o Vicente colocou outro dia de que se realmente, para nós, é importante..., se eu entendi direito a pergunta, se é importante ou não definir história! Porque se não a gente continua trabalhando em história oral..., é como ele falou: "Eu já perguntei para outros grupos o que é história da matemática e não me definiram". Então, como eu já falei, para mim isso tem que estar ligado, para eu trabalhar com história oral eu tenho que ter a minha concepção de história! Seja ela qual for eu tenho que definir isso. Então acho importante ter isso afirmado no grupo (se tem que definir história ou não) para demarcar porque como a gente está trabalhando em áreas de fronteira ..., a gente já está na Educação Matemática que é uma área de fronteira e a gente vai trabalhar com história oral! Porque se apropriar disso não é uma

coisa tão natural. Nós somos o primeiro grupo, como a Terezinha Zanlochi (que foi da minha banca) da USC falou. Ela disse que nós estamos de parabéns e sempre ela fica reforçando que é o primeiro grupo que ela viu. Ela está contente pelo nascimento (ela é historiadora) de um grupo de história oral e Educação Matemática! Ela falou: "vocês são únicos!" Então eu vejo que deve ter algumas coisas definidas no grupo! Senão fala: "é um grupo", mas porquê é um grupo? Ou o que você define..., não que todo mundo tenha que definir e entender da mesma forma! Eu acho que é na pluralidade que está a riqueza, mas para algumas coisas a gente tem que ter parâmetro! Eu não vou estar falando de história clássica e a outra vai estar falando de história em movimento, um vai estar falando de história dos homens e outro vai estar falando de história dos... poderosos, não, aí também não, né! Eu vejo a importância de delinear algumas coisas, de ter mais claro algumas coisas.

É isso! Ufa!

5.2) Entrevista realizada em 20 de julho de 2004.
Michela Tuchapesk

Sou a Michela Tuchapesk, ex-aluna do mestrado (defendi o mestrado dia 04 de abril). Fiz graduação em Matemática na UFSCAR e, passado um ano, vim para a UNESP fazer o mestrado em Educação Matemática, que era o que eu queria, era a minha vontade. Hoje, após o mestrado, estou dando aula no Ensino Médio, numa fundação municipal de Piracicaba. Ainda, de alguma forma, estou vinculada à pesquisa, fazendo parte do grupo de história oral, pretendendo fazer o doutorado esse ano. É isso.

Vou contar um pouquinho da minha trajetória, do porquê trabalhei com história oral! Acho que isso é bem interessante, porque entrei no mestrado sem saber de história oral, meu projeto não tinha nada de história oral. Ele visava o quê? Estudar o fracasso escolar na matemática considerando a relação escola-família. Era isso que eu queria!

No caminhar do projeto quis conversar sobre como estudar a escola, família e matemática porque ia conversar com os alunos e tudo mais. O Carrera[8] veio com a idéia: "Vamos trabalhar com autobiografia!". E isso me levou a ler teorias referente à história oral, porque ele me trouxe referências de história oral que falavam de autobiografia. Esse primeiro contato foi muito confuso para mim.

Toda vez que os livros de história oral trazem autobiografia, eles relacionam com história de vida, com biografia, eles ficam comparando, relacionando e esse capítulo, no qual eu falava de autobiografia, ficou confuso. Eu falava: "Meu trabalho não é história de vida!" e depois, de alguma forma lá para a frente eu mostrava que era história de vida. Por quê? Porque para mim era muito confuso, eu não sabia nada de história oral, eu não tinha lido nada a respeito, mas lia sobre a metodologia de história oral, por exemplo, e aí envolve a auto-biografia, a biografia, a história de vida.

Então foi esse o meu primeiro contato com algumas coisas, com alguns livros de história oral ou, mais especificamente, com aqueles capítulos que falavam da metodologia e onde aparecia "história de vida", "autobiografia". O Carrera falava: "Olha, leia o Thompson, só a parte de entrevista". Então eu ia começando a ler algumas coisas de história oral.

Bom, li e tudo. Depois disso, quando fui fazer as entrevistas, acho que por o Carrera estar imbuído com as coisas de história oral, ele me dava dicas sobre procedimentos de historiadores orais na relação com o entrevistado: "Olha, é interessante a pessoa se soltar, remeter ao passado, à infância". O fato de usar esses recursos não implicava, para o Carrera e para mim, que o meu trabalho fosse em história oral. O que é uma verdade! A gente pode utilizar esses recursos sem dizer que é história oral. Mas uma outra coisa que levava a gente a pensar que era história oral, é que o meu capítulo teórico acerca da relação escola-família, era tratado historicamente! Eu pegava um livro do Philiph Ariès, em que ele conta a história da relação escola-família desde os primórdios do século ("como a família se relacionava com os filhos?", "como a família se relacionava com a escola?", "quem ia para a escola?", "qual era a escola?", "como era a escola?", "como é a relação escola-família?") e ia caminhando desde o início dessa relação (quando não existia ainda o termo escola, era o liceu, o clérigo) até os dias de hoje, verificando como era essa relação com a escola. Então eu traçava essa linha histórica da relação escola-família. Bom, até aí também, nada de história oral! A maioria das pessoas que vão fazer um estudo vão a fundo no que se fala a respeito daquilo. Eu lembro que a gente nem comentava muito sobre a possibilidade do trabalho ser em história oral, o Carrera às vezes, muito levemente, falava que podia ser história

[8] Antonio Carlos Carrera de Souza.

oral. Mas por exemplo, apresentava em congressos, como o EBRAPEM[9], e não falava que era história oral o meu trabalho! Se não me engano, falava que era um trabalho do cotidiano escolar. Apontávamos meu trabalho na área de antropologia social.

Na qualificação, chamamos o Vicente, por ser um educador matemático e por causa da história oral, e um antropólogo, justamente para falar: "Não é história oral o seu trabalho".

A cara da minha qualificação era dada por esse capítulo histórico (que podemos até dizer bem de leve que era uma genealogia da relação escola-família), a autobiografia e a entrevista (onde eu falava do Thompson...) naquela forma que geralmente é feita pelas pessoas que trabalham com a história oral, toda entrevista já naquele formato de não ter pergunta, já meio que textualizada (agora nem sei mais se eu falo essa palavra, "textualizada"! Temos que decidir o que é isso para cada um de nós do grupo!). Com isso tudo, o fracasso estava ali do ladinho, coitado! Como eu tinha que falar do fracasso, apareceu alguma coisa, mas eu não tinha misturado ele com tudo, estava de lado e talvez por isso tenha ido embora, de alguma forma. Depois o Carrera começou a pensar em tendência, o que para mim era difícil, eu não entendia o que era tendência, hoje é uma coisa que parece clara, mas, nossa, o Carrera falava, eu lia aquele capítulo e não entendia. Acho que o Carrera pensava em trabalhar com tendência por causa desse meu capítulo histórico, ele devia falar: "Poxa, dá para pegar as idéias do hoje e trabalhar, contrapor, fazer alguma coisa com toda essa idéia histórica que ela tem!".

No dia da qualificação o antropólogo falou assim: "Olha, ou o teu trabalho vai para a parte da fenomenologia [porque eu usava o termo compreender o fracasso], e daí você vai esmiuçar essa palavra, ou você vai trabalhar com memória e história oral". Aí a gente falou: "Não acredito nisso!". Coincidentemente, esse antropólogo trabalhou com história de vida e tinha um conhecimento das teorias em história oral! E foi aí que bateu-se o martelo: "É história oral!" e a gente falou: "Ah está bem, é história oral.". E eu estava achando o máximo porque eu adorava o grupo de história oral, pelas pessoas que compõem o grupo, que eu considero pra caramba (o Vicente, Vianna e Carrera, para mim são pessoas interessantes de trabalhar), achava um grupo bem interessante. Eu falava: "Ai que legal ter um grupo!". Eu já ouvia coisas de história oral, então: "Ah, história oral, tudo bem!".

O Carrera e eu conversamos depois da qualificação, "Faz isso, faz isso...", e combinamos de conversar na sala dele depois de uma semana. Fiquei pensando nas coisas, ouvi a fita (da qual perdi mais da metade porque eu apertava só o PLAY e não apertava o REC, em vários momentos, então não gravava) e quando cheguei a primeira coisa que falei foi: "Carrera, fala pra mim porque, justifica: porque minha pesquisa é história oral? Porque eu não estou concebendo essa idéia!". O Carrera virou e falou: "Eu também não estou!".

Naquela época ele falou: "Michela, eu também não sei porque a sua pesquisa é de história oral! A gente vai ter que encontrar justificativa!" Ele falou: "Vamos começar a ler coisas de história oral". E o que perturbava muito a gente, olha só! Uma coisa que hoje é tão óbvia! Mas o grande *tiuti* estava numa idéia colocada pelo Carrera: "Estou com a pulga atrás da orelha porque você trabalha com adolescentes! E como a gente pode fazer história oral com adolescente?". Para nós a história oral tinha que ser como a Sílvia e a Gilda fizeram, tinha que trabalhar com décadas! Pegar alguém da década de 50, de 70, um tempo longo! E como a gente ia falar de história oral com adolescentes! A História oral só se referia a um passado distante! Até para o Carrera isso estava muito forte!

[9] Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática.

Começamos a ler várias coisas de história oral como aquele livro "História Oral: Desafios para o século XXI". Nessas leituras, pessoas importantes da história oral, como o Joutard e outros, apareciam falando de história com crianças! Lembro-me que eu lia os livros de história oral, esses que a gente costuma ler, e buscava justificativas, coisas que os autores falavam, apontavam, coisas significantes e que justificassem o meu trabalho! E quando a gente se reunia, eu falava: "Olha lá Carrera, está justificando. Meu trabalho é sim de história oral!" Então a gente buscava isso, não querendo que ele fosse de história oral, se a gente visse que não era não trabalharíamos mais com isso! Mas a gente buscava argumentos: "Olha, caminha para a história oral!" E foi então que a gente viu que era uma história oral do presente! Algo que o Vicente falou na qualificação, mas que passou meio despercebido. O Vicente falou: "É uma história oral do presente!". Porque é como se eu olhasse hoje, como essa relação se dá, como essas pessoas pensam e fosse contrapondo, fosse relacionando com toda uma história, de um século atrás. Para falar: "Não, é história oral, está tudo bem!" demorou! E o Carrera ficou: "Será que é?".

E foi isso, a gente foi justificando para nós mesmos que o trabalho era de história oral! Então a priori não foi uma opção, trabalhar com história oral foi um indicativo da banca, do qual a gente correu atrás.

Hoje eu vejo que não há como não haver influências! Quando você vai fazer um trabalho, uma pesquisa, você tem que estar envolvido nas coisas que o teu orientador faz, porque tem tudo a ver querer estudar o que ele estuda. Então o Carrera, por estar imbuído com isso, ele, de certa forma, foi me dando orientações que me levaram para a história oral! Mas eu tinha uma grande vontade e uma predisposição a ir para a história oral, a conhecê-la.

Só comecei a participar das reuniões do grupo depois que eu defendi! Acho que um pouco antes, depois da qualificação. Eu ficava assim: "Ai, será que eu sou do grupo?" e depois de um tempinho eu comecei a participar! Porque o trabalho começou a ter essa cara depois da qualificação!

A dificuldade em falar que meu trabalho era de história oral, em acreditar e justificar isso fez com que esse fosse meu último capítulo! Vou falando tudo o que aconteceu e só no último capítulo falo de história oral, por quê? Porque foi a última coisa que eu escrevi, a questão da tendência eu já tinha pego. Eu falei: "Carrera, eu vou fazendo tudo porque estou discutindo com o grupo, estou ouvindo, estou lendo e eu quero escrever aquele capítulo na hora que eu estiver madura!", para escrever com convicção, acreditando. Por isso aconteceu daquela forma, foi só quando tinha a fundamentação teórica em mãos, falando: "Não, é história oral!", que fui escrevendo e justificando. Eu justifiquei porque falo que o meu trabalho é de história oral!

Retomando a idéia de textualização que coloquei anteriormente, acho que esta é uma coisa que o grupo teria que definir. Uns falam que a textualização é somente a incorporação da pergunta no texto, outros que a textualização é a incorporação da pergunta no texto e também arrumar as idéias, por exemplo, se tem uma idéia lá no fim que também foi abordada no início, haveria a possibilidade de aproximá-las. Uso a textualização de acordo com essa segunda idéia. Eu definiria textualização como o trabalho de incorporar a fala no texto, transformando-o num relato em primeira pessoa, como se você lesse e ouvisse a pessoa falando. Não é você falando e sim a pessoa falando! Na dissertação só fiz essa incorporação da pergunta e o relato em primeira pessoa, não fiz com alteração de ordem das idéias. Mas se você me perguntar hoje, acho que pode ser incluída também essa mudança de ordem das idéias. Na minha defesa, com relação à textualização que fiz, o Vianna falou : "Você escreveu só para tornar mais agradável!". Eu acho que uma das coisas é tornar mais agradável a leitura, porque acho

isso importante, são considerações, por exemplo, do cotidiano escolar, do fracasso, das relações professor-aluno, considerações importantes de serem lidas e refletidas e como a gente sempre fala: "O que eu leio e penso a respeito, não é o que você lê, o que você pensa a respeito!". Então se eu deixar a textualização na dissertação, você poderá perceber indícios e fazer considerações diferentes das minhas e isso eu acho uma grande contribuição. A textualização facilita isso, ouvir a pessoa falar num relato em primeira pessoa facilita a incorporação do que ela pensa porque não quebra a idéia. Além de agradável, acho que a idéia é você conseguir que o leitor traga compreensões, tire conclusões próprias e depois, ao ler a minha conclusão, argumente, concorde ou não. Hoje então penso que a textualização contribui nesse sentido.

Quando a gente entra aqui vê muita coisa, lê dissertação para fazer o projeto e é sempre aquele esquema, até pouco tempo atrás era só aquele esquema de pergunta e resposta, ou então trazia aquela frase do cara para dentro do texto, mas você não via todo o texto! E está aí a grande sacada que é trazer toda a entrevista para o trabalho, é você ler o depoimento da pessoa e tirar as suas considerações sem ser influenciado pela consideração de quem fez a dissertação! Acho que essa é uma grande melhora, uma grande contribuição. Quanto à transcrição, ela não fica disponível no texto da dissertação, ela vai para o CD-Rom, porque trazer a transcrição literal no texto é complicado, até a textualização, vamos falar a verdade, para quem não está acostumado ou não adora ler entrevista, cansa. Me lembro que três quartos da minha dissertação é entrevista e um quarto sou eu escrevendo! Então se você não gosta de ler, já com a textualização algumas vezes é maçante, sem textualizar então, fica até difícil entender!

Quando você for transcrever o que estou falando e colocar no papel, a pessoa que ler não vai entender, você tem que dar uma arrumada, tirar os vícios de linguagem. As pessoas ficam super nervosas quando você leva o literal para elas verem: "Ai meu Deus, vai ficar assim horroroso!". E a gente fala: "Não...". A textualização contribui para isso! E daí cai naquela discussão de que: "Eu textualizei então já dei a cara que eu queria dar" e essa discussão acho que tem pano para manga mesmo, é uma discussão pertinente. A gente textualiza, eu pelo menos textualizei, com a intenção da pessoa enxergar o que eu enxerguei! Está vendo como já é uma visão da gente! Porque eu lembro que eu falei: "Carrera, eu saí emocionada! Como eu queria que as pessoas lessem aquela entrevista". Eu queria que ela visse o que eu vi, que ela tivesse a mesma emoção! Essa é uma coisa que é da gente, não adianta você querer fugir, quando você faz um trabalho, é o seu trabalho, de alguma forma é a tua visão que você quer mostrar. Pode ser que você ouvisse aquela entrevista e não se emocionasse! Acho então que essa idéia no grupo está divergente. Mais ainda quando se fala de transcriação que eu uso. O teatro de linguagem, se eu não me engano, eu tirei da minha dissertação. Porque daí é um recurso mais para o que o Vianna fez. Mas a transcriação, eu falo que eu usei por tentar deixar a entrevista, ao máximo, com a cara da pessoa. Essa é uma coisa que eu queria, porque nas entrevistas (entrevistei família, pais, professores) as famílias, principalmente, me comoveram. Eu saía até emocionada de ver eles falando das coisas da escola, da matemática e sabe quando você fala assim: "Eu queria que as pessoas ouvissem isso"? Mas ouvissem eles falando isso. Então eu falava: "Carrera, eu queria conseguir mostrar o que eles falaram!". E isso é complicado porque a gente não consegue, não tem na verdade um tempo hábil para fazer tudo isso! A isso chamei de transcriação!

Voltando à mudança do Carrera, no meu seminário falei tudo isso, expliquei o que é textualização, o que é transcriação, o que é teatro de linguagem. Falei que o teatro de linguagem é como se você conseguisse transpassar tudo o que aconteceu, a pausa ou a expressão da pessoa, se ela se mostrou mais emocionada no momento... Quando

acabou o seminário o Carrera falou: "Nossa, você é a segunda pessoa que eu ouço explicar tão bem essas coisas!". E depois, numa dessas conversas com o grupo percebi que ele está mudando suas concepções sobre isso! Eu falei: "Carrera você mudou tudo? Você estava tão convicto aquele dia!" Então eu acho que são coisas que a gente precisa definir mesmo no grupo! Não sei também se está na hora da gente definir, acho que a gente tem até que estudar mais! Acho que cada um está pensando uma coisa. Eu mesma coloquei transcriação e não sei se é transcriação que eu fiz! São coisas que acho importantes para quando o grupo estiver mais consolidado. É importante ter um sinônimo para um termo! Transcriação é isso, mas também é isso!

No que se refere à história oral, defini-la é uma difícil, bem do tipo do Vicente! É uma questão muito abrangente, eu penso num monte de coisas. Talvez ajudasse pensá-la dentro da Educação Matemática. De forma geral, a história oral seria estarmos, por exemplo, registrando historicamente relatos orais de acontecimentos, vamos dizer assim, da vida pessoal, da vida social, do trabalho. Registro de relatos orais!

Depois daquelas discussões no grupo acerca do porquê a gente ter o grupo "História Oral e Educação Matemática", acho que esse grupo, daqui a pouco, vai conseguir fazer uma coisa que acho que ainda falta na Educação Matemática, que não é consolidar (acho que essa não é a palavra, porque acho que está consolidado!), mas mostrar, explicar o que é Educação Matemática ou o porquê da Educação Matemática. Por que a gente, como o reitor falou, não fica no departamento de Educação e constrói lá a linha de pesquisa Educação Matemática? Por que querer o departamento de pós graduação em Educação Matemática? Por que tem que ser esse departamento e não o departamento de Matemática Pura ou Educação? Eu acho que essa questão é uma questão que não é respondida! Acho que muita gente não sabe falar ainda o que é Educação Matemática, o que ela estuda. Acho que esses estudos da SBEM, dos grupos que a Heloisa e a Gilda estudam, esse resgate dos educadores matemáticos, ou da história do início da faculdades de matemática, licenciatura em matemática, acho que tudo isso vai conseguir trazer para a gente um perfil da Educação Matemática, o que estamos pensando sobre, como estamos enxergando a Educação Matemática, como ela está se construindo. Acho que a gente vai conseguir mostrar essa cara que para mim ainda não é muito definida. Acho que o nosso grupo vai poder contribuir para mostrar, para formalizar, não é formalizar, é formar esse perfil!

Para mim é difícil falar sobre história oral, porque eu me acho tão pequenininha ainda estudando isso que acho que não consigo falar sobre. Quando eu falava, a pouco, que a história oral é o relato oral, me vem um monte de coisa: "Mas espera aí. A história oral não é a oralidade? Não é a fita? Porque estou falando que a história oral é o relato escrito?". E vem tudo aquilo que a gente discute: "Mas e aí? O documento é o quê? É a fita?". Ainda me vem mil dúvidas de falar o que é história oral, sinceramente, eu não consigo falar: "Olha, é isso história oral!". Acho que não sou a melhor pessoa para explicar isso, ainda estou querendo construir para mim o que é história oral.

Como já disse anteriormente, minhas primeiras leituras se referiam a parte de metodologia de história oral. O Carrera falava: "Leia tal capítulo." e é como se eu fosse lá no livro e tivesse "Entrevista", sabe quando você vai naquele tópico? "Autobiografia", "História de Vida". Eram algumas coisas específicas que só tratavam daquilo, como o livro **Manual de História Oral** do José Carlos Sebe Bom Meihy. O livro do Thompson tem aquele capítulo "Entrevista" e depois tem a Pereira, uma autora que trata de autobiografia e relaciona com história de vida. Fui buscar essas considerações para saber o que era autobiografia e depois vim a saber, que poderia ter buscado "autobiografia" em outras fontes que não eram de história oral! Mas, acho que por conta do Carrera, eu fui ler livros que tratavam da história oral e dissertavam sobre

o uso da autobiografia na história oral. Quando questionamos: "Quais são as formas de você captar a oralidade da pessoa, sua história de vida quando a gente vai fazer história oral?", estes autores falam: "Olha, você pode fazer história de vida, você pode fazer relato pessoal, você pode fazer biografia, autobiografia...". Eles falam das formas de captar o relato da pessoa. E, nisso tudo, eu ia tentar encontrar a autobiografia, o que me levou a fazer a maior confusão! Quanto a utilizar a autobiografia na história oral e não em outro viés, não sei se posso dizer que obtive vantagens, só posso dizer que foi algo que me empolgou bastante! Eu falo para o Carrera que, para mim, ter usado história oral foi ter uma grande empolgação no meu trabalho! Parecia que o meu trabalho tinha virado "o trabalho"! Sabe quando tem um *quêzinho* que te empolga? Para mim foi o fato de ter começado a pensar em história oral, ter tentado justificar uma possível utilização desta e tê-la usado.

Em história oral a gente vê muito a questão de dar voz aos excluídos e você encontra nas entrevistas o quanto os professores, a família, os alunos são pessoas que nunca tem voz dentro das escolas. Tem muita gente que fala do fracasso escolar, o professor denota que é por causa do pai ou da família e você nunca ouve o que a família ou o aluno falam disso. Você só sabe que ele é fracassado. Faz testes e as dissertações mostram que ele fracassa! Isso não é ouvir o lado do aluno, nem é ouvir a posição do professor.

Surge então, a idéia de estar ouvindo as considerações de todos os lados e de pensar que a gente exclui essas pessoas da sociedade dando voz àqueles que parecem ter qualidade para dar a voz! Não sei... A história oral, como eu falo para o Carrera: "Ela me deu uma empolgação". Você consegue terminar, fazer uma coisa interessante. Não sei se foi vantajoso ou não, só sei que ela me estimulou! E o Carrera ainda falou: "Não, se o seu trabalho fosse para a antropologia, também ia ser interessante!". Pode ser, mas eu vou falar a verdade, eu não li nada, eu não tive esses dois vieses e decidi: "Eu vou para esse!". Decidiu-se que eu iria para a história oral e eu me aprofundei nela e fiquei.

O trabalho com história oral foi vantajoso no sentido de me dar ânimo, de me empolgar! Mas acho que a palavra não é essa, ter visto alguma vantagem. Acho que a vantagem foi descobrir essa teoria e querer trabalhar. Acho que é sempre assim quando a gente descobre alguma coisa que é interessante. Estudar história oral me empolga! Acho interessante, me dá vontade de relacionar essas coisas da história e dos porquês, da gente relacionar, questionar, tudo faz a gente ficar se questionando, vendo se é, se não é. Acho que isso dá uma empolgação: você ficar querendo provar, justificar. Isso deu um gás no meu trabalho!

Eu tinha todo um capítulo teórico em cima de muita leitura sobre a relação escola-família, porque eu fiz uma disciplina que trabalhou só com isso por seis meses. Então eu li muita coisa. O fato de trabalhar com história oral possibilitou muitas contribuições, discussões que antes não faziam parte do meu trabalho. Tudo bem que eu ia fazer lá umas considerações, mas eu queria trabalhar com a história! Mesmo essa questão de falar que a história oral é uma ramificação da História, que tem a história documental, monumental e a oral! Porque é interessante.

Eu gostei muito daquela argumentação dos e-mails de que nós não somos historiadores, mas educadores matemáticos e utilizamos da história oral para fazer considerações, reflexões nas nossas pesquisas. Eu achei bem legal. Acho que foi o Vicente quem disse isso! A gente está fazendo isso mesmo, é como se você trouxesse um marco, mostrasse alguma coisa importante! Parece que a minha pesquisa trouxe alguma coisa: "Olha, essa é história do presente!".

Quanto às tendências, é interessante começar a pensar sobre isso, é uma coisa que se reflete no dia a dia. E quando falo em tendências me refiro a tendências

históricas, a considerar um período longo de tempo e perceber o que, na História, se modificou ou se manteve. Pensar que: "Antigamente as coisas aconteciam assim e hoje elas estão assim.". E o mais curioso, e isso foi comum na minha dissertação e na da Silvia, é que quase não existe tendência de mudança, a maioria é de conservação! Eu tenho o quê? Uma tendência de mudança ou duas, a maioria é de conservação! Então assim, tanta coisa se modifica, é tanto estudo, tecnologia, aperfeiçoamento e parece que as coisas ficam, o núcleo das coisas é o mesmo!

Para ver isso eu conversei muito com o pessoal de hoje, por isso falo que é história do presente. Eles falam sobre o hoje deles, sobre como se dá a relação matemática-escola-família, sobre o que aconteceu nos últimos dez anos, isso porque os pais falam também da vida dos filhos, o que deve compreender uns dez anos de escola, no máximo. Eu olho para as evidências desse hoje e encontro as mesmas evidências em séculos atrás, anos atrás, o que me permite falar: "Olha, essa evidência hoje é assim e há séculos atrás também era assim!" ou, com relação a uma outra evidência, afirmo que era assim há anos atrás e não é mais. Então eu vou trabalhando nesse sentido. Falo que é uma tendência histórica porque eu peguei aquela linha histórica na minha teoria e fui encontrando subsídios do hoje nessa linha para afirmar: "Olha como ele foi se modificando!", ou "como ele foi permanecendo!".

Dessa forma eu não discuto no meu trabalho se este é local ou global, se é micro ou macro, se é a visão do hoje. Eu tento deixar claro no meu trabalho que eu tenho medo, ao trabalhar com história do presente, de deixar essa palavra "tendência" porque ela é muito forte. Medo de falar: "Ah, isso é uma tendência!", como se afirmasse que está acontecendo, vai acontecer. Então eu justifico que eu trabalhei com uma escola, na verdade, com seis alunos, seis pais, eu não usei a palavra "Micro", não estudei isso, mas é uma coisa interessante de estudar nos nossos trabalhos e de discutir! Assim, eu tento deixar o ar de que estou querendo fazer um estudo, uma história do presente e estou fazendo considerações a esse respeito, querendo trabalhar um pouco com a tendência. Ao falar desses jovens, desses pais, a gente não pode, numa pesquisa, falar que só acontece isso com esses pais, com esses jovens..., pois são jovens que assistem à televisão que todos os jovens assistem, que têm um nível social, uma cultura, um lazer que a maioria dos jovens dali tem. A gente não pode falar: "É só com eles!", não é assim. É um grupo representativo da sociedade, só que eu tomo muito cuidado com isso. Eu e o Carrera tínhamos muito medo de dizer: "É uma tendência!", então a gente falava "Estamos trabalhando, discutindo essas relações". É uma tendência histórica porque analiso ela historicamente, mas eu tomo cuidado com essa questão, justamente por causa desse micro e desse macro, embora não tenha chegado a estudar isso.

Acho que é pertinente estudar essa questão de micro e macro, sobre a qual o pessoal está começando a pensar! Tem tudo a ver! Viu como está incorporando a minha dissertação? Eu falo, a minha dissertação está tão fresquinha e já tem tanta coisa para mudar, já está tão ultrapassada! Ela é minha única produção em história oral, antes de defender eu fiz aquele seminário que foi em Bauru. Mas só, eu não produzi mais nada. Pretendo dar continuidade no doutorado com história oral, pelo menos a princípio é uma idéia.

Como identificar um trabalho como sendo de história oral? Como dizer "É história oral porque tem isso!"? Essa era uma coisa que a gente pensava, eu e o Carrera, enquanto estava tentando justificar para mim mesma porque era história oral, a gente chegou a uma conclusão rápida! E eu dizia para as pessoas; "Não é porque o trabalho é com autobiografia e entrevista que o trabalho é em história oral!". Isso não é! Eu coloco na minha dissertação que é pelo fato da gente estar respeitando o tempo histórico, de alguma forma, e as pessoas. É complicado, não sei se eu sei falar disso, mas esse lidar

com as pessoas, esse cuidado que a história oral tem, esses dedos em como lidar com o entrevistado, com a entrevista, acho que algumas pesquisas, sem ser de história oral, também tem! Não acho que seja uma coisa só da história oral, acho que têm outras pesquisas que fazem isso. A Áudria Alessandra Bovo mesmo na entrevista dela, por influência nossa, de convivência minha e do Emerson, começou a fazer entrevista com textualização, a ter vários cuidados na entrevista, a devolver a entrevista para a pessoa ler e ela fez uma pesquisa com informática! Ela tomou *n* cuidados que a gente, geralmente, que está na história oral, é que pensa, que lê sobre. Na pesquisa qualitativa não estavam todos esses procedimentos, mas a Áudria fez, o que é um procedimento ético. Acho que essa questão ética tem que acontecer não só nas pesquisas em história oral mas nas pesquisas como um todo! Então eu não acho que ter esses cuidados seria uma diferenciação, pelo menos não deveria ser.

Aí tem essa questão do tempo, que para mim na verdade é uma coisa para a gente estudar também. Ficamos discutindo muito: "Mas que tempo é esse que a gente tem que respeitar?". Quanto tempo será que a gente tem que considerar? Se a gente quiser mais de oitenta anos já fica dificílimo, para conversar com uma pessoa de oitenta anos ela tem que estar bem, sã mentalmente. Então qual é esse tempo que escrevo no meu trabalho que eu respeito? Isso surge, acho, porque eu quis enfocar o trabalho historicamente... Ai, é tanta dúvida que quando a gente vai falando vai pondo tanta coisa no meio, tantos porquês! Mas eu é que não sei responder, tem que haver ali uma característica nossa, porque senão não teria porque falar que o grupo é de história oral, ele se enquadraria numa outra linha já existente! É como se a gente perguntasse para o grupo de fenomenologia porque ele é um grupo de fenomenologia. Porque é um grupo de informática? Eles lidam com as questões de informática e tal. Eu acho que o nosso grupo tem que ter um *quê*, pensando na existência de algum diferencial.

Bem, como eu falei que o meu trabalho era de história oral, eu dei a minha definição de História! Acho que isso um trabalho de história oral tem que apresentar! A definição de História para o pesquisador, pois se ele está falando que o trabalho dele é em história oral e aí? O que é que você entende por História para ficar falando de história oral? E ainda muito mais que isso, o pesquisador tem que tentar definir o que é história oral para ele, que nem eu tentei fazer! É como nós falamos: "A gente vai dar a cara à tapa, mas a gente vai definir!" e falamos: "Para nós a história oral não é uma metodologia da pesquisa qualitativa", por exemplo, "É História!", eu gosto muito dessa idéia, acho que ela é mais *tchã*, te dá mais responsabilidade, mais compromisso. Quando a gente discutiu essa idéia para mim foi forte! Não foi assim, definitiva, mas eu acho que isso tem que definir! Acho que não pode haver um trabalho de história oral sem falar o que é história oral, sem justificar o porquê do seu trabalho ser de história oral e o que você está entendendo por História, acho que isso o trabalho tem que ter! Tem que começar por aí, meus objetivos no trabalho são esses e para isso eu tenho que utilizar a história oral e por quê? Porque a história oral me traz isso, isso e isso!

Agora, quando penso em qual foi minha metodologia, não sei, para mim história oral não é metodologia qualitativa e não usei ela enquanto tal. Falar que vai usar a história oral como metodologia me remete a pensar que tenho que fazer entrevista, transcrever a entrevista, deixar ela transcrita em anexo e depois levar, supostamente, a transcrição para o acervo de fitas, me remete a isso, a alguns procedimentos que, como já falei, estão presentes em outras pesquisas aqui do programa que não são de história oral. Então acho que usar a história oral como metodologia de pesquisa é muito pobre, é subestimá-la! Por isso, acho que quando a gente fala: "O trabalho é de história oral" estamos colocando a história oral como uma ramificação da história. O Vicente questiona quando eu falo isso.

Eu afirmo: "Dentro da história tem a história monumental (que estuda os monumentos), a história documental (que explora os documentos) - e coloquei a questão de que os documentos dessas ambas histórias são de pessoas mortas - e a história oral (que estuda o relato oral das pessoas)"! Quando falo de documentos aqui, falo em documentos escritos. E o que o Vicente questiona é que existem trabalhos que não se enquadrariam nessas divisões e que estou querendo nomear: "Olha esse trabalho é monumental, esse é...". Não é com essa intenção, a palavra não é status. A intenção é mostrar onde você está deixando a história oral! Da mesma forma, que tem todos aqueles procedimentos históricos, tem a história oral. Fala a verdade, quando você vê que tem a história clássica e os procedimentos monumental, documental e oral, não parece que valoriza? Me parece que é trazer uma contribuição histórica, não que o meu trabalho seja uma contribuição histórica, mas o conjunto dos nossos trabalhos vai pertencer àquela história oral. Que é uma contribuição histórica importantíssima para as gerações que virão e que vão estudar e que vão entender! Seria uma contribuição não só quanto ao conteúdo do trabalho, mas uma discussão de historiografia e é por isso que vem o peso da gente estar querendo tanto definir o que é história, o que é tempo para a gente. Porque deixar a história oral só como pesquisa qualitativa, como, por exemplo, aparece em algumas disciplinas de metodologia, como esses recursos de transcriação, textualização não é falar de história oral para mim.

Não é o uso desses recursos que faz da sua pesquisa um trabalho em história oral, mas você estar vendo o viés histórico das relações que está fazendo hoje e trabalhando com elas historicamente. Isso pode ser feito com tendências, com história de vida ou com outra análise. A Áudria, por exemplo, não podia falar que o trabalho dela era de história oral, ela fez entrevista, textualizou, devolveu a entrevista e a pessoa assinou, ela fez transcriação em todas as entrevistas dela, e aí? É em história oral o trabalho dela? Ela não vê isso, não aborda sua questão historicamente, ela traz conclusões do hoje com o hoje e não se remete à História. Usar esses procedimentos não implica que o trabalho é de história oral!

No meu trabalho eu acho que eu não defini História. Eu defini a história oral como sendo um dos procedimentos da história clássica, coloquei: monumental, documental e oral. Agora pensando em uma definição da História, é difícil falar sobre a existência de alguma concepção de História que desconsidere a oralidade ou que me impeça de trabalhar com história oral, acho que o Carrera poderia falar melhor sobre isso. Acho muito interessantes as considerações do Carrera para o nosso grupo porque, não posso falar isso completamente, mas percebo que ele é uma pessoa que tem se dedicado à leitura de História em geral, a gente percebe que ele está lendo tudo o que é de História. No grupo ["História e História Oral"] é que nós começamos a ler História por História, porque quando fui fazer o trabalho, aqueles seis meses de leitura foram de trabalhos específicos que falavam de história oral! O único cara que não falava de história oral era o Philiph Ariès naquele artigo em que ele define História e fala de como ele vê sua relação com as tendências! Sobre História, li também um pouco do Le Goff e de um outro que falava do tempo, fora isso, só me dediquei à leitura sobre história oral.

Acho que para definir o que é História tem que ter uma leitura e um entendimento de alguns conceitos de História, coisas que eu teria que ver ainda.

Quando penso no trabalho que desenvolvi em história oral, tem algumas leituras que são importantes e até fundamentais na sustentação do meu trabalho. Uma dessas leituras foi o texto do Philiph Ariès que fala de História, de tendências. Acho que foi por meio dessa leitura que comecei a ver o que queria fazer, foi aí que dei um grande enfoque para as tendências e que tive a minha posição acerca de História. Philiph Ariès define História trabalhando com a idéia de tendências! Este autor fala que os períodos

vão se passando e esses períodos, em sua definição, mudam quando existe uma mudança bem brusca ou evidente na cultura. Drástica no sentido de que pode ser detectada! São bem grandes os períodos considerados e, nestes, o autor percebe que a sociedade vai convivendo com tendências! Se existe um período e uma cultura que mudou, o período passa a ser outro. Mesmo que um período seja novo, haverá tendências de mudança, porque ele é novo, mas também tendências de outros períodos, tendências de conservação! História, para este autor, é ir transcorrendo esses períodos e essas culturas. Os acontecimentos vão formando esses períodos e vão passando junto com as tendências! Então passam séculos e a gente convive com tendências completamente.... Por exemplo, o sexo, tudo o que acontece na sociedade "meu Deus!" e para alguns a pessoa ainda tem que casar virgem, o sexo é um tabu!

Além desse autor, me baseei muito naquele livro **História Oral: desafios para o século XXI**, que são várias conferências de um congresso que teve na UNICAMP de história oral. Qual outro livro? Ai meu Deus é um rol de livros, o Thompson. O **Usos e abusos da história oral** é parecido com o **Manual de História Oral** do Sebe, fala de "como trabalhar com a história oral"! Mas o Manual de história oral é para falar que a história oral é fazer a entrevista e textualizar, só! Já o **História Oral: desafios para o século XXI**, tem mais discussões de história oral, de seu início, do porquê dela ser assim. Ele fala de uma idéia de história oral que admite, por exemplo, a história dos holocaustos sobre a qual não tinha documento nenhum, não tinha nada registrado, propositalmente! E aí, como saber aquela parte da história? Como conhecer aquilo? Os relatos orais são importantes nesse tipo de situação, o que traz à tona também todos esses questionamentos de que os relatos orais seriam influenciados pela afetividade das pessoas ao falarem, pelas lembranças, pela memória. E qualquer forma, remeter-se a esse tipo de história é um lado da história oral bem interessante! Mas eu li alguns livros e eram assim: Thompson, Joutard, Meihy, são vários autores de um livro organizado a partir de uma conferência. Li também aquele livro **Memória e ressentimento**, que eu vi na disciplina do Carrera! Não consigo me lembrar dos livros, mas foram mais esses que a gente está usando!

No trabalho, a gente fala um pouco dos excluídos, mas não gosto de dar muita ênfase para esse sentido porque eu acho que não é uma coisa só de excluídos, a história oral não é bem por aí. No nosso grupo, por exemplo, o pessoal estuda pessoas que não são excluídas, que tem voz ativa pra caramba, como o Rômulo Campos Lins! Ele tem voz ativa na Sociedade, em vários lugares. Então não seria bem isso.

Essa idéia do excluído é muito perigosa, nem sei se a gente discutiu no grupo, mas seria outra coisa para a gente discutir porque quando pensamos em excluído já pensa no coitado, na descrição que até os livros trazem.Quando falo do meu trabalho, penso um pouco mais nisso, porque trabalhei com uma escola central que atende a uma periferia e cujos professores, hoje em dia e de alguma forma, pertencem a uma classe excluída. Toda essa relação tem uma parte de exclusão que envolve não ter voz, são questões para se discutir! Por isso que acho bem delicado colocar: "história oral dá voz aos excluídos" como uma faixa, sem explicar o que a gente enxerga como excluídos!

Retomo essa idéia porque foi uma coisa que me marcou bastante, querer lutar por causas é uma coisa que te dá gás! É como se eu conseguisse isso quando falo que dei voz a essas pessoas que não tinham voz. Ainda mais por se tratar de uma sociedade, outros professores e famílias se ouvem, se vêem ali e conseguem fazer parte daquilo. É como se essa voz não fosse só deles, mas daquela massa e então consigo que a sociedade veja o que essas pessoas pensam. É uma coisa interessante! Vê como parece que é uma coisa importante o que você está fazendo? Você consegue passar para a sociedade um momento com atritos, angústias de uma classe, de uma relação que é

importante para a sociedade, para a educação e que ninguém ouve! É legal que quem falou represente a voz de outros que também estão ali, mas que não falaram para mim! Você começa a ver que o seu trabalho é político, que vai ter uma repercussão e isso é uma coisa que você quer! Você não quer aquele trabalho: "Fiz"!

Esse trabalho político passa para o cara da academia a questão de você querer mudança! É isso que eu acho que a história oral me trouxe, esse gás para pensar sobre aquelas pessoas serem as vozes de outras pessoas! Mostro uma realidade interessante, bonita e feia ao mesmo tempo! Não estou mostrando só coisa ruim, mas coisa boa também, não quero denunciar coisas!

Lembrando de uma discussão que surgiu na defesa da Silvia Regina Vieira da Silva sobre a cientificidade da história oral, penso que é uma questão difícil. A Silvia tomou a História como ciência e o Vianna puxou sardinha para esse lado falando da cientificidade da História e da história oral. Não houve discussão aqui no grupo e eu não pensei mais sobre isso. Mas pensando que esse questionamento possa surgir de outros pesquisadores apoiados no fato de que a história oral trabalha com memória e está sujeita a lapsos ou que instiga a memória involuntária - críticas que têm sido feitas à história oral - isso para mim está resolvido. No início criticava-se a história oral, até no grupo era assim "Ah, a história oral!". Aí vinha o Marquinhos e tirava um sarro, ele falava: "É fofoca!".

Para mim, a cientificidade do que está escrito e do oral é a mesma coisa. Até aí, eu acho que o cara não tem que argumentar em nada com a gente! Porque o que ele escreveu pode ter sido sentimentalista, pode ter sido romântico, ele pode ter inventado, pode ter tido um lapso ao escrever, pode ter sido aguçado a escrever aquilo. Da mesma forma que a conversa com uma pessoa, os relatos escritos, os documentos têm os mesmos *quêzinhos* que o pessoal costuma questionar. No princípio, quando surgiam esses questionamentos, você falava: "Ah, é verdade! Ih....", depois você pensava mais um pouco e falava: "Olha, o documento escrito, tanto quanto o documento oral, tem aí os seus problemas", está sujeito aos mesmo fatores e portanto não são essas críticas que vão implicar que a história oral não seja ciência. Dá para gente argumentar com facilidade! Se a história documental é uma ciência e o pessoal vier com essas críticas à oralidade, é fácil argumentar.

Além disso, o que mais cutuca a história oral para ela não ser uma ciência? Se olharmos para a ciência da forma como o Emerson viu no mestrado dele, só é científico aquilo que pode ser replicado, ou seja, se alguém pegar os mesmos dados que você, esse alguém teria que obter as mesmas tendências, se outro pesquisador tomar os procedimentos que eu tomei irá tirar as mesmas conclusões que eu. Penso que o pesquisador pode olhar para aquilo com um outro olhar, levantar outras categorias, textualizar de uma forma diferente da que você textualizou e assim, talvez, se esse conceito for muito rígido, a história oral não se enquadrasse como científica, o que nos levaria a necessidade de um conceito mais amplo de ciência. Mas só pensando agora, bem de leve já que eu não pensei mais nisso, lembro que naquele dia a Silvia bambeou e falou que não era uma ciência. O Carlos Roberto Vianna perguntou para ela: "Se outra pessoa pegasse os seus dados, ela veria o que você viu?", e ela falou: "Não, não necessariamente!". E aí a questão era a seguinte: o que você viu de alguma forma converge para o que a pessoa que for olhar para os seus dados vai ver. É complicado falar sobre isso, mas de certa forma você tem que fazer ciência já que está fazendo uma pesquisa de mestrado.

É difícil falar sobre o que estou pensando, mas, por exemplo, não que você tenha que concordar com o que eu tirei dos meus dados, mas você tem que concordar que esta é uma forma de ver aquilo. Você pode divergir em outras coisas, mas tem que concordar

que é uma forma possível, um viés possível de acontecer! Para ser ciência, não é em cima disso que a gente tem que bater o martelo? De qualquer forma, não sei se a história oral é tão problemática assim, acho que essa questão da cientificidade é para ser discutida não só na história oral, mas nas outras áreas e linhas de pesquisa! É complicado discutir essa questão da ciência e não vejo porque a história oral teria que discutir. Acho que aqui no programa tem outras linhas de pesquisa com as quais poderíamos discutir cientificidade também, até mais.

Quando li na lista aquela discussão sobre não sermos historiadores, mas pesquisadores em Educação Matemática que se valem de recursos da História e da história oral para fazer nossos trabalhos, pensei: "Poxa é isso mesmo que a gente faz!". O exemplo que deram da Ana Márcia é bem verdade, a Ana Márcia é matemática e está fazendo doutorado em Educação Matemática, porém ela toma os elementos da Psicanálise para entender, estudar e refletir sobre a Educação Matemática! Ela faz como a gente. Nós pegamos a história oral para compreender as nossas questões, nos apoiamos em idéias históricas para entender as nossas questões de educadores matemáticos! Mas eu não sou historiadora nem a Ana é psicanalista! Você tem que se valer das outras áreas para entender a sua, para conversar.

Participar desse grupo é tudo de bom! Falo isso pelo Carrera, pelo Vicente, Vianna, Gilda e de todo o pessoal. Acho o Carrera um guru, um cara que tem muito para ensinar e que está numa fase, num tempo dele em que fico inconformada de como ele lê tudo, como ele sabe tudo! Acho este um grupo muito bom, as pessoas cabeças, vamos dizer assim, são companheiras. Fora isso, acho o espírito dessas pessoas muito importante, não tem aquele espírito de: "O grupo é fechado, ninguém pode ouvir o que o grupo fala...". As pessoas aqui falam: "Quer participar? Vem, traz a sua idéia e participa!", as idéias de quem está participando são válidas, são ouvidas, todo mundo tem o seu prestígio! É por essa mentalidade do grupo, que o considero como bom.

As diferenças no grupo como algo bem positivo! No início era aquela frustração, me lembro de conversar com o Emerson Rolkouski, com a Heloisa da Silva - a gente conversava sempre - sobre coisas que o Carrera me dizia e o Vicente dizia outra coisa completamente diferente! Aí era assim: "Não, tem que definir!". O grupo está começando, está se formalizando e acho que são essas visões diferentes que fazem a gente crescer, que faz com que a gente veja se é ou não o que a gente está pensando, que faz a gente discutir. Quando estiver tudo posto não tem mais o que a gente pensar! O gostoso é a gente ver mesmo se é ou não. É isso que falei sobre escrever na dissertação algumas coisas como ditas verdades, mas que têm que ser ainda muito discutidas. Na defesa o Vianna falou: "Porque você falou do Marx aqui, coitado do Marx!" e respondi: "Porque eu queria entender e ia tentando fazer isso por várias vias, tentava justificar a história oral no meu trabalho, então via o que Marx estudava, como é que ele pensava, como é a história de Marx e como é a história oral!".

Falo no meu trabalho, no capítulo de entrevistas, como eu acho que o nosso grupo avança pra caramba! Eu tenho pouca leitura em questão de história oral, mas o legal da gente é trabalhar muito porque a gente traz uns questionamentos que parecem não estar nos livros de história oral. Por exemplo, escrevo que as pessoas se preocuparam em modificar o papel, mas ninguém falou: "Mas você não vai modificar aquela fita gravada?", ninguém trata dessa questão e ela surgiu no grupo.

Segundo nossas discussões o documento em história oral é o relato oral porque é ele que vai ficar num acervo. Se um historiador oral não quiser ser influenciado por mim, na minha pesquisa, ele vai ler o relato, escutar a fita e tirar daí uma visão, Isso vai permitir que ele ouça mais fidedignamente o relato. Então, pelo pouco que se discutiu sobre isso no grupo, o documento seria a fita!

Ao considerar a fita como documento, fica difícil entregá-la para o acervo, pois alterar a fita é complicado! E se mudou no papel tem que mudar na fita para você disponibilizar no acervo! Tem que deixar disponibilizado o que o entrevistado quer que fique disponibilizado! Alterar a fita, pedir para a pessoa falar de novo, é um trabalho! Por isso falo que a história oral têm esses detalhezinhos que outras pesquisas não têm e que são trabalhosos! E aí vem aquela pergunta: "Tem que ter isso para ser história oral?". Temos que entregar para o acervo os relatos orais? Quem sabe daqui a um tempo possamos ter secretárias que farão isso para a gente! Bolsistas que façam isso! [risos] As fitas das entrevistas que fiz não foram entregues para um acervo.

É a importância do oral que justifica a existência, como na UNICAMP, de acervos de fitas e dos cuidados a que elas são submetidas como ter que ficar arrumando, girando a fita para não estragar.

A transcrição e a textualização seriam formas da gente apresentar isso para a sociedade, colocar em discussão, mostrar o teu trabalho. Essa apresentação tem que acontecer, não tem como você se prender só ao relato oral! Para chegar na transcriação você tem nove versões, são versões das versões, não tem como não ser o que a Michela escreveu, é a pessoa a essência, mas é o que a Michela escreveu da pessoa, de alguma forma não tem como fugir disso! Essa seria uma forma de registro para divulgar, mas não um documento em história oral!

O documento escrito se forma no momento em que você está disponibilizando, discutindo, pondo no papel para gerar alguma contribuição com aquilo! Mas, será que é documento escrito? Acho complicada essa questão do documento! Agora não vou lembrar o que coloquei na minha dissertação, mas acho que deixei esse questionamento de achar que o documento é o papel e de querer alterá-lo esquecendo completamente de alterar a fita! E aí também eu vou ser bem sincera, eu não li sobre e não discutimos muito, isso quem está falando é o Vicente, o Carrera, eles estão dando a importância para o relato oral e estou indo no viés deles, concordando.

De qualquer forma, acho que não tem como fugir, se você fizer transcrição do meu relato a essência vai ser aquela, mas vai ficar diferente! A disposição das idéias vai ser alterada, alguma coisa você vai mudar. Por isso falo que, na verdade, o documento é o que a pessoa falou.

Falando agora de análise na história oral, reafirmo que a minha dissertação está fresquinha, mas tem um monte de coisa que pensei sobre ela e que já mudei, o que é bom! Nela sou muito dura na análise, critico a análise porque a gente tem que ter cuidado com o depoimento das pessoas. Análise é uma palavra complicada, as pessoas do grupo podem ter sua forma de falar disso, mas tem que tomar cuidado, como diz o Carrera, essa palavra está muito destruída. O trabalho que faço com as tendências, de certa forma, é uma análise! Qual é o significado de análise? É você estudar aquela palavra, analisar aquela palavra. O que eu acho que a gente tem que tomar cuidado, e isso em todas as pesquisas, é não analisar o discurso da pessoa. Isso é antiético!

Dei um exemplo na minha banca de defesa sobre o perfil que eu traço sobre como é tratado o uniforme hoje e sobre como ele foi pensado e visto na sociedade em tempos atrás, então eu mostro: "Olha, pensava-se assim e hoje pensa-se assim!". Através dos relatos eu falo: "Percebe-se uma mudança na forma de pensar o uso do uniforme!". Por isso falo que não analisei o discurso. Eu não falei: "Essa forma de pensar o uniforme é errada, porque ele está falando isso e isso e tal autor diz isso sobre isso...!", não discuti o que a pessoa falou sobre o uniforme, não trouxe teoria discutindo aquele modo de pensar o uniforme. Eu relatei! Apresentei assim *tum*, como se fosse uma foto. Coloquei que um pensa o uniforme assim, o outro pensa de outro jeito e falei: "Olha, está sendo modificada a forma de pensar a questão do uniforme!" e fiz, então,

uma análise do uso do uniforme. Vamos falar assim, analisei o uso do uniforme ao longo do tempo, mas não fiz uma análise do discurso!

Aqui estou pensando a análise de discurso como julgamento da fala, não tenho muito aprofundamento para falar sobre isso, nem sei se posso falar: "Toda análise de discurso é antiética!", acho que vai depender de como você julga, mas acho antiético ficar criticando a fala das pessoas. Não sei falar disso, minha experiência é muito pouca, é só de mestrado! Mas se eu ficar criticando a fala, por exemplo, dos professores depois que eles colocaram diferentes posições ao conversarem comigo e ficar falando: "Olha, tal teoria fala que isso prejudica o aluno, isso aí influencia o fracasso do aluno", esse tipo de atitude é ficar martelando o cara depois que ele falou com você! Agora, não sei se é possível fazer isso sem julgamentos, mas existem pesquisas que começam a falar super criticamente e pega uma teoria que está criticando o ponto de vista do entrevistado e depois traz a frase dele logo abaixo, entre aspas! Poxa, o entrevistado que lê aquilo se acha o quê? Ele fala: "Nossa, eu contribui para mostrar para a pesquisa que estou...". Acho que tem que tomar cuidado com essa ética de lidar com o que o entrevistado falou. Agora, se existe análise eu não sei dizer, sei muito pouco de análise de discurso. Acho que o Ronaldo também vai fazer isso, é legal estudar para ver. De qualquer forma acho importante tomar esse cuidado.

Como eu dizia, acho que o que fiz é uma análise! Analisei as tendências! Não vou falar que não fiz uma análise! Não ter feito análise é fazer como o Vianna parece ter feito, embora todo mundo fale que ele também fez análise! Não li a tese dele, mas parece que tinha apresentado as entrevistas e acabou. Cada um lê e tira as suas conclusões! Acho que é interessante mostrar o que você está lendo daquilo, o que você pesquisador acha. Mesmo que seja para as pessoas te martelarem e dizerem: "Você está errado!", você tem que falar o que conclui daquilo, o que você vê! Análise para mim seria então trazer considerações sobre os dados que você tem, seria um trabalho que faço sobre essas informações, uma reflexão sobre ela, ter meu ponto de vista, afinal você lê teoria a respeito, entrevista, busca o relato. Acho que o crescimento do pesquisador está nesse momento em que ele consegue colocar o que está vendo disso tudo.

Quanto à ética, é tão engraçado, infelizmente não deu tempo e é ruim falar, mas vou falar: no meu seminário, contando a parte em que apliquei a autobiografia, falei para o pessoal: "Olha, eu falei para os alunos que eu ia sortear as autobiografias" e eu falei isso para eles ficarem mais a vontade ainda, para escreverem mais a vontade sobre o que eles quisessem escrever porque podia ser que não fosse sorteada a deles! Foi o Carrera quem falou para mim: "Fala para eles que você vai sortear depois, duas de cada classe!", eu poderia ter falado que ia escolher. Enfim, levantou-se uma questão de que fui antiética em não contar para eles que eu ia escolher os meus entrevistados e, em vez disso, ter dito que eu ia sortear! Vieram me falar de falta de ética, e me disse que eu precisava trabalhar essa questão. Eu tentei ao máximo ser ética com os meus depoentes!". Acho que isso é ter ética, aquele não era um ponto para originar uma discussão sobre isso porque na pesquisa sempre acontecem algumas coisas como, por exemplo, nessa entrevista aqui comigo, você está querendo fazer algumas coisas, fazer algum joguinho para eu responder, você não falar... É a mesma questão que eu quis fazer lá! Sempre tem aqueles macetezinhos que você tem que fazer para não colocar pressão, para conduzir a pesquisa! Agora, até que ponto o que você está fazendo comigo é antiético..., entende?

Voltando para a disciplina que fiz na UFSCAR como aluna especial e que me fez ler toda essa questão da escola-família, ela também teve uma parte prática na qual você fica na escola e nela eu entrevistei professores. Nessas entrevistas não teve

nenhum procedimento de retorno da entrevista para a pessoa ler, modificar, depois mandar para ler de novo e essa eu considero como uma questão ética: dar a entrevista para a pessoa ler o que ela fez! Isso é uma coisa que eu acho que muita gente não fez! Eu tomei esse cuidado. Devolvi todas as entrevistas, as pessoas modificaram e eu retornei a elas o material.

Esse tipo de procedimento começou a difundir depois que a gente começou a fazer! As orientandas da Miriam, por ela estar participando de bancas de membros do grupo de história oral, estão fazendo entrevistas... O que mostra que esse é um procedimento ético, mas não específico da história oral!

Quanto às cartas de cessão, eu não fiz, do mesmo modo que não entreguei as fitas para um acervo. Minhas entrevistas não tiveram tantos detalhes, essas coisas nem foram muito pensadas na pesquisa porque como eu disse, depois de um ano e meio de pesquisa que pude dizer: "É história oral"! Quando meu trabalho virou de história oral, fui fazendo algumas coisas como avisar que eu ia voltar e entregar as entrevistas porque o Carrera foi, assim como a Mirian, me dando essas dicas importantes, mas nesse momento eu já tinha feito a entrega de um monte de coisa. O que o Carrera me mandou pedir, mesmo o trabalho não sendo ainda em história oral, para que todos assinassem, em forma de concordância, todas as folhas desses textos que eles tinham arrumado e que eu havia devolvido, mas eu não fiz carta de cessão. Também não pensei muito, nem escrevi sobre entregar as fitas. Não deu tempo de fazer, as fitas continuam comigo. É complicado essa questão de você arrumar a fita, a Ivete mesmo, ela fez alterações no papel, mas acho que não arrumou a fita. Será que ela não arrumou porque para ela a textualização é que é o documento?

Se para a Ivete tudo é documento: fita, transcrição e textualização; quando ela olha para a censura que seus depoentes fizeram sobre a textualização e não sobre a transcrição ela só vê a necessidade de alterar o papel e não a fita. Acho que aí devíamos falar para eles: "Gente, e a fita?", acho que é nossa responsabilidade. Eu nunca iria esperar, imagina, que os pais, os alunos e os professores que entrevistei pensassem na fita porque eu não falei para eles que ia disponibilizar, não falei que a minha pesquisa era uma pesquisa de história oral, porque não era. Acho que o grupo tem que tomar esse cuidado de, se for disponibilizar a fita, falar para o entrevistado: "E o oral que eu vou disponibilizar no acervo? Posso disponibilizar integralmente?". Essa é uma questão que o grupo não tinha pensado muito, mas que tem que ser vista!

Já falei de várias questões que são discutidas no grupo ou que acho que deveriam ser discutidas, não sei se tem mais. É engraçado que nessas nossas discussões, nas poucas das quais participei, ficávamos falando em querer definir coisas. Aí, parece que foi o Carrera quem falou: "Não sei até que ponto é importante definir!". Isso faz sentido porque eu acho interessante o Carrera trazer questões, o Vicente trazer questões completamente divergentes, o Vianna outras ainda! É aí que o grupo se move, que faz a gente se mover. Gostei dessa consideração porque estávamos com uma mania de querer definir tudo, pelo menos Heloisa, Emerson e eu lá em Bauru: "Não, precisamos definir! Precisamos definir!". E agora estamos falando: "Será?" porque quando se define parece para mim que você tem *tum*, "a verdade é isso!". Como não há no grupo algo assim, vão chegando idéias, considerações e atitudes que vão falando: "Aquilo que a gente pensava, que íamos definir como sendo isso está mudando porque olha só isso!". Acho que quando a gente não define, ficamos mais dispostos a crescer, a tentar definir cada vez melhor e não definir! Então, não estou muito mais preocupada com essas questões de definir como estava antes quando falava: "Ah não, não pode! Vai numa defesa é assim, vai na outra é assado!". Fiquei bem *light* depois daquela colocação. Acho que hoje em dia não estou mais preocupada com isso, se formos para uma apresentação e

cada um estiver falando de uma coisa diferente, todos estarão construindo! Antes me preocupava, tinha vergonha: “Estão achando que o grupo é louco!”. Agora acredito que é legal cada um pensar de um jeito! Acho que todo mundo tem que buscar um objetivo comum, uma linha da qual estamos correndo atrás e que está construindo essa história oral.

5.3) Entrevista realizada em 26 de agosto de 2004.
Marisa Rezende Bernardes

Meu nome é Marisa Rezende Bernardes, tenho formação em engenharia civil e licenciatura em Matemática, ambas na Universidade Estadual de Maringá. Conclui o curso de engenharia em 1980 e a licenciatura em 1988, se não estou enganada. O meu curso de mestrado foi na Unesp de Bauru em Ensino para Ciência.

Acho que é isso.

O meu contato com a história oral foi muito interessante, muito mesmo! Porque eu estava num momento da pesquisa em que já tinha feito toda a revisão bibliográfica possível em relação às questões relativas ao profissionalismo e, no entanto, olhava para o meu trabalho e achava uma droga. O tema do meu trabalho de mestrado foi profissionalismo docente.

No programa de mestrado aqui de Bauru ocorre, seis meses após o ingresso no programa, uma reunião denominada "técnica" na qual professores vinculados ao Programa avaliam os diversos projetos dos que ingressaram naquele ano. Bom, nessa reunião um professor comentou sobre a necessidade de definir profissionalismo, profissão e etc. Eu fui pega nessa armadilha, conclui que tudo que pensava a este respeito não passava de senso comum, e li uma grande quantidade de coisas, algumas descartei, outras achava interessantes etc. Mas tudo isso era uma revisão! Pura e simplesmente. Era aquilo que já tinha sido dito, que estava em livros e, então, acessível a todo mundo! Eu estava muito desiludida com o trabalho, embora estivesse naquela situação em que, você sabe, Vicente [meu orientador no mestrado] sempre encorajando, mas eu olhava para aquilo e não me satisfazia! Pois bem, comecei a me interessar por história oral ao ouvir conversas entre o Vicente e a Ivete [orientanda à época de doutorado]. Só que eu dizia para o Vicente: "Eu acho interessante a história oral" e ele respondia: "Primeiro você termina ... você tem que terminar o seu trabalho!".

Aí aconteceu aquele nosso primeiro encontro aqui com a vinda do Carlos Vianna à Bauru! O grupo já existia informalmente, era um determinado grupo que já trabalhava com história oral. O Vicente convidou a todos os seus orientandos, àqueles que trabalhavam com história oral ou não, e eu fui! E, aí, achei muito interessante a história oral e sou assim: quando resolvo, cismo com alguma coisa, [risos], eu leio, leio, leio muito a respeito daquilo!

O problema que eu tinha, era achar meu trabalho estéril, sem graça, sem sal ou açúcar, não existia nada de novo ali! Era, como disse, tudo o que já existia em livros! Eu estava trabalhando com Foucault e a única coisa que achava interessante no trabalho era a contribuição do Foucault nessa revisão bibliográfica! Só que estava num impasse! Porque a idéia que eu desenvolvia a partir de Foucault, para mim, não conciliava com a idéia de um questionário, de chegar com uma estrutura rígida para o fulano e perguntar: "Questão um, tal coisa, questão dois...", Foucault falava em buscar os jogos de verdade das pessoas... e como seria possível capturar isso a partir de um questionário rígido? Até por isso eu estava angustiada com o meu trabalho!

Aí, a partir do envolvimento com esse grupo li vários textos, o trabalho do Carlos Vianna, o Vicente me "permitiu" ler os artigos dele, à época estavam no prelo, ou seja, não estava à disposição do público. Depois de ler muito percebi que era viável, possível, dentro do tempo que dispunha para o término do trabalho (essa reunião foi em setembro e meu tempo terminaria na metade do ano seguinte), trabalhar com História Oral. Inclusive porque supus ser o diferencial possível para meu trabalho. Eu me empenhei muito e se não fiquei inteiramente satisfeita com o meu trabalho - porque a gente nunca fica, assim é o processo em pesquisa -, eu poderia dizer que fiquei muito

satisfeita porque a inserção da história oral no meu trabalho me proporcionou tantos pontos para pensar, para continuar o meu trabalho que não senti o término do mestrado! O término do mestrado, em verdade, foi uma data na qual nos reunimos, apresentei meu trabalho, e uma banca disse: "Olha, terminou!". Mas não terminou: no dia seguinte prossegui minhas leituras como antes.

Então, eu acho que a história oral foi um diferencial no meu trabalho porque forneceu uma perspectiva diferente em relação à metodologia, digamos assim, não como algo obrigatório a todo trabalho de pesquisa - precisa estar lá -, mas, sim, que o foco do trabalho está ali. Quero dizer, a metodologia não é algo rígido, que só fornece regras de procedimentos, ela é mediação. Uma metodologia tem que possibilitar tratar seu assunto de uma forma ampla, tratar a situação particular sem perder a perspectiva do geral, de algo mais amplo. Porém, uma coisa é essa sensação que eu tenho, essa idéia de que a história oral possa ser vista como uma essa concepção de metodologia, agora, como fazer essas ligações entre particular e geral é justamente o que considero muito interessante no meu trabalho – a possibilidade de continuidade - porque não sei nada disso. É com essa possibilidade que vou trabalhar a partir de agora. Essas relações, entre o particular e o geral, fornecem, propiciam a perspectiva de que pesquisa é algo que não termina nunca! E quando uma metodologia permite isso, a sensação é o horizonte ser o infinito [riso]. É muito interessante. Extrapola a idéia de método!

Quanto à questão acerca da história oral ser uma metodologia de pesquisa qualitativa, não vou nem entrar nesse mérito. Nosso grupo já discutiu alguma coisa sobre isso e é algo que está em aberto também. Mas, de longe, eu defenderia a história oral como uma concepção de metodologia! É uma idéia mais geral, em que você está no bojo da metodologia, mas não é algo engessado, é uma perspectiva na qual é possível inserir outras teorias. Isto porque a história oral - na forma como o prof. Antonio Carlos Carrera de Souza a entende nos dá procedimentos éticos em relação à coleta de dados -, mas ao mesmo tempo suscita perguntas que nos obriga inserir teorias que permitam possibilidades de respostas.

No meu caso, por exemplo, trabalho principalmente com a obra de Foucault, e a história oral permite uma conciliação, e estes "procedimentos éticos" dialogam com essa teoria. Por isso acho que a história oral como metodologia é algo muito maior do que, pura e simplesmente, um método. Muitas vezes as pessoas pensam nisso: "Mas poxa, é um método de obter relato oral, de transcrever, de textualizar, etc.". Bom, se eu admitir a história oral dessa forma irei cair, invariavelmente, naquela armadilha da "verdade", onde ao apresentar determinados relatos, as pessoas esquecem toda a riqueza do texto e dizem: "Olha, tal data está errada, tal lugar está errado", como se isso não acontecesse em outros documentos! Mas como nós estamos ainda em luta, estamos ainda defendendo uma nova ferramenta, as pessoas se apegam nisso.

Sempre foi assim, a "verdade" sempre foi utilizada, principalmente, para defender determinadas posições, determinados campos, então quando se pensa a história oral como alguma coisa além de um método, no meu entender, dribla-se esse tipo de armadilha. Por quê? Porque um relato não é visto como algo no qual se procura a "inverdade histórica", com base àquelas "verdades" historicamente instituídas como datas, locais, etc. e que a pessoa olha para aquilo e diz: "Isso aqui não é verdade!". Isso não é prioritário na história oral.

A história oral, para mim, revela toda uma subjetividade que é muito mais importante do que essas armadilhas que a memória proporciona. Porque o depoente cai nas armadilhas da memória como todos nós. O interessante no nosso trabalho é evidenciar toda a riqueza do pensamento de uma determinada pessoa e essa perspectiva extrapola a idéia de método como falei antes.

Quando penso na história oral como uma concepção de metodologia, acredito que isso abre um dialogo com outros campos do saber, isto é, cria uma possibilidade para nós pesquisadores estarmos mais ou menos no que chamamos de zona de fronteira. Ou seja, nós da Educação Matemática, apesar de continuarmos no nosso campo, podemos visualizar outros campos. Isso significa não cortar o diálogo com outras disciplinas. Porque se o método for rígido é aquele procedimento e pronto! Quando se trabalha com a idéia do relato, a concepção é mais ampla, obriga pensar, por exemplo: "Bom, para estes determinados problemas aquilo que conheço não resolve. Será que o conhecimento acumulado de uma região da história, por exemplo, ou da literatura não me auxilia nesse tipo de trabalho?". Então, repare, trabalhamos com outras áreas, embora continuemos na nossa.

Usamos o conhecimento do que já foi trabalhado, porque não se pode negligenciar aquilo com o qual as outras pessoas já trabalharam, o já foi acumulado! Percebe-se então que isso é muito interessante porque a produção do conhecimento não é tarefa para uma pessoa só. É um trabalho dantesco, quero dizer, ao se pensar: "Bom, mas como é possível dialogar com todo o conhecimento historicamente acumulado?" Aí surge a idéia que nós [grupo de historia oral] temos de um grupo. O trabalho desenvolvido por esse grupo é impossível de ser realizado apenas por uma pessoa. E quanto mais as pessoas desse grupo trabalham, mais têm a possibilidade de tomar conhecimento de outras áreas. Isso é muito interessante: agora mesmo, li um texto produzido pelo Vicente no qual ele faz uma inserção na literatura - o cuidado com a forma, e o Carlos Vianna se preocupa muito com a forma! Eu particularmente não me preocupo tanto por uma razão bastante simples: não acho que tenha capacidade para isso, mas é necessário que outras pessoas façam isso! Minha preocupação é outra, tenho muito interesse na parte teórica, em resolver problemas teóricos. Então é necessário, por exemplo, que alguém do grupo se preocupe inclusive com as técnicas, porque é importante, faz parte do nosso trabalho. Isso também é algo que adoro receber pronto! [risos] Quando ouço, por exemplo, as pessoas falarem sobre novos avanços tecnológicos adoro que coloquem pronto na minha mão porque não me interesso realmente por isso além da utilização imediata. Ter pessoas que me forneçam esse tipo de coisa não é uma apropriação, pura e simples, de seus trabalhos. Eu, como membro do grupo, também tenho a minha área de trabalho, daí, penso existir uma troca.

Por isso não consigo ver a história oral como um método simplesmente, ela extrapola essa idéia dentro daquilo que nós particularmente pensamos, (isto é, não tenho o direito de generalizar, dizer que esta é a opinião de todos, mas, sim, estou falando de uma opinião existente dentro do nosso grupo, tá?). Porém não consigo batizar, digamos, a história oral simplesmente como metodologia para que alguém confunda isso com método.

Eu não estou afirmando que metodologia é diferente de método, nem entrei por essa seara, mesmo porque em determinados momentos se confundem. É que as pessoas normalmente pensam a metodologia como determinados procedimentos rígidos etc. Isso é interessante porque fico meio encabulada quando ouço, por exemplo, as pessoas falarem em determinadas metodologias como se cada uma delas não tivesse toda uma produção teórica anterior que elas negligenciam! Confundem essa questão, se apegam àquilo que é seqüência e não é essa a nossa preocupação aqui!

Quanto ao grupo de historia oral, os membros são de cidades diferentes, estados diferentes. Até o ano passado nós tínhamos pessoas que cursavam a licenciatura, o mestrado, o doutorado, pessoas como o Vicente, o Carrera e o Carlos que já orientam trabalhos e isso já é um diferencial! O Carlos trabalha com uma região totalmente diferente da nossa, a realidade do estado do Paraná é diferente daquela que nos

deparamos no estado de São Paulo. Embora estados de um mesmo país, as perspectivas das pessoas são diferentes. O político permeia a Educação. Essa é uma perspectiva interessante, né? Nós somos de Universidades diferentes, temos pessoas de escolas federais, estaduais - universidades públicas -, e também pessoas que, como eu, estão ligadas à universidade particular, o que também indica perspectivas diferentes. Então é um grupo muito interessante em relação às diferentes perspectivas.

O que torna nosso grupo muito interessante é ser seu cerne o profundo respeito entre todos nós, os membros do grupo. Quando estamos reunidos é irrelevante se a pergunta vem de alguém que cursa mestrado ou doutorado ou alguém que faz iniciação científica! E o interessante é que todas as pessoas, em diferentes posições, contribuem, veja por exemplo o trabalho que você e Maria Ednéia Martins produziram, eles foram tão importantes para o nosso grupo quanto o meu trabalho, quanto o trabalho da Gilda Lúcia Delgado de Souza e de outras pessoas que concluíram ou desenvolviam trabalhos de mestrado ou doutorado à mesma época. À época nós tínhamos Ivete Maria Baraldi, Gilda, Silvia Regina Vieira da Silva cursando o doutorado e eu e Michela Tuchapesk o mestrado. Ah sim, estou esquecendo Emerson Roulkouski e Heloisa da Silva – ambos cursando doutorado. Mas não importa, estou citando alguns casos apenas como exemplo. E tínhamos os doutores como o Carrera, o Carlos e o Vicente. E todo mundo contribui ali! E as contribuições são igualmente importantes. As dúvidas que cada um dos nossos trabalhos podem suscitar são importantes do mesmo jeito, não é porque apareceu uma determinada questão num trabalho de mestrado, de iniciação científica ou de doutorado que essa questão seja mais relevante, não tem isso! Esse é o cerne do nosso grupo, o reconhecimento de que todos os trabalhos são interessantes para o grupo. Mesmo com as dificuldades geográficas que temos, este reconhecimento nos une em torno de um interesse comum – a historia oral na educação matemática.

Vamos pensar assim, Luzia: se eu, você, mais dois ou três tivéssemos um interesse comum, formaríamos um grupo. O interesse comum pode ser a razão da formação desse grupo, mas não sua perpetuação. A razão pela qual nós nos reunimos foi um interesse comum, mas o que perpetuou esse grupo, me parece, é esse respeito, o fato de que as diversas produções são igualmente importantes. Isso permite a cada membro ter claro que falar bobagens ou coisas interessantes independe de se estar na iniciação científica, no mestrado ou no doutorado - isso diminui a inibição, ao se posicionar, diante de um assunto proposto. Não basta ter inicialmente um interesse comum - como em todo e qualquer outro grupo -, é preciso dar continuidade. Não tenho dúvida.

Acredito no seguinte: se domino todas as nuances de uma determinada profissão, eu quase que me constituo naquela profissão. Claro, tem uma questão importante, como legitimar minha prática, mas vou colocar isso à parte. Só estou querendo desmontar uma determinada idéia. Então estou querendo dizer o seguinte: estou num determinado grupo, a Educação Matemática, e se tenho preocupações com a minha prática, preciso trabalhar, estudar, etc. Caso eu migre inteiramente para um outro campo, preciso conhecer tudo deste campo, certo? Ou seja, abandono um campo. Agora, se de onde estou, olho o território do outro, me interesso por este conhecimento e acredito que poderá auxiliar-me no meu campo de atuação, eu tento me apoderar dele. Como viabilizar isso, é a questão, preciso perguntar ao outro como trabalhar com os recursos que estou utilizando de sua área. Esse perguntar, entretanto, está e não está necessariamente no conversar, no contato com outro profissional mas, também, quando estou lendo determinados títulos, determinados autores que são importantes para aquela área na qual estou interessada. Estou me apoderando das idéias que, talvez, constituíssem a espinha dorsal desse campo - que é particularizada, própria de cada profissão! Ao utilizar recursos da história oral – próprios de um outro campo, a História

- não posso fazer isso de qualquer jeito! É necessário estudar, não se pode trabalhar com ferramentas dos outros sem cuidado. Porém não é o caso de chegar ao extremo de entender tudo, procurar uma situação tal que me permita falar de situações particulares de uma profissão - aí já é extrapolar. No limite não vou fazer nem uma coisa, nem outra, isto é, já não estou nem no meu campo e nem no do outro.

Por isso, a idéia que permeia o nosso grupo é de que estamos numa região de fronteira. Estamos olhando para outras disciplinas afim de perceber conhecimentos acumulados nestas que possam nos auxiliar - sem perder de vista o que somos, os nossos interesses. Daí, não é porque utilizo a história oral no meu trabalho que posso me considerar, por exemplo, historiadora. De forma alguma. Mesmo porque "historiador" é uma profissão! A minha profissão é professora de matemática e está vinculada a um determinado grupo que cuida de determinados assuntos. E, justamente porque estou nesse grupo, estou procurando ferramentas para otimiza-lo! Porque se um determinado grupo se denomina X e continua ali, sem explicação a que veio, para que serve e qual o diferencial em relação às outras práticas, ele morre! Essa é, inclusive, uma das razões pelas quais me apaixonei pela história oral, porque vejo a possibilidade de proporcionar às pessoas oportunidades de falar, de não deixar perder determinadas idéias e determinadas vivências que estariam condenadas a desaparecer com o passar do tempo.

Um depoente do meu trabalho de mestrado comentou: "Bom, minha forma de publicar nem sempre é o que a academia pleiteia. Antes de participar de um determinado conselho escrevo um texto porque acho que a argumentação, no momento das discussões, está sujeita a paixões. Então o texto permite às pessoas pensar a respeito daquilo e, a partir dele, mantenho discussões com colegas, com meus pares etc.". Este professor é um dos tantos que estão inseridos num determinado contexto onde é possível conversar com várias outras pessoas, tratar de questões teóricas mas, muitas vezes, não está muito interessado em passar aquilo na forma de um artigo, nem preocupado com a forma acadêmica de transmitir as idéias. Por isso quando se entrevista uma pessoa como esta, aquilo que não gosta de fazer – a forma acadêmica de publicação -, é feita através desse trabalho, é possível disponibilizar às outras pessoas sua vivência. Não que isso solucione, Luzia, um determinado problema de pesquisa. Esse foi o meu grande problema em relação à minha dissertação, quando olho para aqueles documentos produzidos – os relatos orais – eles são, ao mesmo tempo, meu encantamento, mas também minha insatisfação. Porém é essa insatisfação que obriga à continuidade do trabalho de pesquisa.

Como já disse, o dia seguinte da apresentação do meu trabalho foi um dia normal, a vida continuou igual. Por quê? Porque o fato de eu ter entrevistado quatro pessoas não resolveu meu problema de pesquisa, não me possibilitou pensar: "Ah, agora posso responder o que é profissionalismo docente!". Não! Mas é essa insatisfação que me impulsiona pensar no que fazer com os relatos, qual tratamento é permitido - porque na história oral como metodologia não se faz recortes! Então não é possível dizer: "Olha, a partir de tais e tais recortes ...", aliás essa é uma prática da qual tinha horror mesmo antes de conhecer a história oral como metodologia. Mas, ao mesmo tempo, quando analiso os idéias dos meus depoentes, quando leio no trabalho da Ivete depoimentos de outros professores, determinadas idéias são comuns. Percebe-se que, determinado professor pensa assim, aquele outro da mesma forma; Daí a pergunta que me faço é: será que, analisando uma determinada idéia, ou um determinado texto, posso criar uma idéia nova? Quero dizer, são relações que estão ali no texto e que muitas vezes o depoente não as trabalhou. Por isso não me preocupava se a pessoa respondia objetivamente sobre profissionalismo docente. O depoente possibilita, fornece indicativos que permitem pensar o profissionalismo docente. Então é essa a idéia, mas

para se fazer isso não basta um procedimento qualquer, não se faz de qualquer jeito. Por isso acredito ser necessário estar sempre de olho na área dos outros!

Voltando à questão de ser ou não historiadora, falei sobre isso no meu trabalho, eu não sou uma historiadora, não estou preocupada realmente com aquilo que um determinado grupo denominado "de historiadores" se preocupa, mas ao mesmo tempo também estou preocupada com algumas questões deles. Quero dizer, parte das preocupações deles são interessantes ao trabalhado do meu grupo, ao que estamos buscando - a melhor forma de tratar essa questão que é a Educação Matemática.

Como já disse, no início eu tinha pouco tempo para introduzir a história oral no meu trabalho. Então com o que me preocupei? Com procedimentos, digamos assim, técnicos! Preocupei-me em como fazer uma entrevista, como abordar o depoente, como manusear o gravador, como fazer a transcrição, como fazer a textualização, o que é permitido, o que não é permitido, quais são os procedimentos éticos em relação ao depoente, o que posso fazer, o que não posso fazer. Eu tive essas preocupações! Tanto que no meu capítulo de metodologia discorro como fui me apropriando dessas questões que já tinham sido pensadas em parte pelo Vicente e pelo Carrera! Então me preocupei com isso! Era essa a minha idéia, obter relatos orais, quero dizer, ou direcionava meu trabalho para as histórias de vida ou para os questionários comuns a grande parte dos trabalhos acadêmicos em Educação. E, eu não queria a segunda alternativa! Então foi necessário rapidamente me apropriar desse conhecimento! Portanto, inicialmente só foi isso! Eu sabia os procedimentos iniciais, vamos dizer que tivesse tudo muito claro para mim. No momento em que terminei as textualizações, em que só tinha aquilo que havia sido trabalhado até então pelo grupo, percebi não dispor de arsenal teórico suficiente para tratar adequadamente os textos produzidos a partir dos relatos orais. No entanto não dispunha mais de tempo! Aí foi terrível! Porque era necessário dar um fechamento para o trabalho, mas dispunha apenas de um certo tempo porque a academia determina prazos! A saída foi fugir do problema!

Essa dificuldade ao final do meu trabalho de mestrado proporcionou um novo problema, novas questões a serem enfrentadas – suscitadas pela história oral como metodologia. Por quê? Porque proporciona continuidade quando não resolve os problemas que desencadeia. Então adotei uma certa estratégia no meu trabalho: iniciei-o com uma auto–entrevista e o terminei me analisando! Foi assim que eu fiz, porque se auto-analisar é menos comprometedor quando não se dispõe das ferramentas adequadas para discorrer a respeito das falas dos outros. Quando me analiso como profissional não há risco de injustiças, posso cometê-las à vontade! Eu não sabia o que fazer com os relatos orais, não sabia conciliar o arsenal teórico montado inicialmente com esses textos, mas acreditava ser possível! Para mim era claro! Mas sabia também que precisava de muito tempo, de muito estudo ainda, precisava olhar para esses relatos e procurar as ligações. Só que isso configurava em um trabalho posterior!

Quanto a ter me preocupado primeiro com procedimentos técnicos da história oral, por ter um tempo limitado para finalizar o trabalho, não o fiz por pensar que isso definiria o meu trabalho como de história oral. Eu não pensei nisso não! Mesmo porque, acho que, desde o início – a partir daquela reunião inicial do grupo -, minha forma de vislumbrar a história oral como metodologia de pesquisa ultrapassava essa questão só da parte técnica, apenas não tinha conhecimento! Vamos dizer que foi quase intuitivo!

A partir de algumas idéias capturadas naquela reunião, imaginei viabilizar determinados conceitos da obra de Foucault. Mas como desconhecia até mesmo os rudimentos da história oral precisei pesquisar o que é que até então se conhecia a respeito! Então no meu trabalho de mestrado eu poderia dizer que usei recursos da

história oral. Se existe alguma coisa além disso é muito pouco! Por isso no final do capítulo de metodologia fiz algumas indicações sobre a necessidade que vislumbrava de avançar no campo teórico para dar conta das questões práticas de um trabalho de pesquisa. Ao final do capítulo deixei pontas. Por isso posso dizer que o meu trabalho de mestrado utilizou recursos da história oral! Bom, agora eu quero que o meu trabalho de doutorado seja um trabalho em história oral, quero dizer, pretendo construir dentro desse trabalho alguma algo além, uma parte daquele tratamento teórico, que acredito ser importante para avançar. Senão volta aquela questão da preocupação com a prática de que falei... Bom, isso é uma coisa que já está mais ou menos bem resolvida para nós.

Então acho que nós temos questões que precisam ser avançadas, questões sérias, difíceis e é isso que pretendo seguir! Aí sim, se conseguir esse tipo de coisa, talvez possa dizer: "meu trabalho de doutorado é em história oral!".

Acredito que, para um determinado trabalho extrapole essa questão de utilizar meramente recursos da história oral, é necessário conciliar a parte empírica com determinado tratamento teórico. E que seja condizente com essa perspectiva, com o conhecimento acumulado sobre história oral, senão não se pode dizer que se trata de um trabalho em história oral. Quero dizer, quando em um trabalho de pesquisa o máximo a que se propõe são os cuidados em relação à seleção dos depoentes, se está numa perspectiva, vamos dizer, de forma genérica, qualitativa! Ao se utilizar a história oral como metodologia existem determinados cuidados com relação à entrevista, ela é conduzida de uma determinada forma. As etapas seguintes às entrevistas - transcrições e textualizações -, proporcionam um contato maior com os depoentes, ao se verificar o que é permitido por eles manter, o que não se deseja público, etc. Até aí são apenas procedimentos, que é aquilo que o Carrera fala, procedimentos éticos e procedimentos técnicos também. Eu tenho que estar informada a respeito, inclusive, dessa sua preocupação aí, agora, com o gravador. Mas apenas isso não insere um trabalho de pesquisa numa perspectiva da história oral, só se está usando seus recursos! A partir da textualização, nesse ponto, é possível pensar se o trabalho está inteiramente inserido numa perspectiva da história oral ou não. Essa etapa, a textualização, foi um procedimento muito mecânico; fiz as textualizações de forma muito mecânica, criei um texto, o qual achava ser o mais objetivo possível, agrupei idéias dos depoentes, etc. Então, só usei recursos técnicos da história oral, mais nada! Não passei disso! Agora, para um trabalho em história oral acho que é necessário trabalhar a partir disso - além da textualização -, como tratar esses depoimentos, e isso, penso, tem a ver com uma determinada teoria, como são pensados esses métodos. Porque, como já comentei, a história oral cria perguntas, suscita questões e é necessário colocar essas questões sob alguma perspectiva teórica. No momento em que se faz isso, em que se começa a se preocupar com essa ligação, aí, só aí, o trabalho está em história oral. Por exemplo, o trabalho do Carlos Vianna é um trabalho em história oral, existe preocupação com a questão teórica, ao menos tenta resolver problemas de forma, o cerne do trabalho dele está na textualização. O meu não, o meu não vai além da textualização!

Uma discussão que permeia nosso grupo é saber se os depoimentos podem ser analisados ou não. Algumas pessoas do nosso grupo dizem: "histórias de vida não devem ser analisadas!". Mas aí eu me questiono: "Então para que eu quero histórias de vida?", se não posso analisá-las, passa ser função dos possíveis leitores descobrir o que é possível nos relatos! Mas ao pensar em fazer isso, tenho a sensação de desrespeito às pessoas que me forneciam esses relatos! Creio que não era isso que as pessoas queriam! Talvez não quisessem nada, mas penso: não tem alguma coisa além disso? Além de obter um determinado relato e o depoente, de qualquer forma, estar sujeito a essa seleção corriqueira: "professor Fulano de Tal, ah, esse relato me interessa, esse foi o

autor de um livro no qual estudei, não vou deixar de ler esse aí! Ah, professor Fulano de Tal, ah já ouvi dizer que esse professor é muito polêmico, então vou ler. Fulano de Tal, nunca ouvi falar, jogo para lá!" Quero dizer, não acho justo submeter os relatos dos meus depoentes a esse tipo de seleção, a mesma seleção que nós fazemos ao ler um jornal. Desta forma continuaríamos na mesmice de sempre.

Por isso, essa questão referente à análise, passou a ser a minha preocupação não como análise, porque acho realmente não ser justo também para o meu depoente - nisso eu concordo com essas pessoas contrárias às análises das histórias de vida -, que eu busque em seu relato armadilhas, procurar o que ele não disse ou o que tentou ocultar não me parece muito ético! O que me interessa atualmente? É essa a nova perspectiva para a continuidade do meu trabalho, como apresentar os relatos de vida aos meus possíveis leitores, que eu acho muito interessante!

Como, de textos obtidos através dos relatos orais, posso obter novas idéias? Porque é isso que nós, que estamos dentro de um grupo denominado educadores matemáticos queremos! Não é? Nós queremos avançar no nosso fazer cotidiano! Então, um determinado relato, aliado a um conhecimento teórico acumulado, poderá esclarecer ou conciliar idéias; ou, de repente, a partir de um determinado grupo em que se percebe uma tendência, quero dizer, várias pessoas estão pensando dessa forma e de repente é isso que está levando adiante uma determinada idéia ou não. A partir de determinados relatos talvez seja possível perceber algo que se mostra dominante e estava escondido, camuflado na prática cotidiana. Bem, esse tratamento é o que tem me interessado muito e por isso após o término da dissertação, procurei ler aquela série do Proust, **Em busca do tempo perdido**, em que ele trata sobre a questão da memória involuntária! Algo que o depoente nos proporciona e não está sujeito ao trabalho da inteligência, ele não fez uma seleção prévia do que poderia dizer, daquilo que não poderia dizer, mas ao mesmo tempo não foi o pesquisador quem criou armadilhas para o seu depoente e, sim, o próprio trabalho da memória! Ao falar, expõe idéias, que muitas vezes não estão bem elaboradas por ele, mas podem se constituir um ponto de partida para o pesquisador obter uma maior elaboração ao debater com outras pessoas, ao confrontar com outros relatos etc.

É mais ou menos por aí, minha idéia é a possibilidade de a partir de determinados textos se obter uma certa ponta de novelo. A partir de uma determinada idéia pode surgir outra interessante para um problema de pesquisa. Agora, isso tudo, no meu entendimento, não se faz com uma coleção de relatos apenas, não se faz sem conhecimento teórico! E muitas vezes esse conhecimento teórico está acumulado em outras disciplinas!

Penso que depois do trabalho de textualização é possível olhar para um relato em primeira pessoa e dele tirar questões a serem discutidas. Deixa-me ver se, através de um exemplo, deixo minha idéia mais clara! Um dos meus depoentes tinha uma forma característica de falar, criava determinadas marcações na sua fala muito interessantes! Quando se lê o texto é possível observar: "Nossa, interessante a forma desse professor falar!". No entanto, tanto se pode ler esse texto e pensar dessa forma como simplesmente ignorar a importância da marcação existente. Acabei escrevendo posteriormente a esse respeito, do porquê o professor fazer determinadas marcações e que provavelmente não fosse voluntário... muito provavelmente não era voluntário. Talvez não saiba que faz tais marcações. Porque então as faz? Porque a preocupação em dar aquela forma ao seu discurso? Mas para quem tais marcações incomodam, ao ler o relato, o que fica é uma determinada música de fundo. Então, quando isso acontece não se está fazendo uma análise daquilo que aquele professor disse, mas ao mesmo tempo aquela música de fundo, digamos assim, induz pensar ao se confrontar com outros

relatos, por exemplo, porque os professores se preocupam tanto com suas imagens? Que tipo de imagem o professor constrói de si próprio? Qual é o papel que ela desempenha em seu fazer cotidiano? Em que isso influi na prática dele? Esta idéia que surgiu de um dos relatos me permitiu discutir pedagogias da moda, o estar "na moda", a influência mágica do computador, televisão e etc. E nada disso estava no discurso do professor! No entanto o depoente não fala nada disso! Mas ao ler o relato dele, aquela forma de discursar, a tal música, um barulho de fundo, me fez pensar em outras coisas e gerar uma outra idéia, uma idéia nova. Nova no sentido de que tentei uma outra elaboração, uma outra combinatória, certo!? Tudo isso foi proporcionado por tal relato! Analisei sim, mesmo porque é isso que se faz ao ler um texto! Mas o que é importante, o que ficou de importante para mim são coisas desse gênero, em todos os relatos.

Quando leio, por exemplo, os relatos do trabalho do Carlos Vianna, não procuro o que o sujeito disse ou não quis dizer e etc. Creio que o produtivo está exatamente nisso: idéias que as pessoas fornecem e que a partir da combinatória com um determinado conhecimento a que se tem acesso (e de outros relatos que se possa constituir) novas elaborações podem ser obtidas. Também porque, se analisarmos pura e simplesmente os textos, vamos ficar naquela velha idéia de que a prática pode resolver os nossos problemas e, aí, caímos numa outra armadilha!

Na produção do conhecimento há a produção acadêmica na perspectiva da Educação Matemática e a produção escolar - creio não ser desejável dissociá-las. Por exemplo, essa questão da licenciatura, o número de horas de aula de estágio... repare que muitas vezes as pessoas partidárias de um fazer, uma ênfase na produção escolar acham isso muito bom! E, no entanto, quando fazemos contato com as escolas é recorrente os professores comentarem o seguinte: o sujeito termina uma licenciatura, vem com idéias novas e tal, mas ao se ver inserido num ambiente escolar, estas idéias normalmente somem com o tempo! Ao se confrontar com a realidade escolar, àquilo que já está cristalizado na escola, o discurso do iniciante muitas vezes não tem força para se contrapor ao normalizado. Esse me parece um problema muito sério ao se discutir o número de horas de estágio: porque, senão, vai do jeito que o diabo gosta, quero dizer, é uma continuidade, o sujeito se aperta ali naquele grupo e continuamos produzindo as mesmas práticas! Então o interessante na história oral é justamente a possibilidade desse confronto – produção acadêmica e escolar - mas confronto sério, e por isso não admito se falar em "qualquer" análise. Mesmo porque toda a análise tem por trás a questão daquilo que se quer ouvir, daquilo que é interessante ouvir! O que a história oral proporciona é conhecer essa produção do conhecimento escolar e confrontá-lo com uma determinada produção, digamos assim, mais acadêmica, teórica! Sem isso, sem esse confronto, para mim, também a história oral fica órfã, ela fica totalmente destituída de significado. Você me perguntou: "um determinado trabalho para estar inserido numa perspectiva de história oral, o que precisa?"; para mim, precisa desse confronto! Porque, senão, só se estará utilizando recursos da história oral! É isso, especificamente, o que considero uma produção dentro da Educação Matemática em uma perspectiva de história oral.

Mas o que é a Educação Matemática? Eu, particularmente, fico muito cabreira com essa denominação "Educação Matemática", porque não me preocupei com a questão de profissão e profissionalismo docente à toa! Eu me vejo, inicialmente, como uma profissional do ensino da matemática! Agora, eu tenho determinadas preocupações que talvez me insira num determinado grupo particular denominado "educadores matemáticos" e nele permeiam relações de poder! A Educação Matemática é um discurso! A história oral possibilita relatos de professores na perspectiva que eu tenho de Educação Matemática, há a possibilidade do confronto dessas duas produções – a

escolar e a acadêmica - e esse confronto tanto pode legitimar o que está aí, quanto criar uma perspectiva revolucionária! E aí, é questão de gosto! Não vamos ser ingênuos e achar que dentro desse grupo chamado "educadores matemáticos" toda perspectiva é revolucionária! Não é! Eu acho que a história oral possibilita e permite, talvez, um confronto sério, como diria Nietzsche, "confrontos de espadas que se chocam". Talvez seja possível descobrir tanto uma perspectiva de continuidade, de perpetuar o que está aí, quanto uma possibilidade revolucionária! É essa a idéia que eu tenho de história oral e é para isso que direciono meus estudos.

Do término da minha dissertação de mestrado para cá participei de quatro encontros acadêmicos em que os textos foram publicados nos anais: o EBRAPEM- Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós Graduação em Educação MAtemática, um congresso em Londrina (de pedagogia), em Ilha Solteira e outro no SIPEQ- Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos aqui em Bauru. No SIPEQ, inclusive, comecei a discutir essa questão da memória involuntária e de ligações com outros campos e etc., que é uma forma de ver o outro né!? Bom, fora isso escrevi o capítulo de um livro que deverá ser publicado pelo nosso grupo e mais três textos que foram enviados para revistas, mas isso está em processo de análise.

Trabalhamos com documentos e documento para mim é um conceito da história. É escolha do historiador (ou do pesquisador)! Eu tenho determinados relatos em mãos porque escolhi determinados sujeitos! Isso é tranqüilo para mim! Foucault cria uma perspectiva muito interessante em relação ao que é documento e ao que é monumento! Escrevi um texto a esse respeito porque nessa questão do documento, por ser resultado de uma escolha é, portanto, relação de poder! Escolho quem eu quero no meu trabalho e é ingênuo pensar o contrário. Na história os historiadores também fazem escolhas.

A perspectiva interessante que eu vejo a partir de Foucault é extrapolar isso, é pensar o documento como monumento, ou seja, o que esse documento que se tem em mãos vai estar eternamente dizendo? Eu até fiz uma aproximação, no encontro em Ilha Solteira, dos relatos com a noite! Essa idéia surgiu de uma notícia veiculada pelo Jornal Estado de São Paulo na qual a noite era tratada como monumento. É a idéia de que o documento oculta determinadas idéias e, à luz de diferentes circunstâncias, é possível obter novas informações. Fiz analogia com a noite porque quando se olha para o céu parece que está cristalizado da mesma forma que o documento. Mas, no entanto, a visão da noite oculta o piscar de coisas que são vivas e também a luz de estrelas que já morreram e, no entanto ainda é possível enxergá-las. Então acho interessante pensar o documento como monumento porque nos fornece inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo que nos faz perguntar qual foi a escolha do pesquisador e perceber de forma clara que, dependendo da forma como se analisa um texto, é possível estabelecer diferentes relações! Isso na perspectiva de Foucault.

Respondendo à sua pergunta, se eu fosse só responder o que é documento, diria que é uma escolha do pesquisador ou, se ele tiver inserido dentro do campo dos historiadores, é uma escolha do historiador.

A visão de história oral que apresentei até agora não nega a importância dos trabalhos (se não eu estaria negando inclusive a importância do meu trabalho de mestrado) constituírem documentos! Mas, para mim, documentos realmente, são as fitas! Elas são o resultado da minha escolha em ouvir determinados sujeitos e dos procedimentos técnicos em relação à obtenção desses relatos. Quando se atêm apenas à textualização é preciso confiar nesse procedimento... No entanto, pensando melhor, as textualizações feitas no meu trabalho de mestrado não foram inteiramente fiéis aos relatos gravados. Não porque as tivesse modificado deliberadamente, mas porque é impossível captar tudo o que foi dito pelo depoente e também porque foram

acrescentadas informações nessa etapa do trabalho. No meu trabalho de mestrado não tive nenhum problema com os depoentes do tipo: "Olha, corta parte disso, isso aqui eu não quero que inclua". Quando o depoente faz tais exigências é necessário proibir a divulgação de determinadas partes da fita. Isso não aconteceu no meu trabalho, mas alguns depoentes, ao lerem o texto, contribuíram para a formatação daquele texto ao solicitar que determinadas idéias fossem melhor desenvolvidas. E, aí, me foram devolvidas as textualizações com observações escritas. Então, criei notas de rodapé do tipo: "Por ocasião da textualização, o depoente inseriu tal nota, ta ta ti ta ta ta.". Quero dizer, esse conjunto de procedimentos criou um documento! Eu tive que desenvolver a idéia para poder chegar a este fecho, não tinha pensado a esse respeito antes. No meu caso então, em que tanto as gravações que, se alguém se interessar por aqueles relatos, vão estar disponíveis, quanto as textualizações que têm idéias adicionadas pelos depoentes - dos quatro depoentes, três fizeram isso – são documentos. Talvez o correto seria pensar as textualizações como documentos produzidos a partir das fitas! A transcrição eu também vejo como documento. Um documento produzido a partir do relato oral gravado em fitas. Interessante isso, não estava bem elaborado! Por isso pedi: "deixa-me pensar...".

Os procedimentos éticos poderiam ser resumidos como um respeito ilimitado ao depoente. O depoente tem todos os direitos, essa é a verdade. Ele tem inclusive o direito de, depois de se ter gravado o relato, transcrito, textualizado, falar: "Não quero, desisti!". Ele tem pleno direito às suas memórias e isso me parece um resumo desses procedimentos éticos. Isso significa que o depoente pode truncar determinados trechos da entrevista, pode dizer: "não quero que isso se torne público!". Pode mudar a textualização, alterar... "Olha, essa idéia desenvolvida aqui não é bem assim.". Então, o depoente tem pleno direito às suas memórias e esse pleno direito parece resumir todos os procedimentos éticos. Quem dita as normas, aquilo que se vai produzir ou não, a rigor, é o próprio depoente.

Eu fiz carta de cessão para cada depoente, esse é um procedimento que classificaria como técnico. Por quê classificaria como técnico? Porque nos protege futuramente. Essa carta de cessão é um procedimento jurídico, digamos assim. Uma garantia para, no caso de uma discussão judicial futura sobre a regularidade da publicação dos relatos, atestarmos a concordância do depoente em divulgar suas idéias e, no caso de falecimento os familiares não possam discutir a legalidade da publicação.

Ao utilizarmos recursos da história oral os relatos são textualizados e não meramente arquivados em áudio, a rigor, porque continua a idéia de que é o escrito que tem maior alcance. Essa me parece ser a questão fundamental. Quando se quer divulgar uma idéia, essa é a preocupação! Esta é uma das metas de um trabalho de pesquisa, divulgar idéias que de outra forma ficariam presas a um determinado contexto. Além disso, ao ler a entrevista textualizada os depoentes, muitas vezes, verificam de forma mais clara o que foi dito e quase sempre tendem elaborar mais algumas idéias. É uma fase na qual o depoente coordena melhor determinadas idéias, porque quando se está falando, há a preocupação com o outro que está a frente (o entrevistador), se ele está entendendo enquanto se faz o trabalho de resgatar coisas da memória. É um trabalho intenso!

Outro dia mesmo, achei interessante, Ítalo Calvino comenta em um texto: "particularmente prefiro falar pouco e escrever mais porque ao escrever apago, reestruturo minhas idéias, etc." Então, a etapa da textualização, para os depoentes é interessante porque é possível verificar como foram entendidas determinadas idéias pelo pesquisador. Por outro lado é uma forma, como foi meu caso, de voltar a conversar com as pessoas entrevistadas. Dois dos meus depoentes me convidaram, "Ah, vamos discutir

mais esse assunto?" e gravações posteriores foram feitas por este motivo: outros fizeram acréscimos no próprio texto escrito, daí, a textualização é uma fase que tanto permite ao depoente elaborar melhor determinadas idéias como permite a ele fornecer mais material ao pesquisador.

Quanto às fitas das entrevistas, ainda não as encaminhei para arquivamento, ainda comigo - mesmo porque ainda constituem material para minhas atuais pesquisas! Eu tive o cuidado de guardá-las em local seguro, protegidas da luz, de temperaturas elevadas e etc. Em relação aos meus depoentes, dois deles se interessaram muito pelo trabalho, forneci a eles cópia da dissertação e, inclusive, a discutiram comigo! Porque eles puderam ver os depoimentos lado a lado com o arsenal teórico do trabalho. Essas duas pessoas conversaram muito comigo, agora, os outros dois outros não. Eu diria até que a razão principal pela qual um dos depoentes forneceu a entrevista foi o interesse em perpetuar suas idéias – e não apenas atender ao meu pedido como pesquisadora. Essa é uma perspectiva muito forte nesse professor, ele sentiu que podia colaborar com as idéias de toda a sua vida porque teve um envolvimento muito grande com as questões da escola em várias instâncias. Desta forma, me fornecer uma entrevista, e para ele foi uma possibilidade a mais de estar nesse mecanismo de envolvimento com as coisas da educação. Ele teve muito cuidado ao ver a textualização, principalmente as idéias ligadas à escola, ao fazer profissional. Quanto às questões pessoais, aconteceram alguns desabafos, até achei que, depois, na fase da legitimação da textualização, ele truncaria estes trechos da entrevista, mas deixou, não levou em conta.

Quanto às relações entre pesquisador e depoente, olha Luzia, acho que nenhuma teoria dá conta! [risos] É estranho isso, porque dos quatro depoentes, três eu não conhecia absolutamente nada; melhor, não conhecer absolutamente nada a respeito deles é exagero, não é bem assim. De um deles eu conhecia muito pouco sobre ele, o que se confirmou durante a entrevista; de dois deles eu soube alguma coisa através de informações fornecidas por uma outra pessoa - inclusive quem indicou aqueles dois nomes. A quarta pessoa é muito meu amigo, é meu companheiro de estudo há quatro anos, o professor Geraldo Bérgamo.

A proximidade com o Geraldo, o fato de conhecer muito da vida dele, foi interessante porque evitou que sonegasse algumas informações. Por exemplo, eu sabia que ele tinha sido vice reitor da Universidade de Bauru, antiga Fundação de Bauru, encampada pela UNESP e ele não pretendia falar a respeito, estava muito preocupado, durante a entrevista, com as questões sindicais e não tocava no assunto. Inclusive, algumas vezes, reclamou: "Foi você quem puxou essa idéia!". Desta forma foi possível abordar certos assuntos que talvez não fossem explorados espontaneamente. Por exemplo, até um determinado momento da sua vida acadêmica o Geraldo não se interessara, em absoluto, em cursar o doutorado, tinha resistência à idéia, mas todo o seu discurso apontava para alguém muito preocupado com a questão teórica. Então, porque não? Porque essa resistência em fazer doutorado? Se eu desconhecesse esse fato poderia ter sido perdido uma interessante elaboração que ele fez a respeito das práticas acadêmicas, dos interesses de determinadas práticas acadêmicas e dos interesses daquelas pessoas que não estão preocupadas com questões teóricas - que não encontram sentido nelas! Então, é um momento interessante da entrevista!

Como dois dos meus depoentes foram indicados por determinada pessoa, eles ficassem muito desarmados em relação a mim, me atenderam muito bem, com muita gentileza, agora, se sonegaram informações importantes eu não sei! De repente, em relação a esses dois, se dispusesse de mais informações talvez encontrasse contradições como a que contei há pouco.

Em relação a um dos depoentes, um desastre total! Porque, como comentei, não o conhecia – apenas nos conhecíamos de encontros casuais em eventos em Rio Claro; e quando o informei do assunto da minha dissertação ele criou todo um discurso a respeito. Mas, em casos assim, percebe-se como é interessante trabalhar com história oral. Ele criou um determinado discurso, mas nós estávamos conversando na perspectiva da história de vida, portanto, o início da entrevista foi: "Eu nasci em tal lugar, sou filho de tal... parará", ou seja, falava da vida dele! E, aí, quando iniciei a transcrição daquele relato, engraçado, em determinados momentos ele me parecia uma pessoa, em outro parecia outra. Era uma sensação esquisita – me senti confusa. Mas ao conversar com pessoas próximas a ele fui alertada para o meu desconhecimento do que esta pessoa tinha vivido durante o regime militar. Isso foi tão sério que trunquei essa entrevista - como todos os outros entrevistados eu tive vários encontros, com esse depoente não. Essa situação eu usei como contra-exemplo, digamos assim, parei a entrevista naquela altura, informei ao depoente a minha opção. Se ele fosse contrário a isso eu teria dado um outro encaminhamento, pois, como já disse, as pessoas têm pleno direito às suas memórias! Então, conversei com esse professor, sobre as informações adicionais - obtidas extra situação de entrevista - e da minha intenção em usar o depoimento, já que estava cuidando da parte técnica, digamos assim, dos recursos da história oral, para exemplificar as situações que podem acontecer. Ele concordou, inclusive me autorizou por escrito a divulgação da informação dada pela outra pessoa sobre um momento difícil da sua vida, sobre o qual não estava disposto, se não fosse perguntado a respeito, a falar. Era uma fase da vida que pretendia excluir daquele relato, mas me autorizou a comentar sobre essa idéia.

Então repara que essa questão de proximidade, tanto tem pontos a favor, quanto contrários. Porque, quando se está muito próximo de uma pessoa, corre o risco de direcionar suas idéias, esse é um dos exercícios difíceis.

Naquela reunião técnica do Programa, os professores alertavam: "Olha, precisa tomar cuidado com o que você está fazendo porque, de repente, o discurso é uma coisa e a prática outra! Precisa tomar cuidado, é necessário, de alguma forma, verificar qual é a prática do sujeito". E para isso, eu não tinha nenhum referencial teórico, fui realmente influenciada pelos outros, me preocupou a seleção dos depoentes. (Aí está o poder! O pesquisador seleciona - o documento, na verdade, é uma escolha do pesquisador, é subjetivo). Então, o que fiz? Estava interessada no profissionalismo docente, precisava atender determinados moldes da academia - que naquele momento decretavam que, se não fosse possível olhar para o discurso do sujeito e para sua prática o meu trabalho estaria inviabilizado. Para falar a verdade, esse momento de escolha foi guiado pelo senso comum - por minha experiência, pelo o que pensava sobre o profissionalismo - e como tive muito envolvimento com sindicato e acreditava que o sindicalismo era sustentado em grande parte por pessoas que eu entendia como profissionais (era uma perspectiva, uma crença minha!), procurarei por professores que, de alguma forma, estiveram ligadas a sindicatos ou associações e que, segundo seus pares tiveram um envolvimento efetivo. Percebi, então, que lidaria com o discurso dessas pessoas, quero dizer, eram pessoas que, de alguma maneira, tinham um envolvimento além dos muros da escola. Foi assim que selecionei meus depoentes. Pensei estar mostrando as ações concretas que a academia me pedia, hoje, não me preocuparia com isso. Naquele momento eu estava no início do trabalho, não tinha lido, ou ainda não tinha compreendido o que o Foucault nos fala a respeito de discurso, o que significava a materialidade do discurso para ele. Quando compreendi isso, nesse ponto, minha

preocupação deixou de ser checar o que foi dito, porque essa era a perspectiva daqueles professores que apontaram para a necessidade de verificar a prática do sujeito!

É essa nova análise que estou querendo vincular aos recursos da história oral. Já não entendo que eu tenha que fazer esse trabalho de verificação do que o sujeito disse a partir do conhecimento da sua prática, quando um texto é produzido a partir dos relatos orais. Não estou preocupada, efetivamente, com o que o sujeito disse ou não disse, mas com aquilo que ele me permite elaborar. Em verdade, o que tenho obtido a partir destes textos, a relação dessas pessoas com sindicatos e com associações, claro, é um material muito rico. O depoimento do Geraldo, por exemplo, que esteve ligado à encampação da antiga Fundação Educacional de Bauru pela Unesp, foi muito interessante, esse depoimento possibilitou muitas informações importantes.

Parece-me que, ao se ficar preso a essa questão do que o sujeito diz está relacionado com a sua prática, está-se preso à eterna questão da verdade. É estar preso a procedimentos como os que fiz na dissertação: conferência de datas e nomes com outros documentos disponíveis! Esse também é um trabalho válido, não nego que seja um trabalho importante não! Acho que esse confronto com outros documentos é, inclusive, esse direcionamento que o Focault nos dá quando trata os documentos como monumentos.

As pessoas se preocupam muito com a exatidão das informações fornecidas por relatos orais. É comum observarem: "Essa data está errada!" O fato da data estar errada nos permite pensar no motivo que levou essa pessoa a se enganar com relação a essa data - isso já é uma informação. Esse foi o caso, por exemplo, da vinda do Jorge Bornhausen[10] aqui à Bauru ou não. Um dos meus depoentes comentou da sua vinda à cidade por ocasião da constituição da Universidade do Sagrado Coração; para verificar a data recorri à ata da Universidade (que tem um departamento histórico e curso de história) e a informação disponível estava errada! Isso me possibilitou perceber melhor a importância real de um documento escrito, qual o grau de confiabilidade etc. Toda a discussão em torno de uma determinada data, quero dizer, a certeza a respeito dela, ou não, acabou sendo irrelevante porque surgiram questões muito mais interessantes a partir da dúvida.

Acho que a questão da representatividade não se resume a identificar, dentro do seu campo, pessoas significativas ao seu trabalho. Acho que essas pessoas me forneceram pistas para pensar meus problemas, aqueles problemas que me levaram a desenvolver meu trabalho de pesquisa como, talvez, quaisquer outros professores. Quero dizer, quem me garante, que o professor que trabalha ao meu lado não teria informações muito mais interessantes do que um delegado de ensino? Em toda escolha que eu faço corro esse risco. É impossível a quatro pessoas resolver um determinado problema, principalmente um problema tão amplo quanto a questão do profissionalismo docente. Essas pessoas são importantes, assim como outras pessoas que trabalham nessa área, e, daí, a importância de um projeto como o nosso, de arrebanhar o maior número de depoimentos possível e, de preferência, (é essa a idéia do Vicente) varrer o mapa do Brasil com relatos de diferentes regiões, evidenciando realidades diferentes como as do estado do Paraná, do estado de São Paulo, etc.

Então, todas as pessoas que atuam na escola, no limite, são interessantes. Só que é preciso delimitar uma área, daí, selecionar um determinado campo e tentar ampliá-lo. Essa é uma perspectiva foucaultiana para pesquisa no campo da história: o que foi delimitado inicialmente pelo pesquisador, conforme o tipo de tratamento teórico, pode ser ampliado. A partir de uma percepção inicial é que se investiga e delimitar uma

[10] Ministro da Educação do governo José Sarney.

situação é inerente à pesquisa. Ao perceber uma tendência, o pesquisador tende a ampliar o campo inicial de visibilidade e é isso que é desejável. Perceber possíveis tendências ou confrontos nos relatos das pessoas é muito interessante. A maioria dos professores, no exercício da profissão, estão distantes da vida acadêmica e o confronto desse trabalho com o daqueles que estão imersos nessa instância pode produzir perspectivas muito interessantes.

No início desta conversa posso ter dado a entender que considero a parte técnica do método como algo de menos importância, porém, isso não é verdade. O meu interesse está na fase posterior, no entanto, a preocupação com essa fase, digamos posterior, também pode obrigar a rever procedimentos técnicos, quero dizer, ao estar preocupada com o que é possível obter a partir dos relatos, talvez, descubra algo que sinalize que os procedimentos que estamos adotando em relação às entrevistas talvez não sejam os melhores possíveis! Isso está em aberto! Embora não seja o foco do trabalho que me interessa realizar, não considero impossível um retorno a esses procedimentos. Agora, ao conversar com você, percebo isso! Nós estamos realizando essa entrevista, mas ao mesmo tempo estamos conversando sobre o assunto, é uma ocasião para elaborar melhor determinadas idéias.

Nós, do grupo, temos várias preocupações. O grupo, como mostra o exercício que eu e Vicente fizemos no penúltimo EBRAPEM ao falar sobre a história do grupo, é novinho. Ao falar sobre a idade do grupo abrimos duas perspectivas: uma, é um olhar para como esse grupo se constituiu – e, portanto, retomar histórias individuais, certo? Outra é considerarmos, e estabelecermos arbitrariamente, que este grupo se constituiu em 2002. Neste caso é um grupo bebê. Novinho, digamos assim.

Também a história oral, dentro da Educação, como recurso para pensar questões da Educação Matemática, é muito jovem ainda. Assim, uma quantidade de problemas precisam ser resolvidos, porque nós estamos utilizando recursos de um outro grupo - os historiadores - que, por sua vez, têm outro tipo de preocupação! Certo? As nossas preocupações são com questões inerentes à Educação Matemática, isso por si só já mostra o quanto são diferentes essas perspectivas! Então, não são todos os procedimentos deles que podem ser usados sem nenhuma preocupação teórica maior, porque, senão, poderíamos acreditar que: "Bom, o pessoal lá já pensou essas questões, então vamos ganhar tempo, vamos nos apropriar de tudo o que eles fizeram!". Descobrir o que desse conhecimento acumulado pode nos ser útil é uma tarefa nossa. Essas questões, ligadas à preocupação de pensar a história oral como recurso para encaminhamentos dos problemas da Educação Matemática, nós é que teremos que construir! Sempre tivemos preocupação com esse procedimento, como diz o prof. Carrera, ético, mas agora sentimos necessidade de trabalhar com questões pontuais; por exemplo, outro dia surgiu uma discussão no grupo do que seriam tendências. No senso comum, é muito fácil falar o que é tendência, em uma perspectiva científica é muito complicado! Muito complicado mesmo! Esse é um nó que dentre os que temos para desatar! Algumas discussões sobre sermos ou não historiadores, o que é ou não documento, essas coisas já estão começando a ficar resolvidas, já estamos limpando a área em algumas questões.

Ao mesmo tempo, ao limpar determinadas áreas, se apresentam novos problemas e problemas complicados! Um deles é essa questão de como tratar os documentos obtidos através de relatos orais. Também não é uma questão só do que fazer com o conteúdo, existem membros do nosso grupo que se preocupam com a forma, é necessário também pensar na forma! Como já disse, não me preocupo muito porque não tenho muito jeito para isso, acho que é uma questão de talento. Então isso

para mim esta em segundo plano, mas existem outras questões que estão na ordem do dia.

No caso específico desse trabalho que estamos realizando creio ser necessária uma concepção de história. Porque, se trabalharmos no senso comum, estaremos desrespeitando os profissionais do outro campo de conhecimento! Ao se apropriar de ferramentas de outros profissionais não pode ser de qualquer forma porque se corre o risco de, nessa situação específica ao não se ter uma concepção de história, banalizar o conhecimento dos outros em nossos trabalhos de pesquisa! Isso me parece ser respeito àqueles profissionais, dos quais estou me apoderando de um conhecimento.

Quanto à minha concepção de história, acho que não cheguei a falar sobre isso na minha dissertação. Em alguns momentos o que tratei durante o período da dissertação e o após se confundem. Mesmo porque essa é uma preocupação que surgiu quando comecei a ler autores específicos da história. A minha idéia de história está muito vinculada às idéias defendidas a partir do grupo da revista Annales que se contrapôs à história contada pelas classes dominantes. A história até então era de interesse daquelas pessoas que detinham o poder e era escrita segundo a visão dessas pessoas ou segundo seus interesses. Ela era contada a partir de realizações, dos grandes feitos, de reis, imperadores. Esse grupo desmonta a idéia de que a história é feita apenas por um e cria uma nova perspectiva que ela só existe, e assim deve ser contada, a partir dessa trama que constitui a vida, pelos seus atores. E isso permite, inclusive, a nossa inserção (do nosso trabalho). Na história oral os relatos orais interessantes não são apenas daquelas pessoas que detém o poder, ou daqueles que as possam interessar. Não interessam apenas a fala do diretor de uma escola, interessa saber o que falam todas aquelas pessoas que constituem essa escola! A escola é um manancial de relações, não é só constituída pelo diretor, ela não é o professor, um professor em especial, nada disso. Com Annales surge a idéia da história fragmentada, descontínua.

Agora, como definiria história? De uma forma geral diria que a história é uma prática de determinado grupo que nós denominamos historiadores e que não mais se preocupa com "a história", como se existisse uma verdade única e definitiva, mas sim com "as histórias", ou seja, com diferentes perspectivas, com as tramas, com o tempo histórico, os diferentes tempos. Diferentes tempos porque a religião tem uma forma de organizar o tempo, em nosso dia a dia fazemos diferente; o mundo ocidental e o oriental adotam organizações diferentes e a história precisa trabalhar com essas diferentes organizações de tempos e com as diferentes tramas que nelas se desenvolvem.

Quanto às leituras que fiz, vários livros são de autores historiadores, a profissão deles é a de historiadores. Li alguns autores de obras sobre ou em história oral também, mas a minha idéia atual é buscar ligações entre esta e uma teoria desenvolvida por Foucault - uma determinada perspectiva que aponta para as relações de saber e poder, e elas estão muito ligadas ao nosso fazer docente. Talvez, até mais do que em outras profissões! Com isso estou criando uma generalização complicada, vamos restringir: as relações entre saber e poder estão muito ligados à nossa profissão, então a minha idéia é, já que a minha preocupação hoje são os relatos orais, fazer ligações entre esses relatos e essa perspectiva teórica. Bom, mas isso não significa, por exemplo, que eu não faço incursões pela literatura! Como disse, andei lendo alguma coisa de Proust, agora mesmo estou relendo um livro do Ítalo Calvino sobre como a literatura pode auxiliar na construção de conhecimento. Ou seja, incursões em outro campo! Sendo assim, não tenho uma trajetória fixa, pré-determinada. Por enquanto estou fazendo incursões porque só tenho dúvidas, estou num processo de desenvolvimento, de busca.

A questão da cientificidade da história oral é interessante! Essa é uma preocupação recorrente. As pessoas estão muito preocupadas com a questão da verdade

a partir de uma determinada forma acadêmica, etc. Então, o que é ser científico? A pessoa diz: "Olha, não acho que esse é um procedimento científico!", por trás desse "acho" está sua concepção do que é ser científico! E, normalmente, responde a um molde acadêmico! Uma certa concepção pautada em determinados procedimentos, determinadas verdades aceitas por um determinado grupo e só é possível discutir determinadas questões à luz dessas verdades já reconhecidas por esse grupo! É uma relação de poder interessante essa. Então, quando uma nova perspectiva é colocada em discussão, isso não acontece com facilidade. Vicente colocou isso muito bem em Ilha Solteira. Como é uma nova perspectiva, vamos disputar campos que já existem, áreas de comunicação que já existem, disponibilidades de financiamentos já estabelecidos. Nós vamos disputar isso com determinados grupos que se acham com mais direito, em nome de um conhecimento, de uma perspectiva científica, com o direito a essas vagas de publicação, aos financiamentos e etc. Então, repare que isso é uma perspectiva de verdade que coloca em dúvida a legitimidade da história oral como metodologia de pesquisa científica, mas o que está por trás é a questão do poder! Agora, nós estamos desenvolvendo uma determinada idéia de história oral que vai desembocar nesse caminho, não tem jeito! Em determinado momento tentaremos colocar, viabilizar um determinado discurso, mas não creio que seja essa a preocupação nossa: tornar a história oral científica! Quanto às pessoas que nos cobram isso, elas não estão cobrando: "Olha, estabeleçam regras certinhas para poder continuar...", não! Estão em verdade discutindo se é legítimo ou não disputarmos fatias desse poder, desses locais de publicação, etc.

Então é isso.

5.4) Entrevista realizada em 14 de setembro (1ª parte) e 21 de outubro de 2004 (2ª parte).
Carlos Roberto Vianna

Primeira parte da entrevista [nesta, as falas da entrevistadora apresentam-se em itálico.]

Conta para mim... Uma vez eu perguntei se você estava usando a história oral, mas você disse que não ...

Não estou usando a história oral no meu trabalho, pretendo investigar o grupo de "História Oral e Educação Matemática"! E aí, com uma abordagem qualitativa, uma análise, sei lá, talvez, de discurso, eu não sei ainda. Estou tentando identificar quais são as concepções que sustentam o grupo de história oral na Educação Matemática. Então o meu foco está sendo para esse grupo e estou conversando com as pessoas que fazem parte dele e que já têm trabalhos finalizados, concluídos.

Você já entrevistou alguém?

Entrevistei a Ivete Maria Baraldi, a Michela Tuchapesk e a Marisa Resende Bernardes.

São diferentes trabalhos, né?

Hum hum.

Concepções diferentes!

Também.

Você tem um roteiro de perguntas ou a gente vai papeando assim?

Eu tenho, eu fiz um, na verdade, para me orientar. Está aqui, você quer dar uma olhada?

Não, você vai me falando. O que eu posso dizer sobre as concepções? Vamos papear. Você está procurando e vai perceber concepções diferentes. Concepções de quê, propriamente ditas? De história. Acho que se pegarmos um por um vamos encontrar diferenças muito grandes acerca do que cada um pensa de história. De Educação, de Educação Matemática e de História Oral, especificamente. Cada uma dessas coisas vai dar diferenças enormes... Aí, pensa que é soma de vetor... uma diferençazinha aqui, outra ali... e quando for comparar as diferenças finais são muito grandes! Então, eu não sei até que ponto você vai fazer um trabalho em que você vai procurar essas diferentes concepções das pessoas, o que eu acho legal, gesticulando aqui, é, talvez, você mostrar que apesar das concepções serem tão diferentes, de tantas fontes, conseguem formar um grupo! Essa é a riqueza que a gente tem.

Eu, por exemplo, adoro estar junto com o Vicente, com o Carrera, com a Ângela, que está aqui na banca hoje, que não é do grupo e que tem uma concepção bem diferente de história, ela é alguém que aceita estar junto, não é? Então a gente pode discutir, brigar um montão com a Ângela, mas é uma briga boa, no bom sentido. Ela nos

ensina muito e eu acho que ela aprende também porque ... bom, eu acho que ela gosta! Ao passo que existem outras pessoas que se recusam, às vezes dizem: "Ah, eu não gosto de história oral, é ruim! A história não sei o quê" e não discutem! Não contribuem nem para nós e acho que nem para eles.

Na verdade foi isso mesmo que ficou. Pessoas com concepções diferentes, com vieses diferentes, um mais para o surrealismo, o outro que trabalhava com o viés da antropologia, o Vicente que sempre esteve na fenomenologia... Como essas pessoas foram se juntar para trabalhar num projeto de reconstituir faces da história da Educação Matemática no Brasil usando um recurso da história? Essas pessoas começaram a trabalhar juntas, a articular idéias numa direção comum, como é que isso acontece?

Bom, primeiro tem uma coisa que é: as pessoas se gostam! Eu acho que isso é uma coisa importante, a relação pessoal acaba influindo. Acho que no grupo as pessoas se dão bem. É uma relação boa, é uma relação pessoal, de aprendizado. Você vem para um grupo disposto a aprender com a diferença do outro e isso já é uma concepção que, eu acho, perpassa todos. Dizem assim: "Ah, o outro é diferente, diferente não é bom". No nosso grupo não é assim, se o outro é diferente dissemos: " Poxa, que bom!" [risos].

Acho que isso solidifica a relação. Eu já tenho uma pré disposição a trabalhar com o Vicente e ele é muito diferente de mim. Ele foi esses dias numa banca lá em Curitiba e não sei quem, talvez até você mesma, tenha dito para ele que ele era "quadradinho"! [risos] Aí ele veio: "Olha, eu sou "quadradinho", disseram para mim isso.". Aí ele disse assim: "Mas eu vou fazer aqui o meu papel "quadradinho", vou falar assim e tal". Estava criticando.

Vamos admitir que ele seja mais "quadradinho", eu não acho que ele seja. Mas, por exemplo, é um quadradinho disposto a ouvir idéias muito diferentes das dele e a interagir construtivamente. Isso eu acho que é a marca desse grupo. E isso é feito sem abrir mão dos seus referenciais!

Digamos que ele seja quadradinho, ele vai ouvir o surrealista aqui, o focaultiano lá, vai aprender sem abrir mão dos referenciais dele. E não tem que abrir! Isso que é legal, você não tem que ser assimilado pelo grupo. Isso, eu acho, é uma coisa importante, em termos de concepção, para todo mundo, não é? Não ficar fechado dentro de um referencial.

Não sei dizer o porquê da história oral, e não outra coisa, para a minha pesquisa... não tem um motivo palpável. Falando em termos de pesquisa, nunca acreditei num "motivo acadêmico", aquela justificativa teórica. Prefiro argumentos do tipo: "Ah, é porque eu estava fazendo minha pesquisa e dei um encontrão com alguém...", ou "é porque eu gosto de usar..." Estava fazendo meu doutorado e tinha um projeto que não tinha nada a ver com o que foi a minha tese, o projeto com o qual eu fui selecionado para fazer o doutorado na USP era uma coisa de história do Cálculo, era isso que eu ia fazer. Bom, tinha que cursar algumas disciplinas do Programa e como era história do Cálculo (isso vem desde o mestrado) há uma relação com a história. Desde que eu me entendo como "leitor" ... eu leio história, independente de ser "da Matemática".

Fui fazer uma disciplina na história com o professor Sebe (o Meihy das referências bibliográficas), a disciplina era de história oral. Eu não estava procurando "história oral", era a única disciplina "de história" que encaixava no meu horário e que tinha um programa sedutor para mim, tinha a ver com pesquisa! Podia ter outras como a história da Revolução Francesa, mas o programa não me interessava. Isso é algo que, eu acho, acontece com muita gente..., fui lá, e ao me envolver com as práticas na própria aula do professor, fui tendo conhecimento das pesquisas... e isso é muito envolvente, é

muito bom, é agradável, sei lá... é um tesão. Então associei isso com um projeto anterior que eu tinha que mapear o que é a Educação Matemática no Brasil. O Ubiratan D'Ambrósio me influenciou muito para fazer uma coisa assim, ele queria uma história da Educação Matemática no Brasil bem quadradinha. E acabei fazendo o projeto.

Então veja, a história oral apareceu assim meio por acaso. Ela é muito envolvente, é apaixonante no sentido de que você toma contato com as pessoas, você aprende muito na interação com os entrevistados. E aí, quando você começa a estudar a teoria, a questão da entrevista, você começa a ver que o mundo se abre no sentido de discussões teóricas, às vezes quentes, sobre a subjetividade, a objetividade, sobre as questões teóricas da história propriamente dita, o que é um facto histórico (que foi o que a gente discutiu na qualificação da Rosinete Gaertner, que defende agora), então a teoria aparece naturalmente no desenrolar dos acontecimentos.

Para quem está estudando, o que pode ter de melhor?

Temos que ir para a defesa, né? Está vendo? Por mim já continuava ...

Segunda parte da entrevista

Apresentar-me? Nossa! Mas isso é a pior coisa. Lê a apresentação, eu mandei finalmente uma apresentação lá para o grupo de História, vai essa aí. Como assim, essa apresentação? Então vamos lá, Carlos Roberto Vianna, que mais? Professor do Departamento de Matemática na Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós Graduação em Educação da mesma universidade, na linha da Educação Matemática. É isso! [risos] Está jóia?

Depois da tese não fiz mais nenhum trabalho com história oral. Tenho uma orientanda, a Helenice Fernandes Seara, que está fazendo um trabalho e tem outra orientanda, a Anne Heloise, que vem aqui para Rio Claro, para o EBRAPEM- Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática. Há uma diferença significativa de metodologia entre as duas. Por exemplo, a Helenice faz um trabalho muito mais próximo da história oral e o trabalho da Anne Heloise usa elementos da metodologia da história oral. São diferentes os dois. Estou trabalhando, pesquisando fundamentos das nossas várias discussões teóricas que surgiram, mas acho que está na hora de tentar fazer um outro projeto de campo.

Quanto à minha idéia acerca da história oral ter mudado ou não, da época em que comecei para cá, essa é uma coisa interessante! Quando eu vim aqui para Rio Claro, eu não lembro exatamente o período, mas há cerca de um mês para a qualificação da Rosinete, eu voltei de carona com a professora Maria Ângela Miorim. Lá em Campinas nós conversamos, enquanto esperávamos o horário em que ela me levaria ao aeroporto para pegar meu avião de volta.

Desculpe-me, vou fazer uma viagem paralela aqui. A professora Ângela Miorim não faz parte do grupo de história oral e não é militante, não trabalha com história oral! Ela trabalha com história da Educação Matemática no Brasil e é muito respeitada nesse campo. Trabalha com documentos, com livros didáticos e tal. No entanto, ela participou da banca e da qualificação da Rosinete e ela não é uma pessoa fechada a estar participando das discussões, das bancas pelo menos, do nosso grupo. É uma pessoa com quem eu gosto muito de conversar! Nós estávamos conversando e para mim explicitou-se nessa conversa uma diferença, muito marcante, que me deu o que pensar desde então. Ainda estou pensando nisso, no que vem a ser história oral.

Desde as primeiras reuniões do grupo eu tenho uma posição que é um tanto quanto divergente das posições majoritárias, no sentido de que eu não entendo a história oral como uma metodologia. Nós podemos usar a metodologia da história oral, muitas

pessoas usam e o grupo faz uso disso, acho que muito bem, mas daí a dizer que a história oral "é" uma metodologia há uma distância muito grande.

Só que, acho, pelo meu jeito de lidar com o conhecimento, eu sou muito avesso a dar definições, a dizer: "Tal coisa é assim, tal coisa é assado, faça assim, faça assado". Eu não tenho uma definição de história oral, não é algo que eu possa explicitar assim. Agora eu tenho muito claras as regras do método, de como usar, de como analisar ou não analisar e tal. Isso é tranqüilo!

Essa conversa com a Ângela me ajudou a explicitar algumas coisas que surgiram neste nosso diálogo logo após a defesa de tese da Rosinete, do diálogo que a gente travou durante a defesa, durante a carona e em Campinas, enquanto a gente esperava o horário de vôo. É o seguinte, você está me entrevistando, então está usando uma metodologia que vem da história oral e você faz parte de um grupo que trabalha com a história oral, o grupo História Oral e Educação Matemática. Tudo bem dentro da metodologia, mas não tudo bem dentro do que eu defino como sendo história oral. Para que você está me entrevistando? Essa é a pergunta! Essa pergunta remete às intenções que você traz consigo e com o seu projeto.

Veja bem, se (e eu vou usar essa forma de expressar do matemático)..., se e somente se, você tem como intenção constituir um documento histórico e não outra coisa, o seu projeto é de "história oral" como disciplina, caso contrário você usa a metodologia da história oral, mas eu não posso dizer que o seu trabalho é de história oral.

Tive uma surpresa durante a minha defesa de doutorado. Foi uma tensão muito grande, a gente não sabia o que esperar. O José Carlos Sebe Bom Meihy foi o primeiro a inquerir, ele começou elogiando muito o trabalho e nós relaxamos, eu e o meu orientador, Antonio Miguel. Relaxamos porque esperávamos qualquer coisa, inclusive assim uma "moção de repúdio" do Sebe durante a defesa! O Sebe elogiou muito o trabalho, mas durante a argüição e em meio aos elogios (pelos quais fiquei meio zonzo), ele me disse uma coisa que eu fiquei sem ação, disse assim: "O seu trabalho não é de história oral!". Eu pensei: "Nossa! Eu queria tanto que fosse!". [risos]. Eu não respondi essa questão, depois pensei algumas vezes sobre isso, mas eu não tinha resposta para dar a ele. E daí, conversando com a Ângela, eu acho que finalmente entendi e não era uma coisa tão difícil, acho que eu é que talvez tivesse resistência a isso. Mas eu acho que a questão é essa! Por exemplo, eu fiz a minha tese no doutorado em torno da questão do preconceito, eu tinha uma tese a provar e essa tese era mostrar um tipo de preconceito existente em relação àqueles que trabalham em Departamentos de Matemática e vão estudar Educação Matemática! Então veja, a minha intenção estava focada em uma outra coisa que não constituir um documento histórico. Nesse sentido eu acho que o Sebe tinha toda razão, meu trabalho não era um trabalho de história oral como disciplina, embora eu tenha construído documentos. Quando você registra em cartório, faz todo aquele ritual, você construiu um documento!

Eu não fiz o trabalho para este fim, eu usei a história oral como um recurso, história de vida, história temática, tudo bem feito, mas não era um trabalho de história oral como disciplina.

Para mim ficou bem marcada a diferença, hoje consigo defender isso, até definir. Se o objetivo do seu trabalho é construir um documento histórico, e "esse" é o objetivo, e não outro, ele é de história oral como disciplina! Qualquer outro que seja seu objetivo, então o seu trabalho usa a metodologia da história oral! Pode estar usando ou não outras entrevistas.

Um trabalho que se utiliza da história oral enquanto metodologia não é caracterizado somente pela transcrição, textualização e carta de cessão, mas se você

ficasse só nisso já caracterizaria. Eu não tenho conhecimento, o Vicente com certeza tem mais conhecimento que eu nisso. Nos métodos de pesquisa qualitativa que usam entrevista, você pede autorização para a pessoa: "Posso entrevistar?", a pessoa concede e fica nisso. Em geral, mesmo com pesquisa-ação, não há um compromisso de voltar com o instrumento de pesquisa, com o material bruto para o entrevistado, para a pessoa. Em algumas formas de pesquisa você retorna com o produto da pesquisa ou as pessoas podem participar do processo, então é uma construção. Agora, no dado mesmo ninguém põe a mão. Talvez, só isso já bastasse para caracterizar a história oral.

Digamos que você faz uma entrevista, por exemplo, essa nossa entrevista aqui, ela tem muito pouco de "histórico" no sentido tradicional... digamos assim. Uma pergunta que você me fez, o que eu pensava antes e o que eu penso agora, ela não tem uma marca de historicidade nesse sentido de cronologia, então você está registrando um agora. Essa temporalidade, essa preocupação histórica também seriam marcas da história oral. Não estou dizendo que, necessariamente, se você tem um projeto com essa marca da historicidade então pronto, por definição, seu projeto é em história oral! É um conjunto de coisas. Pode não ter essa marca, mas tem todo um tipo de procedimento que você vai adotar, então essa é uma outra marca que serve para diferenciar. O ideal seria que no conjunto ele tivesse todas essas marcas, mas é ideal, é algo que você não pode criar.

O que faz do grupo História Oral e Educação Matemática um grupo é tudo... [risos] Primeiro eu acho que ele se constituiu como um grupo graças ao Vicente, acho que ele conseguiu juntar as pessoas, agregá-las e formar um grupo mesmo! Eu tenho essa inserção em alguns grupos, alguns institucionalizados, outros não e eu vejo que esse grupo institucionalizado, se constitui num grupo apesar da distância e da diversidade das pessoas. Acho que a gente deve isso ao Vicente, por ele ter feito o projeto, por ter feito a institucionalização e por ele estar fazendo esses esforços no sentido de nos reunir, então acho isso pacífico. Além disso, uma coisa que nos une é o fato de sermos todos ligados, relacionados à Educação Matemática. Essa é uma obviedade. Mas, nós somos ligados à Educação Matemática de uma forma ... isso eu não sei definir, nunca tinha pensado nisso...

Você pode trabalhar com o Paulo Freire e eu trabalhar com o Saviani. Anos atrás isso seria motivo para a gente não conversar. Mas isso não é significativo dentro do grupo, ou seja, há uma unidade... Eu não sei dizer o que é.

Eu ia dizer epistemológica, mas isso não é. Nós somos muito diferentes. [...] Eu não sei, eu acho que isso não é definido, talvez o Vicente consiga definir isso melhor, consiga dar uma definição, estou tateando, não sei. Mas eu acho que dentro dos grupos onde eu já me inseri, esse é o que tem mais cara de grupo, mesmo aceitando a diversidade, as diferenças todas que existem.

No que se refere às questões que nós discutimos no grupo, acho que elas têm que continuar a ser discutidas, o que é diferente de continuar a aparecer nos trabalhos. Por exemplo, acho que não tem sentido, isso a gente já chegou até num consenso a respeito, de que na sua dissertação você tenha que fazer um capítulo com a história da história oral no Brasil, as questões de método, embora a gente tenha sempre que continuar discutindo as questões de método, as questões da subjetividade, essas coisas sobre as quais estamos conversando. Acho que a discussão sempre vai trazer novos elementos.

Estou estudando, particularmente, por conta das discussões do nosso grupo, a questão do estranhamento, do distanciamento e, por conta do que nós vamos fazer no seminário de sábado, a questão da subjetividade. Esses aspectos, vão sempre ter que estar sendo discutidos, até porque, com relação à subjetividade, você vai ter contribuições da psicanálise que a maioria dos nossos integrantes não têm, quer dizer, o

interessante é estar trazendo um psicanalista, um psiquiatra, um psicólogo, trazer um ponto de vista que nos confronte. Uma das coisas mais ricas que eu tive no curso do Sebe foi exatamente isso, a turma era constituída por jornalistas, repórteres, gente com curso de jornalismo, psiquiatra, historiadores, pessoas da Educação, eu era o único da Educação Matemática, nem me lembro mais toda a gama de pessoas que estavam fazendo aquele curso. Foi muito rico porque as abordagens, os seminários, mostravam os recortes que eram feitos. Foi muito bom.

Uma das discussões que temos é sobre o documento. "O que eu vejo como documento?" é uma pergunta muito ampla. Há muitos níveis de documentos. Você faz uma entrevista, nós estamos aqui conversando, você faz a transcrição dessa entrevista e eu faço uma validação. Nós temos, nesse processo, vários documentos. Você tem a fita, que é um documento, você tem a sua transcrição original que é outro documento, você faz uma cópia, manda para mim, eu anoto coisas em vermelho, o que eu quero que mude e esse já é um outro documento. Aí você passou para mim, eu concordei com tudo, registro em cartório e, numa certa instância da história, o documento é esse que ficou em cartório, esses anteriores todos não são. Aí eu pergunto, você faz o quê com estes? Vai jogar fora? Põe fogo? É isso que você vai fazer, Luzia?

Eu tenho lá em casa, nossa! O gravador não vai pegar, mas não é exagero é uma pilha com os documentos originais que se eu pusesse em cima dessa mesa aqui, ela dava assim [sinaliza com a mão a altura da pilha] e eu não ia ver você. Entrevistei quinze pessoas e tenho a transcrição que foi enviada para eles e as anotações. Bom, guardei tudo isso. No meu ponto de vista, isso eu teria que botar numa caixa e deixar num instituto de memória qualquer, porque é muito interessante.

Não vou dizer nomes aqui, mas se você pegar a entrevista de fulano, tal qual está na fita, tal qual foi transcrita e modificada por ele, o que ele retirou ou acrescentou, isso é muito legal! E aí, o documento constituído! Do meu ponto de vista, como história, todas essas coisas anteriores se constituem em documentos também. Agora, tem muitas discussões que podemos colocar aí que são do campo da ética, mas não vamos entrar nisso. Se a pessoa fez modificações eu não posso disponibilizar esses documentos ao público, por isso eles estão na minha casa e por isso se eu desse esses documentos, sei lá, para o Centro de Memória da Unicamp, teria uma cláusula qualquer em que eles teriam que ficar num arquivo por setenta anos, até estarem liberados para disponibilização.

A sua dissertação, a sua tese, é um outro documento, talvez aquele documento que tenha o maior valor porque é de circulação pública, você pode tirar cópia, pode pôr na Internet, pode fazer circular à vontade.

Quanto à transcrição e à textualização, vejo como duas etapas necessárias, a não ser por necessidade de tempo, às vezes quando você tem prazo para terminar o trabalho. Eu cheguei a mandar transcrições para alguns dos meus entrevistados que eram mais íntimos e me arrependi de fazer isso, porque a transcrição, eu acho, ela não é um objeto tratável, ela não é legível, ninguém,a não ser o cara que está fazendo aquilo, lê uma transcrição. Transcrição é muito chata, ela é horrenda. Eu acho que ela é um registro de fidedignidade do modo como você procedeu para tirar o que estava na fita e passar para o papel. Então, acho que o que circula nesse sentido é a textualização. Eu trabalhei basicamente com textualizações.

Quando falo que a transcrição não é um documento legível, estou falando da transcrição tecnicamente bem feita. E o que é a transcrição tecnicamente bem feita? É aquela que vai colocar tudo que está na fita. Oh. Eu parei para respirar, então vai ter ali esse "oh". Todas essas nuances da linguagem têm que aparecer na trans-crição. Então, por exemplo, agora eu vacilei e falei trans-crição. Na transcrição, tecnicamente, você

vai ter que fazer "trans, tracinho, crição". O cara deu uma vacilada na maneira de falar ou põe uma ênfase, sei lá o quê. Tudo isso, eu acho, é rigoroso e tal, mas torna o texto ilegível. Ele vai ser muito interessante, utilicíssimo se você for fazer análise de discurso, análise de textos, um certo tipo de análise. Para os fins historiográficos isso é absolutamente desnecessário, vale a textualização!

Esse processo de transcrição, textualização, validação, registro em cartório, carta de cessão, é uma das marcas da história oral! Pelo menos para mim. É a diferença entre a história oral e metodologias que se utilizam de entrevistas.

Falar de compromissos éticos, como negociações entre entrevistador e entrevistados, é bem complicado. A minha primeira coisa a dizer que eu quase não ia dizer, mas vou dizer, é que não tem compromisso nenhum. Veja, quando você vai fazer a entrevista, você a faz dentro de um projeto, você me consultou se eu iria dar a entrevista para você e eu concordei em dar a entrevista! Nessa simples consulta, que não passa por cartório, por polícia, por juiz, por nada disso, já existe uma certa forma de compromisso. Por exemplo, nem eu estou querendo sacanear você, nem você está querendo me sacanear. E isso é uma diferença entre, por exemplo, o tipo de entrevista que é feito por alguém que está fazendo uma pesquisa, não necessariamente de história oral, e um jornalista. Um jornalista muitas vezes está fazendo uma entrevista com a pessoa com a intenção, que ele sabe, de sacanear com o entrevistado! E muitas vezes, estou pensando aqui em alguns políticos, a pessoa dá a entrevista para o repórter com a intenção de sacanear alguém. Não é o caso em geral das nossas conversas, agora assim, os compromissos são muito variáveis, eu vou te dar um exemplo do que eu quero dizer com isso. Eu tenho um compromisso que é o de estar registrando em cartório uma carta de cessão. Aí o que você faz se uma pessoa diz e grava: "Não, faz o que você quiser com essa fita, o que você fizer está bom, eu confio em você!". O que você faz com isso? Você mandou o texto para a pessoa e ela falou: "Não, mas você pode fazer o que quiser!". Ficou gravado!

Pensar na questão judicial não faz sentido se estamos falando de compromisso. Se eu fizer a entrevista com a pessoa, a pessoa me der essa autorização no gravador e eu achar que eu vou ter algum problema judicial com ela, então acho que eu não deveria nem tê-la entrevistado! [risos] Estou entendendo que essa autorização dela é válida. Agora isso, para mim, é um impedimento determinante para eu não publicar em livro, por exemplo, a minha tese, porque eu tenho autorizações passadas em cartório de um pouco mais de cinqüenta por cento daquelas pessoas e os outros quase cinqüenta por cento não fizeram essas autorizações, fizeram assim: "Não precisa, pode fazer o quiser e tal...". Não que eu tenha preocupação com o aspecto judicial, a minha preocupação é porque, para mim, é um acordo tácito, que acontece quando a gente dá entrevista, que subentende que um certo público que vai ler. A partir do momento em que aquilo vira livro, vai para a livraria, o público é qualquer um, claro que preferencialmente ou provavelmente vão ser as pessoas do nosso círculo da Educação Matemática, mas pode não ser... e aquilo que as pessoas disseram é entendido de maneiras diferentes de acordo com os fóruns onde são lidos... É a questão ética, eu não me sinto em condições de publicar aquilo, de jeito nenhum! A não ser que tenha carta de cessão. Esses são os limites que cada um vai se colocando, são os critérios, os valores individuais. A Gilda, por exemplo, fez um esforço indescritível para conseguir as cartas de cessão, todas, e parece-me que ela assumiu um compromisso de não incluir no trabalho, mesmo que a pessoa tenha dado a entrevista e tudo mais se não tiver a carta de cessão! Então, depende muito de uma regra que a pessoa tenha se colocado e de quanto e como ela interpreta essa regra do jogo da entrevista. Eu poderia fazer mil exigências para dar uma

entrevista para você, mas não vejo motivo para isso, só que assim como eu não vejo, entendo que outras pessoas possam ter restrições.

Pensando na questão do distanciamento entre entrevistador e entrevistado, conto que as primeiras entrevistas experimentais que eu fiz, antes de fazer as primeiras entrevistas da minha tese propriamente dita, foram com os meus pais. Eu perdi as fitas, deu pane no gravador e tal, foi um horror. Eu percebi claramente como os entrevistados recortam as falas deles para o entrevistador em função desta intimidade. Meu pai, por exemplo, deixou de me dizer coisas na entrevista que muito provavelmente ele diria para você, total estranha para ele. [...] E outras coisas ele me disse e jamais diria para você. Então, daí vai uma lição, quer dizer, não há um status privilegiado nessa relação de você entrevistar o seu namorado, por exemplo, no sentido de que essa entrevista fica totalmente prejudicada. Essa entrevista vai ser peculiar, vai ser única, como todas as entrevistas são.

O que você, como entrevistadora, vai ter que analisar (não no sentido de análise de pesquisa) é que a pessoa está contando aquilo para você e tem que se colocar a pergunta: "Diria essa informação para outro?". Isso é uma coisa que o Carrera me pergunta: "Como você fez o fulano falar isso, aquilo e aquilo outro nas entrevistas?". Eu não fiz nada! Eu simplesmente cheguei lá e começamos a conversar. A relação que se estabeleceu foi dessa maneira e a pessoa se sentiu à vontade para contar o que contou. Não há aí nenhum mérito, não vamos levar isso no sentido de : "Ah, nota 10, nota 4". Não, não é uma questão de mérito, é uma questão de pe-cu-li-a-ri-da-de, é uma coisa individual, é uma relação que se estabelece entre as duas pessoas, só isso. E essa relação sempre vai ser única e aí o que você tem que fazer? Analisa ou não analisa o texto? Tem que ter a clara consciência do quão única ela é, se você não vai analisar, você tem que colocar no teu texto os elementos que permitam vir à tona essa atividade, maior ou menor, e os recortes que foram feitos para você. Caso contrário, não. É razoável, não é?

Nossa eu gosto muito da entrevista por isto. Depende muito de como você se põe para conversar, é muito legal!

Quanto à análise, eu sempre disse: "Não tem que ter análise nenhuma!", por conta do que eu te falei antes e da conclusão que eu cheguei sobre o que é história oral como disciplina. Isso só reforça a minha posição. Veja, se eu constituo o meu projeto de mestrado, não como alguma coisa com Educação Matemática, mas como construir um documento, eu construí o documento, acabou! Tem que analisar o quê?

A disciplina da história oral tem como finalidade a constituição de documentos, então não tem uma análise. O que, vamos dizer assim, satisfaria a academia, estou preocupado em satisfazer a academia, pois estamos dentro dela, seria o procedimento adotado, ou seja, todos os estudos que você fez, todos os cuidados que você tomou e todas as leituras que você fez para construir esse documento. Agora, isso não tem que aparecer, não precisa aparecer nessa concepção.

Não disponibilizei as fitas em arquivos Essa é uma coisa que eu prometi e não cumpri. Na verdade eu transcrevi, textualizei e fiz transcriação de alguns, não fiz a transcriação de todos por conta do tempo. O que acabou determinando a forma do meu trabalho foram as circunstâncias que eu tinha planejado e outras que eram do tempo. Eu dividi em três categorias, fiz dois níveis de textualização e transcriação. Porque dois níveis de textualização? Porque não é seguindo sugestão do Sebe, mas talvez, nem sei se o Sebe sugere isso, sugestão do Sebe na minha maneira de ver, tá? Existe um procedimento intermediário entre a textualização e a transcriação que é: eu fiz a textualização, a textualização está pronta e aí eu começo a mexer com os blocos de texto. Eu divido o texto em blocos temáticos e faço o que eu quiser com esses blocos, não necessariamente teria que dar uma ordem cronológica ou a ordem do entrevistado.

Então, na tese, eu tenho entrevistas textualizadas com pergunta e resposta e tenho algumas textualizações a meio caminho da transcriação, em que os blocos estão agrupados em temas comuns. Então, esse foi um processo que fiz? Não. Isso foi circunstancial por conta do tempo, então eu escolhi algumas que eu ia fazer de um jeito, outras de outro e outras de outro.

As entrevistas eram gravadas em mini-disc e eu as passei para o computador, mas não dei CD para todas as pessoas. Todos os entrevistados receberam uma cópia em fita cassete ou em CD, junto com o texto textualizado.

Em raros casos enviei a transcrição. Eu me lembro que passei para o Nilson Machado, que tinha sido meu orientador no mestrado, uma cópia do texto transcrito com uma cartinha bem curtinha dizendo: "Pelo amor de Deus", olha só, eu só tinha passado canetinha amarela nos nomes próprios que ele mencionava e lhe disse: "Faça uma leitura diagonal, sugira a grafia correta desses nomes que eu não achei e o que você quiser mudar", porque eu não tinha tempo para fazer, tinha que entregar o trabalho no final de fevereiro e eu estava com o trabalho, particularmente com a entrevista dele, nessa situação, em dezembro. Foi um desespero mesmo, eu pensei comigo: "Acho que para o Nilson eu posso pedir isso", então mandei nessa situação.

As fitas não foram disponibilizadas publicamente e há problemas em relação a isso, porque houve mudanças significativas na maioria das entrevistas e se eu disponibilizar tenho que disponibilizar um pacote sem mudanças. Eu teria ou que editar a fita, ou que fazer o procedimento correto mesmo que é temporizar e dizer, do minuto tal ao minuto tal não pode ser ouvido, ou se ouvido, a pessoa que foi lá no arquivo não pode revelar. Quem é que vai fazer isso? Acho que só o CPDOC faz.

Eu não conheço, não fui ao CPDOC, mas tenho lido, o CPDOC tem um livro que explica direitinho como é feito, foi um dos manuais que utilizei no começo. Isso aparece em filmes também, os americanos fazem isso, tem tal coisa que não tem licença e eles pintam de preto. Na transcrição original aparece o nome, mas o que vem é todo pintado de preto ou então é cortado o trecho que foi vetado. Se você ouvir a fita, você vai ouvir o que foi dito, mas você tem que se comprometer a não usar porque o entrevistado vetou a fita.

Vejo como necessário, aos que trabalham com história oral, leituras sobre história em geral. Quanto a uma definição de história, nossa! Esses dias estava lendo novamente um livro que eu gosto muito, o autor é o E. H. Carr, **O que é a história?**. Esse livro é, aparentemente, muito despretensioso, é um livro gostoso de ler porque ele faz alguns capítulos e a cada um deles ele dá uma definição de história. Mas as definições brigam umas com as outras, elas não se alinham, elas se complementam, não no sentido, por exemplo, de quebra-cabeça, de ir juntando as peças, formando o todo, elas se complementam só que às vezes fica uma peça em cima da outra, às vezes fica um buraquinho e você fica assim: "Nossa, não fecha!".

Para mim, foi um livro muito marcante, no sentido de estar constituindo uma definição de história. Estou quase formulando uma coisa ... história é aquilo que a gente faz vivendo. Isso ele não diz e eu acho que se ele lesse uma coisa assim ficaria espantado. Mas a gente faz vivendo em vários níveis. Por exemplo, a gente faz história vivendo o nosso dia a dia de pessoas absolutamente comuns e isso não passa para a história no sentido dos registros. O que eu fiz hoje de manhã, o que eu comi no café da manhã ou não, não vai contar para o registro que a gente foi ali na choperia fazer um lanche antes de conversar. Estas coisas não passam para o registro histórico no sentido de documento, mas elas são história porque elas nos constituem.

Quando você falou da defesa da Sílvia, me questiono se eu comentei sobre a cientificidade de um trabalho de história oral e em que sentido. Fiquei te ouvindo falar

sobre eu ter questionado a definição de história usada pela Silvia e, a partir daí, a cientificidade do nosso trabalho, e pensei que essa é daquelas coisas que vão e voltam. Tem uma frase do Ítalo Calvino, acho que é uma das epígrafes que eu coloquei na minha tese: "Tudo o que você fala volta um dia para você, com aspas ou sem aspas!". Nossa! Tudo volta...

Vamos pôr as coisas no lugar. Talvez dentro do grupo de história oral, a pessoa que você vai encontrar que é mais "contra" a ciência sou eu. Certamente sou eu. Talvez em segundo lugar, mas acho que bem longe, o Carrera. [risos]

Fiz esse discurso a semana passada: eu não tenho o menor respeito pela ciência. Essa coisa do método científico de pesquisa, eu não tenho respeito nenhum por isso e o fato de eu ser doutor, estar trabalhando, orientando alunos não altera em nada isso! Acho que essa ciência, a prática científica de fazer pesquisas e colocar as coisas dentro de determinados referenciais, virou algo muito mais próximo do que, por constituição, historicamente, é o oposto da ciência, que é a religião. A prática acadêmica está muito mais próxima de uma religião do que algo que seria, eu vou dizer "científico", com c minúsculo.

A Ciência vem a ser, para mim, acho que nas origens era isso, você estar procurando questionar as coisas que estão estabilizadas! Buscar explicações sempre dizendo assim: "Bom, mas isso que explicam "assim", é assim mesmo?". É essa dúvida metódica, cartesiana.

Quando eu fiz uma crítica ao trabalho da Silvia, fiz por conta de uma concepção de história, não estava falando nem de história oral, na qual você pensa assim: "A história tem que se colocar científica!". E eu sou contra isso! Eu acho que a história não é Ciência, ponto. Eu vou continuar minha opinião: e ela não tem que ser! Não é, não precisa ser... e tenho raiva de quem acha que tem que ser! [risos]

Por quê? Porque você pega um livro de yoga ou heiky que você disse que trabalha com energização, qualquer que seja o livro que você pegar, mesmo que seja de alguma coisa de práticas orientais muito antigas, vai na livraria e compra um raio de um livro que trata desse assunto! Aí, descontando os absurdos que falam que o "não sei o quê", tema do livro, tem a ver com a mecânica quântica, com a física quântica – que, em geral, é uma estupidez gigantesca -, todos eles, noventa por cento, vão dizer que embora seja uma prática milenar... pá... pá... pá..., como acupuntura, hoje eles se aproximam de uma prática científica "por isso, por isso e por isso". O que está posto aí? Está posta uma valoração dizendo que estas práticas, a acupuntura, a astrologia, qualquer coisa... está "nesse nível" (gesto, indicando mais baixo) e vamos pôr a história aqui, numa altura talvez intermediária, enquanto que a Ciência está aqui (num nível mais elevado, indicado com um gesto)... e nós "temos que ser" científicos. Essa diferença de nível não existe. A Ciência não é melhor que as outras práticas, que a astrologia, não é melhor! E o que me espanta é que é muito fácil mostrar que não é melhor!

Então, quando eu vejo um discurso da história como Ciência e não sei o quê... tenho uma reação de porco espinho, me ouriço todo, nossa! Então a minha crítica ao trabalho da Silvia foi nesse sentido.

Mais um ponto onde nós estremecemos na defesa foi quando a Silvia Regina Vieira da Silva disse assim: "Nós historiadores" e nós não somos historiadores. Nós usamos uma metodologia e não temos o direito de nos colocarmos como historiadores, nós podemos vir a ser reconhecidos pela academia como tais, mas se nós estamos trabalhando dentro da academia, e estamos num grupo de pesquisa registrado no CNPq pelo Vicente e tudo mais, então nós estamos trabalhando dentro das regras da academia. Nós somos um grupo de pesquisadores educadores matemáticos, ponto. Usamos a

metodologia da história oral, ponto. Não somos historiadores. Quem poderá nos reconhecer como tal vai ser a própria academia e quem vai dar o testemunho disso vai ser o nosso trabalho, então não é algo que a gente se coloque por definição. Se o fizermos, estamos aceitando esse grau de Ciência e tal. Eu aceito as regras do jogo da academia, embora eu diga sempre que eu não tenho o menor respeito pela Ciência, porque estou dentro dela e brigo muito, já contribui para mudar a regra do jogo dentro dela. Você briga com o chefe do Departamento, assume coordenação de curso, briga com o MEC, tudo isso é possível fazer e a gente vai fazendo.

O Sebe fez uma afirmação no dia da defesa: "A julgar pelo trabalho, até tinha uma dúvida se você ia defender ou não!", porque como eu fiz um trabalho questionando os rumos da academia, a rigor, eu respondi isso para ele, a rigor eu não deveria defender, mas tinha platéia, tinha pessoas que viajaram e, no mínimo, pela platéia eu teria que fazer uma apresentação. Mas isso era uma prestação de contas, o trabalho para mim bastava como esse questionamento. O Carrera levou gente daqui de Rio Claro, cheguei lá e tinha platéia!

Para mim, radicalizando, a contribuição de um trabalho na disciplina história oral é gerar fonte, pronto, acabou! Se você pegar o meu trabalho ou o trabalho de qualquer uma das pessoas que defenderam dentro do grupo e considerar só o depoimento das pessoas, você pode, a partir daí, construir outro trabalho. O papel da história está na construção desses documentos, todo o resto é porque nós vamos acabar fazendo o trabalho de educadores matemáticos! Não estou dizendo que não presta ou que não deveria fazer, mas todo o resto é algo para além da história oral. Todo o resto é o que traz a nossa marca, nós somos educadores matemáticos usando história oral.

Como pesquisador que trabalha com a história oral eu me vejo das duas maneiras. Por um lado como educador matemático usando um instrumento dado, por outro lado posso tender a me ver como alguém fazendo história. Fazendo história no sentido de estar produzindo documentos.

[...]Olha, a minha dúvida aqui de parar para pensar é que eu tenho uma resistência enorme com a questão da fundamentação teórica. Acho que a fundamentação teórica é aquela postura de pouca fé em relação à Ciência, ela não é uma coisa que você faz a priori. Tem um texto do Borges em que ele fala dos precursores. Se você for em busca dos seus precursores, você vai chegar no homem das cavernas. Sempre tem o precursor do precursor do precursor, é uma regressão infinita. Eu tenho um ponto de partida que eu declarei no início, eu fiz um curso com o Sebe e isso determinou uma influência muito grande com minhas leituras, mais no sentido de já ter visto e gostado de coisas que ele sugeria como trabalhar com transcriação, não fazer análise e toda essa discussão. Talvez isso tenha sido o que me atraiu para fazer o projeto em história oral e não outra coisa, não sei, mas isso certamente me atraiu. Agora o Sebe não tem textos de teoria escritos sobre história oral, tem coisa mínima, ele tem os projetos que ele desenvolveu e tem lá uma introdução com cinco páginas falando de transcriação, o mínimo. Então para a pergunta "Qual é a sua fundamentação teórica?", eu digo "Ah, aquelas cinco páginas que o Sebe escreveu no seu livro **Canto de Morte Kaiowa**", que é a introduçãozinha do livro, e você vai dizer "Isso?". Mas não é "isto"! É isso e mais quinhentos mil livros de história que eu li antes de fazer esse curso!

Eu tinha uma concepção de história mais ou menos delineada com base no marxismo, na história nova, com base em vários referenciais, às vezes recortando coisas que não eram coerentes entre si... e eu trouxe tudo isso para a história oral a partir do momento em que eu tomei a decisão de fazer um projeto em história oral. Então, o que eu fui ler? Portelli, Thompson, a professora que foi da minha qualificação e que depois nós não convidamos para a defesa porque a posição era muito divergente, não tinha

sentido convidar, mas eu li os trabalhos dela, outras coisas que ela fez como Diana Vidal e como Diana Schimdt, da USP, da área de Educação. Então o que é possível ler de história, história do tempo presente, história oral, eu leio. Não tenho nada contra, "Ah, o fulano lá não trabalha com transcriação", bom ele não trabalha, eu trabalho, isso não é obstáculo para que eu deixe de ler!

O que faz com que eu continue estudando história e história oral é o vício![risos] O Carrera me disse que eu me apaixonei pelos entrevistados, foi uma maneira de fazer uma crítica amigável. Na verdade eu declarei isto. E isso é perigoso no seguinte sentido, quando eu me apaixono pelo entrevistado ou pelo ato de entrevistar, na verdade eu estou dando margem a ser manipulado. Fico seduzido, encantado com a pessoa que estou entrevistando, e deixo de fazer perguntas ou aceito como verdade coisas que não necessariamente são. Essa foi, eu acho, a crítica que o Carrera endereçou. E tem fundamento, assim como não tem.

É o que eu disse antes, a pessoa que dá a entrevista está recortando a entrevista para você. Então, essa "paixão", que acontece de você gostar da pessoa, ou do que ela está te dizendo, provavelmente vai ajudar a pessoa a dizer algumas coisas, pois você se solta para fazer a entrevista e outros casos ela provoca distanciamento, porque a sensação é: "O que essa pessoa está querendo, é tiéte?". Então, provoca apenas um recorte. Essa paixão também não é generalizada você não se apaixona pelas pessoas, embora em alguns casos seja pela pessoa quando você diz: "Que vida, que coisa fantástica!", você se encanta. Eu acho que a paixão é pelo objeto da pesquisa. E eu acho, como eu não defendo nenhuma prática científica asséptica, eu acho a paixão ótima!!! [risos].

Está bom?

5.5) Entrevista realizada em 21 de outubro de 2004.
Silvia Regina Vieira da Silva

Meu nome é Silvia Regina Vieira da Silva, sou professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e faço parte do grupo História Oral e Educação Matemática.

Meu primeiro contato com a história oral foi na época em que eu estava fazendo o doutorado. Eu tinha outro projeto quando ingressei no doutorado e, a medida que fui fazendo as disciplinas, tendo contato com o orientador, o projeto foi reformulado. A história oral apareceu como uma alternativa para as coisas que estavam me inquietando na época e eu achei legal! Principalmente depois que comecei a ter contato com os primeiros depoentes. As entrevistas, a possibilidade de estar escrevendo alguma coisa sobre a história daquelas pessoas me seduziu.

A história oral pra mim... tem duas coisas, primeiro a história que eles contam, aquela que a gente vai reconstituindo junto. E tem aquela versão que o pesquisador dá, o olhar do pesquisador. Tem gente que acredita que a história oral é só aquilo que os depoentes falaram. Eu também acho que tem que ter uma preocupação com o tempo. Achei legal "falar" sobre acontecimentos num determinado período. A história oral seria então, a reconstituição de uma história através da oralidade levando em consideração um certo período.

Isso dá chance para as pessoas contarem suas histórias. Senti essa vontade de contar com "meus" entrevistados. Às vezes a gente fala: "Ah, professores que só dão aula não querem falar". Pelo menos no meu caso, eles queriam contar tudo o que tinha acontecido com eles, então ouvi-los foi muito legal. Achei muito bom.

Eu não tinha a visão de história oral que tenho hoje quando comecei o meu trabalho. A primeira coisa que a gente teve foi a preocupação em escolher um período. Essa preocupação existia! Considerar um período e estar olhando o que acontecia nele, pois tinha a questão do tempo envolvendo as falas. Mas, a medida em que as coisas foram acontecendo a gente foi procurando a literatura. Quando fui fazer as entrevistas, eu não tinha uma concepção fixa de história oral. À medida que acontecia, a gente ia lendo e ia... fazendo um esboço.

A proposta era trabalhar com a história oral, mas eu não tinha nenhuma concepção fechada. Eu fazia idéia que tinha a questão do tempo, que as pessoas iam estar contando as suas histórias, mas não tinha ainda uma coisa que falasse: "Ah, é isso, vai ser assim, vai ser assado". Depois da qualificação é que as coisas foram tomando rumo, clareando mais.

O que faz do grupo "História Oral e Educação Matemática" um grupo é a vontade... Acho que todo mundo foi seduzido pelas histórias, pelo contato com as pessoas, por ouvir as histórias. A vontade de a gente continuar ouvindo e discutindo as histórias. O que envolve esse ouvir mantém o grupo junto.

Dentro do grupo "História Oral e Educação Matemática", a gente tem muita diferença, mas acho que essa diferença nos enriquece. Acho que a diferença é saudável para o grupo!

Quando alguém me questiona sobre concepções ou idéias comuns nos trabalhos do grupo História Oral e Educação Matemática, eu sempre penso nas coisas que a gente pensa diferente [risos]. Pensando nisso... Acho que a questão da ética, não ficou explícita na fala de todo mundo, mas sempre acabamos caindo nisso. Uma outra busca comum é estarmos reforçando a questão metodológica, nós temos divergências, mas sabemos que temos que reforçar isso com leituras e discussões. Não sei se é uma coisa comum, se todo mundo pensa... Não sei se é para chegar numa coisa comum, que

história oral é isso, isso e isso, mas a gente sabe que tem que ler e discutir para melhorar a nossa visão de grupo.

Eu penso que há um acordo em estar explorando as características metodológicas da história oral. Durante um tempo a gente ficou nas nossas pesquisas e na hora em que a gente começou a olhar as pesquisas nacionais e olhar outras pessoas, trabalhos inter-disciplinares, não só na Educação Matemática, a gente teve noção das coisas nas quais a gente ainda precisa caminhar. Mas eu acho que de coisa comum... é a questão da ética, a literatura, ler o que o outro leu. Isso... falando assim... sem pensar muito.

Eu acho que a gente está caminhando. Agora, depois das defesas, tentando olhar as coisas comuns dos trabalhos... Mas, por enquanto, quando você faz essa pergunta, penso mais nas diferenças, nas concepções que cada um tem. Talvez até por causa dessas diferenças a gente consiga ver algo que exista em comum e que ainda acho que não está tão forte.

Acho que a existência dessas diferenças dentro do grupo é saudável! Porque, por exemplo, as discussões *on line*, um discute uma coisa, o outro discute outra e a gente... eu por exemplo, *on line*, estou vendo as diferenças de cada um e em cima delas formando as minhas idéias. Acho saudável. Se a gente pensasse tudo igual acho que seria mais complicado na hora em que a gente caísse num outro grupo. Acho que seria mais difícil de a gente entender.

Uma outra coisa, na minha banca tinha o Antonio Vicente Marafioti Garnica e o Carlos Roberto Vianna, o que pode parecer para uma pessoa externa ao grupo que vai haver proteção e não é isso que acontece! A gente fica junto em banca, mas não é pra um passar a mão na cabeça do outro. É... justamente o contrário, quem assistiu a minha qualificação [risos] e a minha defesa sabe que eles não passaram a mão na minha cabeça. A gente consegue manter um diálogo. Porque se fosse passar a mão na cabeça da gente só para manter aquela aparência de grupo: "Ai, aquele grupo e tal", acho que ele se afundaria. A gente conseguiu mantê-lo, mesmo com as diferenças e a proximidade não atrapalhou isso. É como se eles deixassem de lado o fato de estarem no grupo ao participarem da banca e, se tiver que falar "isso", eles falam "isso" e acabou!

Na época da defesa eu achava que era historiadora oral, isso estava na minha tese e pediram para tirar. Depois que caiu a ficha... A gente, na realidade, fala da formação do professor e usa como recurso, como metodologia ou procedimento de pesquisa a história oral. A história oral para a gente é um recurso. Isso para mim ficou claro. Para mim ficou muito forte o contato com as pessoas, o envolvimento emocional. Eu achava que estava fazendo história, então eu era historiadora. Eu não me dei conta que, na realidade, estava falando da formação daqueles professores, me aproveitando da história que eles contavam. Na realidade, a história oral foi um recurso que me possibilitou falar da formação de professores. A gente não fez, até em questão de bibliografia, revisões de história. Acho que se fosse um trabalho... se eu fosse uma historiadora, só historiadora, não estivesse falando necessariamente da formação de professores, a literatura seria outra. Eu penso isso. Agora ficou claro, mas é engraçado que só "caiu a ficha" na defesa, com as perguntas.

No que se refere a procedimentos ou encaminhamentos característicos de um trabalho com história oral, acho que a história oral "mexe" muito com a ética devido ao contato que você tem com o entrevistado. Não tem uma regra estanque de como agir, vai depender muito da pessoa que você está entrevistando. Eu acho que prevalecem os acordos que você faz na entrevista. Por exemplo, no meu caso, todos assinaram numa boa a carta de cessão de direito, mas a gente já ouve falar de casos em que o

entrevistado se nega a assinar. Tem pessoas que não querem se identificar: então não tem uma regra estanque.

Para identificar se um trabalho utiliza a história oral, eu acho que não basta a entrevista. Quando a gente fala em história oral, automaticamente as pessoas já associam com entrevista e eu acho que não é só isso. Eu acho que teria que ter uma preocupação com o tempo e com um determinado tema. Não é só a entrevista. Aí vai ter a questão do procedimento, que eu estava falando antes. É como você vai lidar com o entrevistado. Mas acho que tem que ter uma preocupação, tem que ter um tema pra você estar olhando e um tempo, nem que seja curto, para estar falando sobre aquilo. Quando penso em características é o que me vem... Não é só a entrevista como alguns acham. Tem que ter uma preocupação e estar contando a história num tempo, pequeno ou grande não interessa.

Quando você me fala da discussão que surgiu na minha defesa sobre a cientificidade de um trabalho que se utiliza da história oral, penso que isso surgiu porque coloquei a História como Ciência de uma forma vaga. Aquilo lá ficou meio ... para mim ficou muito forte o Stuart Hall. Então, quando ele fala de fragmentação do sujeito, coloca que algumas "coisas se quebraram". Então eu não sei verbalizar o que é fazer ciência hoje. Não sei se teria problema em falar que história oral é ciência. Como o Carlos falou, é uma coisa que a gente está conquistando.... Quando se fala em ciência parece que tem que ter uma coisa exata, com a cara certinha, que você fala: "É isso e acabou!". Mas, por exemplo, na proposta de Stuart Hall as "coisas" estão mudando, se fragmentando, então a concepção de ciência também. Essa concepção que a gente tem de ciência, uma coisa estanque, fechada, está se fragmentando porque ela nunca vai ter uma cara certa. Como vai depender das concepções de cada pessoa que se está entrevistando e da concepção da pessoa que está fazendo o trabalho, eu acho que ela vai se alterar ao longo das histórias que a gente vai ouvindo. Falar que história oral é ciência nos moldes... antigos, talvez não seja, porque ... não é uma "coisa" estanque, algumas coisas a gente... a questão da ética e tal, mas não é uma coisa fechada.

Com as mudanças atuais, outras concepções, acho que o trabalho com história oral pode ser considerado como científico. A história tradicional acaba perdendo um pouco a força porque ela não olha as histórias parciais, as pessoas. A história das elites era o que estava mais em acordo com a ciência nos moldes anteriores. Agora, depois de ler o Stuart Hall, eu acho que a história oral está dentro da proposta atual, acho que agora é o momento em que ela tende a ter mais força, está mais em acordo com as concepções.

Reconheço que as discussões colocadas por Stuart Hall, dão uma abertura com relação aos tipos de pesquisa que podem ser desenvolvidas. A gente está sempre sendo balançado por leituras, por coisas que a gente faz, e às vezes uma coisa que a gente pensava que era muito forte, muda radicalmente. Então, eu acho que pensar ciência do jeito que era pensado antes é mais complicado, ficou durante muito tempo ... algumas coisas como receitinha de bolo. Então para você ser ... Que nem ... psicologia. Para ela ser considerada ciência, ela teve que se submeter a algumas coisas e se submeteu durante uma época para ser considerada como tal. Então, eu não acho que a gente precisaria se encaixar nisso para ser considerado ciência... não sei se fui clara.

O tipo de trabalho que desenvolvi no doutorado fez com que eu voltasse para a sala de aula completamente diferente do que eu era antes. Mudou para mim a concepção... Por exemplo, antes de sair eu já tinha lecionado Geometria, aí voltei e peguei essa mesma disciplina e abandonei completamente a maneira de agir em sala de aula. Antes era essencialmente aula expositiva, agora raramente isso ocorre. A aula ficou mais dinâmica com discussões de textos, manipulação de material... As

concepções que envolvem o que eu devo ministrar na disciplina mudaram radicalmente. Acho que no meio disso está envolvida a questão de como eu concebo a matemática, que está ligada à ciência também.

Quanto ao que eu li com relação à história oral no trabalho, tem **História oral no século XXI**, de onde ficou pra mim o Da Matta, o Paul Thompson, li também o José Carlos Sebe Bom Meihy. Tenho que lembrar, espera aí... o meu problema é que tenho uma dificuldade com nomes, acho que daria até para fazer um trabalhinho para ver esses lapsos. Tem coisas que surpreendem, como uma autora em que eu olhei a questão de encarar a história oral como inter-subjetiva, como é o nome dela? Dei o artigo até pra Ivete Maria Baraldi. Ela me deu uma luz, porque às vezes alguém vai falar da subjetividade da história oral e olha só para a pessoa que está falando, eu acho que não. Acho que envolve a subjetividade do entrevistador também já que existe uma troca com o entrevistado. Agora eu não vou lembrar o nome dela. Li aquele que é brasileiro, **Braços da resistência**... bom, mas você vai saber identificar depois... Gattaz! Estes autores são os que ficam quando falo de história oral. Agora que eu voltei para a UFMS[11] percebi que muitas pessoas se apegam no Thompson quando pensam em história oral. Muitos não têm noção que tem produção nacional sobre o assunto. É recente.

Há um diferencial quanto aos trabalhos que se utilizam da história oral na Educação Matemática. Eu acho que tem contribuições tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador. Eu sinto isso porque para mim mudou muito, eu mudei como pessoa, como pesquisadora.

Na Educação Matemática, por exemplo, tinha história que a gente sabia que acontecia na escola, mas não tinha nada registrado. Olhando para o meu caso específico, a gente sabia que tinha a questão da droga, a questão da disciplina na década de 50, mas a gente não tinha nada registrado no papel e isso só aconteceu por conta do registro que a gente fez. Então agora a gente pode falar: "Acontece isso, a pessoa falou e tem registrado!". Isso eu acho que é muito importante, a história oral traz uma contribuição nesse sentido, eu acho... forte.

Para mim o documento na história oral é a fita. Você pode pensar: "por quê?". Porque você recorre à fita pra escrever aquele papel. Mas aí então teríamos várias formas de documento. O primeiro seria a fita, mas, por exemplo, eu não disponibilizei as minhas fitas, porque achei que as pessoas não iam achar legal pois elas fizeram muitos cortes. O segundo documento seria a edição das entrevistas (textualização). As pessoas vão lá olhar, vão ver, ler as histórias que eles contaram. Apesar de ter disponibilizado somente a textualização, considero a transcrição também um documento.

A transcrição eu não disponibilizei porque o pessoal, ainda na última versão da textualização, alterou muita coisa, tirou muita coisa, escreveu de outro jeito e pra deixar a transcrição eu teria que fazer um trabalho de edição, o que no meu caso não daria tempo de fazer. Mas esse trabalho pode ser feito agora, como eu falei para o Carrera, a gente pode fazer isso depois, em contato com o entrevistado.

Todos são documentos que você vai poder disponibilizar para as pessoas. Chega uma outra pessoa e diz: "eu quero olhar isso", então pode olhar a primeira entrevista, a segunda entrevista... A gente tem um material muito grande pra olhar. Se alguém quiser ouvir só as fitas de novo, para, de repente, olhar a minha concepção, o que eu fiz ... então esse seria também um outro documento. Assim, a fita, as transcrições e as

[11] Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

textualizações são documentos. Se for enumerar documento 1, documento 2, documento... , você precisou da fita, depois você fez a transcrição ...

Acho que a gente tem um material muito rico. A gente e outras pessoas interessadas no assunto.

As fitas estão comigo, eu preciso me organizar para poder disponibilizar. Teria que fazer um trabalho de edição, olhar de novo o que eles pediram para cortar... fazer uma cópia e em cima da cópia fazer os cortes ... Está tudo comigo, dá para fazer esse trabalho.

Eu acho legal, num trabalho como a tese, fazer análise. Eu acho legal ter registrado a idéia da pessoa que entrevistou, mas ... a gente vê no grupo, por exemplo, que tem pessoa que acha que não deve fazer análise. Eu não acho que deve fazer análise da pessoa, por exemplo, pensar: "Ah, a pessoa falou isso porque ela devia estar pensando isso". Isso eu não acho legal! Porque é como se você estivesse ... julgando a pessoa e eu não encararia como uma análise sadia.

Agora, fazer análise das coisas que elas falaram, sem vincular à idéia de que "Ah, a pessoa falou isso porque pensou isso" ou, de repente, podia ... pegar aquele material da entrevista e olhar num contexto maior. Isso eu acho válido fazer, eu encararia isso como uma análise sadia.

No caso da tese com alguma análise, a pessoa estaria se comprometendo com as suas concepções, estaria deixando explícito o que ela pensa. Não acho que você tenha que deixar só o documento, deixar só as histórias que eles contaram e não falar nada. Mas só escrevendo as histórias ... a pessoa que fez a pesquisa acaba não se comprometendo com nada. Não claramente. Pode estar se comprometendo nas entrelinhas, porque ela participou da confecção do documento, então é lógico que ali vão estar implícitas algumas concepções. Mas não ... assume claramente o que está pensando.

Eu acho legal essa análise: um posicionamento do pesquisador frente ao material recolhido com as entrevistas. Acho legal deixar explícito para que o leitor tenha uma idéia do que a pessoa fala em cima do que foi pesquisado. Eu acho que foi sadio para mim, enquanto pessoa, porque você se expõe e mantém o diálogo. As pessoas vão ler o seu trabalho e de repente você tem um contato e vai amadurecer em cima daquilo.

Quanto ao que é um procedimento ético no trabalho com história oral, acho que é o acordo que você faz com o entrevistado. Eu senti que eles ficaram muito à vontade. Na primeira vez conversei com eles, deixei claro que só ia sair na tese o material que eles autorizassem. Afirmei que eles poderiam ficar tranqüilos com a entrevista porque eu não iria colocar algo que eles não quisessem, que eles iriam participar de tudo, que eles iriam olhar a primeira entrevista, a segunda ... até a forma final e se eles não quisessem que saísse alguma coisa, não iria sair. Então eu acho que isso ajudou, nas fitas eles ficaram muito à vontade, apesar de terem feito cortes. Se eles ficassem inseguros quanto a isso, não teriam nem falado. Eu penso assim.

Acho que um acordo primordial é procurar fazer o combinado com o entrevistado. Se, de repente, no percurso, o entrevistado fala assim: "Ah, eu não quero mais tal coisa, queria ...". Eu acho que a gente tem que respeitar porque é ele que está se expondo ali. Quando me propus a pesquisar, já está assumindo que ia me expor. Agora, o entrevistado tem que ter a opção de estar se expondo ou não. Eu acho que esse é o primeiro compromisso ético que a gente tem com eles. De deixar sair só o que ele realmente está querendo.

A autorização para utilização da entrevista é feita por meio de uma carta de cessão e no nosso grupo cada um escolheu um momento de pedi-la. A Gilda, por exemplo, fez a carta de cessão só depois ... da textualização! Eu fiz antes de ligar o

gravador e eles assinaram com muita naturalidade, sem medo algum e jamais pediram pra rever a carta de cessão! A carta não foi ampla, de dizer: "ah, eu posso fazer tudo o que eu quiser com esse material", eles me autorizaram a utilizar na tese e ficaram muito ... tranqüilos, não teve problema algum. Se você faz uma carta de cessão muito ampla, pode dar a impressão de que está passando a sua vida à outra pessoa. É muito forte, parece que assusta um pouco o entrevistado. Acho que não precisa ser uma coisa muito ampla porque a medida em que você está fazendo a entrevista, mostrando o compromisso que você tem, conquista o entrevistado. O compromisso com o entrevistado levanta uma questão ética muito forte. Porque têm coisas que eles não gostariam que saísse de jeito nenhum e eu só coloquei o que eles falaram. Se queriam tirar, tirei. Na maioria das vezes o que eles pediram para tirar não comprometia o meu trabalho. Eram coisas da vida deles que eles não queriam expor... Eu podia até não concordar, achar que poderia ficar melhor o trabalho com aquilo, mas acho que se eles não queriam colocar, não tem que colocar.

Os meus entrevistados corrigiram tanto as transcrições como as textualizações. Fiz a primeira entrevista, transcrevi, entreguei e eles corrigiram, aí eu vinha e guardava aquilo. Fiz a segunda entrevista, entreguei e eles corrigiram, guardei aquilo lá. Fiz a primeira textualização, eles corrigiram. E dependendo do que eles corrigiam podia alterar uma ordem, alguma coisa e aí voltava para eles de novo. Eu falei muito com eles, voltei muitas vezes até que chegasse o momento de "esse não tem mais correção?", "não tem", então é esse que vai para a tese. Tudo dependeu deles, tudo eles assinaram embaixo: "concordo com isso, pode isso". Um entrevistado não tinha feito alteração nenhuma nas transcrições e quando chegou na textualização, tirou um monte de coisa. Daí eu não poderia disponibilizar as transcrições, não me senti à vontade de disponibilizá-las. Não cheguei a perguntar pra eles claramente se eu poderia disponibilizar todo o material, achei que isso estava implícito. Como eles alteraram na textualização, óbvio, não iam querer na transcrição, então não disponibilizei. O contato com eles foi muito forte e eu pensei: "Ah, isso eu acho que eles não querem expor, não sai". Era o compromisso que eu tinha com eles.

Concordo que a transcrição é um procedimento comum a outros tipos de pesquisa e quanto à textualização, ela é feita por questão de leitura mesmo. A transcrição, dependendo do entrevistado, do jeito que agiu (porque às vezes vai e volta, vai e volta, vai e volta) pode ficar cansativa. Com a textualização parece que a leitura fica menos cansativa.

Já li um livro em que o Jacques Le Goff é entrevistado, no qual você percebe um trabalho de edição para deixar sob a forma de pergunta e resposta. Eu acho que isso é uma forma de edição também! Não fez a textualização do jeito que eu fiz na minha tese, mas "arrumou" e deixou na forma de pergunta e resposta. Acho que editar o material da entrevista não chega a alterar o documento. Os entrevistados olham tudo e se o entrevistado tivesse feito um erro grosseiro, eu acho que transpareceria. No meu caso pude contar com o auxílio de outra pessoa. A professora que corrigiu o português da minha tese conhecia ... oitenta por cento das pessoas que eu entrevistei e aquelas que ela não conhecia, o Carrera conhecia! Então, quando chegou na textualização ficou interessante eu perguntei para a professora se o material retratava o entrevistado e ela falou que sim. Então, quer dizer, eu consegui, não sei como (talvez devido ao cuidado), não descaracterizar o entrevistado. Quanto ao Carrera, teve um caso em que ele falou: "Ah, fulano está triste, está mais desanimado com a profissão". E era isso mesmo, apesar de o entrevistado não ter falado na hora que o gravador estava ligado, ele realmente estava triste com aquilo e o Carrera percebeu lendo! Então eu achei legal ter essa possibilidade.

Assim, acho que a textualização ajuda a melhorar a leitura e quando você está fazendo as alterações, tem que ter cuidado pra não descaracterizar a pessoa que você entrevistou, eu acho que é isso. Porque, de repente, você vai querer melhorar a leitura, enfeita, tenta melhorar demais e você foge da pessoa que entrevistou. Eu acho isso ruim. Se você consegue deixar a leitura melhor e consegue que a pessoa não se desconfigure, acho que aí é saudável. Para isso você tem que ter uma proximidade grande com o entrevistado pra poder perceber certas coisas. Acho que o fato de eu ter ido muitas vezes falar com eles ajudou muito!

Na época em que eu estava escrevendo, ficava muito em dúvida ... acerca do que eu deveria colocar na hora de fazer as minhas considerações. As histórias deles já estavam lá, eles já tinham autorizado e eu ia me expor. Então tomei cuidado com determinadas coisas. Tomei cuidado com as palavras, para não gerar mal entendido. Eu sabia que os entrevistados iriam ler a tese e eu não queria que tivessem a impressão de que eu tinha distorcido o que eles tinham falado! Mesmo sendo a minha análise tomei um cuidado porque não disponibilizei a tese antes da defesa. Aquilo era meu, não entrava no acordo, então na hora de eu escrever queria deixar claro que era a minha opinião, tomando cuidado com as palavras pra não agredir. Acho que isso aconteceu por causa da proximidade que eu tive com eles.

Uma das entrevistadas, conquistei nesse processo. Logo na primeira entrevista ela estava muito resistente, queria falar mas eu tinha a impressão de que ela queria falar mais para cutucar a Educação e a Educação Matemática do que para contar as suas histórias. Ela foi me testando no processo e viu o tipo de trabalho que eu estava fazendo. A proximidade foi facilitando a conversa e então... No final, não me senti à vontade para falar dos problemas que tive com ela e na hora de escrever a tese não mencionei. Poderia ter escrito, ou não, mas acho que, na hora de escrever, ficou pesando na minha cabeça essa proximidade. E não acho que isso tenha ... afetado a análise. Não prejudicou a análise. Acho que a análise também envolve um cuidado com aquela pessoa que está se expondo.

Não acho que essa proximidade tenha me impedido de notar algumas coisas. Na hora em que eles estavam falando eu... percebia... : "Ah, isso daqui vai ser legal" ou "hum, acho que essa pessoa não ... está de acordo com o que eu penso". Mas mesmo assim escrevi, mas tomei cuidado com as palavras. Não acho que a proximidade me prejudicou, pelo contrário, ajudou em determinadas coisas, por exemplo, ao seduzir a entrevistada. Um outro entrevistado demorou muito para falar, ficou meio travado e se eu tivesse ficado só com a primeira entrevista, ele não teria muito a acrescentar, mas depois de um tempo ... acho que eu fui duas, três, quatro vezes falar com ele. Na última é que ele fez alterações e falou outras coisas, quis deixar registrado algumas coisas que não tinha falado nas entrevistas anteriores, se deu conta de que aquilo podia ser uma forma de protesto. Foi essa proximidade que ajudou. É como remédio, a gente toma e ele ajuda uma coisa e prejudica outra, mas se colocar na balança, ajuda mais do que prejudica.

No que se refere às discussões internas do grupo, acho que ... o tempo que a gente está junto, falando de algumas coisas... Às vezes a gente acaba não esgotando a discussão a respeito de um determinado assunto e já muda para outro. Eu acho que a gente quer discutir muitas coisas, mas a gente ainda não conseguiu fechar: "Ah, esse é isso daqui, acabou, encerrou aquilo lá". Depois pode até mudar a concepção, mas é que ... a gente nem termina de discutir aquele assunto e no meio daquilo aparece uma outra coisa e a gente já vai para uma outra coisa. Não fecha aquilo, mas abre outra coisa. Acho que é por causa do crescimento do grupo, essa ânsia que a gente tem de tentar resolver as coisas.

Agora, falando de história de forma geral, sem pensar em história oral, lembro que isso foi discutido na lista, acho que na época em que a gente estava lendo Marc Bloch, será? No fim eu não acompanhei muito a leitura do Marc Bloch, porque eu tinha recém – voltado para a sala de aula (UFMS). [...] Como o meu trabalho é muito recente, eu não fiz muitas leituras depois que defendi, fiquei muito presa ao meu trabalho... Se for falar em história, pra mim fica forte a questão do Ariès, de olhar esse movimento num período. Ver como determinadas coisas estão acontecendo naquele tempo. Pra mim fica forte essa concepção que o Ariès deixa implícito naquele artigo. Acho que para mudar de ponto de vista, eu teria que pensar, fazer outras leituras ... mas a história, ou o fazer história, vai depender do tipo de documento que a pessoa vai ter acesso. No nosso caso, a gente tem acesso às histórias contadas pelas pessoas, então o documento é o que a pessoa contou e vão aparecer outros documentos.

Uma pessoa que, por exemplo, vai olhar e fazer história de uma praça, é diferente o jeito de proceder, de agir, mas é fazer história também. Por isso, na tese eu falei que a história tinha divisões (documental, história oral e monumental). Não querendo dizer que é uma divisão estanque, mas que depende da maneira como você vai proceder para falar sobre um determinado assunto.

Quando se trata da história oral, acho que tem que tomar cuidado com a utilização de outros documentos escritos, porque, no meu entender, o que deve prevalecer é a oralidade. Usar documento escrito não inviabiliza o nosso trabalho, o único cuidado que temos que ter é não deixá-lo prevalecer já que a gente está fazendo história oral que depende da oralidade. A gente usa o documento escrito para enriquecer: "Ah, olha isso está dizendo isso e tal", desde que não prejudique a questão oral. Eu não me sentiria muito à vontade de validar o oral pelo escrito, de checar as informações da pessoa para ver se o que ela está falando tem alguma coisa, eu acho que este seria um outro trabalho. Na minha tese trabalhei a oralidade da pessoa, se uma outra pesquisadora quiser olhar: Ah, olha nessa época aconteceu isso, essa pessoa aqui eu acho que tem uma discordância e tal", acho que esse é um outro trabalho, mas ela vai ter que se apegar no escrito que eu deixei que tem como principal fonte a oralidade. O meu trabalho é muito recente e eu não me sentiria à vontade de fazer isso com meus entrevistados, porque estaria fazendo análise da pessoa. Eu não faria! No meu trabalho eu não faria. Mas eu não acho que é inviável uma outra pessoa fazer. Porque daí, por exemplo, a história oral para a questão da memória, na psicologia, na medicina ajuda muito no sentido de ver os lapsos: "Ah, então pode ter acontecido isso" e o psicólogo, de repente, vai tentar ver alguma coisa na área dele em cima do material que você fez. Não digo que só o psicólogo possa fazer isso, de repente um historiador oral também queira ver isso. No meu caso, posso olhar outras coisas, mas se cair na análise da pessoa eu não vou fazer, não me sinto à vontade.

5.6) Entrevista realizada em 10 de novembro de 2004.
Gilda Lúcia Delgado de Souza

Apresento-me informalmente. Meu nome é Gilda. Faço parte não só do grupo de pesquisa "História Oral e Educação Matemática" sob a coordenação do Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica, do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP, campus de Rio Claro-SP, bem como desenvolvo o meu projeto de pesquisa de doutorado, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Miguel, do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, membro do Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática (CEMPEM) e coordenador do Grupo de Pesquisa, História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM) do Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UNICAMP. Aos dois devo conhecimentos e informações de enorme importância.

Ingressei no mestrado, no curso de Pós-Graduação na UNESP de Rio Claro, em 1996, logo após a minha aposentadoria como professora da rede estadual de ensino, tendo como orientador o Prof. Dr. Sérgio Nobre que era coordenador do Programa à época. Desde o início tinha muito claro o projeto de pesquisa que eu queria desenvolver, ou seja, eu queria trabalhar com a História Oral referenciando um grupo de professores junto à Baixada Santista que eram vinculados às escolas das redes de ensino particular e oficial.

Foi muito fácil contatá-los porque alguns deles haviam sido meus professores, tanto no colegial como na Faculdade, em Santos. Eles me conheciam o suficiente, tanto que nem se preocuparam em conceder a carta de cessão, por ocasião da conferência e legitimação de suas entrevistas. Hoje, posso afirmar que se sentiram felizes por terem sido lembrados. Tratei de cursar rapidamente as disciplinas para que sobrasse mais tempo para a pesquisa. Quando as entrevistas estavam prontas, ou seja, a etapa de conferência e legitimação já havia ocorrido, surgiu um acidente de percurso: o meu orientador pediu que eu mudasse o meu projeto porque ele não acreditava em História Oral.

Eu não queria acreditar! Respondi de pronto: mudo você, mas, o meu projeto não! Admito que fui petulante! Arrisquei tudo porque naquele momento duas coisas pesavam muito forte: primeiro, o compromisso que eu havia assumido com os meus entrevistados, a expectativa que eu havia alimentado prometendo dar-lhes o retorno do meu trabalho e, em segundo lugar, refere-se ao meu envolvimento na construção dos documentos. Ele poderia ter me avisado antes que ele não acreditava em História Oral (aliás, é um direito que ele tinha), mas Serginho (era assim que todos o chamavam) em momento algum questionou esse fato. Na seqüência, o que aconteceu? Eu já havia sido aluna do Vicente – ele substituiu a professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo na cadeira de Filosofia, porque ela estava em São Paulo, como (pró)reitora de graduação – e fizemos muita amizade nessa ocasião. Quando o encontrei já tinha acontecido todo esse *affaire* com o Serginho. Encontramo-nos no dia da defesa de dissertação de mestrado de Romélia Souto, que era nossa colega de turma. Ele fazia parte da banca e aí me perguntou: "Como é que vai a pesquisa?" ao que respondi: "Ah Vicente, eu preciso conversar com você", "Ah, tudo bem, vamos conversar". Acrescentei: "mas é uma conversa séria!" [risos]. Ele não imaginava o patamar de ansiedade em que eu me encontrava. Romélia era e é atualmente, no doutorado, orientanda do Serginho, e quando ele deu início aos trabalhos, para minha felicidade, anunciou o credenciamento do Vicente no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio

Claro. Respirei fundo e pensei, otimistamente, que estaria começando a aparecer uma luz no fim do túnel.

Aí eu fui muito mais confiante conversar com o Vicente. Após a defesa, pedi a ele que lesse o meu projeto e as entrevistas que já estavam prontas. Ele foi de uma boa vontade incrível. Lembro-me que ele falou: "Manda para Bauru!" e eu rapidamente respondi que iria para casa imprimir o que eu já havia terminado e que entregaria a ele à tarde, uma vez que ele iria dar aula na Pós-Graduação. Assim, ele levou todo o material para Bauru e eu fiquei aqui em Rio Claro torcendo por mim, não é? [risos]

Enquanto aguardava uma nova conversa com Vicente não descartei a possibilidade de ir bater à porta de outra universidade! Pensei na UNICAMP. Contar o que eu estava fazendo... Procurar alguém que gostasse do que eu me propunha fazer e que aceitasse trabalhar comigo.

Mas não foi necessário porque o Vicente gostou muito do que estava sendo feito. Primeiro cativei-o, [risos], ou melhor, tive a sorte de ele se deixar cativar pelo meu projeto, para depois poder expor o impasse em que me encontrava. Fui conversar com Serginho e marcamos uma reunião com o Vicente para acertar a minha situação. Caso ele não aceitasse ser meu orientador eu iria, sem sombra de dúvidas, embora do Programa, mas o melhor aconteceu: Vicente. Admito que fiquei um bom tempo ressentida com o meu antigo orientador. Só consegui superar quando finalizei a pesquisa.

Foi muito boa essa nova fase. Houve muita troca! Vicente é um leitor atento e fazia as devidas cobranças nas horas certas. Aquilo que ele não entendia, pedia para que eu aprofundasse ... e, dessa forma, eu acho que houve um enriquecimento considerável em função desses questionamentos que ele me fazia, além da indicação de outras leituras.

Seu primeiro contato com a História Oral, segundo ele próprio, foi com o meu trabalho. Então foi algo assim... foi um encontro das coisas que ele gostaria de fazer com o que eu me propunha trabalhar. Precisávamos um do outro. [riso] E foi muito bom para mim, porque pouco a pouco resgatei a minha auto-estima. Eu vi que tinha uma pessoa que acreditava naquilo que eu estava fazendo e, conseqüentemente, isso repercutia em uma maior dedicação ao trabalho. E aí foi muito interessante porque ele ia para os Estados Unidos e eu fiquei desesperada para defender antes que ele fosse embora! Eu tinha que me garantir de alguma forma com ele, não é? Ele era a minha tábua de salvação aqui no programa! Defendi no dia primeiro de fevereiro de 1999. Participaram da minha banca os professores Ubiratan D'Ambrósio e Antonio Miguel da UNICAMP.

Foi muito gozado porque o Antonio Miguel no dia da defesa falou para mim: "Gilda, eu gostaria que você fizesse parte do meu grupo de pesquisa lá na UNICAMP" e eu te confesso que não estava acreditando porque naquela hora é tanta coisa... Eu só pensava: Nossa! Consegui! Não acredito! [risos] Você só vai ter noção mesmo depois que tudo passa. Quando cheguei em casa, até comentei: Parece que Antonio Miguel me convidou... mas... será que ele me convidou mesmo ou será que eu entendi errado! Antonio Carlos (o Carrera) respondeu-me assim: "Ah Gilda, você estava tão no ar que eu acho que você deve ter entendido alguma coisa errada!". É... Deixei quieto! Quando chegou o final de fevereiro, tocou o telefone e o Miguel renovou o convite: "Gilda, o nosso grupo vai começar amanhã e eu quero você aqui na UNICAMP", e eu respondi: "Então é verdade que você me convidou?" [risos]. Ele repetiu "Mas eu convidei você!" e eu: "... pois é, eu fiquei na dúvida se era convite... se não era... é... eu estava aguardando, mas não contava que o convite fosse para valer!"

Passei a fazer parte de um dos grupos de pesquisa do CEMPEM. Existem dois grupos o PRAPEM e o HIFEM e eu sou do grupo do HIFEM que é o grupo de História e Filosofia da Educação Matemática. Lá chegando encontrei, fazendo parte do grupo, o Carlos Vianna que na ocasião era orientando do Antonio Miguel pela USP. Vianna já estava na fase final do seu trabalho e às vezes nós nos encontrávamos lá no grupo da UNICAMP, coordenado pelo Antonio Miguel e Ângela.

Bom, e aí aconteceu... eu confesso para você que naquele momento eu não tinha nem um pouco claro que eu fosse fazer um doutorado. Eu estava querendo me dar um tempo! Nisso eu descobri que uma disciplina ia ser oferecida com uma professora que estava chegando da França. Ela é da PUC de São Paulo, a professora Salma Tannus Muchail. Especialista em Foucault. Pensei assim: eu vou aproveitar que já estou na UNICAMP e vou ver se posso fazer a disciplina dela. Descobri que na Faculdade de Educação eles não aceitam aluno especial a não ser que já esteja credenciado a um Programa. A opção que me restou foi a de pedir autorização para a professora e fazer a sua disciplina como ouvinte! Pelo menos eu já ia educando meus tímpanos!

A professora foi de uma gentileza única. Além de deixar freqüentar o curso foi a pessoa que mais incentivou para que eu fizesse o doutorado. Pediu para ver a minha dissertação de mestrado, deu sugestões de aprimoramento. Tenho até hoje os rascunhos. Tenho muito carinho por ela. Aí, Salma começou a me cobrar o projeto de doutorado. Eu falava assim: Não Salma, acho que não vou fazer! "Como não vai, você vai!" Sugeriu-me que pensasse em algo que gostaria de fazer... E agora José? Eu não havia pensado em doutorado! Para fazer o doutorado vou precisar pensar no que eu gostaria de trabalhar! Bem assim, sabe, Luzia, porque eu acho que em um trabalho de pesquisa tem que haver uma cumplicidade do pesquisador com a pesquisa que ele se propõe a fazer, porque a gente enfrenta tantas dificuldades! Peguei a minha dissertação de mestrado e fui olhar coisas que gostaria de ter aberto mais um pouco e foi aí, olhando para a dissertação de mestrado, que resolvi trabalhar com a CENP. Prestei a seleção para doutorado na UNICAMP e o Antonio Miguel aceitou o desafio de ser meu orientador. Estou com ele até hoje trabalhando dentro da mesma linha de pesquisa. Para mim, é quase que mágico construir um documento junto com outra pessoa. Acho esse um trabalho muito gratificante, embora tenha toda a parte braçal da transcrição, o ir, o vir, o ajuste, mas em compensação, na hora que você se depara com o documento pronto, autorizado, é fantástico!

Comecei a trabalhar com a História Oral no mestrado conversando com um professor de História do Departamento de Educação, o professor Jorge Mialhe. Encontrei-o no Departamento e após uma longa conversa manifestei a minha vontade de trabalhar com esse tema. Não tinha nenhuma referência bibliográfica. Foi quando o professor Jorge indicou-me o **Manual de História Oral**, escrito pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, e, a seguir, **(Re) introduzindo História Oral no Brasil**, organizado pelo mesmo autor. Este último levou-me a outros textos e autores. Ganhei de presente **Memória e Sociedade** lembranças de Eclea Bosi (fiquei apaixonada pela Ecléa). Resolvi que era isso que eu queria fazer! [risos]

Quando fui falar com aquele professor de História, eu já tinha ouvido falar em História Oral só que não sabia nada com relação a procedimentos. Não tinha a mínima noção de como me deslocar nessa área. Fui atrás de um historiador, que por sinal também trabalha com documentos. O Jorge apóia integralmente esse tipo de pesquisa e ficou muito contente pelo fato de eu ser professora de Matemática e resolver trabalhar com a História e mais precisamente com a História Oral. Disse-me assim: "Dentro da minha área de historiadores a rejeição é tão grande! (Acho interessante essa colocação feita por ele) As pessoas colocam muitos obstáculos". É o problema da credibilidade do

documento... Aquela formação mais ... positivista que impede que se dê crédito à questão da memória.

Mas em **Memória e Sociedade** Eclea não acena com a possibilidade de trabalhar com a História Oral. Ela, em momento algum, fala em nisso, mas eu pensei: juntando um com o outro eu acho que vai dar certo! Voltei ao Departamento de Educação para conversar com o Jorge outra vez. Contei-lhe que estava lendo um livro fantástico e ele me indicou **Usos e Abusos da História Oral**. A bibliografia destes autores levaram-me a outros. Como pretendia trabalhar Cotidiano, Memória e História descobri não só a Agnes Heller como os historiadores da École de Annales. Lendo **Memória e História** de Jacques Le Goff e **História e Nova História** de Philippe Ariès, G. Duby e Jacques Le Goff. Acabei comprando a coleção de História da vida privada de Philippe Áries.

Naquela época eu tinha duas opções para trabalhar com a História Oral, mas eu me lembrei desse grupo de professores e resolvi começar com eles. E foi assim vamos dizer... a minha iniciação no campo de pesquisa e precisamente com a História Oral.

Eu já tinha parado de estudar há muitos anos, porque eu me formei muito jovem e comecei a trabalhar até mesmo antes de me formar. Casei, tive duas filhas, criei-as e passei a ter outras prioridades. Quando me mudei para Rio Claro, a Pós Graduação já existia e, costumo dizer, no quintal da minha casa, porque eu moro aqui no bairro, e enquanto ainda trabalhava, passei a ir a alguns congressos de Educação Matemática. Essa efervescência de congresso contamina a gente e eu comecei a namorar a Pós Graduação a partir desse momento.

Dei-me conta de que já estava até sobrando tempo para eu me aposentar. Optei pela aposentadoria não pedindo afastamento. Encerrei uma etapa de trabalho propondo-me a começar outra. Assim que saiu a minha aposentadoria ─ muito rápido, diga-se de passagem, em uma semana ela foi publicada em Diário Oficial ─ arrisquei a seleção na Pós! Foi interessante! Conversando com o professor Sérgio Nobre ele se mostrou muito aberto e interessado pelo meu projeto, tanto que aceitou ser meu orientador. Bom, ele é um historiador, não é? Depois, na convivência, percebia que ele tinha uma visão mais positivista da História e aí... realmente nós não conseguimos trabalhar. Não havia as mínimas condições de continuar trabalhando com o professor Sergio Nobre principalmente com esse projeto.

No meu trabalho, já que me propus a fazer um doutorado, tenho a obrigação, e isso eu me impus: que é a de avançar! Não sei se eu vou dar conta do recado. [risos] Estou torcendo por mim!

Estou trabalhando com a História Oral e a Antropologia. Eu vejo, por exemplo, uma semelhança muito grande das táticas de campo da História Oral e dos procedimentos de pesquisas etnográficas, constituídos no terreno da Antropologia, ou seja, com as práticas de campo do antropólogo! Então é difícil convencer algumas pessoas. Ontem tive uma sessão de orientação com o Miguel, pois havia mandado um texto e ficamos discutindo um pouco essa proximidade. Ele está apoiando integralmente a minha pesquisa. Isso já é um fator bastante positivo! Mas existem algumas resistências a enfrentar.

Hoje, eu vejo a História Oral como uma passagem, como habitante de uma fronteira epistemológica que margeia os terrenos da História e da Antropologia. É o que estou querendo trabalhar. Não sei se estou criando mais uma fronteira. Ainda não tenho muito claro isso. Essa região de fronteiras é muito polêmica. O historiador defende uma posição, o antropólogo defende outra. Eu vejo assim: uma briga de egos muito grande entre historiadores e antropólogos e fui me meter nesse fogo cruzado. Há antropólogos que afirmam: "no caso das fronteiras entre disciplinas, não se inventou ainda o melhor

juiz nem há como inventar" (Schwarcz, 2000). Em **O beijo de Lamourette** (1990) Robert Darnton afirma que as práticas de fronteira podem ser delimitadas por "relações de boa vizinhança". Geertz sugere que a prática de fronteiras, ou seja, a junção da História com a Antropologia, não consiste em fazer a fusão desses dois campos científicos transformando-os em algo novo: num 'isto' ou num 'aquilo' "mas sim em redefini-los em termos um do outro administrando suas relações dentro dos limites de um estudo particular: as táticas textuais" (Geertz,2001,p.119).

Então, a forma como vejo a História Oral agora, no meu trabalho de doutorado, é diferente daquela do mestrado.

Por ocasião do mestrado, como o meu trabalho era o primeiro, não tinha referências e também não havia tido muito tempo para aprofundar determinadas reflexões. Hoje eu pego o meu trabalho de mestrado e vejo que mudei algumas posições. Não sei se para melhor, se para pior! Mas que são diferentes, com certeza, elas são.

Alguns termos que eu usei no trabalho de mestrado, como textualização, não possui mais o mesmo sentido. À época, baseei-me num artigo, **Lapidando a fala bruta**, e vi a possibilidade de se limpar o texto, de tornar o texto mais legível, mais palatável - vamos assim dizer – na hora de ler, uma vez que o código oral e o escrito são diferentes. Isso atrapalhava bastante a leitura, então eu achava que aquelas histórias eram muito ricas em informação e eu me sentia construindo um documento. Não queria relegar as entrevistas ao plano de anexo, porque eu via posturas de determinados professores em banca considerando: "Ah, isso é anexo!", quer dizer, não davam a mínima importância e eu então decidi que os meus depoentes não seriam relegados ao último plano! Eles vão se constituir num capítulo de tese! quer dizer, quem for da banca vai ter que ler a história deles para criticar, para fazer o que quiser, mas eles vão ter uma relevância. Esclareça-se que isso não aconteceu comigo. Mesmo porque são pessoas, uma delas já faleceu, que tiveram toda uma história como educadores matemáticos e que vão continuar sendo os meus colaboradores agora no meu doutorado. Um deles é o professor Almerindo Marques Bastos. Eu o entrevistei de novo, mas com um outro olhar, diferente do mestrado, pelo fato dele ter trabalhado na CENP.

Naquela época eu estava mais preocupada com a questão da formação de professores. A gente não polemizava muito isso. Então, ao ler o artigo do Gattaz, supra citado, conversei com o Vicente e falei: "Vicente, colocar na forma de pergunta e resposta deixa a leitura cansativa (Que interessante! Agora penso e ajo diferentemente.). Estou fazendo a minha tese exatamente usando as entrevistas na forma dialógica. Que tal se fizermos um texto!" (como se a entrevista já não fosse um texto). Vicente, muito aberto, sempre me apoiando, falou: "Faz um teste com uma entrevista e depois me manda"!. Na hora em que fui fazer, eu peguei a entrevista mais curta, fiz só uma (um entrevistado tinha me dado oito horas de gravação). Vou testar com a pequena! ... se não der certo ... [risos] é ali mesmo que eu paro. Eu fiz a textualização do meu jeito e o Vicente acenou positivo, ele falou: "Realmente você tem razão! Fica muito melhor de se ler."

Parti para a empreitada de inserir as perguntas nas respostas, retirar as repetições da oralidade, fazer todo esse trabalho de texto. Hoje, essa questão está clara para mim porque embora o diálogo seja condição da linguagem e do discurso, podemos trabalhar com textos polifônicos e monofônicos. No primeiro caso, as vozes se expõem; no segundo, o dos monofônicos, elas se configuram sob a forma de uma única voz, ou seja, mascara-se o diálogo. Tanto um como outro decorrem de procedimentos discursivos, que se utilizam textos, por definição, dialógicos. Só agora é que consegui aprender isso!

Esse termo textualização, para mim, hoje, não tem mais a conotação que tinha no mestrado! Hoje eu considero que qualquer anotação escrita constitui-se em uma fabricação textual. Então, se eu fizer uma transcrição literal, com toda a oralidade, eu tenho uma textualização daquela entrevista. Não é o caso, por exemplo, da transcriação. Essa é algo que ... eu não achava que estivesse fazendo. Quem transcria é Haroldo de Campos. Ele desmantela o texto, ele reconstrói. Eu não faço isso! Não sei fazê-lo. Algumas posições teóricas mudaram muito. Admito que essas mudanças se devem ao fato de que hoje tenho condições de discutir melhor porque tenho mais leituras, porque houve um tempo de amadurecimento maior... Pode ser que haja pessoas que não concordem comigo, mas hoje enfrento com mais tranqüilidade determinadas posições teóricas. Considero isso importante.

Quando o Carlos Vianna fala, da possibilidade de se considerar História Oral disciplina, eu não consigo entender porque fico me perguntando: O que considero disciplina? Quando eu olho para a História, Geografia, Português, Matemática, penso sempre em conteúdos. Já é praxe você associar à palavra disciplina o termo conteúdo. Aí transfiro essa associação que faço para a História Oral e me pergunto: Qual seria o conteúdo da História Oral, sendo que a gente tem uma gama de trabalhos que envolvem uma diversidade de temas tão grande? Talvez seja minha limitação em entender o que seja disciplina? Acho que isso muito polêmico!

No livro **Desafios da História Oral para o século XXI**, o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, em seu artigo, acena com a possibilidade de a História Oral vir a ser considerada disciplina. Não sei. Particularmente, discordo. Sei que não estou sozinha, porque muitos teóricos (historiadores, lingüistas e antropólogos) também defendem posições contrárias às de Sebe.

Fiz a disciplina da Olga Von Simson na UNICAMP. Foi muito bom tê-la conhecido e principalmente ter tido a oportunidade de discutir um pouco mais História Oral. Aprendi muito. A professora Olga define História Oral como metodologia. Na época não parei muito para pensar nisso: se é metodologia realmente. E agora, escrevendo para o exame de qualificação do doutorado, mandei para o Miguel. E o Miguel nunca questionou em banca do grupo de História Oral o fato de ser método, metodologia, nunca! Mas aí eu estou numa posição diferente, a de orientanda. Na hora em que escrevi "metodologia" ele riscou e substituiu por "método". Precisamos conversar a respeito de a História Oral ser definida como método ou metodologia. Depois da qualificação até tentei. Enviei um e-mail para o Vicente e apontei para o fato da necessidade de uma melhor discussão.

Metodologia é o estudo do método. Esse termo surgiu na Filosofia e que pode designar entre outros, como conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências. Concordei com Miguel. Método é mais abrangente, então coloquei método no meu exame de qualificação. Não deu outra! O Carlos fez um círculo e colocou metodologia... [risos] ... Vicente fez o mesmo. Já disse ao Carlos que precisamos sentar e conversar. Porque Carlos e Vicente deverão participar da minha banca na hora de defender a tese.

Não sei se você lembra que, em Bauru, eu provoquei aquela mesa constituída por dois cientistas sociais e uma historiadora? Eu fiz a pergunta de propósito porque eu queria polemizar! Fiquei frustrada, porque a discussão não avançou. Era a hora de o grupo começar a participar e aproveitar a oportunidade para poder avançar. Lembro-me de que a historiadora respondeu: "Desde que você justifique como você está considerando...". Fiquei frustrada!

No que diz respeito à visão que tenho de história, às concepções, eu acho que ... o grupo que fundou a École de Annalles deu um salto qualitativo. A inserção de novas

temáticas como o medo, a loucura, a feminilidade assim como a apreensão do simbólico por parte do historiador, tem sido pontos fundamentais nesse novo saber e fazer históricos. Esses novos temas têm sido objetos de estudo desse novo historiador, o que, na perspectiva da história tradicional, era praticamente impensável. Dialogar com outras áreas não implica perda de identidade ou domínio científico, mas tão somente utiliza-se a disciplina vizinha para resolver questões de percurso de pesquisa quando os métodos da História não possuem paradigmas. Há pessoas que são mais radicais e que se cristalizam. E eu acho que quando a gente se cristaliza para qualquer coisa na vida, é uma perda! Não só na nossa concepção de História, mas na nossa concepção de mundo, de valores. Temos que mudar. Por isso eu acho que é muito bom ficar perto de jovens! Eles quebram todas as estruturas da gente. Eles desmoronam todos os paradigmas! E acredito que ganhamos muito pertencendo a um grupo. Lá é o local de discussão. Quando somos questionados temos de procurar chegar a um consenso porque nada é fixo. Tudo é transitório na vida da gente. É assim que eu vejo!

Você sabe que estava falando para a minha filha outro dia uma coisa: o que eu tive de pior na minha vida foi professor de História! Antes de me tornar professora de Matemática –na minha época, a escola tinha uma outra grade curricular – tínhamos o curso primário e o ginásio – atual Ensino Fundamental –no segundo grau, três opções: o curso normal que correspondia ao magistério nas séries iniciais, científico e clássico – Ensino Médio – Eu sou desse tempo! Não! O meu tempo é hoje! Na época, cursei científico para medicina. Eu não pensava em lecionar. Hoje eu não consigo imaginar que médica eu teria sido ou que professora fui. Tem as pessoas aí para contar.

No antigo ginásio, eu tinha um professor de História horroroso, ele tinha curso do CADES... (não entenda como discriminação do curso CADES). Eu estudava no Colégio Estadual Canadá, em Santos, que era a escola considerada de qualidade na época. Hoje, essa qualidade é plenamente discutível porque era uma escola elitista, culturalmente falando, e muitas vezes os professores pecavam pelo excesso de cobrança. No meu caso, eu tinha que me manter mesmo lá porque eu não tinha dinheiro para pagar escola particular. Era um verdadeiro desafio conseguir ser aprovada. A legislação que vigorava permitia que o aluno fosse reprovado uma única vez porque na segunda reprovação ele seria jubilado. Voltando ao professor de História, ele era o contra exemplo do que é ser professor. Não relacionava fatos históricos, não contextualizava nada. Tudo tinha que ser decorado: datas, nomes etc! Depois, no segundo grau, cursei o científico, que só estudava a parte de exatas, e acabei enveredando primeiramente para o curso de Ciências na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santos, que hoje integra a Universidade Católica de Santos. Somente um ano depois de formada em Ciências é que abriu o curso de Matemática em Santos, na mesma faculdade. Como o número de candidatos era muito maior que o número de vagas, eu prestei novo vestibular e fiz o curso de Matemática. Então, no segundo grau, por exemplo, eu não tive essa parte de humanas!

Mas eu sempre gostei muito da área de humanas. Então, por conta própria, lia livros de História, de literatura como Saramago, poesias de Vinicius de Moraes, Fernando Pessoa. Sou apaixonada pelo Fernando Pessoa. Minhas leituras foram sempre muito diversificadas. Então, quando me chegaram às mãos os primeiros livros de Philippe Ariès e Jacques Le Goff, por exemplo, vislumbrei com a inserção de novas temáticas, ou seja, com um novo saber e fazer históricos. Por intermédio de suas bibliografias conheci outros historiadores e aí esse novo universo passou a fazer parte do meu cotidiano. Então você vai começando a localizar as pessoas no tempo e no espaço e as diferentes formas de abordar a nossa chamada História.

Esse particular interesse foi mais uma coisa que busquei por gostar, independentemente de ter dado aula só de Matemática. Lá em casa predomina essa diversidade de leituras. Então essa busca foi mais uma necessidade interna de resgatar, vamos assim dizer, algumas carências que eu tive na escola e que eu procurei suprir pelo autodidatismo.

Se você me entrevistasse há dez anos, eu estaria em sala de aula (vão fazer nove anos que eu me aposentei) lecionando Matemática. E se falasse para mim num mestrado, num doutorado em Educação Matemática, trabalhando com a História, com a memória, com o cotidiano e me intrometendo, me arriscando em outras vias, em outras áreas como as de humanas... Eu, quando me olho hoje, penso: não sei ... foi bom porque eu não parei, mas eu nunca imaginei. Mestrado e doutorado realmente não faziam parte do meu projeto de vida. Eles foram acontecendo. Não foi uma coisa que eu fui buscar! A oportunidade veio e eu aproveitei. Aconteceu. Mas nada planejado! Nada!

Hoje, a visão que eu tenho do grupo tem muito a ver com a coordenação. O Vicente eu vejo como um líder, uma pessoa aberta a qualquer diálogo. Nunca vi o Vicente bravo! Se ele ficou bravo, alguma vez, passou despercebido. Ele permite essa liberdade e as pessoas que se agregam também sentem necessidade de transparência. É tão bom ser transparente, não é? Já é tão duro levar a vida! Se as pessoas com as quais convivemos não forem confiáveis fica difícil. Armadilhas e estrelismos desmantelam qualquer grupo. Considero que as pessoas aproximam-se e constituem um grupo pelas semelhanças. É muito difícil você trabalhar a diferença. E nós temos muitas coisas em comum: uma área de pesquisa, facilidade em conversar, tirar dúvidas com colegas, com o orientador ou o coordenador do grupo de forma natural, sem se sentir inferior. Por mais simples que seja a pergunta, por mais óbvia que seja a resposta, ela pode ser óbvia para o outro, para mim não! É muito tranqüilo tirar dúvidas, até via e-mail, porque aquele que tiver mais disponibilidade ou souber responder, socorre! Em suma, liberdade para agir e pensar. Nosso grupo caminha, não dá saltos! É assim que eu o vejo. Agora, no trabalho solitário, você se fragiliza.

Voltando àquela discussão acerca de sermos ou não historiadores pelo trabalho que fazemos, eu acho que o ato de contar histórias é inerente ao ser humano. Todo mundo conta histórias. Contar e ouvir histórias consiste em uma forma natural de organizar nossa experiência e esta, ao não fixar saberes, remete-nos para inúmeras formas de proceder.

Para sermos historiadores, dentro dos moldes determinados pela academia, sujeitamo-nos a ter que respeitar determinados códigos culturais instituídos por ela para que haja reconhecimento. A academia institui regras porque ela também é submetida a regras. Um exemplo banal de enquadramento são as normas da ABNT: só posso fazer citação dessa forma. Então, eu falo que a gente vai sofrendo enquadramentos e dentro desses enquadramentos você se desloca. Assim, quando você atinge todos esses itens, esses pré-requisitos acadêmicos, aí você pode até ser considerada um historiador!

Benjamin afirma que as histórias precisam ser guardadas e que: *perde-se porque ninguém mais fia ou tece enquanto escuta as narrativas.* O contador de histórias transmite um saber que seus interlocutores podem receber com proveito. Desvencilhando-nos dos enquadramentos acadêmicos e levando em consideração a visão benjaminiana, todos nós somos por natureza historiadores, não é? Aliás, Benjamin tem um texto, ***O narrador***, não sei se você já teve a oportunidade de ler. Ele é primoroso! Eu o tenho. Se você quiser posso disponibilizá-lo. Porque um professor de Matemática não pode ser um historiador? O que me impede?

Quando realizo uma entrevista e a pessoa conta a sua história, tenho um documento. No doutorado, entrevistei uma coordenadora da CENP que é historiadora. É

a Profª Drª Maria de Lourdes Mariotto Haidar. Entrei em contato com ela por telefone assim ... tremendo de medo. Ela nem imaginava como é que eu estava do lado de cá da linha. [riso]. Descrevi rapidamente meu projeto de pesquisa e ela agendou, sem nenhum problema, a entrevista. Ela, além de coordenadora da CENP, foi secretária geral da UNESP. Aliás, foi ela quem montou o projeto de criação da UNESP. Foi de uma receptividade muito grande! Ela falou para mim: "Não precisa me explicar porque sei que eu também sou história". Nossa! Partindo de uma historiadora achei fantástico! Tranqüilizou-me na hora! Passou a contar sua história de vida e o seu cotidiano como coordenadora da instituição, como foi parar lá, como via e gerenciava a instituição. Isso é história! Eu não tenho nenhuma dúvida. Transcrevi literalmente a entrevista. Remeti. Ela alterou. Acrescentou informações importantes. Retirou conversas informais. Foi fantástico o seu envolvimento com o texto. Solicitava que eu alterasse minha fala face às novas informações. Abria brechas para que eu fizesse novas perguntas e aí mandava a entrevista de volta e foi nesse ir e vir que nós construímos o documento. Eu não tenho a menor dúvida de que com todas as pessoas com quem trabalhei e com quem o nosso grupo trabalha, construímos documentos orais. Tecemos e fiamos segundo Benjamin.

Dos trabalhos relacionados à História Oral, têm a dissertação de mestrado, um texto que escrevi com o Antonio Carlos (Carrera) que foi disponibilizado no *site* do GHOEM e o trabalho de doutorado que já passou pela qualificação. Falta a defesa deste. Agora, quanto à questão de identificar se uma pesquisa envolve ou não a utilização da História Oral, é muito relativo. Não existe regra que determine a sua utilização. A fonte oral depende do projeto que o pesquisador quer desenvolver. No meu caso, em particular, tinha muito claro a necessidade da utilização da História Oral. Tinha em mente trabalhar diferentemente do mestrado, porque mudei o foco da minha pesquisa. A minha aldeia pertencia a uma instituição. Era um órgão da Secretaria de Educação dentro de um mapa hierárquico enorme. Na época em que fiz o meu trabalho de campo, se você me perguntasse como é que eu iria utilizar as entrevistas, eu não saberia dizer. A inserção da Antropologia veio muito depois da realização das entrevistas. Precisei de muitas leituras para amadurecer a continuidade e a aplicação das fontes documentais construídas. Eu já tinha lido muitas coisas, como por exemplo:vários textos do Weber, do Benjamin, Maurício Tragtenberg: ***Ideologia e Burocracia***, etc. Depois de toda essa leitura, conversando com minha filha, sugeriu-me ela que eu consultasse o site da FFLCH da USP. Fizemos a pesquisa no site juntas. Consultando a página dos cursos da antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, que continha sua bibliografia, constava Geertz, um antropólogo que trabalha com a interpretação densa. Foi por intermédio desse site que conheci também o historiador Robert Darnton. De Geertz li várias obras e artigos, mas na tese trabalho somente com ***A interpretação das culturas, Obras e Vidas: O antropólogo como autor, O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa.***

Conversei com o Miguel sobre as minhas leituras e ele sugeriu que fizesse um texto e enviasse a ele. Ele gostou e procedeu de forma semelhante ao Vicente. Confesso que patinei bastante. Miguel sempre me apoiando e ajudando a levantar das minhas quedas.

É muito difícil indicar um referencial teórico quando se trabalha com História Oral, porque ela é muito ampla! As idéias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; ... elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo (Geertz, 1989, p.37). Quanto às discussões que se faz acerca da cientificidade da História Oral e da História, respondo honestamente: é uma briga de egos violenta. Estava lendo um artigo do Geertz em que ele fala: "A ciência Antropologia com relação

à disciplina história...". Eu falei: "Espera aí!". Que é isso? Não é por aí. Enquanto a preocupação for demarcar territórios não avançaremos.

Nós, que nos intitulamos historiadores orais, precisamos tomar cuidado em não aceitar provocações descabidas. É o que mais existe por aí! Temos que reconhecer nossas limitações e procurar avançar! Nos trabalhos que desenvolvo tudo é importante: pessoas, conversas informais, leituras, humildade para reconhecer minhas limitações, orgulho por enfrentar desafios etc.

Pensando nas possíveis contribuições trazidas pela História Oral à Educação Matemática ... parto do princípio de que ninguém dá voz a ninguém. As pessoas já nascem com voz! Dá-se a oportunidade para as pessoas contarem suas histórias. Não se dá voz. Acredito que carecemos, sim, escrever essa história da Educação Matemática que se processa ao longo do tempo envolvendo a formação de professores, diferentes tipos de escolas, práticas de sala de aula, que precisam ser... contadas, para que a gente possa aproveitar. Não é porque é velho que não tem mais valor! Acho que o mal da Educação é esse, nada tem continuidade, há sempre interrupções abruptas e isso é muito ruim! Penso que a pesquisa em História Oral e Educação Matemática têm por tarefa dar visibilidade a essas possibilidades esquecidas, numa luta para tirar do silêncio um passado que a historiografia ainda não conta. Embora as pessoas do nosso grupo trabalhem de diferentes formas, com diferentes pessoas, focando diferentes alvos, é interessante reparar como há pessoas que são citadas e (re)citadas. Essas foram pessoas que influenciaram com competência e liderança e que só a partir de um trabalho como o nosso tornam-se conhecidas. Daqui a pouco essa pessoa morre e nós perdemos sua história. São pessoas que praticaram lugares e criaram seus espaços nas palavras de Certeau.

Já a questão da análise é polêmica. Há quem a defenda, como há os que são contrários a ela. Particularmente, defendo se faça uma análise. E o que eu entendo por análise? É minha leitura sobre o que me propus pesquisar. Então, eu tenho uma série de depoimentos, eu vou tentar trabalhar com todos eles e eles vão me esclarecer coisas nas quais eu não tinha pensado. Às vezes, coisas que são tão evidentes a gente, só na hora em que se depara com um documento oral, constata. Entendo a análise como uma interpretação que dou à leitura que faço. É altamente contestável fazer essa opção, porque ela é ***uma*** e não ***a*** interpretação. Essa consciência é clara para mim. Outra pessoa poderia usar os mesmos depoimentos com os quais estou trabalhando e olhá-los de outra forma! Uma leitura não invalida a outra. Daí a riqueza que existe nas diferentes formas de se olhar para o mesmo objeto.

Com relação a possibilitar outras pessoas de utilizar esses documentos, isso envolve uma discussão sobre a disponibilidade dos documentos orais criados. E isso aí, eu acho que nós, enquanto grupo, precisamos sentar e conversar a respeito. Veja bem, nós precisamos de uma carta de cessão para que possamos nos utilizar da fala do outro. Nós não podemos evitar essa forma. Se você começa a usar sem a autorização da pessoa e sem que a pessoa nem sequer tenha visto o que foi transcrito é complicado! Precisamos nos ater à questão ética.

O segundo SIPEM foi em Santos e eu já havia, por ocasião da minha pesquisa de doutorado, entrevistado o professor Almerindo Marques Bastos. Ele é santista, trabalhou na CENP e a Célia Maria Carolino Pires, presidente da SBEM queria aproveitar o evento para fazer uma homenagem ao Almerindo. Eu e Célia já havíamos nos reencontrado por ocasião da minha pesquisa. Eu procurei-a. Ela pertenceu à equipe de Matemática da CENP. Falo em reencontro porque fomos contemporâneas de Faculdade lá em Santos. A vida promove esses reencontros! Pouco tempo depois da realização de sua entrevista, Célia telefonou para minha casa pedindo que eu aprontasse

um discurso porque ela queria, em nome da SBEM, homenagear o Almerindo. Impus a condição de confeccionar um vídeo. Produzir esse vídeo foi uma experiência e tanto. Tive a preocupação de respeitar as censuras impostas pelo depoente. Assisti oito horas de gravação e resumi-as primeiro em uma hora, a seguir em meia hora e finalmente em dez minutos. Mas aqueles dez minutos, se você pegar o vídeo e pegar a minha dissertação, poderá ver que corresponde com o autorizado! Foi uma coisa gratificante ouvir do Almerindo: "Gilda, eu tinha certeza que eu não precisava dar a carta de cessão para você porque você foi ética o tempo todo comigo, inclusive com esse vídeo que você produziu". Isso é importante! Conheço e conheci pessoas que tiveram uma experiência desastrosa com entrevista. Há situações em que a pessoa, levada pela emoção, fala e depois quer voltar atrás, porque percebe que está se expondo desnecessariamente, não é verdade? Só para dar um exemplo, a doutora Maria de Lourdes de La Rosa Onuchic, que era minha companheira de quarto na época do congresso, contou-me que quando ela concedeu uma entrevista à pesquisadora não retornou, e que mais tarde quando ela foi pegar o trabalho constavam afirmações diferentes das que ela havia dito! Ela estava muito magoada com aquilo! Felizmente esse acontecimento não foi com ninguém que pertence ao nosso grupo. Temos que nos lembrar sempre de que a ética profissional repousa na ética pessoal e dela extrai sua força, como diria Geertz.

Eu perguntei uma vez para a Salma como é que é feito na França esse trabalho de disponibilizar um arquivo. Por exemplo, há entrevistas concedidas por Foucault que ela disse que podiam ser pesquisadas, mas que na transcrição literal eles colocam tarjas. Nós, enquanto grupo, estamos precisando urgentemente pensar num projeto de construção de um centro de memória para disponibilizar todo esse material produzido, porque nosso grupo tem um número grande de trabalhos na área. Você diz "Nós somos os únicos!" Que bom! Vicente, Carlos e Antonio Carlos têm orientado muita gente em doutorados e mestrados, com teses e dissertações com referenciais teóricos diferentes, enfrentando sempre novos desafios. Nosso grupo já tem um número significativo de trabalhos e isso é muito bom!

Luzia, quero agradecer a você pela oportunidade de poder participar de sua pesquisa! Estava falando, hoje quando saí de casa, para o Antonio Carlos: "É, inverteram-se os papéis!". Eu sempre entrevisto e hoje estou em posição contrária!

5.7) Entrevista realizada em 16 de dezembro de 2004.
Antonio Carlos Carrera de Souza

Eu sou o Antonio Carlos (ninguém me chama de Antonio Carlos), Antonio Carlos Carrera de Souza, eu sou aposentado da UNESP, trabalho no grupo de História Oral e Educação Matemática e trabalhava até recentemente na USC- Universidade do Sagrado Coração, mas eles desmontaram a equipe da pós-graduação em Educação, então não estou trabalhando mais lá. Estou me concentrando aqui na Educação da Unesp. Não na Educação Matemática, mas no Departamento de Educação, trabalhando com uma coisa com a qual eu trabalho desde setenta e alguma coisa, em Santos, que é a ligação entre a Matemática e a Biologia. Acho que é o que apresenta o Antonio Carlos.

A questão do primeiro contato com a história oral é uma coisa engraçada, porém, um tanto estranha e absurda! Lá em casa tem um terraço alto, em cima do que nós chamamos de escritório — que é um quartinho pequenino e abarrotado de computadores e livros. Não é essa organização aqui — no escritório da professora Gilda Lúcia Delgado de Souza[12], porque ela é organizada — lá é uma desorganização total!

Em 1995, estava muito preocupado com o fato de que a Gilda tinha se aposentado e eu não queria que ela ficasse cuidando da casa até o fim da vida, porque afinal de contas ela tinha 45 anos, não era para isso. Eu sabia que há muito tempo ela tinha pensado em fazer pós-graduação em Educação Matemática e nós começamos a conversar, num fim de tarde, tomando cerveja, comendo queijo e, então, essa conversa se prolongou por uns três sábados seguidos. Uma das coisas acerca do que falamos é o e do quê ela poderia pesquisar e estas conversas foram dar no trabalho de mestrado dela, que na época era, para nós, fazer uma entrevista com o pessoal de Santos que tinha uma influência muito grande na questão educacional de primeiro e segundo graus no Estado de São Paulo, em particular na Matemática, e que estas experiências iam acabar mofadas e esquecidas. Esta era a idéia nuclear de pesquisa, ou seja, de que essas pessoas pudessem falar um pouco sobre essa experiência. Conversamos com o Jorge, lá do meu Departamento, o Prof. Dr. Jorge Miahle que tinha sido aluno do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, ele colocou na nossa mão o **Manual de História Oral,** e disse: "Estou trabalhando com isso aqui, então dê uma lida". Aquilo foi lido na primeira noite.

A Gilda foi fazer o curso de Mestrado em Educação Matemática e, no primeiro ano, ocorreram leituras, muitas das quais indicadas pelo Jorge, quer dizer, foi ele o nosso introdutor no grupo de Annales. Ele é professor de história e está no Departamento de Educação com carga parcial, pois agora está coordenando um curso de pós-graduação na Unimep, na área de Direito, financeiramente compensou para ele. O Jorge é uma pessoa maravilhosa, trocávamos bibliografia e íamos discutir com ele. Da bibliografia que ele indicava, encontrávamos outras, até que achamos um clássico que juntava as preocupações de pesquisa, era o livro do Le Goff, **História e Memória**, publicado pela Unicamp.

Consumimos esse livro, a Gilda muito mais do que eu e, discutindo, lendo e estudando pontos que ela me indicava. Ao mesmo tempo tínhamos muita conversa (acasos: o Álvaro e eu torcemos pelo mesmo time de futebol, o Santos) com o Álvaro que esteve lá no encontro de Bauru e que também era do meu Departamento e já se aposentou. O Álvaro também é professor, doutor em história, e ele é formado na área de Ciências Sociais, trabalhava lá, no Departamento de Educação, com História da Educação. Ele me pôs, pela primeira vez na mão, isso em 1996, **O queijo e os vermes,**

[12] A professora citada é doutoranda e pesquisadora em Educação Matemática e História Oral, membro do GHOEM, e esposa do entrevistado. Ao longo desta textualização, como o entrevistado fez, utilizaremos somente o primeiro nome da professora.

do Carlo Ginzburg, acho que foi 1996, não tenho uma lembrança correta desta data. Aí foi aquela explosão, sai comprando, a Gilda também, livros do Ginzburg, lendo, discutindo, discutindo um pouco da Agnes Heller, autora de **Cotidiano e História**. Então, o nosso contato com a história oral foi meio que acidental, no sentido de que se a Gilda tivesse falado: "Não, eu quero fazer medicina." (que era um grande sonho da vida dela), não tinha acontecido nada e se não tivéssemos encontrado pessoas que dessem sustentação bibliográfica, historiadores mesmo, talvez tivesse morrido numa entrevista comum. Não que seja banal usar entrevista, mas que seria como os trabalhos comuns, triviais. Quer dizer, o primeiro contato meu, mesmo, foi nessa conversa com a Gilda para identificar aquilo que ela iria fazer após a aposentadoria, mas sem que soubéssemos o que era história oral, nem havíamos ouvido falar de história oral, ainda. Depois com os dois colegas do Departamento de Educação foi um contato meramente intelectual, não de pesquisa, nós ficamos vidrados com as possibilidades. Daí para frente é bibliografia da bibliografia e é descobrir questões relativas à memória no meio disso tudo, é descobrir como a memória é regida, enfim. Foi uma avalanche!

Esse primeiro contato foi se alargando e foi muito interessante porque as pessoas de Santos que foram entrevistadas, uma parte tinha sido professor da Gilda e uma outra professor ou colega meu. É o caso do Almerindo que não chegou a ser meu professor, por azar, mas que ficou sendo meu professor o resto da vida e é um "amigão" nosso. Quando da entrevista, do trabalho de campo, talvez nem tanto quanto hoje em dia.

Começamos pelo trabalho de campo, as entrevistas propriamente ditas, meio que à revelia, na época, do orientador da Gilda (não era o Prof. Dr. A.Vicente M. G., ainda). Começamos a fazer essas entrevistas, como um trabalho de campo de Antropologia ou Sociologia, completamente crus, do ponto de vista teórico, ainda. Aí, pergunta daqui, pergunta dali, conversa com um, conversa com o outro, o Álvaro já tinha trabalhado muito com história oral e falava: "Faça isso, faça aquilo", nós começamos a trabalhar por essas indicações e o campo nos seduziu. Poder conversar com as pessoas, buscar com que pessoas se lembrem e participar dos movimentos da memória do sujeito é muito bom.

Como era esse trabalho de campo? Só para você não pensar que era um trabalho de pesquisa extremamente conjunto. Era um trabalho em que a Gilda tinha o cuidado de ter feito as leituras de textos dos entrevistados, previamente. Montado um questionário para cada um. Ela sabia lidar com o gravador, mas com a filmadora não. Num comentário de corredor, o Jorge falou: "Se pudesse filmar seria muito bom. Porque guardar essas imagens também é guardar memória". Então fui a Santos, com ela, e ajudei na filmagem, de vez em quando entrava na conversa porque não dava para segurar, sabia de um detalhezinho que o colaborador estava escondendo então entrava na conversa, mas era pouca coisa.

Todo esse trabalho com os professores, a reação deles, da família e a vontade de mostrar fatos e lembranças pode ser entendida numa frase do Silvio Andrauss que foi entrevistado e que morreu recentemente, falou assim: "Poxa vida! Agora alguém vai saber a nossa história, porque nós íamos morrer sem deixar essa história de trabalho e de lutas que a gente teve com relação ao ensino da matemática.". Quando ele falou isso, acho que bateu a paixão em nós dois pela história oral. Isso foi definitivo. E está lá, no vídeo, o prof Silvio de cabelo branco, falando isso.

Quando da formação do grupo, de História Oral e Educação Matemática, o que houve foi uma confluência de fatores porque eu acredito muito em acaso e de fato o acaso funciona, pelo menos na minha cabeça. Dentro do que era prioritário para a Gilda trabalhar, havia uma abordagem de sociologia que envolvia a Agnes Heller e, nisto surge um primeiro embrião de grupo de estudo que era para detalhar a leitura da Agnes

Heller, já que nós dois íamos ler em conjunto, abrimos, via GPA, o Grupo de Pesquisa Ação em Educação Matemática, uma sessão aberta que a chamávamos de "leitura do **Cotidiano e História",** da Agnes Heller. Muitas pessoas se juntaram, mas não se falava em história oral porque não era o caso, o grupo se juntou por conta da leitura, o cotidiano estava em moda, então começou o trabalho que eu chamo de histórico dos dois, no sentido de estar aprendendo história. Nesta seqüência de acasos a Gilda muda de orientador que passa a ser o Vicente e ele consegue discutir muito bem com a gente o que estava sendo feito, provoca novas reflexões, indica outros livros a ler e passa a ser o interlocutor, fundamental, nessa época. Éramos, somente os três, acredito, a falar de história oral, Educação Matemática, Filosofia e Sociologia. Acredito que o isolamento, pelo menos do meu lado, até esse momento, se deve ao fato de que a influência do grupo História da Matemática era extremamente forte no Departamento de Matemática. Até então, o que nós fazíamos não era ciência, digamos, embora não acredite "no que é ciência" deles , o que nós fazíamos não era ciência.

Isso ficou restrito a estes três conversando. Eu, meio que de intermediário, de palpiteiro escutando o que a Gilda comentava e o Vicente e a Gilda com o trabalho duro. Eles é que tinham que apresentar. Em um destes acasos tomamos contato com outras pessoas que também estudavam História Oral e Educação Matemática, no ano de 1998 acho eu, quando estive em Curitiba fazendo uma palestra numa universidade e o Carlos Vianna[13] estava assistindo, ele foi lá me honrar com a presença dele. Conhecia o Carlos há muito tempo, desde 1989, no primeiro EPEM- Encontro Paulista de Educação Matemática. Lembro que era uma palestra sobre Tendências em Educação Matemática e, sabe quando a pessoa está querendo conquistar adeptos? Então, no meio da palestra coloquei: "ainda existe uma corrente em Educação Matemática que faz pesquisas sobre história oral, em particular histórias de vida ou histórias temáticas" e "existe um grupo em Portugal que trabalha basicamente com Histórias de vida de Professores", tentei mostrar que se faziam coisas diferentes daquelas tendências usuais, que existiam outras. O Carlos, no final da conferência, veio conversar comigo, falar coisas de amigo e falou assim: "Você não quer fazer parte da minha banca de doutorado?" Conversamos e aí eu soube que ele fazia um trabalho de pesquisa em história oral, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Miguel. Eu levei um susto. Eu nem sabia o quê ele estava fazendo no doutorado! "Vamos fazer a qualificação no mês tal". Foi um presente que guardo com carinho, pois, além de conhecer o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, um dos papas da história oral no Brasil, revi uma amiga de trinta anos atrás. Profa. Dra. Hercília Tavares de Miranda, professora da FEUSP- Faculdade de Educação da USP-SP. O trabalho de pesquisa era muito bom e a banca detalhou e discutiu o trabalho com o respeito que merecia o postulante. Começamos, assim, a conectarmo-nos, entre essa palestra e a qualificação do Carlos descobrimos que existiam outras pessoas fazendo o quê estávamos fazendo. E aí, coincidentemente, porque o Miguel era orientador do Carlos Roberto Vianna e, a Gilda tinha convidado o Antonio Miguel para a banca, o Carlos e a Gilda acabaram por participar de um grupo de pesquisa na Unicamp, coordenado pelo Miguel, durante quase um ano. Daí já nasceu uma grande e boa discussão.

Essa defesa do Carlos foi muito importante, foi um dos marcos da história oral e, de repente, nesse meio tempo entre a defesa da Gilda e a do Carlos, o Vicente realmente se entusiasmou com a história oral, segundo ele (ele pode te confirmar ou não) viu um

[13] Aqui a referência é ao Prof. Dr. Carlos Vianna, da UFP, pesquisador em Educação Matemática e História Oral do programa de Pós-Graduação da referida universidade. Membro do Ghoem. Ao longo desta textualização utilizaremos, para cita-lo, somente o primeiro nome, como o fez o entrevistado.

caminho para poder escapar do fechamento que ele estava percebendo no grupo de filosofia.

Então, nasceu um grupo com essas pessoas e, junto com eles, vieram todos os orientandos da época, outros alunos da pós-graduação e mais uns dois ou três casos de pessoas que compareceram à primeira reunião de Bauru, feita numa salinha da Unesp, com umas vinte pessoas. E aí se forma um grupo. Surge, no meio de todas as conversas, a possibilidade de fazer um projeto para o CNPq. Projeto humilde, mas aceito. A partir de então o Vicente adota o critério de aceitar orientandos, na Pós em Educação Matemática, em história oral, que é preferencial para ele, não que seja o único critério.

A Marisa Resende Bernardes não estava pensando em fazer história oral, estava fazendo outra coisa, mas ela problematizou bastante na reunião, de Bauru, principalmente a questão do documento. A Sílvia Regina Vieira da Silva estava fazendo os estudos dela, a Michela Tuchapesk estava fazendo uma pesquisa sobre alunos do primeiro ano do ensino médio e as respectivas famílias, nós, Michela e eu, pensávamos que a grande questão de pesquisa proposta ficava em uma interface Antropologia e Educação Matemática e, não, em história oral. Continuo pensando que não é (ela sabe disso). Mas a banca achou que era.

Então se forma um grupo maior, com uma força acadêmica muito grande porque juntava três pessoas que tinham um contato muito grande e uma conversa muito boa com vários alunos. No meio dessa confusão toda, de 2001 a 2003, consegui trabalhar na pós-graduação em Educação Matemática, com uma disciplina chamada "História, Cotidiano e Memória", que na realidade trabalhávamos história oral. Então foi mais um meio, digamos assim, de divulgação, discussão teórica, de trazer outros interlocutores para o nosso meio.

Começam a ser defendidas as teses de doutorado de pessoas ligadas ao grupo: da Ivete Maria Baraldi, da Sílvia e da Rosinete Gaertner. E aí o grupo se forma e reforça, quer dizer, ele se formou ao mesmo tempo por contatos puramente ocasionais, por laços de amizade e de companheirismo. No primeiro momento não foi uma coisa assim: "Estamos estudando história oral", _ "Ah! que legal, também estou, então vamos sentar estudar!". Não foi assim, quer dizer, foi uma coisa muito mais pessoal, diria eu. Quer dizer, a existência posterior do GHOEM é acidental, no caso da ciência.

É assim que eu vejo a história do grupo de História Oral e Educação Matemática, até chegarmos nessa última reunião de Bauru, I Jornada de Estudos e Pesquisa Qualitativa: História Oral, sediado pela USC, que já é um seminário muito mais organizado, chegar no livro e no *site* do GHOEM. Então, agora estamos caminhando para uma discussão mais teórica, no grupo, sobre história oral. Tenho comparado muito, nossos trabalhos, com a produção brasileira de história oral, que inclui várias áreas do conhecimento, e esta me parece extremamente fraca em relação à parte teórica do nosso grupo. Então, acho que o nosso grupo está num belo caminho de discordância, de dissonância e que o está levando a crescer bastante.

Quanto à visão que tenho do grupo, olha, não sei nem falar porque quando gosto demais de uma coisa, elogio muito sem ver imperfeições que haja, por acaso, e fica ruim. Mas é assim, vejo o grupo como o único lugar aqui nessa pós-graduação em Educação Matemática na qual existe brisa fresca e se respira livremente sem ter que ficar em ambientes viciados. Essa é uma visão primeira. A segunda visão, e isso eu acho que é uma característica atual do grupo, pode ser que ele não continue assim, é que o nosso grupo tem um nível de cooperação, de amizade, de respeito, de carinho muito interessante. Principalmente, é um grupo, carinhoso, que abre as portas para novas pessoas, novos ares, enquanto que vejo, na pós-graduação brasileira em geral e aqui na PGEM, o sentido e o significado da pesquisa cada vez mais se fechando.

Analiso o grupo como uma grande e organizada tentativa de deixar um pouco mais arejada a pós-graduação em Educação Matemática, como um todo, e a própria História da Educação. E, isso só poderia ser feito por essa junção espetacular de pessoas jovens, velhas e daí por diante, que tenham vontade de saber. Isso é específico de grupos que têm, sensivelmente acho, abaixo das falas, discursos e negociações, objetivos comuns. Como explicar a vinda da Silvia do meio do Mato Grosso do Sul para a reunião de Bauru? Que coisa explicaria? Que coisa explicaria todo o trabalho que o pessoal lá de Santa Catarina tem para acompanhar os trabalhos do grupo? Não é tanto a parte teórica ou a parte prática, acho que é a amizade mesmo, que é o carinho com que um trata o outro, o respeito, o não sonegar informações, é importante para um grupo de pesquisa que estas circulem livremente. Então acho que esse grupo tem tudo, se continuar nesse caminhar, para provocar pelo menos um abalo sísmico no chão "epistemológico" atual, não sei em que escala, mas um abalo sísmico.

Agora, tenho receio é do gás, do pique, da energia porque aprendi com a vida que a rotina gasta rápido qualquer tipo de energia, então todos nós daqui um, dois anos vamos ser submetidos a um espalhar de gente, cada um de vocês vai para o seu canto trabalhar, quer dizer, se vamos conseguir manter todo mundo junto, pelo menos pela internet, se nós vamos conseguir manter encontros, o que vamos conseguir vai depender muito dos rumos que dermos ao grupo.

Um grupo que forma o número de doutores e mestres que o nosso vêm formando nos últimos cinco anos, é forte, pois é muita gente! Quer dizer, é impressionante! Imagina todos conseguindo trabalhar no mesmo departamento de Matemática ou de Educação ou de Educação Matemática, o que não seria feito? Acho espetacular! Dentre os grupos nos quais trabalhei até hoje, esse me parece ser, não sei se é porque fiquei velho e as pessoas passam a não contestar tanto por conta da velhice, mas a idéia é a seguinte: é um grupo que se auto-respeita e isso não é tão comum. Mesmo teoricamente, quer dizer, se há uma posição divergente da tua, você explicita a divergência, mas em termos de grupo, o GHOEM, nas práticas comuns aceita bem a diferença, o outro. Por isso é um grupo, hoje em dia, com uma capacidade muito grande de ir longe. Essa é uma característica forte.

O que faz desse grupo um grupo, acho que é a própria coisa do objetivo em comum. O nosso grupo, por ter essa mescla e por ser caracterizado por um grupo em que os orientandos e os orientadores são tratados com igualdade para discutir, se transforma num grupo diferenciado. Agora, o que transforma um grupo num grupo, acho que é o que está naquela frase, que a Heloisa tanto gostou, do Gilles Deleuze, ele comenta, em **Lógica do Sentido**, que nós só somos loucos pelo menos em dupla, nunca sozinhos. Isto aponta que a loucura é em comum, sozinhos não temos loucura porque não há diferenças. Sozinho nunca se tem uma leitura completa, precisamos de dois pelo menos. O nosso grupo está aí em uns quinze, vinte...componentes, então a loucura já está num bom tamanho!

Esses trabalhos com a história oral representam uma mudança de interesses na Educação Matemática! Principalmente, pegando emblematicamente o caso da Marisa, ela estava preocupada com o profissionalismo do professor e tinha centrado todas as leituras sobre o que é profissão, depois ela foi se aproximando dos caminhos da história oral e das idéias de Michel Foucault, um filósofo e historiador francês, contemporâneo, do século XX, isso, no fundo, passa a ser uma conquista não só do grupo, mas uma conquista também teórica, porque ela viu que daria conta, do trabalho de pesquisa, melhor utilizando-se dessa fonte. Essas pessoas e suas pesquisas não só enriqueceram, como abriram leques muito grandes de possibilidades de pesquisa em História Oral e Educação Matemática.

Não conheço nenhum grupo, pelo menos em Educação Matemática com certeza não os conheço, que tenha a flexibilidade teórica que o nosso grupo tem. O Emerson estudando Norbert Elias, outro estudando articulações com a psicanálise, vai ler Sigmund Freud, vai ler Michel Foucault, outros estudando articulações com a filosofia e buscando em Gilles Deleuze, questões referentes a grupos de estudos... e agora com o nosso livro na cabeça, terminei praticamente de ler os artigos da maioria dos componentes, do grupo e não reconheço em outro grupo qualquer, mesmo entre os historiadores, um grupo com essa flexibilidade teórica. Um bom exemplo, a entrevista da Marieta de Moraes Ferreira, atual presidente do CPDOC/FGV e uma das organizadoras do livro **Usos e Abusos da História Oral**. Tenho a Marieta em num bom conceito, no sentido de uma pessoa teoricamente muito forte, e ela soltou um artigo, resposta, na revista **Nossa História,** do arquivo nacional chamado "Uma história do tempo presente é possível?" que você vai ver tranqüilamente que nós já passamos desse ponto na Educação Matemática, li umas quatro vezes para poder falar isso. E ela é historiadora do CPDOC, Centro Pesquisa em Documentação da Fundação Getúlio Vargas, que é o órgão mais importante de história a partir de fontes escritas e orais que o Brasil tem, professora do Programa de Pós Graduação da Fundação Getúlio Vargas em História, Política e Bens Culturais, o PPHPBC. É importante porque o CPDOC é um dos mais conceituados do Brasil e referência mundial. Porém, a visão que ela passa no artigo não é tão abrangente como a visão do nosso grupo em termos de riqueza de bibliografia, de autores e de frentes teóricas.

Você me falou da apresentação feita pela Marieta e pela Amado do livro **Usos e Abusos** em que elas colocam que a história oral suscita perguntas, mas não é capaz de dar respostas e que estas estariam na boa e velha história. Eu costumo dizer que tudo quanto é pesquisa qualitativa e, aliás, sem sombra de dúvida, fazendo uma comparação com as pesquisas médicas que são as mais rigorosas que a gente encontra, toda pesquisa dá indicadores, ela não dá respostas. Voltando a essa fala dela de que "eu procuro resposta na boa e velha história", teríamos uma resposta que seria bem interessante nesse ponto, a história do presente é a que apresenta os problemas postos pelo presente! Vamos até as raízes no momento em que surgem estes problemas, por exemplo, as cadeias e hospícios, isso já estava com Friedrich W. Nietzsche que vai fazer a genealogia da moral e que Michel Foucault retira algumas das idéias principais, então regredimos até o século XVI, o século XV e caminhamos para o presente resgatando a história da loucura, os discursos sobre a loucura e os "tratamentos terapêuticos" da loucura para que, hoje, possamos contar como a sociedade teve que se "precaver" dessas pessoas indesejáveis.

Na verdade é isso. Para que possamos compreender o estágio histórico do presente, necessariamente, o início do problema é no presente! Lucien Febvre diz isso o tempo todo "problematizar a História". Uma reflexão histórica profunda que te permita analisar, genealogicamente, segundo Nietzsche e Foucault, a questão posta pelo presente com a visada do presente-futuro, mas os indicadores de possíveis soluções estão no presente ou num futuro que se presentifica, quer dizer, não está na "boa e velha história"! A expressão "boa e velha história" diz tudo, quer dizer "nada". O que o nosso grupo propõe situa-se numa história feita de uma forma distinta da historiografia tradicional, quer dizer, numa busca de documentos relativos àquele problema, posto pelo presente, e daí por diante, o pesquisador o tempo todo "fala" com aquele problema e vem caminhando com ele para tentar enxergar como é que está no presente. Então essa é a nossa idéia, do grupo, de história do presente. A busca por uma história que dê respostas me parece equivocada, porque eu acho que nenhuma pesquisa, nem em história, nem em sociologia, nem em medicina, nem etc, vá dar resposta a nada, ela vai

dar um indicador "Olha, parece que o rio caminha por aqui". Aí você continua aquele caminho, vai aprimorando o indicador até chegar numa área do conhecimento e defrontar-se com várias teorias, muitas vezes divergentes. Este é o ponto: não há solução, existem soluções. Porque, se algum tipo de ciência pudesse dar respostas e soluções, já teríamos achado a cura do câncer, já teríamos feito algumas coisas, uma delas certamente esvaziaria os hospícios. E não aconteceu. A história menos ainda, porque ela é uma "ciência" humana, quer dizer, ela é humana a partir do ator-agente-participante da história como ela é humana no sujeito que é o relator-narrador-escritor e no sujeito que a ouve ou lê! Ela só pode ser colocada em termos de subjetividade, então a história não pode estar dando respostas, não é sua função mas, pode dar pistas! Encaro assim estas questões.

Por que temos essa noção? Porque temos pessoas fortes, no grupo, em pesquisa qualitativa só para citar um nome já consolidado o Vicente, temos pessoas fortes em literatura e surrealismo que é o Carlos e o grupo tem uma literatura muito forte de apoio, desde a psicanálise até a antropologia, então conseguimos perceber esses dados que, às vezes, a maioria dos historiadores, somente, pesquisando na história não conseguem perceber. Ou melhor, restrito à história, sem horizontes de outras áreas do conhecimento, não tem como perceber, não tem fundamentação teórica, nas outras áreas do conhecimento, para isso.

A nossa primeira definição foi que *a história oral é uma enunciação em perspectiva*, que é a célebre frase do Vicente no primeiro encontro, muito boa na época e continua sendo. Acrescentando, a ela, a idéia do próprio Foucault que história é aquela ciência que deve capturar a fratura do momento e ela nunca consegue, ela está sempre estudando o passado, os anos 1500 e a fratura está acontecendo aqui em 2000, ela não consegue "ouvir o ruído e capturar a fratura". Por isso, ele [Foucault] vai desenhar os caminhos de historiador dele, a arqueologia, a genealogia e a ética. Você [a Marieta] propõe pensar uma definição, que não gosto pois, que ao contrário de ampliar visões as diminuí. Para ficar com uma idéia, ficaria com o enunciado do Vicente acrescido do enunciado de Foucault, quer dizer, *é uma enunciação em perspectiva de uma determinada fratura no solo epistemológico de uma época, isto é, ouvir os ruídos das fraturas que estão ocorrendo, por baixo dos nossos conhecimentos e práticas, para entender o hoje*, para mim é isso!

Essas duas idéias se juntariam ao que chamamos de pós-moderno, modernidade tardia ou tempos contemporâneos no sentido de que não é possível nenhuma metanarrativa ou definição fixa. Esse acréscimo da fratura, no campo epistemológico, resolve um problema que é como vamos mudando os nossos modos de ver tanto nos costumes, como em julgamentos morais mais amplos como na banalização da violência, que hoje em dia, nem se liga mais. Como conseguimos capturar esse momento de fratura? Embora seja difícil responder, podemos entender que o fazemos pela nossa condição de seres humanos finitos, o que nos possibilita mudar a visão mudando a perspectiva do olhar, sempre determinada por assujeitamentos, para um outro ponto e olhar alcançando coisas que estão à nossa volta, que estão no nosso entorno e que não damos a menor atenção, este olhar atento é o que consegue capturar esse momento de fratura! Vou dar um exemplo assim, nós, você e eu, quando nascemos, já existiam os hospícios, asilos psiquiátricos ou casas de repouso; já existia presídio, escola, hospital e fábrica. E recebemos explicações por isto. Alguém, pai, mãe, tio ou tia respondeu-nos assim: "Não, o hospício tem que existir porque tem gente que fica louco, onde vai pôr? Vai pôr no hospício! É **natural**". Assim como, "tem gente que rouba, mata outras pessoas, é **natural**, tem que pôr na prisão!". Quer dizer "essas naturalidades" é que o Foucault manda perceber para podermos verificar as fraturas que estão ocorrendo

naquele momento. Nesta lógica tradicional, essa manhã apareceu estampada no jornal a notícia: "O Bush bombardeou o Sudão." — Ah, normal, o Bush bombardeia todo país que ele considera terrorista!" Não é normal não; não é natural! Matar gente indevidamente, não é natural! Essa fratura só pode ser capturada por quem esteja muito ligado, muito preso a observar aspectos que os outros, às vezes, não dão a mínima importância. Entendo história oral próxima a esta "idéia", porém estou lendo Félix Guattari e Gilles Deleuze, em **Mil Platôs**, e a questão da nomadologia e da máquinas de guerra podem modificar muito o panorama desta "idéia". Agora se você me pedir, para repetir estas "idéias", daqui cinco anos, provavelmente, estarei pensando em termos de "história" completamente diferentes, ou não. E não tenho vergonha disso não, acho que é bom até.

Quanto a textos que eu já tenha escrito sobre história oral, tem um que disponibilizei no *site* do GHOEM, escrito com Gilda, que envolvia uma bibliografia. Há um outro que vai sair pela pós-graduação em Educação Matemática e Cortez como capítulo de livro. Não sei te dizer se é um artigo de história oral ou não, mas, se nós percebermos essa idéia de fratura, a história oral como uma possibilidade de perceber a fratura, a tese de livre docência, o artigo que sai dessa tese, publicado na Cortez, é exatamente artigo de história oral, percebe? É de história oral porque, na realidade, destaca o observar em coisas, acontecimentos e notícias que nós achamos extremamente comuns: "Ah, o professor não dá aula? Isso é comum". "O aluno não aprende?" "Isso é comum", etc. Então, lá tem toda a base teórica, embora envolva Educação Ambiental. Acho que isso é rico pois, é uma interface múltipla, rizomática, como diria Deleuze.

Tem um outro livro, publicado com a organização da Profa. Dra. Maria A. V. Bicudo, publicado pela EDUSC, no final do ano passado que contém um artigo que considero que é de história oral, é um capítulo que também está na tese de Livre Docência. Então é isso que começamos a considerar, embora a temática da Tese fosse o sujeito da paisagem, ele é sujeito da paisagem justamente porque é histórico. Agora, enquanto pesquisa sistemática, eu participei e participo como coadjuvante em termos de entrevistar pessoas, tanto nas duas pesquisas da Gilda como na da Silvia. E em determinados momentos tinha que ficar prestando atenção no "normal" do discurso da pessoa para tocar lá, no ponto.

A segunda fase do nosso envolvimento começou, nesse mestrado em Educação, aqui no Departamento de Educação, com a parte de Educação Ambiental ampliando a questão da história oral para a Educação. Tenho em andamento uma pesquisa com um rapaz, Ronaldo M. Endo, ele está fazendo um levantamento histórico de toda uma região de Ribeirão Preto na qual foram criadas moradias populares com saneamento, porém já dentro do que chamamos zona rural, já que o Ribeirão Preto está crescendo muito. O trabalho de Endo é tentar resgatar historicamente como era aquela região porque antigamente seu solo era permeável à água e, por conseqüência, ia nutrir o aqüífero Guarani o qual gera inúmeras nascentes de rios no Brasil. Ao isolar o solo, através deste loteamento regular, diga-se de passagem, a água das chuvas, não encontrando o solo permeável, não abastece os aqüíferos e estes, por sua vez, não abastecem os rios. E com o lançamento, "in natura", de efluentes domésticos, nos rios, vamos necessitar rapidamente de maiores cuidados com o saneamento. O deslocamento ambiental dos problemas é também humano, o discurso da engenharia é que a água é desviada do aqüífero (por locais impermeabilizados como as cidades e suas pavimentações) e começa a ir pela tubulação (de efluentes fluviais) e destas vai para as estações de tratamento de água pluvial e doméstica, ou seja, o saneamento básico. Tudo parece tão normal, bem explicado e só é triste quando há inundações. Porém, nós sabemos que os municípios brasileiros (mesmo os mais ricos) não primam por ter este

tipo de serviço e deságuam todas as formas de efluentes nos rios. E o aqüífero vai secando. Isso é um problema que está acontecendo em termos de Brasil e mundo e com essa atitude estamos perdendo uma das riquezas primordiais do Brasil, que é a água. Então ele está fazendo a pesquisa com as pessoas que trabalhavam naquela fazenda que foi transformada neste condomínio residencial e com as pessoas que são moradoras, há pouco tempo, da zona rural. Então o trabalho dele sai bem dentro da linha de história oral, mas na Educação Ambiental e como um problema ambiental. Quer dizer, é história oral, com problemas de hoje.

Agora, a Luciana, outra orientanda desse programa, egressa da Licenciatura em Matemática de Rio Claro, tenho três orientandos na Educação, ela vai começar a partir desse ano. Nós já tínhamos discutido esse ano anterior todo, ela vai começar uma inversão no modo de produzir discursos na Educação Ambiental, ou seja, ela vai pegar a bacia Piracicaba, Jundiaí, Corumbataí, que é a famosa bacia (ou consórcio) do PCJ, que falam, e está bacia é uma das mais poluídas do Brasil. É uma das bacias mais estudadas, atualmente, por uma questão, ainda, econômica, pois reúne muitos pontos porcentuais do PIB nacional, mas nuclearmente ambiental, pois é esta bacia que fornece a água para 13,5 milhões de paulistas e paulistanos. E, também é o pilar do sistema Cantareira que fornece a maior porcentagem de água para os paulistanos. Qual é a proposta de trabalho dela? É ir conversar com moradores ribeirinhos, quer dizer, primeiro ela vai ter que localizá-los, porque a grande maioria se mudou para a cidade, verificar nesses quais os que foram expulsos há pouco tempo, e que daria para resgatar uma história mais recente, ou que moram ainda na beira dos rios, quais as diferenças que eles vêm sentindo no ambiente, no rio, em linguajar bem popular, para que nós tenhamos indicadores, sócio-históricos, de quando a poluição começa a surgir e o quê as pessoas começam a notar e as autoridades não fazem nenhuma ação efetiva. Com o agravamento do problema vem o lucro das empreiteiras, este é o ponto. Então nesse ponto acho que o trabalho dela vai ser um trabalho de história oral.

Em contrapartida, ela vai contrastar com alguns dados teóricos, principalmente do rio Corumbataí e Piracicaba, na época em que eles ainda não eram poluídos. Vai ficar um trabalho de relatos e documentos orais com os documentos escritos, mas não para confrontar! Simplesmente, para, numa época em que você não tem depoimentos, em que você não tem registros, poder capturar registros históricos e, de certa forma, verificar sua proximidade com a fala, com o discurso e com o controle do discurso e das informações. Porque se o colaborador da pesquisa em história oral falar que quando foi morar lá, o rio já não estava bom, já não tinha peixe e nos documentos oficiais constando que tinha peixe e não havia poluição fica posta a questão das versões da "verdade histórica", a outra face posta aí. É esse tipo de pesquisa que ela vai fazer.

Por gostar muito do nosso grupo, acho que, inclusive, vou pedir para incluir tanto o Kamikaze, quanto a Luciana, ela foi ao último encontro em Bauru, para que eles tenham acesso a discussões, reuniões. Isso é excelente, porque fazendo isso evoluímos.

Com relação a publicações, livros e artigos, quem trabalha mais com estudos históricos, fundamentos da história oral e procedimentos metodológicos é o Vicente. Essa é uma característica dele! O Carlos já menos e, sinceramente, eu sou muito preguiçoso para escrever. Eu gosto muito mesmo de ler, eu leio e fico fazendo as minhas anotações, às vezes anoto no computador. Tenho arquivos de livros lidos, que estão no computador, e que se ninguém vier me "cobrar" deixo lá, para mim, não no sentido egoísta, mas no sentido de que eu falo: "Ah, não vale a pena!". E acabo não organizando em um artigo. Agora, nessas pesquisas todas, da Luciana, da Silvia, da Gilda (embora eu não fosse o orientador) eu trabalhei bastante no campo com eles!

Porque defendo isso, já falei para você, acho que nós temos uma idéia missionária da pesquisa em história oral, é evidente que não tira o brilho do aqui e agora da tua pesquisa e da nossa entrevista, em momento algum, mas era necessário para você ficar livre, para poder estar batendo de frente com o meu discurso, tentando tirar coisas, que você tivesse uma assessoria muito grande, que você não precisasse trocar fita, que você tivesse uma pessoa filmando, duas pessoas com caderno de campo anotando aonde o entrevistado(a) vacilou na resposta, que é a falha que talvez valha a pena cutucar de novo, quer dizer, nós precisamos ter a mentalidade de que a história oral é uma atividade de campo individual (porque há alguém pesquisando algo) porém, exige uma equipe de trabalho para obter todas as possíveis informações. Por mim, a forma individual de pesquisa em história oral, está completamente fora de cogitação, porque o pesquisador perde inúmeras chances de aprofundar a pesquisa de campo.

Vejo que tem certas coisas que, quando você ainda mora na cidade ou conhece a cidade onde você vai fazer a entrevista a questão é uma, mas quando nós tivemos que entrevistar pessoas em São Paulo, que simplesmente nós não sabemos nada da geografia paulistana, como nos deslocar em São Paulo? Quer dizer, aí você tem que contar, na tua equipe, até com motorista! Nós, da História Oral e Educação Matemática, fazemos um trabalho ainda muito artesanal. Não no sentido de artesanal como algo imperfeito, como o moderno capitalismo tenta impor, mas no sentido de que sobram muitas tarefas para você como, antítese do trabalho artesanal de afinar e refinar o objeto de trabalho que o artesão deve fazer, quer dizer, você, pesquisadora, vai para o trabalho de campo, cuida do gravador, da filmadora, do diário de campo, vai para casa transcreve a fita, digita a textualização e tem que ficar lembrando "Ah, ele estava nervoso, não estava nervoso!", aí tem que enviar para a pessoa validar o texto. E, não tem uma pessoa filmando e daí por diante .... Isto deve acabar, o bom pesquisador cuida de todas as etapas da pesquisa, porém isto não implica que ele deva fazê-las por si só.

Existem informações subliminares, psicológicas, afetivas e grupais que nos são transmitidas e, todo esse tipo de informação, estamos sujeitos a perder! Então no dia em que o nosso grupo estiver mais junto geograficamente e que nós possamos fazer algumas pesquisas em conjunto, vamos dar valor a isso! Mesmo porque, a Olga, quando me relatou o trabalho dela com sobre carnaval, veja a diferença, ela fez as gravações <u>só</u> no Museu da Imagem e do Som! Com toda uma equipe para movimentar a parte técnica e ela só perguntando! E na platéia, dois ou três alunos dela, que estavam aprendendo a técnica, com ela, anotando e sugerindo a ela outros pontos e caminhos para a entrevista. Quer dizer, ela tinha uma equipe de dez, doze pessoas em volta dela para fazer o trabalho, quer dizer, isso é que nós temos que aprender! Não existe um bom trabalho de história oral semelhante a desenvolver um teorema que: "Ah, é importante desenvolver sozinho!" O trabalho de história oral, por natureza é coletivo. Acho que participo mesmo, no sentido de: técnico de som, de técnico de vídeo, de ajudar com o caderno de campo numa determinada hora, mas mesmo assim vejo que é completamente diferente, uma pesquisa isolada e outra coletiva!

Nós fizemos algumas experiências em que a Sueli, do laboratório de Educação, que é uma excelente técnica de imagem, no sentido de filmar bem, foi conosco. Ela cuidava do gravador e da filmagem, eu cuidava do diário de campo e a Gilda entrevistava. A Gilda combinou com o entrevistado que, dado um determinado tempo, ela parava um minutinho, conversava qualquer coisa comigo, voltava às perguntas e tal. Isso é fundamental! Quer dizer, a própria Sueli que estava filmando, nessa hora em que ela pára de filmar, ela vem e dá o palpite dela também: "Olha, tal coisa está estranha!", senão as pessoas escondem o que querem. Se nós não cutucarmos! E acho que isso é uma coisa para apreendermos.

Em termos de pesquisas uma das características típicas da história oral são trabalhos divididos em duas frentes bem determinadas. Uma que carrega o campo e portanto a entrevista, então, ela é para ser usada pelas histórias que estão depositadas. A outra frente desenvolve a forma de como a pessoa apresenta essas histórias, é um problema literário dela, ou seja, é uma questão de narrativa textual. Os trabalhos, que seguem esta fórmula, são facilmente classificáveis como de história oral, embora existam pesquisas nas quais encontro esse ritual metodológico e, a meu juízo, não são de história oral.

Os trabalhos em história oral se caracterizam por ter os sujeitos/informantes completos e a narrativa dá conta daquele tipo em que o sujeito que é apresentado para quem lê segundo o nosso ponto de vista histórico. Acho esse um fator determinante para o trabalho ser de história oral. Para pegar um exemplo teórico, como faz o Joutard em **Essas vozes que nos chegam do passado,** como faz o Paul Thompson, em **A voz do passado**, o Vicente pega a historiografia da história oral recente na Educação Matemática, não vão existir entrevistas ali, mas ele está analisando um conjunto de obras, do ponto de vista teórico, que se baseiam nessa idéia da oralidade, em narrativas orais. Quer dizer, se nós pudéssemos falar de uma característica forte da história oral, seria a oralidade, ela tem que estar sendo estudada! Ou factualmente feita ou de alguma maneira teórica estudada pela narração.

Quando disse que não sei se o meu trabalho de livre docência é de história oral ou não, é exatamente porque ele começa muito tempo antes das pesquisas em história oral. Na realidade essas questões têm muito da idiossincrasia do pesquisador. Comecei, por outras razões, a pesquisar muito em biologia e matemática, quando cheguei aqui, no Departamento de Educação de Rio Claro, encontrei um campo fértil na temática ambiental, então o primeiro grupo com o qual me envolvi foi no de temática ambiental. Quando caiu em minha mão e fui ler um autor, historiador, maravilhoso. A História dos ambientes é que começou a fazer a minha, digamos, transição para a História, dentro da Educação Ambiental. O autor é o Simon Schama, o livro dele é **Paisagem e Memória.** No livro ele começa a falar das paisagens, do cenário e aí o que acontece? Esse autor me carregou, digamos assim, para olhar de uma nova maneira a ecologia e o ambiente natural como extremamente fictícia, qualquer que seja o ambiente, qualquer que seja o cenário, qualquer que seja a paisagem, ela é cultural, porque vai depender fundamentalmente de quem vê. Quando eu comecei a perceber isso falei: "Opa, aqui tem uma lição para casa." Esta descoberta coincidiu com o começo dos trabalhos da Gilda, que já te relatei.

Quando fui escrever a livre docência, começo resgatando esse início de pesquisa em Rio Claro e comentando as passagens das pesquisas e dos autores que tivemos, para chegar, até o último capítulo, que é o que considero mais ligado à teorização de História que qualquer outro. Embora, o quarto capítulo também esteja muito fortemente ligado em termos teóricos à História. Mas não é a Tese inteira, quer dizer, ela não tem como objetivo claro estudar a história oral, esta surgiu porque estava dentro do autor. E não tem entrevista! A oralidade ali é pouco tratada. É muito mais tratada a questão histórica do sujeito da paisagem, quer dizer, do sujeito que vive imerso em uma dada cultura e linguagem todo dia. Por isso que digo que não sei, porque tem quem diz que é de história oral como tem quem diz que não é. Para mim ele não é, mas como tem um número razoável de pessoas que diz que é, calo a boca e falo: "Não sei".

A história oral tem uma característica interessante, quer dizer, ela não pode ficar descolada da História porque ela própria, sem esta, não teria significado no nome. Como, de outra parte, ela tem que estar em conjunto com as ciências que cuidam da oralidade, quer dizer, a psicanálise, a psicologia, a antropologia e daí por diante. Aquilo

que a academia gosta de chamar de "método de pesquisa ou procedimentos de pesquisa", fica um tanto confuso. Neste ponto, procuro mudar para a seguinte situação: existem trabalhos que usam entrevista e, às vezes, com dados históricos, um desses é um trabalho que é sobre álgebra, que foi a profa. Dra Ângela Miorim (talvez esteja errado e a coordenação tenha sido de outro professor da UNICAMP) quem coordenou e falou-se que era de história oral, isso para mim não o é. Embora seja uma história da álgebra no estado de São Paulo, aquele trabalho não é de história oral, ela é uma pesquisa que colheu alguns depoimentos e que o autor escolhe/recorta o depoimento e não apresenta o sujeito integralmente. Então, dizer que ele se valeu da história oral, não posso. Posso dizer que ele se valeu da entrevista para tentar fazer alguma análise histórica!

Para ser de história oral ele teria que dar valor à apresentação do sujeito, integralmente. Obviamente, a pesquisa tem que ter um tema da história e, segundo Michel Foucault em "As Palavras e as Coisas", esse tema deve ser um tema ligado à fratura do solo epistemológico, à mudança de pensamento naquele momento. É dessa forma que encaramos. Existem trabalhos que exploram muito bem esse tipo de questão, ou seja, eles têm uma questão histórica, muito bem determinada de partida. Apresentam integralmente as pessoas ou depoentes. A partir destas narrativas dos informantes, estudam a questão histórica. E, em muitos casos, apresentam uma análise em perspectiva, com fundamentos em Sociologia ou Antropologia, da história narrada. Isso parece que é história oral, independente de ser tema histórico, em Matemática ou em Educação Matemática.

Acho, por exemplo, que tanto o trabalho do Kamikaze como o trabalho da Luciana serão em história oral. Agora, poderia ser uma pesquisa com o mesmo tema, levando tecnicamente só para a poluição ou coisas do gênero e não apresentar os sujeitos, só apresentar algumas frases. Ou seja, não perceber que a questão histórica do trabalho é a questão da urbanização, com a qual o Kamikaze trabalha, e a questão da poluição crescente em rios a partir do processo civilizatório, que é a questão com a qual a Luciana trabalha. O trabalho de história oral nunca vai se livrar de ter uma questão histórica fundante.

Tenho dificuldades em imaginar a história oral como um procedimento distinto de um outro para você poder compreender determinadas verdades, o melhor exemplo disso me parece ser o Joutard, quando ele comenta que teve que entrevistar netos, bisnetos e familiares de moradores de uma determinada região da Europa sobre uma guerra, da qual os pais ou os avós participaram, e essas pessoas dão os depoimentos, mas você veja, esse tema é pertencente à história. Ele está recapitulando algo passado, a única coisa que fez diferente foi em vez de ter feito uma revisão bibliográfica sobre aquele assunto, em vez de ter ido procurar artigos, em vez de ir atrás de documentos perdidos e daí por diante, ele foi atrás das memórias das pessoas, das falas das pessoas sobre antigas histórias contadas pelos avós, quer dizer, a história oral não cria uma possibilidade de ser uma História com seus próprios temas e processos. Embora, a História nunca possa fugir da questão nômade, isto devido em parte à oralidade que ela tem em suas raízes, este transitar é que a faz bonita. É nômade por atravessar vários territórios e fronteiras epistemológicas na mesma pesquisa, quer dizer, ela tem um ponto de partida que está sempre lá na História, mas pode atravessar a antropologia, a psicanálise, a sociologia, por onde ela caminha depende dos limites do autor.

Eu não vejo a história oral como disciplina, se nós passarmos a acabar com os territórios das disciplinas, então "Não existe mais disciplinas!", aí sim, a história oral vai estar no mesmo status outras, ditas ciências hoje, que é o caso da matemática, física,

etc. Isto não é simplesmente meu desejo, representa a trajetória dos paradigmas da ciência contemporânea.

Mas, enquanto isso não ocorrer, enquanto nós não tivermos uma explosão das disciplinas, isto é, quando não derem mais conta dos fenômenos a serem observados, vamos criando máquinas de guerra deleuzianas, isto é, tomar um tema da história e caminhar por um determinado campo epistemológico, delimitado por velhas idéias, e estabelecer análise, vai perceber o problema histórico, a partir de uma perspectiva sociológica, psicanalítica, etc. Entendo que, hoje, a história oral não constitui UM território, UMA disciplina. E, do meu ponto de vista, também não é desejável. A prefiro como várias máquinas de guerra deleuzianas.

Quando falo da ligação da história oral com a história, falo da história definida pelo grupo dos Annales, a história dos homens e que nós somos animais farejadores de sangue quente, que fala. Quer dizer, nesse sentido que eu entendo história como algo que busca o sujeito, sua vida, seus acontecimentos, suas fraturas, etc. Assim, a oralidade é uma forma de buscar o sujeito, a outra forma você pode encontrar via estudos dos arquivos, documentos e cultura, isso fica claro. Por exemplo, assisti há pouco tempo uma palestra do Carlo Ginzburg, lá em São Paulo no lançamento de **Olhos de Madeira** e, na palestra, estava contando o trabalho de pesquisa dele nos Estados Unidos que começou quando de visita a uma cidadezinha e em uma praça enorme com uma escultura, muito grande, de um homem que, por isso, parecia ser uma pessoa muito importante, a placa, que nomeava a escultura, estava meio ruim de ler, desgastada. Movido pela curiosidade, ele começou a perguntar para as pessoas quem era aquele homem e ninguém sabia dizer, "Ah, deve ser um dos importantes de antigamente, da época da fundação da cidade!", quer dizer, a partir dessa perguntinha simples: "De quem é essa escultura? Essa imagem?", ele consegue reconstituir toda a História, do homem representado e da cidade, e para isso foi preciso caminhar pelos de arquivos das Companhias das Índias, a estátua era de um traficante de escravos! Ele construiu aquela cidade, inicialmente, foi o dono daquela cidade! O homem rico da cidade. Então construíram a imagem para ele, mas não tinha nenhuma história nos arquivos da cidade, do estado, do país. Pior, não havia qualquer tipo de memória disponível, ele teve que ir atrás de documentos, porque não tinha ninguém que soubesse ou conhecesse quem era. Desta forma, teve que ir atrás de documentos em outras fontes, para começar a datar por épocas: "Será que ele não era do século XVIII?" e ver se encontrava referência. Começa a encontrar referência exatamente na Holanda, na Companhia das Índias, em que ele teve toda uma relação na exploração do "Novo Mundo". Isso é ou não é História, como concebemos? É história! Tem depoimento ou não tem depoimento? Não tem depoimento! Quer dizer, temos que tomar cuidado em não defender uma bandeira, porque normalmente as bandeiras se esgarçam.

Outro dia estava numa banca e falei: "A gente tem que tomar cuidado porque as únicas certezas que nós temos são: uma que nós vamos morrer e a outra é que algum dia nós vamos estar errados". A suprema glória científica é você morrer antes que achem que você está errado, porque aí alguém encontrará erro e você não estará vivo, você não vai ter que desmentir a sua teoria, não vai passar por essa "vergonha científica". Esta sacada é do Marschall Sallins, em **Esperando, Foucault, Ainda**. Assim, você ainda morre em glória científica. Caso contrário, quando você fica vivo, e a teoria que você construiu cai por terra, temos a suprema "infelicidade científica".

Acho que em algum momento as teorias em que acredito, essa idéia que estou apresentando aqui vai ser ultrapassada, pode ser dois anos, um mês, dez anos, vinte anos, mas vai ser. Porém, continuo sonhando muito com o dia em que não tivermos mais fronteiras entre as disciplinas, porque todos nós vamos ganhar muito, sem

perguntas como: “Ah, o que você é?”, “Eu sou historiador”, “Ah, você o que é?”, “Ah, eu sou matemático”, “Ah, você ...?”, “Antropólogo”, etc. Mas, de repente, nós dois aqui, você é matemática, eu sou matemático, você está fazendo um trabalho em história oral, eu oriento trabalhos em história oral e você está fazendo um trabalho de campo para uma pesquisa em História Oral e Educação Matemática, coisa específica da antropologia, o que você está fazendo: é antropologia, história ou matemática? Você está fazendo um trabalho que passa por tudo isso!

Quando pudermos aumentar cada vez mais a invasão e arrebentar as fronteiras epistemológicas impostas, como diria Deleuze, pelas ciências régias, aí sim acho que nós vamos ter “percursos científicos” ao invés das atuais disciplinas e metodologias de pesquisa. Nesse momento histórico atual, a história oral “inocentemente” já é um “percurso científico”, porque vai depender do pesquisador e da pesquisa que efetua, os limites e possibilidade de “afrontamentos” que este e esta trazem consigo, o “percurso” da investigação, ou seja, ter como ponto de partida uma questão histórica do presente e percorrer os caminhos epistemológicos que a questão central de sua pesquisa tiver proposto. Não que não queira que se delimite disciplinas, não é a minha posição teórica, não vejo como separar, não consigo, tento às vezes entender a história oral como uma disciplina autônoma, como defende o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, e não consigo! Não vejo o porquê, acho que se exatamente estamos contestando os procedimentos da História convencional, uma das ciências régias, não há porque querer se igualar a ela ao transformar a história oral em disciplina. Não acho que é esse caminho o nosso caminho. Entendo que a minha posição de pesquisador tem que ser aquela de atrapalhar/embaralhar/transgredir fronteiras epistemológicas postas pelas ciências régias e estar atravessando/afrontando as fronteiras, assim impostas, de uma para outra até elas acabarem.Ou nós perderemos essa guerra! Pode parecer quixotesco ou utópico, mas é! Vejo como muito rica essa possibilidade da história oral, mas estamos na parte mais difícil e desafiante, pois é o início.

Na questão da cientificidade, penso exatamente como acabei de te falar e não é um pensamento propriamente meu, inventado por mim. O nomadismo vem desde o Nietzsche e Deleuze/Guattari arrumaram/alinhavaram em **Mil Platôs** (editora 34). Em particular, no volume 1 e no 5, desta obra, discutem a questão da ciência e nomadismo.

Em Mil Platôs ciência é nômade, isto porque ela não sabe qual/não pode controlar caminhos/percursos quando começa a estudar um fenômeno. Então, pensando na psiquiatria, de repente, ela tem que recorrer, para entender o sujeito/analisando, a uma série de outros conhecimentos que dão conta do “todo” daquela pessoa.

A primeira providência tomada quando a ciência foi inventada, no modelo positivista, foi transformá-la em estática, não muda, caminha sempre o mesmo caminho e, assim, se fecha em fronteiras epistemológicas que, para mim, cheira mofo. Então, essa “ciência régia” que dizem existir e nos dividiu, em departamentos, nas Universidades, é usada mais no sentido pejorativo do que no sentido positivo, exatamente, porque essa “ciência” é criadora/protetora de fronteiras e barreiras epistemológicas. Devemos pensar que quando constituímos fronteiras, criamos marginalizados, quer dizer, quem não faz pesquisa como o normalizado, regulamentado e estipulado nos métodos “científicos” daquela área de pesquisa não está dentro daquela fronteira epistemológica, como conseqüência os “cientistas daquela área” vão expulsando, para as margens daquela “área científica” — insisto em reafirmar o termo “área” porque antes de ser um conceito só matemático, é também geográfico — e, por final expulsando os “diferentes”, os que não “pensam igual a todos” e que não seguem as metodologias estipuladas para aquela “área” das “suas regiões científicas”. Isto é um processo político. Ou seja, “territórios”, “áreas”, “fronteiras” este é o “discurso geo-

político" do "mundo científico". Contra esta lógica, a História desde de March Bloch e Lucien Febvre, já se insurgia, no início do século XX.

Acho que temos que caminhar, no meu entender muito, para entender que a história oral é um percurso de uma ciência nômade realmente, numa terra sem fronteiras! Acredito que o consenso aqui é problemático, mesmo para o nosso GHOEM.Todas as ciências seriam assim, agora, o que percebo da academia ou dos nossos amados cientistas, de maneira geral, seguindo os termos exatos de Bloch ao comentar na época científica em que vivia, a concepção de ciência era velha, sem nexo, sem pé, sem cabeça, que era absurda! É absurdo acreditar que se dê dessa forma, mesmo porque existe fundamentando, está concepção, uma definição de "verdade científica", ou seja, a "ciência régia" se sustenta em algumas verdades pré concebidas e como dogmas aos quais se deve aderir, quase uma "fé científica".

Então, por exemplo, vou pegar um dogma da história tradicional, muito defendido aqui em Rio Claro, que história só se faz de morto, quer dizer, quem vai trabalhar com esse grupo científico tem que fazer um "ato de fé", em um dogma ao qual ou se adere ou se à margem, como o dito acima. Assim, a ciência se torna algo mais irracional do que um dogma de fé, ou seja, algo que não existe, não tem nexo, é sem pé e sem cabeça! Só para lembrar Geraldo Azevedo e March Bloch. Tem que aceitar as verdades como versões de verdade de uma época, grupo ou pessoa e não contestar apontando "a verdade única e "original". Contestar "verdades únicas e originais" é a base da ciência nômade, isto é, considerar que ao invés de "únicas e originais" estas verdades são mutáveis a qualquer momento ou a qualquer instante, em qualquer pessoa, grupo ou sociedade humana. Aceitar que, portanto, a verdade histórica é só questão de perspectiva social é uma das características do nosso grupo de pesquisa, do GHOEM.

Quanto à inserção dentro desse tipo de opção teórica dento do ambiente acadêmico, vou voltar de novo ao meu amigo Foucault e à fratura, do momento, do acontecimento, quer dizer, do acontecimento histórico. Acho que o que nós buscamos não se encontra na superfície do solo epistemológico, ele se encontra embaixo. E o que nós, do grupo de história oral, estamos provocando são fraturas pequenas, mas são fraturas que estão ocorrendo. É semelhante, guardadas as devidas proporções, o caso da história oral ao caso do livro Anti-Épido, de Deleuze e Gatarri, quando provam por A mais B que Freud só tinha feito uma psicanálise para neurótico. Para esquizofrênico ele não tinha feito e propõem tanto uma esquizo-análise como apóiam o movimento de anti-Psiquiatria. Ora, quer dizer que o modo de pensar de uma determinada época, poderia ser superado. Quer dizer, estava errado, ou não continha toda verdade, em relação às novas descobertas, a partir da teoria freudiana. Aqui temos algo que fraturou a forma de pensar de uma determinada época. Ora o quê então estamos fazendo, em história oral, até agora são micro fraturas em diversos pontos, por quê? Porque estamos vivenciando uma época repleta de crises paradigmáticas generalizadas nas ciências com relação às "áreas epistemológicas" e às "únicas e originais verdades" e, com essa crise paradigmática, "as fronteiras, os territórios, as regiões e todo um discurso "geo-político" em relação ao mundo científico", como já dito. Ou seja, as "ciências régias" estão meio que em dúvida, no que toca ao lugar e espaço de cada qual. Não se sabe onde acaba, onde começa um dado "território". A história oral pode ou não aumentar essa fissura, esta é minha opção pessoal, quanto ao grupo teríamos que debater.

Podemos sentir a crise paradigmática é gestada assim e a ação nômade com suas máquinas de guerra é viver no subsolo, por baixo, criando fraturas, ruídos, terremotos até conseguir fazer uma fissura muito grande. Aí sim as fronteiras estão ruindo, para que possamos, talvez, pensar numa terra sem fronteiras, sem espaço determinado, sem territórios e "geo-políticos". Imagino que o caminho é esse, o nosso caminho é esse! É

um caminho duro porque é um caminho de contestação e, por ser um caminho de contestação, está sempre sob o olhar crítico desses outros que estão belamente encostados. Mas na hora em que você vê o fulano tão perturbado que ele já não consegue mais responder, ou que ele tenta responder por falas dos outros, ou tenta, por todos os argumentos convencer que aquele não é o caminho, mas é o outro e a agir como agente da fé e dos dogmas. Sabemos que estamos causando uma boa e bela desconstrução naquela cabeça de cientista. Quando este perde a "crença" no seu "território epistemológico-científico" estamos diante a uma =fratura, da queda de "verdades únicas e originais" estabelecidas por outras épocas. Assim, imagino que a história oral possa fazer valer o "percurso científico", nômade.

Li um trabalho, a muito tempo atrás, da esposa do Roger Chartier, que foi lançado pela Editora Ática, o nome do livro é **Cem anos de Leitura na França.** O livro relata uma pesquisa em que um grupo em que ela era a coordenadora, tem por objeto o tempo todo a "história das leituras" das pessoas e das instituições, ao mesmo tempo. Esse livro diz logo na introdução que aqueles estudos, que estão ali publicados são o produto de uns dez doutorados, quarenta trabalhos de mestrado. E, existem trabalhos lá dentro que dão uma nova idéia do que é a história da leitura na França durante os últimos cem anos e como isso, de alguma maneira, interfere na leitura hoje em dia.

Quando o grupo foi criado, coloquei como um dos velhos e de iniciais objetivos, dentro da minha cabeça, era tentar, pelo menos em termos paulistas, perceber algum tipo de interferência com relação às práticas educativas na Educação Matemática ou não, coisas desse tipo, já que o nosso grupo está inserido mais em São Paulo, seria fabuloso se a gente conseguisse por exemplo, ter uma história de como se deu esse processo da Educação e as mudanças da Educação Matemática, dentro de um período vasto de tempo e, principalmente, a partir dos atores, a partir dos professores, dos alunos. Por que digo isso? Porque têm determinadas afirmações em livros de História da Educação e da Educação Matemática, que você vê se repetir em vários outros livros da História da Educação, iguais em forma e conteúdo, então é possível que não contenham todas as versões, todas as perspectivas e todos os olhares. Talvez, simplesmente, um copiou o outro, que copiou o outro, que copiou o outro e, na realidade, ninguém foi verificar se existiu/existe um outro lado, então, talvez fazendo uma história da Educação Matemática que incorpore não somente a lei que constituiu determinadas práticas pedagógicas ou didáticas, mas também a visão dos atores do processo como um todo: o debate da câmara, a visão de quem estuda a licenciatura de Matemática, a formação do professor em todos os níveis, do professor, estaríamos contribuindo para entender a nossa realidade com muito mais rigor, quer dizer, isso é um campo para N pesquisas! Mas, como disse anteriormente este era **um** dos meus velhos e iniciais objetivos, sem invalidar estes, acredito que já tenha alargado estas finalidades iniciais. Acredito que o grupo, GHOEM, já trilhou e ainda vai trilhar outros e fecundos campos deste tipo de pesquisa.

Hoje em dia, nesta contemporaneidade, encaro a forma de percorrer/fazer história como: não existindo possibilidade nenhuma de fazer o que chamamos de História da Civilização, História da Cultura Européia, uma metanarrativa histórica na/da atualidade, hoje só consegue fazer histórias parciais a partir de um grupo de pessoas. Acho que, nesse caminho, a história oral vai se consolidar, mas ela vai ter que se consolidar como aquela História que gera afrontamentos, quebra fronteiras, desterritorializa e se transforma em estudo do percurso do humano e seus processos neste planeta, mesmo! Para parafrasear Nietzsche, por que não existem livros, pesquisas, grupos de estudos sobre a História da Degradação Ambiental da Terra? Será ela coincidente com o humano e suas práticas econômicas? Respondo: porque este é um

problema atual, do homem atual e, portanto, não preocupa a maioria dos historiadores. A imagem é bem assim, a história oral é um beduíno em cima de um camelo e não tem território, para seu percurso conhece alguns "oásis que tem água", que ele pára para beber e outros "oásis que têm tâmaras", para comer e, portanto, não teme o caminho e continua, quer dizer, é supostamente, para a cultura ocidental, "um errante" alguém sem rotas fixas ou que possa ser rastreado por um satélite, não têm caminhos fixos. Mas, pergunto: "todo mundo 'deve' percorrer aquela mesma velha e boa estrada?" e se outro beduíno conhecer outros oásis ou outras rotas, pergunto: Ele pode fazer outro caminho e como fica o rigor? Vejo esse processo como uma possibilidade que, hoje em dia, está muito forte por conta da pós-modernidade, por conta dos fracassos dessas metanarrativas de uma maneira geral.

Hoje em dia, mais do que nunca, a história oficial está aí forte. É só pegar o exemplo do Império americano, é o maior exemplo de como fazer história, com aval oficial e acadêmico, contando mentiras, mas as transformando em oficiais. Agora, em termos dessa História, de fica como a História Oficial ou fica como uma versão oficial de História? Acredito que todos já percebem que vai passar a isso, versão oficial do Império, agora, prefiro pensar da seguinte maneira: este fazer histórico vai acabar junto com a crença da "verdade única e original", quer dizer, nem os governantes, possivelmente, vão acreditar naqueles que, eles próprios, escalam para fazer História. Deleuze/Guattari advertem que antigamente havia o historiador da corte, porém hoje em dia, quando criaram as universidades e, conseqüentemente, as "ciências régias" herdam o antigo modelo científico, não há mais historiador da corte ou oficialmente declarado pelo Estado, mas têm os historiadores das universidades que fazem história só para os Estados, em troca de um salário, então fica igual ao antigo modelo!

Quando ruírem os paradigmas, principalmente relativos àquele tipo tradicional de "verdade", já descrito, quando verificarmos que as verdades são completamente dependentes do foco, que não se está querendo comprar uma "versão de verdade" pronta e acabada, imagine o impacto disso dentro do aparelho jurídico e a História, como está muito presa ao aparelho jurídico, vai desmanchar.

Só para te dar um exemplo pequeno, eu, de vez em quando, gosto de ler conto e atualmente estou apaixonado pelos brasileiros, tem Machado de Assis, Graciliano, Guimarães, todos eles... E eu estava lendo um conto de Machado de Assis, já comentei esse conto antes, que é um conto muito interessante porque chega à beira da realidade para negá-la como única, é uma realidade fantástica, quase um conto de Borges.

O conto começa com um advogado da corte recebendo uma missiva pedindo para ele comparecer a determinada cidade, que não é localizada na carta, para defender o Julião que é inocente escrita por uma mão muito trêmula, que demonstrava ou idade, ou emoção. No bilhete, dizia que no momento exato em que ele saísse para ir a essa cidade, ele receberia o dinheiro correspondente aos honorários e aos gastos. Como ele iria receber? Nada sabia, nem conhecia o cliente? Mas eu sei que nessa tal cidade mora um amigo da época da faculdade e ele gostava muito desse amigo, então falou: "Vou aproveitar, vou desvendar isso aqui e vou rever meu amigo!" Subiu lá no cavalo e na hora em que ele sobe, pára um escravo mensageiro, entrega para ele um envelope com um muito dinheiro. Quer dizer, essa é a primeira loucura do conto: como é que o escravo mensageiro sabia que, naquela hora que pegou o cavalo, estava indo para aquela cidade?

Quando chega na cidade, conversa muito com o amigo e mostra o bilhete relatando que tinha acontecido. O amigo, depois de olhar o bilhete, fala: "É, o Julião é inocente!" e em segundo lugar fala assim: "E a letra é do Pai de Todos!". Este ajudava todos, tanto é que na fazenda dele não existiam escravos. Emancipava-os após um

período dando-lhes um pedaço da sua terra. Naquela cidade, o Pai de Todos falava e todo mundo sabia que era justa a decisão que ele tomava. Quando visita o Julião, na cadeia, a história que o Julião conta é de arrepiar o cabelo.

O filho do Pai de Todos tinha a mesma idade que a filha do Julião, emancipado que possuía um sítio, cresceram juntos os dois. Ela negra, filha de escravos, e ele, filho do dono da fazenda. E, quando volta com o título de doutor, vai procurar o Julião e a filha, ao estar a sós com a moça, se diz apaixonado por ela, que toma um susto e fala: "Não vai haver a menor condição disso, porque eu sou negra, você é branco, esse tipo de casamento está proibido e você é filho do dono da fazenda e nós éramos escravos dele até pouco tempo." E ele sai enfurecido de lá e, no dia seguinte, ele volta com cinco capangas, num horário em que o Julião não está e tenta "seduzir"a moça e ela não aceita. O pai, voltando para a casa, escuta os gritos da moça.

Então o Julião corre, encontra uma tia da moça, que estava morando lá, amarrada do lado de fora, porém Julião consegue arrancar o filho do fazendeiro de cima da filha dele. Inferiorizado, o filho do fazendeiro chamou os cinco capangas, amarrou o Julião, e saiu para arranjar mais capangas a fim de terminar o serviço. Julião continua contando para o advogado. Nesse meio tempo, enquanto o filho saiu, a filha se aproxima do pai, que está amarrado, e este da filha. O capanga, vigiando entende aquilo como uma aproximação de pai e filha e a última porque o destino dos dois já estava traçado. No outro segundo vê a moça cair com uma facada dada por Julião. Tinha dado uma facada mortal na filha, que ele mais adorava. Em poucos momentos, o filho do Pai de Todos volta, encontra aquela cena. Considera que é melhor, pois não seria acusado de nenhum crime. Chamou a polícia. Para o advogado, Julião continua a narração dizendo que fez aquilo porque a filha era honrada e não ia morrer desonrada. E que ele, naquela hora, pretendia morrer e que gostaria de estar com a mulher e com a filha.

Aí é que vem todo bordado machadiano tecendo as verdades de cada um. O pai de todos é que chama o advogado para defender o Julião e incriminar o filho. Porque considera que a história verdadeira é a versão do Julião. Como o Machado de Assis comenta, o filho tinha voltado muito mudado, assim preferia acreditar no Julião. Contrata um advogado da corte, famoso, para defender o Julião e todos na cidade dizem que o Julião é inocente!

Qual o número de verdades que estão colocadas em jogo? Umas, por certo, as verdades produzidas no âmbito jurídico, outras as verdades sociais do fato, ocorrido na casa, desde a verdade da tia, do filho, da moça, do Julião, do capanga, dos policiais chamados pelo filho, são várias "versões" da mesma verdade. Qual é a "justa" para o pai de todos? Como fazer a história "única e original" deste acontecimento particular? Casos como esse, do Julião, vão poder ser entendidos (note que digo entendidos, não aceitos), também no aspecto cultural.

Outra verdade evidente, de que o pai iria sempre defender o filho, é completamente destruída. O pai de todos leva em conta todas as versões da verdade. Então você vê, é um conto! E o Machado de Assis tece um bordado, a partir de um tipo de verdade, superando as expectativas da época jurídica que sempre está de acordo com a "moral e a ética da sociedade que representa". Machado apresenta todas as possíveis causas de uma "verdade" evidente: por que tinha testemunha ocular (o jagunço), por que o Julião e a filha eram negros (escravidão), por que tinha a confissão do pai da moça (réu confesso), tinha o depoimento do filho do fazendeiro (e suas conveniências). Então por que todos falam que o Julião é inocente? Na minha opinião, tem outra testemunha ocular que é o Pai de Todos que vê o que acontece ao levar em conta todas as versões da verdade. O resultado do bordado tecido pelo mestre Machado, neste conto, faz com a

questão da "verdade única e original" é a que vai circular em Nietzsche e Foucault, e que ainda não conseguimos assimilar!

Então, não consigo imaginar histórias oficiais e, por isso verdadeiras, ou qualquer versão oficial de verdade. Existem versões e também não consigo aceitar a idéia de que a reunião das versões vai fazer a "verdade única e original". Aqui sigo o alerta de Marx.

Na realidade, você vai conseguir ter uma versão própria de um fato ouvindo várias pessoas e é isso que você vai ter, não vai poder dizer depois que conhece o fato, pode ser que as pessoas que relatam o fato, com testemunhos orais e oculares, por exemplo, e preconceito elas não vejam o todo o acontecimento. Mestre Machado já faz essa brincadeira usando a expressão "Pai de Todos" para mostrar a impossibilidade humana da onisciente e onividente. A história oficial, para mim, está muito presente porque a mídia, na atualidade, faz questão absoluta de apresentar, tanto jornalística como artisticamente, a verdade, combinando voz em segundo plano e imagem, dita real então acreditamos duplamente na imagem e voz, você não consegue questionar: "mas será que não é outra coisa?", segundo Certeau, na nossa sociedade o "crível é o visível".

Essa é a moral da verdade, de hoje, do senhor Bush, do império, de todos os líderes totalitários. É bem no sentido que querem nos convencer de que existe essa verdade, portanto ou é verdade ou é falso. É, em certo sentido, uma lógica primitiva e por decorrência maniqueísta. Pois, se acreditarmos que a verdade está de um lado que por possuí-la é o correto e do bem, porque se nós acreditarmos nisso, facilmente seremos manipulados pela ideologia. As "armas químicas de destruição em massa" existentes no Iraque é o exemplo mais atual do que falo.

Machado de Assis conseguia, lá atrás, problematizar. Mas como ele não é tão conhecido, talvez, por alguns historiadores, eles ainda continuam acreditando na verdade, quer dizer, no que não vai existir!

Na questão da versão oficial, tomemos como exemplo os militantes do PC do B que foi morto no Araguaia e a abertura do dossiê do exército na época da repressão. A polêmica que os militares estão fazendo para abrir arquivos de 40 anos atrás e o legítimo direito das famílias em enterrar seus mortos. Ao mesmo tempo, um governo que possui uma legislação que reconhece e obriga-o a pagar pensão para famílias que tiveram seus filhos mortos na guerrilha do Araguaia. Ao lado disto, a Comissão de Direitos Humanos pesquisando e tentando desenterrando ossadas, tentando provar, via DNA, quem é que está enterrado ali, como o acontecido no cemitério de Perus que era o depósito dos mortos fora das dependências do DOI/CODI, em São Paulo. A técnica utilizada é identificar os nomes fictícios que os militantes usavam e procurar esses nomes em túmulos que existem para ver se encontram cadáveres e aí fazer o teste de DNA e tentar fazer a recomposição de como foi a morte.

Qual é a versão histórica oficial? Era aquela que apresentaram quando se falou no Araguaia, na década de 70, mostrando que todos aqueles militantes foram embora, que a "Guerra do Araguaia" tinha acabado, era só mais um episódio banal na história do Brasil, que neste país não teve repressão, não existiram mortos políticos, não houve tortura, que na realidade aqueles que desapareceram eram maus brasileiros pois optaram pelo "deixe-o", na campanha do "BRASIL AME-O OU DEIXE-O". E agora começam a aparecer todos os exemplos de tortura daquela época e que continuam acontecendo. Sempre vai haver a versão do torturado, da família do torturado, e estas também são versões oficiais! Como a do torturador, a do chefe do torturador, são versões oficiais! Mas, na realidade, elas jamais vão se constituir como uma "única" história "verdadeira única e original", elas vão ser escutadas, lidas, estudadas e, então, poderemos discernir,

pensar, acreditar em A ou em B, temos a "nossa" escolha e não mais uma História imposta ideologicamente.

O documento é essa versão trabalhada pelo historiador oral e pelo entrevistado, depoente, colaborador ou informante. Dizer que é a função do historiador oral indica que a produção final do documento escrito, a partir de fontes orais, e a construção narrativa da pesquisa é dele. Ou seja, passa pelas seguintes etapas a constituição de um destes documentos (não é uma receita de como fazer história oral, mas uma constatação de que a grande parte das pesquisas até hoje produzidas acaba de alguma forma passando por essas "etapas"): escolher um problema ou tema histórico, escolher depoentes (com todos os problemas que a escolha possa acarretar), elaborar pontos importantes a perguntar ao futuro entrevistado, fazer a entrevista, transcrever com a máxima fidelidade e, a partir destes depoimentos construir um documento com o depoente, porque às vezes o entendimento que temos do depoimento é tão diferente do ponto de vista social, político, psicológico, ou às vezes a forma, o código do discurso do depoente é diferente do código do entrevistador e nos leva decifrar/traduzir diferente da fala do entrevistado. Há quem defenda, como Foucault, que em uma entrevista temos na realidade "jogos de verdade", pois de um lado o entrevistado quer esconder "verdades" do entrevistador e este, por sua vez, quer capturá-las. Para Foucault, baseado nos depoimentos psicanalíticos, uma entrevista se constitui em cima de "relações de poder". É necessário um trabalho posterior, capturarmos os códigos do entrevistado o mais corretamente possível. Tem pesquisadores que tem receio ético desta última etapa, pois há uma fala e um discurso, ali presente, tanto do depoente quanto do historiador, que qualquer interferência pode macular a fonte verdadeira, primitiva e gravada. Não vejo assim, penso que já que a perspectiva é das pessoas mas também é do pesquisador, pois este, em tese, conduz a entrevista e muitas vezes também a memória do depoente, a construção deste documento deve contemplar, conjuntamente, estas perspectivas, dialogicamente.

Quando você manda a transcrição para o depoente o que está fazendo? Você está propondo uma construção documental dialógica e ética. Caso o informante não observe com atenção o documento enviado, por qualquer que seja a razão alegada, é ele que está fugindo ao diálogo com sua própria história. Caso ele observe com atenção o material enviado poderá introduzir ou não novas informações, discutir a redação de um determinado parágrafo, verificando se tudo foi corretamente contemplado, etc. Assim, esta forma de proceder, por N idas e voltas, até ter o documento final é ética e respeitosa com o depoente. Agora, não são os ajustes ou correções posteriores à entrevista que irão macular a veracidade daquele documento, mesmo porque a veracidade só existe onde há "verdade única e original". Então, se você quer capturar a versão do outro, ela vai se dar na hora em que os dois falarem: "O documento é esse! Nós dois concordamos que o documento é esse!"

A fita é um documento importante, como arquivo oral! Não é um documento no sentido de criar documentos para a história. É isso vai acontecer com as fitas: elas vão ficar: um documento ou registro oral histórico do embate travado pelo entrevistador/entrevistado. Assim, temos a partir deste momento dois trajetos, não excludentes, para a mídia. Em primeiro lugar, ela vai servir de fonte oral para a constituição do documento final, que o entrevistador/pesquisador irá compor com o entrevistado/narrador, como relato base da pesquisa histórica feita. Em segundo lugar, ela "pode" permanecer formando um "kit" com os documentos produzidos transcrição, textualização, texto com o documento dialógico e o texto da Dissertação ou Tese originada. Este seria o material sobre o qual daqui a vinte, trinta ou cinqüenta anos outros pesquisadores poderiam trabalhar partindo do registro oral e chegando no

documento da pesquisa. Então, estes pesquisadores poderão discutir com os outros a versão que estes deram para aquele documento. Preparar outros documentos acadêmicos feitos por outros pesquisadores. Mas ela não vai passar disso, porque o momento da entrevista é fundamental e único na escrita do documento histórico produzido. Assim, o tema histórico da futura pesquisa terá que passar por um determinado filtro que é o trabalho anterior.

Não é porque a história é oral que o documento tem que ser somente oral, porém a preocupação central é com a qualidade na constituição dos documentos, a partir de fontes orais. Assim, teremos um documento construído por fontes orais (no caso, depoente e entrevistador) que na realidade é um documento com base em fontes orais, um documento que expressa a versão daquela pessoa, a partir da interação ou não com o entrevistador, para situação histórica pesquisada. Agora a fita é um documento, como o expresso acima, que fica para quem quiser usar, porém dificilmente, ela vai recuperar o mesmo ambiente existente durante a entrevista original. Existem, porém, outras técnicas de entrevistas. É comum em Sociologia, dependendo do objeto do pesquisador (ao pesquisar "concepções ideológicas" do sujeito, por exemplo.) provocar uma entrevista de "confronto" com o entrevistado. Esta técnica de entrevista foi desenvolvida por Pierre Bourdieu, na França. Alguns pesquisadores em Educação Matemática, no Brasil, tentaram aplicar esse procedimento metodológico nas pesquisas que conduziam, porém os resultados foram "pífios" e ainda provocaram quase o fechamento total, por parte dos entrevistados, de tal sorte que muitos ainda não concedem entrevistas, mesmo que o pesquisador seja outro.

Voltando à questão da fita, considero que após a pesquisa, é algo que não se torna individual, com a sua singularidade e modelo semântico, próprios. Caso o entrevistado seja monossilábico, como um dos entrevistados que encontramos na pesquisa da Sílvia: a fita não traduz a pessoa e nesses casos torna-se fundamental acionamos, como conseguirmos, a memória involuntária, como a denominou Marcel Proust, pois esta é sempre emocional e este desequilibra o sujeito monossilábico e ele, então, o depoente começou a falar. Quer dizer, é a versão dele? É a versão dele! Não consegue ser total, porque ele deixou de falar coisas, ele se "travou", buscou o "silêncio". Talvez estejamos frente a um caso, típico de recalque, mas isto só é suposição de um pesquisador.

Quanto à análise, do trabalho em história oral. Encontramos duas fortes correntes, em nosso grupo, e talvez no Brasil. Uma defende que qualquer tipo de análise realizada pós-pesquisa de campo deve ser evitada, a todo custo, isto porque esta corrente acredita que procedendo assim o pesquisador está ultrapassando os limites que a própria história oral possui. Outra entende que, como o tema é histórico, há a necessidade do pesquisador evidenciar a posição teórica, após o campo, mesmo correndo o risco de nem informantes e nem leitores concordarem com suas posições analíticas. Entende-se que historicamente isto se faz necessário, pois um acontecimento, uma fratura uma sutura devem ser estudadas. Existem trabalhos em que a questão do sujeito fraturado, do sujeito partido e suturado por dentro da cultura através da linguagem, como o enunciado nos estudos contemporâneos ou pós-modernos, a análise da pesquisa é necessária para entendermos as mudanças na figura do professor. Nesta lógica, quando conseguimos capturar, na fita e na entrevista, quais são as fragmentações do entrevistado, é a hora da análise.

Essa é uma possibilidade analítica interessante que gera a captura do tema histórico. Isto significa analisar esse tema, a partir do que os depoentes falaram, e não analisar "a vida do depoente", mas sim, como eles constituíram aquele documento (escrito), a partir de

seus discursos e conversas com o pesquisador. Este documento final é a versão deles daquele tema histórico, como conceberam a invenção dele e o solucionaram ou não.

Não é possível pensar numa "análise estritamente de fundo acadêmico" por uma questão breve. Para analisar aquele acontecimento histórico devo ter um paradigma, para praticá-lo devo possuir um paradigma. Nesta lógica, tenho que ter uma "verdade única e original" que nutra o paradigma que uso, só que para isso é necessário acreditar em verdade! Então quando analisamos acontecimentos em que uma determinada pessoa está envolvida, o pesquisador a está julgando com códigos de verdade que possui, certo ou errado e, necessariamente, não é bom ou mal, mas também não é acadêmico, pois não é uma análise objetiva?

Podemos pensar a análise não como obrigatório, mas, sim, como um momento em que a pergunta de pesquisa e o tema histórico vão se organizando, fazendo, criando, inventando uma história. Nos trabalhos de pesquisa em história oral, que oriento, não se faz análise de pessoas ou de suas vidas. Buscamos tendências históricas tanto no movimento sincrônico (no momento) como no diacrônico (no tempo mais longo). Em alguns estudos, que oriento, evitamos o viés da "análise estritamente de fundo acadêmico", como já dissemos anteriormente. Porém, buscamos analisar movimentos e fraturas (do ponto epistemológico) que fazem o vai e vem da História.

Com relação à discussão que tivemos numa das reuniões de terça-feira sobre procedimentos discutimos sobre o seminário de um dos integrantes do grupo História da Matemática e, particularmente, sobre o comentário desse grupo de que o trabalho de pesquisa, apresentado no seminário, não seria de história oral porque este não seguia os procedimentos estabelecidos em nossas pesquisas. Obrigado, agora me lembro bem, é o caso da pesquisadora e da apostila, que ela nem citou o autor que tinha dado a informação para ela?

A questão é a seguinte, o mundo da universidade é um mundo hipócrita porque é um mundo de aparências e têm que ser combatido, como diria Bourdieu. A aparência de verdade de um determinado acontecimento, relatado em uma pesquisa, é que garante essa tal hipocrisia acadêmica. Não tratamos aqui de radicalismos, porém a mistificação acadêmica já é denunciada há muito tempo e, caso não seja combatida tenazmente, "os louros", deste tipo de procedimento, atingem a toda universidade.

A ética, em relação à pesquisa, no nosso grupo é observada em todos os trabalhos, pois o grupo funciona como um verdadeiro comitê de ética. Isto por duas razões básicas: a primeira é que toda pesquisa, que trabalha com humanos, deve ter com estes uma relação ética; a segunda é que o procedimento padrão do grupo impede que algo, por menor que seja, não passe pela correção e obtenha o aval determinado de nossos depoentes que na tese final, antes da publicação oficial recebem um exemplar desta. Ora, se algum de nós tivesse surrupiado alguma idéia, colocando como do pesquisador, o depoente denunciaria o documento.

Com relatividade destes tempos modernos, quem pode garantir algo? Quem pode garantir que você não inventou essa entrevista do Carrera? É o Carrera! Quer dizer, a versão dessa (que agora fazemos) entrevista se vale deste duplo apoio. Neste sentido, temos que nos pautar por uma extrema ética e respeito ao depoente, ao que fala e ao que produziu etc. Agora, outros acadêmicos, vamos falar assim, são mais afeitos por resultados do que qualquer outra coisa. Entendo até que as exigências burocráticas exigem muito do pesquisador, mas nada disso justifica ter comportamento antiético. Transformar mentiras em "minhas "descobertas" segue um caminho perigoso, provoca uma transubstanciação da História em ficção histórica.

De maneira geral os historiadores dizem que fazemos ficção, mas, na verdade, quem faz ficção são eles, ou melhor, alguns deles que não elegem a ética como

companheira dos procedimentos de pesquisa. No caso em pauta daquela pesquisadora, para mim, aquilo é um comportamento, infelizmente, normal na academia, porque esta, como o já dito, é o reino da hipocrisia, tranqüilamente. Agora, é infeliz que a academia tenha optado por esta trilha, a questão de desconsiderar o sujeito. Essa posição revela o não respeito àquele sujeito e, isso implica, que não se respeita a humanidade, isto gera uma pergunta singular: Como é que se faz pesquisa história, assim?

Agora, dizer que a história oral é só um conjunto de procedimentos é banalizar o outro, de novo, para se defender. Ora, se todas as ciências forem levadas a esse grau de análise primária, também poderíamos dizer que a biologia é, simplesmente, olhar no microscópio e apontar respostas ou que a história tradicional é, simplesmente, na busca por verdades empoeiradas, dedicar-se somente a procurar em arquivos. Isto quer dizer, e não fala, no geral as pesquisas não são assim, são sérias! Podem falhar em algum ponto, mas são sérias!

Alongando, mais que o necessário, nesta questão, o grupo de pesquisa em História Oral e Educação Matemática não é, apenas, um procedimento só, mas se existe um procedimento que o grupo de História Oral e Educação Matemática persegue, a todo custo, é o procedimento ético. Faço minha a indicação feita pela Ecléa Bosi, em 1972, meio que para o futuro: "Crianças, tomem cuidado!". Explicando. A Ecléa Bosi, em 1972, na defesa da Tese de Livre Docência dela, respondendo a uma das perguntas feitas (é a Chauí quem faz a pergunta) que trata de quem é que eram os seus sujeitos de pesquisa diz: "Não tenho sujeitos de pesquisa, tenho, isto sim, colaboradores como o seu José, a dona Maria, etc.". Chamou a atenção de todos, já em 1972, e falou: "Criançada, olha, nós trabalhamos com pessoas, não é com sujeitos de pesquisa, esta forma de pesquisar não é feita a partir de sujeições!". Esse longo percurso de pesquisa exige todo um procedimento em que a ética seja valorizada, senão, que respeito a pesquisa, o pesquisador e a Universidade demonstram pela humanidade?

E vejo a história oral se construindo e cada um colocando algo nessa construção, de qualquer percepção do eremita, do eremita de **Assim Falava Zaratrusta**, de Nietzsche, buscamos sempre ver mais longe e alargar, próximo do infinito, nossa percepção. É pernóstico, mas retrata bem. Buscamos leituras, em todas as áreas, e as fazemos, como sedentos no deserto, para elaborar um constructo teórico-metodológico que dê conta de uma área de pesquisa em construção, isto não é brincadeira.

É, vidas não se analisam, mas o todo, o conjunto pode dar respostas para onde aquele conjunto experiências vividas indica. Considero que existe um corpo de ciências muito bem delimitado e que a história oral é um quisto, ela quer se inserir! Mas como ela própria não tem muita idéia de onde, se é entre história e antropologia, entre história e sociologia, etc. Fica aquela confusão de onde se inserir! Nós somos uma forma de olhar o mundo enquanto área de conhecimento, para não usar a palavra ciência, propriamente, meio que sem muito endereço, sem muita partição, como isso pode mudar? Pode mudar quando essas coisas ditas "ciências" trilharem o caminho da cooperação. Um exemplo, clássico, hoje em dia, a psicanálise estaria bem no nível, proposto inicialmente por Freud, se não caminhasse com a lingüística, posteriormente. Este caminhar contribuiu para poder analisar o discurso e ter técnicas para isso.

No futuro próximo entendo que aí as ciências vão se compreender como percursos científicos nômades no qual o oásis vai representar, nesta metáfora, as teorias que eu vou consumir, para efetuar minha pesquisa. Tenho esse, tenho aquele..., então a ciência que faço tem esse percurso, não vai ter mais uma região delimitada e isso é típico de uma ciência nômade, quer dizer, não tem nunca um caminho certo de como fazer ou o lugar certo por onde começar. Então eu vejo que a ciência nômade explica hoje em dia a posição da História Oral e Educação Matemática, quer dizer, as pessoas

caminham! Hoje em dia elas têm um oásis preferencial que realmente é a história, porém aí tem um nômade que vai lá para o oásis da Antropologia, um outro para o da Sociologia. Nós estamos fazendo isso: trajetórias! Nossas pesquisas em História Oral e Educação Matemática não se caracterizam numa "ciência e nem por "um método", elas se caracterizam por uma trajetória. Quando li essas palavras em **Mil Platôs**, de Deleuze Gattari, fiquei paralisado.

"É disciplina. Não é disciplina". Quando escolho áreas como Educação Ambiental, História Oral e Educação Matemática estou procurando lugares que não sejam disciplinas constituídas, de terno e gravata, não gosto delas, eu gosto de liberdade, de trilhar e escolher caminhos. Então quando vejo alguém defender que história oral é disciplina acho um equívoco porque não quero disciplina (que obviamente só serve para sujeitar pessoas e as disciplinar ou normalizar) e se virar disciplina vou embora, vou procurar outra coisa. E só método é muito pouco, porque não é, ela é mais do que isso.

Pensando nas questões discutidas no grupo, estou cada vez mais me convencendo que as pessoas preferem aceitar "as verdades" como um dogma e ponto final. Tranqüiliza em demasia as suas vidas ao invés desta discussão que aumenta tensões.

A questão do nomadismo nos leva a pensar em áreas do conhecimento que possam nos auxiliar, como algumas já fizeram. Os procedimentos que utilizamos e que é chamado de história oral migraram da antropologia. É mais ou menos o procedimento que o antropólogo fazia com os nativos: gravava, elaborava um caderno de campo, conversava com os nativos e observava seus costumes. Porém, posso dizer ao mesmo tempo: "Não, é como se fosse um momento em que um psicanalista estimula a memória do cliente, naquele ponto específico, para que esclareça ou não, algum ato falho", quer dizer, a psicanálise está aí, é um oásis intocado, ainda. Um dos nossos pesquisadores está percorrendo com o Norbert Elias a sociologia. Outro oásis quase intocado, até hoje. Precisamos esses conhecimentos, todos, já que queremos causar aquele terremoto, temos que começar a invadir essas áreas do conhecimento e suas regiões epistemológicas e a agir mesmo como hordas bárbaras, invadir, estas regiões e nos apropriarmos do que é interessante para a História Oral e Educação Matemática.

Por exemplo, ainda, não trabalhamos bem a questão da iconografia, as fotos, as anotações, o contexto daquela foto. Pois, em termos de história, não basta dizer, "Ao fundo da foto aparece o laboratório de Física, da direita para a esquerda fulano e beltrano. Essa foto foi tirada quando fazia o segundo ano de física", na opinião dele nós deveríamos tentar fazer uma iconografia um pouco mais rica e esse é um assunto que não se discutiu e muitas vezes usamos mal a iconografia.

Temos, ainda, a questão da fita, da gravação que tem uma função na pesquisa e da entrevista quando abordamos um determinado aspecto do pensamento do depoente. As possíveis trocas de idéias com entrevistados ou grupos de pesquisados, como esta fita fica num Centro de Memória e, daqui a duzentos anos, algum pesquisador em memória vai tentar entender e decodificar essas fitas. Tenho dúvidas das possibilidades lingüísticas nesta última empreitada, porque nós, hoje em dia, pegamos cartas de 1500 e não conseguimos decifrar documentos!

Essa é uma outra discussão, o uso dos depoimentos na fase oral, ou seja, na gravação. Na medida em que re-elaboramos, de alguma maneira, os vícios de linguagem e uma série de problemas de ordem lingüística, mas se nós temos absoluta certeza de que os procedimentos foram éticos e de que os documentos foram construídos com os depoentes e estes deram aval àqueles documentos, nesse momento, aquele documento é superior à fita, precisamos começar a discutir questões como estas. Vivemos num em

um regime político em que a fita pode ser arquivada e qualquer um pode interpretar aquela fita, eu acho temerário, pois a questão semântica muda mais rapidamente que a sintática. E, a questão semântica, terá dificuldades em ficar clara em uma audição de dada entrevista.

Acho que as possibilidades futuras são imensas e, acho mesmo, que nós temos ainda um longo caminho a percorrer, a entender e a discutir. Entendo que o grupo está no caminho certo, está discutindo com outras pessoas de outras áreas, vou chamar de concorrentes, pois está conversando com sociólogos, historiadores e etc. Esse é um caminho que leva ao crescimento.

Acho que há um erro histórico na segunda juventude da História Oral, de 1972 para cá, depois do Manual de História Oral, do Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, com a história da transcriação. Estou lendo, no tempo que sobra, a transcriação da Ilíada, que o Haroldo de Campos terminou, antes de morrer, e lê o prefácio que é feito por Trajano Vieira, apresentando a obra, acompanha a pesquisa feita para compor o livro tem uma pálida noção semântica do que este termo, criado por Haroldo e Augusto de Campos, significa. Em poucas palavras: trazer para o presente o que cada um dos termos significava, no passado, para aquela sociedade. Outro livro, menor que o anterior, é: **MHNIS – A Ira de Aquiles**, escrito pelos dois autores acima citados Haroldo de Campos e Trajano Vieira, São Paulo: Nova Alexandria, 1994. Neste livro, a um capítulo essencial para a questão da "transcriação", ou seja, Para transcriar a *Ilíada* (Haroldo de Campos). Soberbo.

E, na realidade, a transcriação funcionou para nós como "uma maneira diferente de construir a narrativa do depoente" e a transcriação é uma junção que o Haroldo e o Augusto de Campos fizeram, e que o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy deve ter gostado, de duas palavras de *trans* no sentido de ser acima, no sentido de não ser simplesmente uma tradução, acima das traduções; e *criação*, porque é a criação do escritor é (re)estilizada para o tempo narrativo atual. Então a "transcriação" significa, algo como, uma tradução além do que nos foi dado pelo criador original da obra, significa também atualizá-la. Dizer que fazemos isso com a oralidade e com a narrativa desta, só mudando o estilo literário de apresentação da pesquisa, é muito pouco.

Num primeiro momento pensava bastante na textualização e na transcrição. Esta deveria ser seguida de uma edição, para não existirem repetições, ou seja, inicialmente, entendi que caminhava por aí. Hoje em dia, mesmo os autores modernos que já definem o homem como um texto a ser decifrado, que a fala existe para ser decifrada e que todos nós não passamos de figuras de linguagem, acho que, no momento em que você está transcrevendo uma fita, você já está fazendo a "primeira textualização" transformando oralidade em texto e não, simplesmente, transformando a voz em um texto, a pessoa como o texto, o gesto, a enunciação e o discurso. Em segundo lugar, esse trabalho de edição é necessário quando se passa para o escrito porque numa conversa ou entrevista é natural que existam repetições, mas em um texto que vai ser apresentado como narrativa ou como um documento, o número de repetições pode ser substituído por uma expressão formal como "o depoente toca nesse ponto insistentemente". Você faz uma edição daquilo que viu, observou, entendeu, enxergou no depoente. E, é evidente que, como o pesquisador vai enviar a transcrição, a textualização e conversar com os depoentes depois delas lerem e analisarem as suas entrevistas, este pesquisador vai perceber se os depoentes conseguiram ver-se, observar-se, entender-se, enxergar-se no texto em que transformou-se a entrevista e a fala.

Então, a textualização, conforme vejo hoje, é a percepção global que o pesquisador tem do pesquisado, seca e textual. Assim, a este poderíamos chamar de primeiro documento escrito a partir do qual os dois, ao construírem um documento, vão

estar colocando as duas visões, tanto a visão do pesquisador como a do pesquisado! Então acho que quando o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy colocou essa questão as coisas ainda estavam nos primórdios e ele estava entusiasmado por uma forma textual mais literária, ficcional ou que originasse narrativas históricas, menos cansativas. Não vejo como possível tratar o texto, obtido em uma entrevista, como uma tradução do oral e, menos ainda, necessitar significá-lo narrativamente para o leitor, ou seja, há uma sincronia significativa entre leitor, entrevistador e entrevistado, os três pertencem ao mesmo tempo e caso reste alguma dúvida em relação à memória, que é diacrônica, a temporalidade aqui envolvida é de ordem muito mais psicológica do que de significado. Assim a "transcriação" é que perde o significado, neste caso. Caso o pesquisador altere o texto já estamos no terreno da ficção. Muda completamente o ritmo das falas e significados.

Conceitos como "transcriação", em história oral, vem exatamente desse tipo de caminhar meio que trotar militarmente, que o Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, introduziu no manual dele. Que era um manual mesmo! Era para difundir a história oral, mas acho que muitos pesquisadores tomaram como uma cartilha da forma de fazer a pesquisa.

Mesmo porque o pesquisador não é obrigado, não faz parte do acordo quando ele entra na academia que ele seja um bom ensaísta ou que ele seja um bom escritor ! Faz parte produzir uma pesquisa, esse é o contrato! Isto é, então a pesquisa vai depender dos dotes literários do pesquisador. Agora, só com a proposta da "transcriação" como sendo o único objetivo do pesquisador, parece que há aí uma fratura ética com o ato de pesquisar.

Quanto a essa questão que você me coloca acerca da morte do sujeito, sobre a qual falei num artigo sobre paisagem, cotidiano e memória que justiça seja feita era de Educação Ambiental, remeto à frase de Samuel Beckett: "que importa quem escreve, importa o que escreve". Originariamente a questão pode parecer tonta, mas por dentro da academia o valor de um texto é atribuído muito mais a autoria do que a qualidade do mesmo.

Essa frase é baseada em Foucault, no texto **O que é um autor**, para questionar a "autoridade" do autor, a frase é do Samuel Beckett, por quê? Em 1960, tinha-se muito forte essa idéia dos autores como referência da "verdade", quem praticamente fazia ciência eram os autores das ciências humanas, por exemplo, o filósofo Sartre. Segundo esta lógica, valia muito mais ler Marcel Proust ou Platão do que ler um desconhecido, independente da qualidade de seu texto.

Assim, Foucault discute a seguinte questão: quando escrevemos um texto, enquanto escreve, poderíamos dizer que o texto é do autor, mas quando o solta no mundo, publica, o texto vai ter a apropriação feita pelo leitor. Então, já não é mais o meu texto, é o teu texto. Isso antigamente era feito pela mediação do nome do autor, logo se é de tal autor então vou aceitar aquilo que ele fala como uma verdade absoluta!

O que os dois, Samuel Beckett e Michel Foucault estão criticando? Estão criticando a antiga visão e propondo uma nova posição de leitor: "não importa quem escreveu, agora, o que importa é o quê está lendo, aquilo com o quê está concordando, discordando...".

Agora, como uma pessoa que for ler um texto qualquer vai se apropriar dele? Talvez funcione assim: um artigo é publicado, aqui no Brasil, como o leitor vai apropriar-se dele? Beckett nos informa, em primeiro lugar, o que estava sendo discutido no artigo é o importante; e em segundo lugar, que o nome de quem escreveu não importa o que é fundamental é a apropriação teórica que o leitor faz do discurso teórico apresentado pelo autor. Veja o "autor" morre e vai para segundo plano, já o texto,

discurso teórico e a apreensão do leitor vão para primeiro plano. Assim, o quê importa da leitura de um texto é o que fica na interpretação do leitor, menos na figura do autor e muito mais na minha leitura. A leitura, a interpretação que o leitor imprime ao texto e a figura do leitor (ao invés da do autor) são as questões privilegiadas e o que Beckett e Foucault estavam preconizando era a morte do autor (como até então considerado) a partir desta lógica, o autor não teria mais autoridade sobre o que escreveu e publicou, após isto feito a "autoridade das possíveis interpretações" é do leitor. Assim, não estamos tratando da morte física do autor, mas de um "nascimento epistemológico do leitor" que, então, passa a ter a autoridade das interpretações. O autor coloca as idéias no mundo para que o mundo se aproprie delas ou não, jogue fora ou não!

Voltando um pouco atrás, considero que a História Oral e a Educação Matemática (no nosso caso, pois é um problema que afeta todos os grupos de História Oral) deveriam dar mais atenção às questões da memória e psiquismo. Algo que ainda me afeta e é mal resolvida na minha cabeça, é a questão psicanalítica da entrevista de idosos ou pessoas com "recalques analíticos". Em uma dissertação recente consta a entrevista de um senhor. Até onde percebo, ou ele tem um problema de memória (no sentido biológico do termo) ou um problema de tipo analítico. Do ponto de vista analítico, se estudado, um analista poderia confirmar ou não a questão dos "recalques", pois estes têm a função de, embora tentando voltar ao ego do sujeito, serem barrados e, com isto, gerando esquecimentos, lapsos ou os famosos "brancos" da memória. Considero que era uma grande oportunidade de analisar o depoimento do entrevistado sugerindo outras possibilidades de interpretação do que, simplesmente, entender que por ser este "o depoimento e a versão do entrevistado, logo era intocável". Quanto ao texto da entrevista concordo, porém quanto à análise efetuada, discordo. Falta-nos avançar em estudos dos silêncios, esquecimentos e lembranças embaralhadas por parte dos depoentes.

Não estou tentando mudar depoimentos de ninguém, mas considerar o "sujeito moderno" fragmentado por normas, sujeições e marcas da violência, na carne nua, entre outros. Assim, o historiador (ou quem achar que não é) deve ter à disposição "uma caixa com várias ferramentas, de análise", como diria Foucault. Os limites interáreas do conhecimento epistemológico não existem para o pesquisador e sua análise da interpretação ou versão do depoente. Considero que o sujeito, hoje em dia e mais do que nunca, tem que ser apresentado como ele é, com todas as fraturas, fissuras e suturas que possua. Entendo que é isso que vai garantir ao futuro leitor e ao futuro decodificador daquela leitura, de como se lê, de como se enxerga aquela verdade, aquela pessoa, não como uma pessoa, somente bonita, arrumada, dócil, assujeitada, ajustada, auto-regulada e "normal". Porém, apresentá-las como realmente são ou seja, pessoas fraturadas, fissuradas e suturadas em quase a totalidade de culturas e sociedades humanas. Isso eu acho que tem que ficar!

Com relação à fundamentação teórica, tem a questão de estilo narrativo mais voltado à descrição e outro mais teórico. Considerar que nosso grupo já possui uma forte tradição teórica não considero, ainda. Temos um grande percurso, ainda, pela frente teórica, porém à frente do campo cada vez mais fica aprimorada e, interessante, com um certo rosto simpático. Daqui a alguns anos, quem sabe, estaremos mais confortavelmente posicionados teoricamente. Inclusive no vivido inter-grupo podemos sonhar com formas compartilhadas de teorias.

Bom, esse é um lado da questão. Eu tenho um certo receio de indicar textos logo no início para o orientando, entre eles destaco, principalmente, a questão dos "percursos científicos", pois mesmo que o orientando esteja convencido dos seus objetivos, temas históricos, documentos e depoentes, ainda resta por como vai caminhar dentro dessa

ciência nômade "História Oral e Educação Matemática". Quando já sabe em quais oásis vai posar, aí tudo bem! Gosto de deixar o orientando decidir o que ele quer fazer. Não gosto de determinar percursos de pesquisa para eles.

O outro lado é que gosto muito, hoje em dia, de dois livros que acho que são básicos: um é um romance, **O Manual de tapeçaria**, ajuda a ler, entender, fiar e tecer narrativas e como se dá o refazer da história. O outro é um livro que saiu pouco, já citei na lista do GHOEM, chama-se **Clio e Psyché**, é organizado por dois grupos, um de São Paulo e um do Rio, que trabalham com junções e cisões, digamos assim, da história com a psicologia ou a psicanálise. Esse livro, no fundo, é o livro de um congresso, são mesas redondas, é o texto de um congresso. Você não demora muito para ler, mas tematicamente ele está muito bem dividido, então encontramos nos textos questões de psicologia, literatura, história, história oral, sociologia. E é um livro que abre a cabeça para o não pensado. É um livro que acho ideal para quem está iniciando.

Para responder aquela pergunta do Ronaldo, feita nas discussões e na lista do GHOEM, sobre qual é a qualiquantidade do lustre que devemos ter para pesquisar em História Oral e Educação Matemática. Acredito que a idéia de lustração é uma idéia que assusta um pouco o jovem pesquisador. Principalmente se não levar em conta o tempo útil de estudos, congressos, artigos, grupos, pesquisas e livros que irá produzir durante o seu percurso. A comparação com outros pesquisadores ou estudiosos é, particularmente, desastrosa. Provoca uma ansiedade, que é própria da juventude, e impede a percepção que todos estamos imersos em uma mesma cultura assim o cruzar de nossos caminhos com aqueles que consideramos inatingíveis ocorre mais breve do que o jovem prevê. Fazendo algo que considero que seja perigoso vou adentrar os caminhos do aconselhamento.

Em um primeiro momento o jovem pesquisador deve gostar de ler e escrever, qualidades raras atualmente. Na leitura, deve começar por livros sedutores, para seus objetivos, e trilhar sem medo leituras, que vão com o tempo ficando exóticas. Começaria sugerindo livros de aspecto geral, aí talvez, em nossa área, poderia ir caminhando pelos **Usos e Abusos da História Oral**, para começar a tomar cuidado. Depois, um livro muito interessante **Introduzindo a história oral no Brasil.** E, se quiser ser meu parceiro, gosto mais de pesquisar as questões ligadas a memória, então viajar por dentro da psicanálise, da psicologia um bom começo seria o estudo de **Memória e ressentimento ou/e Em Busca do Tempo Perdido.** Mas, acredito que o primordial é ver o que a pessoa quer trilhar!

Em um segundo momento o jovem deve gostar de trabalhar e estudar, seriamente, em grupo. A questão central da ilustração é resolvida pelo trabalho conjunto e com a informação sendo de livre acesso. Antigamente, ilustradas eram aquelas pessoas, de um certo cabelo branco, que solitariamente, passaram seus dias em bibliotecas. Este é o arquétipo do sábio idoso, cabelo branco já meio ralo, cercado de livros e que da vida prática não entende quase nada. Não é uma boa imagem para um jovem fazer de si próprio no fim de uns trinta anos. O que o novo deve incorporar ao trabalho de pesquisa é o grupo, pois este nas trocas estabelecidas o fará andar mais depressa.

Você me pergunta o que estou escondendo de você. [risos] Conscientemente nada que possa te falar, essa é a brincadeira que fazemos com a memória: memória voluntária e involuntária. Na realidade quando entrevista-se alguém, ele já vem, conscientemente ou não, organizando-se mentalmente para o embate.

O que eu quero dizer? O ego do entrevistado recebeu a mensagem que vai dar um depoimento de fatos da sua vida, essa mensagem é transmitida imediatamente para o superego que, então, se incumbe, sem que o ego saiba, de "recalcar" velhos

ressentimentos, angústias, verdades íntimas e escondidas, amores perdidos e quem sabe a solidão na qual se isolou. Porque não temos consciência isolada só a permitida pelo superego. Como que podemos localizar estes pontos? A psicanálise dá de novo a pista, quer dizer, são atos falhos, os momentos em que o entrevistado realmente gaguejar, os esquecimentos não explicados ou premeditados. É nessa hora que a psicanálise ajuda a identificar, no discurso do depoente, quais são os sentimentos "recalcados", e aí o que fazer? Buscar uma tática para liberar os recalques dos depoentes. Quem ajuda, a Psicanálise!

Consta, entre as metáforas freudianas, aquela que alguém está fazendo uma palestra, a platéia de terno e gravata assistindo e, de repente, entram duas pessoas berrando, gritando na sala, para retirá-los, dois senhores, depressa e polidamente, levantam e os põem para fora e fechando a "porta". Isso feito, continua a palestra, mas essas duas pessoas postas para fora começam a esmurrar, gritar, berrar, chutar a porta de um tal jeito que a palestra não continua, quer dizer, entenda bem: a palestra é a metáfora da fala do analisando ou depoente, não continua. Então, o que esses dois diletos senhores fazem? Levantam, abrem a porta e a fecham atrás de si, pegam cadeiras, sentam-se do lado de fora da porta e impedem qualquer tipo de manifestação dos dois. Nesta metáfora, esses dois, postos para fora, são os "recalcados", o palestrante é o entrevistado e todo o resto que acontece, acontece no inconsciente do depoente. Quer dizer, conscientemente ninguém dá conta disso, é necessário um outro para se dar conta desses pontos, com aquela "caixa de ferramentas dita anteriormente", caso o entrevistador a tenha pode questionar o depoente certeiramente: "Mas o que quer dizer tal coisa?". E de repente, caso os meus gentis guardas se distraiam, é que vem a memória involuntária, num momento de distração, do superego, a porta é aberta e o recalcado entra e fala no discurso. Aí sim, porque senão toda história oral que obtemos, ela age dentro da memória voluntária, da memória que quero tornar pública, do que quero deixar publicamente e o que quero esconder, muitas delas o depoente já nem mais sabe quais são, de tão escondidas que ficaram, no inconsciente. O escondido, o esquecido e o segredo são muito bem policiadas pelo superego, sem que tenha consciência, sem que o ego se dê conta disso.

Era isso?

Obrigado você, por ter me feito todas as perguntas e, de repente, ter podido lembrar de tudo isso e aí nós vamos fazendo uma avaliação, interna, dos caminhos e (des) caminhos percorridos. Valeu!

Estava brincando, não sei se você reparou, falei para a Gilda: "Vamos experimentar do nosso próprio veneno!", porque sempre tive a impressão de que quando saímos de uma entrevista, e isso é claro que é verdade, o entrevistador sai mudado e o entrevistado fica mudado, na medida da inserção, naquela sessão de entrevista e que fica depois remoendo por dentro... Para o pesquisador fica: "Devia ter feito aquela pergunta ou devia ter dito aquela coisa.". E para o entrevistado, sempre entendemos que ficava algo que não contou e que, talvez, fosse importante "como o sal da terra", é impossível lembrar tudo! Acabou a entrevista, as portas e os senhores foram embora facilitando o trabalho dos esquecimentos "recalcados", é a hora do encontro com os esquecimentos. Então acho que esse trabalho é um trabalho de reconstrução interna muito interessante. E agora vou ver, vou experimentar o veneno, ver o que acontece.

5.8) Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2005.
Rosinete Gaertner

Meu nome é Rosinéte Gaertner, sou professora na Universidade Regional de Blumenau, onde estou a quinze anos. Comecei a lecionar em 1976, quando tinha 17 anos. Anos mais tarde, fui para a universidade trabalhar as matérias de Cálculo Diferencial e Integral e Prática de Ensino de Matemática. Fiz mestrado em Educação, em Blumenau e, em 1999, vim como aluna especial para fazer a primeira disciplina de doutorado aqui na UNESP. Em 2001, tornei-me aluna regular e terminei o doutorado em 2004. Amém! [risos]

A história oral apareceu durante a discussão do projeto da tese de doutorado. Inicialmente, minha proposta de pesquisa envolvia trabalhar com entrevistas e aí, em conversas com o Antonio Vicente Marafioti Garnica, ele disse: "Você vai trabalhar com história oral, com certeza!". Eu não sabia nada de história oral, então, primeiramente tive que me informar sobre o que era história oral. Li aquelas obras básicas: o **Manual de História Oral**, o livro da Ecléa Bosi e outros, para começar a me situar, para depois começar a trabalhar com a história oral.

Nas disciplinas que fiz aqui na UNESP, nenhuma tratou da história oral, nenhuma. Também não cursei disciplinas ligadas à história, pois tinha feito História da Matemática no mestrado, mas não falava em história oral. Então, eu não tinha experiência alguma, não sabia nem o que era história oral, sabe? E aí, aos poucos, através das leituras, das discussões com o Vicente fui aprendendo. A biblioteca da FURB é muito boa e isto me ajudou bastante, encontrei muita coisa para ler sobre história oral dentro da área de história.

Desde o início havia aquela dúvida: história oral seria mais uma técnica ou uma metodologia? No início, isso é bastante interessante, quando fiz a primeira entrevista, olhando agora para ela, percebo que eu estava muito mais dogmática, tentando aplicar a técnica, na verdade! Só que logo isto mostrou não ser suficiente, que isso foge .... Para mim a técnica é muito pouco, ela é praticamente uma receita. Você pega, segue e não tem o que dar errado, a não ser que você fuja da receita. Percebi, então que a história oral envolve muito mais coisa! Cada entrevista é única, em cada depoente você vai encontrar um campo de trabalho muito grande e, falando com cada um deles, você vai aprendendo muito. Você vai aprendendo a não só querer saber deles as informações, que é o que faz uma entrevista que simplesmente quer arrancar as informações, mas a perceber esse momento como uma troca mútua. Você aprende com eles, consegue as informações que fazem parte do teu trabalho e de outro lado há toda uma questão de respeito, de envolvimento pessoal que, numa técnica somente, não existiria esta relação. Isso porque, numa técnica de entrevista, penso eu, se você vai entrevistar alguém, é totalmente impessoal, você vai com um roteiro pré-definido: pergunta, resposta, acabou, fechou, vai embora.

Na história oral não é assim, durante o depoimento, as pessoas vão te revelando muitas coisas da vida delas e você acaba discutindo coisas que te envolvem também, porque fazem reportar à sua vida [risos]. Então achei muito interessante, aprendi muito. Comparando a primeira entrevista com as últimas, aprendi a ter muito mais paciência para ouvir e observar. Com certeza há uma evolução! Pelo fato de você dar voz ao depoente é a idéia dele que tem que estar ali. Na entrevista, muitas vezes, quando você dá voz ao depoente, você só vai buscar informações que realmente interessam ao trabalho, não interessa o restante. Num trabalho de história oral você dá voz ao depoente, respeita as idéias dele e, muitas vezes, acredito que apareçam coisas que não são tão pertinentes ao teu trabalho, mas que vale a pena você deixar, incorporar ao

depoimento, porque elas revelam muitas coisas, elas justificam, muitas vezes, aquelas informações e porque elas foram dadas dessa maneira. Eu vejo muita diferença entre uma simples entrevista e o trabalho com história oral.

Tive uma depoente que quando fui conversar com ela e expliquei como seria ela disse: "Olha, esteve uma moça aqui, uma jornalista que veio fazer uma entrevista comigo e essa entrevista foi publicada. Eu já vou dizendo, se você vai fazer igual, não quero que seja feita, eu não gostei." Então, fui atrás dessa entrevista e acabei encontrando-a porque ela me disse em qual publicação saiu. Ela não gostou porque era aquela situação de pergunta e resposta, seca. Ela disse que várias informações que tinha dado, adicionais, que justificavam as posições que ela estava tomando, não foram consideradas. Então ela ficou muito magoada.

Já na história oral, a gente procura realmente incorporar a fala das pessoas e não fazer esse tipo de corte. Acho que isso é importante. E isso tem muito a ver com procedimentos éticos.

Tem uma publicação da Revista Projeto História publicada pela EDUC de São Paulo. Até fiz uma cópia para o Vicente, era sobre História Oral e Ética, sabe? O volume todinho da revista discute isso, tem vários artigos e foi muito bom ler os artigos. A parte ética do pesquisador é muito importante, você respeitar e colocar no trabalho as justificativas daquela pessoa e também, às vezes, você ter que suprimir quando eles pedem. Muitas vezes você faz um texto e quando vai apresentar, vai ler para conferência, conferir com ele e ele diz: "Olha, isso aqui eu falei, mas foi num momento de raiva, eu me expressei de tal forma e eu queria que você modificasse", e você tem que respeitar porque, afinal de contas, a entrevista é dele, o depoimento é dele, não é seu. É isso que faz a história oral, o respeito ao depoimento dele, mesmo que depois ele queira modificar o que ele tenha gravado, diz: "Não, me arrependi, eu não quero, eu não fui claro" você tem que respeitar.

Essa questão de distanciamento é bastante intrigante, é [risos] mais fácil falar do que na prática acontecer, eu penso. Na verdade não há uma neutralidade, você acaba se envolvendo e acaba tendo as tuas concepções que, muitas vezes, não estão de acordo com aquilo que está sendo colocado. Eu procurava até manter um certo distanciamento, no sentido de não me envolver durante as entrevistas quando partia para questões pessoais, eu procurava voltar ao trabalho, mas há momentos em que você dá a sua opinião, você realmente tem um pressuposto sobre aquilo e, não tem como, você acaba soltando. Isso nas gravações é muito nítido, você diz: "Puxa, porque eu falei isso?", "Devia ter ficado de boca fechada nessa hora, mas eu falei!" [risos]. Às vezes cita um caso e você lembra de outro que aconteceu com você, faz um comentário e depois pensa: "Podia ter fechado a boca, não precisava ter falado isso", mas você falou! Quer dizer, essa história de distanciamento, de envolvimento é bastante complicada.

Acredito que esse é um momento de interação e nós somos humanos. Essa de pesquisador distanciado, só focando o objeto de pesquisa... não sei, acho que essa teoria é um pouco antiquada, já passou. Querendo ou não .... Não digo que você tenha que ter envolvimento total; é claro que você não pode perder o foco, não pode deixar de centrar o seu olhar, de procurar ser lógico, querendo ou não somos matemáticos, [risos] somos da Matemática! Mas, por outro lado, a parte humana é muito forte, é muito complicado, o ser humano é um ser muito complicado. E muito complexo! Então acho difícil essa história de não se envolver é complicada e se isso é visto por alguns como rigor científico, então a questão é o que é o rigor científico? Porque você falar de rigor científico num laboratório fazendo experimentos, um, dois, três, mil vezes aquele mesmo experimento e só colhendo os dados, é muito fácil. Agora, quando você envolve pessoas, sentimentos, memória, formação, isso é muito complicado, acho que é difícil.

Não quer dizer que a gente, daqui a pouco, vai dizer: "Ah, tudo o que foi falado é verdade!", não é a questão da verdade, eu concordo de que se a informação não está correta, porque foi dada dessa forma? Aí entra o rigor científico, ao verificar o que fez produzir aquela informação incorreta.

Muitas vezes a pessoa acredita realmente que ela tinha a informação correta e não era! Era a verdade dela. Agora, algumas muitas vezes não; aconteceu comigo de eu perceber que a pessoa não estava dizendo realmente a verdade. Ela sabia que o que estava dizendo era uma forma dela fazer com que eu acreditasse que aquilo era verdade e eu sabia que não era. Sabe? Então há um motivo e é por aí que passa o rigor científico e o cuidado do pesquisador de procurar justamente o que está detrás da informação e aí estipular um certo rigor científico.

Acredito que está havendo uma evolução e o próprio grupo de História da Matemática da UNESP está percebendo isso. Uma colega que era desse grupo da Unesp me disse agora em dezembro: "Olha, estou orientando uma aluna do mestrado que está trabalhando com história oral." Eu disse: "Olha! Interessante!", ela vai usar a metodologia da história oral e isto é bastante interessante, quer dizer, a história, tanto da Matemática e da Educação Matemática que são baseadas somente em documentos, em publicações de outros pesquisadores e tudo mais, só essa história acho que não é mais suficiente, ela não está dando conta e eu acho que aí entra o que o nosso grupo está fazendo, de usar a história oral não para preencher lacunas, mas para discutir outras facetas. O Vicente diz: "Também para preencher lacunas", mas principalmente é essa outra história que não está aparecendo, que não é contada, às vezes, na história dos documentos e que precisa ser revelada.

Isso percebi muito na minha pesquisa. Há uma história que está na memória das pessoas, que não está registrada nos documentos. Agora, por exemplo, estou começando um projeto de pesquisa com alunos de graduação, de iniciação científica. Em Santa Catarina, quando ocorre a nacionalização do ensino em 1938 nas escolas alemãs e os seus professores demitidos, o governo cria um curso chamado Curso Complementar que tinha por objetivo formar professores em dois anos para substituir os demitidos. Só que, praticamente, não tem nada registrado desse curso. Fui pesquisar em documentos (gosto de olhar os registros escritos), afinal de contas o que era isso? O que você encontra? Portarias de autorização do curso e, nas escolas, têm as grades curriculares que citam as disciplinas e mais nada. O que era o curso, como ele funcionava, que profissional ele formava? Nada há. Então, pretendo pesquisar junto às pessoas que fizeram esse curso e que se tornaram professores das escolas rurais, porque, basicamente, o curso formava professores de escolas rurais em dois anos. Os alunos estudavam quatro anos no ensino primário e mais dois anos de Complementar, essas crianças tinham doze, treze anos quando se formavam professores. Há muito para descobrir e isso é o que pretendo com a pesquisa. Acredito que é isso que está fazendo a história oral, sabe, abrindo muitos campos para a pesquisa.

Não pensei sobre a cientificidade da história oral. Como eu te falei, tenho lido bastante na Universidade, dentro do campo da História. Os historiadores estão falando de história oral há muito tempo, já organizaram congressos com essa temática. Acho que lá essa discussão já avançou. Não percebo mais dúvidas de que realmente a metodologia da história oral pertence ao campo científico, ela é respeitada e tem validade.

Pelas leituras que fiz, desde a década de 1980, no mundo todo, essa questão da validade da história oral já estava bastante desenvolvida. Houve no início muitas resistências, mas, hoje há cada vez menos pessoas que não aceitam como válida a pesquisa que utiliza história oral. Para o pessoal da História acredito que isto é muito

claro. Tanto é que dentro da minha Universidade tem uma professora da área de História que é a coordenadora de um Centro de Memória. Ela criou esse centro dentro da Universidade e trabalha com alunos da graduação utilizando a história oral. Quando conversei com ela, eles já tinham mais de duzentas entrevistas realizadas e transcritas. Ainda está muito presente aquela concepção de usar a história oral a fim de obter documentação para futuras pesquisas já que muitas informações que as pessoas têm não ficaram de outra forma registrada, ou são registradas de maneiras diferentes, sendo possível, depois, fazer esse cruzamento de olhares.

Procurei olhar a relação de entrevistas realizadas e disponíveis no Centro. É muito interessante, tem desde um agricultor de cem anos de idade que viveu a vida inteira numa localidade do interior do estado que conta a vida dele, o depoimento de um radialista que começou com a primeira rádio em Blumenau, a história de um dos médicos mais antigos do município de Blumenau, enfim, se trabalha com história de vida e dentro da história de vida aparece todo um sistema familiar que, hoje em dia, a gente percebe que perdeu-se com o tempo, mudou, as concepções foram se modificando. Então, tudo o que é motivo de registro, é importante para a geração de documentos, de trazer esse conhecimento à sociedade motivam a realização de entrevistas. Futuramente, o que a sociedade vai querer fazer com todo esse conhecimento, que tipo de trabalho irá realizar? Isso futuras pesquisas responderão. No momento, o Centro de Memória está produzindo documentação.

Achei estranho quando conheci este Centro porque trabalhei com a história oral dentro de um projeto bem definido, era temático, eu queria aquilo! No Centro não tem isso, o grupo trabalha com as histórias de vida. Não é um projeto de mestrado ou doutorado. Os professores e alunos pesquisadores da graduação e da pós-graduação que trabalham neste Centro, embora alguns deles trabalhem com projetos, não tem essas amarras. Uma conquista importante: a FURB construiu uma biblioteca nova e o Centro de Memória vai ter, dentro dessa biblioteca, toda uma área climatizada para a guarda das fitas. Espero que as fitas das entrevistas que realizei, e que ainda estão sob minha guarda, vão para lá. Para cada entrevistado dei uma cópia e fiquei com uma outra, que será passada para esse Centro de Memórias, junto com uma cópia das transcrições literais. Vou ficar com as transcrições apenas, não vou ficar com as fitas porque a nossa região é muito úmida. Se eu ficar com as fitas, apesar de tê-las colocado em caixa de isopor, vou perder tudo. Em nossa região as fitas cassetes em três, quatro anos estão estragadas, elas emboloram por dentro e temos que jogar no lixo. Por isso a gente tem que ter um local adequado para guardá-las.

Todas as entrevistas que pertencem ao Centro são liberadas para consulta. Cuidados são tomados porque, pelo que nós comentamos, quando alguma pessoa (como aconteceu comigo) censura uma parte da entrevista, há o registro sobre aquilo que não se pode ouvir da fita. Eu também não fiz cortes na fita. Somente na transcrição literal coloco que durante tantos minutos o depoente não permitiu que fosse publicada aquela parte e, na fita, faço o registro do tempo que não está disponível já que dá para contar o tempo nos gravadores. Então, dá para marcar o trecho que a pessoa não teria acesso. No Centro de Memória não sei como é que eles fazem esse controle, pois, segundo a coordenadora, até o momento, as pessoas tiveram maior interesse nas transcrições literais do que nas gravações. Talvez até o próprio Centro ainda precisa se organizar quanto à consulta das fitas.

Quando fiz a transcrição literal dos depoimentos de minha pesquisa, procedi assim: fiz uma cópia completa para mim, mas na hora de disponibilizar para outras pessoas eu retirei as informações não liberadas pelo depoente. Inclusive há na minha tese um CD-ROM com as transcrições literais que a banca recebeu. Também para cada

depoente dei uma cópia da minha tese e do CD contendo o álbum de fotos e documentos, cujo arquivo ficou muito grande. Além disso, cada depoente ganhou uma cópia da fita com sua entrevista e mais a transcrição literal completa, sem cortes. Mas, a cópia da transcrição literal disponibilizada para outras pessoas só tem a informação de que um certo trecho foi censurado e não vai poder ser usado.

No campo da Educação Matemática, há áreas que, com certeza, vão ter grandes contribuições da história oral. No Brasil quando se fala em formação de professores se privilegiam as leis que dão as diretrizes e, ainda, porque tal coisa ocorreu daquela forma. Mas, a maneira como isso foi feito não está claro, não foi discutido. Então, eu penso que a história oral contribuirá em aspectos relativos à formação de professores, ao desenvolvimento profissional do professor e na própria história da matemática escolar, no sentido de trazer novos aspectos à tona.

A história oral tem um campo vasto de pesquisa, onde pretendo trabalhar ainda muito, vejo que ela realmente é adequada! É a história oral que vai me possibilitar entender, resgatar, analisar e trazer a outras pessoas fatos desconhecidos que aconteceram.

São histórias como a que eu falei no início, a do Curso Complementar. Na região de Blumenau muita gente fez o Curso Complementar. Muitos deles não foram atuar como professores nas escolas rurais, mas os que estavam nas escolas rurais eram pessoas que fizeram esse curso. No entanto, nada foi feito para resgatar a história desse curso. A maioria das pessoas hoje em dia não tem conhecimento de que esse curso existiu. Ele formou muitos professores durante as décadas de trinta e quarenta, sendo encerrado em meados da década de quarenta, em 1946 com a chegada do curso Normal. Até 1940, em Santa Catarina, existiram sete escolas normais em todo o estado que formavam simplesmente os professores das escolas de elite. Nas pequenas escolas rurais não tinha professores normalistas, havia falta de professores. Solução: "vamos ofertar o Curso Complementar". Isso ainda não foi estudado e vejo que, dentro de determinadas áreas, ao menos na minha realidade, a história oral vai ter uma contribuição.

Você me pergunta sobre como ficaria hoje a história oficial. Não me fala de história oficial porque me lembro do dia de minha qualificação. Levei algumas "pauladas" porque não apresentei com clareza o que entendia por história oficial. Na verdade, este conceito não estava claro para mim. Hoje vejo que minha qualificação foi muito boa porque houve discussão sobre o conceito de história oficial. Para mim, a história oficial não é a história que está nos documentos, mas é aquela que foi perpetuada no tempo. Dois membros da banca, os professores Carlos Vianna e Maria Ângela Miorim revelaram aspectos interessantes sobre a história oficial. Para a Ângela: "História oficial é a que está nos documentos", para o Vianna: "Não, não é só essa!". Para mim, é essa que também é perpetuada, é a que é contada, reproduzida nos livros didáticos, na TV, em documentários; essa é a história oficial.

Acho interessante essa que é uma grande característica da história oral. Ela mostra que a história foi feita de várias facetas e aquela que fica, às vezes, como oficial é uma delas. Falar de história oficial como sendo a verdade não tem sentido, a verdade depende de quem olha, de quem produziu aquele fato. Eu comento isso na tese: porque alguns documentos foram guardados e outros não foram? Quer dizer, há um jogo político, há uma questão toda de por que se guardam uns documentos e outros não; aqueles que foram guardados é que, de repente, são os oficiais e trazem a verdade?

Para muitos há essa preocupação em produzir uma história oficial. Eu procuro, ao trabalhar com a história oral, em produzir história, uma faceta da história. Eu gostei de usar documentos, não para mostrar que tal fato é verdadeiro, mas tendo vários pontos

nas mãos, você começa a ter uma visão mais ampla e tira as suas conclusões. Eu olho de uma forma e tiro uma conclusão, você olha de outra forma e tira outra conclusão.

A história oral possibilita mais olhares e não um único olhar. Aquela história que nós estudamos nos colégios, como fatos da história do Brasil, meu Deus, ela teria que ser reescrita praticamente. Pena que todo mundo já morreu.

Não esqueço que foi um choque para mim quando tinha dezoito anos e fui numa excursão para Minas Gerais. Estive em Tiradentes, Mariana, Ouro Preto ...Nesta última cidade, chegamos numa casa muito antiga mostrada por um guia que estava conosco. Esse guia era um senhor de idade, amigo de uma das pessoas do grupo de turismo do qual eu estava junto. Ele acompanhou o grupo como guia só para mostrar a cidade, não era guia oficial. Ele disse: "Olha gente, aqui nesse cartório tem um documento onde o Tiradentes registra uma filha depois de quatro anos morto. Já foi feito um estudo da assinatura dele e confere. Estudaram direitinho a assinatura dele; não foi ele quem foi morto lá e esquartejado!" Para mim aquilo foi um baque com relação à história oficial. Seria possível que a história que estudei no colégio não era a correta? Pela primeira vez, percebi que a história oficial dos livros poderia ser apenas uma versão da história e, muitas vezes, não a que realmente aconteceu. Quer dizer, quanta coisa que a história oficial traz e outras que deixa de lado.

Quanto ao fato de ser eu uma historiadora ou não, é muito complicado porque eu não sou graduada em História e eu não sei se somente com leituras na área posso ser uma historiadora. Sou uma estudiosa, uma pesquisadora que usa a história oral, que é uma metodologia de pesquisa, e, muitas vezes, estou fazendo um trabalho dentro da história, mas não me vejo como historiadora. Fica difícil isso, não me vejo, ao menos não como uma historiadora que eu diria ... completa. Porque me falta muita coisa, muita leitura precisa ainda ser feita. Tenho pouco conhecimento da área, conheço a história oral, mas dentro da própria história há outras metodologias de pesquisa que os historiadores usam e sobre as quais sei muito pouco. Eu sou, digamos, uma historiadora e entendo isso quando eu falo de história oral, mas falar: "Você é uma historiadora!", pára um pouquinho, acho que falta muito. Eu sou uma aprendiz ainda, estou aprendendo, sou uma aprendiz de historiador.

Tenho procurado ler bastante coisa dentro da área de História já que eu sempre gostei dessa área. Se eu não tivesse feito matemática acho que teria feito história, mas eu percebo que falta ainda muito conhecimento, porque eles têm toda uma evolução, toda uma discussão que valeria a pena a gente olhar um pouquinho mais. Trabalhamos com história oral, então deveríamos olhar mais para a História. Penso que nós temos que aprofundar as nossas mentes, alargar o nosso campo de visão porque o pessoal da História, como eu disse, está trabalhando há bastante tempo com a história oral. Então, penso que, não tudo, mas é preciso saber o que eles já fizeram, o que eles já discutiram. Entrei na área deles e depois eu vou ser chamada a tomar posições. Estou procurando fazer isso, não sei se dará certo, mas eu gosto muito de História. Por exemplo, na revista **Nossa História** (número dois), editada pela Biblioteca Nacional, saiu uma reportagem sobre história oral muito interessante da Janaina Amado.

Na minha tese procurei falar de história e memória fazendo uma discussão sobre ambas o que, para o momento, foi bom e suficiente, mas que eu gostaria de aprofundar mais ainda mais. A relação entre elas é instigante.

Gosto da definição de História de Marc Bloch. Para ele a história é a história dos homens, é a história de vida dos homens, sem eles é impossível a história. Na verdade a origem dela é a forma do homem fazer o registro da sua existência. Eu acho bastante interessante, porque é o que a gente está fazendo de alguma forma, seja pela gravação, seja pelo documento, pelo porquê de se deixar registrado o que aconteceu, as pessoas,

até a forma de contar. O pessoal que trabalha com história oral procura preservar a cultura, os costumes, então acho este um campo interessante de trabalho.

Fazemos muita pesquisa em história oral de vida e história oral temática e a tradição oral ainda é pouco trabalhada no Brasil. Seria interessante a preservação de culturas através da ..., não do documento escrito, de nenhum tipo de documento (até as gravações), mas através da linguagem, de pai para filho, geração após geração vão mantendo aquela forma de cultura. É isso que torna bonita a história e acredito que é isso que está inculcando nas pessoas o desejo em conhecer a história, está deixando todos cada vez mais interessados pela história. Isso percebi agora com o meu trabalho, como tem pessoas interessadas, até o médico [risos] em que eu fui agora em novembro. Fiz exame de colesterol e estava um pouco alterado, aí ele disse: "O que houve? Tiveste algum stress?", eu disse: "Não, só uma defesa de tese, pouca coisa". [risos] Então ele perguntou o tema da minha tese, eu comentei e ele ficou encantado: "Você vai fazer um livro. Vai fazer sim e eu vou estar lá para comprar esse livro, pois a história de Blumenau me interessa muito". Achei assim muito interessante, sabe? Outras pessoas também mostraram a vontade de conhecer essa história como um professor que ao ler alguns parágrafos da tese disse: "Ah, mas eu conheci essa pessoa que foi meu professor. Olha, convivi com esta outra pessoa aqui". Considero isso muito bom sabe, o Brasil é muito sem memória, as coisas são esquecidas muito rapidamente, mas acho que já melhorou bastante.

Nos meus tempos de aluna de colégio a disciplina de História era só um monte de datas e nomes; não tinha realmente sentido. Agora não sei como é que está sendo estudada a História e é por isso que eu digo que a gente tem que realmente, se vai trabalhar com história oral, olhar a história, ver como está o ensino de história. Não vou querer fazer um estudo sobre isso agora, mas espero que esteja melhor do que foi para nós, quando era só isso realmente, datas, nomes de pessoas, sem a existência de discussão, sem um olhar mais aprofundado. Às vezes o aluno começa a enxergar o que tem por trás da história do Paraguai, por exemplo, todo mundo fala do contrabando, do roubo dos carros brasileiros que vão para o Paraguai, mas porque o Brasil nunca faz nada? Porque o Brasil nunca fez nada? O que ocorre, o que tem por trás, o que a história nos traz para mostrar o que está acontecendo?

Aqui no Brasil, sobre as escolas alemãs, posso dizer que não encontrei praticamente nada, é como se elas não tivessem existido; a memória foi varrida. Agora vejo as pessoas trabalhando, tentando fazer algum resgate para mostrar, deixar registrado que existiu outro tipo de escola, como era o ensino nela e a sua importância na época para a comunidade. Em minha tese há um dado importante. Na década de 1910 Blumenau tinha 9% de analfabetos, o que era um índice considerado baixíssimo comparado com o estado de Santa Catarina cujos registros de 1889 tinha 90% de analfabetos! Loucura, a população do estado de Santa Catarina era quase inteiramente analfabeta quando há a Proclamação da República. São dados que impressionam! E como é que vinte anos depois, na cidade de Blumenau só tem 9%! Isso, nessa época, era um diferencial, de que forma isso aconteceu? Eu não tinha a visão que tenho hoje, porque continuei trabalhando no tema da tese, aprofundando os estudos e noto hoje que inclusive a necessidade do governo de abrir novas escolas públicas, após o fechamento das escolas alemãs, era uma necessidade da sociedade que exigiu que abrissem essas escolas pois não admitiam que seus filhos crescessem analfabetos. Então, aumentou consideravelmente o número de escolas públicas, com a contratação de professores leigos, ou ofertando o curso complementar, porque tinha que ter escola. O governo pensou em fechar as escolas alemãs e deixar tudo assim, a maioria das crianças sem escola. O que aconteceu? As comunidades começaram a se organizar. De que forma?

Contratando professor particular para dar aula em casa, então o governo, estadual e municipal, foi obrigado a implantar as escolas rurais com professores sem formação. Novamente a comunidade não aceitou porque antes não tinha qualquer um, havia professores formados na Alemanha. Pressionado, o governo vai então formar professores, ainda que em dois anos, mas com ao menos alguma formação.

A visão de documento sofreu uma ampliação com a desenvolvimento da tecnologia: gravações em áudio ou visuais, fotos começaram a ser consideradas documentos. Vamos pensar, o que seria documento? Para mim seria tudo quanto é registro a que outras pessoas tenham acesso depois, não importa a forma. Seja um pedaço de papel, seja um mapa, seja uma gravação de áudio, uma fita cassete, um CD-Rom. Se há material que a pessoa tenha acesso, então ele é um documento. Para mim a história oral veio fazer isso, agregar mais documentos, ou seja, novas formas de documento. Por sua vez, cada entrevista que você faz acaba gerando um documento, a transcrição literal vai ser um documento escrito, a fita cassete é um documento que você está gerando também, sonoro, que vai ficar ali para outras pessoas usarem.

Vejo a textualização como um outro documento, diferente da gravação, e isso discuti até na qualificação. Sabe, fiz a gravação da qualificação, o que eu achei ótimo. Deu um trabalho tremendo, porque a professora Ângela falava baixinho, ela estava no corredor da porta, pegava aquele ar e o gravador não captou muito bem, mas eu consegui fazer. Na qualificação houve o debate dessa questão e o professor Carrera concordou comigo: a fita cassete é um documento original, a textualização que você faz é um outro documento, mas que não é o único, porque você pode ouvir a fita e fazer uma textualização diferente daquela que eu fiz. E possivelmente, se eu fosse fazer agora a textualização daquela fita, eu faria diferente! Seria um documento possível.

O motivo de se fazer textualização é ... Primeiro, a fita cassete já teria essa questão de você só ter o som, você ouve, mas parece que a necessidade do homem de fazer o registro em papel é antiga, daí a origem da escrita. Conforme o tempo, o processo da memória vai se perdendo, a fita vai se deteriorando. Então é uma questão de memória, há a necessidade, a gente sente a necessidade de escrever. Porque não ficar com a transcrição literal apenas? Porque ela é muito chata! Ela é muito longa, demorada, tem muitos "para", "né", "não", "senão", isso, aquilo e é muito demorada. A textualização simplesmente procura enxugar o texto, percebi bem isso. Quando você faz a entrevista, por exemplo, você vai e volta no tema "lembrei daquilo que eu falei antes, volta lá", então a transcrição literal traz isso tudo tal como ocorreu.

Na textualização você pode colocar isso de uma forma mais organizada, para o leitor é muito mais fácil, ele já recebe pronto. Além do que você realmente compacta, tirando fora aquelas expressões e tudo mais e tem ainda a oportunidade de colocar numa linguagem escrita mais acessível. Acessível que eu quero dizer é que as pessoas tenham mais prazer de ler, porque a transcrição literal, não considero muito prazerosa, não. Você pega páginas e páginas, a gente sabe que é terrível, fazendo a leitura dela. No Centro de Memória do qual já falei só há transcrições literais. Peguei uma para ler, sabe? Eu tinha curiosidade em saber como eles faziam a transcrição literal e como organizavam o material. Ela tinha mais de cem páginas, quer dizer, é cansativo ler aquilo. Daqui a pouco você começa a ler e o pensamento já vai estar longe.

Então a textualização, na forma como nós fazemos no GHOEM, acho bastante interessante. Eu li as textualizações feitas pela Ivete em sua tese e as do Carlos Vianna também. Você vai seguindo as idéias e se empolgando porque é como se a pessoa está falando para você, que está se narrando. Caso alguém queira, olha então a fita, volta lá no original, na transcrição literal, porque é como eu disse, é a pessoa que está falando, mas não podemos esquecer que foi você quem fez, há uma segunda pessoa que fez

aquilo. Querendo ou não é como eu disse, ela muitas vezes aglutinou temas, ou coisa assim, que outra pessoa, talvez, não fizesse. Então, depende da finalidade com que ela fez o trabalho.

É necessário respeitar as idéias do depoente, por isso considero que é muito difícil fazer a textualização, é o momento que achei mais difícil. A entrevista é prazerosa, adorei fazê-las. Quando chegava na casa dos entrevistados para a entrevista percebia como a maioria deles se preparava para o momento. As mulheres, vestidinho bonitinho, cabelinho muito arrumado. Depois serviam um café, alguma coisa. A maioria das entrevistas aconteceu na casa das pessoas.

A transcrição literal é aquele trabalho que você faz solitário, é maçante e necessita de horas e horas de trabalho. Considero a etapa mais terrível, porque você tem que realmente pegar aquele depoimento, escrever respeitando as idéias e os sentimentos das pessoas. Nas minhas textualizações procurei transparecer esse sentimento que está lá na entrevista, muitas vezes, sentimento de mágoa, de rancor, de alegria; procurei deixá-los. Vejo que têm pessoas que, às vezes, eliminam o sentimento do depoente nas textualizações. Uma textualização que li, acho que foi do Gattaz, percebi que ele foi bem mais, digamos, distante, talvez ele tenha usado o distanciamento, mas eu senti falta da pessoa se revelando. Acho que deve transparecer que realmente a pessoa está ali falando e isso é muito difícil na textualização.

Você me falou de pessoas que textualizam sem estarem se valendo da história oral, eu queria saber como é que elas fazem, elas trabalham da mesma forma e só não reconhecem que é história oral? Só textualizam e fazem o trabalho normalmente ... não deixa de ser interessante porque no momento em que o pessoal trabalha com entrevista não faz textualização, normalmente faz a entrevista, talvez seja uma nova modalidade que surge aí, porque tem gente que escreve, por exemplo agora, o Pedro Bial que escreveu uma biografia do Roberto Marinho. Estava nas páginas da Veja que já é o primeiro lugar no Brasil, sei lá, quem sabe o que tem ali? Mas, na biografia a pessoa escreve usando dados da outra pessoa e talvez, escreve como sendo a outra pessoa e passa pela conferência também e tudo mais, mas no caso de entrevista eu acho interessante, teria até que olhar para ver em que eles estão se fundamentando.

Porque, voltando novamente na história oral, o que nós fazemos? É uma pura entrevista? Não, a entrevista é uma técnica, a história oral não é só isso, há toda uma questão de ética, todos os procedimentos que nós tomamos e que muitas vezes estão envolvidos dentro da técnica, mas vai muito além. A Verena Alberti aborda esta questão em um livro seu de forma muito boa.

A análise dos depoimentos, dentro da área de história, está sendo defendida. Os historiadores dizem que é um ponto a mais, que já foi o tempo em que a história oral era só para gerar documentos, para compreender fatos, preencher lacunas, render novas fontes. Então, estão defendendo a idéia de se fazer a análise. Querendo ou não, quando você trabalha com a história oral, quando você faz as textualizações, acredito que...Não posso chamar de análise, mas na minha tese eu não tive como deixar de lançar um olhar, sabe, procurar realmente sistematizar e ver tudo o que aquilo me trouxe, que é uma forma de análise. Acredito que é um caminho que vai ter que ser percorrido. Seria um posicionamento do pesquisador sobre tudo o que foi feito. No nosso grupo se cada um for falar sobre o seu trabalho ou se te pedirem um comentário abrangente do teu trabalho, acredito que você vai fazer uma análise, vai citar isso, isso e aquilo e lá nas entrelinhas, de vez em quando vai escapar algum ponto que é uma análise. O pessoal da história está defendendo isso, é o próximo passo, um avanço que deve ser analisado.

Vamos retomar os procedimentos éticos. A todo o momento em que você faz entrevista com alguém, você tem um compromisso com aquela pessoa, desde o respeito

de você ter agendado o encontro, de conferir o horário, de cumprir o que você disse que faria. O compromisso ético é o respeito realmente com o teu depoente, eu vejo muito mais esse compromisso ético em relação ao depoente, talvez por eu estar ainda pensando muito nos meus depoentes, estar muito ligada a eles, sabe?

Durante as entrevistas você realmente deve respeitar as idéias dele, as posições dele, porque, às vezes, não são as suas, nem sempre você concorda, mas você respeita, procura entender as colocações dele.

A própria forma de você fazer a entrevista e depois, o que você faz com as transcrições literais, com a textualização, tem uma série de questões envolvidas onde você se compromete e que eticamente, tem que cumprir. Então, procurei fazer isso com os meus depoentes, eu disse a eles que voltaria a sua casa, que eles teriam acesso às transcrições literais, às textualizações, que eles iriam ler, corrigir, alterar se quisessem. Teve uma senhora que sentei com ela e nós lemos juntas a textualização. Ela pediu isso quando fui entregar o material: "Fica comigo, lê junto comigo". Durante a leitura ela foi modificando o texto: "Não, isso aqui não ficou claro, ainda faltou isso e tal". Esse retorno ao depoente tem que acontecer, faz parte do teu compromisso como pesquisador e, apesar de você ter pressupostos, é necessário abrir mão deles em nome realmente de uma ética que envolve o teu trabalho.

Então, por mais que eu me posicione no trabalho, há um momento em que me comprometo a expressar as idéias dele, concordando ou não com elas. É uma questão de respeito! Voltemos ao caso daquela senhora que deu uma entrevista e quando a viu publicada ficou muito chateada e entristecida porque cortaram partes que eram importantes, que justificavam porque que ela estava fazendo aquela afirmação. Ela disse para mim que percebeu que a entrevistadora não concordava com a posição dela, então a forma como foi publicada deu a entender que a depoente tinha uma posição extremamente rancorosa e discriminadora sobre determinado fato, e não era isso. Exatamente por isso esse cuidado, por isso que eu digo que a textualização é muito difícil, tem que ser muito fiel e isso não é fácil. Daí a importância de mostrar para o entrevistado a textualização e obter dele o reconhecimento de que realmente ele disse aquilo.

A maioria dos depoentes só olha a textualização. Você me falou que a Ivete mostrava a transcrição literal e a textualização e só havia interesse pela textualização. Isso aconteceu comigo também, entreguei ambos e percebi que a maioria das pessoas pediu para ficar uns dias com o material e depois, quando eu voltava lá, era realmente a textualização que era corrigida. Na transcrição e na fita não se toca, a não ser uma depoente que fez questão: "Não quero que isso saia, nem na fita que isso apareça" e já tiveram outros que disseram: "Eu não quero que apareça escrito aqui, porque eu citei o nome de tal pessoa e ele ainda é vivo, velhinho, coitado e, ele pode ficar meio chateado comigo. Então, tira fora da textualização e deixa na fita, não tem problema as pessoas ouvirem porque é a verdade, eu não falei mentira, é a verdade. Só que eu não gostaria que ele olhasse e você vai publicar", ele disse para mim: "E a tese é uma publicação, daqui a pouco você faz um livro e vai estar lá o nome dele, ele vai olhar e vai dizer: 'Puxa vida, não precisava ter me citado assim.'".

Mas, realmente, a preocupação é mais com a textualização, porque é ela que ele sabe que vai ser divulgada, ao menos, no momento. Por isso não há essa preocupação, com a fita, pois ele pode dizer: "Não, já mudei de idéia, antes eu pensava assim, mas não é mais ...". Mas no momento é o que está valendo!

As discussões do GHOEM procurei sempre acompanhar via internet, à distância porque estava dedicando-me exclusivamente à preparação de defesa da tese no semestre passado, tanto é que praticamente fui acompanhando e imprimindo tudo, estou com um

monte de papel para leituras futuras; fui só acompanhando e não participando. Considero válidas as discussões sobre a ética e outros temas mais. Aquela publicação que eu comentei, da Revista Projeto História, é muito interessante debater a questão da ética por ela apresentada, da história, a própria questão do historiador; todas essas discussões são válidas. Agora, quanto a algo que eu ache que ainda não foi discutido no grupo e que precisaria ser, precisaria refletir com mais tempo para sugerir algo.

Quanto ao nosso grupo, estou achando muito interessante porque primeiro, participar de um grupo é gostoso, você poder debater, trocar idéias. Disso sinto muita falta, porque estou muito longe, em Blumenau e, querendo ou não, dentro da Universidade as áreas não se falam. Então, na minha universidade tem uma pessoa que trabalha com história oral e eu não tenho contato com ela. Porque não temos? Nossos horários e atividades são totalmente diferentes, ela não mora em Blumenau, mas em Brusque, então está poucos dias em Blumenau e eu estou sempre em Blumenau, quer dizer, acho que agora, com o término da tese, vou ter mais tempo, talvez, de procurá-la. Ela já é doutora há vários anos, tem todo um nome, muitas publicações de pesquisas dentro da área de História, história documental, de registro escrito, ela usa documentos, fotos, mas não conheço publicações dela em história oral.

É muito bom poder debater, trocar idéias, aprofundar. Eu percebo assim, quando você vai para o grupo discutir, você percebe que as suas concepções têm vazios, têm buracos, furos e quando começa a discussão você: "Epa, mas isso aí eu realmente não pensei", ou isso aí vem e muda o que você considerava que era o ideal, o correto. Então acho isso muito válido. Outro ponto importante é a questão de trabalhar com história oral porque, como afirmei anteriormente, eu ia trabalhar com a técnica da entrevista! Mas só fazer a entrevista não permitiria encontrar o que eu estava procurando. Então, trabalhar com a história oral é um processo muito interessante. Trabalhei com pessoas idosas, só tinha um depoente jovem na história, com 54 anos, todos os outros estavam com mais de 70 anos, a que tem maior idade é a dona Waltraud Koch que está agora com 88 anos e forte e firme como sempre, ela foi uma das primeiras depoentes.

Aprende-se muito, sabe, aprende-se não só em termos de uma época que, para a gente às vezes estava tão distante, mas aprende-se muito de vida. Então, discutir entre o grupo, com cada um fazendo pesquisas em áreas e locais diferentes, porque você está fazendo esse tipo de pesquisa, a Ivete fez em Bauru, eu em Blumenau, agora tem um trabalhando em Curitiba, sabe, isso é muito interessante porque podemos ver as diferenças e também as afinidades, o que tem em comum.

O que faz do grupo um grupo? [...] Eu acho que é essa busca, esse interesse comum, é a existência de afinidade entre as pessoas porque senão... O nosso grupo, eu acho que se dá muito bem, o relacionamento entre os membros é de respeito, de aprendizagem mútua. Isso faz um grupo, quando você aprende com os teus colegas, sabe? Às vezes não precisa nem abrir a boca para aprender, só ouvindo você já aprende e tem a oportunidade de debater, trocar idéias, sabe, essa troca de informações, "Olha, lê tal coisa. Encontrei tal coisa. Vi tal filme.", isso é muito bom. Você tem acesso a muitas informações que sozinha não seria possível. Sozinho você avança muito devagar. Num grupo você consegue avançar muito mais rápido, então eu acho que a produção como um todo fortifica o grupo.

Com relação ao interesse com que a história oral vem sendo usada na Educação Matemática, dentro dessas linhas que estão aparecendo, basicamente, estamos retidos à história da matemática escolar, no âmbito da escola seja com relação a estratégias de ensino, recursos didáticos, formação de professores, acho que também estamos dentro

dessa área. A Gilda, por exemplo, está fazendo dentro sua pesquisa olhando a estrutura do sistema educacional em São Paulo, especificamente, a CENP[14].

Quando você fala sobre representatividade, acho que você está se referindo mais à parte da história oral temática. Pensei sobre isso quando comecei a fazer o meu trabalho, quantas pessoas eu vou entrevistar, quantos depoentes selecionar. Então o que fiz? Fui ouvindo uma pessoa, outra, outra, até ouvi pessoas que não conhecia, não sabia informação alguma dela, apenas algumas pessoas diziam: "Tal pessoa estava lá e ela tem boa memória", você confiava e ia lá conversar com as pessoas. O "boa memória" é muito subjetivo [risos], mas você ia lá e conversava com as pessoas. Um sistema de rede foi criado, um vai indicando o outro e eu tinha todo um tempo, um período de tempo que eu queria cobrir.

A partir do momento em que percebi que já era suficiente, que as informações começaram a repetir, as pessoas que eles indicavam eram pessoas com a quais eu já tinha conversado, já tinha discutido, começou a fechar o círculo e eu comecei a ter uma visão do que tinha acontecido, já conseguia dizer o que realmente aconteceu, não verdade factual, mas eu tinha uma visão do que eles me contaram, encerrei as entrevistas. É claro que podem ser feitas outras entrevistas, inclusive teve uma entrevista que fiz no final e que eu não usei no meu trabalho porque já vai ser para o próximo trabalho de pesquisa que é sobre o Curso Complementar, mas eu fui conversar com ele por causa desse novo trabalho e ele se refere ainda muito ao trabalho que eu já tinha feito. Mas eu percebi que essa entrevista, para aquele trabalho, já não acrescentaria mais nada porque o que ele falou as outras pessoas também já tinham falado, já tinham contado.

Se você tem um período delimitado de tempo, acho que você tem que tomar cuidado de fazer com que você tenha uma visão daquele período de tempo. O tempo era relativamente longo, então eu não podia me concentrar só nos primeiros anos. È necessário que você tenha definido claramente os objetivos da pesquisa e você percebe que os alcançou, quando já são suficientes as informações dadas, quando as pessoas começam a citar as mesmas pessoas, os mesmos fatos e, o estudo começa a fechar; isto é muito interessante! É como se fosse fechando um círculo e você consegue ter uma visão daquilo que buscava. Em minha pesquisa consegui dividí-la em duas partes: antes da nacionalização do ensino em Blumenau e depois da nacionalização do ensino.

Essas citações em comum mostram, de certa forma, que essas pessoas são representativas para aquele grupo. Não há um número, tem trabalhos que fecham com quatro, cinco, depende do que você quer pesquisar, tem trabalhos em que as pessoas precisam fazer dez, doze, quinze entrevistas.

Quanto à fundamentação teórica, o **Manual de história oral**, foi a primeira obra que li, depois veio a Ecléa Bosi, a Olga Von Simson, a Verena Alberti, o Paul Thompson, o André Gattaz (que me ajudou bastante na parte de procedimento, pois ele é bem claro), a tese do Carlos Vianna, entre outros.

A tese do Carlos foi muito importante devido a maneira como ele a organizou. Ele apresenta algumas transcrições literais, tem textualizações, ou seja, ele faz todo um jogo com as formas de apresentação escrita. Ela me auxiliou bastante, pois eu não sabia exatamente como proceder porque quando você vai fazer o que a gente está fazendo agora, que é o momento da entrevista (mas na verdade não é uma entrevista, é uma conversa, um bate-papo), você tem que estar preparada para isso e eu percebi que na primeira entrevista fui com muito receio: "E se a pessoa sai fora do tema ou se recusa a falar sobre isso? Eu não lembro sobre isso!", ou ainda: E se ela ficar inibida com o

[14] Centro de Estudos e Normas Pedagógicas.

gravador, o que faço?", são todas essas questões que te passam pela cabeça. Tive um depoente que me disse: "Desligue o gravador. Eu quero conversar algo com você e não quero que fique gravado", porque era algo que não era pertinente ao trabalho, era comentário, um desabafo que ele precisava fazer naquela hora, até pra eu entender melhor o que ele me dizia.

Então eu acho que é importante para você ter sustentação e defender o teu trabalho, criar argumentação do porquê você realizou dessa forma, o que você considerou importante. A fundamentação teórica é fundamental, sem ela não dá para fazer pesquisa. Eu não consegui pegar o gravador e dizer: "Vamos lá, vamos passar a mão no gravador e começar!". Não, não é só isso.

De textos que já produzi usando história oral tem a tese, o artigo do livro que vai ser publicado pelo GHOEM e artigos em anais de congressos que participei nos últimos dois anos. Há, também, um artigo que não é de história oral e que já foi publicado na revista **Blumenau em Cadernos**, da área de história . Esse artigo é sobre documentos que eu obtive junto ao Arquivo Histórico de Blumenau e a coordenadora da revista pediu-me um texto só sobre estes documentos que eram relatórios da Escola Alemã de Blumenau. Nele não falo de história oral, mas tenho a promessa de publicação de outro artigo, na mesma revista, sobre a história oral e que ficou para este ano. Quero agora realmente estar aprofundando mais o estudo para este novo artigo; o outro era fácil porque eu estava com todos os dados então ele foi publicado em dezembro.

Quando fiz a pesquisa para a tese apareceram muitos temas que eu acho que podem ser alvos de pesquisa e que ainda não foram. Um deles é do Curso Complementar sobre o qual estou iniciando um trabalho, mas tem outros também. O professor Carrera diz que tenho pelo menos quatro novos temas de pesquisa e, realmente há, inclusive trabalhando dentro da matemática escolar e da formação de professores.

A pesquisa sobre o Curso Complementar será interessante porque é algo que eu não vi em outros estados, ao menos da forma intensiva como foi em Santa Catarina, num período curto que foi de 1938 a 1945. Eu já tenho um breve histórico dele, feito com base em registros escritos legais. Trabalhar com registros escritos já existentes é interessante porque, ao menos, permite saber onde você está pisando, o que tem e o que não tem, é aquela questão de você não reinventar a roda, ver se já foi feito, apesar de que a história oral poder dar outra visão. Gosto de me situar para o caso de alguém questionar, como me questionaram quando estudava as escolas alemãs de Blumenau: "Ah, isso já foi feito!", eu respondia: "Não, não foi! As escolas alemãs do Rio Grande do Sul já foram temas de muitas pesquisas, mas as de Santa Catarina ainda foram pouco estudadas. Na área de Matemática, nada foi feito!"

Tem uma professora da Universidade Federal de Santa Catarina que está trabalhando a parte da etnia e da cultura; ela é da área de sociologia e não trabalha a parte escolar. Acredito que temos muito a descobrir sobre a educação em Santa Catarina, talvez isto vá fazer com que nós entendamos porque foram feitas modificações que resultaram no atual sistema educacional.

Há questões a pesquisar como: a do Curso Complementar, que apareceu nos depoimentos que fiz; a do jornal Mitteilugen uma publicação que existiu entre 1906 e 1907 em Blumenau que trazia orientações para os professores das escolas alemãs (ninguém trabalhou esse documento que encontra-se no Arquivo Histórico de Blumenau), havia cursos de formação de professores para as escolas alemãs. Em Timbó era promovido pela Igreja Evangélica Luterana e em Blumenau era da Igreja Católica. Ambos formavam professores paroquiais. Que cursos eram esses? Quem eles formaram? Qual era a formação dada, que orientação era dada? Daí, claro, eu sempre

vou depois olhar a matemática, que isso me interessa bastante! Que obras usaram? Quem eram esses professores? Então há muita coisa para se fazer.

O resgate das fotos e documentos é outra ação de pesquisa. No final deste ano tive a alegria de ganhar cinco fotos originais relativas à escola alemã, do ano de 1904. Até então, eu somente tinha cópias digitalizadas. A fotografia era transformada em cartão postal, quer dizer, a própria foto é um documento que mostra como é que eles perpetuavam aquilo. Por exemplo, a foto da Escola Alemã em Blumenau foi transformada em cartão postal que era comercializado. As pessoas mandavam o cartão com mensagens que nada tinha a ver com a fotografia. Tenho um desses cartões que uma moça de Blumenau enviou para uma amiga de Itajaí com a mensagem: "Olha, aqui tudo bem, como é que está tudo aí?" Estes cartões circulam pelo Brasil e também eram enviados para a Alemanha. É muito interessante a forma como as fotos das escolas com professores, com alunos era veiculada, era valorizada!

Tem uma outra em que os alunos estão todos na frente das escolas e a pessoa que escreve não vai se referir a foto; é um postal que está escrito em alemão. Mas ela o usava como postal e era uma forma de você dizer: "Olha, nossa cidade tem essa escola, olha que bonita!", [risos] era interessante. É a valorização de sua comunidade, de sua cultura! Bastante interessante!

Isso é importante na história oral, porque através de depoimentos você sai daqueles documentos oficiais que são portarias, nomeações de pessoas. Mas o que havia por trás de cada ato oficial não está em arquivos, nenhum deles, estão nos depoimentos, eles vão sendo revelados, você vai entendendo as tomadas de decisões e muitas coisas que aconteceram e que justificam o que nós temos hoje. Através da história oral, dos depoimentos nós podemos compreender o tipo da história que foi construída e que nós estamos construindo. Para conseguir entender melhor o presente é necessário estudar o passado.

Era isso? Não doeu!

[risos]

Não doeu!

5.9) Entrevista realizada em 30 de abril de 2005.
Ivani Pereira Galetti

Meu nome é Ivani Pereira Galetti, sou licenciada em Matemática e venho trabalhando como professora desde 1969. Em 2002 ingressei no Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro e, a partir daí, comecei a me interessar por história oral. Minha dissertação de mestrado tem como metodologia a história oral.

Quando fui para a UNESP de Rio Claro minhas pretensões, na verdade, eram no sentido de trabalhar com novas metodologias que me ajudassem no processo de ensinar e aprender Matemática e, durante o processo de seleção, fiz algumas provas relativas a disciplinas que tratavam desse meu interesse.

Havia, naquele semestre, uma disciplina que estava sendo oferecida e que se chamava "Cotidiano, Memórias e Práticas Educativas", o titular era o professor Antonio Carlos Carrera de Souza e eu fui fazer uma "provinha" de seleção para essa disciplina. No momento em que o professor Carrera, depois da prova, especificou qual era o perfil dos alunos com os quais ele tinha interesse em trabalhar, ele fez algumas considerações a respeito de cotidiano, de memória e de práticas educativas. Naquele momento aquilo era muito novo para mim. Estou na Alta Paulista desde 1965, quando fui supervisora de ensino, em alguns contatos que tive na Secretaria da Educação se refletia sobre o ensino da Matemática, se discutia fundamentações teóricas para o ensino da Matemática, mas eu nunca tinha ouvido falar em memória, cotidiano e nunca havia pensado que eu poderia ligar, por exemplo, a memória e o cotidiano ao ensino da Matemática. A partir desse momento, fiquei apaixonada por tudo aquilo. Deixei as outras disciplinas em que havia sido selecionada, para fazer a disciplina do professor Carrera. Fiz essa disciplina e o curso todo com muita dificuldade, porque Dracena está a quinhentos e trinta quilômetros de distância de Rio Claro. É muito complicado sair de Dracena para chegar em Rio Claro e vice-versa. É uma viagem que, se feita de ônibus, deve durar umas oito ou nove horas, mas os resultados daquilo que fazíamos lá compensava o sacrifício. Então, comecei a fazer essa disciplina e foi lendo autores que o professor Carrera indicou durante o curso que entrei em contato, por exemplo, com o Ginzburg, que nos sugere "olhar" para os fatos, para os textos, para os documentos com outros olhares, procurando indícios que nos permitam vislumbrar detalhes que poderiam passar despercebidos, não serem vistos. Michel de Certeau me alertou para algo em que eu também não havia pensado: de como deixamos a oralidade em segundo plano, de como colocamos na vida – nas nossas práticas cotidianas, em nas nossas atividades profissionais – a escrita numa posição de destaque. Ele me chamou a atenção para a importância da oralidade.

Tudo isso começou a fazer muito sentido para mim. No momento em que fiz a opção pelo meu tema de dissertação, eu já estava convivendo com o professor Garnica que foi meu orientador e que também já trabalhava com história oral. Então, foi pelas mãos, primeiro do professor Carrera e depois pela convivência com o professor Garnica que eu acabei adentrando ao campo da história oral, que me decidi por trabalhar com a história oral.

Sobre o *status* da história oral, como já disse, no início eu nem conhecia a história oral, não sabia que *status* ela poderia ter. Depois, esse foi um assunto muito discutido em nossas aulas e nos encontros do nosso grupo de pesquisa . E, quando tive que me definir, já fazendo o meu trabalho, por um *status*, optei, em consonância com a opinião do grupo, pelo *status* de metodologia, por entender que a história oral é uma orientadora e estabelecedora de procedimentos, mas eu tinha e ainda tenho a convicção

de que esse era um *status* provisório, definido para aquele momento. Essa discussão ainda tem vindo à tona em vários momentos, isto ainda continua a ser discutido em nosso grupo de pesquisa, e à medida em que o grupo for discutindo, talvez, possamos dar a ela um outro *status* que não seja o de metodologia. Mas no meu trabalho assumi, ainda que provisoriamente, que a historia oral era uma a metodologia de minha pesquisa.

Quanto ao que já produzi em história oral, tenho a minha dissertação e nela há alguns posicionamentos. Numa das partes da dissertação trato do meu procedimento em relação à analise das textualizações. Eu precisei fazer algumas considerações, me posicionando sobre a análise dos textos dos meus depoentes. Penso esse texto fará parte do livro que contém a produção do nosso grupo de pesquisa.

Para um trabalho ser considerado uma produção em história oral precisamos verificar se ele tem uma temática; se os seus documentos são sonoros, gravações; se ele retrata uma história viva, de um passado recente; e se foram seguidos os procedimentos da história oral: se há transcrição das gravações, textualizações etc..

Na minha dissertação vejo a gravação como documento de pesquisa. Acho que o principal documento é a gravação. Considero a transcrição e textualização documentos de apoio, que nos ajudam a trabalhar o documento inicial de uma forma mais prática, porque fica difícil ter de voltar às gravações, cada vez que nos reportamos aos depoimentos.

Na textualização transformamos o texto oral contido na gravação em um texto escrito mais fluente, no qual eliminamos os vícios de linguagem, as pausas que aparecem na linguagem oral, as perguntas e respostas. Entretanto, é muito importante que vejamos o momento da textualização como um momento em que realmente podemos detectar muitos indícios na fala do depoente, pois a cada vez que ouvimos uma gravação podemos detectar pequenos detalhes que inicialmente passam despercebidos: como, por exemplo, perceber que o indivíduo queria falar alguma coisa, mas não falou, é no momento da textualização que tentamos compreender o que existe nos lapsos, nas emoções que são possíveis de detectar. Geralmente no texto escrito se perde muito das emoções e se ficarmos atentos à fala, podemos, inclusive detectar essa perda. Algumas das emoções, conseguimos apreender, outras não. Sendo assim, acho que o momento da textualização é muito importante, sobretudo, porque é o momento em que nos familiarizando com a fala do depoente, detectamos indícios e podemos tentar compreender o depoimento como um todo e não só aquilo que está preso às frases que o depoente disse.

Existem pessoas externas ao grupo, que não convivem, que não participam das nossas discussões, que colocam algumas questões sobre a história oral no que diz respeito a sua cientificidade. Eu não tenho esse tipo de preocupação porque vejo a história oral como uma forma de fazer história.

Não me considero historiadora! Sou uma professora de Matemática que de uma forma muito atrevida tomou como objeto histórico professores de Matemática da Nova Alta Paulista, que atuaram na época de 1950 a 1970, e tentou estabelecer algumas compreensões sobre as suas práticas ao ensinar matemática.

As minhas concepções a respeito de História modificaram-se muito depois que entrei para o Programa! Então, a história oral, para mim, tem a ver com as concepções atuais que eu tenho sobre História. Penso que podemos considerar a História como uma ciência humana que trata do homem como indivíduo e como elemento de uma sociedade e a história oral é uma metodologia que nos permite, inclusive, tomar o homem comum como objeto histórico.

Sobre as contribuições dos trabalhos produzidos pelos elementos do nosso grupo de pesquisa – os que conheço melhor – são os trabalhos da Ivete Maria Baraldi, da Gilda Lúcia Delgado de Souza e da Maria Ednéia Martins. Esses trabalhos e o meu, inclusive, dão uma contribuição no sentido de fazer com que haja um conhecimento e uma compreensão de como vem sendo o ensino da Matemática em diversas regiões do estado de São Paulo, ao longo do tempo. Penso que eles poderão servir também como subsídios para trabalhos mais amplos, sobre o mesmo tema, que poderão nos levar às compreensões e ao conhecimento de como se dá o ensino da Matemática, de como se tem trabalhado a Matemática, em outras regiões, ou até mesmo no Brasil.

Nesse sentido, é uma contribuição muito valiosa, porque como eu já disse anteriormente, os registros escritos que temos sobre os professores de Matemática dizem respeito a sua vida funcional : quando ingressaram, quando fizeram concurso... Mas, por exemplo, ninguém sabe como eles se sentiram na época desses concursos para o ingresso ao magistério. Essas informações só podem ser conhecidas a partir do depoimento deles. No meu trabalho, por exemplo, há informações sobre como um professor de Matemática da região – que estava sendo colonizada por imigrantes naquele momento – buscava textos matemáticos no Japão para trabalhá-los com seus alunos, filhos de japoneses. Como poderíamos conhecer esses detalhes a não ser pelo depoimento desses professores?

Os registros escritos que se tem são coisas institucionalizadas, relacionados com a Secretaria da Educação! São documentos que dizem respeito, por exemplo, a onde eles se formaram, quantos anos eles exerceram o magistério, quantas faltas abonadas deram, quantas licenças-saúde tiraram, mas com relação às emoções, aos sentimentos, ao trabalho, ao cotidiano deles em sala de aula, a relação professor-aluno, penso que não existem registros escritos! E isso nós perderemos no momento em que esses professores não estiverem mais aqui. Então, a possibilidade de ter esses registros persiste apenas enquanto eles estão vivos.

No meu trabalho eu considerei como documento estas gravações que trazem informações a respeito da temática em questão, ou seja, da atuação desses professores de Matemática. Esses documentos, para mim, são considerados construções, são registros de uma versão, a versão que aquele professor deu, num determinado momento, sobre fatos da sua vida pessoal e profissional, sobretudo da vida profissional.

Em uma etapa do trabalho, eu fiquei muito preocupada sobre que olhares lançar para esses documentos. Depois de muitas leituras, fiquei mais tranqüila porque, na realidade, quando o professor dá seus depoimentos, quando ele está falando sobre a sua vida, ele está fazendo reconstruções do passado, então ele não está trazendo de volta o seu passado, ele não está nos mostrando o seu passado! Não há volta para o passado. Então, o que ele fez foi dar uma versão para o seu passado, ou seja, ele constituiu, criou, naquele momento, um duplo seu e esse duplo nem sempre corresponde ao que ele é, ao que ele foi. Muitas vezes o depoente faz isso inconscientemente! Ele descreve uma versão para o modo como ele se sentiu; e isto na realidade pode não ser acontecido exatamente daquela forma, ou pode ser muito diferente daquilo. Então, esses documentos traziam uma versão do indivíduo para a sua própria vida.

Penso que essa "versão" é uma "verdade" daquele indivíduo para aquele momento, o momento da entrevista. Naquele momento, aquela é a sua "verdade", mas é "uma verdade", é "uma versão". Não é "a verdade", não é "a versão". Para mim não existe "a verdade", mas versões, verdades.

Olho a história oficial pensando que ela é uma reconstrução também, é "uma versão" para fatos, acontecimentos e que, talvez, por interesses políticos ou outros, tenha permanecido como sendo "a versão". Se tivéssemos dado voz a outras pessoas

para darem as suas versões, com certeza teriam surgido outras histórias, outras "verdades".

Fazer ou não a análise dos depoimentos também foi uma de minhas preocupações, para me posicionar a esse respeito também fiz leituras, a síntese delas está em um texto do meu trabalho com o título: "História oral, memória, depoimentos: considerações gerais e singularidades dessa investigação". Isso surgiu porque no meu exame de qualificação um dos elementos da banca, muito propriamente até, levantou algumas questões a respeito de um depoimento que constava do meu trabalho e aquilo me preocupou muito porque eu ficava pensando se uma dissertação de mestrado pode trazer informações não "verdadeiras", trazer relatos de fatos que não aconteceram. Nesse momento essas concepções de verdade e de versão ainda "dançavam" na minha cabeça. Por outro lado, eu pensava: "Se dou voz ao depoente, até que ponto posso me introduzir em seus depoimentos e questioná-los? Deveria ou não "analisar" a fala dos depoentes? Então, como já disse, fiz muitas leituras a respeito de memória, de passado, de como se reconstrói o passado e, a partir disso, me posicionei no sentido de que – como já disse anteriormente – tudo aquilo que o depoente coloca em sua entrevista é a sua versão sobre um momento, sobre determinado fato. Então, a partir disto resolvi considerar os depoimentos como "uma verdade" daquele indivíduo, e não fazer a sua análise, não questioná-la.

O que fiz no meu trabalho não foi análise, estabeleci, inclusive a pedido do professor Vicente, algumas compreensões a partir dos depoimentos. Essa análise consistiria em questionamentos, consistiria em lançar um "olhar" para aqueles depoimentos com a intenção de checar, cruzar informações.

Uma das preocupações que tive no meu trabalho e que inclusive, deu muita satisfação aos meus depoentes, foi a de dar retorno a eles do que eu estava fazendo em cada uma das fases do trabalho. Depois que gravei as entrevistas fiz as transcrições de forma cuidadosa, tentei transcrever com a maior fidedignidade possível. Tive muitas dificuldades para isso, como faço a digitação usando apenas dois dedos, levo muito tempo para fazer as transcrições, então, precisei de ajuda para elaborar o primeiro texto. Tive que procurar várias pessoas até encontrar uma que fizesse a transcrição sem modificar a fala dos depoentes. Quem fez isto foi Pedro Ulsen, do departamento de jornalismo na Unesp de Bauru. Depois de feita essa primeira transcrição, eu revisei tudo várias vezes – este é um trabalho muito cansativo, que demanda tempo – e mandei essa transcrição para os depoentes. Eles me devolveram dizendo que estava tudo OK e a partir daí eu comecei a fazer a textualização. Na textualização não mudei a ordem, não agrupei os textos por assunto. Textualizei os assuntos na ordem em que eles apareceram na gravação, não fiz essas modificações por entender que quando falamos de determinado assunto, não fazemos um "esqueminha" para falar: "vou falar isto, depois daquilo" mas, vamos de um assunto para outro, voltamos ao assunto anterior e, eu quis conservar isso nas textualizações. De início o Vicente sugeriu que eu agrupasse os assuntos, mas depois concordou em não agrupá-los.

A textualização é uma produção conjunta do depoente e do pesquisador, porque ao textualizar o pesquisador inclui na produção no texto suas idéias, mescla seus pensamentos ao pensamento do depoente. Também retornei para os depoentes as textualizações. Depois de feitas as revisões, eles me deram uma carta de cessão, declarando que cediam as gravações e transcrições para que eu fizesse uso delas. Eu tive uma pequena dificuldade com um dos depoentes, porque a família dele entendia que ceder a entrevista significava ceder os direitos da produção dele e como ele havia escrito alguns livros, seus familiares entendiam que a carta de cessão podia me ceder, inclusive, o direito relativo aos livros. Então, a carta de cessão desse depoente ficou

com a redação um pouco diferente das demais. Os outros depoentes não fizeram praticamente nenhuma modificação na textualização, conservaram a textualização do modo como eu tinha feito e cederam os documentos sem nenhum problema.

Os cds contendo as entrevistas ainda estão comigo, porque depois que terminei todo o meu trabalho tive poucos contatos pessoais com o professor Vicente. Mas nós havíamos combinado que íamos mandar esses registros, essas gravações, para o arquivo da Universidade do Sagrado Coração, em Bauru.

Com relação às discussões feitas no grupo, uma das minhas inquietações diz respeito ao *status* de metodologia conferido à história oral em meu trabalho. Esse questionamento tem surgido em vários momentos, inclusive na minha defesa. Um dos componentes da banca examinadora era uma historiadora que fez algumas sugestões a esse respeito. Penso que ainda retornaremos a esse assunto nos encontros do grupo de pesquisa, que essa discussão será retomada. Um outro assunto que ainda que me inquieta diz respeito à análise dos depoimentos. Gostaria de discutir formas de fazer a análise dessas entrevistas. Estas são algumas das questões que gostaria de continuar discutindo. Eu particularmente preciso fazer ainda muitos estudos sobre história oral, há muitas compreensões sobre a história oral nas quais eu precisaria avançar.

Para mim, a história oral é uma forma de fazer História e o grupo faz trabalhos em Educação Matemática se utilizando da história oral. À medida, em que nosso grupo vem fazendo as suas pesquisas, vem também constituindo um método, uma metodologia, para a história oral. Além disso, vem discutindo problemas relativos ao uso da história oral. Os trabalhos da Gilda, da Ivete, da Ednéia, o meu e outros que estão sendo feitos agora dão condições para que entendamos como vem sendo o ensino da Matemática, ou seja, estamos a partir desses estudos fazendo Educação Matemática, olhando para o ensino de Matemática e tentando compreender suas nuances no estado de São Paulo. Estes estudos poderão servir como parâmetro para outros trabalhos, para outras compreensões mais abrangentes.

O que faz do grupo "História Oral e Educação Matemática" um grupo é o fato de seus integrantes terem interesses e objetivos comuns. O que nos liga é o interesse pela história oral, é a necessidade de estabelecer compreensões, de fazer estudos sobre história oral.

As divergências ou diferentes posições que existem no grupo, para mim, são altamente produtivas porque, maneiras diferentes de pensar geram novas compreensões, geram necessidade de estudos, de aprofundamentos. Eu as vejo de forma extremamente positiva!

No que se refere à relação entre entrevistador e entrevistado, posso dizer da minha experiência pessoal, que eu não fiz leituras sobre isso, não me posicionei sobre isso, mas penso que você tem que manter um certo distanciamento para poder "olhar" a sua produção, procurando indícios subjacentes, de coisas que você não percebe no primeiro momento. Eu, por exemplo, entrevistei um professor que foi meu colega de Curso Normal, de faculdade e que vem trabalhando comigo ao longo de toda a minha vida. Eu tenho uma aproximação muito grande com ele, mas no momento em que eu fui fazer a textualização eu pude descobrir muitas coisas que não conhecia, que não sabia a respeito de sua emoções, de seus sentimentos. Então, o distanciamento propicia condições para se detectar, por meio de indícios da fala, pormenores que poderiam passar despercebidos.

Minha visão de História hoje não está ligada à idéia de história política. Penso que podemos tomar como objeto de estudo os elementos mais peculiares possíveis. Nessa concepção o documento não é cristalizado, mas é uma construção contendo uma

versão de um fato. Minha concepção de história é uma concepção mais moderna, em acordo com a concepção do grupo dos Annales.

Esta não era minha visão quando ingressei na Pós Graduação. Todas essas compreensões eu fui construindo ao longo do curso, por meio de leituras, de reflexões e discussões nas aulas, nos grupos de estudo, no grupo de pesquisa. Essas concepções surgiram e se desenvolveram a partir do momento em que eu comecei a freqüentar a universidade. Antes eu tinha apenas a visão de uma História política, uma História que contava a história dos grandes homens, dos grandes feitos. A História, para mim, era aquilo que estava escrito nos livros de História, que o professor de História contava, existia apenas uma História, a História " verdadeira".

Com relação à fundamentação teórica para produções em historia oral, penso que a produção do nosso grupo de pesquisa é relevante para o estabelecimento de muitas compreensões sobre a história oral. É de extrema importância, para alguém que queira começar a trabalhar com história oral, a leitura das produções do professor Garnica e do professor Carrera e dos outros elementos do grupo.

Para a elaboração de meu trabalho me apoiei em Michel de Certeau que nos fala da importância da oralidade, em Peter Burke, em Ginzburg que nos alerta para a necessidade da procura de indícios, para fazer novas "leituras" de textos orais e escritos, em Le Goff, que trata da história das mentalidades, em Meihy que nos sugere os procedimentos para trabalhar com história oral, em Pollak para entender os vários aspectos da memória, em Schaff que trata de história e verdade, em Tompson que explica como uma voz retrata o passado. Estas são algumas das referências teóricas que usei e que foram muito importantes para a minha produção.

No contexto onde eu trabalho a história oral não tem sido discutida, não há ninguém trabalhando com história oral. Eu tenho tentado mostrar para os meus alunos que eles podem lançar mão da história oral para trabalhar na Educação Matemática. Eu quero continuar trabalhando com história oral porque esse trabalho inicial me deu a possibilidade de resgatar acontecimentos, que como já disse, não poderiam ser resgatadas por meio de outro tipo de documento. Gostaria então, de dar continuidade a esse trabalho, de continuar fazendo parte do grupo de pesquisa e de retomar minha dissertação ampliando a minha pesquisa que inicialmente teve como enfoque a região de Tupã a Dracena. Gostaria, agora, de ouvir outros professores, com práticas no ensino de Matemática centradas em outras cidades da mesma região.

Eu diferencio o ensino da Matemática da Educação Matemática, porque nesta podemos "olhar" tanto a Matemática, como o seu ensino de uma forma mais abrangente, num contexto muito mais abrangente. Nesse contexto não vemos somente as informações, vemos a necessidade da construção do saber matemático e essa construção envolve outros aspectos, envolve aspectos que transcendem a informação, a transmissão de conceitos prontos. É muito importante, por exemplo, que nossos alunos conheçam a história da Matemática, que saibam como era a mentalidade da época em que foi produzido um determinado conhecimento matemático, ou seja, que procurem entender como estava organizado o espaço onde o conhecimento se produziu, quais as necessidades daqueles que o habitavam. A Educação Matemática nos permite trabalhar uma matemática "viva". Penso que essas concepções são extremamente importantes para que o aluno realmente se aproprie do saber matemático.

Podemos, fazendo uso da modelagem, realizar trabalhos multidisciplinares, para os quais os alunos podem se associar a alunos de outros departamentos e fazer modelos matemáticos para conteúdos de outras disciplinas, enfim, a Educação Matemática nos dá a possibilidade de não tratarmos a Matemática como um "objeto" estanque, morto, produzido num determinado momento e que está sendo retransmitido,

mas de fazer da matemática um organismo vivo que pode ser explorado em muitos aspectos.

Foi uma experiência muito boa, espero ter contribuído de alguma forma com o seu trabalho, que tenho certeza será de excelente qualidade.

5.10) Entrevista realizada em 19 de maio de 2005.
Antonio Vicente Marafioti Garnica

Eu sou Antonio Vicente Marafioti Garnica, professor da UNESP de Bauru (dou aula em vários cursos) e professor do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro.

Trabalho com o Grupo de História Oral e Educação Matemática e agora estou estudando, fazendo algumas pesquisas, orientando trabalhos. Acho que o que mais faço é orientar trabalhos em história oral, eu mesmo faço poucos trabalhos em história oral. Gosto de escrever sobre história oral, sobre o processo metodológico, sobre como é que se configura a história oral, como se faz história oral, quais são os procedimentos, o que é que os funda. É mais ou menos isso que estou fazendo.

Nas entrevistas que realizei, percebi que os entrevistados, por já terem acesso ao tema da minha pesquisa, pensavam em elementos sobre esse tema que seria essencial abordar no momento da entrevista, eles se preparavam para a entrevista. Você tem esses pontos pré- estabelecidos? Se sim, gostaria de começar por eles.

Eu não trouxe elementos preparados para abordar na entrevista, eu li, todo mundo sabe disso, já que estou orientando você, li todas as textualizações que já estão prontas, mas não tenho nada específico. Queria que você perguntasse, até para eu me orientar melhor.

Gostaria que você me falasse do trabalho com história oral na Educação Matemática, do porquê você opta por começar e, depois, por permanecer trabalhando com isso.

De um modo geral, comecei a ter uma preocupação com a minha produção de pesquisa – é assim que o pessoal fala – tive uma preocupação em ver a minha trajetória de pesquisa num determinado momento em que recebi algumas críticas (críticas legais, de pessoas que considero bastante) de que eu não tinha, na minha produção, uma permanência, quer dizer, eu não me mantinha sempre pesquisando o mesmo tema. Por exemplo, durante a graduação estudei a questão da lógica de Husserl, do ponto de vista fenomenológico. Depois, no mestrado, fui convidado pela Maria e gostei de um projeto que ela me ofereceu que era para estudar hermenêutica de textos, a gente tentou aplicar toda uma teoria fundante de hermenêutica para a interpretação de textos de Matemática, focalizando professores de Matemática e licenciandos em Matemática. No doutorado surgiu uma questão relativa às provas rigorosas, eu precisava ter um projeto quando terminei o mestrado, já queria ir para o doutorado, e me apareceu esse projeto que achei interessante.

Confesso que até então não via ligação entre essas coisas. Eram temas que eu estudava e me aprofundava o suficiente para defender o mestrado, para defender o doutorado. Num primeiro momento, concordava com as críticas de que o meu trabalho não tinha continuidade, que eu me desinteressava de um tema e passava para outro, coisa que, segundo algumas pessoas, não era adequada para um pesquisador. Este deveria ficar no mesmo tema, aprofundando-o sempre - este é o ponto de vista que corre por aí, não é o único, mas corre.

Aí entrei em contato com a Gilda, assisti aos seminários dela, e sempre gostei muito de ler sobre História, mas eu lia descompromissadamente, porque até então nunca havia usado, nos meus trabalhos, uma referência às leituras, não senti necessidade de fazer referência a essas leituras que eu tinha.

Eram leituras de coisas que gosto, por exemplo, literatura, conto, crítica literária, gosto de ler textos de História. Tinha lido boa parte dos trabalhos do Ginzburg que a Gilda usava. Então, no seminário dela, a gente conseguiu dialogar em vários pontos, mesmo que até então eu nunca tivesse feito um trabalho assim.

A Gilda foi caminhando com o trabalho dela para uma linha muito diferente da do Serginho, que a estava orientando. Então, a Gilda propôs ao Serginho mudar essa orientação, o Serginho topou, foi um processo muito interessante porque foi muito negociado (o Serginho veio conversar comigo, a Gilda veio conversar comigo, eu conversei com os dois..) e a orientação da Gilda passou para mim.

Sempre deixei muito claro para a Gilda que eu me interessava muito pelo que ela fazia (a questão da história oral já tinha surgido no panorama dela), mas que eu, na verdade, seria um interlocutor em pé de igualdade, quer dizer, eu não teria como orientar no sentido usual de "orientar", ter um certo arsenal para discutir com o orientando. Ela tinha o arsenal de textos, de referências, ia passando para mim e eu ia lendo. Foi quando comecei a ler Agnes Heller, quando reli algumas coisas do Ginzburg e tomei contato com o Ariès. Várias coisas foram aparecendo e fui ver que aquela leitura que sempre me deu prazer poderia ser uma fonte interessante de pesquisa, como estava sendo no caso da Gilda: um modo interessante de fazer pesquisa.

Começamos a nos organizar, a Gilda defendeu e fui para os Estados Unidos fazer pós doutorado, mas não foi nada sobre isso, foi um outro recomeço porque fui lá para estudar formação de professores de Matemática e me deparei com os arquivos do Peirce que estavam em Indianápolis. O Ubiratan havia me dito da existência desses arquivos, fiz contatos com o pessoal dos arquivos do Peirce e comecei a estudar, não a semiótica, mas a parte da filosofia, do pragmatismo peirciano. Achei muito interessante, até para tentar fundamentar com um outro referencial - que neste caso era a filosofia do Peirce - algumas coisas da Filosofia da Educação Matemática. Então, era um outro recomeço. Quando voltei para cá comecei a investir na questão da história oral, formamos o grupo e isso outras pessoas já relataram.

Quando fui fazer meu memorial de efetivação eu tinha que relatar (já não me lembro o ano, acho que foi em 2004), tinha que fazer um histórico da minha produção, da minha vinculação com a universidade e fiz um texto que está no *site*. Nesse momento percebi que tinha uma conexão muito grande entre os temas com os quais eu trabalhava e comecei a perceber certos elementos-chave. Por exemplo, a formação de professores para mim sempre foi uma preocupação muito grande, quer seja focando interpretação de textos didáticos, quer seja estudando a prova rigorosa, quer seja usando a história oral. Uma outra preocupação que sempre tive, que percebi elaborando esse texto de efetivação, é a preocupação com a linguagem. Acho que tudo está muito vinculado, a hermenêutica como interpretação de linguagem; entram na discussão sobre a prova rigorosa aspectos da linguagem formal e como estas coisas se vinculam, se articulam ou não; a história oral obviamente tem muito a ver com linguagem - a primeira preocupação que eu tive foi o conflito da linguagem oral com a linguagem escrita, com os textos, as fontes. Acho que estas são preocupações que têm seguido minha trajetória de pesquisa. Percebi, portanto, que havia sim um fio nas pesquisas que até então vinha fazendo. Percebi que não eram tópicos isolados.

Agora, em história oral, depois do trabalho da Gilda, há esse intervalo de um ano, de 1999 (ano em que fui para os Estados Unidos) e 2000 (quando retornei para o Brasil e retomei as questões sobre história oral). Percebo também uma trajetória muito grande e conflituosa, cheia de percalços para entender exatamente o que era a história oral. Por exemplo, num primeiro momento, para mim era muito claro que a história oral era do domínio da História e que a história oral (sempre achei isso) nada mais era que

um método (a gente chama de metodologia, mas é método) de pesquisa qualitativa para trabalhos em História. A diferença era que, eu pensava, as minhas fontes são prioritariamente orais. Então, vou aos depoentes, recolho certos depoimentos e a partir destes, certas compreensões vão se formando e aí posso lançar mão de outras fontes, inclusive para complementar ou aprofundar essas compreensões, mas sempre achei - e continuo achando até hoje - que o disparador das pesquisas que usam história oral era a oralidade e mais, achava que as pesquisas feitas em história oral estavam necessariamente configuradas dentro da História, eram trabalhos historiográficos, só que privilegiavam outras fontes que a "História Clássica", ou esse ponto de vista mais clássico de conceber História, não privilegiava. A gente não ia direto aos documentos escritos, a gente registrava e constituía documentos a partir da oralidade para disparar a pesquisa, mas dentro da História (eu achava isso). Hoje em dia já não acho mais, acho que a partir do momento em que começamos a ler o trabalho das pessoas que trabalham com história oral, a conversar com as pessoas que vêm de outras áreas, outras regiões, como o pessoal que vem da sociologia, da própria História, o pessoal da Educação Matemática que se interessa por História e que está se interessando por história oral... comecei a perceber que ela é uma coisa que dá conta não só de trabalhos de natureza historiográfica, mas também de outras coisas.

Isso ficou muito claro naquela palestra que a gente teve com a Olga, naquela seção de conferências que o grupo organizou. É quando ela explica a constituição da Associação Brasileira de História Oral e explica que o nome "História Oral" era muito vinculado à região dos historiadores, que os sociólogos já usavam abordagens muito parecidas, mas com outros nomes, e, por conta de negociações para a fundação da Associação Brasileira de História Oral, os historiadores acabaram ganhando essa briga. Assim, o que se faz no Brasil hoje em dia, em várias áreas, ganhou o nome de História Oral, mas não necessariamente para fazer trabalhos historiográficos. Então, por exemplo, usar depoimentos, usar a oralidade, estudar a memória, a oralidade, contextos sociais... é uma coisa que hoje em dia a gente chama de "História Oral", mas que a sociologia fazia sem chamar de História Oral.

Então, percebo hoje em dia, uma diversidade muito grande de concepções, de aspectos, de enfoques sobre História Oral. O próprio grupo faz isso, não usa a História Oral só para trabalhos que sejam notadamente historiográficos. Obviamente todas as pesquisas geram documentos e estes foram construídos num fluxo temporal, contextual. Eles são históricos nesse sentido, mas tudo é histórico nesse sentido! Agora, o objeto não é necessariamente ver um histórico da formação de professores no Brasil, ou um histórico da formação de professores não sei onde, ou um histórico da CADES, não só trabalhos com esse objetivo historiográfico muito bem definido são trabalhos em História Oral.

Você pode usar, por exemplo, a história oral para fazer trabalhos como o da Heloisa (se bem que o da Heloisa vincula as duas coisas, ela retraça a constituição do CEM e, ao mesmo tempo, ela estuda a identidade de grupos que se constituem), o Emerson, por exemplo, que quer estudar o processo de permanência e alteração, como é que um professor se tornou o professor que ele é, isso não tem uma temática historiográfica nítida, objetiva e dá para fazer com História Oral, como ele vem fazendo.

O tema da Gilda era um tema que eu chamaria hoje de historiográfico: ela queria ver como é que a Educação Matemática foi constituída, foi se dando em trajetória na Baixada Santista.

A Gilda coloca as discussões teóricas sobre história oral, em sua dissertação, dentro de um item "História".

Pode ser que eu tenha herdado daí porque, na verdade, a Gilda foi me orientando para eu ler esses trabalhos. Agora, percebo que, por exemplo, a concepção do Carlos Vianna sobre História Oral está mais radicada na História do que em outras áreas, o Carrera já navega por outras praias. Hoje em dia acho que sei diferenciar isso daí, pelo menos estabeleço uma diferenciação em relação a isso, mas na época nem pensava nisso.

Acho que isso se dá pelas leituras: um dos principais interlocutores do Carlos Vianna para o seu doutorado é o José Carlos Sebe Bom Meihy, então me parece que essa trama, essas anterioridades, esses interlocutores, acabam dando uma orientação para as nossas práticas.

Você começa a trabalhar com história oral por causa do trabalho da Gilda, para orientá-la e continua com esse trabalho. Quais as contribuições desse tipo de trabalho para a Educação Matemática, sua área de pesquisa?

Primeiro percebo que trabalhar com História Oral não é negligenciar ou negar tudo o que fiz anteriormente. A questão da linguagem e da pesquisa qualitativa são muito presentes – a História Oral para mim é um método de pesquisa qualitativa. Não tive que jogar fora toda uma trajetória de compreensões para falar: "Agora vou jogar tudo fora e vou começar do zero", não vou fazer isso. Vou aproveitar aquilo que eu tinha e refinar, sob certos aspectos. Obviamente terei que abrir mão de algumas teorias que li, algumas concepções que eu tinha, mas isso é natural para qualquer processo de formação. Isso eu acho interessante, não ter negado uma trajetória de anterioridades de pesquisa. A outra coisa é a questão do prazer mesmo, gosto de ler textos dessa natureza, textos de História, de Sociologia, percebo cada vez mais a vinculação, e percebo até autores falando sobre isso, dos trabalhos em História, em História Oral, vinculados à literatura, que é uma coisa que me agrada muito.

Tem também a questão do prazer. Mas não só isso também. Percebo que a história oral dá certas contribuições muito significativas para o que tem sido feito em Educação Matemática até agora. Acho que a gente aponta rumos diferenciados, dá contribuições significativas, acho que o grupo já tem produção suficiente para dizer sobre isso e a gente tem encontrado interlocutores muito interessantes que dialogam muito com isso. São pessoas de outras áreas, outras formações, que têm visto o que a gente tem feito e têm reconhecido que isso é uma certa contribuição que nega algumas coisas que vinham sendo feitas, ou as apresenta numa outra roupagem. Muda algumas coisas, não apenas altera o que vinha sendo feito: apresenta possibilidades novas.

Um exemplo que eu gosto de dar e que é muito recente é que trabalhar com História Oral (não sei se é só isso que favorece o que vou chamar de "descentramento") permite que façamos o que ninguém até hoje, acho, tentou: descentrar a História da Educação Matemática Brasileira. Com a história oral a gente percebeu essa possibilidade. Pode ser que existam outras possibilidades de descentrar, mas a história oral é uma possibilidade e a gente exercitou essa possibilidade.

E o quê é descentrar? Se a gente for ler os trabalhos em História da Educação Matemática a gente percebe, por exemplo, que os textos que existem, são ótimos textos: os da Ângela, do Valente, da Circe, do Mattedi, o pessoal que trabalha com História da Matemática (ou História da Matemática com intenções pedagógicas, essas várias áreas que são confundidas com a História da Matemática) sempre centram a História da Educação Matemática em alguns focos e estes são muito claros. Por exemplo, a gente pode identificar como foco o Colégio Pedro II que obviamente é uma instituição interessantíssima para entender a História da Educação Brasileira e a História da Educação Matemática também, conseqüentemente, mas não é a única. Você pega outros

trabalhos e vê a importância do Euclides Roxo, importantíssimo também, mas é um foco específico. Aí você pega as Faculdades de Filosofia, importantíssimas também, mas é um foco centrado. A gente percebe certas instituições que têm sido privilegiadas na História da Educação Matemática e negligências incríveis em relação a outras instituições, outros contextos. Então, por exemplo, quando a gente estava fazendo o trabalho da Ivete percebemos que nada do que a gente lia em História da Educação Matemática, ou em História da Educação, dizia especificamente algo novo em relação à formação do professor de Matemática aqui da região de Bauru, que seguiu por caminhos muito diferenciados daqueles professores que tinham formação nas Faculdades de Filosofia (que eram poucas, distantes e elitizadas num certo ponto de vista). Porque quem daqui podia fazer uma USP? Pouquíssimas pessoas. Então a gente pensava que devia ter existido um processo de formação que era próprio para o professor de Matemática que não vivia nesses focos que, até então, tinham sido privilegiados pela pesquisa em História da Educação Matemática.

A pesquisa que a gente fez com a Ivete, com a Ednéia, com a Ivani, permite reconfigurar isso e falar: "Existiu alguma coisa diferente, mas para entender essa coisa diferente a gente precisa descentrar, precisa focar esse espaço diferenciado até porque aquele espaço que tem sido classicamente focado não dá respostas para essa realidade. É aí que podemos falar, como fiz recentemente, de uma formação caipira, da formação do professor caipira (no sentido sociológico, não no sentido preconceituoso da palavra).

Essa é uma possibilidade da História Oral que achei fantástica! Ver como é que esses mecanismos de formação ocorrem, como é que as práticas vão sendo efetivadas simplesmente desconsiderando tudo o que acontecia. Se você pega a pesquisa da Rosinete, por exemplo, é fantástico, é uma coisa que eu vi também na pesquisa da Suzeli. As escolas alemãs tanto de Santa Catarina que a Rosinete estudou, quanto as que a Suseli estudou, do Rio Grande do Sul, agem como se as políticas brasileiras em relação à educação não existissem. Elas têm uma política própria, livros próprios, modelos próprios a seguir, como o professor tem que se comportar...

São coisas diferenciadas. Aquela pesquisa sobre o Pedro II, sobre as Faculdades de Filosofia, não dão conta de entender essa realidade. Agora, pode ser que um instrumental clássico também dê conta de ver essas realidades, mas o que achei interessante é que foi a gente, fazendo esse trabalho em História Oral, que apontou essa possibilidade. Acho que isso é uma contribuição significativa.

Pelo que você me falou, o trabalho do grupo com história oral passa pelas três possibilidades anunciadas pela literatura: a de preencher lacunas deixadas pela falta de documentos escritos sobre determinada situação, a de produzir documentos que possam dialogar com os documentos já existentes e a de constituir uma nova história com essas versões.

Acho que tem todas essas coisas, só que, do meu ponto de vista, acho que seria adequado a gente evitar ou evitar o máximo possível a idéia de História Oral como um procedimento constituinte de fontes históricas para preencher lacunas, onde não existe, por exemplo, fontes escritas, ou fontes arquiteturais, você vai lá e usa a História Oral, como um recurso de segunda mão. Isso eu acho que a gente não faz, pelo menos nos trabalhos que eu tenho orientado, temos tentado evitar isso aí. Acho que a gente tem que fazer com que as diferentes fontes dialoguem, fontes escritas, fontes arquiteturais, fontes orais, iconográficas de um modo geral, elas têm que dialogar.

O Gattaz usa uma figura que acho muito interessante, ele fala que não podemos ver a história oral como a substituta da *prima-donna* na ópera, quer dizer, ela só vai ocupar a posição da *prima-donna* se esta morre ou adoece. Não é assim que vejo

História Oral, acho que isso a gente deve evitar. Não acho que façamos isso no grupo. Agora se alguém quiser fazer um trabalho se pautando em documentos escritos e, de repente, precisar da História Oral... Eu não sei se isso é História Oral, mas desde que faça isso sabendo e fundamentando o que está fazendo, acho que é uma possibilidade.

A gente constitui fontes diferenciadas, fontes que até então não eram muito valorizadas, em qualquer área, principalmente na nossa, na Educação Matemática e até na História. A gente tem reconstituído esses registros e isso é importante. São perspectivas. Não existe uma perspectiva, existem várias. Temos que tomar cuidado com algumas que são meio preconceituosas (no caso, essa de preencher lacunas).

Que resistências foram encontradas no início desse trabalho na Educação Matemática?

Existe resistência, agora em menos grau ou pelo menos um pouco mais escamoteada. Existiram interferências, resistências muito diretas no começo do grupo. Até porque acho que o próprio grupo não tinha clara a idéia de história oral não necessariamente ligada ao domínio da História. O Carrera podia até ter clara essa idéia porque ele tinha já um arsenal de leitura de áreas muito diferentes e me parece que desse ponto de vista, o Carrera é quem tem as leituras mais diversificadas no grupo (tem também sua trajetória, ele tem uma filha que faz antropologia, tem outras referências, trabalhou no departamento de Educação, que é diversificado pela própria natureza, então ele tinha acesso a uma bibliografia muito diferenciada que a gente não tinha). Mesmo considerando isso, a idéia de que a História Oral não é naturalmente ou só do domínio da História começou a ser discutida e explicitada no grupo muito recentemente. Vou chutar: é começo de 2005!

Nesse período o Emerson começa a mexer com sociologia, a gente não consegue entender direito o que está acontecendo, a Gilda começa a mexer com o Gertz, por que? Porque os trabalhos exigiam que a gente fosse procurar outros referenciais e a gente não discutia que esses referenciais estavam saindo daquilo que a gente chamava de História Oral, daquilo que a gente efetivamente fazia, das nossas preocupações, dos domínios da História. Por conta disso não ter sido explicitado, embora eu ache que até possa ter sido uma coisa clara para muita gente desde o começo do grupo, não era claro para mim.

O grupo, por muito tempo, ficou como um grupo que interferia, do nosso ponto de vista positivamente, mas de outro ponto de vista nem tão positivamente assim, no domínio de quem fazia História da Matemática, naquela rubrica ampla para caramba que incluía História da Matemática, História da Educação Matemática, História na Educação Matemática, quer dizer, esses vários campos que vinculam História e Educação Matemática de algum modo. Então, por conta disso, fomos tomados como um grupo que surgiu nessa comunidade de pessoas que iam trabalhar com História e Educação Matemática e, portanto, essa história de que há espaço para todo mundo é muito relativa, muito questionável, não existe espaço para todo mundo porque não existe financiamento para todo mundo, não existe reconhecimento para todo mundo. Existem políticas estruturais, existem políticas acadêmicas que vão limitar as coisas.

Então, de repente aparece um grupo que choca, na época um grupo que fazia História da Educação Matemática usando História Oral, ou que se assumia assim - porque o Carlos também é bem no começo e ele não fazia História da Educação Matemática nesse sentido historiográfico (ele discutiu preconceito). O Carlos não faz um trabalho que eu chamaria, hoje em dia, de historiográfico, ele não tinha uma pergunta historiográfica.

De um certo modo a gente acabou se caracterizando como um grupo que fazia História e fazia História de um modo diferenciado e, em alguns pontos de vista, de

modo totalmente divergente, do que vinha sendo feito. Aí, obviamente, você tem uma certa resistência e se essa resistência vem de algumas pessoas ela não é muito danosa, mas se vem de outras é muito danosa porque algumas pessoas, por conta do trânsito que têm na comunidade, podem fechar portas, podem impedir inclusive a nossa possibilidade de se manifestar, coisa que quase aconteceu no nosso grupo! Então a gente não pôde se inscrever como um grupo de pesquisa no Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, no SIPEM de Santos. Enviamos para a direção da SBEM[15] uma carta pedindo para que o nosso grupo fizesse parte do SIPEM como um grupo de pesquisa em Educação Matemática e, pelas discussões que eles tiveram numa reunião, um dos argumentos foi que a nossa produção não era significativa – eu acho que ela não era tão significativa quanto é hoje, mas era muito significativa sob alguns pontos de vista. Eles acharam que seria mais interessante a gente esperar um certo tempo até que o nosso grupo se consolidasse, ou que as pesquisas ficassem significativas (não sei o que faz uma pesquisa ficar significativa, se quanto mais velha mais significativa ela é, não sei!). Mas em todo caso, eles decidiram esperar um certo tempo para que a gente entrasse como grupo de pesquisa no SIPEM e sugeriram que a gente entrasse num grupo que já existia, que era o grupo de cultura, mas era um grupo que tinha um tema tão amplo que acaba não tendo uma especificidade.

Não foi sugerido, inclusive, que entrasse num grupo de História da Matemática lá?

Não, era um grupo de Cultura... é o que junta o pessoal da Etnomatemática..., já não me lembro mais porque a partir dessas discussões – e o grupo discutiu essa determinação da SBEM – a gente se desinteressou totalmente pelo SIPEM. Tanto é que hoje eu acho que a gente já tem um certa credibilidade, legitimidade, a gente até poderia pedir outra vez e eles provavelmente olhariam até com outros olhos, mas acho que agora já não interessa mais para a gente esse tipo de vínculo. Isso é uma resistência!

A outra resistência é uma resistência natural, a formação da gente na escola é numa historiografia mais rankeana, mais clássica, e quando a gente fala de História Oral, vem aquela coisa de: "Então o documento que você coleta é documento? Mas a pessoa esquece...", toda aquela discussão que já foi ultrapassada, mas de modo geral, no senso comum, ainda existe. Acho que existem resistências naturais de quem não quer entender o que a gente faz, não quer nem dialogar a ponto de entender o que a gente faz, então tem (paciência) aí também, quem não quer interlocução. Penso, inclusive, que há casos de grupos e pessoas que não querem interlocução pois se isso ocorrer, seus pressupostos – tidos como certos ou seguros – podem se esboroar.

Mas acho que as resistências não foram só de natureza teórica, têm pessoas nas quais eu deposito a maior confiança como pesquisadores, que fazem pesquisa da maior qualidade e que ainda têm algumas dúvidas em relação à História Oral, ao que a gente faz, mas que se dispõem a discutir com a gente isso aí. Agora, existem pessoas que não se dispõem a discutir, ou outras pessoas que não se dispõem a discutir não pelo viés teórico que a gente tem assumido, ou pelas concepções que a gente tem manifestado nos nossos trabalhos, acho também que é porque têm outros fatores na jogada! A gente ganhou recentemente um projeto do CNPq com dinheiro envolvido, quer dizer, é um grupo a mais para entrar nessa dinâmica de disputar espaço, disputar dinheiro, financiamento. Eu tenho uma bolsa de Produtividade em Pesquisa com projeto em História Oral. Obviamente existem as pessoas que criam resistências por conta disso,

[15] Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

porque prevêem no panorama mais gente concorrendo com as fontes de financiamento que estão se exaurindo.

Tem resistência de tudo quanto é tipo.

Mas com o tempo a gente foi ampliando o nosso quadro de interlocutores e tem conseguido interlocuções de muito boa qualidade e tem se estabelecido bem no panorama na nossa comunidade.

Como você reconhece um trabalho como sendo em história oral, que elementos tem que ter nesse trabalho para que você consiga vê-lo como um trabalho que se valeu da história oral?

Fui recentemente na UNICAMP numa qualificação de doutorado sobre tema muito interessante e o autor afirmava que ele fazia um trabalho em história oral e eu disse que ele não fazia um trabalho em História Oral. Ele poderia até fazer, mas não fez. Até então o texto não era assim. Vou tentar ver porque eu falei isso, quem sabe aí desenvolvo alguma coisa [...]

Em história oral a gente tem alguns procedimentos. História oral é um método de pesquisa qualitativa, mas – acho que já cansei de falar isso – método de pesquisa não é procedimento de pesquisa. Método é toda uma região que engloba esses procedimentos e a fundamentação desses procedimentos.

Mas, vamos pensar nos procedimentos. Existem procedimentos que, embora flexíveis, são relativamente estáveis. Essa é uma forma de você detectar! Isso não é suficiente: seguir os procedimentos corretamente não é fazer um trabalho em história oral, mas fazer um trabalho em história oral é seguir minimamente alguns procedimentos que estão estabilizados, vamos dizer assim, com as suas diferenças. Se você pegar o que eu acho que é textualização, o que o Carlos acha, o que o Haroldo de Campos acha, é claro que isso vai mudar! Mas de modo geral, a gente tem esses cuidados experimentais, por exemplo, de deixar o discurso, o depoimento disponível para o leitor, deixar, num momento de avaliação, a transcrição disponível junto com a textualização, deixar os dois documentos disponíveis, o cuidado com as cartas de cessão, o cuidado que a gente tem em relação ao depoente e seu depoimento - esse foi um outro foco de resistência que a gente enfrentou.

A questão da pesquisa qualitativa é muito comum em Educação Matemática e a pesquisa qualitativa via de regra vai coletar depoimentos. E nem sempre os cuidados que se tomava na coleta desses depoimentos eram os cuidados que a gente toma hoje. Por conta disso, alguns depoentes extremamente importantes para as pesquisas que a gente faz hoje em dia ficaram arredios porque já haviam dado depoimentos para outras pesquisas e não haviam tido retorno, quando conseguiram ter acesso ao trabalho acharam que o depoimento foi totalmente recortado e reconstituído de uma maneira equivocada, então por conta disso a gente tem um histórico de recusas para dar depoimentos, recusas de pessoas importantes para o grupo. Também por conta disso, outras não se sentem à vontade em dar um depoimento, mas algumas, acho que muitas pessoas, porque já foram vítimas de distorções.

Nas pesquisas que foram feitas até agora no grupo até aparece um pouco disso, não é? O pesquisador comenta a resistência inicial de um depoente devido a sua experiência anterior em conceder entrevista.

Alguns casos são emblemáticos em Educação Matemática! Esses pesquisadores bastante conhecidos vinham conversar comigo por conta disso: "Eu não dou mais depoimentos, por conta do que aconteceu comigo, por conta de tal trabalho, de tal

abordagem...". E aí, até você tirar isso, falar: "O que a gente faz não é isso, é outra coisa"...

Então a questão dos procedimentos é uma forma de delimitar, pelo menos configurar se o trabalho está seguindo ou não um viés da história oral. Agora, existem outras coisas: se é um trabalho de natureza historiográfica, por exemplo, é um trabalho que tem que defender uma concepção de historiografia que não é a concepção rankeana, é uma outra concepção. Então você tem que ver, por exemplo, se as suas fontes estão dialogando com essas concepções alternativas que a história oral exige.

Não necessariamente da História?

Não necessariamente da História. Mas na História isso fica muito claro. A gente vê vários equívocos em relação a isso, do cara que diz que está fazendo história oral porque coletou depoimentos, ou porque seguiu alguns procedimentos, mas toda a referência do autor vai contra o que deveria fundamentar uma abordagem em história oral. Então acho que são principalmente essas duas frentes: a questão dos procedimentos que já dá uma certa clareza de onde você está pisando e depois é como você argumenta sobre os procedimentos que você usa, esses autores utilizados para conduzir o seu trabalho, como você conduz a sua compreensão. Acho que a gente consegue perceber se existe um diálogo que é interessante ou um diálogo que é conflituoso.

Você vê, ou via no início, sentido em parar para pensar na cientificidade de um trabalho que se vale da história oral?

Acho que o discurso mais potente que a gente tem sobre isso é o do Carlos. Ele se assume como um cara que não tem a mínima vontade de se inscrever no mundo científico, ele sempre disse: "Não me importo com isso". Agora, sempre pensei em Ciência como uma região onde certos conhecimentos, compreensões, estão sistematizadas, quer dizer, é muito amplo pensar Ciência desse jeito! Mas acho que a necessidade de pensar Ciência, ou o que a gente diz quando pensa em Ciência, ou o que a gente faz quando diz que está fazendo Ciência, é uma necessidade muito grande. Um dos textos que a gente divulgou e tem discutido na nossa lista, que é o texto do Bolívar, deixa isso muito claro, quer dizer, a gente tem uma formação que sempre nos ensinou, que sempre tentou nos doutrinar no sentido de que existem certos pressupostos para que tal coisa seja ou não científica. Por exemplo, um dos pressupostos mais clássicos em relação a isso é o afastamento do sujeito em relação ao objeto, é a diluição da subjetividade - quanto menos subjetivo for o trabalho, mais científico ele é – o pesquisador não pode se incluir como depoente no trabalho, isso é meio estranho, você entrevista o seu orientador e isso é muito estranho do ponto de vista de uma Ciência concebida classicamente. Então, como eu acho que a gente não leva em consideração esses parâmetros mais clássicos, mais positivistas, a gente segue uma trajetória de conceber Ciência de uma outra forma. Mas a gente tem que se preocupar com isso sim, eu acho. A gente tem que saber o que a gente está falando quando fala que é Ciência: "esse trabalho é científico ou não é científico". Nem sei se a gente tem que se preocupar com isso para se enquadrar, se a gente é ou não é, se o trabalho é ou não científico, mas até para saber, quando a gente fala "Ciência" (e eu falo muito Ciência, científico, uso muito esses termos), do que estou falando? Do que o grupo está falando? Mesmo o Carlos que diz: "A minha posição não é ser científico, não estou preocupado com essas coisas", acho que mesmo o Carlos não negaria a necessidade e a pertinência de uma discussão dessa natureza.

Mesmo porque as pesquisas estão inseridas em um ambiente acadêmico o que te levaria a ter que dar respostas em alguns momentos...

Ter posições. Acho que isso sim.

Com relação à concepção de História, acho que você tem que ter sempre, seja com um trabalho de natureza historiográfica, como eu estava dizendo, ou não. Porque você está constituindo registros que são históricos do presente ou do passado para um certo futuro. Então, que tipo de documento você constitui? O que é isso: constituir documentos a partir da realidade?

Você tem que ter uma concepção de História, mas tem que ter uma concepção de Ciência também, tem que ter uma concepção de metodologia. Acho que são concepções básicas para qualquer pesquisador, principalmente para o pesquisador que trabalha com História Oral.

Como você vê a Educação Matemática nesse diálogo com outras áreas de conhecimento e o pesquisador que trabalha na Educação Matemática?

A Educação Matemática, não vou citar origem, nem sei a origem disso. Não vamos estabelecer origens, o Bloch já dizia. Mas, a constituição da Educação Matemática como um campo autônomo sempre esteve vinculada à idéia de uma interlocução inter-áreas. Porque quando você fala em Matemática, ela tem um objeto e processos que são mais ou menos impermeáveis em relação a outras áreas. Você tem o objeto matemático e se dedica a compreender o objeto "matemática", a fazer relações entre os objetos matemáticos e você faz matemática. Quer dizer, é um domínio meio asséptico, meio limpo demais, meio higienizado demais. Agora, quando você vai ver como é que essa matemática funciona o que acontece com essa matemática em situações de ensino-aprendizagem (que é o nosso tema em Educação Matemática) não tem como você não trazer à cena outros fatores, porque você não está mais só trabalhando com esse objeto higienizado, você está mexendo com outros objetos. São as relações, não são só as pessoas, são as relações que as pessoas estabelecem entre si, as relações que as pessoas estabelecem entre elas e a matemática, a relação que elas têm com o entorno social, a formação que elas têm em casa, a religiosidade que as famílias têm, sei lá, você começa a ampliar o quadro e surgem as determinações políticas, as determinações das escolas, como é que elas eram feitas? Porque elas foram feitas assim? Que papel essas determinações têm no processo ensino aprendizagem? Então, são preocupações das quais só uma área, ou um conjunto pequeno de áreas, não dá conta, você precisa chamar para a cena várias áreas.

A própria Educação Matemática é multi-disciplinar, com um monte de disciplinas funcionando e, nesse ponto, ela é uma região (como o Carrera fala sempre) de fronteira, ela é fronteiriça; você está sempre trafegando numa fronteira. Para lá é um pouquinho uma coisa, para cá é um pouquinho outra coisa, essas fronteiras são muito tênues e a gente vivencia isso aí com muita força, acho que quem está trabalhando no nosso grupo vê que a relação entre História Oral e a Educação Matemática exige um diálogo entre várias áreas que é muito difícil de ser feito, principalmente para a gente que não tem formação em todas essas áreas. As nossas interlocuções mudam muito, elas são muito diversificadas e é muito difícil para a gente dar conta disso. Por isso, inclusive, a gente produz mais em grupo do que individualmente, não dá para produzir individualmente desse jeito. Agora, eu acho que quem trabalha com História Oral e Educação Matemática efetivamente vivencia essa confusão de fronteiras. Quem trabalha com Educação Matemática nem sempre vivencia essa confusão de fronteiras na prática. Embora a Educação Matemática seja uma área que dialoga com outras áreas, você pode, nesta área (pensando-a como uma área de pesquisa), fazer um determinado trabalho que

simplesmente despreze todas as outras possibilidades que vêm de outras áreas, você só fica restrito a uma área, ou concepção, ou não avalia o objeto seguindo as diferentes abordagens a partir das quais ele poderia ser avaliado. Isso é na educação matemática como pesquisa, não sei se é a Educação Matemática como área. Existe uma educação matemática como pesquisa, mas existe uma educação matemática que ocorre "naturalmente" quando você está numa situação de ensino-aprendizagem de matemática. Aí, obviamente, quanto maior for a disposição do professor em entender aquela situação de vários pontos de vista, obviamente mais rica vai ser a prática dele.

Na pesquisa a gente tem visto que essa pluralidade de áreas tem sido muito negligenciada. No nosso caso não está dando para fazer isso, a gente nem consegue fazer isso porque os próprios objetos parecem exigir um tratamento que só uma área não pode dar. Então só a História não dá conta da coisa, tem que buscar na Sociologia, a Sociologia não dá conta... então é muito complicado, é desse livrinho que estou te falando, da nova história cultural. Como é que começa essa confusão? Como é que se cria uma história cultural? O que a gente faz é história cultural? A Sociologia se aproxima da História? Isso é bom, isso não é?

Então viver esse conflito de várias áreas, dos objetos que se pode estabelecer usando outros enfoques, acho que a gente vivencia isso, experiência isso.

Como você vê essa questão do distanciamento no trabalho com história oral, da relação entre entrevistador e entrevistado?

Gosto das discussões, quem gosta de discutir particularmente isso é o Carlos, ele discutiu isso na lista por muito tempo. É uma discussão muito interessante, mas não é uma preocupação muito forte para mim. Porque na minha cabeça está assim, do ponto de vista prático, uma relação muito próxima entre o entrevistador e depoente é perigosa. Isso por conta das experiências que a gente já viveu no grupo, por exemplo, está relatado no trabalho da Ivete a negação de um professor que se recusou a dar entrevista, e era uma pessoa por quem a Ivete nutria um afeto extremamente significativo. Isso deu uma certa paralisada na Ivete num certo momento, ela não sabia o que fazer, ficou meio desconcertada.

Essa aproximação por um lado pode ser muito boa porque você conhece a pessoa, então a entrevista pode fluir de uma forma muito mais natural, muito mais profunda e tal, ou então, pode causar esses impactos. Acho que a proximidade tem as suas vantagens e as suas desvantagens e acho que isso tem que ser estudado caso a caso. Não tem como estabelecer uma norma geral. Agora, do meu ponto de vista, o distanciamento sempre existe porque a experiência como foi vivida (isso aprendi com Ricoeur, mas muita gente fala disso) nunca é comunicada do jeito que ela foi vivida. Então se eu for relatar essa entrevista para uma pessoa e você for relatar essa entrevista, ou se amanhã a gente se reunir para comentar essa entrevista, as percepções que eu tive foram umas, as suas foram outras, por mais próximos que a gente esteja como orientador e orientanda, como colegas.

As minhas experiências são minhas, elas são privadas nesse sentido. O que eu faço é um esforço para comunicar alguma coisa a uma pessoa e, estando perto ou não, esse distanciamento em relação à vivência da experiência em si sempre existe. Se eu for relatar um fato que nós vivemos juntos o meu relato vai ser diferente do seu porque a experienciação (a fenomenologia faz uma diferenciação muito legal: a experiência é o que se faz, a experienciação é viver a experiência) das experiências ocorre de maneira muito diferenciada de uma pessoa para outra. Então, a proximidade, nesse sentido, não é prejudicial, pois esse distanciamento sempre vai existir. Agora, do ponto de vista prático, pode ser que isso tenha conseqüências, às vezes boas, às vezes não tão boas.

O que você entende por documento e quais documentos são constituídos nesse tipo de trabalho?

Ontem, lá em casa, chegou um livro que comprei, que é um livro sobre teatro brasileiro. É um livro maravilhoso que chama **Brasil: drama e paixão** que é sobre a história do teatro e tem na capa uma fotografia antiga em tons de vermelho da Fernanda Montenegro (comprei para dar de presente a uma amiga minha que é atriz de teatro). Aí estava pensando, mas o que não é documento? Tudo que se presta a um tipo de interpretação é um documento. Se tenho acesso a algo que me possibilita compreender alguma coisa, isso está me servindo como documento. Então fiquei pensando: "mas será que tudo é documento?". Esse *insight* de ontem, quando chegou o livro, me levou a pensar: "Isso é um documento, um documento fotográfico". São só fotografias sobre o teatro brasileiro.

O que não seria documento? É difícil. Por exemplo, lembro que existe um texto muito bonitinho do Manuel Bandeira sobre Ouro Preto (você vai encontrar fontes históricas onde menos pensa). Ele escreveu um guia de Ouro Preto e é interessante que, quanto fui para lá (eu gosto muito das cidades antigas) usei esse livro como guia turístico e fiz trajetos que o Manuel Bandeira descrevia naquele livro (e ele fez com essa intenção mesmo, de ser um roteiro turístico sobre Ouro Preto) e ele desenvolve certas idéias históricas sobre Ouro Preto. A prosa dele possui elementos históricos, então ele fala do modo como o brasileiro coloca os sofás nas salas de visita. Esse modo, se paro para olhar como é que as pessoas colocam os sofás nas salas e tento entender isso aí, tento buscar recursos para ver como é que era, como é que foi, como é que vai ser isso aí, a forma de colocar sofá é um documento, nesse ponto de vista. Então acho que esse exercício que estou fazendo de ampliar a concepção de documento é o mesmo exercício que a historiografia fez. Mesmo as de raízes mais clássicas ampliam a visão do que é ou não é documento. Então, a categoria "documento" passou a englobar um monte de objetos e situações que não só aqueles documentos de cem anos atrás, que são as fontes primárias.

O que é um documento? Na primeira reunião do grupo aqui em Bauru, que foi quando o grupo efetivamente se formou, a gente acabou definindo (a frase até foi minha, mas o grupo achou interessante) documento como uma enunciação em perspectiva. Quer dizer, alguma coisa que esteja dizendo sobre algo segundo a perspectiva de alguém.

No caso, essa entrevista é um documento, mas a oralidade cria documentos evanescentes, eles desaparecem e, por isso, a gente fixa em algum suporte, por exemplo, na fita ou na escritura. Mas é um documento: estou enunciando para você uma perspectiva, que é a minha. Por exemplo, quem arruma a sala de um certo modo, enuncia com aquilo lá ou a sala em si manifesta uma perspectiva que posso entender de um modo ou de outro. Então acho que documento é isso, uma pluralidade de coisas que permitem uma compreensão. Mas sei que falar disso aí vai gerar críticas inúmeras porque é aquela definição que engloba tanta coisa que acaba não definindo nada. É preciso sistematizar mais essas compreensões mas, por enquanto, está sendo operacional pensar assim.

Porque a textualização? Se era só para registrar a oralidade em algum material como a fita, a escrita, porque não parar na transcrição?

Para mim, para falar disso daí tenho que falar necessariamente de análise. Mesmo no grupo, existem práticas diferenciadas em relação à transcrição – a textualização. O que acho que seja a transcrição como a gente tem concebido – eu e

meus orientandos, conseqüentemente – é a degravação, é o momento em que pego a fita e registro o que está nela o mais "fielmente" possível. Existem momentos posteriores, de "textualização", que não são simplesmente momentos de "transformar em texto" porque a transcrição já é um texto escrito, no caso. A textualização seria um momento no qual elaboro aquele texto transcrito de tal modo que ele tenha uma fluência maior. Agora, qual o objetivo dele ter uma fluência maior? É ficar mais legível, mais adequado, mais estiloso? Pode até ser, mas esse não é o objetivo prioritário, acho que você faz a textualização, ou as textualizações (porque você pode textualizar de várias maneiras até chegar numa mais ousada que a gente – eu e meus orientandos - nunca tentou que é a transcriação, por exemplo), a gente textualiza porque recolheu depoimentos para compreender alguma coisa, então a gente tem que começar a ter uma postura investigativa em relação ao documento e a textualização é uma das possibilidades de exercitar essa postura investigativa em relação ao que o depoente falou. Porque você começa a ler, a reescrever, ler, reescrever, e essa trama permite, no mínimo, que você fique mais familiarizada com o que o depoente disse, até para poder, se quiser, voltar para o depoente e esclarecer algumas coisas.

Então a função não é só estética, embora eu ache que exista uma função estética na textualização. Ela é também essencial do ponto de vista da pesquisa porque não acho que só coletar depoimento seja suficiente, acho que você tem que analisar o que você coletou. Não fazer análise é até uma certa hipocrisia do pesquisador, porque a partir do momento em que ele seleciona depoentes, no momento em que ele estabelece perguntas de pesquisa, qual situação a pesquisa vai abordar, quando ele estabelece o objeto (a situação, a pergunta, o contexto) que ele vai estudar, quando ele faz as entrevistas, quando ele cria o roteiro, ele já está compreendendo alguma coisa. Ele compreende alguma coisa para iniciar esse processo e nesse processo ele vai refinando algumas coisas. Isso é hermenêutico! Então acho que, num certo momento, o pesquisador, no mínimo, tem que aglutinar suas compreensões e expressar essas compreensões porque ele as teve de um modo ou de outro (mais elaboradamente ou menos elaboradamente, mas teve). Faz parte de um estudo, de uma pesquisa, manifestar essas compreensões que se teve. Então acho que você não deve se bastar com a coleta de depoimentos, você tem que continuar fazendo análises – mais radicais ou menos radicais, sei lá! Tem que analisar no sentido de explicitar o que o pesquisador compreendeu a partir daquele percurso de coleta, de coleta de depoimentos, de fixação de uma determinada pergunta, isso para mim é fundamental e, nisso, a textualização tem um papel incrível que é esse de te familiarizar - mais ainda ou de outro modo - com aquilo que você já ouviu quando o depoente falou para você.

Você vê no grupo uma preocupação com questões éticas? Que questões são essas?

Acho que essas questões éticas são questões reguladas dentro do próprio grupo, principalmente. Acho que elas são muito fortes dentro do nosso grupo, primeiro porque acho que é uma preocupação natural de quem faz pesquisa e segundo porque essa preocupação é até vital. Por conta de algumas pessoas não terem tido essa preocupação, parte do nosso trabalho ficou inviabilizado. Posso boicotar potenciais fontes para outros trabalhos se eu não tiver esses cuidados. Isso é um ponto de vista prático!

E, por outro lado, a gente tem preocupações éticas dentro do grupo. Toda a discussão que a gente teve sobre análise... Uma concepção muito senso comum de análise é a de julgamento: você vai fazer análise, você vai julgar o que a pessoa disse ou não. Eu acho que você vai compreender, você vai tentar compreender o que ela falou e fazer relações entre o que as pessoas te falaram e não necessariamente vai estar julgando

ou valorando - como bom ou ruim, pertinente ou não pertinente – o que a pessoa disse. Você não está julgando nesse sentido, você não está valorando o discurso como um bom discurso ou um discurso ruim, você não está fazendo isso. Você está usando aquele discurso como fonte para compreender alguma coisa, mas isso aí é uma preocupação (por exemplo, quando um certo senso comum com relação à análise imperava). Se o cara acha que analisar é julgar o depoimento e ele coloca isso no grupo é porque ele tem uma preocupação, ou isso sempre foi colocado com uma certa preocupação desse pesquisador em não fazer isso, não julgar nesse sentido. Isso é uma preocupação ética.

A outra preocupação ética que a gente tem é sempre deixar públicas as nossas compreensões, sempre deixar públicos os nossos dados, sempre discutir e dar acesso pleno, em todos os momentos da pesquisa, aos depoentes. Isso é fundamental! Então, acho que essas questões éticas são muito presentes no nosso grupo.

Essa idéia de acessibilidade está, para você, ligada à idéia de documento? Pergunto isso, pois Meihy afirma que só faz sentido pensar em documento se se pensar em sua disponibilidade pública.

Isso é uma certeza que tenho e essa certeza vem bem de antes da História Oral, desde a época que estudava e fazia pesquisa qualitativa. Antes, nos meus estudos, sempre trabalhei a pesquisa qualitativa numa abordagem fenomenológica, mas era uma pesquisa qualitativa também. E uma das coisas que a gente sempre frizava era isso: o acesso ao material que você gerou (e acesso na íntegra) por algum modo. Ou você disponibiliza num arquivo, ou disponibiliza (no nosso caso em que temos dificuldades para encontrar arquivos e não temos dinheiro para construir nosso próprio arquivo com ar condicionado...) no *site*. Os nossos depoimentos sempre estão na íntegra, textualizados, nas teses e no nosso *site*. Porque? Isso eu pensava já antes: outro pesquisador pode ter acesso a esses documentos que criei, a esses documentos que registrei e, a partir disso, pode dar origem a outras pesquisas, pode encaminhar outras preocupações. Outro dia numa banca, acho que foi na da Ana Márcia, sugeri isso para ela: por que coletar depoimentos novos se já existe um monte de documentos já coletados que encaminham essa mesma perspectiva? Se você está fazendo uma pesquisa sobre a qual já existem esses depoimentos, porque você não pega esses depoimentos e re-analisa, sob seus aspectos, sob seu olhar? Acho que isso pode acontecer, porque, desde que eles foram cedidos para serem usados em pesquisas eles estão disponíveis, você vai ler e pode gerar compreensão e pesquisa acadêmica, formal. Então acho que é uma parte visceral do processo de pesquisa deixar públicos todos os documentos, todos os registros que você gerou nessa pesquisa.

Que discussões você acha que devem ser retomadas ou iniciadas no grupo sobre o trabalho com a história oral na Educação Matemática?

Acho que o grupo ainda está se debatendo com algumas coisas, mas acho que por conta dessa disposição em todo mundo estar debatendo certas coisas está gerando certas contribuições. Acho que a questão da história oral como método, metodologia, é ainda uma questão que o grupo tem que discutir mais. Sempre falei isso, fui um dos membros do grupo que sempre defendeu a História Oral como uma metodologia de pesquisa qualitativa e parecia, num primeiro momento, que ninguém concordava comigo (à exceção dos meus orientandos que concordavam na marra [risos]). Por exemplo, eu não percebia uma concordância do Carrera, não percebia uma concordância da Sílvia, do Carlos, mesmo o Emerson no começo tinha umas discordâncias sérias em relação a isso. Quando essa discussão foi explicitada na lista há um tempo atrás e o Carlos e eu "conversamos" (troca de mensagens) sobre, parece que alguns pontos

começaram a ser esclarecidos. Porque era uma preocupação que existia, mas não havia ainda sido explicitada claramente, eu falava uma coisa de um lado, o Carlos falava outra coisa de outro lado, quem ouvia achava que estávamos dizendo coisas diferentes, eu acreditava que ele falava uma coisa diferente de mim, ele acreditava que eu falava alguma coisa diferente dele, mas quando a gente sentou para discutir isso a gente percebeu que existiam pontos de contato que podem ser elaborados e pontos de discordância que, possivelmente, também podem ser elaborados.

A gente não quer o consenso, a gente quer chegar num ponto de vista relativamente operacional para que a gente possa continuar trabalhando junto... Isso não significa que eu tenho que concordar com tudo que todo mundo fala, mas, pelo menos, discutir essa convivência de concepções diferenciadas, porque elas nos ensinam. Por exemplo, foi tentando explicitar o que penso por metodologia e, portanto, porque penso que a história oral é uma metodologia qualitativa que comecei a compreender que a história oral não é uma coisa só do domínio da História, o que um pesquisador que trabalha há muito tempo com história oral (se você mostra uma entrevista dessa para ele) vai achar que isso é uma ingenuidade! Pode ser uma ingenuidade, mas não foi para mim! Eu tive essa preocupação e eu tive esse deslumbramento, percebi: "Ah, então é isso! A história oral não é do domínio da História!". Sei lá, o Sebe pode chegar e falar: "Mas demorou tanto tempo para compreender uma idéia tão ingênua e tão óbvia como essa?". É, mas para mim foi esse o percurso, foi essa a trajetória e tenho que respeitar isso!

Acho que a gente está discutindo essas coisas, está discutindo metodologia e uma outra coisa que está ligada à metodologia é a análise, como é que as análises podem ser feitas, como podem ser conduzidas. Nisso acho que o texto do Bolívar ajudou muito a gente, pelo menos me ajudou muito, acho que o Carlos tem uma idéia importantíssima em relação à análise que, embora seja importantíssima e interessantíssima, é dificílima de ser implementada (do meu ponto de vista): é que a própria discussão sobre a metodologia traga já elementos de análise dos depoimentos que aquela pesquisa gerou. Ao mesmo tempo em que você está discutindo o método, você está discutindo os depoimentos e fazendo as análises.

Uma outra forma, um outro modo de conceber a análise é que a própria configuração do seu trabalho, o modo, o estilo, pode dar elementos para a compreensão dos seus depoimentos, das suas concepções. Então você altera, elabora a forma de apresentação do trabalho de tal maneira que aquela forma explicite sua visão sobre aquele trabalho, sobre aquele depoente, sobre História, sobre metodologia. Isso é difícil de fazer! Acho que o Carlos faz isso brilhantemente no doutorado dele, acho que a Ivete tentou fazer, a Rosinete Gaertner deu uma elaborada alternativa, até a própria Ivani Pereira Galetti (um pouco mais timidamente do que o Carlos, a Rosinete e a Ivete Maria Baraldi) dá uma forma alternativa. Isso eu acho interessante! É uma forma de análise e essas formas de análise o grupo tem que tematizar. Tematizar no sentido filosófico mesmo, escolher como tema. Tenho que parar para pensar nisso, sistematizar compreensões sobre isso.

Na reunião de constituição do grupo aqui em Bauru foram apresentadas outras concepções sobre a história oral que diferiam da idéia de metodologia?

O tema dessa nossa primeira reunião foi exatamente esse, me lembro que lancei uma pergunta que era: "o que diferenciava a história oral das demais pesquisas qualitativas?". Não era o fato de recolher depoimentos, porque sempre recolhi depoimentos e não fazia história oral. O que diferenciava?

O que a gente pensou naquele momento, depois de dois dias de reunião, foi a concepção de documento, a concepção que fundamentava os nossos procedimentos em relação à coleta desses documentos, ao registro desses depoimentos. Isso tudo configura um panorama diferenciado em relação às pesquisas qualitativas que só são julgadas – equivocadamente - como qualitativas porque partem da coleta de depoimentos, da entrevista. Então, num primeiro momento, ficou esclarecido assim: "a diferença está no fato de que você deve defender concepções muito específicas, além de seguir um certo ritual de coleta de depoimentos, seleção de depoentes diferenciado, muitas vezes, o que se fazia em pesquisa qualitativa de modo geral".

Acho que, num primeiro momento, ficou mais ou menos assim, mas ainda me lembro que uma das coisas fundamentais era que a gente tinha que ter uma concepção de História e eu defendi essa concepção por muito tempo também porque achava que a história oral era "naturalmente" do domínio da História. Hoje em dia continuo defendendo que quem faz história oral, quem faz qualquer outra coisa em pesquisa tem que ter uma concepção de História, mas não necessariamente porque a história oral está só no domínio da historiografia.

Qual a tua visão acerca do grupo "História Oral e Educação Matemática"?

Um grupo não é um conjunto de pessoas, não é!? A gente já está tendo essa clareza. Um grupo é um conjunto de pessoas e as relações que essas pessoas estabelecem entre si e com outros interlocutores. Acho que o nosso grupo foi formado por pessoas que tinham certos objetivos em comum, tinham certos interesses, certas questões em comum. Não que o tratamento dessas questões ocorressem da mesma forma, ou que tivessem pontos muito estabelecidos sobre o que estavam fazendo, a gente tinha a vontade, a necessidade de discutir coisas que eram comuns a todo mundo ali. Então isso foi aglutinando esse grupo. Obviamente existem alguns elementos fundamentais para que um grupo se constitua desse modo: existiu uma certa situação que fez com que o Carlos viesse aqui para Bauru passar um período com a gente. Se ele tivesse vindo em outra época possivelmente nada teria acontecido, mas ele veio e veio nessa época, numa época em que eu, o Carrera e a Gilda, na rodoviária em Rio Claro um dia, já tínhamos aventado a necessidade de formar um grupo. Então esses fatores, que são circunstanciais, acabaram se juntando e surgiu esse grupo.

Só que manter um grupo desses em funcionamento exige certos esforços. Exige, por exemplo, que a gente tenha um grupo de pessoas dispostas a continuar debatendo essas questões, exige, por exemplo, que, em determinados momentos, tenha alguém que se lance numa proposta que fui eu quem fiz, no caso, de procurar financiamento porque tem uma hora que a gente precisa de dinheiro, para conversar com outras pessoas, para procurar interlocuções externas; exige-se que alguém – no caso a Ivete – decida-se a gerenciar por conta e custo próprios – um *site* para o grupo... exige-se alguns esforços individuais cujo objetivo é, ao fim e ao cabo, o coletivo, o grupo. Então esses fatores são fundamentais: o Carrera entrar junto com a Gilda para discutir isso, eu entrar nessa brincadeira, o Carlos ter vindo para Bauru numa determinada época, o fato da primeira discussão que estava sendo desenvolvida aqui em Bauru já mostrar caminhos para as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas (que até então não eram desenvolvidas só com história oral, porque a gente nem sabia o que era isso direito), o fato de que existe a minha disposição de pedir certas verbas, de juntar certas pessoas, de existirem pessoas interessadas nessas pesquisas que a gente faz, tudo isso vai configurando uma dinâmica de interlocuções, que é o grupo.

Obviamente não é aquela história da escola militar onde todo mundo faz a mesma coisa nas fileirinhas, porque às vezes uma pessoa está mais produtiva do que

outras, mais envolvida do que outras. Mas tenho a impressão de que esse espírito de que vamos nos dedicar a estudar algumas coisas para ter certas compreensões sobre certas coisas que são mais ou menos comuns a todo mundo, é o forte do grupo. E a outra coisa muito forte do grupo que eu vejo (e que pode ser secundário para algumas pessoas, mas para mim não é) é o bom relacionamento entre os membros, relacionamento afetivo mesmo, de corredor. Eu sinto que, para o grupo, são uma grande alegria os nossos encontros. E isso é bom porque se não traz vantagens, ao menos não traz complicações para o desenvolvimento das pesquisas. É muito bom estar junto. É um pessoal que conversa muito bem entre si, que se gosta. Mesmo não tendo afinidades, às vezes até, teóricas, concepções alternativas (porque a nossa produção é meio desigual, de vários pontos de vista, de concepções, de procedimentos) a gente se dá bem e está disposto a discutir a mesma coisa.

Há um projeto do grupo?

Acho que não, acho que as pessoas que estão no grupo, todas elas, têm um interesse em discutir a história oral como um referencial possível e interessante para a Educação Matemática, é isso que nos une, é a manifestação mais clara do porquê estamos nos reunindo (e, obviamente compartilhar certas práticas, certas concepções, certas experiências, defender certas idéias. Isso existe). Agora, um projeto do grupo, um projeto "formal", não sei, acho que existem projetos dentro do grupo que são um pouco mais amplos, por exemplo o meu projeto que é discutir as potencialidades da história oral para a Educação Matemática é um projeto que engloba todos os projetos do grupo, agora o projeto da Heloisa da Silva dialoga muito bem com o seu, pode dialogar bem com o projeto da Maria Ednéia Martins. Acho que os projetos em geral dialogam porque trabalham com a história oral numa perspectiva parecida, mas nem sempre eles dialogam perfeitamente, completamente, então não vejo um projeto do grupo. Consigo ver assim: "esse projeto é do grupo ou poderia estar no grupo".

O projeto de construir um mapa histórico da formação de professores no Brasil é um projeto meu, que faço com meus orientandos. Agora, tenho outros interesses e tenho pessoas interessantíssimas que querem ser meus orientandos, mas não querem trabalhar nesse projeto especificamente, então eles vão fazer outros projetos que cabem bem dentro do grupo, mas que não farão parte desse meu projeto.

O meu grande projeto é esse: estudar a história oral vinculada à Educação Matemática e o projeto de constituição desse mapa da movimentação da formação de professores no Brasil usando o recurso da história oral. Acho que esses são dois projetos grandes que podem servir como guarda-chuva para o grupo, mas num primeiro momento a idéia era: estou orientando pessoas com necessidade de discutir certas coisas, o Carrera estava orientando pessoas com necessidade de discutir as mesmas coisas. Então vamos juntar esse pessoal e começar a discutir esses projetos individuais, *pero no mucho*, quer dizer, a gente reconhece a individualidade do projeto, mas também reconhece o fato de ter um projeto coletivo que é a questão da história oral, sempre.

Qual a tua visão de História?

Primeiro, é uma negação daquele, se é que se pode chamar de paradigma, mas a negação da concepção do paradigma rankeano. Quer dizer, não existe uma história real, uma história do que realmente aconteceu. Um primeiro elemento para uma concepção de História que eu defenderia seria se colocar contrário a essa posição rankeana. E aí entram outros fatores: por exemplo, acho muito interessante a posição dos Annales em relação a algumas coisas, mas também a questão dos Annales, (tem gente que chama de paradigma) o paradigma dos Annales, também não é necessário e suficiente. Acho que

ele deu algumas dicas interessantes, mas não é suficiente. Dialogo muito com esse pessoal, principalmente com a terceira geração (o pessoal do grupo faz muito isso), conversar com o Ginzburg, com o Chartier, esse pessoal mais recente que também tem as suas raízes lá nos Annales. Então a concepção vai por aí, negar o paradigma rankeano, readaptar um pouco a questão dos Annales – eu quando leio o Bloch me encanto com muitas coisas, mas fico achando que algumas coisas são muito radicais. Lendo o **Apologia da História** acho que alguns pontos são muito interessantes, outros são muito radicais, não comungo com esses pontos.

A idéia de História como versão, isso eu acho interessante como um padrão. A minha concepção de História é da História como versão. Me importa, por exemplo, mais do que o fato como verdade, a apropriação do fato, como esta apropriação foi feita. A gente estava discutindo isso numa qualificação, quer dizer, não importa se é verdade ou não que Gauss demonstrou que a soma dos cem primeiros inteiros era de tal jeito e que tenha feito isso quando era garoto, quando estava na escola. O fato de que o primeiro biógrafo do Gauss tenha falado isso e que esse primeiro biógrafo do Gauss tenha convivido com Gauss, esses dados na realidade pouco me importam. Acho que a verdadeira questão historiográfica é: o que faz com que essas informações, sejam fatos ou lendas ou o que quer que elas sejam, o que faz com que essa história se perpetue? Com que motivo ela se inscreve tão veementemente na biografia do Gauss? Você muda um pouco o foco.

Na minha concepção de História está também essa diversidade de fontes, de pensar nos textos de História, nos textos historiográficos como uma forma de ficção, acho isso muito interessante.

Dentro dessa visão de versões é possível pensar em história oficial?

Você pode não pensar "a história oficial", mas ter a história oficial como objeto sim.

Se daqui a um tempo a gente tiver - vamos pensar nesse projeto meu de constituir a história da Educação Matemática no Brasil usando a história oral como recurso - configurado de um modo significativo, do nosso ponto de vista (porque quem vai decidir se é significativo ou não é a gente mesmo), o estado de São Paulo, o estado de Minas, o estado do Piauí..., vai ter um determinado momento que eu vou ter material suficiente para escrever um livro (eu só não, eu e esse monte de pessoas que fizeram essas pesquisas individuais/coletivas), vou ter uma configuração geral desse mapa que é o que a gente queria ter. Posso, por exemplo, produzir um material dizendo: "O mapa da formação de professores de Matemática no Brasil é assim porque acontece isso, acontece aquilo". Agora, eu consigo fazer isso? Eu consigo escrever uma história não acreditando numa história definitiva ou numa história cristalizada? Consigo. Porque consigo escrever um texto que seja relativamente fechado, mas enunciando a todo momento que as concepções daquele texto não são de que aquele texto é "a história", quer dizer, é o máximo de compreensão que eu posso ter, é o máximo de contribuição que aquele texto pode ter: é um esforço. É um esforço de vários pesquisadores para conhecer como é que se dá a formação de professores de Matemática no Brasil e esse esforço está aqui, a gente vai sistematizar todas as compreensões que a gente teve e vai publicar e vai fazer circular por aí. Agora, não achem que o que a gente está fazendo lá é tentar tirar uma história e colocar outra como sendo, então, 'a verdade dos fatos'. Não, não é! Quer dizer, o que a história oficial, no sentido de que as concepções e os fatos são definitivos e que o pesquisador chegou a esses fatos e, portanto, ele fez "a história", se essa é a concepção da história oficial, essa concepção a gente nunca vai exercitar. Agora, se a história oficial for uma configuração mais ampla de um certo contexto, acho

que a gente vai fazer sim, só que sob essa concepção que a gente tem que não é a da verdade dos fatos.

O que você pensa sobre memória no trabalho com história oral?

Recentemente uma historiadora me falou que a memória e a história são regiões distintas que estão relativamente bem configuradas, e eu acredito nisso. A memória tem um aspecto mais artesanal, do sujeito. A História é uma forma erudita de elaboração a partir dessas memórias. Então elas são diferenciadas.

Me parece que o Le Goff comunga com esse ponto de vista. Foi o primeiro contato que eu tive em relação à diferenciação Memória/História. No livro **Memória e História**, ele fala que essa discussão não tem mais função: a gente sabe que a História é alimentada pela memória e, ao mesmo tempo, a História alimenta a memória. Então existe uma relação entre elas e acho que esse é meu ponto de vista, embora não seja muito elaborado. Acho que a Ecléa Bosi trabalha bem com memória, até porque é a intenção dela em seu livro.

Parece que é assim mesmo: a memória é um modo como você pode constituir ou esclarecer, a partir do qual você consegue escrever a história. A História nada mais é do que uma elaboração de memórias que segue certas regras e propõe-se certos embates, numa certa comunidade.

Com relação ao livro que vai ser lançado agora, que contribuições você acredita que ele trará para a Educação Matemática?

A primeira delas, acho que é a que se pretende. Vai ser um material que a gente vai divulgar em grande escala. Acho que o *site* já potencializa muito a divulgação do grupo porque é impressionante o número de acesso que o *site* tem. Quando vou para Congressos, dar palestras, sempre converso com alguém que já acessou o *site*, a pesquisa de alguém, já imprimiu, tem guardado em casa... O livro é uma outra forma de o grupo efetivar esse compromisso de deixar públicas, em maior escala, suas contribuições. Um livro circula mais que uma tese, embora o *site* dinamize muito essa circulação dos trabalhos acadêmicos.

A outra contribuição, que é decorrente dessa, é ampliar o nosso quadro de interlocutores. Quem está interessado nisso compra o livro para saber o que está acontecendo, para saber, entender o que a gente está fazendo, para se aproximar ou se afastar.

Acho que essa é a contribuição do livro, a gente está expondo lá coisas que a gente faz. São produções definitivas? Não, não são produções definitivas. São produções elaboradas? Todas elas são. Agora, são definitivas, são finais, todas elas têm o mesmo nível, defendem as mesmas concepções? Não, elas expressam exatamente essa dinâmica do grupo que está se constituindo permanentemente. Então acho que isso é interessante, é um modo da gente sistematizar num determinado momento, até porque não entraram vários trabalhos nesse livro, um outro livro possivelmente possa fazer isso, complementando este.

Essa semana consegui juntar todos os textos, agora vamos ver qual é a trajetória para publicar isso aí.

Capítulo 6

Um olhar sobre o cenário

Ao elaborar as textualizações, apresentadas no capítulo anterior, torna-se possível um olhar acerca de articulações entre as entrevistas e as publicações às quais fizemos referência no capítulo quarto.

As leituras realizadas, a posição desta autora frente ao trabalho com história oral e sua participação no GHOEM delimitaram algumas questões a serem ressaltadas. Estas questões são apresentadas em texto "corrente" cujo *corpus* tem, em negrito, no início de alguns parágrafos, uma indicação da temática ali abordada.

Fundamentalmente essas discussões foram situadas a partir de três eixos: quem fala, de onde se fala, e sobre o que se fala.

A ação de olhar para o trabalho que tem sido realizado com história oral na área da Educação Matemática levou a um recorte em relação ao modo como tal abordagem vem sendo, efetivamente, operacionalizada. Esse recorte coloca-se principalmente frente à escolha de interlocutores que, neste estudo, nos conduziu a uma aproximação com o grupo de pesquisa "História Oral e Educação Matemática" e, internamente a este, com dez pesquisadores e suas produções.

Dessa forma, a pesquisa é delineada a partir de estudos e embates entre esta pesquisadora e mestres e doutores em Educação Matemática/Educação que trabalham com história oral. Pesquisadora e entrevistados delimitam, neste trabalho, um primeiro esboço de **quem fala**.

O diálogo com os entrevistados está naturalmente atrelado às negociações ocorridas dentro do GHOEM. Faz-se necessário, então, caracterizar **o grupo de onde falam** estes pesquisadores.

O GHOEM caracteriza-se por relações (pessoais, de estudo, de pesquisa, entre outras) estabelecidas entre seus pesquisadores e entre estes e a comunidade acadêmica e se propõe a discutir ou desenvolve trabalhos envolvendo a história oral na Educação Matemática. Esse interesse comum parece não impedir o exercício de outras possibilidades nos trabalhos, quais sejam, aquelas cuja intenção é trazer à cena teóricos e áreas distintas. Alguns se voltam a discutir Antropologia, outros enfatizam a questão histórica, outros partem para estudos na Sociologia, e, ainda quando dentro de uma mesma abordagem, alguns se colocam a discutir com autores diferentes, com o que se pode perceber, nos momentos de embates internos ao grupo, a idéia de "Vasos Comunicantes"[1].

Com relação a esta idéia, cada membro do grupo, ao se dedicar ao estudo de determinado autor ou determinada teoria, coloca-se como um elo entre as idéias deste autor e os demais membros no momento das discussões. Em diálogos com interlocutores externos ao grupo, essa dinâmica e diversidade de abordagens parecem potencializar as possibilidades de debate. Constitui-se uma rede de negociações, sob várias perspectivas e enfoques, que caracterizam o trabalho do grupo no entorno da interface história oral/ Educação Matemática.

[1] Termo utilizado por Antonio Carlos Carrera, em referência a Deleuze, em discussão numa das reuniões semanais (atualmente quinzenais) realizadas por alguns membros do GHOEM.

Nos posicionamentos dos entrevistados parece haver uma tendência em reconhecer o grupo percorrendo uma trajetória em direção a uma recusa a reducionismos (com relação aos trabalhos analisados nessa dissertação) freqüentemente decorrentes de uma abordagem tradicional à história (que limitaria em muito as fontes de estudo e os métodos), da pesquisa quantitativa (que não daria conta de várias das inquietações que cercam este grupo de pesquisa, limitando ou bloqueando suas possibilidades de trabalho), da idéia de verdade singular (que impediria o contato com outras tantas versões que negam/reafirmam/complementam uma versão já colocada, negando as contribuições que as diferenciações – culturais, sociais, etc. – próprias do ser humano poderiam trazer), da visão de que o esquecimento seria uma falha humana que prejudicaria a constituição da história de algo, entre outras.

Paul Thompson[2] afirma a necessidade do pesquisador ter claro se, tendo em vista seus interesses, quer ser sociólogo, historiador... Considerando a variedade de abordagens já colocada e os estudos realizados dentro destas (o que indica um cuidado com o alerta de Bicudo, 1993), de onde pensam estar falando estes pesquisadores? Essa é uma questão significativa na busca por delinear esse grupo.

Embora essa questão pareça ter se colocado de formas distintas em vários momentos durante o período de trabalho desses pesquisadores, a possibilidade deles se assumirem como historiadores (devido ao forte caráter histórico associado ao objetivo e/ou à fundamentação teórica de suas pesquisas) parece ser, atualmente, descartada, ainda que, em alguns trabalhos, assumissem essa postura quando de sua realização. Esse descarte ocorre como forma de reconhecer o exercício de interlocução como vital para o desenvolvimento de uma área específica, neste caso a Educação Matemática. Defender que somos historiadores, ao nos aproximarmos da História, restringe em muito o significado de interlocução, no sentido de que o diálogo só se efetivaria entre pares e teorias de um mesmo campo. Dialogar com a Sociologia, Psicologia, Antropologia, entre outras, sem ter que se tornar sociólogo, psicólogo, antropólogo é o exercício que torna possível essa interlocução entre áreas distintas sem retirar o pesquisador de sua própria área.

Se esta questão parece indicar uma mudança de postura de alguns desses pesquisadores, uma outra perspectiva tem se colocado como recorrente – tanto nos trabalhos analisados, quanto nas entrevistas; trata-se da idéia de que os educadores

[2] Informação verbal dada no Encontro Memória, Rede e Mudança Social, ocorrido em São Paulo, 2003.

matemáticos têm oferecido contribuições para a área da História e estas passam pela construção de documentos que retratam olhares diversos sobre determinados períodos históricos.

As relações que constituem o grupo parecem delinear-se frente a questões comuns sobre certas temáticas, mais do que frente a respostas comuns. As diferenciações existentes em vários dos posicionamentos e argumentações (às vezes para uma mesma prática) existem (conferir capítulos quarto e quinto) e são vistas pelos entrevistados como um disparador de embates que colaboram na constituição desse grupo e geram novas questões a orientar seus trabalhos.

Uma outra característica dessas relações, presente em todos os relatos, é o convívio amigável entre os membros do grupo. Segundo alguns depoentes o grupo começa a ser reconhecido por essa característica nos eventos dos quais tem participado (conferir capítulo quinto).

Procurando caracterizar esse grupo, os entrevistados voltam-se ora a diferenciações, ora a interesses e visões comuns: "Quando alguém me questiona sobre concepções ou idéias comuns nos trabalhos do grupo História Oral e Educação Matemática, eu sempre penso nas coisas que a gente pensa diferente [risos]" (Silva); o que faz do GHOEM um grupo "[...] acho que é essa busca, esse interesse comum, é a existência de afinidade entre as pessoas porque senão..."(Gaertner); " Acho que é a questão de estarmos procurando uma mesma coisa pela diversidade dos pensamentos, a pluralidade das idéias!"(Baraldi); "As divergências ou diferentes posições que existem no grupo, para mim, são altamente produtivas porque, maneiras diferentes de pensar geram novas compreensões, geram necessidade de estudos, de aprofundamentos."(Galetti). Bernardes afirma ainda que

> O interesse comum pode ser a razão da formação desse grupo, mas não sua perpetuação. A razão pela qual nós nos reunimos foi um interesse comum, mas o que perpetuou esse grupo, me parece, é esse respeito, o fato de que as diversas produções são igualmente importantes. (Entrevista concedida em 26/08/2004).

A aliança dessas vertentes parece indicar como característica geral desse grupo a existência de entendimento que se coloca na direção de um consenso (reconhecidamente possível ou não). Dessa forma, as discussões ocorrem enquanto "negociações de posicionamentos" e essas negociações rumam a uma tentativa, consciente ou não, de

convencimento do outro, ou seja, elas ocorrem em uma direção específica, ao compartilhamento de posições (consenso), ainda que se perceba sua (im)possibilidade.

Entendimento aqui será tomado como reconhecimento, por um pesquisador, da visão de um outro como possível, embora esta possa não ser a sua. Dessa forma, pode haver entendimento entre pares sem que estes defendam exatamente a mesma posição sobre determinado assunto.

Consenso será tomado aqui como visão comum, princípios compartilhados que podem colocar-se dessa forma já de início ou que seria desenvolvido a partir de um processo de negociação e "convencimento". É importante ressaltar que a noção de consenso estará sendo utilizada aqui com relação à enunciação de uma perspectiva em específico e não necessariamente quanto à sua justificativa. Como exemplo do que será tomado como consenso podemos citar que, embora todos os depoentes afirmem a importância da textualização, as justificativas para esta afirmação variam em alguns casos. Isso se deve às diferenciações de formação e referenciais teóricos que permitem que uma mesma questão seja justificada num sentido ou em outro, ou ainda, numa direção ou em outra.

O constante direcionamento do entendimento a um consenso (possível ou não, pretendido ou não) é o que, nesta visão, possibilitaria o fomento dessas negociações que caracterizam as relações constituintes do grupo.

Tendo delineado, ainda que brevemente, quem fala e de onde fala, coloca-se uma preocupação com **o que falam**.

Nesse aspecto é interessante observar a importância das entrevistas para a pesquisa. As publicações a que fizemos referência no capítulo quarto (artigos, dissertações, teses) datam de períodos distintos, de momentos de estudo distintos para cada pesquisador. Nesse sentido a entrevista pareceu ser, em muitos casos, um exercício de re-significação destes trabalhos anteriores. Foi uma prática comum nas entrevistas retomar posições, conceitos e ações já defendidas, estabelecendo uma discussão em termos da permanência e/ou mudança dentro do período de tempo passado e dos espaços ocupados neste período.

As falas e trabalhos desses pesquisadores apontam para a existência do que poderíamos chamar de princípios inegociáveis e, por outro lado, para uma existência mais controlada que aquela exposta por Garnica (acerca dos pontos de consenso entre membros do GHOEM) e apontada no início do quarto capítulo. Como ressaltado, os

posicionamentos e argumentações dos membros do grupo parecem girar mais em torno da idéia de entendimento do que de consenso.

No que se refere aos **diálogos com a História**, ou aos diálogos com aqueles textos, autores e práticas que se situam mais propriamente no terreno da História/Historiografia, há um consenso quanto à necessidade de um posicionamento nessa área, embora não pareça haver uma argumentação comum para esta decisão: para uns a justificativa estaria no fato de que os trabalhos são "históricos", também fazem parte da História; para outros essa seria uma condição de todo e qualquer trabalho já que todo trabalho desenvolvido, intencionalmente ou não, gera algo (dissertação ou tese) que se torna um documento histórico. A visão acerca da História apresenta-se muitas vezes ligada ao grupo dos *Annales* e ao movimento da Nova História que dá continuidade a alguns projetos dessa escola. De forma mais específica, como visto no primeiro capítulo desta dissertação, esse último movimento busca efetivar a ampliação de fontes, a prática do diálogo entre áreas distintas e o reconhecimento de que seriam do presente os olhos que se voltam ao passado (ou a seus resquícios) questionando-o, estudando-o. Dessa forma, o grupo assume algumas mudanças de foco, reconhecendo a impossibilidade da objetividade (enquanto projeto histórico) e do alcance da verdade.

Diferenciações de pontos de vista podem ser percebidas, por exemplo, quando A.C.C Souza afirma que "A História Oral tem uma característica interessante, quer dizer, ela não pode ficar descolada da História porque ela própria, sem esta, não teria significado no nome". Essa argumentação acaba por refletir um posicionamento comum ao GHOEM de que a história oral estaria "dentro" ou estreitamente ligada à História, por outro lado poderia trazer à tona a visão não consensual de que o termo "oral" seria um adjetivo para "história" e de que seria possível estabelecer filiação a um método (a noção de filiação é discutida no capítulo segundo). Garnica reforça que "[...] a idéia de que a História Oral não é naturalmente ou só do domínio da História começou a ser discutida e explicitada no grupo muito recentemente. Vou chutar: é começo de 2005!". É nesse ano que essa idéia é retomada em discussão com a socióloga Olga Von Simson e a nomenclatura "história oral" é apresentada sob uma nova perspectiva (conferir capítulo primeiro): trata-se de uma briga de forças e não de uma relação de pertença à determinada área de conhecimento. Dessa forma, novas idéias começam a re-configurar as negociações internas ao GHOEM e, embora não se possa falar em consenso com

relação a estas, é possível afirmar que essa outra perspectiva provoca diferenciações nas argumentações apresentadas até então.

A noção de "versões" surge nos discursos como uma alternativa à idéia de história verdadeira e única. Este parece ser um ponto comum ao grupo: a busca por desenvolver um trabalho tendo em vista a perspectiva histórica é sustentada na concepção de uma pluralidade de verdades condicionadas a interesses, lapsos, entre outros fatores. Ao reconhecer essa pluralidade, esses condicionamentos, bem como as especificidades de cada pessoa ao construir sua visão acerca do vivido, esses pesquisadores trazem à tona um caráter essencial à História: a perspectiva do humano.

Uma outra questão que emerge dos trabalhos e das entrevistas é a relação entre **posições e contraposições**.

Com relação às fontes utilizadas, o que se apresenta como fundamental no trabalho com história oral não é a contraposição entre oral e escrito, mas uma postura diferenciada perante ambos: o não reconhecimento de supremacia entre fontes. Embora esta se manifeste clara em vários momentos, é importante alertar para a necessidade de um cuidado maior no que se refere à defesa da utilização das fontes orais, ou ainda, uma explicitação do processo que pode ter originado tal defesa.

As considerações feitas por Bernardes (2003) e esboçadas no capítulo quarto, bem como o trabalho de Silva (2004) trazem à tona indícios de como este discurso começa a ser elaborado:

> Os primeiros historiadores orais, em resposta aos seus opositores, desenvolveram – com o auxílio de antropólogos, psicólogos e sociólogos – diretrizes que possibilitassem a avaliação da confiabilidade da memória, ao mesmo tempo que passaram a denunciar limitações das fontes escritas.
> Contudo, por volta de 1970, as críticas relacionadas à utilização da memória começaram a ser questionadas pelos oralistas, iniciando assim, um processo de fortalecimento do testemunho [...] a história oral passou a se fortalecer no que era considerado uma fragilidade[...]. (SILVA, 2004, p.30)

Essa colocação delineia o modo como um movimento de resistência influencia a constituição do discurso daqueles que buscam seu espaço e, por outro lado, como esse discurso, ao "preparar uma defesa", cria resistências com relação aos primeiros. Dessa forma, o discurso de um grupo parece apresentar-se como resultado da trajetória percorrida, dos lugares praticados e, de forma específica, das resistências e barreiras às quais este teve que/optou por responder/exercer.

Quanto às resistências exercidas, estas podem ser percebidas, principalmente, nos dois capítulos que antecedem este e passam pela elaboração de um discurso que diz daquilo que não se quer ser.

No que se refere às discussões que envolvem essas possíveis resistências ao trabalho com história oral na Educação Matemática, estas passam por vários fatores e um deles está ligado à Pós Graduação em Educação Matemática (PGEM) da UNESP, Rio Claro (onde vários dos entrevistados concluíram seus trabalhos de mestrado e doutorado).

G. L. D. de Souza narra sua experiência do final do primeiro ano do mestrado na PGEM, em que teve que escolher entre desistir do trabalho com história oral (já tendo realizado todas as entrevistas) e mudar de orientador, buscando alguém que estivesse disposto a levar aquela pesquisa adiante e que, como ela, reconhecesse a importância de tal esforço naquela época. Gilda passa a ser orientada por Garnica.

Embora Gaertner não tenha cursado disciplinas ligadas à História na PGEM, afirma que "nenhuma [das que cursou] tratou da história oral, nenhuma". Mais recentemente pode-se notar em algumas disciplinas (muitas vezes, não sem alguma polêmica) um esforço na direção de discutir e tentar compreender o trabalho feito pelo grupo "História Oral e Educação Matemática".

A entrevistada afirma perceber uma evolução com relação à ampliação de fontes para estudos ligados à história, afirmando que o "próprio grupo de História da Matemática [e/ou suas relações com a Educação Matemática] da UNESP [de Rio Claro] está percebendo isso" e mostra surpresa ao ver que uma colega que antes era deste grupo, agora, está orientando um trabalho em iniciação científica utilizando a história oral.

Segundo Tuchapesk, as críticas que têm sido feitas em relação à história oral dizem respeito ao trabalho com a memória em duas vertentes: à memória estar sujeita a lapsos e/ou quanto ao trabalho de pesquisadores que instigam a memória involuntária. Para esta depoente, no início da formação do grupo, a história oral era muito criticada e um professor da PGEM costumava brincar: "É fofoca!".

Segundo Galetti, existem pessoas externas ao grupo que, por não terem acesso às discussões que o grupo tem realizado, questionam a cientificidade do trabalho com história oral.

Na área de História, entretanto, e segundo Gaertner, a história oral tem sido amplamente utilizada, houve um avanço e hoje ela não percebe dúvidas quanto a sua validade ou ao seu reconhecimento como prática científica.

Dessa forma Gaertner afirma que não é mais suficiente o trabalho baseado somente em documentos [escritos] e publicações de outros pesquisadores como é feito na História da Matemática e na História da Educação Matemática.

A.C.C. de Souza, por sua vez, reforça a importância da ética na pesquisa e critica outros acadêmicos que são mais afeitos por resultados que por qualquer outra coisa. O entrevistado afirma que, em geral, os historiadores acusam os que trabalham com história oral de fazerem ficção, quando para este, quem faz ficção são "alguns deles [historiadores e pesquisadores que trabalham com História da Matemática] que não elegem a ética como companheira dos procedimentos de pesquisa", desrespeitando o sujeito histórico. Não atribuir a este a importância devida é, para A.C.C. de Souza, a infeliz trilha pela qual parece ter optado a academia e "essa posição revela o não respeito àquele sujeito e isso implica que não se respeita a humanidade, [o que, por sua vez,] gera uma pergunta singular: como é que se faz pesquisa em história assim?". Este mesmo entrevistado alerta para uma diferenciação de posições, afirmando que

> um dogma da história tradicional, muito defendido aqui em Rio Claro, que história só se faz de morto, quer dizer, quem vai trabalhar com esse grupo científico tem que fazer um "ato de fé", em um dogma ao qual ou se adere ou se à margem, como o dito acima. Assim, a ciência se torna algo mais irracional do que um dogma de fé, ou seja, algo que não existe, não tem nexo, é sem pé e sem cabeça! (Entrevista concedida em 16/12/2004).

Para Bernardes uma certa concepção pautada em determinados procedimentos, determinadas verdades aceitas por um determinado grupo só é possível de ser discutida à luz das verdades já reconhecidas por esse grupo! Esta seria, para a entrevistada, uma relação de poder interessante. E continua

> Então, quando uma nova perspectiva é colocada em discussão, isso não acontece com facilidade. [...] Como é uma nova perspectiva, vamos disputar campos [e] áreas de comunicação que já existem, disponibilidades de financiamentos já estabelecidos. Nós vamos disputar isso com determinados grupos que se acham com mais direito, em nome de um conhecimento, de uma perspectiva científica [...] a essas vagas de publicação, aos financiamentos e etc. (Entrevista concedida em 26 de agosto de 2004).

Dessa forma, a entrevistada afirma que o que pode estar por trás de uma crítica ao trabalho com história oral não é necessariamente a perspectiva que se tem de

verdade, mas a questão do poder. Assim, "estão em verdade discutindo se é legítimo ou não disputarmos fatias desse poder, desses locais de publicação, etc".

O surgimento do grupo interfere, pois, segundo Garnica, no domínio de quem fazia História da Matemática (esta concebida segundo uma ótica ampliada que envolvia História da Matemática, História da Educação Matemática, História na Educação Matemática). Para Garnica, o Grupo "História Oral e Educação Matemática" foi sendo caracterizado como trabalhando História de forma diferenciada, quando não divergente, daquela que vinha sendo feita. A ampliação de fontes e a negação da existência de supremacia das fontes escritas com relação às fontes orais parece ter gerado incômodos com relação à visão mais *rankeana* da História (esboçada no primeiro capítulo dessa dissertação), trazendo à tona questões relativas ao esquecimento que se faz presente no trabalho com a oralidade; a ser, as informações coletadas em entrevistas, documentos ou não; entre outros.

Perceber se houve ou não uma mudança das concepções relativas a esse movimento de trabalho com história oral na Educação Matemática é um exercício complexo, pois envolveria um estudo acerca de outras propostas de trabalho nessa mesma área. Esperamos que seja possível, entretanto, apontar alguns indicativos a partir dos tipos de resistência delineados pelos entrevistados e esboçados acima.

A proposta e o exercício de ampliação de fontes, assim como o de interlocução com outras áreas dos membros do GHOEM colocam-se, assim como em outros grupos de pesquisa, na direção de indicativos apontados em encontros recentes em Educação Matemática.

No 1º SPHEM[3], realizado com o intuito de discutir as possibilidades de diálogos entre a História e a Educação Matemática, Mirian Jorge Warde (da PUC-SP) criticou os historiadores da ciência que não estudam a literatura da História. Observando vários trabalhos, a pesquisadora afirma que estes não dialogam com a História, limitando-se à sua própria área.

Retomando a discussão acerca das fontes utilizadas/privilegiadas em trabalhos na interface História/Educação Matemática, uma restrição pode ser percebida a partir das pesquisas mapeadas por Xavier (1997) (cujos dados foram enviados ao INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- por instituições e profissionais vinculados à comunidade, tendo sido identificados quatro trabalhos ligados à sub-área

[3] Informação verbal dada no 1º Seminário Paulista de História e Educação Matemática – SPHEM em 11 de outubro de 2005.

temática de “História da Matemática e História do Ensino de Matemática”) e apresentadas no segundo capítulo desta dissertação.

Ainda que precocemente, pode-se ousar anunciar uma certa mudança com relação às fontes utilizadas e à visão de História defendida em vários trabalhos do GHOEM. Não é possível afirmar, contudo, que é a inserção da história oral na Educação Matemática a responsável por essa mudança, ainda que seja significativa, nos trabalhos analisados, a intenção de explicitar a concepção de história que dirige as investigações, ao invés de tomá-la como “natural”, “dada” ou “desnecessária”.

Dessa forma, pode-se estabelecer o esboço de um primeiro comparativo entre o trabalho com história oral e aqueles que resistem à sua aceitação dentro da Educação Matemática. A preocupação com o esquecimento, com as lacunas da memória, apresentadas por Silva (2004) e Garnica como uma resistência encontrada, abre espaço, no trabalho com história oral, para o reconhecimento da importância desses lapsos. A discussão feita nesta nossa dissertação, no texto “Bastidores”, revela a importância do esquecimento tanto quanto da memória, o que leva a um reconhecimento “doloroso” aos olhos daqueles que sempre buscaram primar pela objetividade e pela verdade histórica: contar história é jogar fora, como alerta Alberti (2004) e sugere Borges (2000).

Com relação às intenções de buscas e aos direcionamentos propostos frente às **discussões acerca do processo de análise**, algumas questões se apresentam: se estes temas (apresentados acima) não mais se constituem enquanto buscas internas ao GHOEM, o que se constituiria? Retomando referências feitas em diferentes momentos nesta dissertação, pode-se colocar, inicialmente, a busca por versões acerca de faces da Educação Matemática no Brasil, mas seria esta a única procura? As entrevistas realizadas pelos pesquisadores desse grupo apresentam-se ligadas a temáticas específicas (de dissertações, teses, artigos, etc.) que podem ser vislumbradas no quarto capítulo dessa dissertação. Essas temáticas delineiam buscas e colocam-se, elas próprias ou a sua compreensão, como algo a ser buscado. Sendo assim, se o que movimenta o pesquisador ao redor de versões orais construídas por meio da história oral não é sua constituição pura e simplesmente (o que, segundo Vianna, já caracterizaria uma pesquisa em história oral), mas seu intuito de compreender determinado tema, o que

teria provocado a oscilação[4] dos autores que, em alguns momentos, pode ser percebida frente aos estudos e entrevistas trabalhados no decorrer de suas pesquisas? Por que a idéia recorrente parece ser "não analisar história de vida", quando uma possibilidade tão nítida quanto essa seria "analisar o tema de minha pesquisa tendo em vista os pontos de vista com que tive contato a partir dos estudos feitos e das entrevistas coletadas"?

Um exemplo interessante é o do trabalho de Tuchapesk (2004). A autora afirma que "[...] a análise não é o mais importante nos trabalhos de História Oral, pois, quando entramos em contato com a história dessas vidas, torna-se antiético analisá-las. Entretanto, outro pesquisador pode apropriar-se dos depoimentos e, então, analisá-los"(p.258).

O que tornaria antiético a análise feita pelo pesquisador-entrevistador? O que diferenciaria sua postura da de um outro pesquisador que fizesse com que o trabalho deste último não fosse antiético? De que forma a autora estaria pensando a análise de conteúdo para que compusesse as (im)possibilidades citadas acima? Num outro momento a autora afirma que seu critério de seleção com relação aos depoentes era optar por

> [...]aquelas que apresentaram **aspectos interessantes** da vida cotidiana, familiar e escolar; que relataram **opiniões relevantes** sobre a relação da sua família com a escola, que declararam de alguma forma, sua relação de 'sucesso' ou de 'fracasso' na aprendizagem da Matemática e, principalmente, que se mostraram interessados em dissertar e conversar sobre o tema sugerido"(TUCHAPESK, 2004, p.20.Grifo meu).

Estas não seriam, também, análises?

Um olhar acerca dessas questões traz consigo, em vez de respostas, o reconhecimento da força atribuída e do valor depositado sobre os depoimentos

---

[4] Essa oscilação pode ser percebida em vários momentos dos capítulos quarto e quinto. Alguns exemplos podem ser citados:
Galetti questionava-se sobre o momento da análise e pensava: "Se dou voz ao depoente, até que ponto posso me introduzir em seus depoimentos e questioná-los? Deveria ou não 'analisar' a fala dos depoentes? [...] resolvi considerar os depoimentos como 'uma verdade' daquele indivíduo, e não fazer a sua análise, não questioná-la". A autora afirma que o que fez em seu trabalho não foi análise, "[...] estabeleci, inclusive a pedido do professor Vicente, algumas compreensões a partir dos depoimentos. Essa análise consistiria em questionamentos, consistiria em lançar um 'olhar' para aqueles depoimentos com a intenção de checar, cruzar informações".
Tuchapesk afirma que, em sua dissertação, foi "muito dura na análise, critico a análise porque a gente tem que ter cuidado com o depoimento das pessoas. [...] O trabalho que faço com as tendências, de certa forma, é uma análise! Qual é o significado de análise? É você estudar aquela palavra, analisar aquela palavra. O que eu acho que a gente tem que tomar cuidado, e isso em todas as pesquisas, é não analisar o discurso da pessoa. Isso é antiético!".

coletados. Embora não seja a sua coleta o objetivo dos trabalhos aqui considerados, observa-se, na trajetória de sua constituição, respeito pela pluralidade de vivências, de memórias e de verdades. É importante ressaltar que este respeito, contudo, não restringe, necessariamente, as possibilidades de análise e de trânsito do pesquisador por entre as informações coletadas. Conciliar a liberdade/importância do posicionamento do pesquisador quanto a essas informações com as questões éticas pelas quais este preza coloca-se como um possível caminho para manter em cena o pesquisador, mesmo quando o valor que este atribui às versões o "obrigue", segundo alguns depoimentos, a retirar-se.

Como apontado anteriormente, os depoentes, em suas pesquisas de mestrado e doutorado, permitem o apontamento de três posições, através das quais advogam por:

- terem feito análise utilizando a noção de tendências, localizando temáticas apontadas pelo estudo de convergências e/ou divergências nas falas de seus entrevistados;
- terem feito análise utilizando a noção de tendências históricas, comparando os depoimentos por eles coletados, ou estes e a literatura sobre uma época anterior e apontando temáticas que se apresentam em mudança, permanência ou permanência em direção a uma mudança iminente;
- não realizarem análise; seja por não se perceberem em condições de fazê-la acreditando que histórias de vida não devem ser analisadas; seja por crerem que as "respostas" já estariam nas textualizações e não haveria a necessidade de ampliar a carga subjetiva presente nesses textos; seja, ainda, por conveniência, no sentido de que a trama elaborada na tese deveria, por si, conduzir o leitor a algumas reflexões;

Considerando aqueles que apresentam, em algum momento, como problemático o processo de análise, nos reteremos às duas últimas posições delineadas acima: Silva e Tuchapesk, ao optarem pela segunda posição, insistem em reiterar um necessário cuidado com relação ao processo de análise. Para as autoras não seria adequado analisar as vidas de seus entrevistados, embora reconheçam a possibilidade de outros pesquisadores fazerem isso. Duas questões parecem surgir: a primeira diz respeito ao valor atribuído à relação constituída com o depoente e a segunda (que não está

desvinculada desta) diz de uma busca por neutralidade, ou seja, uma "análise sadia"[5] seria aquela feita pelo próprio entrevistador (considerando apenas aspectos mais gerais dos depoimentos coletados) ou por um outro pesquisador (que, não tendo realizado as entrevistas, poderia olhar para seus conteúdos de forma mais específica).

No que se refere a essa terceira posição (na qual os depoentes alegam não ter feito análise), subdividida em três partes, pode-se afirmar que quanto à primeira delas (referente à Bernardes, 2003), embora a depoente não advogue pela análise de histórias de vida, ela opta por uma auto análise. Quanto à segunda (referente à Galetti, 2004), ao discutir a opção pela não análise em seu trabalho a autora admite que escreveu acerca de suas compreensões a partir das entrevistas por ela coletadas. Quanto à terceira, (Vianna, 2000) a própria organização da tese leva o leitor a uma visão acerca da posição do pesquisador e de seus depoentes. Este último trabalho traz à cena a questão da forma de estruturação, da organização de um trabalho de mestrado ou doutorado.

Após a defesa da tese de Vianna, ocorrida em 2000, uma discussão acerca da forma do trabalho acadêmico começa a permear o GHOEM e, mais recentemente, na tentativa de expressar o processo que deu origem a uma pesquisa em específico ou à análise que ajuda a compor essa pesquisa, começa-se a esboçar alguns esforços nessa direção. Assim, depois da trama, em alguns pontos fictícia, elaborada por Vianna (2000) a partir de imagens, contos, depoimentos e "jogos"; surgem no grupo outros trabalhos que evidenciam o processo investigativo e a postura do pesquisador (refletida, também, em suas análises) na condução desse processo. Esses trabalhos são compostos por volumes organizados de forma independente que mostravam movimentos distintos – de trens e regiões, de narrativas e de compreensões – (Baraldi,2003); por retalhos envolvendo estudos de literatura, documentos, escritos, fotografias, depoimentos que constituiriam-se em colcha – artesanato peculiar aos imigrantes alemães – a partir do trabalho da pesquisadora (Gaertner, 2004); por uma sessão de orientação, na qual as questões colocadas pelo orientador e respondidas pela pesquisadora configuram o corpo da dissertação (Galetti, 2004).

A noção de forma de uma dissertação ou tese é colocada aqui para que possamos perceber, junto às discussões feitas acima acerca do processo de análise, as proximidades e distanciamentos em relação às idéias defendidas por Bolívar (2002).

[5] Termo utilizado por Silva em sua entrevista.

Com relação ao processo de análise, este autor ressalta um debate comumente presente nas investigações antropológicas e que envolve o modo de proceder *emic* e *etic*, ou seja, a descrição feita "por dentro" (primeira pessoa) e a feita "por fora" (terceira pessoa) respectivamente.

A preocupação dos pesquisadores do GHOEM quanto à disponibilização integral das textualizações nos trabalhos defendidos parece revelar um esforço na tentativa de preservar o discurso *emic* dos entrevistados, ainda que este se coloque, agora, como um discurso criado pelo pesquisador a partir da entrevista e autorizado pelo entrevistado como algo que este diria. Assim, ainda que a análise possa variar significativamente (como visto acima), as narrativas são preservadas com o intuito de tornar públicos os documentos ali constituídos e de fazer ecoar as vozes que se apresentaram no decorrer das investigações.

Segundo Bolívar, em Educação tem-se pensado em dois tipos de investigação narrativa, a que envolve análise paradigmática de dados narrativos e a que envolve a análise narrativa. O primeiro, considerado como predominante na pesquisa qualitativa, examina as informações obtidas segundo alguns padrões comuns e envolve "[...] estudos baseados em narrativas, história oral ou de vida, mas cuja análise (chamada, normalmente, "qualitativa") procede por tipologias paradigmáticas, taxonomias ou categorias, para chegar a determinadas generalizações do grupo estudado[6]"(BOLÍVAR, 2002, p.51).

O segundo envolve a análise narrativa, na qual, de acordo com Bolívar (2002):

> A tarefa do investigador [...] é configurar os elementos dos dados em uma história que unifica e dá significado aos dados, com o fim de expressar de modo autêntico a vida individual [...]. A análise requer que o investigador desenvolva uma trama ou argumento que lhe permita unir temporal ou tematicamente os elementos, dando uma resposta compreensiva do porquê algo sucedeu. Os dados podem proceder de muitas e diversas fontes, mas a questão é que sejam integrados e interpretados em uma intriga narrativa[7]. (p.52).

[6] "[...] estudios basados en narrativas, historia oral o de vida, pero cuyo análisis (llamado, normalmente, 'cualitativo') procede por tipologías paradigmáticas, taxonomías o categorías para llegar a determinadas generalizaciones del grupo estudiado".(BOLÍVAR, 2002, p.51).

[7] "La tarea del investigador [...] es configurar los elementos de los datos en una historia que unifica y da significado a los datos, con el fin de expresar de modo auténtico la vida individual [...]. El análisis requiere que el investigador desarrolle una trama o argumento que le permita unir temporal o temáticamente los elementos, dando una respuesta comprensiva de por qué sucedió algo. Los datos pueden proceder de muy diversas fuentes, pero el asunto es que sean integrados e interpretados en una intriga narrativa". (p.52).

Essas duas possibilidades de análise apontadas por Bolívar englobam, de modo geral, os encaminhamentos dos pesquisadores por nós entrevistados e a configuração (forma) do trabalho coloca-se como uma possibilidade de análise narrativa.

Ao procurar evidenciar características do processo investigativo na dissertação/tese elaborada, como alguns dos depoentes têm feito, são evidenciadas várias outras análises (ou resultados destas) com relação à utilização de uma teoria e não outra, a entrevistar certas pessoas, a optar por certos procedimentos. Estas, por sua vez, marcam a trajetória que levou o pesquisador a lançar este - e não outro - olhar sobre as informações coletadas, essas análises emolduram o olhar.

Voltando-se aos trabalhos estudados, pode-se ressaltar, em princípio, dois extremos: um que, ao optar pela análise de tendências parece aproximar-se do que Bolívar chama de análise paradigmática de narrativas e um outro, no qual inscrevemos a pesquisa de Vianna (2000), que estaria, a nosso ver, mais próxima da análise narrativa.

Estas e muitas outras considerações aqui feitas podem ser vistas como um discurso *etic*, já que alguns desses autores, como evidenciado anteriormente, em seus discursos acerca de suas práticas (*emic*) sequer reconhecem ter feito análise. Não é objetivo desta pesquisa rotular para cada tipo de pesquisa, mas apontar que, sob certas perspectivas, os trabalhos de nossos depoentes tornam-se mais próximos sem perderem suas particularidades.

A preocupação esboçada anteriormente quanto a uma possível ausência do pesquisador no momento de análise das narrativas parece ser, também, compartilhada por Bolívar (2002), ainda que não necessariamente no mesmo sentido, ao afirmar que

> [...] é evidente que a investigação narrativa, cujo resultado é uma informação narrativa, tem a vantagem de não violar nem expropriar as vozes dos sujeitos investigados, ao não impor análises categoriais muito distantes de suas palavras. O problema gerado é que, se se respeita em excesso o discurso *emic* dos professores, a interpretação fica presa dentro dos horizontes dos interpretados [...], impossibilitando toda explicação comparativa, generalizável e teórica, o que torna supérflua qualquer tarefa de análise[8]. (p.53)

Dessa forma, reconhecer a importância dos relatos (construção interna, do entrevistado), bem como a sua singularidade não deve impedir o exercício de percebê-

[8] "[...] es evidente que la investigación narrativa, cuyo resultado es un informe narrativo, tiene la ventaja de no violar ni expropiar las voces de los sujetos investigados, al no imponer análisis categoriales muy alejados de sus palabras. El problema generado es que, si respeta en exceso el discurso *emic* de los profesores, la interpretación queda presa dentro de los horizontes de los interpretados [...], imposibilitando toda explicación comparativa, generalizable e teórica, lo que toma superflua cualquier tarea de análisis".(p.53)

los em um contexto externo. Como afirma Bolívar, a realidade descrita pelo entrevistado é socialmente construída e, em acordo com Gadamer (1992, Apud BOLÍVAR, 2002), "não há nenhuma realidade social, com todas suas pressões reais, que não se expresse em uma consciência lingüisticamente articulada[9]" (p.43).

Com relação às temáticas específicas dessas pesquisas, estas envolvem um estudo da movimentação na formação e atuação docente, bem como de grupos da área da Educação Matemática, delineando um **movimento em torno de vidas, versões e seus espaços na pesquisa**.

A ênfase dada, nos discursos dos entrevistados, bem como nos trabalhos por eles publicados, à idéia de versões constituídas a partir de resquícios do passado (filtrados pela memória) coloca em cena o reconhecimento da distância de sua prática em relação ao sofrido exercício de *Funes* (esboçado no texto Bastidores) e, então, o termo "mapeamento" parece fazer sentido como uma possível descrição do trabalho realizado. Afinal, não seria difícil pensar que este é um trabalho que lida com representações e seria inútil um mapa cujos pontos e medidas correspondessem biunivocamente ao que se pretendia mapear!

A busca por fazer emergir das entrevistas diferentes perspectivas com relação ao movimento da Educação Matemática apresenta-se intimamente ligada ao interesse em trazer à cena outros atores desse processo. Os entrevistados, nominalmente apresentados através das textualizações, narram sua própria constituição e os movimentos envolvidos nesse processo. Tal esforço coloca-se como meio de alterar um cenário em que:

> Nomes, datas e biografias são um direito legítimo de senhores e mediadores, os primeiros, pelo que fazem, os últimos, pelo que criam. Os "outros" aparecem como gentes. Como povos "nativos" sem nomes porque, imersos plenamente em uma cultura, de que são a face pitoresca, estão totalmente fora da história, de que são sujeitos plenamente subjugados. Nos livros de "História da Pátria" as inúmeras nações indígenas são "índios", na melhor hipótese, "tupis" e "tapuias". Enquanto os da minha geração tiveram de decorar todos os nomes dos famigerados donatários de capitanias hereditárias, até hoje as crianças das escolas não sabem de que povos, de que nações, vieram os nossos "negros escravos". (BRANDÃO, 1999, p.9).

No quarto capítulo são evidenciados momentos em que os entrevistados tratam, em suas publicações, da necessidade desse descentramento na Educação Matemática.

[9] "No hay ninguma realidad social, com todas sus presiones reales, que no se exprese em uma conciencia linguísticamente articulada". (GADAMER, 1992 Apud BOLÍVAR, 2002, p.43).

Ao falar do que se apresenta há muito tempo como notável na historiografia, Bosi (1992) aponta as datas como pontas de *icebergs* que podem ser vistas a olho nu e a grandes distâncias. Datas seriam números e uma perspectiva possível ao olhar para a idéia de memória seria a de que essa, segundo Bosi, "carece de nomes e de números. A memória carece de **numes**"(Grifo meu). Este autor questiona-se: o que seriam das pontas de *icebergs* (datas) se fossem cortadas e destacadas das massas submersas? ... Seriam blocos soltos que se chocariam nas águas e se destruiriam no mar cruel da contemporaneidade.

Dessa forma, tirando o foco das grandes instituições ou daqueles que tiveram seus registros preservados pela história, ou que a escreveram, tirando o foco dos grandes marcos, o que aparece submerso em se tratando da educação matemática? Quais os processos de apropriação e criação que delineiam o movimento das massas até então anônimas?

Estas questões colocam-se como um dos direcionadores do trabalho realizado pelo GHOEM e a apresentação integral dos depoentes de cada pesquisa conduzida nesse grupo é um dos elementos de diferenciação que freqüentemente vem à tona quando discutindo a História Oral no quadro das investigações qualitativas: há um interesse claro em nomear aqueles sujeitos (depoentes, colaboradores) que compõem certas massas, localiza-los. Segundo alguns dos nossos depoentes, a importância atribuída por entrevistados, mais marcadamente pelos idosos, a esse momento de localização e diálogo revela o quão significativo para estes e para a sua comunidade (para a qual, em alguns casos, os próprios entrevistados divulgam a cópia do trabalho fornecida pelo pesquisador que o entrevistou) é a escuta, a curiosidade acerca de sua trajetória. O lanche preparado com cuidado, a roupa especial, o penteado bem feito ou ainda a organização prévia e cuidadosa de fotos e documentos expressam a preparação para o narrar-se, para o mostrar-se a alguém que se propõe a refletir sobre algumas questões a partir da sua vida.

Essa parece colocar-se como uma outra diferenciação com relação ao trabalho realizado nas Ciências Sociais. Nestas,

> [...] Não se trata de considerá-lo [o indivíduo] isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa. O indivíduo não é mais o "único"; ele agora é uma pessoa indeterminada, que nem mesmo é necessário nomear, é somente unidade dentro da coletividade. (QUEIROZ, 1988, p.24).

Dessa forma, a preocupação que se tem tido em Educação Matemática em apresentar o sujeito integralmente na pesquisa realizada, identificando-o nominalmente não se faz presente em todas as pesquisas que trabalham com narrativas – e nem mesmo em todas as que optam explicitamente pela história oral como método – e essa postura apresenta-se intimamente ligada aos objetivos traçados por cada área.

Nessa perspectiva, o processo de análise coloca-se mais "naturalmente" nas Ciências Sociais, sem os questionamentos apresentados pelos pesquisadores do GHOEM. Segundo Queiroz (1988),

> [...] análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca. Assim, diante destas considerações, o escrúpulo com relação aos recortes das histórias orais e à sua utilização parcial, se afigura nitidamente como um falso problema. (p.19).

Dessa forma, os interesses de cada área e os pressupostos teóricos que fundamentam esses interesses e essas áreas orientam trajetórias distintas e permitem, ao delinear alguns procedimentos de trabalho, optar por certas posturas e problematizações e, conseqüentemente, por efetivar e defender certas práticas.

Tendo delimitado uma direção no trabalho do grupo, ao se tratar da relação com o entrevistado, a questão da ética no trabalho com história oral delineia algumas **preocupações e práticas no contato com o outro**.

A conversa, o respeito aos pedidos de parada de gravação, de inserção/ retirada de informações e de negociação na produção de um documento cuja divulgação deve ser autorizada pelo entrevistado são exercícios freqüentes nessa relação e carregam, para além de um compromisso junto à pesquisa realizada, uma preocupação em não extinguir a possibilidade de que este entrevistado coloque-se como futuro interlocutor para outros pesquisadores. Essa preocupação se fortalece na medida em que, nas trajetórias de pesquisas de membros do GHOEM, algumas pessoas mostram-se incomodadas em conceder uma nova entrevista tendo em vista os recortes abusivos e a falta de respeito de outros pesquisadores ou jornalistas em entrevistas anteriores.

Com relação ao trabalho de campo, a experiência desta pesquisa, em específico, alia-se ao alerta feito por A.C.C. de Souza e G.L.D. de Souza quanto a sua amplitude e

ao decorrente reconhecimento da necessidade de um apoio na condução dos instrumentos utilizados para registro do momento da entrevista. A necessidade de escuta atenta, já mencionada anteriormente nesta dissertação, vai de encontro à necessidade de controle desses instrumentos. Interagir com o entrevistado, fazer notas que te remetam a retomar determinada questão, controlar o tempo do gravador, trocar fitas e, em alguns casos, controlar a filmagem, entre outras, são tarefas conflitantes, havendo a necessidade de outra(s) pessoa(s) envolvida(s) nesse registro. Ao designar à outra pessoa a preocupação com aparelhos de gravação e seus tempos, o pesquisador estaria mais livre para se dedicar a essa escuta e à decorrente interação com o depoente.

Olhando para as preocupações delineadas acima, a história oral pensada na Educação Matemática pelos pesquisadores do GHOEM tem se constituído em torno da preocupação com a construção e disponibilidade integral de documentos orais e escritos (decorrentes do processo de textualização). Embora haja um reconhecimento de que a história oral é utilizada em outros trabalhos que não somente os de perspectiva historiográfica, ressalta-se a existência de uma preocupação com a efetivação de um diálogo entre a Educação Matemática e a História tendo em vista o exercício intencional de produção desses documentos (de caráter histórico).

Tendo delimitado uma preocupação que se pode dizer fundamental no trabalho do GHOEM, as opções procedimentais - que marcam, junto às discussões teóricas, o entorno dessa prática - podem ser observadas em análises já efetivadas no capítulo quarto. Aqui ficam algumas considerações acerca da **história oral: diálogos e perspectivas**, que explicitam opções e buscas desses pesquisadores na Educação Matemática.

Várias têm sido as trajetórias percorridas pelos integrantes do GHOEM, no sentido de estabelecer diálogos com outras áreas de conhecimento. Esses diálogos e a pluralidade de perspectivas por estes gerada são vitais para a dinâmica e o desenvolvimento do grupo. Esse trânsito entre áreas, entretanto, não se faz de qualquer forma, há que se explicitar as concepções envolvidas, como já alertado no capítulo segundo desta dissertação. As concepções envolvidas no diálogo com a História especificamente são esboçadas nesta dissertação e estão extremamente ligadas a movimentos historiográficos delineados no capítulo primeiro.

Alguns trabalhos valem-se da Antropologia, da Sociologia, de estudos culturais, do estudo do cotidiano, do surrealismo, entre outros. A maioria destes apresenta um

diálogo evidenciado pelos recursos bibliográficos utilizados e o faz de forma mais ou menos implícita. Há que se ressaltar a História da Educação enquanto uma região com a qual não se tem estabelecido interlocuções mais explícitas, embora esteja presente nos trabalhos uma discussão acerca de projetos e leis ligadas a esta área. É importante apontar que o exercício dessa possibilidade certamente traria outras contribuições aos trabalhos do grupo.

O próprio GHOEM, mais recentemente, tem procurado promover momentos de interlocução como os do início de 2005, realizados com as sociólogas Olga Von Simson e Zeila Demartini. Outros são proporcionados pelos eventos nos quais membros do grupo têm se inscrito, como por exemplo, o encontro "Educação em múltiplas perspectivas – história oral e Educação Matemática", ocorrido em setembro de 2003, que reuniu professores de Matemática e de História de todas as Diretorias de Ensino do Paraná[10]; o "II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: a pesquisa qualitativa em debate", realizado em março de 2004[11] que reuniu pesquisadores de áreas distintas (como Geografia e Educação) num GT denominado "História Oral" e o "VI Encontro Regional Sudeste de História Oral: História, Cultura e Poder", realizado de 29 de novembro a 2 de dezembro de 2005 na Universidade Federal de Juiz de Fora, tendo como público alvo "pesquisadores da região sudeste e das demais regiões do Brasil que se interessem pelo estudo da História Oral e/ou a utilizem em suas pesquisas"[12]. A importância do diálogo entre áreas foi ressaltada recentemente, ao ser colocada como tema do 1º Seminário Paulista de História e Educação Matemática- SPHEM.

Olhando para essas trajetórias e para os trabalhos delineados nesse movimento, torna-se interessante o exercício de levantar temáticas comuns, problemáticas que se mostraram presentes no discurso de vários entrevistados (em diferentes pesquisas) e nos documentos escritos consultados por pesquisadores com objetivos, em princípio, distintos. Emergem, portanto, possibilidades de novos estudos, de novas trajetórias na busca por entender de que forma estas problemáticas se apresentam convergentes e como as narrativas construídas a partir de diferentes pesquisas podem, em alguma instância, dialogar.

---

[10] Encontro promovido pelo D.E.M./S.E.ED. – Departamento de Ensino Médio/ Secretaria de Estado da Educação do estado do Paraná. Os trabalhos apresentados durante este evento foram, todos, de membros do GHOEM e o evento colocou-se como uma interessante possibilidade de discussão acerca da história oral na Educação Matemática.

[11] Na Universidade do Sagrado Coração- USC, Bauru/SP.

[12] Informações disponíveis no *site* http://www.propesq.ufjf.br/historia/.

Os pesquisadores, em suas falas e publicações, vêem na história oral uma possibilidade fundamental de ampliar compreensões sobre o movimento da educação matemática, tendo em vista que os documentos, aos quais se tinha acesso até então, estavam fortemente ligados ao caráter burocrático dessas práticas, às legislações vigentes, carecendo das perspectivas de professores de Matemática acerca desses registros. Dessa forma, uma visão presente nas dissertações e teses é a de que há uma aproximação entre os parâmetros propostos para uma pesquisa em História Oral e as necessidades da Educação Matemática e esta passa principalmente pela construção intencional e cuidadosa de fontes históricas a partir de narrativas.

Essa questão pode ser percebida nas narrativas disponibilizadas no capítulo anterior e a fala de G.L.D. de Souza pode colocar-se, aqui, como representativa das várias argumentações surgidas,

> Acredito que carecemos sim escrever essa história da Educação Matemática que se processa ao longo do tempo envolvendo a formação de professores, diferentes tipos de escolas, práticas de sala de aula, que precisam ser... contadas para que a gente possa aproveitar. [...] Penso que a pesquisa em História Oral e Educação Matemática tem por tarefa dar visibilidade a essas possibilidades esquecidas, numa luta para tirar do silêncio um passado que a historiografia ainda não conta. Embora as pessoas do nosso grupo trabalhem de diferentes formas, com diferentes pessoas, focando diferentes alvos, é interessante reparar como há pessoas que são citadas e (re)citadas. Essas foram pessoas que influenciaram com competência e liderança e que só a partir de um trabalho como o nosso tornam-se conhecidas. Daqui a pouco essa pessoa morre e nós perdemos sua história. São pessoas que praticaram lugares e criaram seus espaços nas palavras de Certeau. (Entrevista concedida em 10 de novembro de 2004).

A visão de história oral que fundamenta o desenvolvimento desses trabalhos foi discutida em momento anterior e, a partir das entrevistas, é possível perceber como essas visões delineiam-se mais recentemente indicando como **a história oral** vem sendo **pensada na Educação Matemática e algumas possibilidades de relação entre essas formas de pensar**.

Dessa forma, cabe ressaltar que há ainda uma prevalência da história oral pensada como um método ou metodologia (estudo do método) em relação a outras perspectivas que continuam a ser sustentadas como: história oral enquanto um tipo específico de história,uma reconstituição de histórias através da oralidade e enquanto uma disciplina que se constituiria, segundo argumentações mais recentes, a partir da construção de fontes históricas (documentos para a própria pesquisa) enquanto "objeto"

de estudo. Afora essa questão de método ou disciplina, A.C.C. de Souza afirma que a história oral "é uma enunciação em perspectiva, de uma determinada fratura no solo epistemológico de uma época, isto é, ouvir os ruídos das fraturas que estão ocorrendo, por baixo dos nossos conhecimentos e práticas, para entender o hoje[...]!".

As narrativas e os trabalhos aqui discutidos apresentam características comuns, embora não estejam todas necessariamente presentes em cada material analisado, na tentativa de caracterização da história oral na Educação Matemática:

- Defender uma concepção de História coerente com a abordagem proposta;
- Explicitar uma visão acerca de documento e memória que dialogue com os pressupostos teóricos defendidos;
- Exercitar um cuidado ético no contato e no trabalho com o entrevistado;
- Gravar, transcrever, textualizar e/ou transcriar o conteúdo desenvolvido durante a entrevista, respeitando e oportunizando intervenções do depoente;
- Reconhecer cada um destes materiais (gravação, transcrição...) como uma fonte produzida com base na oralidade e enfatizar o processo de produção dessa fonte como um momento fundamental da pesquisa;
- Reconhecer a importância de disponibilizar os documentos produzidos, tornando de acesso público as fitas e transcrições (em arquivos orais) e as textualizações (em forma integral, sem recortes, no próprio trabalho de pesquisa) com o intuito de evidenciar as perspectivas e a trama elaborada para sua comunicação no momento da entrevista;
- Reconhecer a importância e a possibilidade de ouvir a perspectiva de pessoas até então desconsideradas pelos registros históricos e de constituir versões históricas sobre a trajetória da formação de professores de matemática e/ou constituição de grupos em Educação Matemática buscando outros focos que não os comumente abordados;

Considerando essas caracterizações e, em especial, as visões acerca da história oral um outro fator coloca-se como relevante: trata-se das relações estabelecidas entre os membros do GHOEM. Garnica orientou Bernardes, Gaertner, Baraldi, Galetti e G.L.D. Souza que advogam, todos, pela história oral enquanto uma metodologia ou um

método de pesquisa qualitativa. G.L.D. Souza estudou[13] com Vianna[14], que defende a história oral enquanto disciplina, e é esposa de A.C.C. de Souza que, hoje, prefere não pensar em metodologia ou disciplina defendendo a história oral enquanto enunciação em perspectiva. A.C.C. de Souza orientou Silva e Tuchapesk que, por sua vez, argumentam pela história oral como um tipo de história ou como uma reconstituição de histórias.

No que se refere a essas duas últimas pesquisadoras é interessante observar que ambas optaram pela história oral no decorrer de suas pesquisas e foram clareando seus estudos sobre essa temática numa mesma época: após suas qualificações (final do trabalho de doutorado e mestrado). Parece ter havido um esforço conjunto para sua compreensão e este esforço envolve, naquele momento, A.C.C. de Souza. A atual diferenciação de posições não nega a relação entre as perspectivas do orientador e suas orientandas na época referida. Tuchapesk afirma que "Quando você vai fazer um trabalho, uma pesquisa, você tem que estar envolvido nas coisas que o teu orientador faz, porque tem tudo a ver querer estudar o que ele estuda".

Dessa forma, as relações estabelecidas entre estes pesquisadores parecem colocar-se como determinantes da visão que se tem acerca da história oral e, num outro viés, acabam por indicar, como em alguns depoimentos, três pessoas que exerceriam um papel de liderança interna ao grupo. Esse exercício de liderança, por sua vez, mostra-se intrinsecamente ligado à posição de "orientador" dentro do GHOEM e, embora isso não hierarquize as formas de participação nas discussões do grupo (como alertam vários depoentes) e não impeça a produção de novos conhecimentos por parte dos orientados (intuito de todo processo investigativo), acaba por gerar alguns eixos (nessa questão em específico), aos quais estão ligados os demais trabalhos.

Por iniciar discussões acerca da história oral na Educação Matemática e por dedicar-se a leituras e/ou publicações de artigos abordando as questões teóricas envolvidas nessas discussões, Garnica, Vianna e A.C.C. de Souza parecem legitimar um certo discurso e, com isso, designar a seus orientandos o "poder" de argumentar pela história oral numa ou em outra perspectiva. É importante ressaltar que a relação estabelecida entre estes orientadores e seus orientandos e o movimento decorrente dessa

[13] Após a defesa do mestrado de G.L.D. Souza, ambos dedicaram-se a estudos ligados a um grupo de pesquisa coordenado, também, por Antonio Miguel (que orientava o doutorado de Vianna e viria a orientar o de Gilda) na UNICAMP.

[14] Devido ao critério de seleção dos trabalhos a serem analisados nesta pesquisa, não foi possível trabalhar com algum orientando de Carlos Roberto Vianna.

orientação (explicitado acima, em certo viés, por Tuchapesk), ao mesmo tempo em que estabelecem esse poder, limitam, numa certa perspectiva, as opções de argumentação daqueles últimos.

Ainda que não abordando exatamente essa questão, Jenkins (2005) apresenta um fator relevante: "[...] o conhecimento está relacionado ao poder e [...], para atenderem a interesses dentro das formações sociais, os que têm mais poder distribuem e legitimam tanto quanto podem o 'conhecimento'". (p.51)

Essa espécie de quadro de lideranças é vista de forma mais ampliada por Baraldi, não se referindo somente à relação orientador/orientando, mas às iniciativas tomadas.

> [...]estou colocando todo mundo no mesmo patamar e não é isso que acontece no grupo. Por exemplo, nós [...] devemos ressaltar o Carlos (que tem muita leitura em filosofia), o Vicente (que lê muito e com muita rapidez absorve os conceitos e discute-os), o Carrera (sempre muito lúcido. Eu gosto muito da lucidez do Carrera!), a Gilda (com toda uma experiência de vida e de enxergar algumas outras coisas que às vezes a gente não enxerga) e então eu vejo que é isso e aí têm todos os outros nós! (Entrevista concedida em 07 de julho de 2004).

Na maioria dos depoimentos, entretanto, são ressaltados os três nomes que apontamos anteriormente, o que reforça a existência de eixos norteadores delineados a partir das relações de poder internas ao GHOEM.

Nesse mesmo sentido, A.C.C. de Souza afirma

> Então se forma um grupo maior, com uma força acadêmica muito grande porque juntava três pessoas que tinham um contato muito grande e uma conversa muito boa com vários alunos. No meio dessa confusão toda, de 2001 a 2003, consegui trabalhar na pós-graduação em Educação Matemática, com uma disciplina chamada "História, Cotidiano e Memória", que na realidade trabalhávamos História Oral. Então foi mais um meio, digamos assim, de divulgação, discussão teórica, de trazer outros interlocutores para o nosso meio. (Entrevista concedida em 16 de dezembro de 2004).

Uma outra relação que se constitui refere-se às bancas de qualificação e defesa de grande parte dos pesquisadores aqui entrevistados: trata-se da participação desses três pesquisadores na maior parte dos trabalhos aqui considerados (seja como orientador ou como membro de bancas) delineando **um cruzamento de posições**.

Essa prática parece ter se colocado rumo ao que Garnica chama de regulação interna ao GHOEM, uma freqüente e necessária discussão feita por seus membros no sentido de repensar práticas e opções teóricas no trabalho com a história oral. Esse

exercício entendido como fundamental no trabalho desse grupo mostra-se mais intenso no período que envolve os primeiros exames de defesa e qualificação, reunindo na mesma banca Garnica, Vianna e A.C.C. de Souza como forma, talvez, de auto-preservação no início dos trabalhos, mas mais fortemente como forma de negociar e estabelecer, no que vinha se efetivando como a "história oral pensada na Educação Matemática", alguns princípios fundamentais à continuidade e caracterização destes trabalhos. Cabe ressaltar portanto, duas "fases" perceptíveis no desenvolvimento do grupo: uma que se dedica mais fortemente a uma regulação interna a partir do discurso *emic* do GHOEM (aquele que ele cria ao falar de si), fortalecendo um certo discurso quanto às práticas efetivadas, e uma outra em que o grupo se abre para discursos *etic* (de fora em relação ao seu próprio), buscando interlocutores que provoquem embates, viabilizem um certo reconhecimento com relação ao movimento delineado pelos pesquisadores, e gerem novas questões para manter constante o exercício de regulação.

Nesse sentido, cabe ressaltar os trabalhos de Tuchapesk e Silva que, por terem efetivado a história oral no momento já final de suas pesquisas e por terem apresentado uma aparente dissonância com relação às demais visões (defendendo, às vezes concomitantemente, posições distintas sobre o que seria a história oral), sugerem atenção.

Essa discussão indica como pertinente um olhar acerca das influências "diretas" exercidas sobre esses trabalhos. É interessante observar que, ao mesmo tempo em que defendem a história oral como um tipo de história, trazem à tona em algum momento as noções de procedimentos de pesquisa e método. Seriam, essas noções (ou a sua discussão), estimuladas pela presença de Garnica (expresso defensor da história oral enquanto método) em seus exames de qualificação e defesa?

Ao abordar essas relações de poder é possível retomar outras questões como a que motiva Bernardes, mesmo não defendendo a possibilidade/coerência em analisar histórias de vida apoiando-se em Vianna (membro de suas bancas de qualificação e defesa), a buscar uma forma de análise, em seu caso a auto-análise (não fugindo totalmente ao indicativo de Garnica, seu orientador, quanto à necessidade desse exercício por parte do pesquisador). Galetti argumenta pela não análise em dois vieses: o da subjetividade (como já apontado anteriormente) e o do julgamento (ou do cuidado em não estabelecer um julgamento em relação aos depoimentos coletados). Este último viés é muito marcante nos discursos de Tuchapesk e Silva, orientadas de A.C.C. de Souza, com quem Galetti cursou sua primeira disciplina no Programa de Pós Graduação

em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro e a quem convidou para ser membro de sua banca de defesa (embora este pesquisador não tenha conseguido participar presencialmente desta defesa de mestrado, encaminhando um texto). Galetti afirma que "foi pelas mãos, primeiro do professor Carrera e depois pela convivência com o professor Garnica que eu acabei adentrando ao campo da história oral, que me decidi por trabalhar com a história oral". Dessa forma, a depoente argumenta pela não análise e, em alguns momentos, afirma não tê-la feito, embora reconheça as influências de seu orientador: "O que fiz no meu trabalho não foi análise, estabeleci, inclusive a pedido do professor Vicente, algumas compreensões a partir dos depoimentos".

Com isto não cabe, entretanto falar de "poder", mas de "relações de poder" que se efetivam não somente entre orientadores e orientandos, mas entre todos os envolvidos no processo (neste caso, de investigação). Uma questão que emerge com muita freqüência nos trabalhos e nas entrevistas é **a problemática da concessão de voz**.

Em vários momentos os depoentes afirmam procurar "dar voz" aos marginalizados, aos que não a tem, como parte de um projeto político envolvendo história oral e Educação Matemática. Essa questão nos remete a um debate, ou à luta de posse como afirma Jenkins (2005), na própria historiografia.

Segundo este autor, parece plausível que as posições predominantemente expressas na historiografia sejam do interesse daqueles que se colocam como dominantes em certa época e em certa formação social.

Para Jenkins,

> O fato de que a história propriamente dita seja um constructo ideológico significa que ela está sendo constantemente retrabalhada e reordenada por todos aqueles que, em diferentes graus, são afetados pelas relações de poder – pois os dominados, tanto quanto os dominantes, têm suas próprias versões do passado para legitimar suas respectivas práticas, versões que precisam ser tachadas de impróprias e assim excluídas de qualquer posição no projeto do discurso dominante. (JENKINS, 2005, p.40).

A visão, reforçada por este autor como esclarecedora, de que histórias "profissionais" (escritas pelos historiadores) são expressões de como as ideologias dominantes formulam a história em termos acadêmicos, coloca a busca por "dar voz" aos que não a tem (no sentido de poder expressá-la como uma história, uma versão histórica) como um projeto de construção de fontes históricas a serem utilizadas como

documentos históricos (como já o são nas pesquisas do GHOEM) em estudos de outras áreas.

Essas relações retomam as resistências enfrentadas por trabalhos que pretendem, em alguns casos, também descentrar o foco de investigação, em uma possível aproximação com as propostas da história dos marginais discutida por Schmitt (2001) e apresentada no capítulo segundo, e esse viés acaba por emergir das considerações feitas por Jenkins (2005) acerca da história.

> A verdade age como um censor: estabelecendo limites. Sabemos que tais verdades não passam de "ficções úteis" que estão no discurso graças ao poder (alguém precisa pô-las e mantê-las ali) e que o poder usa o termo "verdade" para exercer controle; daí o regime da verdade. A verdade evita a desordem, e é esse medo da desordem (dos desordeiros), ou, para nos expressarmos de maneira positiva, é esse medo da liberdade (o medo de dar a liberdade a quem não a tem), o que vincula funcionalmente a verdade aos interesses materiais. (p.59)

Sendo um processo social ou político, como alguns dos entrevistados afirmam, esse projeto de buscar "dar voz" aos que não a tem, em um âmbito específico, e de trazer à cena novos olhares requer um cuidado que, em última instância, direcionaria essas investigações em Educação Matemática: não se trata meramente de ampliar o quadro daqueles que podem falar como justificativa para a manutenção de sua própria posição (a de alguém que pode falar e conceder voz a alguém que não pode), mas de explicitar um modo de ver que abra mão de uma estrutura na qual alguns podem falar e outros não.

O fim-começo

A história oral na Educação Matemática vem sendo pensada pelo GHOEM em trajetória. São muitos os pontos envolvidos nisso e as questões levantadas pelos pesquisadores, membros deste grupo, vêm motivando e conduzindo contínuas discussões acerca do passado, da memória, do documento, de versões, entre outras.

Inicialmente havíamos apresentado três possibilidades ou potencialidades da história oral, segundo a literatura consultada: preencher lacunas oriundas da inexistência de documentos escritos sobre determinado assunto, dialogar com as versões expressas em documentos já existentes ou constituir uma "outra história" a partir das versões apresentadas nas entrevistas, uma constituição possível face à criação de documentação que poderia permitir acesso a perspectivas até então veladas, negligenciadas ou não-disponíveis a outros documentos aos quais se teve acesso.

Trebitsch (1994) já nos alertava: a ênfase no trabalho com história oral em grandes centros nas décadas de 1960 e 1970 não estava ligado ao modelo proposto na época; um modelo que, dentre outros fatores, assumia que o documento original era a transcrição e não a gravação; que as elites deveriam ser privilegiadas como foco de estudo e, de forma específica, que a história oral teria a tarefa de preencher as lacunas deixadas pelos documentos escritos. Já à época não foram poucas as contestações a este modelo.

A idéia de preencher lacunas traz consigo a crença em "possibilidades" específicas: "reconstituir o passado", "recuperar a sociedade passada", "resgatar o passado", "trazer à tona parte do passado"; ou seja, tendo em vista a existência do "todo", buscar encontrar e encaixar as partes. Se não há a perspectiva da existência de um "todo", faz sentido falar em lacunas a preencher?

Uma primeira leitura de Jenkins (2005) aponta para uma possível ruptura: para o autor, o passado, enquanto objeto de estudo dos historiadores, seria "tudo que se passou antes em todos os lugares" (p.24), o que poderia levar à posição de que "a história é menos que o passado, ou seja, à idéia de que os historiadores só conseguem recuperar fragmentos"(p.34). Sua definição de história, entretanto, aponta para a possibilidade de um diálogo:

> A história é um discurso cambiante e problemático, tendo como pretexto <u>um aspecto do mundo, o passado, que é produzido por um grupo de trabalhadores cuja cabeça está no presente</u> (e que, em nossa cultura, são na imensa maioria

> historiadores assalariados), que tocam seu ofício de maneiras reconhecíveis uns para os outros (maneiras que estão posicionadas em termos epistemológicos, metodológicos, ideológicos e práticos) e cujos produtos, uma vez colocados em circulação, vêem-se sujeitos a uma série de usos e abusos que são teoricamente infinitos, mas que na realidade correspondem a uma gama de bases de poder que existem naquele determinado momento e que estruturam e distribuem ao longo de um espectro do tipo dominantes/marginais os significados das histórias produzidas. (JENKINS, 2005, p. 52. Grifo meu.).

Afirmar, junto a Jenkins, que o passado só existe nos discursos presentes que o formulam (Cf. p. 102) é aproximar-nos de uma argumentação mais plausível no que se refere às inquietações provocadas por Rebérioux (D'Alessio, 1998)[1]: somos nós que constituímos nosso passado e "[...] dizer que esquecemos nosso passado significa dizer que ele existe em alguma parte, como um estoque de objetos que não podem ser esquecidos" (p.117).

Um ponto que parece consensual é o de que são do presente as motivações, os questionamentos, as considerações e as representações feitas acerca de um certo "passado". As discussões oriundas desse estudo apontam, a nosso ver, para a própria inexistência de um passado como comumente considerado. Tudo o que se tem são representações singulares que se alteram com o tempo e nos espaços, sendo filtrados pela memória, pelo esquecimento. Não existe um "fato histórico" independente das representações daqueles que vivenciaram/perceberam o suposto "fato".

A história oral pensada na Educação Matemática parece não se aproximar muito da noção de preenchimento de lacunas, mas a presença dessa justificativa nos argumentos apresentados pelos depoentes permite um alerta sobre o necessário cuidado quanto aos pressupostos que fundamentam a realização dessas pesquisas. Essa questão parece ser pensada em duas vertentes: a da existência de/busca por um passado ao qual não se tem acesso e a de que o "passado" seria o conjunto das representações criadas em trajetórias humanas peculiares. Nessa última vertente, o preenchimento de lacunas poderia ser visto como o levantamento de uma representação a que não se tinha acesso.

Em geral, as pesquisas colocam-se como um exercício de produção e discussão de narrativas que dialogam (estando este diálogo expresso nas dissertações e teses analisadas, ou não) com as versões colocadas por outros documentos e, considerando a história como uma trama que engloba registros de diferentes perspectivas, pode-se afirmar que, ao alterar os documentos constituintes dessa trama se está a constituir uma outra história (prática pela qual vários de nossos depoentes declaram interesse).

[1] E esboçada em Bastidores.

A história oral envolve, em todos os discursos a que se teve acesso, mais que uma seqüência de procedimentos de pesquisa: é necessário uma busca intencional pelas questões que fundamentam a opção e a realização desse tipo de trabalho. Trazer à cena outras versões históricas que permitam perceber o movimento da Educação Matemática no país não é um exercício unidirecional e sua efetivação traz contribuições a outras áreas à medida que surge uma preocupação com a produção de fontes históricas. Como visto no capítulo primeiro dessa dissertação, um indivíduo singulariza em seus atos e discursos toda uma estrutura social que o cerca. Dessa forma, segundo Goldenberg (2003), trabalhar com narrativas seria um interessante meio de conhecer o social a partir do peculiar, do irredutível.

Os depoimentos e trabalhos estudados apontam para um delineamento, se não fixo, ao menos cuidadoso, acerca do que seria um trabalho que tenha se valido da história oral na Educação Matemática, colocando-se como essencial a cada trabalho não só constituir fontes históricas, mas também torná-las disponíveis integralmente. Os procedimentos, bem como as questões teóricas envolvidas nesse tipo de trabalho - e descritos no capítulo anterior - apontam para uma delimitação bem mais rígida do que a encontrada em grupos de pesquisa que trabalham com história oral em outras áreas, inclusive em grupos cujos membros participaram da formação da Associação Brasileira de História Oral. Isso pode ser percebido se considerarmos a definição encontrada no Estatuto Social dessa Associação e preservada sem alterações nas três versões desse Estatuto (nas quais é possível identificar as atualizações feitas) disponibilizadas pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU[2] quando de nossa visita a esse Centro, em outubro de 2005: "§ 1º - Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada".

A opção pela história oral coloca-se como uma busca, não só por novas versões, por fontes não necessariamente burocráticas, por uma tentativa de descentramento dos estudos feitos na e sobre a Educação Matemática, mas, também, por novas questões a serem debatidas nessa área específica (memória, passado, fonte/documento histórico e outros) e por novos olhares sobre antigas questões (noção de entrevista, relação entrevistado-entrevistador, análise, ética na pesquisa, entre outras).

[2] Localizado na USP, São Paulo.

Tendo justificado o princípio (a opção), cabe pensar no que e no como se instala a continuidade dessas práticas. Essa prática de trabalhar a (e na) vinculação entre história oral e Educação Matemática parece estabelecer-se mediante o contínuo fomento das questões que ela própria e os interlocutores do Grupo levantam e à possibilidade de discussões criadas a partir das pesquisas produzidas (essas pesquisas englobam o próprio trabalho com história oral em Educação Matemática, as relações entre a escola e a família, a formação "caipira" de professores de Matemática, as organizações ligadas a essa área que se estabelecem em regiões do interior do estado de São Paulo e Paraná, movimentos de formação em Blumenau – escolas alemãs, intervenções negligenciadas pela literatura educacional como é o caso da CADES-Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, história da matemática escolar, estratégias de ensino, recursos didáticos, entre outros).

O discurso dos professores de matemática e pesquisadores em Educação Matemática do GHOEM tem trazido à cena considerações sobre como (e/ou se) movimentos considerados centrais em sua região de inquérito influenciaram no trabalho realizado nas últimas décadas com milhares de alunos e em diferentes instâncias formadoras no país e, para além disso, tem tentado implementar uma forma de ampliar o foco, não se restringindo apenas aos "grandes movimentos", às "principais" instituições, os "grandes" nomes e seus "enormes" feitos, com o que pretende contribuir para o levantamento de perspectivas distintas das colocadas como oficiais.

Dessa forma, a opção pelo trabalho e estudo acerca da história oral parece trazer novos desafios a esses pesquisadores e a sua comunidade, ao mesmo tempo em que opera para firmar um discurso, levantando posicionamentos específicos e defendendo uma posição também ela específica quanto à produção de conhecimentos.

A efetivação dessa vinculação história oral/Educação Matemática tem se dado à medida que pesquisas específicas são desenvolvidas, ou seja, tais pesquisadores, ao mesmo tempo em que desenvolvem seus trabalhos acerca das potencialidades e dos limitantes dessa opção para a Educação Matemática, discutem e efetivam uma forma diferenciada e sistematizada de fazê-lo, desenvolvendo pesquisas particulares que funcionam como "campos de experimentação" para o estudo da viabilidade e possível aprimoramento das iniciativas.

Sendo assim, os trabalhos que se valem da história oral na Educação Matemática, para além da discussão sobre métodos, seqüências procedimentais, disciplinas ou áreas, caracterizam-se por uma trajetória peculiar.

Com esta pesquisa pretendemos evidenciar alguns momentos e movimentos que se constituem como Educação Matemática, focando especificamente o trabalho que alguns atores dessa comunidade desenvolvem em interface com a história oral, explicitando as concepções, resistências e interesses envolvidos em sua trajetória, além de suas expectativas com relação às investigações que elaboram. Trazendo as buscas e resistências desses pesquisadores, nessa região de inquérito, esperamos contribuir para uma melhor compreensão da própria região, bem como para o processo, que pensamos ser fundamental, de regulação interna do Grupo "História Oral e Educação Matemática", o GHOEM.

Referências

ALBETI, V. **Ouvir Contar:** textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. p.13-32; 61-90.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. ; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais:** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2004.

ARAÚJO, J. de L.; BORBA, M. de C. Construindo pesquisas coletivamente em Educação Matemática. In: BORBA, M. de C.; ARAÚJO, J. de L. (Org). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.25-46.

ARIÉS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. (Org). **A História Nova**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 153-176.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 3 v. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BERNARDES, M.R. **As várias vozes e seus regimes de verdade:** um estudo sobre profissionalização (docente?). 2003. 268f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

BICUDO, M.A.V. A hermenêutica no trabalho do professor de matemática. In: **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**. vol. 3 . São Paulo: A Sociedade, 1993.

BICUDO, M.A.V. ; GARNICA, A.V.M. **Filosofia da Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de M. J. Alvarez; S. B. dos Santos e T. M. Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. p.19-31.

BORGES, J.L. **Obras Completas**, (1923-1949). São Paulo: Globo, 2000. v. 1. p. 539-546.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 19-32.

BOLÍVAR, A.B. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**. v. 4, n. 1. p.41-62, 2002.

BRANDÃO, C.R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C.R. (Org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 7-14.

BRANDÃO, C.R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

EBRAPEM, 8, 2004, Londrina. Abstracts VIII EBRAPEM- Encontro Brasileiro de estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática. Londrina, 2004.

EBRAPEM, 9, 2005. São Paulo. Abstracts IX EBRAPEM- Encontro Brasileiro de estudantes de Pós Graduação em Educação Matemática. São Paulo, 2005.

SIPEq, 2, 2004. Bauru. Abstracts II Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos: a pesquisa em debate. Bauru, 2004.

SPHEM, 1, 2005. São Paulo. Abstracts 1º Seminário Paulista de História e Educação Matemática: possibilidades de diálogos. São Paulo, 2005.

CLARETO, S.M. Educação Matemática e Contemporaneidade: enfrentando discursos pós-modernos. **Boletim de Educação Matemática-BOLEMA**, Rio Claro. Ano 15, n.17. p. 20-39, 2002.

D'ALESSIO, M.M. **Reflexões sobre o saber histórico:** Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle e Madeleine Rebérioux. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

D'AMBRÓSIO, U. Prefácio. In: BORBA, M. de C.; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004. p.11-24.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN (Org). **The handbook of qualitative research**. 2 ed. London, 2000. p. 1-28.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em Educação Matemática**: o caso da produção científica em cursos de Pós- Graduação. 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

FREITAS, S. M. de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968:** da Neu Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004. 248f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GALETTI, I.P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista:** orientação para tecer paisagens. 2004. 199p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GARNICA, A.V.M. **A interpretação e o fazer do professor:** a possibilidade do trabalho hermenêutico na Educação Matemática. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1992.

GARNICA, A. V. M. O escrito e o Oral: uma discussão inicial sobre os métodos da História. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 5, n. 1, p.27-35, 1998.

GARNICA, A.V.M. Filosofia da Educação Matemática: algumas ressignificações e uma proposta de pesquisa. In: BICUDO, M. A. V. (Org). **Pesquisa em Educação Matemática**: concepções & perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p.59-74.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. **Zetetiké,** Campinas, v.11, n.19, p. 9-55, jan/jul. 2003.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. de C.; ARAÚJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004. p. 77-98.

GARNICA, A.V.M. A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro. Não publicado. 2005a.

GARNICA, A.V.M. Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p.121-136, jan/abr. 2005b.

GATTAZ, A.C. Meio século de história oral. **Neho-História**: História Oral em Debate. São Paulo: Núcleo de Estudos de História Oral São Paulo. 1998. p.21-34.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p.143-179.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

JENKINS, K. **A história repensada**. Tradução de M. Vilela. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

JOUTARD, P.. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). **História Oral:** desafios para o século XXI**.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p.31-45.

LE GOFF, J. A história nova. In: LE GOFF, J. (Org). **A História Nova**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 25-67.

LÜDKE M. ; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J.C.G. **Sobre revoluções científicas na Matemática**. 2005. 175f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005. p.5-52.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. História da Matemática: uma prática social de investigação em construção. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.36, p.177-203, 2002.

MIORIM, M. A.; MIGUEL, A. A constituição de três campos afins de investigação: História da Matemática, Educação Matemática e História & Educação Matemática. **Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação,** Maringá, n.8, p.35-62, 2001.

MITRE, A. **O dilema do Centauro:** Ensaios de teoria da História e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

NOBRE, S. R. Introdução à História da Matemática: Das Origens ao Século XVIII. **Revista Brasileira de História da Matemática**, n. 3, p.3-43, 2002.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, O. de M. V. **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1988.

QUEIROZ, M. I. P. de. História, História Oral e arquivos na visão de uma socióloga. In: FERREIRA, M. de M. (Org) **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p.101-116.

REIS, J.C. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCHMITT, J-C. A história dos marginais. In: LE GOFF, J. (Org). **A História Nova**. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.261-289.

SILVA, S.R.V. da. **Identidade cultural do professor de Matemática a partir de depoimentos (1950-2000)**. 259p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

SILVERMAN, D. Analyzing Talk and Text. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN (Org). **The handbook of qualitative research**. 2 ed. London, 2000. p. 821-834.

SOUZA, A.C.C. **O sujeito da Paisagem:** Estudos sobre Educação Matemática e Educação Ambiental. 2005. Tese (Livre Docência) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001. Disponível em <http://www.ghoem.com/textos/carrera/livredocencia_carrera.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2005.

SOUZA, A.C.C. **A Face nos Espelhos**. Memorial. Disponível em <http://www.ghoem.com/textos/carrera/o_espelho_memorial_carrera.pdf >. Acesso em: 17 jun. 2005.

SOUZA, A. C. C.; SOUZA, G. L. D.. Cotidiano e Memória. **Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação,** Maringá, n.8, p.63-72, 2001.

SOUZA, G.L.D. **Três décadas de Educação Matemática:** um estudo de caso da baixada santista no período de 1953 – 1980. 1998. 279 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

TREBITSCH, M. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea. In: FERREIRA, M. de M. (Org) **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p.19-44.

TUCHAPESK, M. **O Movimento das Tendências na Relação Escola-Família-Matemática.** 2004. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

VALENTE; DUARTE; ALVAREZ et all. História da Educação Matemática no Brasil: construindo fontes de pesquisa para a análise de conteúdos e contextos. In: Encontro Paulista de Educação Matemática, 7, 2004, São Paulo. **Matemática na escola**: conteúdos e contextos. São Paulo, 2004. p. 79-80.

VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. 472f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VOVELLE, M. A história e a longa duração. In: LE GOFF, J. (Org). BRANDÃO, E. (Tradução). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.65-95.

XAVIER, C. C. **Mapeamento de educação matemática no Brasil, 1995:** pesquisas, estudos, trabalhos técnicos-científicos por subárea temática. 2.ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

http://lattes.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330708ZKHHFK4. Consulta feita em 13 de maio de 2005.
http://www.ghoem.com/textos/bibli/textos_didaticos_antigos.pdf. Consulta feita em 13 de maio de 2005.
http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/ Consulta feita em julho de 2004.

Bibliografia Consultada

BICUDO, M.A.V. ; GARNICA, A.V.M. **Filosofia da Educação Matemática**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BICUDO, M. A. V. ; GARNICA, A. V. Filosofia da Educação Matemática: constituição de suas múltiplas faces. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Filosofia da Educação Matemática:** Concepções e Movimento. Brasília: Plano Editora, 2003. p. 13-24.

BORBA, M. de C. ; ARAUJO, J. de L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. 402 p.

CHISHOLM, R. M. **Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): De regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. Mimesis, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35-48, 2001.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra: Arménio Amado, 1987.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento espistemológico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LINS, R. C. Epistemologia e Matemática. **BOLEMA**, Rio Claro. Ano 9, especial 3, p.35-46. 1994.

LUNA, S. V. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: FAZENDA, I. (Org) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 21-33.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In*:* FAZENDA, I. (Org) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 47-58.

MIGUEL, A. Formas de Ver e Conceber o Campo de Interações entre Filosofia e Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org) **Filosofia da Educação Matemática**: Concepções e Movimento. Brasília: Plano Editora, 2003. p. 25-44.

SOUZA, A.C.C. de. O sujeito da paisagem. Teias de poder, táticas e estratégias em educação matemática e educação ambiental. In: BICUDO, M.A.V; BORBA, M. de C. (Orgs). **Educação Matemática:** pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez, 2004. p. 121-150.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.10-62.

VIANNA, C. R. **Matemática e História:** algumas relações e implicações pedagógicas. 228f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

VIEIRA, R. Histórias de vida e identidades. In: MACHADO, A. C.; FONSECA, M. da. C. F. R.; GOMES, M.L.M. (Org.). Dossiê: A pesquisa em educação Matemática no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 36, p. 137-160, 2002.

Carta de Cessão

Eu, _____, RG: _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em ___/___/_____ por Luzia Aparecida de Souza, RG. 33287637-8, para que ela possa usá-la integralmente ou em parte, em fita, transcrição ou textualização, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

_____

Local:
Data:

1ª Versão (grifos do original)

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

CAPÍTULO I - Da Caracterização

Art. 1° - Sob a denominação de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL, doravante designada "ASSOCIAÇÃO", fica constituída na presente data uma entidade com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, com número ilimitado de sócios, com tempo de duração indeterminado, que congrega duas categorias de associados: coletivos e individuais. Como coletivo, entendem-se instituições, programas, núcleos e grupos de pesquisa que operam no campo da História Oral através de pesquisas e formação de pessoal especializado em nível de graduação e pós-graduação. Como individuais entende-se pesquisadores atuando na área de História Oral.

§ 1° — Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada.

§ 2° — Poderão filiar-se à ASSOCIAÇÃO:

a. associados coletivos: quaisquer instituições, programas, núcleos, grupos de pesquisa e outros órgãos das Universidades Públicas e Privadas, e outras entidades, existentes no País, que correspondam à definição deste artigo;

b. associados individuais: professores e pesquisadores que atuam na área de História Oral.

§ 3° — Qualquer nova afiliação a que se refere o parágrafo anterior deverá ser aprovada pela Diretoria "ad referendum" da Assembléia Geral.

§ 4° — Os sócios não respondem solidária ou subsidiariamente por quaisquer obrigações que representantes da ASSOCIAÇÃO contraírem em nome desta.

§ 5° — A ASSOCIAÇÃO não terá caráter político partidário nem confessional.

Art. 2° - Fica eleito como Sede e Foro da ASSOCIAÇÃO a cidade do Rio de Janeiro, com endereço à Praia de Botafogo 190, 14° andar- Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, Botafogo, Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.

§ 1° - Com a eleição de nova Diretoria, poderá esta estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, considerando as conveniências da entidade (Art. 7°, alínea "F"),

CAPÍTULO II - Das Finalidades

Art. 3° - São finalidades da ASSOCIAÇÃO:

1. Incentivar o estudo, o ensino e a pesquisa brasileira no âmbito da documentação oral;
2. Promover reuniões científicas objetivando o intercâmbio de informações entre seus associados e os de associações similares brasileiras, estrangeiras ou internacionais;
3. Desenvolver a divulgação de estudos que utilizam documentação oral e incentivar a criação de acervos;
4. Editar a Revista História Oral, órgão acadêmico da entidade, cujo regimento deve ser aprovado pela Assembléia Geral.
5. Agir no interesse dos órgãos associados e representá-los junto a órgãos públicos e privados.

CAPÍTULO III - Da Organização

Art. 4° - A ASSOCIAÇÃO será composta dos seguintes órgãos:

Uma Diretoria
Um Conselho Fiscal
Um Conselho Científico
Uma Assembléia Geral

§ 1° — A Diretoria será composta por:

Um Presidente,
Um Vice-Presidente,

Um Secretário Geral
Um Secretário Adjunto,
Um Tesoureiro,
Cinco Diretores Regionais representando as diferentes regiões do País (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Norte), eleitos para um mandato de dois anos, com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 2° — O Conselho Fiscal será composto de três membros eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 3° — O Conselho Científico será composto por pesquisadores com título de doutor e reconhecida produção científica na área, em número mínimo de cinco e máximo de dez membros, eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 4° - Só poderão ser eleitos para a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Científico membros associados, coletivos e individuais, atualizados com o pagamento da anuidade.

§ 5° — A Assembléia Geral será dirigida pelo Presidente e constituída pela Diretoria, pelos Conselhos Fiscal e Científico e por todos os associados, reunindo-se ordinariamente *a cada dois anos.*

§ 6° - A Assembléia Geral Ordinária será convocada pela Diretoria.

§ 7° — A Assembléia Geral Extraordinária será convocada pela Diretoria, ou por decisão de dois terços (2/3) dos membros da ASSOCIAÇÃO.

§ 8° — A Assembléia Geral Ordinária se reunirá com qualquer número de associados e a Assembléia Geral Extraordinária instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos associados e em segunda, com qualquer número, com intervalo mínimo entre elas de 30 (trinta) minutos.

§ 9° - Têm direito a voto na Assembléia todos os associados, desde que se tenham filiado há, no mínimo, um ano [ou seis meses?] e que estejam em dia com a anuidade.

§ 10° - Os votos têm pesos diferenciados:
a. o voto do associado coletivo tem peso 4;
b. o voto do associado individual tem peso l.

Art. 5° - A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, duas vezes por ano.

Art. 6° - A ASSOCIAÇÃO será representada ativa e passivamente pelo Presidente, em juízo e em geral, nas suas relações com terceiros.

Art. 7° - Compete à Diretoria:
a. Formular programas de trabalho da ASSOCIAÇÃO;
b. Estabelecer diretrizes orçamentárias;
c. Supervisionar a execução dos programas e orçamentos;
d. Aprovar novas filiações "ad referendum" da Assembléia Geral.
e. Definir o valor da anuidade "ad referendum" da Assembléia Geral.
f. Estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, providenciando a alteração estatutária nesse sentido.

Art. 8° - Compete ao Presidente:
a. Representar a ASSOCIAÇÃO em atos da vida social;
b. Zelar pela consecução de suas finalidades científico-profissionais;
c. Manter contato com organizações congêneres;
d. Assinar acordos, convênios, contratos ou compromissos de qualquer natureza, bem como documentos de interesse da sociedade;
e. Presidir as reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral;
f Coordenar as atividades da ASSOCIAÇÃO.
g. Coordenar seu programa editorial.

Art. 9° - Na ausência do Presidente ele será substituído pelo Vice-Presidente, ou pelo Diretor por ele designado.

Art. 10° - Compete ao Vice-Presidente substituir o Presidente em suas ausências e impedimentos e presidir o Comitê Editorial da Revista *História Oral,* na qualidade de editor responsável.

Art. 11° - Compete ao Secretário cumprir as decisões da Diretoria, incumbindo-lhe coordenar todos os serviços técnicos e administrativos da ASSOCIAÇÃO, admitir e demitir funcionários.

Art. 12° - Compete ao Secretário Adjunto substituir o Secretário em suas faltas e impedimentos, bem como exercer as atribuições que lhe forem definidas pela Diretoria, por proposta do Presidente.

Art. 13° - Compete ao Tesoureiro a gestão financeira da ASSOCIAÇÃO.

Art. 14° - Os poderes para abrir e movimentar contas bancárias ou contrair obrigações em nome da ASSOCIAÇÃO deverão ser exercidos pelo Presidente, pelo Tesoureiro e pelo Secretário Geral, sendo necessária a assinatura conjunta de dois dos referidos diretores.

Art. 15° - Compete aos Diretores Regionais:

a. Participar da definição de planos e atividades da Diretoria.
b. Colaborar com a Diretoria na implementação dos interesses de suas regiões.
c. Divulgar a Associação e colaborar na execução de suas atividades a nível local.
d. Promover reuniões científicas de âmbito regional.

Art. 16° - Compete ao Conselho Fiscal examinar e emitir parecer sobre as contas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 17° - Compete ao Conselho Científico:

a. Promover o desenvolvimento das atividades científicas da ASSOCIAÇÃO;
b. Emitir parecer sobre as propostas de filiação de novos associados, quando solicitado pela Diretoria.
c. Participar da organização de reuniões científicas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 18° - Compete à Assembléia Geral:

a. Eleger os membros da Diretoria, do Conselho Fiscal, do Comitê Editorial e do Conselho Editorial da Revista História Oral;
b. Aprovar a admissão de novos associados, quando solicitada pela Diretoria;
c. Aprovar propostas de modificação do estatuto;
d. Aprovar as contas da ASSOCIAÇÃO mediante parecer do Conselho Fiscal.

CAPITULO IV - Dos Recursos

Art. 19° - A ASSOCIAÇÃO disporá de recursos provenientes do pagamento da anuidade dos associados, da venda de suas publicações e de outras fontes.

CAPÍTULO V - Das Disposições Gerais

Art. 20° - O presente Estatuto somente poderá ser modificado pela Assembléia Geral, mediante voto mínimo de dois terços (2/3) dos membros presentes, mediante proposta da Diretoria, ou de pelo menos um (1/5) das entidades associadas.

Art. 21° - Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria, cabendo recurso para a Assembléia Geral, sem efeito suspensivo.

Art. 22° - A dissolução da ASSOCIAÇÃO somente poderá ser decidida por dois terços (2/3) dos seus membros, em Assembléia Geral especialmente convocada para este fim.

§ 1° — Em caso de dissolução, o patrimônio líquido da ASSOCIAÇÃO terá o destino que lhe for dado pela Assembléia Geral.

§ 2° — A dissolução será executada pela Diretoria ou por uma Comissão Especial criada para este fim pela Assembléia Geral.

2ª Versão (grifos do original)

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

CAPÍTULO I - Da Caracterização

Art. 1° - Sob a denominação de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL, doravante designada "ASSOCIAÇÃO", fica constituída na presente data uma entidade com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, com número ilimitado de sócios, com tempo de duração indeterminado, que congrega três categorias de associados: coletivos e individuais e individuais inscritos através de associado coletivo. Como coletivo, entendem-se instituições, programas, núcleos e grupos de pesquisa que operam no campo da História Oral através de pesquisas e formação de pessoal especializado em nível de graduação e pós-graduação. Como individuais entende-se pesquisadores atuando na área de História Oral.

§ 1° — Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada.

§ 2° — Poderão filiar-se à ASSOCIAÇÃO:

c. associados coletivos: quaisquer instituições, programas, núcleos, grupos de pesquisa e outros órgãos das Universidades Públicas e Privadas, e outras entidades, existentes no País, que correspondam à definição deste artigo;

d. associados individuais: professores e pesquisadores que atuam na área de História Oral.

e. associados individuais inscritos através de associado coletivo: nesta modalidade de filiação, os associados coletivos encaminham à ASSOCIAÇÃO a inscrição dos pesquisadores a eles vinculados que desejam se associar através da instituição, ficando estabelecido que a anuidade paga por esses pesquisadores equivale a 20% do valor da anuidade do associado coletivo.

§ 3° — Qualquer nova afiliação a que se refere o parágrafo anterior deverá ser aprovada pela Diretoria "ad referendum" da Assembléia Geral.

§ 4° — Os sócios não respondem solidária ou subsidiariamente por quaisquer obrigações que representantes da ASSOCIAÇÃO contraírem em nome desta.

§ 5° — A ASSOCIAÇÃO não terá caráter político partidário nem confessional.

Art. 2° - Fica eleito como Sede e Foro da ASSOCIAÇÃO a cidade do Rio de Janeiro, com endereço à Praia de Botafogo 190, 14° andar- Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, Botafogo, Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.

§ 1° - Com a eleição de nova Diretoria, poderá esta estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, considerando as conveniências da entidade (Art. 7°, alínea "F"),

CAPÍTULO II - Das Finalidades

Art. 3° - São finalidades da ASSOCIAÇÃO:

1. Incentivar o estudo, o ensino e a pesquisa brasileira no âmbito da documentação oral;
2. Promover reuniões científicas objetivando o intercâmbio de informações entre seus associados e os de associações similares brasileiras, estrangeiras ou internacionais;
3. Desenvolver a divulgação de estudos que utilizam documentação oral e incentivar a criação de acervos;
4. Editar a Revista História Oral, órgão acadêmico da entidade, cujo regimento deve ser aprovado pela Assembléia Geral.
5. Agir no interesse dos órgãos associados e representá-los junto a órgãos públicos e privados.

CAPÍTULO III - Da Organização

Art. 4° - A ASSOCIAÇÃO será composta dos seguintes órgãos:

Uma Diretoria
Um Conselho Fiscal

Um Conselho Científico
Uma Assembléia Geral

§ 1° — A Diretoria será composta por:
Um Presidente,
Um Vice-Presidente,
Um Secretário Geral
Um Secretário Adjunto,
Um Tesoureiro,
Cinco Diretores Regionais representando as diferentes regiões do País (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Norte), eleitos para um mandato de dois anos, com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 2° — O Conselho Fiscal será composto de três membros eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 3° — O Conselho Científico será composto por pesquisadores com título de doutor e reconhecida produção científica na área, em número mínimo de cinco e máximo de dez membros, eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 4° - Só poderão ser eleitos para a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Científico membros associados, coletivos e individuais, atualizados com o pagamento da anuidade.

§ 5° — A Assembléia Geral será dirigida pelo Presidente e constituída pela Diretoria, pelos Conselhos Fiscal e Científico e por todos os associados, reunindo-se ordinariamente *a cada dois anos.*

§ 6° - A Assembléia Geral Ordinária será convocada pela Diretoria.

§ 7° — A Assembléia Geral Extraordinária será convocada pela Diretoria, ou por decisão de dois terços (2/3) dos membros da ASSOCIAÇÃO.

§ 8° — A Assembléia Geral Ordinária se reunirá com qualquer número de associados e a Assembléia Geral Extraordinária instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos associados e em segunda, com qualquer número, com intervalo mínimo entre elas de 30 (trinta) minutos.

§ 9° - Têm direito a voto na Assembléia todos os associados, desde que se tenham filiado há, no mínimo, um ano [ou seis meses?] e que estejam em dia com a anuidade.

§ 10° - Os votos têm pesos diferenciados:
a. o voto do associado coletivo tem peso 3;
b. o voto do associado individual tem peso l;
c. o voto do associado individual inscrito através de instituição tem peso 1.

Art. 5° - A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, duas vezes por ano.

Art. 6° - A ASSOCIAÇÃO será representada ativa e passivamente pelo Presidente, em juízo e em geral, nas suas relações com terceiros.

Art. 7° - Compete à Diretoria:
a. Formular programas de trabalho da ASSOCIAÇÃO;
b. Estabelecer diretrizes orçamentárias;
c. Supervisionar a execução dos programas e orçamentos;
d. Aprovar novas filiações "ad referendum" da Assembléia Geral.
e. Definir o valor da anuidade "ad referendum" da Assembléia Geral.
f. Estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, providenciando a alteração estatutária nesse sentido.

Art. 8° - Compete ao Presidente:
a. Representar a ASSOCIAÇÃO em atos da vida social;
b. Zelar pela consecução de suas finalidades científico-profissionais;
c. Manter contato com organizações congêneres;
d. Assinar acordos, convênios, contratos ou compromissos de qualquer natureza, bem como documentos de interesse da sociedade;
e. Presidir as reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral;

f Coordenar as atividades da ASSOCIAÇÃO.
g. Coordenar seu programa editorial.

Art. 9° - Na ausência do Presidente ele será substituído pelo Vice-Presidente, ou pelo Diretor por ele designado.

Art. 10° - Compete ao Vice-Presidente substituir o Presidente em suas ausências e impedimentos e presidir o Comitê Editorial da Revista *História Oral,* na qualidade de editor responsável.

Art. 11° - Compete ao Secretário cumprir as decisões da Diretoria, incumbindo-lhe coordenar todos os serviços técnicos e administrativos da ASSOCIAÇÃO, admitir e demitir funcionários.

Art. 12° - Compete ao Secretário Adjunto substituir o Secretário em suas faltas e impedimentos, bem como exercer as atribuições que lhe forem definidas pela Diretoria, por proposta do Presidente.

Art. 13° - Compete ao Tesoureiro a gestão financeira da ASSOCIAÇÃO.

Art. 14° - Os poderes para abrir e movimentar contas bancárias ou contrair obrigações em nome da ASSOCIAÇÃO deverão ser exercidos pelo Presidente, pelo Tesoureiro e pelo Secretário Geral, sendo necessária a assinatura conjunta de dois dos referidos diretores.

Art. 15° - Compete aos Diretores Regionais:
a. Participar da definição de planos e atividades da Diretoria.
b. Colaborar com a Diretoria na implementação dos interesses de suas regiões.
c. Divulgar a Associação e colaborar na execução de suas atividades a nível local.
d. Promover reuniões científicas de âmbito regional.

Art. 16° - Compete ao Conselho Fiscal examinar e emitir parecer sobre as contas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 17° - Compete ao Conselho Científico:
a. Promover o desenvolvimento das atividades científicas da ASSOCIAÇÃO;
b. Emitir parecer sobre as propostas de filiação de novos associados, quando solicitado pela Diretoria.
c. Participar da organização de reuniões científicas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 18° - Compete à Assembléia Geral:
a. Eleger os membros da Diretoria, do Conselho Fiscal, do Comitê Editorial e do Conselho Editorial da Revista História Oral;
b. Aprovar a admissão de novos associados, quando solicitada pela Diretoria;
c. Aprovar propostas de modificação do estatuto;
d. Aprovar as contas da ASSOCIAÇÃO mediante parecer do Conselho Fiscal.

CAPITULO IV - Dos Recursos

Art. 19° - A ASSOCIAÇÃO disporá de recursos provenientes do pagamento da anuidade dos associados, da venda de suas publicações e de outras fontes.

CAPÍTULO V - Das Disposições Gerais

Art. 20° - O presente Estatuto somente poderá ser modificado pela Assembléia Geral, mediante voto mínimo de dois terços (2/3) dos membros presentes, mediante proposta da Diretoria, ou de pelo menos um (1/5) das entidades associadas.

Art. 21° - Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria, cabendo recurso para a Assembléia Geral, sem efeito suspensivo.

Art. 22° - A dissolução da ASSOCIAÇÃO somente poderá ser decidida por dois terços (2/3) dos seus membros, em Assembléia Geral especialmente convocada para este fim.

§ 1° — Em caso de dissolução, o patrimônio líquido da ASSOCIAÇÃO terá o destino que lhe for dado pela Assembléia Geral.

§ 2° — A dissolução será executada pela Diretoria ou por uma Comissão Especial criada para este fim pela Assembléia Geral.

3ª Versão (grifos do original)

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

CAPÍTULO I - Da Caracterização

Art. 1° - Sob a denominação de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL, doravante designada "ASSOCIAÇÃO", fica constituída na presente data uma entidade com personalidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, com número ilimitado de sócios, com tempo de duração indeterminado.

§ 1° — Por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada.

§ 2° — Poderão filiar-se à ASSOCIAÇÃO pesquisadores e professores que atuam na área de História Oral.

§ 3° — Qualquer nova afiliação a que se refere o parágrafo anterior deverá ser aprovada pela Diretoria "ad referendum" da Assembléia Geral.

§ 4° — Os sócios não respondem solidária ou subsidiariamente por quaisquer obrigações que representantes da ASSOCIAÇÃO contraírem em nome desta.

§ 5° — A ASSOCIAÇÃO não terá caráter político partidário nem confessional.

Art. 2° - Fica eleito como Sede e Foro da ASSOCIAÇÃO a cidade do Rio de Janeiro, com endereço à Praia de Botafogo 190, 14° andar- Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, Botafogo, Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.

§ 1° - Com a eleição de nova Diretoria, poderá esta estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, considerando as conveniências da entidade (Art. 7°, alínea "F"),

CAPÍTULO II - Das Finalidades

Art. 3° - São finalidades da ASSOCIAÇÃO:

1. Incentivar o estudo, o ensino e a pesquisa brasileira no âmbito da documentação oral;
2. Promover reuniões científicas objetivando o intercâmbio de informações entre seus associados e os de associações similares brasileiras, estrangeiras ou internacionais;
3. Desenvolver a divulgação de estudos que utilizam documentação oral e incentivar a criação de acervos;
4. Editar a Revista História Oral, órgão acadêmico da entidade, cujo regimento deve ser aprovado pela Assembléia Geral.
5. Agir no interesse dos órgãos associados e representá-los junto a órgãos públicos e privados.

CAPÍTULO III - Da Organização

Art. 4° - A ASSOCIAÇÃO será composta dos seguintes órgãos:
Uma Diretoria
Um Conselho Fiscal
Um Conselho Científico
Uma Assembléia Geral

§ 1° — A Diretoria será composta por:
Um Presidente,
Um Vice-Presidente,
Um Secretário Geral
Um Secretário Adjunto,
Um Tesoureiro,
Cinco Diretores Regionais representando as diferentes regiões do País (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Norte), eleitos para um mandato de dois anos, com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 2° — O Conselho Fiscal será composto de três membros eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 3° — O Conselho Científico será composto por pesquisadores com título de doutor e reconhecida produção científica na área, em número mínimo de cinco e máximo de dez membros, eleitos pela Assembléia Geral, juntamente com a Diretoria, para um mandato de dois anos com possibilidade de reeleição para um mandato consecutivo para o mesmo cargo.

§ 4° - Só poderão ser eleitos para a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Científico membros associados, coletivos e individuais, atualizados com o pagamento da anuidade.

§ 5° — A Assembléia Geral será dirigida pelo Presidente e constituída pela Diretoria, pelos Conselhos Fiscal e Científico e por todos os associados, reunindo-se ordinariamente *a cada dois anos.*

§ 6° - A Assembléia Geral Ordinária será convocada pela Diretoria.

§ 7° — A Assembléia Geral Extraordinária será convocada pela Diretoria, ou por decisão de dois terços (2/3) dos membros da ASSOCIAÇÃO.

§ 8° — A Assembléia Geral Ordinária se reunirá com qualquer número de associados e a Assembléia Geral Extraordinária instalar-se-á em primeira convocação com a maioria dos associados e em segunda, com qualquer número, com intervalo mínimo entre elas de 30 (trinta) minutos.

§ 9° - Têm direito a voto na Assembléia todos os associados, desde que se tenham filiado há, no mínimo, um ano [ou seis meses?] e que estejam em dia com a anuidade.

Art. 5° - A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, duas vezes por ano.

Art. 6° - A ASSOCIAÇÃO será representada ativa e passivamente pelo Presidente, em juízo e em geral, nas suas relações com terceiros.

Art. 7° - Compete à Diretoria:

a. Formular programas de trabalho da ASSOCIAÇÃO;
b. Estabelecer diretrizes orçamentárias;
c. Supervisionar a execução dos programas e orçamentos;
d. Aprovar novas filiações "ad referendum" da Assembléia Geral.
e. Definir o valor da anuidade "ad referendum" da Assembléia Geral.
f. Estabelecer novo foro e sede da ASSOCIAÇÃO, providenciando a alteração estatutária nesse sentido.

Art. 8° - Compete ao Presidente:

a. Representar a ASSOCIAÇÃO em atos da vida social;
b. Zelar pela consecução de suas finalidades científico-profissionais;
c. Manter contato com organizações congêneres;
d. Assinar acordos, convênios, contratos ou compromissos de qualquer natureza, bem como documentos de interesse da sociedade;
e. Presidir as reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral;
f. Coordenar as atividades da ASSOCIAÇÃO.
g. Coordenar seu programa editorial.

Art. 9° - Na ausência do Presidente ele será substituído pelo Vice-Presidente, ou pelo Diretor por ele designado.

Art. 10° - Compete ao Vice-Presidente substituir o Presidente em suas ausências e impedimentos e presidir o Comitê Editorial da Revista *História Oral,* na qualidade de editor responsável.

Art. 11° - Compete ao Secretário cumprir as decisões da Diretoria, incumbindo-lhe coordenar todos os serviços técnicos e administrativos da ASSOCIAÇÃO, admitir e demitir funcionários.

Art. 12° - Compete ao Secretário Adjunto substituir o Secretário em suas faltas e impedimentos, bem como exercer as atribuições que lhe forem definidas pela Diretoria, por proposta do Presidente.

Art. 13° - Compete ao Tesoureiro a gestão financeira da ASSOCIAÇÃO.

Art. 14° - Os poderes para abrir e movimentar contas bancárias ou contrair obrigações em nome da ASSOCIAÇÃO deverão ser exercidos pelo Presidente, pelo Tesoureiro e pelo Secretário Geral, sendo necessária a assinatura conjunta de

dois dos referidos diretores.

Art. 15° - Compete aos Diretores Regionais:

a. Participar da definição de planos e atividades da Diretoria.
b. Colaborar com a Diretoria na implementação dos interesses de suas regiões.
c. Divulgar a Associação e colaborar na execução de suas atividades a nível local.
d. Promover reuniões científicas de âmbito regional.

Art. 16° - Compete ao Conselho Fiscal examinar e emitir parecer sobre as contas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 17° - Compete ao Conselho Científico:

a. Promover o desenvolvimento das atividades científicas da ASSOCIAÇÃO;
b. Emitir parecer sobre as propostas de filiação de novos associados, quando solicitado pela Diretoria.
c. Participar da organização de reuniões científicas da ASSOCIAÇÃO.

Art. 18° - Compete à Assembléia Geral:

a. Eleger os membros da Diretoria, do Conselho Fiscal, do Comitê Editorial e do Conselho Editorial da Revista História Oral;
b. Aprovar a admissão de novos associados, quando solicitada pela Diretoria;
c. Aprovar propostas de modificação do estatuto;
d. Aprovar as contas da ASSOCIAÇÃO mediante parecer do Conselho Fiscal.

CAPITULO IV - Dos Recursos

Art. 19° - A ASSOCIAÇÃO disporá de recursos provenientes do pagamento da anuidade dos associados, da venda de suas publicações e de outras fontes.

CAPÍTULO V - Das Disposições Gerais

Art. 20° - O presente Estatuto somente poderá ser modificado pela Assembléia Geral, mediante voto mínimo de dois terços (2/3) dos membros presentes, mediante proposta da Diretoria, ou de pelo menos um (1/5) das entidades associadas.

Art. 21° - Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria, cabendo recurso para a Assembléia Geral, sem efeito suspensivo.

Art. 22° - A dissolução da ASSOCIAÇÃO somente poderá ser decidida por dois terços (2/3) dos seus membros, em Assembléia Geral especialmente convocada para este fim.

§ 1° — Em caso de dissolução, o patrimônio líquido da ASSOCIAÇÃO terá o destino que lhe for dado pela Assembléia Geral.

§ 2° — A dissolução será executada pela Diretoria ou por uma Comissão Especial criada para este fim pela Assembléia Geral.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Gostaria que você falasse dos seus primeiros contatos, de sua experiência no trabalho com História Oral e o que significa, para você, trabalhar com História Oral.

- O que é, para você, História Oral?

- Essa definição se alterou (ou tem se alterado), para você, tendo em vista seus primeiros contatos e sua posição, hoje? Como? Acredita que hoje esse conceito tenha se "estabilizado" para você?

- O que você já produziu em História Oral?

- Quais princípios e procedimentos você defende como sendo próprios à História Oral? Como você vê esses princípios representados nos trabalhos que você já produziu?

- O que você responderia se alguém lhe perguntasse se a História Oral é "científica"?

- Com o que você pensa poder contribuir ao fazer trabalhos em História Oral?

- Como você, pesquisador, se define? O que você responderia se lhe perguntassem se você se considera um historiador?

O grupo História Oral e Educação Matemática tem discutido com freqüência algumas questões mais pontuais. Eu gostaria que você, agora, sintetizasse seu ponto de vista acerca de algumas dessas questões:

- o que é documento?

- O que você pensa sobre a análise na pesquisa em História Oral?

- O que e quais são os compromissos éticos que os pesquisadores em História Oral têm ou deveriam ter com seus depoentes.

- O que você faz/fez com os registros orais, caso tenha gravado registros orais em suas pesquisas?

- O que faz de uma pesquisa um trabalho em História Oral?

- quais são as questões, nesse cenário, que ainda incomodam você e que você gostaria de começar discutir (ou continuar discutindo) com o grupo?

- Como você vê o grupo “História Oral e Educação Matemática”?

- O que faz do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática um grupo? (Você vê divergências de posições entre os elementos do grupo? Como analisa isso?)

- O que você responderia se lhe perguntassem “o que é História?”?

- Qual a fundamentação teórica que sustenta seu trabalho com História Oral?

ANEXO I: Transcrições das Entrevistas ligadas à pesquisa "História Oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundamentos

<u>Transcrição da entrevista realizada com Ivete Maria Baraldi.</u>

Luzia: Entrevista de 07 de julho de 2004 referente ao projeto de pesquisa História Oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes". Eu queria que você se apresentasse primeiro... antes da gente...

Ivete: Ah..., acho que a gente podia pôr um banco aqui [para o gravador]. Aqui. Bom, ah meu nome é Ivete Baraldi, né ... Ivete Maria Baraldi... você quer que eu fale onde trabalho e tudo mais.

Luzia: Pode ser...

Ivete: É? Sou professora há sete anos na USC (Universidade do Sagrado Coração) aqui de Bauru e também..., desde o ano passado como professora substituta na Unesp, aqui de Bauru também. Idade também?

Luzia: Não ...

Ivete: Tenho 33 anos.

[risos]

Luzia: Então Ivete, eu queria que você começasse falando um pouquinho pra mim assim, dos seus primeiros contatos ... que você teve com a história oral, do trabalho que você desenvolveu né, usando a história oral e do significado que isso teria pra você assim..., o que seria trabalhar com história oral.

Ivete: Bom, eh... eu comecei a ouvir falar de história oral, juntamente com o Vicente né, ele começou a falar disso. Que era mais ou menos em 98, né. Que eu fui fazer uma disciplina eh com ele aqui na Unesp de Bauru, que eu estava querendo fazer um doutorado e estava ainda meio ... perdida né (eu tinha terminado o mestrado em 96). Fiz numa área completamente diferente, lógico que em Educação Matemática, mas eu sempre estudei muito psicologia da Educação, teorias de aprendizagem ... que é uma área que eu gosto bastante! Né, eu trabalho também com prática de ensino, então sempre li bastante coisa nessa área, né! E aí eu ... eu fui fazer essa disciplina com o Vicente ... e... pra poder voltar a ler, a estudar e quem sabe surgir um projeto, e aí o Vicente começa a falar de história oral né, e... sobre a vontade dele de começar a fazer uma pesquisa aqui na região de Bauru sobre ... os professores, a formação dos professores de matemática. E foi aí também, ele estava terminando de orientar o trabalho da Gilda. Né, a Gilda se eu não me engano defendeu no final de 98, começo de 99, acho que foi final de 98 né,... então o primeiro trabalho que eu vi em história oral foi o da Gilda, da mulher, eh ...a Gilda de Souza né?

Luzia: Hum hum.

Ivete: Que não sei o nome dela inteiro né, da Gilda. E, e eu conversando com o Vicente, trocando sempre figurinhas ... com ... com ele. Ainda mais, foi a época que ele foi pros Estados Unidos ... e eu fui lendo muita coisa. Aí veio ah aqueles livros que todo mundo lê né: "Usos e abusos da história oral", eh ... o manual de ...

Luzia: Do Meihy.

Ivete: do Meihy, ... eh vários textos, aqueles do pessoal lá da FGV, do CPDOC né, a Olga Simpson, toda, todo esse povo aí que eu comecei a ler né. E aí, foi que eu decidi né, juntamente como Vicente, fazer um projeto em história oral. E ainda a sensação que eu tive... , porque o trabalho da Gilda é muito legal ... né, pra quem nunca tinha lido nada de história oral. Eu lembro até hoje que ... eu escrevi um e-mail pro Vicente e falei: "Vicente, eu terminei de ler o trabalho da Gilda e achei muito legal, mas eu ... me senti uma criança!" [Risos] Porque toda aquela bagagem que ela tem né, de tantos anos de ... de professor, eu

falei: “ah eu não sei se eu consigo fazer um projeto, desse tipo, eu não tenho essa vivência, né, eu sou uma menina”. E o Vicente falou: “ah, não se preocupe, realmente você perto da Gilda é uma menina, né”. Eh, em termos de ... de profissão e até mesmo de idade, não que ela seja tão mais velha que eu ...

Luzia: Hã hã.

Ivete: Né, mais em termos de vivência. Então foi aí que a gente começou a pensar junto esse projeto de formação de professor e que eu tive esse primeiro contato com história oral. Aí vieram outros trabalhos né, porque aí em 99 eu prestei o exame de seleção em Rio Claro, com o projeto com um nome, que bem dizer foi o nome da tese, já foi o nome do projeto né, e ... já com entrevista e com bastante leitura sobre história oral, né.

Luzia: Tá certo. E pra você assim, o que é que é a história oral, né, como você definiria?

Ivete: É que essa é a grande briga do povo todo né! [risos]. Pra mim a história oral é uma metodologia de pesquisa, tá, porque ela vem organizar toda a questão da pesquisa, com os seus métodos, conforme... ah ela vai direcionar a ... a como se fazer uma entrevista, como abordar... mas o mais importante é uma metodologia, como qualquer outra metodologia qualitativa, né ela implica numa concepção. Né, implica ou ela precisa, não sei aí que palavra usar, mas ... você precisa ter uma concepção de história que permita você utilizar a história oral como metodologia.

Luzia: E .. e essa definição que você está me dando agora, de história oral como metodologia, ela é algo assim, que era diferente nos seus primeiros contatos ou sempre você teve, você viu a história dessa forma? Tipo, você alterou esse conceito durante esse tempo que você trabalhou?

Ivete: Hum, não sei se eu alterei, eu acho que eu ... ele foi delineando né. Porque como era uma coisa relativamente nova né, como eu brinco com o Vicente, eu malemá estava tentando ser uma educadora matemática aí inventei de estudar história oral né. Então, como

eu falei pra você, eu sempre estudei teorias de aprendizagem, então isso foi, foi muito novo pra mim. Tanto que depois até mesmo que eu defendi a tese eu achei uma ... uma reportagem sobre fotos, né não era nada em história oral. Eu falei: "Vicente, olha que legal!" Né, porque é um fotógrafo cego que tira fotos. Né, porquê? As pessoas falam pra ele o que tem na foto. Eu me senti como esse fotógrafo, né. É assim que eu me sinto em história oral. Ele falou: "é legal, gostei da reportagem e tudo" ... Eu falei: "agora eu consigo estar absorvendo, entendendo certo, o que é realmente história oral!" Né, como eu consigo fazer associação com outras coisas, né. Então pra mim foi assim ... o caminho das pedras, foi ... foi difícil estar vindo de outra área, outra área você entende o que eu quero dizer de outra área né? Outra linha de pesquisa.

Luzia: Hã hã.

Ivete: Não tenho os fundantes que a maioria deles têm de filosofia, a leitura que eu fiz em filosofia sempre foi muito pouco né, então eu não tenho isso. Então talvez possa ter dificultado alguma coisa, né, de não ter tudo isso. Então eu acho que foi clareando idéias, foi delineando, né, ah também pensar que a história oral, ela ... você vai ter que adotar ela como metodologia mas também você tem que adotar uma postura, de pesquisadora, em história e em história oral, né. Então eu acho que isso foi definindo porque ao mesmo tempo eu achava que ela poderia ser, ah ... que foi uma coisa que surgiu até na minha qualificação que eu não tinha percebido né, que eu tinha colocado que a história oral havia sido o ... o referencial teórico, ... né. E aí foi ... não, é que ela na verdade, ela fazia com que eu tivesse uma postura frente a história e, dentro de história com história oral. Mas ..., isso foi clareando realmente com o passar do tempo, de falar: não, isso é metodologia.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Né. Eu aceito as outras, lógico! Partes, como às vezes o Carlo fala, o Carlos fala: "é disciplina". Concordo, segundo a visão dele, né. Mas pra mim, como eu utilizei, foi metodologia. Né, isso fica bem claro pra mim.

Luzia: É, e ... é. Como você se vê enquanto pesquisadora? Utilizando da história oral? ... Se alguém perguntasse pra você se você é uma historiadora?

Ivete: Não eu sou, é como eu falo, eu tento ser uma educadora matemática, né. Eu me aproprio, como houve até mesmo uma discussão, eu me aproprio de ... ferramentas? De outras áreas, né mas isso não me faz uma historiadora! Né, ou como o Carlos diz, uma historiadora de carteirinha, né. Não sou uma historiadora de carteirinha, eu posso ser ah ... se quiser dizer: ah você é uma historiadora!, posso ser mas não como classicamente chamamos! Né, mas nunca esse termo, eu sou uma educadora matemática. E me aproprio da história oral.

Luzia: E o que é que você já produziu, utilizando a história oral, enquanto metodologia?

Ivete: A tese. [risos]. Bem dizer foi a tese e aí o que vai ... o que vai surgindo do ... os frutos dela, então aí alguns artigos eh ..., artigo em revistas científicas não, mas em Anais, trabalhos completos em Anais, apresentação de trabalhos, pôsteres, os frutos da tese! Então eu acho que a grande produção é ela, né, aí tem os filhotinhos.

[risos]

Luzia: E assim, é ... você vê na história oral alguns princípios assim, inegociáveis pra ... pra alguém utilizar história oral?

Ivete: Nossa Luzia, será que eu entendo essa pergunta?

Luzia: Então, você me falou no início que a história oral seria uma metodologia que exigiria uma certa concepção de história ...

Ivete: Hum hum.

Luzia: Né, e algumas formas de se abordar depoimentos, que formas seriam essas? Isso seria pra você, assim uma necessidade pra que o trabalho fosse dito em história oral?

Ivete: Ah sim, sim. Porque ... você pode até mesmo se apropriar de, fazer depoimentos orais e história oral não é depoimento oral. Não, quer dizer depoimento oral não é por si só história oral, né! ... Então você tem que ... deixa eu pensar em como vou dizer isso, porque você tem que carregar tudo junto essa concepção de história, não vejo você só se apropriando de depoimentos, analisando ..., analisando ou fazendo uma história clássica com aquilo ali. Não sei, eh eh parece que são coisas assim intrínsecas, num ... talvez seriam esses inegociáveis que ... que você fala. Pra mim não tem como eu pensar em história oral dissociado dessa concepção de história, em movimento, em construção, né, a história dos ... dos vencidos, né, não ... eu não trabalhei com vencidos né!

Luzia: Hum hum.

Ivete: Propriamente dito, não trabalhei com uma classe marginalizada. Ah, mas eu trabalhei com as memórias dos professores, com o cotidiano, né. Com as pessoas comuns, né, como todos nós.

Luzia: Certo.

Ivete: Então eu não vejo isso dissociado!

Luzia: Entendo. E ... e assim Ivete, se alguém perguntasse pra você, ou te questionasse, sobre a cientificidade da história oral, que considerações você faria a respeito disso?

Ivete: ... Olha foi uma discussão que eu lembro do, da tese da na Sílvia, né. Que ... se história era uma ciência ou não. ... Se me questionasse sobre a cientificidade da história oral?... Questão mais complicada né?

Luzia: É.

Ivete: [risos] Porque aí envolve várias coisas né, é a mesma coisa que perguntar, matemática é ciência ou não é? O que que é ciência?

Luzia: Hum hum.

[...]

Luzia: Segundo a tua concepção assim, de ciência?

Ivete: Olha, no ... não, não, é achômetro tá! Ah, ...eu vou pensar nessa cientificidade como uma área de conhecimento, produção de conhecimento, né. Então ... se eu pudesse ..., se eu falar, história oral então ela é científica? Se eu tô pensando ela como construção dentro de uma área de conhecimento e eu tô produzindo dentro dessa área, então ..., eu definiria dessa forma, tá! Não sei se eu saberia te explicitar de uma outra forma ciências, agora, né! Não sei se fica claro isso, fica Luzia?

Luzia: Tenho uma área já definida como científica, se você consegue produzir conhecimento dentro dessa área, então ... eu tenho ...

Ivete: Isso, então ela é científica, né, se eu pensar nela dessa forma. Agora se eu levar em consideração, se eu pensar, "ah a história é uma ciência?, a matemática é uma ciência?, a educação é uma ciência?" ... se eu responder não pra todas elas eu respondo não pra história oral e aí eu tenho que justificar de outra forma. Caso contrário, se eu digo: "não, uma área de conhecimento, eu tô produzindo conhecimento científico, né, eu tô produzindo ciências, aí entre aspas", ah ... história oral tá dentro disso.

Luzia: Certo. E ... assim, se eu falo, se a gente tivesse discutindo, ... eu queria ver com você o que é que você pensa que é ... que esses trabalhos em história oral contribuem, com o meio acadêmico assim, com os trabalhos que estão sendo desenvolvidos dentro dessa

gama aí, diversas áreas aí, de trabalhos científicos? Que tipo de contribuição a história oral daria?

Ivete: Ah mostrar as diversas versões, né, de uma ... uma mesma ... ah ... as várias versões das, ou ... as várias facetas de uma mesma história, né. Não sei, ah, isso aí não ficou muito bom.

[risos]

Ivete: Eh, nesse sentido de você poder dar voz, né, e tá mostrando uma versão histórica daquele cotidiano, das pessoas que viveram. Eu gosto muito de uma frase do Joutard que ainda até lembro que eu falei lá em Curitiba, todo mundo ficou meio assim, né, que o ... as lágrimas, a dor, o horror, né, só sabe traduzir quem viveu, né. Então às vezes a gente pega os papéis ou mesmo os livros de história clássicos, eles não têm a emoção de quem viveu aquilo, e eles estão contando uma versão, né. Então eles vão contribuir pra mostrar as diversas versões de quem viveu e de quem ajudou a construir, né, no meu caso pensando aí em educ ... nos professores de matemática, né. Então essa versão dos professores, como foi? Não adianta a gente ouvir, quer dizer, adianta lógico! Não adianta só ouvir, a versão, por exemplo, se fosse possível ainda, de um Benedito Castrucci, de um Osvaldo Sangiorgi, que eles divulgaram a Matemática Moderna, a gente tem uma versão, né, mas os meus professores que estavam na sala de aula, receberam isso ..., como é que eles trabalharam? Né, então é uma outra versão, tá! Ah ... ou a mesma coisa das imposições, por exemplo, ah a 5692 que veio, né, em 71. Pra muitos foi uma organização do ensino, foi ..., pra muitos dos professores foi a derrocada do ensino, né. Então é você poder ver essas várias versões e ver esse movimento, que Educação Matemática também é um movimento, né, em construção. E é você poder estar olhando pro Brasil todo, o que tá acontecendo aqui, ali, ali, o que é que tá acontecendo, tudo, várias versões da história! E se a gente for olhar pra aquilo lá nós vamos enxergar outras versões, né, então vem contribuindo pra gente ver eh ... , pra gente construir uma versão dessa Educação Matemática então, né, nesse movimento no Brasil.

Luzia: Hum hum. Aí, você falou agora desse movimento no Brasil e antes você tinha me falado de trabalhar com o cotidiano, né.

Ivete: Hum hum.

Luzia: Aí eh, como, você chega a discutir a representatividade do trabalho no trabalho ou senão, como você discutiria isso agora?

Ivete: O quanto o meu trabalho é representativo pra Educação Matemática? Se eu discuto isso no trabalho?

Luzia: É.

Ivete: Eu chego a discutir, talvez não explicitamente, né, mas ah ... porque o meu trabalho foi num molde um pouco diferente né, então não existe considerações finais, né?

Luzia: Hum hum.

Ivete: Que a gente costuma ver lá nas considerações finais isso, então no que a gente foi amarrando, arrematando o trabalho, eh ... o que eu vejo assim a contribuição é de mostrar ... eh uma coisa que ficou bastante forte, o que muitas outras histórias falavam, que o ... o, como é a formação do professor, então vieram das universidades? Então o professor veio dessas universidades e assim foi a formação deles, não foi, né. E tanto que as universidades aqui no interior, elas se formaram baseadas na escola normal, né. Porque a maioria dos professores eram da escola normal, né. Então se a gente for pensar em todo esse ciclo, né, então quer dizer que a formação dos alunos em matemática foi conforme aquele professor havia vivido na escola normal, que era a formação do professor de primeira à quarta série, né. Ah... então todo esse movimento que é muito diferente, por exemplo, daquilo que a gente teria lá na capital, né, por causa de perceber todo esse movimento que teve da formação do ... do professor de matemática aqui nessa região, que foi no centro do estado né e que é uma região abastada, não é uma região pobre, né, e ... e teve toda essa

dificuldade de ter um lugar pra formação do professor de ... de matemática, eu acho que essa é uma das grandes contribuições do ... do meu trabalho, eu acho que a gente deixa mais explícito, né, mas é ... como ele tem, ele é amarrado a isso de várias formas, então ele contribui pra perceber a ... a ferrovia, né, na ... na formação de professor, a importância da CADES aqui pro interior, que eu volto a falar da ... da formação de professor. Então ele vem contribuir dessa forma, ele mostra outras faces dessa formação do professor de matemática! E é ... isso é uma coisa que eu falava, a hora que eu tava terminando o trabalho né, porque às vezes dá uma sensação de impotência, porque a gente vê que existe ainda tantas ... tantos links, tantos elos, tantas coisas que a gente tem que fechar que não tem como, né, [risos] ou a gente termina o trabalho ou a gente vai ficar a vida inteira fazendo, que é ... e é uma coisa que eu reconheço no meu trabalho, né, pelo menos eu ... eu vejo isso, ele é o ... alguns pontos de luz pra vários outros tantos trabalhos, né, que dá pra pegar, então vamos pegar isso, vamos olhar direito como que foi essa questão nas universidades, como que foi a primeira faculdade aqui, né, qual foi, porque os cursos vagos, inclusive os cursos de finais de semana, onde tem, como que eles funcionam ainda? Né. Ah, como que é essa questão do professor na prática, o professor se formando na prática, o professor se formando na prática, que são concepções que os nossos alunos ainda têm. Né, eles mesmo em prática de ensino, às vezes eles não dão importância porque eles acham que eles vão aprender só na prática. ... Tá tudo ok aí?

Luzia: Tá, peguei [o gravador] só pra ver a fita ...

Ivete: Ah, normal.

Luzia:É?

Ivete: Depois você acostuma com as fitinhas aí.

[risos]

Luzia: É, o começo sempre ...

Ivete: É. Então acho que tem vários desses pontos de ... de ... de importância, né, de abrir mesmo aqui pra região. Eu acho que ele, ele pode contribuir pra isso, né.

Luzia: Que ele levantou então uma gama ampla de possibilidades de outros estudos... que poderiam ...

Ivete: Sim, de outros estudos, né. Que é o que a gente deixa em ... numa das últimas frases, pelo menos que eu escrevi. Mas como ele não tem muita lógica pra você ler, então não posso falar: é uma das últimas coisas que você vai ler, não! É uma das últimas frases que eu escrevi, né. Hoje nós temos uma UNIP, nós temos UNESP, nós temos FIB, né tem a FENIX que vai abrir curso de matemática, tem a USC ... que professor que nós estamos formando?

Luzia: É.

Ivete: Né? E daí, de onde vem a nossa herança, de tudo isso? Porque a gente teve a formação lá com aqueles professores, que tiveram a formação na CADES, nos cursos vagos, né, que se formaram na prática, que fizeram os cursos em escola normal, né, e aí somos nós que estamos hoje na universidade ..., como que é isso?

Luzia: Hum hum. Que tipo de formadores?

Ivete: Sim, né. E ... e isso eu acho bem legal, como eu já falei, eu acho que é a grande contribuição, né. Porque a maioria dos professores que eu converso nunca ouviram falar de CADES. Não fazem idéia ... de como era essa formação. Quando eu pergunto pros meus alunos: "vocês sabem como era a formação de seus professores?, né. Então, olha será que podia ser assim? Será que era daquela ... daquele jeito, né?"

Luzia: É, isso tem sido pouco discutido, né, assim o que a gente pensa...

Ivete: Sim, hã hã ... e ... e mesmo assim, vê a força de vontade desses professores, né, de ficar um mês fora, porque tinha que fazer, né. Tinha que sobreviver. Então eu acho que ... que foi isso, são as várias coisas que ... que a gente iluminou, né, alguns pontos que a gente iluminou, mas esses pontos podem ser ainda ... como tem alguns escurinhos que a gente não enxergou também, né.

Luzia: Hum hum, então assim eh, olhando pro ... pro país assim todo, quantitativamente assim falando, você acha que foi representativo ou você acha que pra olhar pra essa representatividade realmente você não tem ... não teria que olhar pra essa quantidade assim?

[...]

Ivete: Nossa, era ... era isso a pergunta desde o começo e eu falei tudo isso?

Luzia: Não, mas foi ótimo, me deu uma outra visão!

[risos]

Ivete: Ah meu Deus! Ah Luzia fala logo: "mas não é isso que eu quero saber!".

Luzia: Não, não, era também isso.

Ivete: Em termos de Brasil? Olha, em termos de Brasil, ... ããã ... quantitativamente ... é complicado, porque quando a gente pensa em Brasil, quem sou eu dentro do Brasil assim? Um pontinho de luz .. né! Mas em termos de Educação Matemática, em termos de Educação, como eu falei, eu espero, eh isso aí é minha esperança, que seja significativa.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Né, porque eh a gente sabe que em termos de tese, são poucas pessoas que vão ter acesso a ela, né, pela própria ... não sei se todo mundo vai ler.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Embora várias outras pessoas, o seu Linneu lá em Jaú já deu pra um monte de gente ler e vieram falar: "ah, seu trabalho é legal, já li assim ..." [risos], né. Então acho que aos poucos vai abrangendo, mas vamos ver se ela em versão livro, ela tem uma abrangência um pouco melhor, né? Agora, quantitativamente eu acho ela ..., ela é importante! Mas eu não sei te dizer o quanto!

Luzia: Hum hum, não, tranqüilo.

Ivete: Não sei estipular se é ... eu gostaria que fosse muito mas não é, [risos] eu acho que é pouco porque se pensar em termos de Brasil ... é pouco assim em ... em termos de abrangência de todo mundo conhecer, mas eu acho que em termos de localidade, e como eu falei, de mostrar isso da região de ... do ... desse interior aqui, eu acho que ela é bastante representativa! Nossa eu enrolei tanto né?

Luzia: Não, tá certo!

[risos]

Luzia: Tá ótimo! E aí assim, voltando agora um pouco pras discussões que o grupo tem feito ultimamente né, sobre alguns pontos mais específicos assim ... eu queria eh ... ouvir de você algumas considerações, por exemplo, sobre documento. Que é que seria o documento, como você pensa isso assim?

Ivete: Tá. Documento. Ah ... , que é ... que é uma coisa que a gente tava discutindo sobre parcialidade de ..., como que era a palavra ..., distanciamento, né estranhamento... Olha, documento escrito, oficial, né que tem carimbo lá do governo ou que seja de qualquer

instituição ... é documento, ... pra mim também! Como a fita é um documento né ... eh, sempre lembrando realmente que um documento ele só vai mostrar uma faceta, né! Um manuscrito que seja aceito, alguma coisa é um documento, né! Então eu vejo que documento é tudo aquilo que pode ... ah ... que é produzido, não é que pode, que é produzido e que retrata uma determinada posição, uma determinada versão ... né, então ... documento é ... ah ... em história oral a gente produzir a fita, a fita é um documento, como a textualização também é um documento! Né, a textualização é a fase final da ... da entrevista que a pessoa dá autorização de utilização, né, então ... isso pra mim são ... são documentos!

Luzia: Então o pesquisador que se utiliza da história oral, ele produz documentos?

Ivete: Produz, produz! Que é uma ... uma discussão que eu tava discutindo outro dia com a ... com a Silvia sobre uma palavra que eu usava ... que eu usei na tese sobre parcialidade, né. E ela falou: "é realmente você tem que tomar cuidado porque parcialidade parece que você tá forjando uma situação, né". Mas não é ... na verdade, não é essa a intenção na verdade né, porque quando você tá produzindo o documento que é a fita, você tem o foco do pesquisador, né, então queira ou não você tá direcionando o entrevistado, ou o depoente, a falar sobre aquilo que você quer ouvir, né! Então ... não seria a palavra da parcialidade, seria a questão do foco, do desejo né ... e ... o Carlos fala muito da ... do embate né, entre entrevistado e entrevistador, que é de tirar da pessoa, de discutir né de ... de ... então o que ... diante da metodologia de história oral, com o uso da metodologia, nós estamos produzindo documento, ... que outras pessoas podem olhar! Tanto que as entrevistas que eu ... que eu efetuei, os depoimentos, todos gravados, estão no arquivo histórico, né! Um documento de pesquisa, como qualquer outro, como a fita cassete e de vídeo, como o ... o jornal, como a carta lá do ... da pessoa que escreveu, seja ela mais famosa ou menos famosa, né.

Luzia: Hã, hã. Então os documentos que você produz você encaminha ela pra ... pra um arquivo, é isso?

Ivete: Sim, é que a gente conseguiu a sessão de todos eles, né. Então eles cederam, então ... pra que outras pessoas possam ... eh ... utilizar essas fontes orais, né.

Luzia: E que arquivo é esse Ivete?

Ivete: O arquivo da USC, histórico da USC ... não sei o nome dele direito, mas é ... é Arquivo Histórico da Universidade do Sagrado Coração, acho que Gabriel Pelegrino, alguma coisa assim, ... Gabriel Pelegrino ... mas é ... fica ... é na ... em frente da ... da USC.

Luzia: Certo, e assim pras pessoas que vão se utilizar desses documentos que estão lá nesse arquivo agora é ..., existe algum cuidado por parte dos responsáveis de lá, como que é feito assim é ... se há algum cuidado com a ética desse pesquisador com o documento que você produziu, se não ... se ... se você também não tem acesso a essa informação ... de como é o procedimento de empréstimo.

Ivete: Olha, porque na verdade o ... eu não ... pra dizer a verdade, eu não sei se é emprestado, eu acho que as coisas que estão lá no arquivo não saem de lá, né. Ah ... porque o que você poderia ... se fosse um documento escrito fotografar, eh ... com câmera digital, que eu sei que é o que é permitido, não pode xerocar, não pode scanear ... por causa da luz, essas coisas todas e eu acredito que essas fontes orais você teria que ficar ouvindo lá. Né, então seria um documento pra ficar ouvindo lá ... né. Como não tem nenhum veto ao ... ao trecho né, na verdade aí uma pessoa que vai fazer a pesquisa ele pode usar e até mesmo fazer uma outra transcrição, até uma outra textualização daquele documento que tá lá, né. Aí a questão da ética [risos], acho que aí cabe a cada pesquisador né! De ... de aí ter o ... a ... a ... saber o que é que ele vai usar, o que ele vai deixar de usar né, a postura . É aquilo que falei pra você, quando eu adoto uma metodologia tem algumas coisas que eu vejo como intrínsecas...

Luzia: Hum hum.

Ivete: Né, então mesmo na pesquisa qualitativa! Qualquer pesquisa qualitativa! Você vai ter que ... ter uma ética, ter uma postura de pesquisador.

Luzia: Tá certo. E aí assim, quanto a relação do pesquisador né, que trabalha com história oral, e os depoentes dele, que ... que tipo de relação geralmente se estabelece? Se estabeleceu por exemplo no teu trabalho? Há eh ... o que a gente tava discutindo sobre distanciamento, como que ... que é essa relação?

Ivete: Tá. Essa relação? Olha, teve alguns depoentes, por exemplo que eu só ... conversei com eles na época, na época da textualização ...

[Pausa para conferência do gravador]

Luzia: Pode falar.

Ivete: Pode? [risos] ... da ... da textualização, da conferência e tudo mais e voltei ..., por exemplo, então eu fiz umas entrevistas em 2001 e só voltei a ter contato novamente com a pessoa no final de 2003 né. Por quê? Porque não eram pessoas próximas né, então eu tive pessoas de Botucatu, de São Carlos, Pederneiras ... então, ah não tinha uma relação próxima. Se a gente for pensar nesse tipo de relação, né. Mas ... a questão do distanciamento, que tava discutindo bastante, foi que com nenhuma dessas pessoas eu tinha um elo afetivo. Quando eu usei essa palavra distanciamento e ... nenhum outro é ... e aí é que tá, eu volto naquela primeira pergunta que você fez né, do ... do trabalho em história oral e da minha dificuldade e tudo mais ... Eu não tinha parâmetro ... de história oral dentro da Educação Matemática. Você vai falar: "ah tem o trabalho do Carlos, da Gilda ..." Jóia, ótimos trabalhos! Mas eles não deram conta de discutir tudo isso! E eu também não dei, né. Então eu usei essa palavra distanciamento e eu ... nem ...nem ... como eu falei eu não tenho leitura suficiente em filosofia, né é uma coisa que eu tenho que ... que ir aos poucos, né. Eu não tinha pensado naquela última discussão que vocês fizeram sobre ... estranhamento, "Os Olhos de Madeira", "Olhos de Madeira" né?

Luzia: Isso.

Ivete: Então não tenho, não tinha essa leitura na época. Então quando eu usei a palavra distanciamento era só pensando em não utilizar pessoas que eram eh ... que envolviam elos emocionais eh ... elos emocionais! Né.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Como foi o exemplo daquele professor meu de matemática, que o Vicente até contou né. E eu não enxergava que eu tinha aquela empolgação por ele, né. Porque ele ... ele foi uma pessoa importante pra mim, tanto que quando ele falou: "ah, me esquece!". Né, eu falei: "caramba né, e agora, pra onde que eu vou?".

[risos]

Ivete: Né, então esse tipo de distanciamento foi até legal né, porque eu pude colocar eh ... tudo que ... que eles haviam dito, eh ... pude fazer algumas análises, pôr algumas perguntas ali sem medo de: "ai, eu vou chocar tal as pessoas" ... não... Não né, porque eles foram os meus depoentes né, eles cederam aquele discurso pra mim né.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Então não tinha ... problema nenhum. Então a relação que eu tive assim, a única pessoa que eu tive mais contato por exemplo foi a dona Mirian, a gente tá trabalhando no mesmo local mas sempre evitei ... evitei assim, de não ficar ... falando sobre o ... o assunto sempre né. Eh, então mesmo ... não por nada mas, né não tinha um ... que ... porque ela tinha me dado o depoimento e não tinha que ficar né, ah ela não devia favor pra mim, dá pra entender isso?

Luzia: Hum hum. Entendo.

Ivete: Né. Então acho que ... que foi isso, né. Aí foi bem legal a hora que eu retornei com o trabalho pronto né, que eles viram na caixinha e tudo: "Nossa, mas é tudo isso? Não, pra mim não precisava, podia ser só encadernado com espiral!". Daí eu falei: "não, fiz pra todo mundo né". Mostrei tudo certinho, então eles ficaram bastante contentes com o resultado final.

Luzia: Então você entregou uma cópia do seu trabalho pra ... pra cada depoente.

Ivete: Sim, sim a caixinha com os três volumes, com o CD anexo né ... tudo certinho ... e antes da ... da defesa né. Tanto que aí eu fui pedir a outra carta de cessão né, que é onde eles me cedem a entrevista, que é por isso que eu pude entregar no ... no arquivo. Então eu entreguei um por um, em mãos, então eles gostaram. Então foi essa a relação de ... de ... durante a entrevista surgem algumas coisas interessantes né, como a questão da cumplicidade, então alguns como se tivessem confessando alguma coisa, né, outros ... eh mais assim ... receosos, mas de uma maneira geral ficou ... ficou isso de ..., eles se tornaram importantes pra mim, né, essa relação que fica porque ... já não era mais ah o professor fulano e também não é aquela ... aquela relação ah eu só aproveitei deles pra fazer o trabalho, não, é aquela questão de ah eles foram importantes pra mim, agora eles fazem parte da minha vida, né.

Luzia: E ... assim, quanto à análise? A gente sempre fala né ...

Ivete: Meu Deus, mas quanta pergunta difícil!

[risos]

Ivete: Meu Deus, eu tinha que ter estudado antes!

[risos]

Luzia: Imagina! Então, eh ... como você pensa isso assim dentro do trabalho? Já que você trabalha com versões né? Que você tinha me falado, várias visões ...

Ivete: Hum hum. Olha, a gente trabalhou ... eu trabalhei da seguinte forma né, diante também muito ... do que o Vicente havia escrito, de que ... analisar ... né (isso é o que tá entendido no meu trabalho, ainda não ... não tive condições de sentar e falar: "não vamos ver isso com mais calma", né ...), é ... é enxergar perspectivas, enxergar tendências, então coisas que se tornam ah ... não seriam repetitivas, mas convergentes né. Então ... iluminando uma ... uma certa direção ... tá, então ... e aí sim diante dessa tendência, de trabalhar com essa tendência, escrever e ... e destrinchar essa tendência, até mesmo eu poder fazer alguns questionamentos sobre aquela determinada coisa que eu tô enxergando tá, ããã e ... fazer uma análise mais crítica, vamos dizer assim né, então aí entra outros autores fazendo ... coisas que eu não fiz no meu trabalho né, eu fiz o apontamento das tendências e deixei algumas questões né. Então como eu falei, eu acho que ... que é legal por causa disso né, então vai mostrando: olha, tem coisas que ela não explorou ainda né e se a gente for por esse lado, tá. Que foi uma coisa que chamou bastante atenção, principalmente na qualificação né, se era necessário fazer algumas críticas ou então colocar algumas coisas em xeque né. Se era bom se não era ..., não emitir ... julgamento, vamos dizer assim, sobre algumas tendências.

Luzia: Então a ... as tendências que você fala seriam eh ... temáticas que surgiam pela convergência ou divergência no discurso dos depoentes.

Ivete: Sim, sim. São algumas ... é. Pensando que quando eu trabalhei, eu trabalhei com história oral temática né. Então eram algumas coisas que ... que apontavam.

Luzia: Tá certo. E assim, você já me falou de algumas ... de alguns apontamentos, mas eu queria que você me falasse melhor sobre compromissos éticos que surgem no momento da entrevista ou durante o trabalho com a história oral...

Ivete: Certo. Olha, eu não tive problemas, vamos dizer assim ... problemas éticos? Porque os meus professores, ... vamos imaginar assim, ... Bom, primeiro né, como que você tá entendendo esse problema ético?

Luzia: [risos] Não, você me falou das cartas de cessões, que você não poderia usar aquelas entrevistas sem ter essas cartas, esse já é um cuidado né?

Ivete: Ah sim, sim, ... sim ... mas assim, eu não tive nenhum problema de professor que falou: ah eu não quero que você coloque tal coisa! Alguns lógico, corrigindo e tudo mais. Só que na transcrição acabou indo daquela forma, embora ... a transcrição só tá no CD né! E na fita também... mas ele não ... não censurou a fita né, por exemplo eu tinha um professor que fazia muita comparação entre o nordeste e o paulista né, então dava pra perceber que ele tinha uma certa bronca de alguns nordestinos, mas ... eh ..., ele falou: "ah eu vou tirar isso aqui porque senão minha filha vai pegar no meu pé!". Mas ele ... não assumiu isso como: "ó, não vai ficar bem, corta isso definitivamente", né!. Eu não tive esse problema com os meus professores fazerem isso. Inclusive falam: "ah, eu vou falar mesmo", né! Colocar aquela sensação de: "Olha, eu não pude falar até hoje, agora que me deram a chance, né, vou botar a boca no trombone, né, eu não tenho mais nada a perder". Então ... eh ... e não tinham mesmo né! Então eu não tive problemas quanto a isso então a questão das cartas de cessão é ... porque ... a entrevista é dele né, é ele que está me cedendo né, então eu não teria o direito de disponibilizar pra outras pessoas se ele não quisesse, né, se ele não me autorizasse mostrar o nome dele, então eu tomaria cuidado né, olha esse aqui eu não posso dizer quem é.

Luzia: Certo.

Ivete: Né? Então esse seria um cuidado ... um cuidado ético. Não tive problemas com palavrão, procurando um palavrão ...

[risos]

Ivete: Porque eu lembro uma vez o Carlos falando que teve um professor: "ah porque eu vou fazer não sei o quê" né! E falou um palavrão. Então que na hora ele teve que mudar. Problema ético? É, porque eu deixo ou não deixo o palavrão? Mas eu vou ganhar deixando o palavrão? Quê que eu ganho quê que eu perco, né? Então eu não tive problema com esse tipo de coisa, né. Então eu acho que foi mais ameno, essa questão da ética, ... eu só segui os procedimentos de quem trabalha com história oral.

Luzia: Hum hum. Aí você ... é ... você me falou da ... de uma carta de cessão pra ... pra entrevista né, pra ceder pro arquivo e antes ... da textualização. É ... assim, porquê você trabalha com a textualização? Por quê ..., quais as vantagens você vê nesse processo de textualizar a entrevista, por exemplo?

Ivete: Eh ... a importância que eu vejo é porque ... é uma frase do ... ah agora eu não vou lembrar ... eu sei que eu li no Gattaz mas eu não sei se era dele ou se era do Meihy.

Luzia: Hã hã.

Ivete: Que a pessoa na verdade só se enxerga na textualização. Nenhum dos depoentes meu leu a transcrição, né. E ... lógico eu corrigi algumas coisas depois da textualização e algumas transcrições eu não corrigi porque eu não tinha como corrigir mais, né.

Luzia: Hum hum.

Ivete: Então você vai perceber que na textua ... na transcrição: ah, falta o nome do fulano! E na textualização tá inteiro, né. Porque eu não tinha mais como voltar outras vezes né! Ah, então a textualização é a forma dele se enxergar. Mas ao mesmo tempo ... não é só isso, não é só pra deixar o texto bonitinho, né? Pra todo mundo ler ... Porque aí tá a questão da relação entre depoente e ... e pesquisador, né, do embate que a gente já conversou. Porque ali na textualização estão as minhas ... palavras também embutidas, as minhas perguntas embutidas. Então na verdade é um texto escrito a quatro mãos, ou a duas vozes, né! Então

não é essa coisa de ficar mais legível, mais agradável de ler, mas de ficar aí essa ... essa união pesquisador-depoente, né. Essa...

Luzia: Então você não entregava novamente pra ele a transcrição? Só entregava a textualização, que você tinha feito, pra ... pra ele ler?

Ivete: Não, eu sempre entreguei a transcrição e a textualização!

Luzia: Ah tá.

Ivete: Só que só vinha corrigido a textualização.

Luzia: Ah tá.

Ivete: Até uma vez um professor [risos], ele começou a ler a transcrição, porque ... entreguei ele não ..., aí depois que ele viu que eram duas coisas distintas, né.

Luzia: Hã hã.

Ivete: Ele falou: "ah comecei a ler isso aqui, comecei a corrigir porque tava muito ruim! Mas tava dando um trabalho danado, aí eu vi o outro texto bonitinho, que você fez, aí eu só corrigir ele!"

[risos]

Luzia: Certo.

Ivete: Certo, então era bem isso. Eles não corrigiam nada da transcrição! Então o que era possível, às vezes da transcrição, eu corrigir depois sim, mas se você pegar transcrição e textualização, têm muitas coisas distintas. Inclusive porque eu tive um professor que ... que eu entreguei a ... a textualização e ele gosta de ler ... ah ... pelo computador! Então eu

entreguei num disquete e ele mudou completamente um monte de coisa, ele acrescentou, então se você for ver a transcrição, é totalmente, totalmente eu não digo mas, a textualização é muito mais rica do que a transcrição! Né, porque ele gostou daquilo e foi se empolgando, foi escrevendo, foi ...

Luzia: Hã hã.

Ivete: Até mesmo a fita! Né, então se você for ver a textualização é muito mais rica do que o arquivo oral, né, a fonte oral!

Luzia: Entendo e é ... a fita, você acaba disponibilizando pra ele ouvir novamente ...

Ivete: Eu devolvi, devolvi. Ah, não, na época eu não entregava a fita pra ele ouvir de novo, né, porque ... não sei porque eu não entreguei, porque na verdade eu ... eu conversava que a transcrição era a transcrição literal, né!

Luzia: Hã hã, da fita.

Ivete: Então eu não ... eu entreguei no final! Eu devolvi pra todos eles as fitas. Né, eu devolvi.

Luzia: Pra eles ouvirem ou?...

Ivete: Não, não, definitivo. Eu devolvi.

Luzia: Ah tá e o arquivo?...

Ivete: O arquivo é que eu passei todo ..., mesmo algumas fitas de vídeo e fitas cassete de áudio, eu transformei tudo em áudio, né, e desses áudio tudo eu passei em CD.

Luzia: Ah tá.

Ivete: Tá, que a durabilidade é muito maior. Então eu devolvi todas as fitas de vídeo e as fitas de áudio pra pessoa.

Luzia: Certo e você disponibilizou eh ... o CD.

Ivete: O CD, isso!

Luzia: Tá certo. Então deixa eu olhar aqui ... [o gravador]

Ivete: Pode olhar.

[...]

Ivete: Você quer água, alguma coisa? Eu nem ofereci na hora que você chegou!

Luzia: Ah, depois. Mas se você quiser tomar...

Ivete: Não, não. Eu mal educada, esqueci de te oferecer!

Luzia: Imagina! [risos] Então, deixa eu ver, a gente discutiu um monte de questão assim, que é já discutida no grupo e outras assim ... E aí nesse cenário assim, do grupo, quais são as discussões assim que ... que ainda te incomodam, ou os assuntos que ainda te incomodam, que você acha que devia discutir é e ... e não discute ou então ... é... aprofundar a discussão sobre?

Ivete: Olha, pra dizer a verdade Luzia esse meu semestre foi tão ... complicado né, porque depois que eu ... que eu terminei a tese eu não parei de trabalhar um minuto, né e esse semestre eu tava com uma carga horária ... exagerada, né. Então ... eu me culpo por não ter tido tempo suficiente, você vai falar: "ah, o tempo é sempre desculpa!", mas ... [risos] é que chegava de sábado à tarde que era o único tempo que eu tinha disponível, e domingo, não

tinha condições, né! Então eu me culpo por não ter avançado nessas leituras, né. Então ... pra dizer a verdade o quê que nós vamos discutir, eu acho que ainda falta muitos delineamentos, né. Hum ... como eu falei a minha tese, na minha tese eu não consegui discutir muitas coisas, né, não ... não consegui mesmo, né! E ... e devido a minha própria dificuldade de poder tá ... tá lendo tudo isso, e tá entendendo, né. Como eu falei, eu tava tentando ser educadora matemática e ter que estudar na área de história! Embora eu já ... sempre trabalhei muito com história, eu sempre gostei muito de história e ... então já ... já tava assim meio intrínseco em mim essa questão da história em movimento, né, em construção, da perspectiva do outro, das versões, né. Então isso eu não senti assim como uma ruptura, né, então eu acho que isso em mim já ... já tava. Mas eu não, não sei ... te falar o quê que é! Eu acho que essa questão do distanciamento e do estranhamento eu acho bem legal, acho que é uma coisa que a gente tem que ... que discutir mais, né! A questão do ... dos documentos, ... uma pergunta que o Vicente colocou outro dia de que se realmente, pra nós, é importante ..., se eu entendi direito a pergunta, se é importante ou não definir o que é a história pra gente, né!

Luzia: É.

Ivete: Porque ... se não a gente continua trabalhando em história oral, como ele falou: "ah qualquer outro grupo aí eu já perguntei o quê que é história da matemática e não me definiram". Né, então, como eu já falei pra mim isso tem que estar ligado, pra eu trabalhar com história oral eu tenho que ter a minha concepção de história! Né, seja ela qual for [risos] eu tenho que definir isso né. E ... então eu vejo essa questão importante de ter afirmado se tem que definir história ou não, né! Pra ... pra ... demarcar, né porque como a gente tá trabalhando aí em coisas ... em área de fronteira né, ... a gente já tá na Educação Matemática, né!

Luzia: Hã hã.

Ivete: Que é uma área de fronteira, ããã ...a gente vai trabalhar com história oral! Que a gente tá se apropriando disso, né, porque não é uma ... uma ... uma coisa tão natural. Nós

somos o primeiro grupo, como a Terezinha Zanlochi que foi da minha banca ... Ah você não foi na minha defesa né?

Luzia: Não.

Ivete: Ah, que pena!

Luzia: É uma pena! [risos]

Ivete: Então, que é da ... da USC, ela falou que ... nós estamos de parabéns e sempre ela fica reforçando, que é ... é o primeiro grupo que ela viu, ela tá contente pelo nascimento, porque ela é historiadora, o nascimento de um grupo de história oral e Educação Matemática! Ela falou: "vocês são únicos!". Né, então ... me perdi no que eu ia falar ... mas tudo bem.

[risos]

Ivete: Ah então ah essa questão, ai Luzia eu esqueço, o quê que eu tava falando?

Luzia: Você tava falando da necessidade de definir história, né?

Ivete: Sim ... é da necessidade de definir história e aí ... eu não sei ... porque que eu fui falar da Terezinha? Porque ela fala da importância do nosso grupo, que é pioneiro né! Então eu vejo que deve ter algumas coisas definidas! Né, senão fala ...ah é um grupo, mas porque que é um grupo, né? Ou o que você define ..., não que todo mundo tenha que definir e entender da mesma forma! Que eu acho que é na pluralidade que tá a riqueza, né!

Luzia: Hã hã.

Ivete: Então não é ... só que algumas coisas a gente tem que ter parâmetro, né! Eu não vou tá falando de história ... clássica e a outra vai tá falando de história em movimento, né. Um

vai tá falando de história dos homens e outro vai tá falando de ...história dos poderosos, não aí também não, né! Mas é ... eu vejo a importância de delinear algumas coisas, né, ter mais claro.

Luzia: E como que você vê esse grupo? Né, o grupo de "História Oral e Educação Matemática"? Qual a visão que você tem assim, do grupo?

[...]

Ivete: Ah, que eu queria sempre estar mais junto de todo mundo!

[risos]

Ivete: Ai ... Olha, isso você nem precisa colocar mas acho que antes de tudo são meus grandes amigos, né. Acho que foi assim né, uma ... uma coisa bem legal que aconteceu de ... embora tenha alguns rachas aí entre algumas pessoas, que eu saiba ...

[risos]

Ivete: Mas de maneira geral assim, a questão das amizades foi ... uma coisa bem importante pra mim, né, então mesmo com você, com a Ednéia, com a Rosinete! A gente é de se ligar né! E olha! Quando eu ia imaginar que eu ia fazer uma amizade em Santa Catarina!

Luzia: Hã hã.

Ivete: Né, e dela ligar, conversar, a gente trocar umas idéias. A Silvia que tá lá no Mato Grosso. Então eu acho isso assim ... uma coisa muito importante, essa coisa da amizade e eu vejo como um grupo de ... de amigos. Mas, academicamente falando né...

[risos]

Luzia: Hã hã.

Ivete: Eu vejo um grupo em crescimento! Né, se eu tivesse que dizer uma ... uma ... uma palavra ..., mostrar uma imagem,é uma imagem que você quer? Porque depois vai ser difícil pra você explicar isso aí, se tiver que transcrever e explicar pra alguém, né!

Luzia: ããã?

Ivete: É que eu ganhei uma receitinha de um bolo ...

Luzia: [risos]

Ivete: que ele é de três dias, você já viu? É um fermentinho que você ganha que vai crescendo o fermento por três dias.

Luzia: Ah eu acho que já ouvi falar disso!

Ivete: Bolo da fartura!

Luzia: Já! [risos]

Ivete: E eu ganhei, ... eu tô guardando fermentinhos na geladeira porque daí eu posso ter bolo da fartura pro resto da vida, né!

[risos]

Ivete: Então é como isso, a gente tá alimentando esse fermentinho. Você tem alimentar ele por dois dias e aí no terceiro você partir e fazer o bolo, né! Então eu acho que ... e dá pra dividir em quatro! E aí cresce um ... um dos bolos né, então se eu tivesse que mostrar, você me pediu como vê? Eu adoro trabalhar com metáforas né!

Luzia: Hã hã.

Ivete: Então eu vejo como esse fermento que a gente tá cuidando pra virar um bolo bem legal! Né, eu acho que ainda não é um grupo pronto, formado, é um grupo que ainda tá em crescimento!

Luzia: Tá certo ... e assim, que é que você acha que faz desse grupo um grupo? Você falou de relações de amizade que é ..., de estudo, que tá em crescimento e tal, que tá indo em direção ao bolo aí ... né!

[risos]

Ivete: Não, é um bolo no sentido de amadurecimento.

Luzia: Hã hã.

Ivete: Tá, é aquela massa ainda disforme ... em crescimento!

Luzia: Então, você acha que isso já define ele como um grupo? Há algum ... alguma coisa a mais que você falaria: "olha, isso é um grupo por causa disso". Sabe?

[...]

Ivete: Olha, definir um grupo ... A gente não pode esquecer ... eu tô assim, diminuindo, ... não sei se é a palavra mais correta aí, né. Quando eu falei dessa massinha aí do bolo eu tô o colocando todo mundo no mesmo patamar e não é isso que acontece no grupo, né. Ah ... por exemplo nós não podemos esquecer do Carlos ..., podemos esquecer não, devemos ressaltar o Carlos (que tem uma ... eh ... que é muito forte ...eh ... em termos de conhecimento ..., me fugiu a palavra), né, o Vicente (que tem uma leitura, ah ... uma sabedoria imensa!), o Carrera (sempre muito lúcido ..., né. Eu gosto muito da lucidez do ...

do Carrera, né!), a Gilda (com toda uma experiência aí de vida, e de vida e de ... de enxergar algumas outras coisas que às vezes a gente não enxerga, né) ... então eu vejo que ... que é isso e têm todos os outros nós!

[risos]

Ivete: É ... nesse sentido né! A gente tá caminhando, batalhando, ... né, chegamos e ... como eu falo né, não tem nem que querer comparar com nenhum outro, né!

Luzia: Hã hã.

Ivete: Não tem comparação ... mas eu sou uma pequenininha ainda, eu tô criando ... tô ... tô crescendo, tô crescendo. Então, o quê que define um grupo? ... Ai Luzia que complicado!

Luzia: [risos]

Ivete: Mas, acho que é a questão da gente tá procurando ... uma mesma coisa? ... E acho que pela diversidade dos pensamentos, né, eu acho ... a pluralidade das idéias! Acho que se todo mundo já tivesse a ... a mesma idéia, tudo, ficaria uma coisa que não ... não teria tom de..., eu acho que não definiria um grupo, né! Eu acho que é esse movimento de ..., essa discussão, é ... essa vontade de crescer, né, essa vontade de se colocar, falar: "olha, nós somos aí pioneiros, é um grupo de história oral e Educação Matemática! Quando ninguém tava pensando nisso nós né, entre aspas, [risos] eu acho que mais os outros ah ... que eu citei primeiro eh ... nós vamos pensar nisso, vamos formar", né ... então eu acho...

Luzia: É, eu acho que ...

Ivete: Acho que dei pelo menos uma idéia ...

Luzia: É ... é um movimento, é ... pessoas com visões diferentes mas com um objetivo lá ... em comum?

Ivete: Sim, sim! Seria um objetivo em comum! Né.

Luzia: Tá ótimo. E ... deixa eu ver ..., que ... você citou vários ... várias pessoas assim, né, na sua fala. Vários autores né que você acabou usando. Há alguma literatura que você considera básica assim, pra ... pra sustentar o seu trabalho em história oral?

Ivete: Olha, básica? Acho que ...

Luzia: Fundamental!

Ivete: [risos] ... todo mundo começa pelo B, A, BA, né. Pelo ... pelo Meihy, ah ... esse trabalho "Usos e Abusos", ah ... acabei de comprar uns ... uns outros dois livros também, que eu não li ainda mas, ele chama ... um chama "Manual de história oral", mas que é aquela da ... autora de ... ah ... ai me fugiu o nome, mas que é do pessoal lá do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, ... Alberti! Verena Alberti, uma coisa assim ...
Luzia: Verena?

Ivete: Ah tá aqui o livro ... é rapidinho... É Verena! Falei certo! [risos] Verena Alberti, né, que eu li muitos dos textos daqui, que é a Olga ... a Olga Simson ... é isso? Simpson. Paul Thompson! ... Né, quando falou em história oral, todo mundo vai lembrar do Paul Thompson!

Luzia: Hã hã.

Ivete: O Joutard! Aquele ... "Essas vozes que chegam do passado"! Aí é importante ler o Bloch, do ... o que é ... "O ofício do historiador", né. Então eu acho esses ... esses textos bem interessantes! Isso você perguntou ... como que foi a pergunta? Do começo? Qual a fundamentação teórica!

Luzia: Isso.

Ivete: Tá. Não é que eu pensei de repente quando eu fui trabalhar com uma aluna, que a gente fez um projetinho ..., usando algumas coisas de metodologia de história oral, né! A primeira coisa que eu dei pra ela ler era o quê que era a pesquisa qualitativa, né. Porque quando a gente tá na graduação, uma coisa é: "ah pesquisa? Então vamos lá tabular ..." [risos]

Luzia: Hã hã.

Ivete: Acho que é imediato né! Mas aí é outra questão.

Luzia: Então você vê, é ... só pegando isso agora, a história oral como uma metodologia, é ...

Ivete: Qualitativa.

Luzia: Qualitativa?

Ivete: Sim.

Luzia: Qualitativa.

Ivete: Sim. Metodologia de pesquisa qualitativa.

Luzia: Então tá jóia! Era isso assim.

Ivete: Ufa!

[risos]
Luzia: Muitíssimo obrigada.

Ivete: Imagina! O que você precisar!

Luzia: E aí ... assim que eu conseguir transcrever, textualizar, trago pra você dar uma lida!

Ivete: Tá jóia!

Luzia: Tá bom?

Ivete: Espero não ter falado um monte de besteira!

Luzia: Ah tá ...

[risos]

Luzia: Imagina! Obrigada!

<u>Transcrição da entrevista realizada com Michela Tuchapesk.</u>

Luzia: Entrevista de 20 de julho de 2004 ligada ao projeto de pesquisa "História Oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes". E ... eu queria que você se apresentasse primeiro ... antes da gente conversar.

Michela: Então, eu sou a Michela ...Tuchapesk e ... bom ... ex - aluna do mestrado ... né eu defendi o mestrado agora dia 04 de abril e ... o que mais você queria que eu me apresentasse?

Luzia: Ah, o que você achar interessante, o que você gostaria de falar...

Michela: Ah eu fiz graduação em Matemática na UFSCar e aí pós – graduação ..., passado um ano né, eu vim pra UNESP fazer o mestrado! Em Educação Matemática, que era o que

eu queria mesmo assim, era a minha ... vontade. E aí hoje, após o mestrado, eu estou dando aula no Ensino Médio, numa fundação municipal lá de Piracicaba e ... é isso assim. Ainda, de alguma forma eu tô vinculada com a pesquisa né, fazendo parte do grupo de história oral [risos].

Luzia: Hã hã.

Michela: Pretendendo fazer o doutorado, não sei esse ano né, se vai dar, ... mas acho que de alguma forma é isso, se você quiser me perguntar mais alguma coisa você me pergunta.

Luzia: Ã ã, eu acho que é isso. E assim eu queria que você começasse falando pra mim um pouquinho dos seus primeiros contatos, dos seus ... primeiros contatos, da sua experiência e do significado que tem pra você trabalhar com história oral.

Michela: Então..., eu vou contar um pouquinho a minha trajetória, do porquê que eu trabalhei com história oral!

Luzia: Hã hã.

Michela: Que eu acho que é bem, bem interessante né. Porque eu entrei nem sabendo de história oral, meu projeto nem pensava em história oral, não tava nem, não tinha nada de história oral, eu nem sabia o que era história oral!

Luzia: Tá.

Michela: E ... só que aí ..., digo o meu projeto visava o quê? É ... estudar o fracasso escolar na matemática considerando a relação escola-família, era isso que eu queria! E aí nesse caminhar aí do projeto, eu tava querendo então conversar como que eu ia estudar a escola, família e matemática, que eu ia conversar com os alunos e tudo mais ... o Carrera veio com a idéia: "Vamos trabalhar com autobiografia!" O que me fez ler teoria referente a história

oral né, porque ... na história, ele me trouxe referências de história oral que falam de autobiografia, e aí eu fiz uma salada no meu primeiro capítulo.

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque toda vez que os livros de história oral trazem autobiografia, eles ficam relacionando com história de vida, com biografia, e aí cê fica ... eles ficam comparando, relacionando ... e aí no meu primeiro capítulo que eu falava de autobiografia, eu fiz uma salada, eu falava assim: "olha meu trabalho não é história de vida!" e depois, de alguma forma lá pra frente eu mostrava que era história de vida.

Luzia: [risos] hã hã.

Michela: Por quê? Porque pra mim era muito confuso, eu não sabia nada de história oral, né eu não tinha lido nada a respeito, mas lia sobre a metodologia de história oral, por exemplo e aí envolve a auto-biografia, a biografia, a ... história de vida, e tal. Então foi o primeiro contato né, com algumas coisas assim, com alguns livros de história oral, mas sempre assim ... é só voltado assim ... aqueles capítulos que falavam da ... metodologias assim, onde aparecia lá história de vida, autobiografia. Tá bom, li tudo... Depois disso, quando eu fui fazer as entrevistas, acho que o Carrera, por estar imbuído com as coisas de história oral, me dava assim dicas, procedimentos de ... historiadores orais ao tratar com a pessoa no auto ... na entrevista: "Olha, é interessante a pessoa se soltar, remeter ao passado, à infância", alguns tópicos, e aí também falava: "Olha, leia o Thompson, só a parte de entrevista", certo? Então eu ia começando a ler algumas coisas de história oral, mas como eu tô dizendo, na metodologia da história oral assim né.

Luzia: Hum hum.

Michela: O que pro Carrera, e pra mim, não signi... não implicava que o meu trabalho fosse em história oral, só por eu estar só utilizando esses recursos, o que é uma verdade né,

a gente pode utilizar sem dizer que era história oral. Aí, uma outra coisa que fazia [...], mas em todo caso achava que o nosso, o meu trabalho era de antropologia ... social né. Mas aí uma outra coisa que levava a gente a pensar que era história oral, o meu capítulo teórico eu era assim, tratando da relação escola-família, eu tratava ela toda historicamente! Então eu pegava lá um livro do Philiph Ariès, que ele conta a história, a relação escola-família desde os princípios do ..., os primórdios do século assim, entendeu!

[risos]

Luzia: Hã hã.

Michela: Como que co... como que iniciou essa rela..., "como que a família se relacionava com os filhos?", "como que a família se relacionava com a escola?", "quem ia pra escola?", "qual era a escola?", "como era a escola?", "como é a relação escola-família?", tudo isso. Aí eu ia, eu ia caminhando desde o início dessa relação, que não existe ainda a escola, tinha até que contar, eu até ... li coisas assim ... de não chamar escola, liceu, que eram os clérigos, que eram ... até os dias de hoje, como era essa relação com a escola, cê entendeu, então eu trazia, eu traçava essa linha histórica de ... da relação escola-família. Então eu tratava isso porque eu tinha um histórico! Bom, até aí também, nada de história oral né! Tudo bem, ah ... a maioria das pessoas que vão fazer um estudo vão a fundo no que se fala a respeito daquilo né, e tal. E aí a gente veio pra ... então o Carrera falava assim: "Olha ...", eu lembro que a gente nem comentava muito disso, levemente o Carrera falava assim que podia ser história oral né, mas por exemplo apresentava em congressos, EBRAPEM e tal, e não falava que era história oral o meu trabalho, né! Eu falava que era um trabalho do cotidiano escolar, se eu não me engano, uma coisa assim. E aí na ... na qualificação, que a gente até chamou um antropólogo e chamamos o Vicente por causa de ser um educador matemático e por causa da história oral também né, aí o antropólogo vira e fala assim: "Olha, o seu trabalho ...", e aí eu trouxe ... qual era da minha qualificação? Esse capítulo histórico, vamos dizer assim né, que tem todo uma ... a gente pode até dizer bem de leve que era uma genealogia da interação, da relação escola-família. E o fracasso, isso tudo tava ali do ladinho, coitado! Sabe ...

Luzia: Ai meu Deus! [risos]

Michela: Como eu tinha que falar do fracasso, apareceu alguma coisa do fracasso mas eu não tinha ...

Luzia: Explorado...

Michela: Misturado ele com tudo né! Tava ali do lado assim, por isso que até ele foi embora assim né, de alguma forma. E aí esse cara que era justamente pra falar assim né: "Não é história oral o seu trabalho" né, ele vira e fala assim ... Então tava meio assim a dissertação: esse capítulo, a autobiografia e aí veio a entrevista onde eu tinha um monte de ... tinha o Thompson na entrevista, parará, e toda entrevista naquela forma, que geralmente quem é da história oral que faz né, toda entrevista já naquele formato de não ter pergunta, já meio que textualizada né, agora nem sei mais se eu falo outra palavra, meio textualizada!

[risos]

Michela: Tem que decidir o que é que é pra nós, cada um.

Luzia: Hã hã.

Michela: E aí ... e depois o Carrera começou a pensar em tendência, o que pra mim era uma coisa que ..., eu não entendia o que era tendência, aquela coisa que foi difícil pra mim cair a ficha do que era tendência sabe, hoje é uma coisa que ... parece clara mas, nossa ... o Carrera falava, falava ... e não caia a ficha, eu li aquele capítulo e viajei ... também e não caia a ficha. E aí ..., mas o Carrera pensava em trabalhar com a tendência porque eu acho que ele via né, esse capítulo meu histórico aí e falava: "Poxa, dá pra pegar as idéias do hoje e ... e trabalhar, contrapor, fazer alguma forma com essa ... toda essa idéia que ela tem aí de ... histórica né! Tudo isso aí, esse dado histórico que ela tem." E aí então o cara falou assim: "Olha, ou o teu trabalho ..." , esse antropólogo falou, "... vai pra parte da fenomenologia

...", porque eu usava o termo compreender o fracasso, "daí você vai esmiuçar essa palavra, ou você vai trabalhar com memória e história oral", aí a gente falou assim: "Não acredito nisso!"

[risos]

Michela: E aí, coincidentemente, esse antropólogo trabalhou com história de vida e tinha um maior manejo com as coisas de história oral! E aí bateu-se o martelo: "É história oral!" E aí a gente falou assim: "Ah tá bom, é história oral, não ...". E aí eu tava achando o máximo porque eu adorava o grupo de história oral pelos motivos das pessoas que compõem o grupo, que eu considero pra caramba, acho assim, o Vicente, Vianna e Carrera, pra mim são pessoas interessantes de trabalhar, então eu achava já um grupo bem interessante assim né. Que eu falava assim: "Ai que legal ter um grupo!". E ... e aí, eu tinha também, já ouvia coisas de história oral, tal ... Então: "Ah, história oral, tudo bem!". Passou uma semana, a gente conversou depois da qualificação, eu e o Carrera, assim algumas coisas e aquela ... "Faz isso, faz isso..." passou uma semana, fui na sala do Carrera, que a gente tinha combinado, cheguei e falei assim, a primeira coisa que falei pra ele, fiquei pensando depois da qualificação nas coisas ..., ouvi a fita, que perdi mais da metade da fita, ... aí eu falei ...

Luzia: Por quê? Não tinha gravado, alguma coisa assim?

Michela: [risos] É, eu apertava só o ... eu não apertava o REC, porque a minha ... o REC fica aqui também ó, eu apertava só o PLAY, não o REC, em vários momentos, então eu não gravava.

Luzia: Hum hum.

Michela: Aí eu cheguei e falei assim pro Carrera, a primeira coisa que eu falei: "Carrera, fala pra mim, porque, justifica porque minha pesquisa é história oral? Porque eu não ... não

tô concebendo essa idéia!" Aí o Carrera virou e falou assim: "Eu também não tô!", aquelas...

[risos]

Luzia: E ele já trabalhava né, com história oral?

Michela: Já, é ele trabalhava com a Gilda ...

Luzia: Ele já era do grupo, com o Vicente!

Michela: Isso, ele já tinha o grupo, já tinha ... o grupo já tinha se reunido, ele tava, já tinha feito o mestrado com a Gilda ali, né ... tal! Aí o Carrera virou e falou assim: "Olha ..." Por isso que eu acho que deu um salto tão ...! Eu penso assim comigo que ... o Carrera tinha várias dúvidas, vários enigmas assim comigo né, e hoje eu vejo que ele, e olha quem é eu pra falar, mas eu vejo que ele tá tão maduro assim, ele mesmo assim deu um grande salto eu acho assim! Que eu acho que quando ele começou a pensar mesmo né! Aí ele falou assim, e o que pertur... ele falou: "Michela, eu também não sei porque a sua pesquisa é de história oral! A gente vai ter que encontrar justificativa!" Ele falou: "Vamos começar a ler coisas de história oral." E o que perturbava muito a gente, olha só! Uma coisa que hoje é tão óbvia! Mas o grande tiuti era assim, "Eu tô, eu tô ..." , ele falou assim: "Eu tô com a pulga atrás da orelha porque você trabalha com adolescentes!" , ele falou, "E como que a gente pode fazer história oral com adolescente?".

Luzia: Hã hã.

Michela: Foi uma ... foi um grande tchã pra nós assim né.

Luzia: Hã hã.

Michela: Por quê? Porque tava aquela coisa assim né, história oral tem que ser assim como a Sílvia, a Gilda, trabalhar com décadas né! Pegar alguém da década de 50, de 70 ... tempo longo! E que que a gente tem, como a gente vai falar que é história oral com ... com adolescentes né!

Luzia: Só olhava a história oral num passado assim, meio distante né?

Michela: É, até pro Carrera tava isso assim muito forte! Aí a gente começou a ler várias coisas de história oral, aquele livro "Século XXI" lá, né. E aí aparecia várias vezes assim em ... gente importante da história oral falando ... o Joutard e outros falando de história com crianças, história com crianças ... história oral com crianças! E aí a gente falou assim: " Ah, então peraí né!" Então eu lia as coisas e buscava ..., eu lembro que eu li os livros de história orais, história oral, esses que a gente costuma ler, e eu buscava assim, justificativas sabe, coisas que eles falavam, apontavam, coisas significantes e que justificavam o meu trabalho!

Luzia: Hum hum.

Michela: E aí a gente se reunia e falava assim: "Ah lá ó Carrera, tá justificando. Meu trabalho é sim de história oral!" Então a gente buscava ..., não querendo que ele fosse né assim, se a gente visse que não fosse então não ia ser mais, né!

Luzia: Mas argumentos pra poder ...

Michela: É, a gente buscava argumentos: "Olha, caminha pra história oral!" E aí ... e aí foi então que a gente viu que era uma história oral do presente! Uma frase que o Vicente falou na qualificação! Mas passou meio assim, desapercebido. Mas o Vicente falou: "É uma história oral do presente!", né, porque é como se eu olhasse hoje, como essa relação se dá, como essas pessoas pensam e aí fosse contrapondo, fosse relacionando com toda uma história, com todo um século até hoje, a relação.

Luzia: Hum hum.

Michela: E aí a gente falou: “Não, é história oral, tá tudo bem!”, né. Mas demorou! E o Carrera ficou todo assim: “Ai, será que é?”. Será que não é melhor a gente encostar [a porta]? Eu acho, porque os barulhos externos ... E, aí foi isso, aí assim a gente foi ... é ... como fala ..., justificando pra nós mesmos que era, que o trabalho era de história oral e ...!

Luzia: Então assim, a priori não foi uma opção?

Michela: Não.

Luzia: A história oral foi mesmo um indicativo na banca e aí vocês correram atrás de ...

Michela: Foi.

Luzia: De estudar sobre isso?

Michela: É e foi uma coisa assim, eu acho que ... influencia, não tem como né! Por isso que hoje eu vejo assim né, que quando você vai fazer um trabalho, uma pesquisa, você tem que ... estar envolvido nas coisas que o teu orientador faz, porque tem tudo a ver né, eu querer estudar o que ele estuda. Então não que o Carrera, não ... ele, mas por ele estar imbuído com isso, ele de certa forma foi me dando coisas que me levaram pra história oral né! Mas eu tinha uma grande vontade também de ir pra história oral, de conhecer e de ... Tinha uma grande vontade e uma predisposição e uma ... queria mesmo conhecer, quis justificar e tal ...

Luzia: Então você não participava das reuniões do grupo ainda e tal?

Michela: Não. Não, só depois que eu defendi né! Acho que assim, um pouco antes, depois da qualificação ... ainda eu ficava assim: “Ai, será que eu sou do grupo e tal...?”

Luzia: [risos]

Michela: Aí depois de um tempinho que eu comecei a participar! Mas, não foi ... foi uma coisa que aconteceu né! O trabalho teve, começou a ter essa cara depois da qualificação mesmo! E aí inclusive é..., como foi tão difícil esse percurso de falar que a pesquisa é de história oral, foi muito difícil! Eu acreditar nisso e justificar pra mim mesma, que eu ... foi meu último capítulo né! Eu vou falando assim, tudo que aconteceu e no último capítulo é história oral, porquê? Porque foi a última coisa que eu escrevi, foi a última coisa que eu ... porque eu quis mesmo, porque eu falei: "Carrera, eu vou fazendo tudo e aí ..." Porque daí eu já tinha, a questão da tendência eu já tinha pego e tal! Aí eu falei pra ele: "Eu vou ... porque assim eu tô discutindo com o grupo, eu tô ouvindo, eu tô lendo ... e eu quero fazer isso a hora que eu tiver madura, escrever aquele capítulo! Pra escrever com convicção, acreditando e tal ... E ... e aí, foi por isso que aconteceu daquela forma mesmo, foi só quando eu tava assim, com as ... com a ferramenta na mão, falando: "Não, é história oral!", aí que eu fui escrevendo, justificando e tal, porque eu justifiquei porque que eu falo que o meu trabalho é de história oral né! ...E aí ...

Luzia: E aí, no meio da sua fala assim, você falou que agora você tem uma idéia clara do que seria tendência, textualização. Então assim, o que seria então assim, pra você hoje?

Michela: Não, então a questão da textualização eu te falei, eu acho que o grupo teria que ... é uma coisa que o grupo teria que definir. Porque eu acho que é que nem a gente fala né, uns falam que a textualização é só ... é a incorporação da pergunta no texto, né, ou então a textualização..., a incorporação da pergunta..., eu utilizei, agora nem me recordo assim se for falar pra você ..., mas eu sei que eu falo que a textualização é a incorporação da pergunta no texto né e também assim ... arrumar as idéias, por exemplo, se tem uma idéia lá no fundo que também foi abordada no início, colocar ela perto e tal ...

Luzia: Você acha que isso ainda no grupo tá um pouco ...

Michela: Eu acho que tá divergente, ainda mais quando fala aquela coisa que eu uso que é a transcriação, né!

Luzia: Hum hum.

Michela: O teatro de linguagem eu tirei né, da minha ..., se eu não me engano eu tirei da minha dissertação, que eu utilizo isso. Porque daí é um recurso mais pro que o Vianna fez, né. Mas a transcriação eu falo que eu usei, né, que é quando eu falo assim que eu tentei deixar ao máximo com a cara da pessoa. Que é uma coisa que eu queria mesmo, porque pra mim, quando eu ia na entrevista, como eu entrevistei família, pais, professores assim..., foram mais as famílias assim que me comoveram assim. Eu saía tão ..., eu saía até emocionada assim, sabe, de ver eles falando das coisas da escola, da matemática, da fa ... e aí assim, sabe quando você fala assim: "Eu queria que as pessoas ouvissem isso"? Mas ouvissem eles falando isso. Então eu falava: "Carrera, eu queria assim, conseguir mostrar o que eles falaram né!"

Luzia: Tá.

Michela: E, por fim essa coisa é complicado porque a gente não consegue, não tem na verdade um tempo hábil pra fazer tudo isso né! Mas pra mim, eu chamei de transcriação isso! E é o que eu falei pra você outro dia aqui, eu falei: "Carrera!". Quando eu falei, no meu seminário, eu falo tudo isso né, eu explico o que que é textualização, eu expliquei, o que é transcriação, o que é teatro de linguagem. Aí o Carrera falou assim quando acabou o seminário: "Nossa, eu nunca ... é ... você é a segunda pessoa que eu ouço falar, explicar tão bem essas coisas, né!"

Luzia: Hã hã.

Michela: Que eu falei, expliquei lá na frente né, que tipo, o teatro de linguagem é você, é ... é como se você conseguisse transpassar tudo o que aconteceu assim, a pausa, ou a expressão da pessoa, se ela, se ela mostrou ... se mostrou mais emocionada no momento ... mais... então e ... e aí eu falei assim ... E depois que em, ... a conversa com o grupo, ele tá mudando tudo né! Você viu?

[risos]

Michela: Eu falei: “Carrera você mudou tudo né? Você tava tão convicto aquele dia!” Então eu acho que são coisas que a gente precisa definir mesmo no grupo! Não sei também se tá na hora da gente definir assim, acho que a gente tem até que estudar mais e ver mais, né! Mas, eu acho que cada um tá pensando uma coisa assim né. Eu mesmo coloquei transcriação e não sei se é transcriação que eu fiz! [risos] E são coisas que eu acho, que quando o grupo tiver mais consolidado, é importante, porque você tá usando um termo, é importante ter um sinônimo pra ele ... e o mesmo sinônimo né, que que é isso! Transcriação é isso mas também, também é isso, né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Quem for ler tem que ter: “Ô, peraí né!”. Mas assim é uma coisa que hoje em dia não tem né, uns falam ... textualização eu conseguiria definir como assim, incorporar a fala no texto né, e o texto ficar em relato de primeira pessoa! Que é como você lesse e ouvisse a pessoa falando né, lesse a pessoa falando né: “Eu ...” , não é você falando né e sim a pessoa falando né!

Luzia: Esse seria o discurso do grupo assim, majoritário? E aí pra você inclui aquela alteração de ordem ...?

Michela: Então, eu não fiz com alteração de ordem, é ... eu só fiz essa ... essa incorporação da pergunta e relato de primeira pessoa.

Luzia: Hum hum.

Michela: Mas eu não fiz inversão. Eu acho que pra mim textualização assim, se você perguntar hoje ... é o que eu fiz ..., mas eu acho que inclui também o ..., a textualização ainda inclui esse ... mudança de ordem ... das idéias.

Luzia: E porque que você textualiza assim, você vê uma necessidade pra isso?

Michela: Então né. Isso aí caiu na minha qualificação ... na minha defesa!

[risos]

Luzia: Hã hã.

Michela: O Vianna falou: "Você escreveu que é só pra tornar mais agradável!", né. É ..., então eu acho que uma das coisas é tornar mais agradável a leitura, porque ... porque ao momento que se torna agradável a leitura, ...

Luzia: Hã hã.

Michela: Pode ficar de olho [no gravador]. ... é ... você consegue realmente, porque eu acho que as entrevistas pra gente é importante mesmo, são considerações, por exemplo, do cotidiano escolar, do fracasso, das relações professor-aluno, considerações importantes de ser lida e refletida e como a gente sempre fala: " O que eu leio e ... e penso a respeito, não é o que você lê, o que você pensa a respeito!". Então deixando aquilo daquela forma, você pode fazer indícios e considerações diferentes da minha, por isso que é interessante a nossa, as nossas entrevistas lá no meio, isso eu acho uma grande contribuição, o que as pesquisas vêm trazendo né. E aí eu acho que a textualização facilita isso, porque ir ouvindo a pessoa falar em relato de primeira pessoa, facilita mesmo você ir incorporando o que ela pensa, porque não quebra né, a idéia, você vai ouvindo e vai trazendo aquilo. Então contribui pra essa compreensão melhor mesmo do que a gente quer passar né. E pega ... então o agradável ..., não é tanto o agradável, acho que a idéia é mais ... é isso, é você conseguir com que o leitor traga ... compreensões, tire conclusões ... dele mesmo né e depois, ao ler a minha, argumente, concorde ou não. Então eu acho que mais nesse sentido acho que a ... hoje eu penso que a textualização contribui né. Porque a gente cresce pra

caramba né! Quando a gente entra aqui a gente vê muita ..., lê, lê dissertação pra fazer o projeto e é sempre aquele esquema ... até um pouco atrás era só aquele esquema, né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Pergunta – resposta, ou então ... trazia aquela frase do cara pra dentro do texto né, mas você não via todo o texto né! E aí a grande sacada que eu vi de fazer isso, de trazer toda a entrevista é isso, de você ler o depoimento da pessoa e tirar as suas considerações sem ser influenciado né pela consideração do ...do ... do cara que fez a dissertação né!

Luzia: Tá certo.

Michela: Acho que é a grande ... vejo que é uma grande melhora, ... contribuições assim.

Luzia: E aí quando você fala assim é ...: "Colocar a entrevista no texto ...pra pessoa ver", é ... essa entrevista no texto é a textualização?

Michela: Isso.

Luzia: A transcrição não ... não é colocada no texto da dissertação ...?

Michela: É, eu pus só a textualização! Aí a transcrição foi pro ..., literal, foi pro CD-Rom, né.

Luzia: Hum hum.

Michela: Porque aí cai naquela discussão de ... eu textualizei, eu já dei uma cara que eu queria dar e tal. E aí essa discussão acho que tem pano pra manga mesmo e eu acho que é uma discussão pertinente de ser discutida mesmo né! Mas ... mas aí é aquilo, a gente textualiza, eu pelo menos textualizei, com a intenção, aí é por aí ó, com a intenção da pessoa enxergar o que eu enxerguei!

Luzia: Tá.

Michela: Tá vendo como já é uma visão da gente, né! Porque eu lembro que eu falei: "Ó Carrera ... ai Carrera eu saí até emocionada! Como eu queria que as pessoas vissem aquela ... lessem aquela entrevista e tal." Tá vendo como é ... eu queria que ela visse o que eu vi né!

Luzia: Que ela tivesse a mesma emoção né!

Michela: É, né! Então é uma coisa já que é da gente né. É ... eu acho que não adianta você querer fugir, cê tá entendendo..., cê faz um trabalho, é o seu trabalho. De alguma forma é a tua visão que você quer mostrar e aí ... mas aí é ... pode ser que você ouvisse aquela entrevista e não se emocionasse, e achasse tudo muito assim né! Mas eu trouxe ..., era a textualização dentro! Porque a literal é complicado também né! Até a textualização, fala a verdade né, já ... pra quem não tá acostumado, não adora ler entrevista cansa, porque a minha ... a minha ... o meu ... a minha dissertação tem ... é ... lembro que ... três quartos dela é entrevista e um quarto é eu escrevendo! Então se você não gosta de ler né, se você, já é ... já com a textualização já é ... algumas vezes já é maçante né! Porque é maçante né, sem textualizar então!

Luzia: Hã hã.

Michela: E não dá nem pra entender né! Quando cê tá ... você vai transcrever o que eu tô falando e vai pôr pro papel, se a pessoa vai ler ela não entende, cê tem que dar uma arrumada né!

Luzia: Hum hum. Tirar os vícios de linguagem que ficam da fala e tal ...

Michela: É. É ... e as pessoas ficam super nervosas quando você leva o literal pra elas verem: "Ai meu Deus, vai ficar assim horroroso!".

Luzia: [risos]

Michela: A gente fala: “Não...”. Né, mas ...mas tem que ... textualizar contribui pra isso né!

Luzia: Tá certo. E assim, como você definiria a história oral?

Michela: Pergunta difícil.

[risos]

Luzia: É.

Michela: Essa pergunta é bem do tipo do Vicente mesmo!

[risos]

Michela: Como que eu defino a história oral? Assim ... como que cê quer que eu fale, como que eu defino história oral? Porque pra mim é muito abrangente essa pergunta, é muito ... você podia falar assim: “Como que você define a história oral na Educação Matemática?”. Não sei, eu tô pensando, tá passando um monte de coisa ...

Luzia: Hum hum, você não tem uma visão do que seria ela assim, de uma forma geral?

Michela: Ó, eu posso começar falando assim ... que a história oral é ... é a gente tá, por exemplo, trazendo historicamente, registrando historicamente, né, de alguma ...! Registrando... relatos orais de acontecimentos, vamos dizer assim, que é ... , relatos orais de acontecimentos né! Da vida pessoal, é ... da vida social, do trabalho ... é o registro de relatos orais, vamos dizer assim! A história oral? Assim, não sei né!

Luzia: Hã hã. E aí dentro da Educação Matemática você acha que ela ganha alguma cara especial, ela seria isso mas com assuntos ligados a Educação Matemática?

Michela: Então, é ... Você quer saber dentro da história ... da Educação Matemática, a história oral?

Luzia: Isso.

Michela: Eu acho assim, eu penso ..., até depois daquelas discussões que houve aqui no grupo, de ... o porquê né da gente ter o grupo "História Oral e Educação Matemática"! Eu acho que o ... o grupo "História Oral e Educação Matemática", ainda não agora mas daqui a pouco, ele vai conseguir fazer uma coisa que eu acho que ainda falta na Educação Matemática, que é ... não é consolidar, que eu acho que essa não é a palavra, eu acho que tá consolidado né! Mas é, mostrar ... é explicar o que é Educação Matemática ou o porquê Educação Matemática né, vamos falar assim ... porque que que a gente, como o reitor falou pra gente, porque que a gente não vai, não fica no departamento de Educação? E lá ter a linha de pesquisa Educação Matemática? Por que querer o departamento de pós graduação em Educação Matemática né? Porque que que a gente tem que ser esse departamento e não nos vincularmos a ... ao departamento de Matemática Pura ou Educação? E aí eu acho que é sim, essa questão é uma questão que não é respondida, assim! Acho que se a gente pegar muito ... muita gente não sabe falar ainda porque a ... o que é Educação Matemática, o que vocês estudam, porquê ... Eu acho que o nosso grupo, esses estudos dos grupos né, da SBEM, grupo que a Helô estuda, que a Gilda ... esse resgate dos ... de educadores matemáticos, ou da história do início da ... faculdades de matemática, licenciatura de matemática, eu acho que tudo isso vai conseguir trazer pra gente um perfil da Educação Matemática assim, o que que a gente pensando ... o que tá sendo a Educação Matemática, o que ... como que a gente tá enxergando a Educação Matemática, como ela tá se construindo, assim... eu acho que a gente vai conseguir ... mostrar essa cara, né! Que pra mim ainda não é muito ... definida, é uma cara que não é muito definida assim.

Luzia: Entendi.

Michela: Eu acho que a história oral, o nosso grupo vai poder contribuir pra essa ... forma assim, pra mostrar, pra formalizar, não é formalizar né, é formar mais! Mas aí é difícil essa frase sabe! É uma pergunta ... perguntar assim: "o que você entende por história oral?", eu me acho tã pequenininha ainda estudando história oral, que eu acho que eu não consigo te falar assim: "Ah o que que é história oral pra você?". Né, que nem quando eu te falei que a história oral é o ..., ao mesmo tempo que eu falava pra você que é pra ver o relato ...oral e da ... é ... e aí me vem um monte de coisa: "Mas peraí, a história oral não é ... a oralidade? Não é a fita? Porque que eu tô falando que a história oral é o relato escrito?" Você tá entendendo?

Luzia: Hã hã.

Michela: Aí vem toda aquela coisa que a gente discute: "Mas e aí? O documento é o quê? É a fita ou é o ..." Então ... ainda me vem Luzia ... mil dúvidas, de te falar o que que é história oral! Sinceramente, eu não consigo te falar assim: "Ó é isso história oral!". E eu acho que eu ... não sou a melhor pessoa pra te explicar ...

[risos]

Michela: Eu sei que eu tô ... assim ... querendo construir pra mim o que é a história oral, o que a gente tá querendo fazer ... tá muito ...

Luzia: Quando você foi me falar do início do trabalho, dos seus primeiros contatos, aí você me falou assim ... que você lia só a parte de metodologia ...

Michela: Hum hum.

Luzia: ... da história oral, então assim, me deu a entender que existiam outras partes então, que não era a metologia, a história oral ...

Michela: Hum hum.

Luzia: ... era uma outra coisa ... então assim, foi mais nesse sentido que eu tinha te perguntado né, porque aí você falou: "Eu li aquela parte, mas eu li só aquela da metodologia mesmo e tal!".

Michela: Hum hum. Ah é como se eu fosse lá no livro e o Carrera falava assim: "Ah, lê tal capítulo." , como se eu fosse lá no livro e tivesse assim "Entrevista", sabe quando você vai naquele tópico? "Autobiografia", "História de Vida".

Luzia: Hã hã.

Michela: Sabe quando você vai naqueles tópicos né! Então algumas coisas assim ... específicas assim, que só trata daquilo né que nem aquele livrinho ... o manual do Sebe tem, por exemplo né, o livro do Thompson tem aquele capítulo "Entrevista" e aí depois tem ... tem a Pereira, uma autora que trata de autobiografia e relaciona com história de vida também ... Né por que eu fui buscar só essas considerações assim sabe, porque eu queria saber o que era autobiografia, mas aí depois eu vim a saber que eu podia ter buscado autobiografia em outras fontes que não eram de história oral né! Que eu poderia ter lidado com autobiografia, mas eu fui, que eu acho que eu fui, que eu acho que aí por conta da ... do Carrera, eu fui ler livros que tratavam da história oral e aí ficavam dissertando sobre história de vi ... sobre ... a autobiografia, o uso da autobiografia na história oral. Então quando a gente fala assim: "Quais são as formas de você captar, a oralidade da pessoa? Captar a história de vida quando a gente vai fazer a história oral?" E aí eles falam: "Olha, você pode fazer história de vida, você pode fazer relato pessoal, você pode fazer biografia, autobiografia ...", então eram as forma de captar o relato ... captar o relato da pessoa, né. E aí eu ia, nisso tudo, eu ia tentar encontrar a autobiografia! É o que ficou um balaio de gato meu capítulo na primeira vez, porque ... eu fiz a maior confusão!

Luzia: Hum hum. Entendi. E aí eh ... você tava me falando então que não foi assim, um opção né, você não fez essa opção, mas hoje assim pensando né que você usou a autobiografia com um viés assim na história oral e tal... e assim você percebe hoje olhando pra isso, que é ... você teve algumas vantagens ou ... foi melhor num certo sentido do que se você tivesse usado autobiografia segundo uma outra teoria? Teve vantagens em ter usado a história oral? Pro objetivo inicial que você tinha de discutir a relação escola-família?

Michela: Ai, eu não consigo falar onde eu vejo vantagens! Eu só consigo falar que foi uma coisa que me ... empolgou bastante! Eu falo pro Carrera assim que ... pra mim, ter usado história oral foi a grande ... o grande ... a grande empolgação que eu tive no meu trabalho, sabe! Parecia que o meu trabalho virou "o trabalho"! Sabe quando há um ... tem algum quêzinho que te empolga?

Luzia: Hã hã.

Michela: Pra mim foi o fato de ter começado a pensar em história oral e ter usado a história oral assim né. Tentar justificar ..., e aí ... a gente vê muito aquela questão de você dar voz aos excluídos, e aí você encontra nas entrevistas o quanto na escola os professores mesmos, a família, os alunos ... são pessoas que nunca tem voz ... Que nem tem muita gente que fala do fracasso e ... e pega ... o professor vai denotando de cara que ou é por causa do pai, da família e aí você nunca ouve a família, o que ela fala disso, e você nunca ouve também o aluno, só sabe que ele é fracassado né, faz testes com ele e as exceções ... dissertações mostram que ele é ... fracassa né! E isso não é ouvir o lado do aluno né, você não ouve o lado da posição do professor ... e aí essa idéia de tá ouvindo todos os lados, as considerações ... e pensar essa questão de que a gente exclui essas pessoas da sociedade né, dá a voz àqueles que parecem que podem dar a voz, que tem qualidade pra dar a voz!

Luzia: Hum hum.

Michela: Eu não sei, sei que a história oral, eu falo pro Carrera, falo: "Ah Carrera, ela me deu uma empolgação assim", sabe quando te dá um: "Ai, que legal né!".

Luzia: Hã hã.

Michela: Você consegue terminar, fazer uma coisa interessante. E ela ... agora se foi vantajoso ou não, eu sei que ela me estimulou! E ainda o Carrera falou assim: "Ah não, se o seu trabalho fosse pra antropologia, também ia ser!". Pode ser, mas eu vou te falar a verdade, eu não li nada né, eu não ... eu não tive essas ... esses dois viés e decidi: "Eu vou pra esse!".

Luzia: Hum hum.

Michela: Decidiu-se que eu ia pra ... pra história oral e aí eu me aprofundei nela e fiquei. E aí se foi vantajoso ... foi vantajoso no sentido de me dar ânimo assim, de me empolgar né!

Luzia: Tá certo.

Michela: Mas daí, se é uma vantagem eu não sei assim. [risos]

Luzia: Hã hã.

Michela: A palavra acho que não é essa assim, de ter visto alguma vantagem né! Acho que não ... a vantagem foi eu descobrir né essa ... esse ... essa teoria ... e querer, eu acho que é sempre assim quando a gente descobre alguma coisa que é interessante, eu acho que estudar história oral é muito ... eu me empolgo! Eu acho interessante, me dá vontade né!

Luzia: Hã hã.

Michela: De ... de relacionar ... essas coisas da história e dos porquês, da gente relacionar, a gente questionar, tudo o que faz a gente fica se questionando, vendo se é se não é e cai e volta né.

Luzia: Hã hã.

Michela: Eu acho que isso aí dá uma empolgação, você ficar querendo provar né, justificar porque as coisas ... tem isso, tem a ver, aí eu acho que isso aí foi ... deu um gás no meu trabalho né!

Luzia: Hã hã. Então, o termo vantagem era mais nesse sentido né, você usando uma teoria ou outro você tem certos ganhos em uma que pode ser que você não tenha na outra mas tenha outros tipos de ganhos. Então, eh, nesse sentido, de que ganhos a história oral teria te permitido no trabalho, né, que uma outra teoria não ...!

Michela: É pensando assim se eu tivesse utilizado, que eu tinha todo um capítulo teórico que foi até, deixa eu falar ... eu tinha muita leitura de relação escola-família, porque eu fiz uma disciplina que trabalhou só com isso por seis meses.

Luzia: Hã hã.

Michela: Então eu li tudo assim, li tudo? Li muita coisa. E se eu ficasse só naquilo com que eu fiz, meu trabalho ia ser muito bobo, eu acho assim não ia ter me dado empolgação sabe! Tá bom que eu ia fazer lá umas considerações, mas ah daí então, eu queria trabalhar com a história sabe!

Luzia: Hã hã.

Michela: Ter ... e mesmo essa questão sabe, de eu ir lá falar assim que a história oral ela é então uma ramificação da História, que tem a história então ... documental, monumental e a oral! E aí ...

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque também é interessante cê ..., que nem, eu gostei muito daquela argumentação dos emails de que nós não somos historiadores, né, que nós somos educadores matemáticos e utilizamos da história oral pra fazer considerações, reflexões nas nossas pesquisas. Eu achei bem legal essa né ... acho que foi o Vicente? Quem que falou?

Luzia: O Vicente, é.

Michela: Acho que foi o Vicente né. E ... e aí, e aí legal isso né! A gente tá fazendo isso mesmo, assim pra ... é como se você trouxesse um marco assim, né, mostrasse alguma coisa importante! Ou caso contrário minha pesquisa ia ficar assim né, sabe assim ..., aí parece que ela trouxe alguma coisa: "Olha, essa é história do presente!" E esse negócio das tendências, é interessante começar a pensar isso, você começa a pensar e é uma coisa que reflete no dia a dia assim, é interessante pensar em tendência, sabe. Pensar que: "Nossa, olha só. Antigamente as coisas aconteciam assim e hoje elas estão assim.". E o mais curioso Luzia, que eu falei que isso bateu na minha dissertação e na da ... da Silvia. Quase não existe tendência de mudança, a maioria são de conservação! Eu tenho o quê? Uma tendência de mudança ou duas, a maioria são de conservação! Então assim, tanta coisa se modifica né, é tanto estudo, vamos dizer, tecnologia, aperfeiçoamento e nada ... e parece que as coisas ficam né, o núcleo ali, o miolo das coisas ali é o mesmo né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Isso que é mais ainda que eu faço, que eu fico ... fiquei pensando né.

Luzia: Então a tendência no seu trabalho, ela foi uma tendência histórica? De você olhar pra um certo tempo longo ...

Michela: Isso.

Luzia: ... um período longo de tempo e ver o que é na História que modificou ou se manteve...

Michela: É, eu pego, por exemplo, então eu converso muito com esse pessoal hoje né, eu falo que é história do presente. Eles falam o hoje deles né, o hoje deles que é acontecia há dez anos atrás até que ... acompanha, porque os pais falam também da vida dos filhos, então vamos ver uns dez anos de escola, no máximo. Hoje, como se dá essa relação, como se procede, parará, e aí eu trago as evidências desse hoje e encontro as mesmas evidências séculos atrás, anos atrás e aí eu falo: "Olha, essa evidência hoje é assim e há séculos atrás também é assim!".

Luzia: Hã hã.

Michela: Ou então essa evidência, outra né, é assim e há anos atrás não é mais assim né. Então eu vou, eu vou mexendo com esse sentido assim, o fato do ... do acontecimento do ... do hoje, uma idéia do hoje é a mesma idéia que eu encontro em livros né.

Luzia: Hã hã.

Michela: Que é a mes... foi a mesma idéia ou então que não foi a mesma idéia. Então eu falo que foi uma tendência história porque ... como eu falo que eu peguei aquela linha histórica, na minha teoria, aí eu vou encontrando subsídios do hoje nessa linha e vou falando: "Olha como ele foi modificando né!", ou como ele foi permanecendo!

Luzia: E ... e você chega a discutir é ... no trabalho, por exemplo assim, é ... na visão do hoje né. Se o estudo que você fez é local ou é global, se é micro ou macro, sabe?

Michela: Não.

Luzia: Se você pode olhar pra aquilo e dizer eu essa é a visão do hoje?

Michela: Então eu deixo ... eu tento deixar claro no meu trabalho que eu tenho muito medo, porque como eu trabalho com história do presente ...

Luzia: Hum hum.

Michela: É ... eu tenho muito medo de deixar essa palavra tendência, que é muito forte assim né, de falar: "Ah, isso é uma tendência!".

Luzia: Hã hã.

Michela: Tipo assim, tá acontecendo! Vai acontecer!

Luzia: Hã hã.

Michela: Aí eu justifico assim, que eu trabalhei com uma escola, com ..., na verdade assim, com seis alunos, seis pais ..., então é um estudo, eu não falei essa palavra "Micro", não falei isso, não estudei isso, mas é uma coisa interessante de estudar nos nossos trabalhos e discutir né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas eu tento deixar o ar de que ... eu não tô querendo ... é um estudo, uma história do presente e eu tô fazendo considerações a respeito, querendo trabalhar um pouco com a tendência, mostrando que ... isso eu não posso negar! E também assim, a gente não pode ..., eu tô falando com isso, com esses jovens, com esses pais, mas assim, a gente pode numa pesquisa, você não vai falar que só acontece isso com esses pais, com esses jovens ..., que são jovens que assistem à televisão que todos os jovens assistem, que têm um nível social, uma cultura, um lazer que a maioria dos jovens ali daquela ...tem, então a gente pode tá ... não é uma questão que a gente vai falar: "É só com eles!", não é assim. A gente pode fazer uma pesquisa com isso porque ... são jovens da sociedade né ... de qualquer forma ...

Luzia: Você diria que é um grupo representativo?

Michela: É um grupo representativo da sociedade, só que eu tomo muito cuidado com isso. Eu e o Carrera tinha muito medo de querer dizer: "Olha, é uma tendência!" né, então a gente fala assim, "tamo trabalhando, discutindo essas relações", é uma tendência histórica porque eu analiso ela historicamente...

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas eu tomo cuidado com essa questão, justamente por causa desse micro e desse macro, mas eu não cheguei a estudar isso, mas acho que é pertinente, estudar isso daí, de micro e macro, que ... que o pessoal tá começando a pensar né! Tem tudo a ver! Viu como tá incorporando a minha ... eu falo, a minha dissertação tá tão fresquinha mas já tem tanta coisa ...

[risos]

Luzia: É porque surge um monte de coisas das discussões.

Michela: Minha dissertação tá tão fresquinha mas já tem tanta coisa que tem que mudar!

[risos]

Michela: Já tá tão ultrapassada já! É fresquinha mas tá tão ultrapassada! [risos]

Luzia: E ... assim, o que você já produziu em história oral? A dissertação?

Michela: A dissertação. E ... e aí, eu fiz aquele ..., bom antes de defender eu fiz aquele seminário né, do ... lá do ... que foi em Bauru. Mas só, eu não fiz ... mais nada assim, não produzi mais nada. E eu pretendo ... dar continuidade no doutorado com história oral também né, pelo menos a princípio assim é uma idéia.

Luzia: Hum hum. E ... assim tem alguns princípios ou alguns procedimentos que você considera que são específicos assim da história oral? Pra trabalhos serem em história oral eu deveria seguir alguns princípios ou alguma coisa que identificasse ele como trabalho como de dentro do grupo?

Michela: Assim: "Ah é história oral porque tem isso!"?

Luzia: Isso.

Michela: Então né, essa era uma coisa que a gente pensava, eu e o Carrera, porque eu falava que era uma coisa que eu ... enquanto tava tentando justificar pra mim mesma porque era história oral, eu falava assim pro Carrera: "Olha, ...", a gente chegou a uma conclusão rápida! E eu dizia pras pessoas; "Não é porque o trabalho é com autobiografia e com entrevista que é história oral!" . Isso não é né!

Luzia: Hum hum.

Michela: E aí eu eu justifico ... eu coloco na minha dissertação que ... é ... é pelo fato da gente tá respeitando o tempo, né, respeitando de alguma forma o tempo histórico aí né, e as pessoas né. Eu acho que ... aí é complicado, não sei também se eu sei te responder isso, mas esse lidar com as pessoas, que a história oral tem todo um ... dedos aí né, como lidar com o entrevistado, com a entrevista ... e tudo mais, eu acho que ... algumas pesquisas também, sem ser de história oral, tem esse cuidado! Né, não acho que isso aí é um ... é uma coisa só da história oral, acho que tem outras pesquisas que ... a Áudria mesmo na entrevista dela, por influência nossa assim né, de convivência minha, do Emerson, ela começou a fazer entrevista com textualização, a ... a ter vários cuidados na entrevista, a devolver a entrevista pra pessoa ler ... e ela fez uma pesquisa com informática né! E ela tomou *n* cuidados que a gente, geralmente, quem tá na história oral que pensa né, que lê sobre.

Luzia: Hã hã.

Michela: E na qualitativa não tava todos esses procedimentos mas ela fez né, o que é uma ética daí, eu acho que é uma ética que tem que acontecer é ... não só com as pesquisas em história oral mas nas pesquisas em ... num todo né, não só a nossa! Então eu não acho que é uma diferenciação, pelo menos não deveria ser né, tem que ser um... Mas aí tem essa questão do tempo, que pra mim na verdade ... é uma coisa ainda assim, pra gente estudar também, né. Porque a gente ficou discutindo muito: "Ah mas que tempo que é esse que a gente tem que respeitar né?".

Luzia: Hã hã.

Michela: Quanto tempo será que a gente tem que considerar? Poxa, se a gente querer mais de cem anos, mais de oitenta anos já fica dificílimo né, conversar com uma pessoa de oitenta anos, a pessoa tem que tá bem, sã mentalmente e tudo ...

Luzia: Hã hã.

Michela: Então qual é esse tempo e tal? Que eu escrevo né no meu trabalho que eu respeito né? É que eu quis, acho, mais enfocar o pro trabalho historicamente ... ai é tanta dúvida que a gente vai falando, vai começando a ...

Luzia: Hã hã.

[risos]

Michela: a gente vai pondo tanta coisa no meio, tantos porquês né? Mas eu não sei viu Luzia se eu te falaria ... é ... mas eu acho, eu é que não sei responder, mas eu acho que tem que haver um diferen ... eu acho que ... tem que haver ali uma característica nossa né!

Luzia: Hum hum.

Michela: Porque se não então não tem porque falar que o grupo é de história oral né?

Luzia: Ele se enquadraria numa outra linha já existente ...

Michela: É ... se enquadraria numa outra linha! E aí por diante, eu acho que ... é que nem se a gente perguntar pro grupo de fenomenologia, porque que é um grupo de fenomenologia né?

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque que é um grupo de informática? Eles lidam com as questões de informática e tal, eu acho que o nosso grupo tem que ter um quê, mas aí cê tá meio que perguntando pra mim se na metodologia do trabalho tem que ter uma diferenciação, não é isso? No proceder do trabalho?

Luzia: É, ou mesmo nas justificativas né, na fundamentação teórica...

Michela: Hum hum.

Luzia: Existe algo, algum diferencial que faz com que eu assuma o meu trabalho como um trabalho em história oral, por exemplo? Tem alguma coisa lá que é necessária ... ter no trabalho pra que você possa dizer: "Ah, é realmente de história oral.", ou é ... caracteriza um trabalho de história oral dentro do grupo de Educação Matemática ...

Michela: Então eu ... eu, como eu falei que o meu trabalho é de história oral, eu dei a minha definição de história! Né?

Luzia: Hum hum.

Michela: Eu ... eu acho que isso um trabalho de história oral tem que apresentar! A definição de História pra ele, ele tá falando que o trabalho dele é em história oral e aí? O

que é que você entende por História pra ficar falando de história oral? E ainda muito mais isso, o cara tentar definir o que é história oral pra ele, que nem eu tentei fazer né!

Luzia: Hã hã.

Michela: É ... a gente colocou ... nós falamos: "A gente vai dar a cara a tapa, mas a gente vai definir!", você entendeu? E aí a gente falou: "Pra nós a história oral não é uma metodologia da pesquisa qualitativa", por exemplo, "É História!", então a gente vai estudar história e ... e eu gosto muito dessa idéia, eu acho que ela é mais ... mais tchã, sabe assim?

Luzia: [risos] Hã hã.

Michela: Te dá mais responsabilidade, o que também ..., mais compromisso, então quando a gente discutiu essa idéia ..., pra mim ela foi forte! Não foi assim, definitiva. E eu acho que isso tem que definir! Um trabalho de história oral sem falar pra ele o que é história oral e como que cê tá, o que que você tá entendendo por história, eu acho que a gente tem ... a gente tem que ... isso aí o trabalho tem que ter né! E também justificar porque que o seu trabalho é de história oral e aí já começa por aí né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Meus ... meus objetivos no trabalho são esses e por isso eu tenho que utilizar a história oral e por quê? Porque a história oral me traz isso, isso e isso né!

Luzia: Hã hã. E aí se eu te perguntasse assim, "no seu trabalho qual foi a sua metodologia?". Você consegue assim delinear a cara dela assim ...?

Michela: Qual foi a minha metodologia ... como assim a metodologia?

Luzia: Porque, ... você me falou assim, que a história oral ela não ... você não vê ela como uma metodologia ou uma metodologia qualitativa.

Michela: Hum hum.

Luzia: Então você não usou ela como uma metodologia no trabalho.

Michela: É, não ..., porque quando, é, porque quando a gente fala, pra mim, quando a gente fala que vai usar a história oral como metodologia me remete a pensar que eu tenho que fazer entrevista e transcrever a entrevista, e deixar ela transcrita e deixar em anexo as entrevistas e depois levar, supostamente, levar a transcrição pra um ... como que fala? Pro acervo lá das fitas, me remete a isso ... e ...

Luzia: A alguns procedimentos?

Michela: A alguns procedimentos que como eu te falei, em outras pesquisas aqui do programa ele é ... ele ocorre e não é um trabalho de história oral! Então eu acho muito pobre, é subestimar a história oral cê falar que a gente tá usando ela como uma metodologia de pesquisa!

Luzia: Hum hum.

Michela: Por isso que eu acho que quando a gente fala assim: "O trabalho é de história oral." E coloca lá a história oral como uma ramificação da história né, e aí é ... o que que o Carre... o Vicente questiona quando eu falo isso. Ele falou assim, porque eu falo assim: "Olha, dentro da história tem a história monumental (que se estudam os monumentos), a história documental (que explora os documentos né)" e aí, a gente, no início a gente ... ainda coloquei a questão de que os documentos são ..., de que essas ambas histórias são de pessoas mortas e tal, e que "e a história oral (que estuda o relato ..., o relato oral das pessoas)" né!

Luzia: Então esses documentos, eles eram escritos?

Michela: É, seriam documentos escritos. E aí ... que que o Vicente questiona mesmo, cê lembra? Ele questiona alguma coisa...

Luzia: Que tem alguns trabalhos que não se enquandram nessas divisões ... Foucault...

Michela: Isso, exatamente. Ele fala assim, que eu tô quere..., ele quis dizer que eu tô querendo nomear: "Olha esse trabalho é monumental, esse é ...", né. Não é com essa intenção, a intenção é com a intenção de deixar ... não é ... a palavra não é status né, mas é de você mostrar onde cê tá encontrando ... onde cê tá deixando a história oral! Da mesma forma, que tem todos aqueles procedimentos históricos ... porque, fala a verdade, quando você vê que tem a história clássica e as ... os procedimentos monumental, documental e oral, você não valoriza, parece? Não sei parece que a gente fala assim né, é trazer uma contribuição histórica né! E ... não que o meu trabalho seja uma contribuição histórica né, mas ... o conjunto dos nossos trabalhos vão, acho que vão pertencer ali naquela história oral, entendeu? Que é uma contribuição histórica importantíssima pra ... pras gerações que virão e que vão estudar e que vão entender né!

Luzia: Então seria uma contribuição não só quanto ao conteúdo do trabalho mas como uma discussão de historiografia mesmo ...?

Michela: É. Eu acho que traz e eu ... é como se você desse ali um ... um maior valor, vamos dizer assim, e aí por isso que vem o nosso peso, acho, da gente tá querendo tanto definir o que é história pra gente, o que é tempo pra gente ... né. E ... e ... porque deixar ele só como pesquisa qualitativa, como, por exemplo, eu sei que ... parece que o Borba aponta na disciplina dele assim como esses recursos, transcriação, textualização, é o que eu falei, isso aí ... pra mim usar isso não é falar que é história oral o teu trabalho né, é você tá vendo o viés histórico da coisa ... das relações que você tá fazendo hoje, ela ... trabalhando com elas historicamente, né. Que é ou com tendências, ou é com história de vida, ou com ... não sei, com outra análise, mas é ... é ver historicamente e relacionar com o hoje, com o que eu fiz por exemplo né, ou então traze a questão histórica. Agora, por exemplo, a Áudria não podia falar que o trabalho dela era de história oral, ela fez entrevista ..., ela textualizou, ela

devolveu a entrevista e a pessoa assinou, ela fez transcriação, né em todas as entrevistas dela ... e aí, é em história oral o trabalho dela? ... Né.

Luzia: Hum hum.

Michela: Então, usar esses procedimentos não ... não implica que o trabalho é de história oral!

Luzia: Certo. Então você vê ...

Michela: Porque ela não vê isso, ela não vê a questão dela, não aborda a questão dela, ela não discute historicamente! Ela traz conclusões do hoje com o hoje ali, né, e não remete à história né!

Luzia: Ela não discute História?

Michela: Não discute.

Luzia: E aí, você me falou é ... que você tenta definir História no teu trabalho, que você vê isso como importante ... como você definiu no teu trabalho a História?

Michela: Então eu defini ..., eu acho que eu não defini História! Eu defini que é a história oral né, a gente tendo ... tem a história clássica, aí eu defini a história oral como sendo um dos procedimentos da história clássica né, monumental, documental e oral. E aí eu faço algumas diferenciações como eu falei do monumental que analisa os monumentos ...parará, o documental também mostro um pouco e o oral que é o relato oral de pessoas ...nesse sentido. ... E aí é assim, a gente fala um pouco dos excluídos, mas também eu não gosto de dar muita ênfase pra esse sentido assim né, porque eu acho que também não é uma coisa só de excluídos, não é vem por aí também a história oral né. Porque, por exemplo, o nosso grupo, tem pessoas ... o pessoal estuda pessoa que não é nem um pouco excluída, que tem voz ativa pra caramba, entrevistar o Rômulo! Ele tem voz ativa na Sociedade ... em vários

lugares, então ... não seria que ... não é bem, né. A ... mas aí, tem toda essa questão ... porque é assim né, esse excluído é muito perigoso né, nem sei se a gente discutiu ...

Luzia: Hã hã.

Michela: É uma coisa pra gente discutir ... outra coisa que o grupo tem que discutir. [risos]

Luzia: Hã hã.

Michela: Que quando a gente pensa em excluído já pensa naquele cara ... naquela pessoa assim, no coitado né, nessa ... o que o ... como fala, os livros trazem até essa ... essa descrição. E aí eu acho que quando eu falo do meu trabalho, é ... eu penso um pouco mais nisso, porque eu trabalhei com uma escola assim, uma escola central, mas que atende a uma periferia ... e que de alguma forma os professores não têm ... os professores hoje em dia, se a gente for discutir... é uma classe excluída né, a família ... toda essa relação tem toda aquela parte de exclusão, não ter voz, de não ter atitude ... não poder ter certas atitudes, mas aí é outra ... é uma questão também pra discutir né! Mas aí é ... por isso que eu acho bem delicado escrever isso assim: "história oral, que dá voz aos excluídos...", pôr isso aí como uma faixa né. Tem que explicar isso!

Luzia: Hã hã.

Michela: Eu acho, o grupo tem que começar a explicar o que que a gente enxerga com esses excluídos né [risos].

Luzia: Tá certo.

Michela: Eu tô falando porque é uma coisa que me pegou bastante porque ... tudo o que é da ... da ... isso eu acho que é uma coisa que ... te dá gás né, você querer lutar por causas né! Então é como se eu conseguisse ..., quando eu falo assim que meu ... que eu dei voz a essas pessoas que não conseguem ... que não têm voz né. E que ... ainda mais que é uma ... é uma

sociedade ... outros professores do mesmo ... outros professores, outras famílias se ouvem ali né, se vêem ali e então conseguem fazer parte né, como se essa voz não fosse só deles e sim daquela massa né, e que aí eu consigo com que a sociedade veja o que as pessoas pensam né. É uma coisa interessante! Tá vendo como parece que é uma coisa importante o que cê tá fazendo né! Olha você conseguiu passar pra sociedade um momento é ... com atritos assim, é ... angústias de uma classe né, de uma relação que é importante pra sociedade, na educação, e que ninguém ouve!

Luzia: Hum hum.

Michela: E aí eu falo assim ... e é legal que quem falou seja a voz de outros também que tão ali e que não falaram pra mim, mas é ele, são eles falando né! Então eu acho assim, você começa a ver que o seu trabalho é político, teu trabalho vai ter uma repercussão, que é uma coisa que você quer né, não é aquele trabalho assim: "Fiz!" né!

Luzia: Hã hã.

Michela: E aí, passa ... pro cara da academia essa questão de você ... querer mudança né! Mostrar o que tá ... uma coisa assim. É isso que eu acho que a história oral ... me trouxe sabe. Esse gás assim né, de uma certa forma de eu ficar pensando nisso né ... de eu ... daquelas pessoas serem as vozes de outras pessoas que tão nos lugares delas e que não tão falando! Sabe? Você querer falar: "Tô mostrando uma realidade interessante, bonita, feia ao mesmo tempo!", tudo ali não é só, não tô mostrando coisa ruim, tô mostrando coisa boa também sabe!

Luzia: Hã hã.

Michela: Eu não quero denunciar coisas!

[risos]

Michela: É mostrar coisa boa e mostrar coisa ruim, vamos dizer assim né. Então, por isso que eu falo que a história oral me deu todo esse ... esse tchã assim né, essa ... ah ...

Luzia: Hã hã.

Michela: Que eu gostei bastante de conhecer assim.

Luzia: Tá certo. E aí voltando um pouquinho naquela questão da História. Você falou que discutiu os tipos de história, falou da história clássica ... e também da necessidade de ter essa definição no grupo é ... você acha que existem definições que não permitiriam, por exemplo, o uso da história oral? Se eu penso história oral de uma certa forma ou de outra, é ... existe alguma forma de pensar História que ... não me permitiria, por exemplo, o uso da história oral?

Michela: Ai não ... não sei se eu entendi. Você tá querendo dizer se eu acho que temos que padronizar o que pensamos de história oral e de História?

Luzia: Não, não. Assim, olhando pra ... pra literatura existente assim, que discute História, que discute fontes históricas é ... você acha que existem algumas definições de História ou alguma coisa nesse sentido que ... é ... desconsidera, por exemplo, a oralidade? Então se pensar em História dessa certa forma eu não poderia usar a história oral, por exemplo? Eu teria que ter uma concepção específica de história que ... tornasse viável, ou possível ou aceitável a utilização de história oral?

Michela: Não entendi ainda, cê acredita?

[risos]

Luzia: Acredito! Meio confuso né?

Michela: É ... meio confuso! Fala ... vai falando!

[risos]

Luzia: Se eu penso história oral de uma certa forma eu tenho que pensar ela ... História né, de uma forma específica pra que eu possa utilizar a história oral?

Michela: Hum.

Luzia: Existem pensadores é ... pesquisadores que pensam a História de uma forma que a história oral não se enquadra como uma linha, como uma possibilidade como você colocou?

Michela: Ah ... Olha, difícil essa pergunta, eu não sei te falar, acho que o Carrera pode te responder melhor ... aquelas assim ...

[risos]

Michela: Não, é difícil! Porque na verdade é o que eu te falei, é ... eu não tenho esse ... eu acho, não puxando sardinha, eu acho muito interessante né, as considerações do Carrera pro nosso grupo porque, não posso falar isso assim ... completamente, mas eu percebo que ele é uma pessoa que tá fazendo isso, que tem feito isso. Que é ... ele tem se dedicado à leitura de ... na História em geral, ele tá lendo tudo que é de História né, a gente percebe assim. É ... história dos golfinhos! Ele lê né.

[risos]

Michela: Vamos brincar. Mas ele tá lendo tudo de História, o que aí ... é por isso que eu falo que ele consegue falar pra gente essa resposta né! Porque ele tá conseguindo não ... a gente não ... a gente tá começando agora a ler História, né, aquele ... no grupo né que nós começamos a ler História por História, porque eu fiquei lendo História, história oral, pra ... quando eu fui fazer o trabalho em história oral, aqueles seis meses de leitura foram de

trabalhos específicos que falavam de história oral! O único cara que não falava de história oral era o Philiph Ariès naquele artigo que ele define História pra ele né! Porque fala como ele vê História e como ele ... relacionado com as tendências! Então a única coisa que eu li a parte que é de História e ... eu li um pouco também, como é que chama? Do Le Gof . Ah eu li um outro também que falava um pouco do tempo tal. Fora isso, eu só me dediquei à leitura de história oral, de quem fala de história oral né.

Luzia: Hum hum.

Michela: Então eu não sei se eu consigo responder, quer dizer eu não sei não, eu acho que tem que ter uma leitura ... e um entendimento de alguns conceitos de História. Ih, coisas que eu teria que ver né. Não sei te falar né. [risos]

Luzia: Acho que eu vou ... virar [a fita].

Michela: Vira.

Luzia: É ... Surgiu uma discussão, acho que foi na defesa da Silvia, sobre a cientificidade da história oral. Eu queria que você falasse alguma coisa ... o que você pensa sobre isso. Se já parou pra pensar sobre isso?

Michela: A cientificidade da história oral! ... difícil também.

Luzia: Muito.

Michela: [risos] é ... nossa, mas vamos conversar mais sobre isso. O que que cê quer que eu fale?

[risos]

Michela: É ... eu não sei porque a gente ... a Silvia falou assim que ... tomando a história oral, a História como ciência né. E aí ... aí foi, eu acho que o Vianna né ...

Luzia: Foi.

Michela: ...que puxou sardinha pra esse lado da gente tá falando da cientificidade da História e da história oral. É ... mas aí eu não o que você quer que eu fale disso, como ... eu não pensei né! Não houve discussão aqui no grupo e tal ... e ... e eu não pensei sobre isso, mas me ajude um pouco, a gente pode falar sobre isso.

Luzia: Não, eu queria ver mais assim, se você já parou pra pensar, se você vê como científico um trabalho que se utiliza de história oral?

Michela: Hum. Hum hum. Mas aí, porque que você tá me perguntando isso, porque você tá questionando a cientificidade da história oral? Cê tá questionando se eu não trabalho com Ciência por causa das críticas de ser um trabalho em história oral, por causa da crítica do pessoal da monumental, da ... da isso tudo cê tá querendo ver?

Luzia: Isso, isso. Eu tô considerando isso pela pergunta do Vianna né. Porque dentro de uma certa linha a [... pode haver dificuldades em aceitar a história oral como científica. O conceito de científico que a academia tem pode não estar abarcando a utilização da história oral o que nos levaria a uma necessidade de ampliar esse conceito... enfim]

Michela: Eu tô falando, ah então deixa eu começar ... eu comecei a questionar com você que ... se a gente tá questionando essa cientificidade dela né, porque tem pessoas que ... há aí ... críticas à história oral.

Luzia: Hã hã.

Michela: Será que é uma ciência? Por causa da memória, dos lapsos ou então de você instigar a memória involuntária, toda essa ... Olha, eu ... é ... isso ... isso pra mim tá

resolvido ... tá um pouco resolvido já, porque querer criticar a história oral no início, quando começou até o grupo era assim né, “Ah, a história oral!”.

Luzia: Hã hã.

Michela: Aí vinha o Marquinhos e tirava um sarro né. O Marquinho tira sarro ...

Luzia: [risos]

Michela: ... ele fala: “É fofoca!” não sei o quê. Pra mim, ... a cientificidade do que tá escrito e do oral é a mesma coisa. Até aí, olha, eu acho que o cara não tem que argumentar nada com a gente entendeu!

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque o que ele escreveu pode ter sido sentimentalista, pode ter sido romântico, ele pode ter inventado, ele pode ter tido um lapso ao escrever, ele pode ter tido uma ... uma, como se diz ... uma ..., como que se diz, um ... ser aguçado a escrever aquilo. Então da mesma forma que a gente conversa com a pessoa oralmente os relatos lá escritos, os documentos também têm os mesmos quêzinhos aí que o pessoal questiona da gente, isso daí foi o ... é uma coisa que ah, a princípio quando falam você falava: “Ah, é verdade né! Ih...”.

Luzia: Hã hã. [risos]

Michela: Aí depois cê pensa mais um pouco e cê fala: “Olha, o documento escrito, tão quanto o documento oral, tem aí os seus problemas, vamos dizer assim.”.

Luzia: Está sujeito aos mesmos fatores ...

Michela: Tá, então, e quanto a isso eu não ... não é uma coisa que ... que pra mim implique que a história oral não seja ciência, por causa disso!

Luzia: Tá.

Michela: Acho que dá pra gente argumentar facinho né! Se o ... se a história documental é uma ciência e se a ... com a oral o pessoal vier com essas críticas, aí já é fácil argumentar. Agora mais do que isso, cê sabe, que mais que ...? Vamos pensar o que é que ... cutuca a história oral pra ela não ser uma ciência?

Luzia: Então, eu acho que aí vai ... vai depender daquela ... da discussão que eu acho que o Carlos quis colocar mesmo naquele dia né! É ... do que se pensa hoje na academia a respeito de ciência.

Michela: Hum hum.

Luzia: Seria realmente necessário uma reformulação nesse conceito, na academia, pra que a história oral fosse melhor aceita nesse meio, se não... né. Porque ... o Emerson trouxe uma vez uma definição dele de ... de ciência, de quando ele trabalhou no mestrado dele, que era tudo ... só é científico aquilo que pode ser replicado, por exemplo. E aí se a gente pegar ...

Michela: Replicado?

Luzia: É.

Michela: Como assim?

Luzia: Tipo, alguém pega os mesmo dados que você ...

Michela: Ah ...

Luzia: ... só poderia ter as mesmas tendências ...

Michela: Isso. É, até que ele fala da Silvia né? Ele fala pra Silvia assim, que que e´ ... é uma palavra ..., e ela ficou toda atrapalhada e respondeu que não né!

Luzia: É.

Michela: Porque se ... mais ou menos assim, ciência seria ... o que eu fiz, se alguém for fazer, não identicamente, mas tem que bater com o que eu fiz né? As conclusões que eu tomei, as coisas que eu tiro ... que eu tirei, são chamadas de ciência se outro pesquisador tomar esses ... tomar procedimentos e ... chegar nas mesmas coisas que eu cheguei assim, de alguma forma ...

Luzia: Algo que ...

Michela: ... o foco que eu cheguei ele vai ter que chegar né!

Luzia: Então, algo que nem sempre é possível né assim, porque ele pode ter ... olhar pra aquilo com um outro olhar né e aí levantar outras categorias, outras coisas né, textualizar de uma forma diferente da que você textualizou, por exemplo. Então se você for muito rígido nesse conceito, talvez a história oral, por exemplo, não se enquadrasse aí como científica!

Michela: Hum hum.

Luzia: E aí seria necessário um outro conceito de ciência, mais amplo talvez, não sei. Mas eu pensei que fosse nesse sentido que o Carlos colocou aquela discussão naquele dia, é por isso que eu perguntei agora ...

Michela: Certo. Ah mas eu acho, pensando bem de leve, só pensando agora que eu não pensei mais nisso, eu lembro que só naquele dia a Silvia bambeou e falou que não era uma

ciência, não foi? Ela falou, ela falou que o ... ela falou assim, ele perguntou pra ela: “Se outra pessoa pegasse os seus dados, ela veria o que você viu?”, e ela falou: “Não!”. Né, não é mais ou menos isso? E não é que ela tinha que ...

Luzia: Isso, não necessariamente.

Michela: É, não necessariamente. É ... e aí aquela questão é a seguinte ..., é ... o que você viu, tem que ... de alguma forma converge, a pessoa que ... a quem for ver seus dados, é que é complicado eu falar ... assim como falar né, mas se for tua pesquisa, de certa forma você tem que tá fazendo uma ciência né, cê tem que estar fazendo uma pesquisa de mestrado e tal.

Luzia: Cê diz no sentido de temática, tematizado assim?

Michela: Não, é. Não de ... não é, aí é difícil falar o que eu tô pensando mas o ... por exemplo, o que eu tirei dos meus dados não que você tenha que concordar, mas você tem que concordar que ... é ... aquilo acontece, aquilo é uma ... é uma forma de ... de ...

Luzia: De ver.

Michela: De ver aquilo lá, entendeu! Isso ... agora você pode divergir em outras coisas mas você tem que concordar que é uma forma possível, é um viés possível de acontecer, isso que você tem que concordar né! Pra ser ciência não é isso que a gente tem que bater o martelo né? Aí ... então, mas aí o que eu ia falar é que ... não sei se a história oral é tão problemática assim, eu acho que essa ciência é pra ser discutida não só na história oral mas nas outras áreas ... linhas de pesquisa, né!

Luzia: Hum hum.

Michela: Que é complicado né, discutir essa questão da ciência, mas eu acho que ela não ... não vejo porque em história oral seria uma ... não consigo falar agora porque a história oral

seria ... uma linha de pesquisa que tem ... porque ela tem ...? Porque por causa da história oral tem que discutir ciência? Acho que aqui no programa tem outras linhas de pesquisa que a gente podia discutir ciência também, até mais, não sei ... [risos]

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas então não acho que a história oral, especificamente, tenha que discutir. Acho que aí é uma questão de discutir ciência, mas também nas outras linhas assim.

Luzia: Tá certo.

Michela: Mas não pensei muito sobre isso!

Luzia: Tá certo. E aí assim, você tava me falando de uma visão que eh ... acabou sendo discutida na lista mesmo né, de que é ... quem trabalha com a história oral não seria um historiador mas seria um pesquisador em Educação Matemática que se vale de recursos da História né ...

Michela: Hum hum.

Luzia: ... da história oral, pra fazer o seu trabalho. E você? Você se define dessa forma também ou você pensa que você fez um trabalho diferenciado dessa visão, por exemplo ...?

Michela: Ah, eu ... quando eu li aquilo eu pensei: "Poxa é isso mesmo que a gente faz!", é a gente ... é bem aquilo assim ... a ... o exemplo da ... que deram da Ana Márcia é bem verdade, a Ana Márcia é ... educadora ... é matemática e tá fazendo doutorado em Educação Matemática, porém ela se ... se ... como que é ... ela ...

Luzia: Se vale.

Michela: ... ela toma a Psicologia né, os elementos da Psicologia pra tá entendendo, e estudando, e refletindo as considerações da Educação Matemática! Então, ... ela é igual a gente, a gente pega a história oral pra estar compreendendo as nossas questões! Mas eu não sou historiadora!

Luzia: Ela não é psicóloga por isso ...

Michela: É. Então é como ... pessoas que ... é bem isso aí, a gente ... a gente apóia nessas idéias históricas pra entender a nossa questão, as minhas questões de educadora matemática né. Então o apoio é por causa disso. O que é essa ... ligação mesmo assim, é isso que é bem ... que tá acontecendo, que é bem legal. Acho ... acho que é bem por isso, acho que ... quando teve isso eu falei: "É, isso aí sempre é assim né! Você tem que se valer das outras ... vamos dizer assim, ciências, das outras áreas pra entender a sua!", né.

Luzia: Hã hã.

Michela: Pra você conversar, mas eu me ... acho que é por aí!

Luzia: E agora assim discutindo coisas mais específicas que estão em discussão do grupo ou então, até as que você já ... acabou falando aqui né, que você acha que devia ser discutido mais assim, é ... você consegue falar pra mim do que ... de uma visão sua sobre documento?

Michela: Hum, então, é ... até eu trago uma ... eu trago no meu ... no meu ... no meu trabalho, na parte de ... na ... no capítulo de entrevista, eu falo assim né, como ... eu acho que o nosso grupo avança pra caramba né! Eu tenho pouca leitura em coisas de questão ... de história oral, mas a gente ... por isso que é legal a gente trabalhar muito mesmo, porque a gente nunca vê considerações ... [risos].

[risos]

Michela: Aquelas vem assim otimistas! [risos]. Não, porque a gente traz uns questionamentos que parece que a gente nunca viu né nos ... nos ... nos livros de história oral. Que é aquela ... aquilo ... eu falo assim, que as pessoas se preocuparam em modificar o papel, mas modificar ... eu escrevo assim, elas se preocuparam em modificar o papel mas ninguém falou assim: "Mas você não vai modificar aquela fita que você gravou?", ninguém fala isso e isso daí a gente comentou no grupo e é verdade né! Porque, bom segundo as discussões o documento em história oral é o relato oral né, porque é ele que ... é o relato oral, porque ele vai ficar num acervo ... e na verdade um historiador oral, se ele não quiser ... ser, ... como se diz, influenciado por mim, na minha pesquisa, ele vai ler aquela ... o relato, ele vai escutar a fita e vai tirar daí realmente, aí uma visão dele, vai conseguir, acho que mais fidedignamente ouvir o relato e tal ... então o documento seria a fita né! Por isso é que ...

Luzia: E aí a textualização, a transcrição pra você seriam documentos também ou ...?

Michela: Então, aí a ... é ... seria uma forma da gente apresentar isso pra sociedade, pra discussão, pra mostrar o teu trabalho, é uma forma ... é o que tem que acontecer né, não tem como você se prender só ao relato oral! Cê tem que ... mas eu acho que o documento da his... , o documento ... eu não sei, eu acho que tem que ser discutido isso também, mas ... pelo pouco que se discutiu eu começo a pensar que o documento é mesmo a fita, né! E por isso que é difícil você entregar ela pro acervo, porque a gente ..., nas minhas entrevistas não houveram mudanças, mas poxa, mudar a fita é complicado, né! E se mudou no papel tem que mudar na fita, pra você deixar disponibilizado no acervo! Tem que deixar disponibilizado o que o ... o entrevistado quer que fique disponibilizado, né!

Luzia: Hum hum.

Michela: E aí alterar a fita, pedir pra pessoa falar de novo ... nossa, é um trabalho né! Por isso que eu falo, a história oral tem esse ... têm esses detalhezinhos que em outras pesquisas não tem que ... que são trabalhosos né!

Luzia: Hã hã.

Michela: E que ... aí vem aquela pergunta sua: “Tem que ter isso pra ser história oral?” né, [risos].

Luzia: Hã hã.

Michela: Temos que entregar pro acervo os relatos orais né? Aí é uma coisa que quem sabe, daqui um tempo nós teremos secretárias que farão isso pra gente!

[risos]

Luzia: E você entregou?

[risos]

Michela: Bolsistas que façam isso!

[risos]

Michela: E eu não entreguei, né, eu não entreguei. E ... então ... mas eu acho que o documento é o relato oral, porque é o ... porque é o relato mesmo da pessoa né, é a fala da pessoa. Já, como eu te falei na transcriação e aí, gente, pra chegar na transcriação você tem nove versões né, você vai mudando, mudando e arrumando e ... são versões das versões ..., não tem como não ser o que a Michela escreveu, é a pessoa a essência mas é o que a Michela escreveu da pessoa, de alguma forma não tem como fugir disso, né!

Luzia: E aí isso seria só uma forma de registro como ...

Michela: Uma forma de registro!

Luzia: ... uma forma de facilitar a divulgação.

Michela: Pra divulgar!

Luzia: Mas não um documento em história oral?

Michela: É, eu acho que pela pouca discussão que a gente, que eu participei de ... da história oral, eu ... eu acredito que o documento seja o relato oral, a fita! Né.

Luzia: Hum hum.

Michela: E por isso de haver realmente, na UNICAMP, o acervo das fitas ... e de elas serem todas trabalhadas né, ser ... tem que ficar arrumando ... girando a fita pra não estragar. A importância do relato oral da ... do relato oral mesmo. Acho que esse é o grande ... e o documento escrito é quando você tá disponibilizando, discutindo, pondo no papel pra fazer alguma contribuição daquilo né!

Luzia: Daí é documento, escrito?

Michela: Ai será que é documento escrito? Eu acho que o ... é complicado essa questão do documento né? É complicado assim, eu não pensei ... que ... eu coloco na minha dissertação, agora o que é que eu coloco eu não lembro, eu acho que eu coloco que eu ... eu deixo esse ... esse questionamento. Cê leu a minha dissertação?

Luzia: Ainda não.

Michela: Não, tá. Achei que cê tivesse lido por causa da entrevista.

Luzia: Não, eu optei por ler depois da ... das entrevistas.

Michela: Ah tá. Então eu coloco essa discussão do ... de querer alterar, de achar que o documento é o papel né e de querer alterar o papel e esquecer completamente de alterar ali a fita, né! E aí também eu vou ser bem sincera, eu não ... não li sobre e não discutimos muito, isso quem tem ... quem tá falando é o Vicente, o Carrera ...dando a importância aí pro relato oral e eu tô indo na ... na ... no viés deles aí e concordando.

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas eu não tenho uma posição minha assim sabe! Mas eu ... como eu falo pra você, eu acho que ... não tem como fugir que a transcrição, é ... se você ... que a transcrição, se você fizer transcrição do meu relato, a essência vai ser aquela, não tem como mudar o que o cara ah ... aquilo, mas vai ficar diferente! É diferente assim que eu digo, uma coisa ou outra vai ficar diferente assim né, vai ter o tom da Luzia!

Luzia: Hã hã.

Michela: E ... mas lógico que o que a pessoa disse, o que a gente quer tirar não vai ser diferente! Não tem como, cê não mudou aquilo! Mas a disposição cê vai mudar, alguma coisa cê vai mudar, então por isso que eu tô falando que, na verdade, o documento é o que a pessoa falou né. Por isso que tem esses problemas...

Luzia: E ... e assim, falando de ... de história oral agora. Da ... é possível fazer análise? Por que geralmente quando você vai fazer uma pesquisa né, em dissertação, em tese ... você pensa na meto ... em metodologia, em fundamentação teórica ... em análise! Né.

Michela: Hum hum.

Luzia: E aí como que você vê isso nos trabalhos com história oral, ou como que discute isso no teu?

Michela: Então, essa é uma coisa também que eu já ... é, o mais importante é isso né. A minha dissertação tá fresquinha mas já tem um monte de coisa que eu já pensei sobre ela e já mudei!

[risos]

Michela: O que é bom né?

Luzia: Lógico!

Michela: Mas ... eu ah ... eu escrevo que ... eu sou muito ... dura na análise assim, na minha dissertação né. Eu falo ... eu sou ... eu falo ... eu acho que até ... eu critico a análise porque é assim, aí a gente tem que ter aquele cuidado porque tem o depoimento das pessoas né, então é ... eu falo assim, o que eu fiz ... é complicado essa palavra também, é uma coisa que o grupo tem que ... não é o grupo, cada um pode ter uma forma de falar, mas tem que tomar cuidado. Essa palavra tá muito..., como diz o Carrera, tá muito destruída: "Análise!", né.

Luzia: Hum hum.

Michela: Mas eu não digo que o que eu fiz não é uma análise. Esse trabalho com as tendências, de certa forma é uma análise que eu faço! Qual é o significado de análise né? É você estudar aquela palavra, analisar aquela palavra e tal. O que eu acho que a gente tem que tomar cuidado, e não só a nossa pesquisa como qualquer outra, é não analisar o discurso da pessoa. Isso que é o ... é antiético, né! Então por exemplo, na minha pesquisa eu até dei um exemplo na minha ... na minha ... na banca mesmo de defesa, porque eu falei assim: "Eu faço ...", então eu tenho por exemplo, eu traço o perfil sobre como é pensado, sobre como se trata o uniforme hoje, né. E aí eu traço um outro ... e eu mostro como é o perfil de como são utilizados ... como se é pensado e ... visto né na sociedade o uniforme em tempos atrás e aí eu mostro: "Olha, pensava-se assim e hoje pensa-se assim!". Isso através dos relatos, então eu falo: "Percebe-se uma mudança na forma de pensar o uso do uniforme!". É isso que eu falo, então pra mim ... então eu acho que eu não analisei o

discurso, eu não falei assim: “Essa forma de pensar o uniforme é errada, porque ele tá falando isso e isso e tal autor diz isso sobre isso, outro autor que é assim e é assado, o outro já acha que tá falando...!”, eu não discuti o que a pessoa falou sobre o uniforme, eu não trouxe teoria discutindo aquele modo de pensar sobre o uniforme. Eu mostrei que o uniforme ... eu relatei! Apresentei assim tum, como se fosse uma foto. Bem assim, ... aí a pessoa que falou tem que dá um ... né, o entrevistado deixou acontecer isso! Ele pensa isso: “Olha eu vejo o uniforme assim!”, o outro vê o uniforme assim, aí eu falei: “Olha, a questão do uniforme tá sendo modificada a forma de pensar, né!”, vamos dizer assim ... pra mim então eu fiz uma análise do uso do uniforme. Vamos falar assim, eu analisei o uso do uniforme ao longo do tempo!

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas, eu não fiz uma análise do discurso!

Luzia: E aí você pensa análise de discurso como uma espécie de julgamento da fala?

Michela: Isso! De julgar a fala, de você pegar ...

Luzia: E ...

Michela: Fale.

Luzia: Não porque existem algumas pessoas né, que trabalham com análise de discurso né ...

Michela: Hum hum.

Luzia: ... na pesquisa qualitativa, e aí ... eles tem toda uma teoria pra embasar e tal, e têm procedimentos éticos, têm cuidados éticos né ...

Michela: Hum hum.

Luzia: Então assim, que não falam de julgamento da fala, por exemplo, eu por exemplo pretendo usar a análise de discurso [risos].

Michela: Hã hã.

Luzia: Então, é pra ... só pra diferenciar isso, o que você tá pensando quando você tá falando disso "análise de discurso". É como julgamento de falas?

Michela: Ah tá, então, também eu não tenho muita ... eu não tenho muito aprofundamento pra falar sobre isso de você ... pra você Luzia, sobre análise de discurso!

Luzia: Hum hum.

Michela: Eu acho que ... o que, eu não sei se ... eu não sei se toda análise ... não posso falar assim: "Ah, toda análise de discurso é antiética!".

Luzia: Tá.

Michela: Cê tá entendendo?

Luzia: Você fala de análise desse tipo específico que você já ouviu falar ...

Michela: É.

Luzia: ... que julga a fala do depoente.

Michela: Eu acho que você julgar, depende de como você julga, aí eu já não sei falar, a minha experiência é muito pouca, é só de mestrado! Eu não qual ... é ... depende de como você julga mesmo a fala da pessoa, mas eu acho antiético, mesmo os professores de ...

abrirem né ... diferentes posições ao conversar comigo né, e depois eu ficar criticando, né, a fala dele, falando assim: “Olha, tal teoria fala que isso prejudica o aluno ..., isso aí influencia o fracasso do aluno ...”, esse tipo de atitude! É você ficar martelando o cara depois que ele te falou né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Agora não sei se você consegue fazer isso, é que ... é ... que existem pesquisas assim, começam a falar super criticamente e pega uma ... uma ... uma teoria que tá criticando o ponto de vista e depois traz a frase do entrevistado embaixo, entre aspas! Poxa, o entrevistado que lê aquilo se acha o quê né? Ele fala: “Nossa, eu contribui pra mostrar pra pesquisa [risos] ... que eu tô ...”, então é mais ... eu acho que tem que tomar cuidado com essa ética né, de lidar com o que o entrevistado falou ... agora se existe análise ..., eu não sei dizer, só sei muito pouco de análise de discurso. Ah o Ronaldo também vai fazer isso não vai?

Luzia: Eu acredito que sim, mas aí é mais como um ... é um ... uma outra discussão de produção de significado...

Michela: Hum, então ...

Luzia: ... eu não vejo nessa linha ...

Michela: Então, eu não sei como lidar com isso né! Isso aí é legal estudar pra ver mas, eu acho ... importante tomar esse cuidado, né, de ser ... Mas eu acho que o que eu fiz é uma análise! Eu analisei as tendências né! Então eu não ... por isso que essa palavra é muito ... não é nem dúbia é mais do que dúbia né!

Luzia: Hã hã.

[risos]

Michela: Porque ... eu não vou falar que eu não fiz uma análise! Eu ... não ter feito análise é fazer que nem o ... parece que o Vianna fez, todo mundo fala que o Vianna também fez análise né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Eu não li a tese dele. Mas aí parece que ele tinha apresentado ali as entrevistas e acabou né, cada um lê e tira né ... as suas conclusões! Mas eu acho que é interessante a gente ... Mas é legal, eu acho que parar por aí só a pesquisa ... acho que é interessante você mostrar o que você tá lendo daquilo, que que você entre... pesquisador acha. Mesmo que seja pras pessoas ... martelarem você e falar: "Ó, cê tá errado né!", mas eu acho que você tem que ... falar o que que eu concluo daqui, o que que eu vejo né!

Luzia: Então análise pra você seria é ... uma colocação tua, perante os dados que você tem, as informações que você coletou, de um trabalho que você faz sobre essas informações?

Michela: É, de trazer considerações né! Algumas considerações daquilo que cê trouxe, cê trabalhar, refletir sobre ela, ver seu ponto de vista ... Porque, poxa, você lê teoria a respeito, aí depois você vai buscar é ... lê teoria né, entrevista, busca aí o ... o relato né, o que hoje está se pensando sobre isso, como foi e tal. Aí eu acho que o crescimento do pesquisador é esse momento em que ele consegue colocar o que ele tá vendo disso tudo né. Aí eu acho que é importante a ética né, que ... É que é tão engraçado Luzia, cê não tava aqui, mas o meu seminário, infelizmente não deu tempo né, mas de eu ..., é ruim falar palavras, [trecho vetado pela depoente], mas eu vou falar mesmo! [Trecho vetado pela depoente], mas no meu seminário eu falei ..., eu contando a parte que eu apliquei a autobiografia, eu falei assim pro pessoal, cê não tava né, eu falei assim: "Olha, eu contei ... eu falei pros alunos que eu ia sortear as autobiografias" e eu falei isso pra eles ficarem mais a vontade ainda assim, sabe quando cê pensa assim: "Ah ..." pra eles escreverem mais a vontade ainda sobre o que eles quisessem escrever porque vai que não cai a minha! Sabe um coisa desse tipo assim?

Luzia: Hã hã.

Michela: E foi ... o Carrera que falou pra mim: “Ah, fala pra eles que você vai sortear depois, duas de cada classe!” e eu podia ter falado mesmo que eu ia escolher, mas o Carrera falou assim ... aí levantou-se uma questão de que eu fui antiética de não contar para eles que eu ia escolher os meus entrevistados!

Luzia: Hã hã.

Michela: E que eu falei que eu ia ... que eu ia sortear e não que eu ia ler uma por uma e escolher a que eu quisesse, né! Aí levantou-se toda uma questão, [trecho vetado pela depoente] ... de falta de ética, que eu precisava trabalhar depois ... um dia ele veio falar que eu precisava trabalhar essa questão ... O Carrera ficou inconformado né! Achou uma balela assim, de ele ficar lendo ... ele tava lendo muita coisa de ética e tal. E aí na hora que eu vejo dá vontade de falar assim: “Poxa, Carrera cê quer ..., [trecho vetado pela depoente] cê quer ver o que que é ética? Então você lê a minha dissertação! Porque eu tentei ao máximo ser ética com os meus depoentes!” né.

Luzia: Hum hum.

Michela: E eu acho que isso é que é cê ter ética né ... e aí então, lógico que o que eu fiz não tinha ... aquilo não era uma ... um ... um ponto pra ser ... vir uma discussão de ética, né! E aí ... porque toda, gente ... na pesquisa sempre acontece algumas coisa que você ... ah você mesmo aqui comigo, cê tá querendo fazer algumas coisas, fazer algum joguinho pra eu responder, você não falar ...

Luzia: Hum hum.

Michela: Então assim ... Entendeu? É a mesma questão que eu quis fazer lá sabe! Sempre tem aqueles ... aquelas ... aqueles macetinhos que você tem que fazer na pesquisa ...

Luzia: Pra não colocar pressão ...

Michela: É ... cê tem assim ... essas questões que pra você conduzir a pesquisa! E aposto que eles têm milhares também pra conduzir a pesquisa deles né! Então são formas de você conduzir a pesquisa assim, mas até que ... até que ponto o que você tá fazendo comigo é antiético né! Entendeu, então assim, o Carrera falou: "Nossa, esse programa precisa discutir muito ética, porque a partir daquilo, querendo discutir ética né!" [risos].

Luzia: Hã hã.

Michela: E aí ... é legal.

Luzia: Entendi. E aí tem mais algum ... alguns cuidados que você consideraria ético no uso da história oral? Algumas coisas que o grupo costuma fazer e que ...

Michela: É eu acho que ... como eu fiz ... eu fiz na UFSCAR como aluna especial também essa disciplina que me fez ... ler toda essa questão da escola-família, essa disciplina também teve uma parte prática, que você fica na escola ... eu também entrevistei professores, conversei com professores ... e não teve nenhum desse tipo de procedimento de você retornar a entrevista pra pessoa ler, modificar ... depois mandar ler de novo, gente isso eu acho assim ... é ... é eu acho que tá aí no viés da ética né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Cê dá pra pessoa ler o que ela fez, é uma coisa que eu acredito que muita gente não fez né!

Luzia: E você tomou esse cuidado?

Michela: Eu tomei. Eu devolvi todas as ... as entrevistas, é ... as pessoas modificaram, eu ... retornei ... então eu acho que é esse procedimento que ... é ... eu acho que ... como eu falo, agora começou a difundir né. Parece que como a gente começou a fazer ... fala!

Luzia: Hã hã.

Michela: Todo mundo que era da turma ... a Miriam pelo menos, as orientandas da Miriam, que ... como a Miriam tá participando do grupo de história oral, todas as orientandas tão fazendo entrevista ... tá vendo como não ... isso não é história oral né! [risos]

Luzia: Hã hã.

[risos]

Michela: Esse procedimento é um procedimento ético, mas não específico da história oral! É específico de uma pesquisa né, tem que tomar bastante cuidado, mas eu acho que essa é uma questão também de você ... lidar com ética porque ... com a pessoa que tá participando da pesquisa né!

Luzia: Hã hã. E ... é ... você tem feito cartas de cessão ... esse tipo de coisa você fez ...?

Michela: Eu não fiz. Então ... e ... é essas coisas foram tudo ... não tiveram tantos detalhes, nem foram muito pensadas na pesquisa, porque foi o que eu te falei, depois de um ano e meio de pesquisa que eu falei: "É história oral!", então pegou de julho pro meio do ... até o fim do ano que era história oral né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Então eu já tinha feito esse processo de entregar ... um monte de coisa então, o que o Carrera mandou eu fazer, mesmo não sendo em história oral, que esses que eles

tinham arrumado e que depois devolvido, todo mundo assinasse todas as folhas, então eles assinaram como o compromisso de que ...

Luzia: Estavam de acordo ...

Michela: De que eles estavam de acordo e tal com o ... e tal, mas eu não fiz carta de cessão.

Luzia: Ah tá.

Michela: Então eu não pensei muito na ... nem pensei, nem discuti, nem escrevi sobre entregar as fitas, foram coisas que daí não deu tempo de eu fazer e ... porque eu ... não tava comigo isso né! Assim.

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque o meu trabalho não era de história oral e virou de história oral aí ...

Luzia: Entendi.

Michela: ... teve esses detalhezinhos, que foram ... que eu fui fazendo ... avisando que eu ia voltar e entregar porque o Carrera, como a Mirian né, ele ... [risos] ele foi me dando essas dicas porque são dicas que são importantes né! Mas ...

Luzia: Tá certo. Então tá ... e as fitas, elas continuam com você? Você devolveu ...?

Michela: Não, continuam comigo!

Luzia: Hum hum.

Michela: Continuam comigo ... e sem, sendo sincera assim [risos], porque é ... é complicado né, essa questão de você arrumar ... ah, a Ivete mesmo, acho que ela não arrumou a fita! Ela ... ela fez alterações no papel e será que ela alterou a fita?

Luzia: Então, pelo que ela me disse, não porque eles alteraram só a textualização e a ...

Michela: Hum ... porque pra ela o documento é a textualização?

Luzia: Pra ela é tudo!

Michela: Tudo.

Luzia: A transcrição, a textualização ...

Michela: Hum hum.

Luzia: ... são documentos, assim como a fita! E aí, só que a transcrição literal da fita seria a transcrição ... trans ... é transcrição, e eles não alteraram isso né, não falaram: "Olha, eu quero que tire isso da fita!", porque ela falou que ia disponibilizar num arquivo e tal.

Michela: Hum hum.

Luzia: Então não fizeram censura sobre a fita!

Michela: Ah então ... É.

Luzia: Só na textualização!

Michela: Então não mas não houve censura, mas é aí ... eu acho que não há censura, mas a gente devia falar pra eles né! Assim que a gente vai ...

Luzia: Do ...

Michela: É a gente devia falar: “Gente, e a fita?” né, sabe assim né, acho que é nossa responsabilidade. Porque eu nunca iria esperar, imagina, dos pais que eu entrevistei, dos alunos, dos professores que eles tivessem ... pensassem na fita, né! Porque eu também não falei pra eles que eu ia disponibilizar, eu não falei que a minha pesquisa era uma pesquisa de história oral, que não era né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Depois que ela tomou a cara, ... ela foi ... pra esse lado! Mas eu acho que daí agora ... acho que o grupo tem que tomar esse cuidado de ... , se vai disponibilizar, falar pra ele: “Olha, e o oral que eu vou disponibilizar no acervo?”.

Luzia: Posso disponibilizar assim ... integralmente ...?

Michela: É. Aí eu acho que é uma questão que tem que explicar melhor né, é uma questão que a gente do ... acho que o grupo não tinha pensado muito né!

Luzia: Então, eu não me lembro de ...

Michela: Em modificar o oral!

Luzia: ...ter participado desse tipo de discussão assim. Não sei se já houve ...em um momento anterior assim.

Michela: Hum hum.

Luzia: Bom, então assim, nesse cenário do grupo, dessas discussões todas que a gente anda fazendo, você já colocou pra mim várias questões que você acha que deveriam ser mais discutidas e tal, ou começar a discutir... Tem mais alguma questão que você lembra e que

você acha que é pertinente discutir mais profundamente ou então começar a discutir agora ... que você vê a necessidade mas até agora não discutiu?

Michela: Ai não sei ... não, qual que eu poderia ... a gente já falou assim, ... é aquilo que a gente é ... é engraçado, ao tentar, nessas discussões nossas aí, nas poucas que eu participei, entende que é ... falando em querer definir, querer definir. Aí parece que foi o Carrera que virou e falou assim: "Não sei até que ponto é importante definir!", né. Será que não é interessante ... porque eu acho que ... o grande ... o grande tchã também ... é o Carrera trazer questões, o Vicente trazer questões completamente divergentes, o Vianna outras ainda! É por ... é aí que o grupo se move eu acho, é o grupo ter todo esse vai e volta, vai e volta, vamo não vem ...

Luzia: Hum hum.

Michela: Sabe? Que tá fazendo a gente se mover, eu acho, ... Eu acho que ... é bem ... eu gostei dessa ... consideração, e ... Porque a gente tava com uma mania de querer definir tudo de, né ..., pelo menos nós, eu, Helô, Emerson naquele ... em Bauru: "Não, precisamos definir! Precisamos definir!".

Luzia: Hã hã. [risos]

Michela: Aí a gente tá falando assim: "Será?", porque quando se define parece pra mim que cê tá dali, tum, "é a verdade, é isso! Vamos definir e ... porque isso está certo!". Como não tem uma coisa dessas vão chegando idéias, e considerações, e atitudes que ... vão falando: "Ah, tá vendo, aquilo que a gente pensava, que ia definir, tá mudando porque olha só isso né!".

Luzia: Hã hã.

Michela: Quando a gente não define, acho que deixa a gente mais assim ... mais disposto a ... a ... a crescer né! A tentar definir cada vez melhor e não definir né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Então, eu não tô muito mais preocupada com essas questões de definir como a gente [risos], como eu era ... de querer definir, de querer definir ... porque "Como não?", "Como?", a gente falava assim né, todo mundo do grupo: "Ah não, não pode! Vai numa defesa é assim, vai na outra é assado!".

Luzia: Hã hã.

Michela: Ah não, eu acho que a gente ... eu acho que eu fiquei bem *light* assim, depois daquela ... daquela colocação, eu falei assim: "É por aí mesmo!". Acho que a gente tem que ... ir todo mundo buscando, eu acho que a gente tá ali, eu acho que tem que ter ... que eu não sei ... não sei se eu sei te falar quais são, tem que ter um objetivo ... comum assim, uma ... uma linha que a gente tá correndo atrás dela, que é tá ...como dizer assim, construindo essa história oral né, entendendo né, trabalhando com a história oral em questões da Educação Matemática, mas ... até aí acho que a gente tem que se desvencilhar um pouco desse definir tudo aí. Eu acho que a gente ... eu não tô mais preocupada, hoje em dia eu não tô mais preocupada como se a gente fosse ... formos pra uma apresentação e ... cada um tiver falando de uma coisa diferente, eu acho que tá todo mundo construindo mesmo! Sabe, antes me preocupava, tipo dava vergonha, "Ai, tão achando que o grupo é louco né!".

Luzia: [risos]

Michela: Eu acho que é legal pra ... cada um pensar de um jeito!

Luzia: Hum hum. E assim, como que você pensa o grupo? Olhando pra ele assim, ... o que você falaria dele? Como você definiria [risos] ele?

Michela: Como eu definiria o grupo? Olha, conversando nesse sentido né, eu acho que esse grupo, eu sempre falo assim, pro outros né,: "É um baita grupo assim", pelas pessoas que

formaram ele né, porque eu tenho muito prestígio pelo Vicente, pelo Carrera, pelo Vianna assim, são pessoas que são ...estão muito bem no meu conceito né!

Luzia: Hum hum.

Michela: Pela minha vivência aqui no mestrado, e como a gente faz com bolsa a gente vivencia mesmo o programa, né!

Luzia: Tá.

Michela: E mesmo você não conhecendo a fundo ... o que os professores estudam na linha de pesquisa, você conhece os professores né! Assim ... e eu acho, eu ... tenho muito prestígio por esses ... eles são assim "os professores!", né, então eu falo que é um grupo, nesse sentido, eu a ... eu acho que é um grupo muito ... assim, sabe quando cê fala: "Participar desse grupo é tudo de bom!"? Pelo Carrera assim, eu acho o Carrera um guru mesmo, assim...

Luzia: [risos]

Michela: ... um cara que ... tem muito pra ensinar assim. Tá numa fase assim ...de que ..., eu fico inconformada né de como ele lê tudo, como ele sabe tudo ...

Luzia: Hã hã.

Michela: ... acho que por causa desse tempo dele mesmo! E ... do Vicente, do Vianna, da Gilda ... do pessoal, eu acho um ... um grupo muito bom, assim, as pessoas são companheiras assim, essas pessoas que são as cabeças, vamos dizer assim né. Fora isso .. por quê? Porque eu acho o espírito dessas pessoas muito importante assim, não tem aquele espírito de assim: [diminuindo o tom de voz] "O grupo é fechado, ninguém pode ouvir o que o grupo fala ... olha, aqui ... isso aqui ...", sabe?

Luzia: Hã hã.

Michela: Gente! Então ... é ... são pessoas assim que falam: "Quer participar? Vem, participa, traz a sua idéia e participa!" é ... nossas idéias, dos mestrandos, dos ... de quem tá participando são válidas, são ouvidas, todo mundo tem o seu ... seu supondo assim, seu prestígio, sua ...! Então é ... é um grupo assim! Então ... por essa mentalidade do grupo, por isso que eu acho que é um grupo que ... é bom né. Então eu não ... assim o que que você queria que eu falasse do grupo?

Luzia: Ah. [risos]

Michela: Como você vê o grupo né?

Luzia: É, como você vê ... é ... o que é que faz dele um grupo ...?

Michela: Hum hum.

Luzia: Nesse sentido assim ...

Michela: É então ... eu posso mudar a forma né? Do ... como o Vianna encara pesquisa, qual que é a abordagem, e ... e o Carrera também encara ... e o Vicente já é mais quadradinho! Mas os ... esses dois, eles encararam ... a pesquisa pra eles tem que ser muito ... o Vianna é o top de linha né!

Luzia: [risos]

Michela: Tem que ser tudo muito ... nada formalizado, né! É isso que eu adoro assim, que eu gosto, que eu gostei do meu ... do ... da minha pesquisa de mestrado, da minha dissertação não é o ... não tem o capítulo de metodologia ... você entendeu [risos].

Luzia: Hum hum.

Michela: E é tudo como eu quis assim, como eu quis fazer ... não tem aquela ... aquele perfil das pesquisas do mestrado que a gente vê aí e ... e eles dão essa liberdade, essa ... essa maneira assim de pensar, essa liberdade que a gente tem assim né! É isso eu acho ... e aí o Vicente é mais quadradinho mas ele também ... mas ele também ...

Luzia: [risos] tá mudando agora.

Michela: Tá mudando [risos]. Não, mas eu ... adoro o Vicente né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Acho assim, "o pesquisador" também! Então eu falo: "é o grupo" né, todo mundo fala né! Por causa dos caras da cabeça do grupo aí e de quem compõem também né!

Luzia: Claro!

[risos]

Luzia: E aí você falou assim, de algumas diferenciações né, em divisões assim dentro do grupo. Como que você vê isso assim? Você vê como é ... algo positivo, algo que causa alguns empecilhos em determinados momentos, sabe?

Michela: Não, então eu ... é ... eu ... eu vejo como, hoje, um algo bem positivo! No início era aquela frustração né! Eu lembro de conversar com o Emerson, com a ... com a ... com a Helô né, que a gente conversava sempre: "Meu Deus o ...!", conversava com eles as coisas que o Carrera me dizia e o Vicente dizia outra coisa completamente ...! Aí era assim: "Não, ... tem que definir!" e hoje é o que eu falei, acho que é muito bom pro grupo isso. E também assim né, o grupo tá ... bem ..., não é porque ele tá começando, mas tá começando né!

Luzia: Hum hum.

Michela: O grupo tá se ... tá se formalizando e ... eu acho que são essas visões diferentes que fazem a gente crescer, que faz a gente ver se é, se não é o que a gente tá pensando, que faz a gente discutir. Que ... quando tiver tudo posto não tem mais o que a gente pensar né!

Luzia: Hum hum.

Michela: "Ah é? Tá posto? Então tá bom!" Não vai ter aquilo ... não vai ter graça, né!

Luzia: Hum hum.

Michela: O gostoso é a gente ver mesmo se é, se não é. Dar a cara à tapa! É o que eu falei, eu escrevi lá umas verdades ... algumas verdades né, algumas coisas assim como ditas verdades na minha dissertação né, que tem que ser muito discutida. Mas era ... a intenção do Carrera era colocar eu e a Silvia pra ... dar com a cara no pau mesmo! E a Silvia ainda foi menos que eu ainda, eu falei mais coisa assim ó ...

Luzia: Hã hã.

Michela: ... "não é pra fazer análise de discurso!", eu ... a topetuda aqui que nem sabe de nada foi falando!

Luzia: [risos]

Michela: Mas o bom é que eu fui falando com vontade de falar assim ...

Luzia: Hum hum.

Michela: Sabe quando você ... discute com o Carrera assim e fala: "É verdade isso assim ...!" [risos].

Luzia: Hã hã.

Michela: E aí ... mas sempre tentando ... é ... descobrir, por isso que eu falo ... o ... que nem o Vianna falou: "Porque que você falou do Marx aqui, coitado do Marx!" e eu falei: "Porque eu queria entender, então eu ia ver o que é que o Marx estudava, como é que ele pensa, como que é a história de Marx e como que é a história oral sabe!

Luzia: Hã hã.

Michela: Então eu ia tentando por várias vias entender o ... justificar a história oral né, no meu trabalho, mas ... então eu acho que essas diferenças, hoje, eu acho elas ... ótimo o grupo ter essas diferenças! Né, eu acho que é ... é o que eu falo, eu acho que o Carrera é ..., não querendo puxar sardinha, mas ele tá ... numa ... num tempo de aposentadoria, vamos dizer assim, mas num tempo que ele tá podendo ler muito sobre né. E ele tá lendo, eu vejo que ele tem uma leitura de História ... muito ampla né! Então aquela pergunta que você falou, acho que o Carrera vai ser bem legal a entrevista dele!

Luzia: Hã hã.

Michela: Porque ... ele tem uma leitura de História, é o que eu falei, ele não tá preocupado em ... ele tá querendo ver História né! E ... então ... é uma coisa que o Vicente não tem ainda tanto tempo pra ter esse tipo de leitura, porque ele tá num ... numa época da carreira dele ...

Luzia: Hã hã.

Michela: ... que ele tem que lidar com um *n* coisas que o Carrera não tem mais! Então o Carrera tá fazendo tudo o que ele queria né, ler os livros que ele queria ler né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Isso pra nós do grupo é muito bom porque ... aí então essa diferença ... é o que faz! É isso que é bom, a gente vê em outros grupos aí que ... tem um mentor né, é um cara só que fala, é ele que sabe ... aí o grupo é sempre a mesma coisa ... e ... e vai assim né!

Luzia: Hã hã.

Michela: Então ir assim é muito bom ... Antes não era! Agora já tá tranqüilo pra mim.

Luzia: Hã hã.

Michela: Não tá pra você também?

Luzia: Tá ficando!

Michela: Tá ficando!

[risos]

Michela: É antes era mais desesperador, agora a gente tá ... eu tô tranqüila com isso.

Luzia: Hã hã. E aí assim, só queria que você falasse um pouquinho pra mim é ... do que você considera como ... fundamental, não sei se é esse o termo, mas assim de fundamentação teórica que é ... sustente o teu trabalho em história oral. Né, que leitura que foi importante pra você ...pro teu trabalho?

Michela: De história oral?

Luzia: É.

Michela: Eu ... eu falo de cara assim que foi entender o ... o texto do Ariès, que não é nem de história oral, é de História! Mas fala de tendências e tal, acho que assim ... foi por onde eu comecei a ver o que eu queria fazer né, porque aí eu dei um grande enfoque pra entender ... um enfoque pras tendências. Então foi eu entender aquele do ... do Philiph Ariès. E aí de história oral...! É ... porque daí foi ... é minha posição de História né, eu me apoio em Philiph Ariès pra definir História né! E ele define História trabalhando com a idéia de tendências né! Que ... os períodos vão se passando e aí esses períodos, e aí ele define o porque período né, o período muda quando existe uma mudança bem drástica na cultura né, que você consegue até detectar!

Luzia: Hã hã.

Michela: E aí é bem grande esses períodos, mas ele fala que nesses períodos, ele percebe que a sociedade vai convivendo com tendências! Então existe o período, o período ... aqui tem uma cultura que mudou, por isso que o período é outro, e aqui tem outra cultura! Então ele fala assim que mesmo que o período, vamos dizer, é novo, nesse período há tendências de mudança, porque ele é novo, mas há também todas essas tendências ... há tendências lá dos outros períodos de conservação! Então os períodos vão ocorrendo dessa forma!

Luzia: Hã hã.

Michela: E então é isso que ele, "fala o que é História né", História é isso, é ir transcorrendo esses períodos né e essas culturas que vão acontecendo, esses acontecimentos e tal, vão ... vão formando esses períodos e aí eles vão ... vão se ... passando junto com essas tendências né! Então é aquilo, então ... passam-se séculos e a gente convive ainda com tendências completamente ... é ... como que a gente fala? É ... a gente usa o termo ... não é arcaica, ... é ... ai, a gente fala alguma ... caretas, vamos ...!

Luzia: [risos]

Michela: Não é caretas mas ... com tendências assim né, por exemplo sexo né!

Luzia: Com tabus ...

Michela: Oi?

Luzia: Com tabus!

Michela: Com tabus é ... então, tudo que acontece na sociedade "meu Deus!"e a minha mãe por exemplo, ainda a pessoa tem que casar virgem, o sexo pra ela é completamente um tabu!

Luzia: Hã hã.

Michela: Aí eu ... a gente ... aí eu acho muito interessante essa idéia do Ariès porque a gente começa lá na sociedade nessas coisas assim mesmo né! E aí ... mas aí eu fugi completamente da pergunta!

Luzia: Que era a fundamentação em história oral!

Michela: Ah é! E aí fundamentação em história oral, o que você achou ... que eu achei que foi importante?

Luzia: É, quais as leituras, assim, as primeiras ou essenciais...

Michela: Hum hum. Então, eu me baseei muito por aquele livro "História do século XXI", que tem ... que são as conferências né, de um congresso que teve na UNICAMP de história oral.

Luzia: Tá.

Michela: São várias conferências, foi esse livro que eu ... que eu vi bastante, qual outro livro? Ai meu Deus é um rol de livros ... Qual que é? Vai falando, fala ... o do Thompson a gente leu, ...

Luzia: Tem Meihy, com o manual de história oral ...

Michela: Ah o "Manual de história oral" do Sebe?

Luzia: É.

Michela: Ah não!

Luzia: Não?

Michela: Terrível né!

[risos]

Michela: Gente aquele livro, é o fim da picada!

[risos]

Michela: Esse e aquele verde também, que o Emerson quer discutir!

Luzia: Não lembro.

Michela: O "Manual de história oral" é o fim da picada assim né! Pra falar que história oral é ... é aquilo né. É pra falar que você fez entrevista e ... textualizou [risos].

Luzia: Hã hã.

Michela: Aquele livro não dá né. Não dá nem o que você falar, não!

Luzia: Hã hã.

Michela: Mas ...

Luzia: Os livros que eu tenho ouvido falar são de Ecléa Bosi, ...

Michela: Então, eu não li também Ecléa Bosi e é ... ai meu Deus ... quais são ...? Então, e tem aquele verde também que o ... que o Emerson quer ... quer ler ... um branco com verde, que também é de história oral ...

Luzia: Ai eu não vou saber te dizer!

Michela: Ah eu também esqueci, mas eu acho ele também muito mais fraco do que os outros que eu li, eu achei ele também meio parecido com o manual, sabe assim?

Luzia: Hã hã. Delimitador...

Michela: É ... como trabalhar com história oral, entendeu? Já o que eu usei é mais aquelas discussões de história oral, né. E aí o porquê de ... do ... o início da história oral ser realmente assim ... uma idéia de história oral que admite, por exemplo assim, a história dos holocaustos, que não tinha documento nenhum ..., não tinha nada registrado né, propositalmente! E aí como saber aquela parte da história? Como conhecer aquilo? E aí então os relatos orais são importantes, o que vem a tona também todos esses questionamentos de que esses relatos orais são influenciados pela afetividade das pessoas ao falarem, pelo ... pelas lembranças ...

Luzia: Hã hã.

Michela: ... pela memória ... Aí dá pra gente ... quando você vai trabalhar com história oral, remeter à ... à história desses holocaustos, dessas ... é uma coisa que você consegue pegar bem direitinho o que que é, cê pega um lado da história oral bem interessante né!

Luzia: Hã hã. E aí isso é uma obra ... é um livro, é um ...

Michela: É, é um livro que chama "História do século XXI".

Luzia: Ah tá.

Michela: Né, que fala de história oral. Mas eu li três livros e esqueci o nome, olha que coisa! Mas todos eram assim: Thompson, Joutard, é ... Meihy, não Meihy é o Sebe, é o Meihy que é o Sebe, é ... ai, é que são vários autores desse livro, o Carrera acho que ... são esses livros mais de conferência ...

Luzia: Hã hã.

Michela: Que traziam discussões né de conferências e de ... trabalhos ...

Luzia: Debates.

Michela: Aqueles, ah "Memória e ressentimento", aquele "Memória e ressentimento" que eu vi na disciplina do Carrera! Ai eu não consigo me lembrar dos livros, mas foram mais esses assim que a gente tá usando!

Luzia: Hã hã. Tá ótimo. Ah então tá, bom era isso ...!

Michela: Ai então eu queria mandar um beijo pra minha mãe, pro meu pai!

[risos]

Luzia: Muito obrigada, e daí depois eu passo pra você a transcrição e a textualização, pra conferência.

Michela: Tudo bem.

Luzia: Tá bom?

Michela: Tá bom.

Transcrição da entrevista realizada com Marisa Resende Bernardes.

Luzia: Entrevista de 26 de agosto de 2004 ligada ao projeto Educação Matemática e História Oral: um estudo sobre alguns de seus fundantes.

Marisa: Bom, pode ir?

Luzia: [sinal afirmativo com a cabeça].

Marisa: Bom, meu nome é Marisa Rezende Bernardes é ... eu tenho formação em ... é... engenharia civil e posteriormente fiz a licenciatura em Matemática, ambas na Universidade Estadual de Maringá. Engenharia eu fiz ... concluí em 1980 e posteriormente, a licenciatura, eu concluí em 1988. Se não ... não estou enganada!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Bom. O meu curso de mestrado foi aqui na Unesp de Bauru né, em Ensino para Ciência. Acho que é isso.

Luzia: Tá ótimo. Então eu queria que você começasse falando pra mim um pouquinho desse, dos primeiros contatos que você teve com a história oral e do significado que tem pra você trabalhar com ... com esse recurso né, na Educação Matemática...

Marisa: É, o meu contato com a história oral foi muito interessante, muito mesmo! Porque eu estava num momento do meu trabalho, o qual eu já tinha feito toda uma revisão é ... que era possível, bibliográfica, em relação a ele e eu olhava pro meu trabalho e achava uma droga. Vê, eu na verdade é ... por conta do tema do meu trabalho, que o meu trabalho era sobre profissionalismo docente, e algumas é ... alguns palpites, digamos assim, que foram dados no início é ... bom palpite eu acho que ... é ... existe no programa uma reunião é ... logo após, seis meses após, o ingresso no programa, uma reunião que nós denominamos de técnica onde um grupo de professores do programa avaliam os diversos projetos é ... das

pessoas que ingressaram naquele ano. Bom, no .. nesse programa ... nessa reunião, um professor comentou muito sobre a necessidade que eu teria de definir o que era profissionalismo, o que é profissão e etc. E eu fui pega nessa armadilha, então embora eu tivesse uma idéia do que fosse isso, eu falei: "Pô mas ... essa minha idéia é senso comum né, então eu tenho que descobrir o quê que é isso!". E eu li uma quantidade de coisas é ... e aí foi interessante porque algumas coisas eu ... eu descartei e outras eu achava interessante, eram idéias interessantes etc. Mas tudo isso era uma revisão! Pura e simplesmente. Era aquilo que já tinha sido dito, aquilo que tava é ... em livros então, quer dizer, acessível a todo mundo! Então eu tava muito desiludida com o trabalho né, embora eu tivesse naquela situação assim, você sabe, o Vicente tá sempre encorajando a gente, achando que sempre né...! E eu olhava pra aquilo e aquilo não ... não me satisfazia! Pois bem, mas só que eu já estava com um certo tempo de ... no programa né e ... e aí eu comecei a me interessar por história oral por ouvir conversas entre o Vicente e a Ivete! Só que eu dizia assim pro Vicente: "Ah, eu acho interessante a história oral" e ele dizia pra mim: "Você termina ... você tem que terminar o seu trabalho!".

[risos]

Marisa: Né daí aconteceu aquele nosso primeiro encontro aqui com a vinda do Carlos à Bauru né!?

Luzia: Hã hã.

Marisa: E aí bom, o Vicente foi convidar ...

Luzia: Carlos Vianna?

Marisa: Carlos Vianna! Né, o Carlos Vianna veio à Bauru e ... e aí nós, o grupo que na verdade já existia assim informalmente né, e porque era determinado grupo que trabalhava já com história oral, resolveu reunir-se aqui e aí o Vicente foi e convidou a todos os orientandos dele, àqueles que trabalhavam com história oral ou não, e eu fui! Né. E aí eu achei muito interessante né ... a história oral e aí eu sou assim, quando eu resolvo, eu encafifo com alguma coisa, [risos], eu quero ler, ler, ler a respeito daquilo! Bom, e aí eu disse pra ele, mas o problema que eu tinha, é ... isso que o meu trabalho tava tão estéril, tava tão sem graça, sem sal, sem açúcar, não tinha nada de novo ali! Era como eu disse, tudo o que já existia em livros! Tá. Então eu falei: "Mas é por aí!" é a história oral, né, principalmente porque eu tava trabalhando com Focault, era a única coisa que eu achava interessante no meu trabalho era a idéia é ... foi a introdução do Focault à esse ... à essa revisão bibliográfica! Só que eu tava num impasse! Porque a idéia que eu capturava de Focault ali, pra mim não, não ... não conciliava com a idéia de um questionário, de eu chegar com uma estrutura rígida pro fulano e perguntar: "Questão um, tal coisa, questão dois...". Pra mim, porque o Focault falava em desenhar jogos de verdade das pessoas, como é que eu vou capturar isso, como é que eu vou pegar isso com as pessoas com um questionário rígido? Era por isso que eu tava ali angustiada com o meu trabalho! E aí surge, mesmo com esse grupo e eu comecei a pegar vários textos e comecei a ler, li o trabalho do Carlos Vianna tá, aí o Vicente é ... me permitiu ler os artigos que ele já tinha lido e ...

[risos]

Marisa: ... tinha escrito e que nessa época tava no prelo, portanto não estava à disposição do público. Eu li muito e eu falei: "É viável, é possível, dentro do tempo que eu tenho para o término disso (o tempo ... essa reunião foi em setembro e meu tempo terminaria na metade do ano é ... posterior ... é ... seguinte), então seria viável eu trabalhar com isso e justamente porque eu achei que era isso que faria o meu trabalho ter um diferencial, eu me empenhei muito nisso e fiquei ... se não fiquei inteiramente satisfeita com o meu trabalho, porque a gente nunca fica e esse é o processo de pesquisa né, eu poderia dizer que eu fiquei muito satisfeita né porque a inserção da história oral no meu trabalho me proporcionou tantos pontos pra eu pensar, pra eu continuar o meu trabalho que eu não senti o término do mestrado! Então o término do mestrado na verdade é uma data em que nós nos reunimos em que eu apresentei meu trabalho e que uma banca disse: "Olha terminou!". Mas não terminou também, no mesmo, no dia seguinte eu continuava o mesmo processo que eu estava anteriormente. Então é ... o preço ... essa idéia da história oral, é que eu acho que a história oral foi um diferencial no meu trabalho porque ela me deu uma perspectiva, em relação à metodologia, como uma coisa, digamos dizer assim..., ah uma coisa obrigatória, que deveria estar lá, tá! Mas alguma coisa que num determinado momento, é ... o foco do trabalho está ali, quer dizer, é o ... é o pólo ... é quando você pensa a metodologia é não apenas como alguma coisa rígida, como alguma coisa que te dá regras de procedimentos, mas quando você pensa numa concepção de metodologia, quer dizer, alguma coisa que faz você trabalhar o seu assunto de uma forma ampla, quer dizer, te dá tanto a situação de você tá ... ter o particular, como você não perde a perspectiva de alguma coisa ampla. Agora, uma coisa é essa sensação que eu tenho, essa idéia de que a história oral possa ser vista como uma concepção de metodologia, ta´. Agora, como fazer essas ligações entre particular e geral e tal ... é justamente isso que eu disse que ia ser muito interessante no meu trabalho porque eu não sei nada disso, então é isso que eu vou trabalhar a partir de agora, ou seja, é aquela perspectiva que a gente tem de pesquisa de que pesquisa é uma coisa que não termina nunca! Então quando uma metodologia te dá ... isso né, ela te dá uma situação onde você tem a sensação de que o infinito é o seu horizonte [riso]...

Luzia: Hã hã.

Marisa: ... é muito interessante né. Você vê que extrapola uma ... uma outra idéia de ... de método!

Luzia: Então pra você a história oral, ela seria uma metodologia de pesquisa qualitativa?

Marisa: Olha, a idéia é que eu ... eu não vou nem entrar nessa... mérito de que a história oral é uma ... é uma ... metodologia qualitativa. O nosso grupo já discutiu alguma coisa sobre isso e também é uma coisa que está em aberto no nosso grupo né. Mas de longe eu defenderia a história oral como uma concepção de metodologia! É uma idéia mais geral, onde você, no bojo da metodologia, mas não é uma coisa engessada tá. Um tipo ... é uma metodologia onde você pode inserir determinadas teorias porque...., aliás a história oral, ela te dá, dentro da forma como o nosso grupo entende, ela nos dá procedimentos éticos em relação à coleta de dados e tal, mas ao mesmo tempo ela nos permite, ela proporciona perguntas que nos permite inserir determinadas teorias. No meu caso, por exemplo, eu

trabalho principalmente com Focault né, com a obra de Focault, então ela permite você inserir uma ... uma ... uma conciliação com o Focault e esses procedimentos éticos dialogar com essa teoria, tá. Então por isso que eu acho que a história oral é algo muito maior do que pura e simplesmente um método, tá. Né, porque muitas vezes as pessoas pensam nisso: "Mas pô, é um método de você obter relato oral, de você transcrever, de você textualizar, etc., etc.". Bom, se eu admitir a história oral dessa forma eu vou cair invariavelmente naquela armadilha da verdade, onde eu apresento determinados relatos, as pessoas esquecem toda uma riqueza que tem no texto e dizem: "Olha, tal data tá errada, tal lugar tá errado", etc., quer dizer, como se isso não acontecesse em outros documentos! Mas como nós estamos ainda numa luta, nós estamos ainda defendendo uma nova ferramenta, as pessoas se apegam nisso. Sempre foi assim né, a verdade sempre foi utilizada principalmente pra defender determinadas posições, determinados campos, então, quando eu abro, quando eu tento pensar na história oral como alguma coisa além de um método, tá, no meu entender, eu fujo desse tipo de armadilha por quê? Porque eu quero ver esse meu relato não como uma coisa que eu vou procurar as inverdades históricas, é ... aquelas verdades historicamente instituídas e que você olha como datas, locais e etc. e que a pessoa olha pra aquilo e diz: "Isso aqui não é verdade!". Não é esse o prioritário na história oral, a história oral, ela revela todo um outro ... [tosse], desculpe Luzia, é ... é a minha tosse!

[risos]

Marisa: A história oral, pra mim ela revela toda uma subjetividade que é muito mais importante do que essas ... é ... essas armadilhas que a memória proporciona. Não é, porque o ... o depoente, ele cai nas armadilhas da memória, como todos nós, né. O que mais ... o que é interessante, eu acho que é esse o nosso trabalho, é evidenciar toda uma riqueza, né, de um ... do pensamento de uma determinada pessoa e essa ... essa idéia extrapola a idéia de método de que falei antes. Né, então ...

Luzia: Tá, e aí quando você falou assim: " a história oral como uma concepção de metodologia", você acha que as discussões que ela levanta, que ela proporciona, que ela incita, são discussões que podem ser levadas pra ... pra discutir outras metodologias? [...] Por exemplo, a apresentação integral do sujeito, é ... não sei, possibilidades que ela possa trazer que sejam inovadoras como você disse, que mexeu com a estrutura do teu trabalho...

Marisa: É, eu diria assim ... que quando eu penso na ... história oral como uma concepção de metodologia, eu penso o seguinte, de que isso abre pra você dialogar com outros campos, quer dizer, cria uma possibilidade de nós pesquisadores estarmos mais ou menos no que a gente chama ali numa zona de fronteira, tá certo. Ou de nós que somos da Educação Matemática, apesar de continuarmos no nosso campo né, nós podemos visualizar o outro campo, quer dizer nós não cortamos esse diálogo com outras disciplinas, né. Então ... porque se você incluir um método rígido dentro da Educação Matemática, bom é aquele procedimento e pronto! Tá. Não, quando você trabalha com a questão do relato, quando você tá procurando é ... é ... uma ... você pensa numa concepção mais ampla, você tem que pensar por exemplo: "Bom, eu tenho determinados problemas que aquilo que eu conheço não resolve", tá. Então eu penso: "Será que todo um conhecimento acumulado, é ... toda uma região da história, por exemplo, ou da literatura não me auxilia nesse tipo de trabalho?". Então, repara que nós começamos a trabalhar com outras ... outras áreas tá,

embora nós continuemos a nossa, tá. Mas nós tomamos conhecimento do que já foi trabalhado, porque é isso que as pesquisas é ... nós não podemos negligenciar aquilo que as outras pessoas já trabalharam, que ... e já foi acumulado! Então a gente percebe que isso é uma coisa muito interessante porque isso não é uma coisa pra ser feito por uma pessoa só, então é um trabalho é ... é dantesco, né, quer dizer, eu pensar: "Bom mas daí ... como é que você faz pra dialogar com todo o conhecimento possível?", não, e aí surge a idéia do que nós temos de um grupo tá, onde é um trabalho que eu não consigo vê-lo sendo feito apenas por uma pessoa, precisa ser feito por um grupo e ... seria interessante ver que quanto mais essas pessoas desse grupo trabalham com ... é, digamos assim, tem a possibilidade de tomar conhecimento de outras áreas né, é interessante, porque ..., agora mesmo eu li um texto que o Vicente produziu e que ele é ... faz uma inserção na questão da literatura né, é ... o cuidado com a forma, o Carlos Vianna se preocupa muito com a forma! Eu particularmente não me preocupo não por uma questão bastante simples, eu não acho que eu tenha capacidade pra isso! Mas é necessário que outras pessoas façam isso! Tá. A minha preocupação é outra, a minha preocupação é ... eu tenho ... eu tenho muito interesse na parte teórica, em resolver problemas teóricos, né? Então é necessário, por exemplo, que algum ... alguém do grupo se preocupe inclusive com as técnicas, porque é importante, faz parte do nosso é ... do nosso trabalho, tá aí também que eu adoro já receber pronto né!

[risos]

Marisa: Né, quando eu vejo, por exemplo, as pessoas falarem a respeito de ... dos avanços tecnológicos e tal e adoro que esteja pronto na minha mão porque eu ...

[risos]

Marisa: é ... é ... não me interessa realmente isso. Quer dizer, então quer dizer ter pessoas que me forneçam esse tipo de coisa, mas ao mesmo tempo não é uma apropriação pura e simplesmente do trabalho dessas pessoas, eu, como membro do grupo, eu também tenho a minha área de trabalho e isso é possível uma troca no grupo, né? Se alguém se interessa por uma área específica, por ... então é isso que eu te falei, é um negócio tão amplo, a idéia de ..., por isso que eu não consigo ver a história oral como um método pura e simplesmente, ela extrapola essa idéia, porque ela precisa, dentro daquilo que nós, particularmente pensamos, eu tô falando, eu não tenho o direito de falar da opinião dos outros, que eu não conheço, mas eu tô falando de uma opinião de dentro do nosso grupo tá. Dentro de uma idéia que nós defendemos eu não consigo batizar, digamos, a história oral por simplesmente como metodologia para que alguém confunda isso com método.

Luzia: Então metodologia pra você seria distinto de método?

Marisa: Não, eu não tô falando que é ... que ... eu não tô afirmando que metodologia é diferente de método não, eu nem entrei por essa seara não. É que as pessoas normalmente acham que a metodologia teria determinados procedimentos ... rígidos etc. Isso é até um negócio interessante né, porque eu fico meio cismada com isso, quando eu vejo, por exemplo, as pessoas falarem em determinadas metodologias como se cada uma delas não tivesse já toda uma produção teórica e que elas negligenciam isso! Confundem essa questão ... se apegam àquilo que é ...

Luzia: Seqüência de procedimento.

Marisa: é ... seqüência é ... sabe, então, não é essa a nossa preocupação aqui né!?

Luzia: Tá ótimo. E você falou assim, que você é ... o pessoal da história oral tá dentro da Educação Matemática e que conseguem ... visualizar outras áreas, ver possibilidades em outras áreas!

Marisa: Hum hum.

Luzia: Então você não mistura papéis, por exemplo, não é porque você utiliza a história oral no teu trabalho que você começa a se ver, por exemplo, como historiadora?

Marisa: De forma alguma ... tá.

[risos]
[conferindo o gravador]

Luzia: Não. Pode ir.

Marisa: Não alterou?

Luzia: Não, não. Tá ok!

Marisa: Mesmo porque, né, ser historiador é ... é uma determinada profissão! Tá. Então a minha profissão é professora de matemática que está vinculada a um determinado grupo que cuida de determinados assuntos tá. E justamente porque eu estou nesse grupo é que estou procurando ferramentas, tá, para é ... otimizar esse grupo! Tá. Porque se eu ... é ... se um determinado grupo se denomina X e continua ali, sem explicação a que veio, pra que serve e ... qual o diferencial em relação às outras práticas, ele morre! Tá. Então essa é inclusive uma das razões pelas quais é ... eu me apaixonei pela história oral, porque eu vejo no você proporcionar às pessoas oportunidades de falar, tá, você não deixar perder determinadas idéias e determinadas vivências que estariam condenadas a desaparecer etc. Mas aí tem um caso de um depoente meu que ele diz assim: "Bom, é ... eu publico, eu faço ... antes de participar de um determinado conselho e tal, eu faço um texto porque acho que a argumentação no momento só, está sujeita a paixões e etc. Então eu faço um texto pra que as pessoas possam pensar a respeito daquilo e ... e eu tenho discussões com colegas, eu tenho ... com os meus pares ... etc. etc." Bom, é professor em que tá inserida num determinado contexto onde ela pode conversar com várias outras pessoas, tá, tratar de questões teóricas e muitas vezes não tá muito interessada em passar aquilo na forma de um artigo, ela não tá nem preocupada com a forma acadêmica de transmitir as idéias, tá. Quando você conversa com uma pessoa como esta, essa pessoa, aquilo que ele não gosta de fazer, ele faz através de você, entendeu, você possibilita a outras pessoas, né, o pensar desse professor. Não que isso solucione, Luzia, um determinado problema de pesquisa, esse foi o meu grande problema em relação à minha dissertação, em relação assim, quando eu olho para aquele documento que eu produzi, tá certo? Ao mesmo tempo é o meu encantamento

porque é disso, dessa insatisfação, é que resultou a continuidade. Como eu te disse, o dia seguinte da ... da apresentação do meu trabalho foi um dia normal, continuou a minha vida ta? Por quê? Porque o fato de eu ter entrevistado quatro pessoas não resolveu o meu problema de pesquisa, tá certo, não respondeu, de forma: "Ah, agora eu posso responder o que é profissionalismo docente!", não, mas é a partir dessa minha insatisfação é que eu agora eu me preocupo com essa questão do que fazer com esses relatos, porque no ... na história oral nós não fazemos recortes! Então eu não vou dizer: "Olha, a partir de tais e tais recortes ...", aliás essa era uma coisa que eu tinha horror, também, antes de conhecer a história oral. O então responder: "profissionalismo docente é..." e tá, faço o recorte, não, não existe isso em história oral. Mas ao mesmo tempo quando eu pego idéias dos meus depoentes, quando eu pego um trabalho da Ivete que também tem depoimentos de outros professores, tem determinadas idéias que, olha que interessante, esse professor pensa assim, aquele professor pensa assim, será que se eu ... e olhando uma determinada idéia, vendo um determinado texto, poxa, será que eu não crio uma nova idéia! Quer dizer, são relações,tá, que estão lá no texto e que muitas vezes o ... o depoente não trabalhou aquilo no profissionalismo docente, não, tanto é que eu não me preocupava se a pessoa ia responder sobre profissionalismo docente. Ele possibilita, ele tem indicativos, tá, que faz com que você pense a respeito do profissionalismo docente. Tá. Então é essa a idéia, mas acontece que você fazer isso não é com um procedimento qualquer, você não faz de qualquer jeito, por isso é que eu disse que é você estar sempre de olho na ... na área dos outros! Tá?!

Luzia: Hã hã.

Marisa: É ..., eu acho que eu me perdi!

[risos]

Luzia: Quer que volte pra você retomar?

Marisa: É ... qual foi tua pergunta original? [risos]

Luzia: A gente tava discutindo aquela ... a questão de não se colocar naquela área né, de ser um historiador...

Marisa: Ah sim, é ... é isso, voltamos a isso. Então é isso, respondendo, acho que isso já falei no meu trabalho, eu não sou uma historiadora, eu não tô preocupada realmente com aquilo que um determinado grupo denominado historiador se preocupa, mas também estou preocupada com questões deles. Quer dizer, uma parte das preocupações deles servem para eu trabalhar dentro do meu grupo, dentro daquilo que eu tô buscando que é uma melhor forma de você tratar essa questão aí que é a Educação Matemática.

Luzia: Tá jóia. E você me falou um pouco da sua visão sobre história oral né. Eu queria saber se assim, se no início do teu trabalho, naquelas ... naqueles primeiros contatos, né, que você descreveu, se você já conseguir ver já dessa forma, se isso foi se modificando, de que forma foi se modificando, de que forma se modificou, sabe? Se era uma visão rígida? Tipo: "Eu conseguia naquela época dizer história oral é isso e hoje em dia já não consigo mais..."? [risos]

Marisa: Hã hã. Ah não, no início como eu te disse, eu tinha um certo tempo, tá, pra introduzir a história oral no meu trabalho. Então com o quê que eu me preocupei? Eu me preocupei com aqueles procedimentos, digamos assim, técnicos! Eu preocupei com como é que eu faço uma entrevista, como é que eu abordo o depoente... Né!? É ... com essa idéia, como eu manuseio o gravador, como é que eu faço a transcrição, como é que eu faço a textualização, o que é permitido, o que não é permitido, tá, quais são os procedimentos éticos em relação ao depoente, o que eu posso fazer, o que eu não posso fazer, eu tive essas preocupações tá!? Tanto é que eu ... o meu capítulo de metodologia é alguma coisa assim, em que eu discorro como é que eu fui - [tosse] ... desculpe - me apropriando dessas questões, tá. Que eram questões que já tinham sido pensadas pelo Vicente, que já tinham sido pensadas pelo Carrrera! Então eu fui ... só ... eu me preocupei com isso! Era essa a minha idéia, eu tinha que obter relatos orais, né, quer dizer, vendo que o meu trabalho ou ia pra história de vida ou ia pra aqueles questionários que todo mundo fazia. Tá, e era isso que eu não queria! Então eu tinha que rapidamente me apropriar disso! Então, inicialmente só foi isso, tá! Foi no momento em que eu terminei as textualizações e que né, nesse momento eu só tinha ... aquilo que havia sido trabalhado até então pelo grupo né, de alguma eu sabia procedimentos antes, vamos dizer assim que eu tivesse tudo muito claro pra mim ... Bom mas no momento em que, parte técnica então, na hora em que eu terminei a textualização eu olhei e disse: "Bom, eu não tenho arsenal teórico, eu tenho os textos, né, produzidos a partir desses relatos orais ...quê que eu faço com isso?" e acabou o meu tempo! Aí foi terrível isso! Porque eu tinha que dar um fechamento pro meu trabalho, eu tinha um tempo, né, porque a academia determina prazos! Né, bom então o quê é que eu vou fazer? Eu vou fugir do problema! É a ... é o que eu vou fazer! Isso aí, ótimo, me proporcionou é ... um ... um novo problema, novas questões e aí eu fiquei bem satisfeita ainda com a história oral, como eu já te disse né!?

Luzia: Hã hã.

Marisa: Por quê? Porque ela ... proporciona a continuidade, não tá tudo aí, você não resolve né!? Então terminei esse texto e daí eu tive que ter é ... eu adotei uma certa estratégia no meu trabalho, [tosse] é que eu iniciei com uma auto – entrevista e terminei me analisando! Foi assim que eu ... porque aí né me analisar é mais fácil ... eu não ... você não tem muito compromisso né, se eu falo de ... é ... de como eu me vejo enquanto profissional eu posso cometer injustiças a vontade! [risos] Porque eu não sabia o que fazer com relatos orais, eu não sabia como conciliar aquele arsenal que eu tinha montado inicialmente com esses textos, eu sabia que era possível! É ... isso pra mim era claro! Mas sabia também que eu precisava de muito tempo, tá, de muito estudo ainda, de muita ... é ... de olhar, olhar uma coisa, olhar a outra e procurar as ligações etc., etc. Só que, bom, isso aí é um trabalho posterior!

Luzia: Entendi. E esse trabalho posterior você poderia chamar de análise?

Marisa: Bom ... essa é uma discussão que permeia o nosso grupo né, essa questão de análise ou não, tá. Até bem pouco tempo eu usava isso. Ah bom, existem algumas pessoas dentro do nosso grupo que dizem, bom: "histórias de vida não devem ser analisadas!", tá. Aí ontem eu tava pensando: "Meu Deus do céu! Então pra quê que eu quero história de

vida?", se eu não posso analisar, então eu pego esse relato, coloco lá e os diversos leitores que descubram o que é possível dentro dos relatos! Mas isso, eu tinha a sensação assim ... de desrespeito às pessoas que me forneciam esses relatos tá! As pessoas não ... eu acho até que as pessoas ... não era ... não era isso, especificamente, o que essas pessoas queriam! Talvez não quisessem nada né, mas ... eu vejo: não, tem alguma coisa além disso! Além de fornecer um determinado relato onde, de qualquer forma ... estaria sujeito a essa seleção que nós temos aí ... que é corriqueira onde ah: "professor Fulano de Tal", ah, isso me interessa, esse foi o autor de um livro que eu estudei, não vou deixar de ler esse aí! Ah, "professor Fulano de Tal", ah já ouvi dizer que esse professor é muito polêmico, então vou ler. "Fulano de Tal", nunca ouvi falar, jogo pra lá! Quer dizer, eu não acho que seja justo um tipo de ... de submeter os relatos a esse tipo de ... de seleção, tá!? Que é aquela seleção que nós fazemos quando lemos um jornal, né?

Luzia: Hã hã.

Marisa: Bom, aí nós continuaremos no ... na mesmice, é, do ... E é por isso, essa ... então essa questão da análise passou a ser a minha preocupação não como análise, porque eu acho realmente que não é justo também pro meu depoente que ..., e nisso eu concordo com essas pessoas, que eu fique é ... olhando pra um texto e procurando ... criando armadilhas pro meu depoente e dizendo: "Ah, aqui eu acho que ele queria dizer tal coisa e não disse!", ficar procurando o que ele não disse ou o que ... o que ele ... tentou ocultar, etc. Isso não me parece muito ético, tá! O quê que é que me interessa atualmente? É a partir daí é que ... terminou?

Luzia: Não.

Marisa: [risos] Essa preocupação com a fita sempre ...

Luzia: É..

Marisa: É problema técnico.

[risos]

Marisa: É, é essa nova perspectiva Luzia que eu acho muito interessante, né!. É como eu vou ..., de textos obtidos através dos relatos orais eu posso criar novas idéias? Porque é isso que nós que estamos dentro de um grupo denominado educadores matemáticos queremos! Não é? Nós queremos é ... avançar no nosso fazer! Então como é que esses relatos poderiam é ... fornecer, às vezes um determinado relato que é, bom, a idéia desse depoente com alguma coisa que eu vi já no ... é ... na ... na revisão teórica pode esclarecer ou conciliar idéias ou de repente você pegar um determinado grupo em que você percebe uma tendência quer dizer, várias pessoas estão pensando dessa forma e de repente é isso que tá levando adiante uma determinada idéia ou não. Quer dizer, a partir de determinados relatos você pode perceber uma coisa que de repente é dominante e que aquilo tava é ... escondido, né. Bem, esse tratamento é que tem me interessado muito e até por isso, posteriormente, após o término da dissertação, eu procurei ler o ... é ... o que é ... aquela série do Proust, "Em busca do tempo perdido", o que ele fala sobre a questão da memória involuntária! O

quê que é essa memória involuntária que uma ... é aquilo que o depoente nos proporciona e que não está [tosse] é ... sujeito ao trabalho da inteligência, quer dizer, ele não fez uma seleção prévia do que ele poderia te dizer, daquilo que ele não poderia te dizer, mas ao mesmo tempo você não procura aquilo de uma forma ... você não cria armadilhas para o seu depoente! É que, ele ao falar, ele te expõem, ele coloca idéias que muitas vezes não estão bem elaboradas pra ele mas pode ser um ponto de partida pra você criar uma elaboração é ... daquilo com outras pessoas, de outros relatos etc. É mais ou menos por aí a minha idéia de que você pode tirar de determinados textos, digamos, um ... um ... uma certa ... ai me fugiu agora, como é que a gente fala com o novelo quando a gente usa o início do novelo assim?

Luzia: Ai ...

[risos]

Luzia: Acho se você não tivesse exposto que você não lembrava talvez eu lembrasse. É complicado...

[risos]

Marisa: É quando você pega uma coisa com determinada idéia, né, que pode é ... a partir daquela surgir uma outra idéia e você é ... e ser interessante pra aquele seu problema de pesquisa, tá. Agora, isso tudo não se faz, isso no meu entendimento, não se faz com um relato apenas, não se faz sem ter um conhecimento teórico! E que muitas vezes esse conhecimento teórico está acumulado em outras disciplinas!

Luzia: É ... deixa eu só ver se o gravador vai parar. Então é ... depois desse trabalho de textualização, seria possível olhar pra esse relato em primeira pessoa e deles conseguir tirar questões pra serem discutidas?

Marisa: Hum hum.

Luzia: No âmbito do teu trabalho... Então isso seria o que, pra você não teria que chamar análise, mas o que um ... sei lá, o que a academia coloca que deve ter que deve haver numa dissertação né, que sempre tem ... revisão, metodologia, análise, aquele formato padrão né ...

Marisa: Hum hum. É

Luzia: ... quadradinho, você acha que se encaixaria aí esse tipo de ... de tratamento, de abordagem?

Marisa: Olha, deixa eu ver se eu, através de um exemplo, eu deixe a minha idéia mais clara tá! Um dos meus depoentes, tinha uma forma característica de falar, ele é ... ele criava determinadas marcações na fala muito interessante! E aí é ... quando você lê o texto você diz: "Nossa, interessante a forma desse professor falar! Você tanto pode ler esse texto e pensar dessa forma tá, ou simplesmente é ... ignorar a importância de uma marcação como

essa tá, como você pode, por exemplo, acabei escrevendo posteriormente um texto a esse respeito né, do porquê do professor fazer determinadas marcações e que provavelmente ele ... talvez não fosse alguma coisa voluntária, tá, e... muito provavelmente não era voluntária, talvez ele não saiba que faz tais marcações, né!? Porque que é que ele faz tais marcações né, porque a preocupação dele em dar aquela forma ao discurso dele? Bom, e é aí que você pensa, quando aquilo te incomoda então você lê todo o relato dele e o que fica é determinada, uma determinada música de fundo, entendeu? Quer dizer, quando eu penso nisso eu não tô fazendo uma análise daquilo que aquele professor me disse, mas ao mesmo tempo aquela música de fundo, digamos assim, me dá a idéia de pensar a ... em ... em situações que então, porque que é que os professores ..., será que os professores se preocupam muito com a ... sua imagem? Que tipo de imagem o professor constrói de si próprio? Qual que é o papel que ele tem com isso, tá? E o quê que isso influi na prática dele? E foi uma idéia que surgiu de um texto tá! Aí pra ir ... e nisso eu já juntei com uma outra idéia onde foi pra ... a questão da pessoa, da ... dessa pedagogia da moda aí que envolve ... a mágica do computador né, é ... televisão e etc., quer dizer, repara que nada disso tava no discurso do professor! Né. Eu posso inclusive ir pra outra ... pedagogia cidadã, não fala nada! Mas ao ler o relato dele, aquela forma dele discursar me ficou como a tal música que eu disse. Quer dizer, vem um barulho de fundo que me fez pensar em outras coisas e criar uma outra idéia de que só posso ... é uma idéia nova, tá. Nova no sentido de que eu fiz uma outra elaboração, uma outra combinatória, certo!?

Luzia: Hã hã.

Marisa: Tudo isso foi proporcionado por ele!

Luzia: Entendi.

Marisa: Entendeu? Quer dizer, eu não fiquei analisando as idéias dele em cima ... claro, em outras situações eu fiz sim, mas ... mesmo porque você faz isso quando você lê um texto né! Mas o que é importante, o que ficou de importante pra mim são coisas desse gênero, em todos os relatos. Quando eu leio por exemplo os relatos do ... do trabalho do Carlos Vianna tem algumas ... você pensa algumas: “Ah, será ...”, procura também o que o sujeito disse e não quis dizer e etc., etc.!

Luzia: Hã hã. [risos]

Marisa: Mas não é essa a ... a ..., eu acho que aí é a parte produtiva, o produtivo está exatamente nisso: idéias que as pessoas te fornecem, tá. E que você pode, a partir de uma combinatória, daquilo que você um ... um ... de um determinado conhecimento que você tem acesso e com outros relatos que você possa constituir [som baixo] porque se nós ficássemos analisando pura e simplesmente os textos, né, nós vamos ficar naquela velha idéia de que a prática pode resolver os nossos problemas né, e aí nós caímos numa outra armadilha!

Luzia: E ... você falou de textos né que você teria produzido, que ... que produção ... o que você já produziu, assim, é ... discutindo sobre ou utilizando a história oral...?

Marisa: Olha, a minha ... além da minha dissertação de mestrado né? É ... eu ... eu participei, do término da minha dissertação pra cá, com ... quatro congressos em que os textos foram publicados em anais né é ... agora no EBRAPEM, no congresso ..., dois EBRAPEM, um congresso em Londrina, é ... pedagogia em Londrina, outro agora em Ilha Solteira e outro agora no SIPEC aqui, tá. Onde no SIPEC inclusive eu comecei a discutir essa questão da memória involuntária e de ligações com outros campos e etc., que é uma forma de ... de ver o outro né!?

Luzia: Tá certo.

Marisa: Bom, eu fora isso eu ... é... eu escrevi o capítulo de um livro né, que deverá ser publicado pelo nosso grupo e mais três textos que foram enviados pra revistas, mas isso tá em processo de análise.

Luzia: Tá certo então. E quando você começou a me falar assim, que você teve as primeiras preocupações com história oral, você tinha um tempo limitado pra terminar o teu trabalho e aí você se preocupou em ... em procedimentos que você falou: " ah ... técnicos", às vezes né, que você foi olhar pra aquilo como que abordava o entrevistado, enfim ... É ... você olhou pra isso por pensar que isso é que definiria o teu trabalho como de história oral? O que faz de um trabalho ser é ... classificado? Não sei, esse termo é horrível, mas assim como é ... como utilizando da história oral?

Marisa: Ah tá. Bom, não eu não pensei nisso não! Ta? Mesmo porque eu acho que se eu pensasse assim é ... eu não já teria ..., eu acho que, desde o início, naquela reunião que nós tivemos, eu tive uma visão assim ... eu tive uma visão um pouco além dessa questão só da parte técnica né, só que eu não tinha conhecimento! Vamos lá, quase que dizer que intuitivo! Tá. De algumas coisas que foram ditas ali, eu falei: "Não, mas é assim que eu posso viabilizar determinadas idéias que eu encontro em Focault!", tá. Mas ... eu não conhecia nada, então, como eu não conhecia nada, eu tinha que partir do B, A, BA, tá, quer dizer, eu tinha que descobrir o que é que até então se conhecia a respeito! Então o meu trabalho de ... de ... mestrado eu posso dizer, eu poderia dizer, que eu usei recursos da história oral, tá, se existe alguma coisa além disso é muito pouco! Tivemos assim um indicativo no final do meu capítulo de metodologia em que eu falava ... em que essas coisas começaram a me incomodar, quer dizer, "olha, eu acho que não é bem assim e que preciso avançar em relação a isso mas que não é possível mais!". Então no final do meu capítulo eu faço ... eu deixo as pontas, era isso que eu queria lembrar aquela hora tá, eu deixo as pontas, mas é ... então eu posso dizer que o meu trabalho de mestrado utilizou recursos da história oral! Bom, agora eu quero que o meu trabalho de doutorado seja um trabalho em história oral, quer dizer, aí eu já tenho ... eu pretendo construir dentro desse trabalho alguma coisa, uma parte daquele tratamento teórico, que eu acho que a gente tá precisando pra avançar no ... no grupo, tá. Senão volta aquela questão da prática que eu falei, se nós ficarmos eternamente preocupados, bom, isso é uma coisa que já está mais ou menos bem resolvida pra gente, né. Então eu acho que nós temos questões que precisam ser avançadas, questões sérias, difíceis né e é isso que eu pretendo fazer! Aí sim, se eu conseguir esse tipo de coisa, aí eu posso dizer: "meu trabalho de doutorado é em história oral!", não, no meu trabalho de mestrado, esses textos que eu produzi ... sim, eu poderia dizer que é em história oral porque aí eu captei ... um avanço teórico, tá!

Luzia: Tá certo. E ... assim ...

Marisa: Não terminou meia hora ainda? [de gravação]

Luzia: Não ... é uma hora!

Marisa: Ah é uma hora!

Luzia: Isso.

Marisa: Ah então tá. Eu tava preocupada!

[risos]

Luzia: Não. E assim ... se a gente fosse pensar no que faria de um trabalho, um trabalho em história oral?

Marisa: Hum hum.

Luzia: Né, você falou que teria que ter essa preocupação teórica e tal, você consegue identificar é ... elementos que deveriam constar nesse trabalho pra que ele pudesse ser olhado dessa forma? O que significa ...?

Marisa: É, eu acho assim, que pra que um determinado trabalho extrapole essa questão que eu te disse de utilizar meramente recursos da história oral, eu acho que esse trabalho tem que conciliar a parte empírica dele com determinado tratamento teórico, tá. E que seja condizente com essa perspectiva que nós temos de ... de história oral, se não eu não posso dizer que isto é um trabalho em história oral. Quer dizer, quando você trabalha e só vai até a situação onde você tem tipo, determinadas preocupações em relação à seleção com seu depoente, onde aí você tá numa perspectiva, vamos dizer, qualitativa, tá!?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Aí você tem ... usa ... tem determinados cuidados com relação à entrevista, a entrevista é conduzida de uma determinada forma. E daí você vai ter a textua ... a transcrição e todo aquele contato que você tem com os depoentes, os cuidados de verificar o que ele quer, o que não quer, que se torne público e etc. Até aí você tem procedimentos né ... é ... que é aquilo que o Carrera fala, procedimentos éticos, tá, e procedimentos técnicos também ... eu ... até nesse ponto, [risos] eu tenho que estar informada a respeito, inclusive, dessa sua preocupação aí agora com o gravador, tá. Mas isso aí ainda não me inseriu numa perspectiva da história oral, só estou usando recursos! Ta certo? E eu acho assim, no momento que você começa, que você pensa na textualização, nesse ponto ali você pode começar a verificar se alguém está numa perspectiva da história oral ou não, tá. Pra mim isso foi muito mecânico, tá, eu fiz a minha textualização de uma forma muito mecânica, é ... criei um texto, que eu achava ser o mais objetivo possível tá, é ... agrupei as

idéias dos depoentes, etc. Então eu só usei recursos da história oral, mais nada! Eu não extrapolei isso né!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Agora, pra você dizer que está numa perspectiva da história oral eu acho que você precisa, a partir disso, de quando começa a linha da textualização de como tratar esses depoimentos, como ... é ... isso aí tem a ver com uma ... uma determinada teoria, como que é feito esses métodos e tal, como é que é feito esses métodos, porque, como eu disse, a história oral ela cria perguntas né, ela cria, ela suscita questões, você tem que colocar essas questões num outro lado, quer dizer, no momento em que você faz isso, em que você começa a se preocupar com essa ligação, aí é como eu disse, eu acho que aí o trabalho está em história oral. Por exemplo o trabalho do Carlos Vianna é um trabalho em história oral, ele tem toda uma preocupação com a questão dessa teoria, de resolver problemas de forma e o trabalho dele está centrado ... quase que da textualização em diante, é essa né a idéia que a gente tem! O meu não, o meu vai até a textualização, né?

Luzia: Entendi e ... é ... essa preocupação que você fala de ... de tratamento dessas textualizações é uma preocupação que eu tenho ouvido assim em outros ambientes e que até tem levado algumas pessoas a questionar a cientificidade da história oral! De colocar coisas do tipo: "Ah não vejo isso como análise e, pra mim, pra um trabalho de pesquisa dentro da academia tem que ter análise pra ser científico", por exemplo. O que você pensa sobre isso. Você acha que é por aí pensar a cientificidade, que é isso que define?

[risos]

Luzia: Só que eu acho que ... ah dá pra ...

[com relação ao gravador]

Marisa: Dá pra mudar!

Luzia: Tem um restinho.

Marisa: Tá acabando?

Luzia: Tá acabando.

Marisa: Então vamos tentar né. Bom, essa questão é interessante! Você repara Luzia que essa preocupação que você me disse ... recorrente né, tá muito preocupada com a questão da verdade, de uma determinada forma acadêmica, etc., né. Então, o quê que é ser científico né? Você ... é ... a pessoa diz: "Olha, eu não acho que esse é um procedimento científico!", ela ... ele não ... esse "acho" dela, por trás está toda uma concepção dela do que é ser científico, né! E é uma concepção acadêmica! Aquela concepção de que determinados procedimentos, determinadas verdades foram aceitos por um determinado grupo e só é possível discutir determinadas coisas à luz dessas verdades já reconhecidas por esse grupo! É uma ... é uma perspectiva de poder interessante isso, né! Então, como nós disputamos

alguma coisa não fica em ... quando você pensa em alguma coisa não se abre assim, por ação divina novos campos, nova ... novos financiamentos ... o Vicente colocou isso muito bem em Ilha Solteira, ta?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Nós do ... como nós entramos numa determinada ... numa nova perspectiva, nós vamos disputar campos que já existem, é ... áreas de comunicação que já existem, é ... disponibilidades de financiamentos também já estabelecidos, nós vamos disputar isso! Com determinados grupo que se acham, em nome de um conhecimento, de uma perspectiva científica tá, com o direito a essas vagas de publicação, a esses ... é ... . Preocupada com o final da fita!

Luzia: [risos]

Marisa: ... com os financiamentos e etc. Então, repare que isso é uma perspectiva de verdade que enrijece a idéia, mas o que está por trás é a questão do poder! Isso é! Agora, nós estamos no ... no ... determinada idéia de história oral em que nós vamos acabar tendo que ir por esse caminho, não tem jeito! De determinado momento nós colocarmos, viabilizarmos um determinado discurso tá, mas é ... não é essa, não creio que seja essa a preocupação nossa: tornar a história oral científica! Não ... quanto as pessoas nos cobram isso, elas não estão nos cobrando ... que nós: "Olha, vocês estabeleçam coisas muito certinhas pra poder ...", não, as pessoas estão na verdade discutindo se nós devemos ... se é legítimo ou não nós disputarmos fatias desse poder, desses locais de publicação, etc., etc. Então.

Luzia: Vou ter que virar aqui. [a fita no gravador]

[trocando a fita]

Marisa: Então eu não acho que é essa a nossa preocupação, de estar ... tornando a história oral científica!

Luzia: Hum hum. Tá ótimo. E assim, quando você pensa em usar esse recurso da história, né, a história oral dentro da Educação Matemática, você faz isso pensando em contribuições que isso possa trazer pra tua área, né, acho que de alguma forma é isso que vem a tona. Você consegue me dizer, um pouco acho que você já até falou, algumas coisas que eu consegui identificar, mas você consegue me falar a respeito dessas contribuições pra Educação Matemática?

Marisa: Bom, eu acho assim, que dentro é ... da produção do conhecimento nós temos uma determinada produção acadêmica tá e temos um ..., isso na perspectiva da Educação Matemática, e temos uma produção escolar tá. Então, como nós vimos aí essa questão da licenciatura, com um número de horas de aula ... de estágio ... é ... repara que muitas vezes aquelas pessoas que são partidárias de um ... de um fazer é ... uma ênfase na produção escolar acham isso muito bom! E no entanto, ia falar o seguinte, quando nós tomamos

contato com a escola, o sujeito ... é recorrente acontecer o seguinte: o sujeito terminou uma licenciatura, ele tem idéias novas e tal, ele ao se ver inserido num ambiente escolar, aquelas idéias dele somem com o tempo! Quer dizer, ao se confrontar com a realidade escolar aquilo ... aquilo que já ... [tosse] ... já está cristalizado dentro da escola, o discurso dele muitas vezes não tem força pra se contrapor, tá. E esse me parece um problema muito sério porque daí vai do jeito que o diabo gosta, quer dizer, é uma continuidade, o sujeito se aperta ali naquele grupo e então continuamos produzindo as mesmas práticas! Então o que eu acho muito interessante na história oral é justamente a possibilidade desse confronto e aí tem que ser alguma coisa ... um confronto sério e por isso eu falo que a análise não é qualquer análise tá, porque toda a análise tem por trás a questão daquilo que eu quero ouvir, daquilo que é interessante ouvir! Então, você tem a opção, você ... o que ... o que a história oral me proporciona é um conhecimento desse ... dessa produção do conhecimento escolar em que possa a confrontar com um determinado ... uma determinada produção, digamos assim mais acadêmica, seria teórica, tá! Sem isso pra mim também a história oral fica órfão, né, ela fica totalmente destituída de significado. Por isso quando você me perguntou: "Ah um determinado trabalho pra estar inserido numa perspectiva de história oral, o quê que precisa?", pra mim precisa desse confronto! Porque se não ele tá só utilizando recursos da história oral, tá! E ... é ... isso especificamente uma produção é ... dentro dessa área, que você tá falando, da Educação ... Matemática. Mas o quê que é a Educação Matemática né? Eu particularmente, eu fico muito cabrera com essa idéia de ... de ... falar Educação Matemática, porque ... eu não me preocupei com a questão de profissão e profissionalismo docente à toa tá! Eu me vejo, inicialmente, como uma profissional do ensino da matemática! Tá. Agora, eu tenho determinadas preocupações que me inserem num determinado grupo particular denominado educadores matemáticos! Tá! Nos quais também permeiam as relações de poder, aliás como todo ..., é um discurso, a Educação Matemática é um discurso! Tá. Então, a ... o quê que eu tenho, quando eu tenho ... a história oral possibilita relatos de professores, tá, dentro da idéia que eu tenho do que ... do que é a Educação Matemática, essa questão ... a possibilidade do confronto dessas duas produções! Agora, o confronto dessas duas produções tanto pode ser pra legitimar o que tá aí, tá, quanto pra você criar uma perspectiva revolucionária! E aí, como diria o Carrera, é ... é questão de gosto!

Luzia: [risos].

Marisa: Né. E não é, ... e não vamos ser ingênuos, que dentro desse grupo chamado educadores matemáticos, tá, toda perspectiva é revolucionária! Não é! Tá. Então é ... eu acho sim ... que ela possibilita e que permite talvez, se nós, num confronto sério, num confronto realmente de ..., como diria Nietzche, de confrontos ... de espadas que se chocam entendeu, você descobrir tanto essa perspectiva que é uma perspectiva de continuidade, de perpetuar o que tá aí, quanto uma possibilidade revolucionária! É essa a ... a idéia que eu tenho de história oral e é para isso que eu direciono os meus estudos.

Luzia: Tá jóia... Tá ótimo. E assim, eu queria ver com você algumas questões, eu acho mais específicas assim, que estão sendo discutidas dentro do grupo né, já há algum tempo, como por exemplo, como você pensa ... documentos, né?! Porque ... você trabalha, agora no começo da sua fala mesmo, da entrevista né, você falou: "Ah, eu pego a textualização e tá lá aquele documento e aí eu olho.

Marisa: Hã hã.

Luzia: Então assim, o quê que é pra você isso? Como que eu vejo isso no trabalho?

Marisa: Olha, documento pra mim é ... aquilo que ... isso eu enxergo bastante que vem lá da história tá. É escolha do historiador! Ta certo? Eu tenho determinados relatos em mãos porque eu escolhi determinados sujeitos! Isso é tranqüilo pra mim!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Ta? E até nisso é que, eu vejo que o Focault cria uma perspectiva muito interessante em relação a ... ao que é documento e o que é monumento, ta! Até eu escrevi ... um ... texto a esse respeito porque essa questão do ... documento e é isso, você tem uma escolha do historiador, certo?! Portanto, tem relação de poder! Né eu escolho quem eu quero colocar no meu trabalho é ... ingênuo pensar o contrário, ta!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Então assim como lá na história os historiadores também fazem escolhas, e é essa a questão do documento né, é a perspectiva interessante que eu vejo no Focault agora é você extrapolar isso, é você pensar o documento como monumento, ou seja, o quê que é que o ... esse documento que você tem em mãos vai estar eternamente falando né, te dizendo. Eu até fiz um ... uma analogia com filosofia lá em Ilha Solteira justamente com isso ... com a noite ta! Eu vi uma vez uma ... um ... um texto que saiu na Folha de São ... no Estado de São Paulo sobre a noite como um monumento. Aí eu fiquei ... monumento né! Então essa idéia de que o ... o documento, ele oculta determinadas coisas que a luz de outras ... de determinadas situações você possa é ... obter determinadas informações. Então eu fiz analogia com a noite porque quando você olha pro céu assim, parece que o céu ta cristalizado né, e ... o documento também é cristalizado! Mas no entanto a noite, a visão da noite, ela oculta aquelas idéias ... o piscar de coisas que são vivas, de estrelas que já morreram e no entanto você vai .... vai chegar, a luz é uma questão ilusória! Então, o documento como monumento eu acho interessante isso porque deixa encara qual a escolha do historiador e que isso parece ficar muito claro: minimizar ... o que é isso né, como alguma coisa que, conforme a forma que você o vê você pode estabelecer as novas relações! Isso na perspectiva de Focault, certo? Dentro do ... se eu fosse só responder o que é documento: é uma escolha do pesquisador ou, se ele tiver inserido dentro do campo dos historiadores, é uma escolha do historiador.

Luzia: É e dentro desses trabalhos com história oral ou em história oral é ... você diria que documento é a fita, é a transcrição, a textualização?

Marisa: Bom, o documento é ... dentro da história oral, é inclusive nós que trabalhamos com história oral – inclusive eu até então eu to falando de uma família ta, digo, da minha visão de história oral. Mas isso não nega a importância de trabalhos por exemplo, (se não eu estaria negando inclusive a importância do meu trabalho de mestrado) de constituir um documento, certo! Esses documentos é ... são é ... as fitas, não ... é .... Olha se eu fosse

chamar de documento realmente, seriam as fitas! Pra mim ali eu fiz a escolha, eu escolhi determinados sujeitos, é ... eu possibilitei esses ... eu tenho relatos dessas pessoas e aí tem os procedimentos técnicos em relação aos relatos. Bom, aí eu penso o seguinte, pra responder essa sua pergunta, eu penso assim: bom eu conheço, eu não conheço determinada pessoa que obteve tal relato, eu vou na textualização dessa, desse trabalho, bom eu teria que confiar no ... nesse procedimento ta, é ... mas você vê? Não deixa de ser, pensando melhor, agora que eu to pensando, porque na textualização do meu trabalho a textualização não foi fiel, desculpa a transcrição, não a própria, a textualização não foi fiel inteiramente a esse ... aos relatos gravados, não porque eu tivesse modificado, não, é porque foram acrescentadas coisas. No meu caso eu não tive nenhum problema de pessoas que disseram: "Olha, corta parte disso, isso aqui eu não quero que inclua", aí você tem que é ... proibir a divulgação de determinadas partes da fita, eu não tive nenhum problema disso, mas eu tive problemas de pessoas que disseram assim ..., ao pegar o texto ta, eles contribuíram pra formatação daquele texto: "Essa idéia aqui nós poderíamos desenvolver mais!", e aí eles me devolveram já escrito, entendeu? Quer dizer, ... então eu criei uma nora de rodapé onde eu disse: "Olha, na ocasião da textualização tá, o meu depoente inseriu tal nota, ta ta ti ta ta ta.". Quer dizer, então esse conjunto então criou um documento! É eu inicialmente eu tive que desenvolver a idéia pra poder ...

Luzia: Hã hã.

Marisa: ... chegar a um fecho, ta. No meu caso então, tanto as gravações que ... que se alguns se interessarem por aqueles relatos, vão estar disponíveis, quanto a questão da textualização que tem idéias adicionadas dos depoentes ta, dos meus, de quatro depoentes, três fizeram isso. Então a minha textualização é um documento, é um documento que foi produzido a partir das ... das fitas, né! E ... é ... tudo ...

Luzia: E a transcrição entraria como um registro na história oral, você veria também como documento ...?

Marisa: Também como documento. Ta, um documento produzido a partir de um documento que é ... inicial né, que é aquele relato oral.

Luzia: E você me falou em alguns momentos que ...

Marisa: Interessante isso, não estava bem elaborado! Por isso falei: "deixa eu pensar ...",

Luzia: [risos], ta certo! Claro. E você me falou antes de procedimentos éticos e tal e aí eu queria saber mais assim, a respeito disso assim. Quais cuidados éticos se costuma ter dentro desse grupo de história oral e Educação Matemática? O que vocês entendem por isso, como que é feito?

Marisa: Você pode resumir isso Luzia, seria o respeito ilimitado ao ... ao depoente, ta. O depoente tem todos os direitos, essa é que é a verdade. Ele tem inclusive o direito de, posteriormente, você ... você gravou o relato dele, você transcreveu, você textualizou, você ... você teve todo um trabalho ali e ele vem falar: "não quero, desisti!". Ta certo? Ele tem pleno direito às memórias dele e isso me parece um resumo desses procedimentos éticos, ta.

Luzia: Hum hum.

Marisa: Então significa o seguinte: que, a ... o meu depoente pode truncar determinados trechos da entrevista, ele pode dizer: "não quero que isso se torne público!". Ta? Ele pode mudar a textualização, alterar ... esse tipo de coisa e... :"olha, essa idéia que eu desenvolvi aqui não é bem assim.", né. Então, ele tem pleno direito às memórias dele e esse pleno direito parece que resume todos os procedimentos éticos. Quem dita as normas daquilo que você vai produzir ou não é o depoente

Luzia: Ta certo. E ... nas entrevistas que eu fiz anteriormente eles me falavam em cartas de cessão. Você acha que esse direito dele ou essa vontade dele é ..., no final das contas, depois das negociações durante a entrevista e ... processos de ... conferência né, da textualização e tal, se concretiza nessa carta de cessão? Você fez esse tipo de carta?

Marisa: Fiz, eu fiz sim. Esse é um procedimento ... eu classificaria de técnico né, que é a questão da carta de cessão. Por quê que eu classificaria como técnico? Porque ele ... nos ... é ... protege, né, futuramente. Essa carta de cessão é um procedimento ... jurídico, digamos assim. Seria alguma coisa que advogasse aquelas idéias pra que o depoente não possa, ele ou os familiares né, é ... tirar aquilo [...]. Então essa carta de cessão é um cuidado que nós temos que faz parte de ... daqueles procedimentos, eu diria técnicos, de não nos preocuparmos de nós termos é ..., no caso de nós termos que discutir isso judicialmente né, a divulgação das nossa idéias né, isso é um documento que nos garanta a concordância do depoente em divulgar as suas idéias né. E que no caso de falecimento, os familiares é ... também tenham, não possam discutir aquilo lá.

Luzia: Ta certo. E ... você me falou e conversei também, de textualização, de transcrição e sempre né, tem a textualização nas entrevistas. Por que se textualiza sabe, quais ..., o que é que isso te traz na ... na pesquisa?

Marisa: Bom, eu acho que a gente é ... textualiza, certo, a rigor ... é porque continua a ... a idéia de que é o escrito que tem um maior alcance, né, então essa é a principal idéia de porque você faz a transcrição e porque você faz a textualização e você não arquiva meramente as entrevistas, ta!?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Então, uma outra é ... essa me parece que é a questão fundamental. Você quer divulgar uma idéia, você precisa divulgar isso ... é ... deveria ser a princípio o ... papel ... é ..., diria preocupação!? Uma das metas de um trabalho de pesquisa né, porque ... você fazer alguma coisa que fique presa a um determinado contexto ... me parece ser a idéia de [...] sabe, então é questão de divulgação entra ... [trecho inaudível]. Bom, uma outra questão é que através da textualização, as pessoas possam é ... ter uma idéia, os ... os depoentes, ver uma forma mais clara e elaborar sua idéias e... me parece também que é uma instância em que você dá uma chance ao seu depoente dele coordenar determinadas idéias. Porque quando você ta falando, você tem uma preocupação com o outro que está na sua frente né. Então ela ta te entendendo, você tenta resgatar coisas que estão na sua memória, é um

trabalho intenso! Então não é ..., mesmo pra algumas pras pessoas, [tosse] não é, acho, uma via muito fácil né! Outro dia mesmo achei engraçado, o Ítalo Calvino comenta isso: "eu particularmente prefiro falar pouco e escrever mais porque ao escrever eu apago, eu reestruturo minhas idéias, etc, etc." Então, isso para os depoentes, é ótimo né, porque possibilita ele verificar se determinado é ... é ... como é que foram entendidas determinadas idéias, né. Por outro lado, é uma forma, como foi o meu caso, de que essa fase foi uma fase muito rica também, porque é ... eu voltei pra conversar com essas pessoas, alguns ... é ...dois deles eu fiz inclusive gravações posteriores, porque ... é ...: "Ah, vamos discutir mais esse assunto?", ou outros fizeram é ... é ... acréscimos no texto, quer dizer, foi uma fase, essa fase de textualização, é uma fase que tanto permite ao depoente elaborar determinadas idéias como permite ele fornecer mais material a você. Essa questão da textualização é assim, é um meio de ser divulgado, de dar maior divulgação, e é uma outra etapa da pesquisa que também acrescenta [tosse], que, quer dizer, ta coerente com os objetivos da pesquisa.

Luzia: ta.

Marisa: [tosse]

Luzia: E quanto aos registros orais, você tomou algum cuidado depois que você terminou o trabalho? Tem pessoas que encaminham pra arquivos orais, tem outras que devolvem pros depoentes, outros ficam consigo pra continuar ...

Marisa: Olha, eu ainda não .... não encaminhei essas ... essas fitas não. Elas estão comigo, eu tive o cuidado de guardá-las em local seguro, em condições de luz, de temperatura e etc. Então essa ..., em relação as fitas, ao material gravado. Agora, em relação ao meus depoentes, dois dos meus é ... dos meus depoentes se interessaram pelo trabalho, então é ... eu forneci uma cópia do ... do trabalho, da dissertação, pra eles e eles inclusive discutiram comigo!

Luzia: Esses dois?

Marisa: Esses dois. Por quê? Porque aí eles puderam ver os depoentes deles é ... lado a lado com aquele arsenal teórico que eu tinha montado ta. Então foi é ... duas pessoas que conversaram muito posteriormente. Agora, os dois outros não, não se interessaram, não quiseram ... eu diria até que um deles, a razão principal pelo qual ele ... forneceu essa entrevista era isso, era o interesse em perpetuar as idéias dele, ta, é uma perspectiva ... muito forte naquele professor, de que ele podia colaborar com as idéias de... durante toda a vida dele ele teve um envolvimento muito grande com as ... questões da escola, ta, em várias instâncias, então ce vê que aquilo é uma possibilidade a mais que eu ofereci a ele de ... estar nesse mecanismo. Mas ai depois ele, até a parte da textualização, com muito cuidado ao ver a textualização, etc., principalmente as idéias ligadas à escola, ao fazer profissional. Então, questões pessoais, inclusive ele deixa soltar algumas coisas, eu achei que depois ele ia truncar, não, deixou, ele não levou em conta aquilo ta.

Luzia: Hã hã.

Marisa: Mas é isso!

Luzia: Então ta jóia, então estão com você ainda as ...

Marisa: As fitas estão comigo, mesmo porque essas fitas ainda constituem um material pra mim, pra minhas atuais pesquisas!

Luzia: e como que você vê assim, a relação entre pesquisador e depoente? É ... como você considera essa proximidade ou distanciamento, sabe ...? Com relação a esse tipo de coisa...

Marisa: Olha Luzia, eu acho que essa questão nenhum teoria dá conta!

[risos]

Marisa: Então, é estranho isso né, porque eu tive, dos quatro depoentes, três deles eu não conhecia absolutamente nada, não, não conhecia absolutamente nada não, não é bem assim. De um deles eu não conhecia nada, eu descobri isso posteriormente, dois deles é ... eu sabia alguma coisa através de uma outra pessoa ta, mais ou menos como aquela pessoa, que inclusive indicou também aquelas ... aqueles dois depoentes, ta é ... que, na verdade [trecho inaudível], e que de certa forma confirmou durante a entrevista. Bom, então ... e a quarta pessoa que é muito meu amigo, que inclusive eu diria assim, eu poderia dizer que é meu companheiro de estudo há quatro anos que é o professor Geraldo Bérgamo. Bom, com o Geraldo, a proximidade, quer dizer, eu conhecer muito da vida dele foi interessante porque ele pretendia sonegar determinadas coisas! Por exemplo, eu sabia que o Geraldo tinha sido reitor da ... é ... da Fundação do interior, que foi encampada pela UNESP, e que ele não pretendia falar a respeito, ele tava ... ele tava muito preocupado com as questões sindicais, com as questões e tal e ele tava ... ele não falava disso. Inclusive ele falava: "Foi você que puxou essa idéia!". Quer dizer, aí eu ... foi possível fazer essa pergunta a ele. Por exemplo, até um determinado momento o Geraldo, ele não se interessava, em absoluto, em fazer doutorado, então ... tinha até resistência a idéia, mas todo o discurso dele apontava pra alguém muito preocupado com a questão teórica, então porque não, porque essa resistência a fazer doutorado? Se eu não soubesse dessa resistência não seria possível um diálogo, uma certa elaboração que ele fez a respeito das práticas acadêmicas, dos interesses de determinadas práticas acadêmicas e dos interesses daquelas pessoas que são tocadas por questões teóricas que nem sempre é científica! Então é um momento interessante da entrevista! Bom, os outros dois depoentes, o fato de eu ter sido indicada por determinada pessoa fez com que eles ficassem muito desarmados em relação a mim, me atenderam muito bem, com muita gentileza e etc., agora, se eles sonegaram informações importantes eu não sei, ta. De repente poderia, em relação a esses dois, poderia ter informações ingênuas dessa ... contradição que eu contei agora e que eu não pude explorar, ta! Agora em relação ao quarto depoente foi um desastre total! Porque, como eu comentei, eu não o conhecia, ele não me conhecia, ta, quando eu disse a ele qual era o assunto da minha dissertação ele criou todo um discurso, ta. Mas aí foi interessante a história oral, por que? Ele criou um determinado discurso mas nós estávamos conversando ali na perspectiva da história de vida, porque ele começa falando: "eu nasci em tal lugar, filho de tal ... parará", começa a falar da vida dele! E aí eu falei: "pô, mas ...", eu peguei aquele relato e foi engraçado, quando ... em determinadas circunstâncias ele parece uma pessoa, em outras

parece outra , né, dava uma sensação esquisita, não voltei mais. Aí, conversando com outras pessoas, me falaram: "peraí, é que você desconhece faces da vida dessa pessoa!". Tanto é que isso foi tão sério que eu trunquei essa entrevista, eu ... todas as outras entrevistas eu tive vários encontros, essa não. Essa eu usei é ... como contra-exemplo, digamos assim, eu parei a entrevista naquela faixa, não fui atrás é..., informei o depoente de que tinha sido essa a minha opção e tal ... e se ele fosse contrário a isso eu teria dado um outro encaminhamento pois, como eu disse, as pessoas tem pleno direito às suas memórias! Então eu conversei com esse ... com esse professor, eu disse: "olha, aconteceu isso, isso e isso, eu tive essa informação adicional ...", aí ... ele ... eu falei: " eu gostaria de usar o seu depoimento, já que eu tô cuidando da parte técnica, digamos assim, dos recursos da história oral, gostaria de usar o seu depoimento para explicar o que pode acontecer!" Aí ele concordou comigo, ele concordou, inclusive ele me deu um documento por escrito, que eu comentasse sobre a informação dada pela terceira pessoa, que era um momento difícil da vida dele, que ele não estava disposto é ... assim... é ... que não fosse perguntado a respeito, falar, não estava, né, era uma fase da vida dele que ele pretendia excluir daquele relato, mas ele me autorizou a ... falar sobre isso e comentar sobre essas ... essa idéia. Então repara que essa questão de proximidade, tanto tem pontos a favor, quanto pontos ... é claro, também porque se você ta muito próximo de uma pessoa você corre o risco de direcionar as idéias dessas pessoas, né, isso é muito difícil, é uma das ... é um dos exercícios difíceis né porque .... No início da minha conversa pode parecer um certo menosprezo a essa parte técnica, não, não é isso de forma alguma ta, apenas meu interesse está numa fase posterior! Mas não ... essa fase posterior posterior também pode voltar a essa situação, quer dizer, eu estou preocupada com o que fazer com os relatos e pode ser que aqui eu descubra alguma coisa que sinalize que os procedimentos que nós estamos tendo em relação as entrevistas talvez não sejam os melhores possíveis! Ta. Está aberto isso! É ... apenas não é o foco do meu trabalho mas eu ... eu não digo que não seja possível uma volta a isso porque agora ao conversar com você eu percebo isso!

Luzia: Hã hã.

Marisa: Entendeu, porque nós estamos fazendo uma entrevista aqui mas ao mesmo tempo nós estamos conversando sobre o assunto e é ao conversar que você vai ... né, porque as vezes é uma ocasião de você ir coordenando determinadas idéias e tal.

Luzia: Bom, você me falou em alguns momentos da entrevista né, de alguns pontos que ficam em aberto no grupo e que precisam ser melhor explorados de alguma forma ... tem outros além dos que você me falou? Outras preocupações, né? Até antes da entrevista você me falou: "Olha, tem vários! Nossa!" .

[risos]

Luzia: Você gostaria de falar de alguns ou de todos, não sei ...?

Marisa: Bom, têm várias preocupações, né? O grupo é um grupo, embora tenha o exercício que eu e o Vicente fizemos aí no último EBRAPEM pra falar sobre a história do grupo, né? Se nós começarmos a saber como é que esse grupo se constituiu nós temos que fazer uma invasão nas histórias individuais, certo? Bom, mas se nós considerarmos e estabelecermos

arbitrariamente ... este grupo se constituiu em 2000 e? 2? 2002? Ele é um grupo bebê, né? Novinho, digamos assim, ta?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Se nós pensarmos idéias individuais e naqueles compactos de ... é ... forma .... é ... não organizada, né, enquanto grupo, aí ele é muito mais ... Mas mesmo assim ele é um grupo jovem, quer dizer a história é ... a história oral pensada dentro da Educação como recurso para pensar questões da Educação Matemática, ela é muito jovem ainda, ta? Então ela tem uma quantidade de problemas, porque nós estamos utilizando recursos de um outro grupo, ta? Que são os historiadores que tem outro tipo de preocupação! Certo? A nossa preocupação é com essas questões inerentes à Educação Matemática, certo? Por si só já diz que são diferentes! Certo? Bom, então não são todos os procedimentos deles ..., porque senão nós poderíamos dizer assim: "Bom, o pessoal lá já pensou essas questões, então vamos nos apropriar de tudo que eles fizeram!". Não! Não é tudo que resolve o nosso problema, ta? E então, essas questões, como isso, esse grupo é recente, essa preocupação de pensar a história oral como recurso para encaminhamentos dos problemas da Educação Matemática, nós é que temos que construir! Ta. Então nós tínhamos, nós tivemos uma preocupação com esse procedimento né é ..., como diz o Carrera, procedimentos éticos, ta? Mas agora nós sentimos a necessidade de trabalhar com questões pontuais, por exemplo, outro dia surgiu uma discussão no grupo do que seriam tendência. [tosse] No senso comum, é muito fácil você falar o que é tendência, dentro de uma pesquisa isso é muito complicado! Muito complicado mesmo! E que ta aí, é um nó que nós temos que desatar! E aí algumas coisas, algumas discussões, é ... se nós somos historiadores ou não , essas coisas já estão começando a ficar resolvidas, já estamos limpando a área, digamos de algumas questões, né? O que é documento, o que não é ... essas coisas. Mas ao mesmo tempo, ao limpar determinadas áreas estão se apresentando novos problemas e problemas complicados! Um deles é essa questão de como tratar a ... essa ... esses documentos obtidos através de relatos orais. Também não é uma questão só do que fazer com o conteúdo, existem membros do nosso grupo que se preocupam com a forma, é necessário também pensar na forma! Como eu disse, eu não me preocupo muito porque eu não tenho o menor jeito pra isso, acho que é uma questão de você ter talento, né?

Luzia: Hã hã.

Marisa: Então ... então isso fica em segundo, né. Mas existem questões aí que são questões que estão na ordem do dia.

Luzia: Ta certo. E ... eu queria saber assim como que você vê esse grupo? Né ... o grupo "História Oral e Educação Matemática", qual a visão que você tem do grupo bebê ainda ... né ... [risos]

Marisa: Olha, ele é um grupo, ele é ... ele é diferente em relação ao fato de nós sermos, membros do grupo, sermos de cidades diferentes, né? É ... pessoas que moram em estados diferentes, né temos estados diferentes, nós temos ..., bom agora como você está no mestrado é ... até ... até o ano passado nós tínhamos pessoas é ... que estavam cursando a licenciatura, né? Pessoas que estavam é ... no mestrado, no doutorado, pessoas que ... como

o Vicente, o Carrera, como o Carlos que já são pessoas que orientam esses trabalhos então só ... isso já é um diferencial! Ta certo? O Carlos trabalha com umas ... uma região totalmente diferente da nossa, a realidade do estado do Paraná é diferente da realidade do estado de São Paulo, embora no Brasil. Mas são perspectivas diferentes, quer dizer, lá ... a Educação ... permeia a Educação o político, tá. Então já é uma perspectiva ... interessante, né? É ... nós somos de Universidades diferentes, é outra coisa onde o político aí atravessa! Quer dizer o ... temos pessoas da federal, temos pessoas é ... da Universidade Paulista, pessoas que, como eu, estão ligadas à universidade particular e ... também já é, já são perspectivas diferentes, né? Então é um grupo muito interessante é ... em relação a isso, de diferentes perspectivas. Mas o que torna o nosso ... o nosso grupo mais interessante que eu acho que é o cerne do nosso grupo é o profundo respeito que existe entre todos nós, os membros do grupo. Em relação assim, quando nós estamos reunidos se a pergunta vem de um ... alguém que está no mestrado ou no doutorado ou alguém que faz iniciação científica é irrelevante! E o interessante é que tanto as pessoas que estão em diferentes posições também contribui, quer dizer, vê por exemplo o trabalho que você e a Ednéia produziram, ta, foram tão importante pro nosso grupo quanto o meu trabalho, ta, quanto ao trabalho é ... da Gilda, quanto ao trabalho de outras pessoas que já concluíram o doutorado, to tentando lembrar quem já concluiu ... no caso,é, mas eu falo assim ... na mesma época. À época nós tínhamos a Ivete, a Gilda, a Silvia no doutorado e eu, a Michela, ... ah sim, estou esquecendo aí o Emerson, a Helo ...

[risos]

Marisa: Bom, não importa, to citando alguns casos apenas ta. E tínhamos né, os doutores como no caso ... o Carrera, o Carlos, o Vicente etc. Mas, a sensação que dá no curso ??? ... no curso é que ninguém ... que todo mundo contribui ali! Quer dizer, a importância ... as contribuições são igualmente importantes, né? As dúvidas que cada um, os trabalhos de cada um de nós suscitou, é ... suscitar é importante do mesmo jeito. O ... não é porque apareceu uma determinada questão num trabalho de mestrado, de iniciação científica ou de doutorado que essa questão seja mais relevante, não tem isso! Isso é que é o cerne do nosso grupo, ta, esse respeito de que todos os trabalhos são interessantes ao grupo ta. Então é assim que eu vejo o grupo e isso é ... faz com que mesmo com as dificuldades geográficas que nós temos né, o distanciamento né, nos faz ficar ããã ... unidos enfim em torno de um interesse comum.

Luzia: Ta jóia e você acha que é ... o que faz desse grupo um grupo, por exemplo. Tem mais alguma que poderia contribuir pra isso?

Marisa: Vamos pensar assim Luzia, se fosse ... eu, você mais dois ou três temos um interesse comum, ta certo? Formamos um grupo. O interesse comum pode ser a razão da formação desse grupo, agora a perpetuação dele é que é o problema, ta certo? Então nós, inicialmente, a razão pela qual nós nos reunimos foi um interesse comum, mas o que perpetuou esse grupo me parece que é esse respeito ta, de que as diversas produções são igualmente importantes, quer dizer, do mesmo jeito eu tanto posso é ... ter claro que se eu to na iniciação científica, ou no mestrado ou no doutorado, eu posso falar bobagens igualmente, como eu posso falar coisas interessantes igualmente, né, quer dizer, eu acho que essa é a razão da perpetuação do grupo, ta. Inicialmente um interesse comum como

todo e qualquer outro grupo ta, mas o que tem que ser é ... dado a continuidade é essa minha sensação. É essa, não tenho dúvida.

Luzia: Ta jóia. E você me falou anteriormente que a Educação Matemática, agora esse grupo em específico tem se utilizado da história oral enquanto uma ferramenta da história e que a história, como uma outra área de inquérito, talvez, ela é ... se ... tivesse preocupações algumas vezes distintas das que a gente tem. Você acha assim, se a gente ta dentro de um grupo e vai utilizar ferramentas, ou de uma área né, e utilizar ferramentas de outras áreas você tem que ter um certo domínio dessas outras áreas, mesmo que restrito, né, já que você não é um profissional daquela área, como você já disse né. Então, não sei, uma idéia do que seria história, por exemplo, nesse caso específico?

Marisa: Olha, é ... vamos considerar assim, se eu domino todas, todas as nuances de uma determinada profissão, né, é ... eu quase que me constituo naquela profissão. Claro, tem uma questão aí que legitime, pra legitimar a minha prática ... então vamos ... vou colocar isso à parte.

Luzia: Hum hum.

Marisa: Só to querendo desmontar uma determinada idéia. Então, o que eu to querendo dizer é o seguinte: como eu tenho outras preocupações, eu to num determinado grupo né, Educação Matemática, eu tenho preocupações com a minha prática, né, eu preciso trabalhar, eu preciso estudar, etc, etc. Se eu migrar inteiramente pra um outro campo, quer dizer eu vou ... eu preciso conhecer tudo deste campo, certo? E eu deixo um ... dá a sensação de que eu abandono um campo, certo? Essa é a sensação que eu tenho. Bom, então o que eu quero dizer é que a sensação que eu tenho é que de onde eu estou, eu olho o território do outro, certo? Bom, mas eu me interesso por isso, por essa ... tanto é que aquilo que ... que eu acho que é interessante e que eu acho que pode auxiliar esse campo onde eu estou e as preocupações que eu tenho, ta, eu é ... eu tento é ... me apoderar dessas coisas. Ta bom? Agora, como utilizar isso, aí é que ta a questão, quer dizer, é ... eu tenho que perguntar ao outro como trabalhar com essas é ... esses recursos que eu to utilizando de outra área. Agora esse perguntar está e não está necessariamente no conversar, estar em contato com o historiador, mas também é! Ta? Mas, quando eu estou lendo determinados é ... determinados títulos, né, determinados autores que são importantes pra aquela área na qual estou interessada, no caso a história, ta, eu to me apoderando das idéias que ... o ... talvez constituísse a espinha dorsal daquilo ... é ... desse campo que é particularizado, próprio de cada profissão! Agora, se eu to utilizando recurso da história oral que vem de um outro campo, eu não posso fazer isso de qualquer jeito! Eu preciso ... é ... estudar isso, né? Eu não trabalho com a ferramenta dos outros é ... sem qualquer cuidado, tá? Mas também eu não chego ao extremo de entender tudo, porque aí eu ... né ... procurar uma situação tal que me permita falar de situações particulares daquela profissão, aí já é extrapolar, eu já to pulando ... é ... quer dizer, no limite eu não vou fazer nenhuma coisa, nem outra. Eu já não to nem no meu campo e nem no outro, no campo dele, né? A idéia é essa mesma que é uma idéia, que inclusive permeia o nosso grupo de que nós estamos numa região de fronteira, ta? Onde nós estamos olhando é ... pra outras disciplinas o quê que é possível, que é conhecimento acumulado nessas disciplinas que possa auxiliar, mas sem perder de vista, o que nós somos, quer dizer, quais os nossos interesses.

Luzia: Ta certo. Você acha que esse diálogo com uma outra área, ou essa região da outra área, pra ter no trabalho, ela pressupõe uma concepção, por exemplo nesse caso de história?

Marisa: Sem dúvida, né? Porque se eu tiver no senso comum, quer dizer, é um desrespeito que eu to falando em relação a outra área! Porque eu acho que não existe nada é ... mais desrespeitoso do que você falar sobre uma outra pessoa é ... no senso comum quer dizer é ... na prática de outros profissionais né, eu to querendo me apropriar de outras ferramentas e me aproprio disso de qualquer forma, né? Então ... porque corro o risco também, se eu não tenho uma concepção de história, de fazer tudo aquilo distorcido dentro do meu trabalho! Né? Então precisa ... é, isso me parece que é um respeito àqueles profissionais, dos quais eu to me apoderando de um ... de um conhecimento produzido por eles.

Luzia: Ta certo. E você poderia me falar de uma concepção sua de história nesse momento? Você já chegou a discutir isso na dissertação? Como foi?

Marisa: É, eu não ... é ... eu não cheguei ..., deixa eu ver, acho que eu não cheguei a falar sobre isso ... Nossa, tem hora que as coisas que eu escrevi depois ... o que eu escrevi ... [tosse] ...

Luzia: É ...

Marisa: ... na dissertação enrola e ... e ... eu acho que não, acho que eu não falei sobre ... a questão de história não. Mesmo porque, isso é uma preocupação que eu comecei a ler autores específicos, né? Como o Bloch, o Febvre, essa raça aí, é ... cria a nossa idéia de história ta muito vinculado à idéia desse grupo dos Annales, né, que a gente fala porque foi uma ... uma revista que teve ... que começou com essas pessoas e essas pessoas que chamam isso de ... essas pessoas que deram prosseguimento a esse trabalho, de Annales, né? Então a concepção nossa é ... de história está muito ligada a essa ... a idéia do ... dos Annales, né? Porque antigamente nós ... o que tinha, o que esse grupo se contrapôs foi justamente a idéia de uma história que era a história contada pelas classes dominantes, o que era interessante na história eram aquelas pessoas que constituíam, que ... detinham o poder e era escrito segundo a visão dessas pessoas ou segundo o interesse dessas pessoas, né? E esse grupo volta é ... esse grupo desmonta essa idéia, né? De onde a história, essa história contada é ... em cima de algumas ... é ... feitos, pessoas e reis, imperadores e etc., né? E desmonta essa idéia de que a história é feita por um apenas, a história é feita por toda essa trama que constitui a vida, né? Os atores. E isso permite inclusive, a nossa inserção, né? Que é a questão da história oral onde nós não temos ... o que ... o que interessa, os relatos orais interessantes não são apenas aquelas pessoas que têm ... detém o poder, ou o relato que possa interessar a essas pessoas. Interessa sim fazer ... não me interessa só saber o que o diretor de uma escola fala, interessa saber todas aquelas pessoas que constituem aquela escola! A escola, ela é toda uma gama de relações, todo um meado de relações ali, ela não é o diretor, ela não é o professor, um professor em especial, nada disso. Essa idéia que des..., que é, como chama? Ela desmonta ta. E que surge a nossa idéia de trabalhar com essa história que chamam de fragmentada, etc.

Luzia: E ... assim, eu não sei se resumidamente assim, você poderia me dar uma definição de história pra você?

Marisa: Como é que eu definiria história?

[desliga o gravador para pensar]

Marisa: Ta, é ... fiquei um pouco em dúvida em relação ao [trecho inaudível], de qualquer forma a história, então eu diria que a história é uma prática de determinado grupo né, que nós denominamos historiadores que não mais se preocupa com "a história", como se existisse uma verdade única, né? E ... e definitiva. E sim que se preocupam com "as histórias", ou seja, com as diferentes perspectivas, né? Com as tramas que envolvem, com o tempo histórico, é ... essa relação do tempo, dos diferentes tempos, ta?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Ta, que a ... [tosse], o qual a ... a ... a história trabalha, porque a religião tem um tempo, né? O nosso dia a dia tem um tempo. [tosse] Se você olhar diferentes, os diferentes grupos, parece que tem tempos diferentes também, né? Quando nós olhamos o nosso mundo, o mundo ... [tosse] orien ... ocidental e ..., desculpa [tosse]e o grupo, e o outro, o mundo oriental parece que os tempos são diferentes, quer dizer, faz parte, a história trabalha com esses diferentes tempos e as diferentes tramas e etc. Então eu digo, eu acho é ... se fosse definir história, né, seria o fazer de um determinado grupo denominado historiadores que se preocupam não mais com "a história", mas com "as histórias".

Luzia: Ta jóia. E aí eu queria só saber assim, da sua fundamentação teórica né, quais as leituras que deram base, que sustentaram o seu trabalho enquanto é ... em história oral ou utilizando da história oral.

Marisa: Bom, é ... eu li vários autores, ta, muita coisa é ... vários autores que são historiadores, ta? A profissão deles é de historiadores, alguns é ... sobre a história oral também, alguns autores, mas a minha preocupação, como a minha preocupação é ... digamos assim, saiu do ... extrapolou aquela questão dos recursos da história oral, né eu é ... a minha idéia clara, vamos dizer que seria minha idéia atual, é tentar criar ligações entre uma teoria desenvolvida por Focault, ta. Uma determinada perspectiva que nos diz das relações entre saber e poder, ta, porque essa ... essas ... relações entre saber e poder, elas estão muito ligadas ao nosso fazer docente, né? Mais do que em outras profissões! Viu, nisso eu to criando uma generalização complicada, vamos restringir. É ... o saber e poder estão muito ligados à nossa profissão, as relações entre saber e poder. Então, a minha idéia é, já que a minha preocupação hoje está em cima dos relatos orais, é fazer ligações entre essas ... o ... é ... esses relatos e uma ... uma ... e uma teoria que tenha essa perspectiva, ta? Bom, mas isso não significa, por exemplo, que eu não faço incursões pela literatura! Ta, é como eu disse a você, é ... é ... andei lendo alguma coisa de Proust, é ... alguma coisa agora do é ..., agora mesmo eu to relendo um livro do Ítalo Calvino, que fala exatamente da questão da literatura, como é que a teoria, a ... literatura pode auxiliar no ... na ... na construção do conhecimento,ta. Que já é um outro campo!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Então eu não tenho alguma coisa fixa, eu por enquanto to fazendo incursões porque eu to com a dúvida, eu não to com ..., eu to num processo de desenvolvimento, por exemplo, hoje, eu to até com o olho numa outra perspectiva interessante que é ligar o meu trabalho ao trabalho de uma pessoa que é psicólogo, que ta interessado em relação com ... ta interessado com o nosso trabalho, ta? E eu, ao mesmo tempo, fico pensando se ele não pode nos fornecer o ... ferramental pra lidar com essas questões que nos atordoam.

Luzia: Ta certo. E aí assim, é ... eu queria saber com relação a, não sei se é o termo, a representatividade ...?

Marisa: Deixa eu só pensar um negócio aqui Luzia. Ih, eu to com medo do tempo extrapolar. É meio dia e meia?

[o gravador foi desligado. Era o horário em que a entrevistada tinha que fechar a conta do hotel. Fomos para o saguão, onde, em uma sala de informática, continuou a conversa]

Luzia: Ah Marisa, eu queria verificar com você então, uma questão que me veio na cabeça no começo da entrevista já que é sobre ... representatividade, não sei se é esse o termo, mas assim, como que eu vou pensar uma certa temática né, que eu to me preocupando na pesquisa, é ... através de alguns depoimentos, né, como que esses alguns podem ser ..., eu posso vê-los como representativos pra entender essa temática que era meu questionamento inicial?

Marisa: Luzia, essa ... o microfone ta onde? Aqui?

Luzia: É.

Marisa: Então vamos coloca-lo aqui pra ficar mais confortável.

[eu estava segurando o microfone]

Marisa: Bom, essa questão, me parece que é um dos ... é um dos meus problemas atuais, certo? Quando eu ... eu comentei com você que quando eu pensei no tema do meu trabalho, mediante de ... de determinadas coisas que foram colocadas por professores naquela reunião técnica do Programa, o quê que aconteceu? Naquela reunião técnica, o pessoal dizia assim: "Olha, precisa tomar cuidado, ta, com o que você ta fazendo porque o sujeito de repente, o discurso dele é uma coisa e a prática dele é outra! Bom, então precisa tomar cuidado, precisa, de alguma forma, verificar qual que é a prática desse sujeito". E isso, eu não tinha nenhum referencial teórico, nem nada, ta? Eu fui, realmente, pela experiência dos outros, certo?

Luzia: Hum hum.

Marisa: Então o quê que aconteceu? Eu falei: "Bem, mas como é que eu vou ... que tipo de sujeito eu vou entrevistar?". Aí ta o poder, né? De que eu disse, né, de que as pessoas, o pesquisador seleciona e que o documento, na verdade, é uma escolha do pesquisador.

Luzia: É subjetivo, né?

Marisa: É. Então o quê que é que eu fiz? Eu tava interessada no profissionalismo docente, eu tinha que atender determinados moldes né, da academia, que naquele momento me dizia que, se não fosse possível é ... olhar para o discurso do sujeito e pra prática desse sujeito o meu trabalho estaria inviabilizado. Então [...]: "Como é que eu vou ... que tipo de pessoas que eu vou selecionar que é ... pra esse trabalho?". E aí, pra falar a verdade, nesse momento de escolha ficou uma coisa meio ... meio ... é ... de senso comum, da minha experiência, do que eu pensava sobre o profissionalismo, ta? Bom, eu tive muito envolvimento dentro de sindicato e eu achava que ele era visitado por uma parte importante daquilo que eu entendia como ... ser profissional estaria ligado a ... a uma ... um envolvimento com o sindicato. É claro que aí é uma perspectiva minha! Né, era uma crença minha! Ta certo? E foi aí que eu disse: "Bom, então eu vou fazer o seguinte, eu vou procurar por pessoas que, de alguma forma, estiveram ligados a sindicatos ou associações, né? E que, segundo seus pares tiveram um ... um envolvimento efetivo e volto a lidar com o discurso dessas pessoas." Quer dizer, pessoas que de alguma maneira tinham alguma coisa além, um envolvimento além dos muros da escola, digamos assim, ta? Quer dizer, a academia tava pedindo que eu mostrasse ações concretas, então eu tava mostrando ações concretas e foi assim que eu selecionei os meus depoentes. Hoje, pra falar a verdade eu não acreditaria, eu não me preocuparia com isso, ta? Por que? Porque naquele momento eu tava no início do meu trabalho e eu ainda não tinha lido, ou ainda não tinha compreendido o que o Focault nos fala a respeito de discurso. O que significava a materialidade do discurso para Focault. Certo? Então é ... é nesse ponto que em determinado momento aí da ... dessa gravação eu comentei com você de que a minha preocupação passou a não ser mais, efetivamente, aquela ... de ficar destrinchando é ... procurando ver o quê que é que o depoente disse, se é aquilo mesmo que ele disse, porque era essa a perspectiva daqueles professores que apontaram que eu precisava ver a prática do sujeito! Certo? Então é ... nessa ... com essa ... essa nova [trecho inaudível] que eu tenho e que eu to querendo vincular isso com a história oral, né, eu já não entendo que eu tenha que fazer esse trabalho em relação a um ... texto produzido através do ... a partir dos relatos orais, ta. Eu não estou preocupada, efetivamente, com o que o sujeito disse o que não disse, mas daquilo que ele permite é ... através é ... que através daquele texto eu possa elaborar. Quer dizer, são idéias e etc., quer dizer, então poderia ser qualquer outro sujeito! Na verdade, as idéias que eu tenho tirado destes textos, claro, a relação dessas pessoas com sindicatos e com associações, claro, me forneceu um material muito rico, ta? Ah ... o depoimento do Geraldo, por exemplo, que esteve ligado à encampação da ... da Fundação pela Unesp, é muito interessante!

Luzia: Hum hum.

Marisa: Mas, são outras coisas que esse é ... esse depoimento me possibilitou. Quer dizer, na verdade, se eu me ... vou me prender, né, a essa questão de que se o que o sujeito diz está relacionado com a prática dele, exatamente, né, eu estou presa à questão da verdade, né? Eu vou ter que ficar como eu fiz lá né? Tudo aquilo que foi é ... datas e pessoas e etc.

etc., eu fiz uma conferência com outros documentos disponíveis! Isso também é um trabalho válido, né, eu não nego que esse seja um trabalho nosso não! Acho que ... esse confronto com outros documentos é inclusive, esse direcionamento que o Focault nos dá quando ele fala que tratou os documentos como monumentos, ta certo? Tem toda uma preocupação de confronto com outros materiais, então essa preocupação que as pessoas têm de ... é ... digamos é ... de ... colocar dúvidas, ta, a respeito dos relatos orais, como dizem: "Ah essa data está errada!", né? O fato da data estar errada já é ... porque, qual motivo levou essa pessoa a ... se enganar com relação a uma data, também já é uma ... um ...

Luzia: Um dado.

Marisa: ... uma informação. Que foi é ... um caso, por exemplo, que eu já comentei com você a respeito da vinda do Norralsen [trecho confuso] aqui à Bauru ou não, quer dizer, uma pessoa, um dos meus depoentes disse que ele esteve aqui por ocasião da constituição da Universidade do Sagrado Coração, aí alguns relatos que eu quero verificar a data e a ata da ... da Universidade, que tem um departamento histórico, tem um curso de história que ta todo mundo envolvido com isso, a ata tava errada! Quer dizer, aí me possibilitou ver essa questão do que é o documento escrito, qual que é ... grau de confiabilidade etc. Toda uma discussão em torno de uma ... de um determinado dado, um determinado dado, quer dizer, a certeza que é dia 6 de junho ou não acabou ficando, sendo irrelevante porque me levou pra outra situação muito mais interessante.

Luzia: E aí quanto à representatividade, na entrevista numa certa área se veria assim, como ... com o tipo de problema que você tem é ... você, enquanto pesquisador com as suas crenças, a sua subjetividade conseguir delimitar dentro desse campo teórico [...] pessoas cuja prática ou cuja ... cuja a vivência é significativa pra esse tema seu? Então assim, não é a quantidade de pessoas que você entrevista que vai dizer o quão representativa é a sua pesquisa?

Marisa: É mais do que isso Luzia. Eu acho o seguinte, que essas pessoas me forneceram pistas para pensar nos meus problemas, ta,, aqueles problemas que ... que me levaram a fazer meu trabalho de pesquisa como qualquer outra pessoa. Quer dizer, quem me garante, ta certo, que o sujeito que trabalha ao lado não teria informações muito mais interessantes do que um delegado de ensino [trecho confuso] Pra toda escolha que eu faço eu corro esse risco, certo? Quer dizer, é uma ... uma ... é ... uma idéia de pesquisa também que ... que aparece ... é impossível que quatro pessoas resolvam um determinado problema, principalmente um problema tão amplo quanto a questão do profissionalismo docente, ta certo? O que essas pessoas ... elas são importantes como outras pessoas que são militantes nessa área, ta? Então por isso a importância de um projeto como o nosso de tentar o maior número de depoimentos, de ter o maior número de depoimentos possível e, de preferência, como é essa a idéia do Vicente, de varrer o mapa do Brasil, onde nós temos é ... vamos ter relatos de diferentes regiões, com aquela ... realidades diferentes que eu falei né, do estado do Paraná, do estado de São Paulo, entendeu? Então todas essas pessoas, se elas estão dentro da ... são profissionais é ... dentro ... a rigor [trecho inaudível]. No limite elas seriam interessantes, ta certo? Só que eu preciso é ... fazer, eu preciso delimitar uma área, então o quê que eu faço, eu seleciono uma ... um ... um determinado ... campo, digamos assim, e aí

[...] uma perspectiva muito focaultiana dentro da história que aquela delimitação inicial, aquilo que foi delimitado inicialmente pelo pesquisador, ele, conforme o tipo de tratamento que você dá, você vai ampliando esse campo. Quer dizer, você percebe ... você investiga, contanto que você tenha é ... é ... uma ... é inerente à pesquisa, esse delimitar uma situação, aí você percebe que você tem a tendência, você vai ampliando esse campo e é isso que é desejável na pesquisa, né? Até mesmo você perceber coisas nos fatos, nos relatos das pessoas que são muito interessantes, isso aponta tais e tais e tais é ... dados. E se eu fizer ... e aliás você vai ver nos relatos da Ivete e tem um sujeito lá com idéias contrárias e quando você coloca, você cria um confronto,né? Você tem professores que estão imersos nessa profissão titular [...], existem outras pessoas que estão imersas em instâncias ... é ... na posição acadêmica, você tem a possibilidade de confronto disso aí. Então, para a seleção desses quatro ta, não é que esteve presente alguma coisa ideal, não é, a questão do meu problema de pesquisa que é delimitar um campo de trabalho, né, e a partir daí, expandir, essa é que é a verdade, ver se resolve o meu problema de pesquisa. Esses quatro relatos fornecem idéias muito interessantes, mas não resolvem o meu problema, ta, mesmo que se resolvessem o problema, acho que eu não teria um problema de pesquisa! Ta certo?

Luzia: Hã hã.

Marisa: Então é isso.

Luzia: Então ta ótimo. Era isso assim e aí assim que eu terminar de transcrever e textualizar eu trago pra você conferir...

Marisa: Ta bom. Se alguma idéia não ficou clara você volta e a gente ...

Luzia: Com certeza!

[risos]

<u>Transcrição da entrevista realizada com Carlos Roberto Vianna.</u>

1ª Etapa: 14/09/2004.

Vianna: Me diga. Uma vez eu perguntei se você estava usando a história oral, mas você disse que não ...

Luzia: É ... então, eu não to usando a história oral no meu trabalho, né? Eu pretendo investigar o grupo de história oral! E aí, como uma abordagem qualitativa ..., uma análise

sei lá, talvez, de discurso, eu não sei ainda, mas assim é ... eu to tentando identificar quais são as concepções que sustentam o grupo de história oral na Educação Matemática.

Vianna: Hã hã.

Luzia: Então o meu objeto de estudo assim, o foco está sendo pra esse grupo "História Oral e Educação Matemática" e aí eu to conversando com as pessoas que fazem parte do grupo e que já têm trabalhos finalizados, concluídos.

Vianna: Ta, você entrevistou já alguém?

Luzia: Entrevistei a Ivete, a Michela e a Marisa.

Vianna: Hã hã. São diferentes trabalhos, né?

Luzia: Hum hum.

Vianna: Concepções diferentes!

Luzia: Também.

Vianna: É, você tem um roteiro de perguntas ou a gente vai papeando assim?

Luzia: Eu tenho, eu fiz um ... na verdade fiz mais pra me orientar, pra saber o quê é que eu gostaria que você ... está aqui, você quer dar uma olhada?

Vianna: Não, você vai ... você vai me falando ...

Luzia: [inaudível]

Vianna: O que eu posso dizer sobre as concepções, é ... vamos papear aqui né?

Luzia: Hum hum.

Vianna: Um pouco ... sobre as concepções assim ... que é o ponto mais imagino ... Elas são ... e pega com essa minha voz fraquinha é ...?

Luzia: Pega!

[risos]

Vianna: As concepções que eu tenho, dentro do que me preocupa assim é, o que você ta procurando ah ... e isso você vai perceber, concepções diferentes. Então vamos lá. Concepções de quê propriamente dito? De história, acho que todos nós, se pegarmos um por um vai ter assim diferenças muito grandes do que cada um pensa que é história. Que é ... de Educação também. De Educação Matemática e de história oral, especificamente. Então cada uma dessas coisas vai dar diferenças enormes, aí pensa assim que é soma de vetor, dá uma diferencinha aqui, tira ali, quando for comparar as diferenças são muito grandes! Então, eu não sei até que ponto você vai fazer um trabalho onde você vai ... é ... procurar essas diferentes concepções das pessoas ... o que eu acho, gesticulando aqui, o que eu acho legal assim é talvez você mostrar que apesar das concepções serem tão diferentes, de tantas fontes, que conseguem formar um grupo!

Luzia: É, na verdade ...

Vianna: Essa riqueza que a gente tem. Eu, por exemplo, adoro estar junto com o Vicente, com o Carrera, com a Ângela que ta aqui na banca hoje, que não é do grupo, mas que é uma concepção bem diferente de... de história, mas é que é alguém que ... que aceita ta junto, não é? Então por exemplo, a gente pode discutir, brigar um montão com a Ângela, mas é uma briga boa, no bom sentido. Ela nos ensina muito e eu acho que ela aprende também porque, bom eu acho que ela gosta, né?

Luzia: Hã hã.

Vianna: Ao passo que você tem outras pessoas que se recusam, às vezes dizem: “Ah, eu não gosto de história oral, é ruim! A história não sei o quê ...”e não ... não discutem! Não contribuem nem pra nós e acho que nem pra eles.

Luzia: Na verdade foi isso mesmo que ficou assim. Pessoas com concepções diferentes, com vieses diferentes, né, porque um mais pro surrealismo, o outro que trabalhava com o viés da antropologia ...

Vianna: Hum hum.

Luzia: o Vicente que sempre esteve na fenomenologia né. Como que essas pessoas foram se juntar pra trabalhar num projeto conjunto, né, de reconstituir faces da história da Educação Matemática no Brasil ...

Vianna: Hum hum.

Luzia: Usando um recurso da história propriamente dita. Então essas pessoas começam a trabalhar juntas, a articular idéias numa direção comum daí e ... né, como é que isso acontece?

Vianna: Ah eu acho, bom, primeiro as pessoas é .... tem uma coisa assim, né? As pessoas se gostam, né? Eu acho que isso é uma coisa importante assim, de que a relação pessoal, ela ... ela acaba influindo. Então acho que no grupo as pessoas se dão bem, né? É uma relação boa, é uma relação pessoal, é uma relação de aprendizado então. Quando você vem pra ... pra um grupo disposto a aprender e aprender com a ... com a diferença do outro e isso já a concepção que, eu acho que, perpassa pra todos, né? Diz assim: “Ah, o outro é diferente, diferente não é bom.”, não é assim, se o outro é diferente: “ Poxa, que bom”! [risos]

Luzia: Hã hã.

Vianna: Né? Então acho que isso, isso solidifica assim a relação. Você já tem uma pré disposição, eu já tenho uma pré disposição a trabalhar com o Vicente e o Vicente é muito diferente de mim. Ele foi esses dias numa banca lá em Curitiba e disse assim: "Ah Carlos ...", não sei quem, talvez até você mesma tenha dito pra ele que ele era quadradinho!

[risos]

Vianna: Aí ele veio: "Olha, eu sou quadradinho e tal, disseram pra mim isso."

Luzia: [risos]

Vianna: Aí ele disse assim: "Mas eu vou fazer aqui o meu papel quadradinho e tal, vou falar assim e tal". Estava criticando. Vamos admitir que ele seja mais quadradinho, eu não acho que ele seja assim não.

Luzia: Hã hã.

Vianna: Mas, por exemplo, é um quadradinho disposto a ouvir idéias muito diferentes das dele e a interagir construtivamente. Isso eu acho que é a marca desse ... desse grupo. Sem abrir mão dos seus referenciais, né? Por exemplo, digamos que ele seja quadradinho, ele vai ouvir o surrealista aqui, o focaultiano lá, vai aprender, mas ele não abre mão dos referenciais dele. E não tem que abrir! Isso que é legal, você não tem que ser assimilado pelo grupo. Isso que eu acho que é uma coisa importante, em termos de concepção, pra todo mundo, não é? Acho que não ficar fechado dentro de um referencial.

Luzia: Hum hum. E por que a história oral assim e não uma outra coisa?

Vianna: Ah, mas aí eu não sei, eu vou dizer pra mim, pra minha pesquisa assim, não tem um motivo é ... palpável, no caso pra dizer, falando em termos de pesquisa nunca acreditei num motivo acadêmico, uma coisa assim aquela justificativa teórica.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Ah é porque eu tava fazendo minha pesquisa assim e dei um encontrão, é porque eu gosto de usar ... Então eu vamos dizer assim, eu estava fazendo meu doutorado, tinha um projeto que não tinha nada a ver com o que foi a minha tese, o projeto com o qual eu fui selecionado pra fazer o doutorado na USP era uma coisa de história do Cálculo, ta? Era isso que eu ia fazer. Bom, tinha que fazer algumas disciplinas do Programa, tinha que cursar algumas disciplinas e como era história do Cálculo, isso vem desde o mestrado, há uma relação com história e eu desde que eu me entendo assim como ... eu leio história, né?

Luzia: Hum hum.

Vianna: História independente de ser da Matemática. E eu fui fazer uma disciplina na história com o professor Sebe Meihy, lá, de história oral. Era ... era assim, eu não tava procurando história oral, era a disciplina que encaixava ... era a disciplina da história que encaixava no meu horário e que tinha um programa, né, sedutor pra mim! Porque podia ter lá outras, a história da Revolução Francesa, o programa não me interessava e essa o programa me interessava que tinha a ver com pesquisa e tal! Ta e aí eu acho que é uma coisa que acontece com muita gente né, eu fui lá e ao me envolver com ... com ... com as práticas em, na própria aula do professor né. Você vai tendo conhecimento das pesquisas e isso é muito envolvente, é muito bom, é agradável, né, sei lá ... é um tesão

Luzia: Hum hum.

Vianna: Aí, associei isso com um projeto anterior que eu tinha de ta mapeando o que é a Educação Matemática no Brasil ... era uma coisa muito ... o Ubiratan me influenciou muito pra fazer coisa assim e tal. A história da Educação Matemática no Brasil, quadradinha né, o Ubiratan queria uma coisa assim bem ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: Bom, e daí ... eu fui fazer o projeto que eu acabei fazendo. Então veja, a história oral apareceu assim meio por acaso. Agora, ela é muito envolvente, é apaixonante no sentido de que você toma contato com as pessoas, você aprende muito, né? Na interação entre [trecho inaudível]. E aí, quando você vai, começa ..., isso no sentido pessoal, e a outra é quando você começa a estudar a teoria, né, a teoria, a questão da entrevista e tal e você também começa a ver que o mundo se abre no sentido de discussões teóricas às vezes ... quentes, né, sobre a subjetividade, a objetividade, sobre as questões teóricas da história propriamente dita, o que é um facto histórico, que foi o que a gente discutiu na qualificação da Rosinete que defende agora ..., então é ... a teoria ela aparece naturalmente no desenrolar dos acontecimentos.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Isso pra quem ta estudando, o quê é que pode ter melhor?

[risos]

Vianna: Então é por aí.

Luzia: Eu acho melhor a gente ir pra lá. [risos]

Vianna: Ir pra lá, né? Ah ta vendo, eu por mim já ...

2ª Etapa: 21/10/2004

Luzia: Entrevista de 21 do 10 de 2004, ligada ao projeto de pesquisa História Oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes.

Vianna: É, só não deixa ele [o gravador] em cima desse negócio aí [mesa de madeira] que daí eu acho que absorve ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: Assim ... propaga melhor assim [coloca o gravador sobre a toalha emborrachada da mesa], impede o barulho.

Luzia: Ta certo. Eu queria que você se apresentasse ... primeiro ... pra mim!

Vianna: Nossa!

Luzia: [risos]

Vianna: Mas isso é a pior coisa. Ai lê a apresentação, eu mandei finalmente uma apresentação lá pro grupo de História, vai essa aí. Como assim, essa apresentação? Então vamos lá, Carlos Roberto Vianna, que mais?

Luzia: Não sei, como você se apresentaria?

Vianna: Professor do Departamento de Matemática na Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós Graduação em Educação da mesma universidade, na linha da Educação Matemática. É isso! [risos]

Luzia: Ã, tá jóia!

Vianna: Ta jóia?

Luzia: E olhando pras discussões que a gente começou naquele dia, né, da escolha da história oral, dos primeiros contatos e tal, é ... eu queria saber assim, como você define a história oral? Hoje! E se essa definição que você dá hoje é parecida ou ... ou, não sei, mudou muito com relação àquela que ... você me contava ...

Vianna: Ta. Quando eu comecei? Ta. Essa é uma coisa interessante! É, quando eu vim aqui pra Rio Claro, eu não lembro exatamente o período, mas há cerca de um mês pra defesa da Rosinéte, eu voltei de carona com a professora Ângela ... Miorim, né?

Luzia: Hum.

Vianna: E aí lá eu conversei com ela em Campinas enquanto fazia hora pra esperar o horário de ir pro aeroporto pegar meu avião de volta. Então, é ... nessa conversa é ... nós ... desculpe, vou fazer uma viagem aqui paralela.

Luzia: Hum hum.

Vianna: A professora Ângela Miorim, ela não faz parte do grupo de história oral ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: ... e ela não trabalha, não é militante e não é ... não trabalha com história oral! Ela trabalha com história da Educação Matemática no Brasil, é muito respeitada nesse campo, mas ela não é pesquisadora usando os instrumentos da história oral. Né? Trabalha com documentos, com livro didático e tal. No entanto ela já participou, ela participou da banca da Rosinète, participou da qualificação da Rosinète e ela não é uma pessoa fechada a estar participando das discussões, das bancas, pelo menos, do grupo.

Luzia: Hum hum.

Vianna: É uma pessoa com quem é muito bom, eu gosto muito de conversar! Então aí nós estávamos conversando e pra mim explicitou-se nessa conversa com ela (e eu gosto muito de conversar com ela), explicitou-se uma ... uma diferença muito marcante que me deu o que pensar desde então, ainda estou pensando nisso, o que vem a ser história oral.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Então, ponto. Veja, desde o início, desde as primeiras reuniões do grupo eu tenho uma posição que é um tanto assim, divergente das posições majoritárias, no sentido de que eu não entendo a história oral como uma metodologia, nós podemos usar a metodologia da história oral, muitas pessoas usam e o grupo faz uso disso, acho que muito bem, mas daí a dizer que a história oral é uma metodologia há uma distância muito grande.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Só que por ... por jeito, sei lá, acho que é o meu jeito de lidar com o conhecimento e tal, ah eu sou muito avesso a dar definições, a dizer: "Tal coisa é assim, tal coisa é assado, e tal, faça assim faça assado". Então eu não tenho uma definição de o que é a história oral é algo que eu possa explicitar assim. Agora eu tenho muito clara as regras do método, de como estar usando, de como analisar ou não analisar e tal.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Isso é tranqüilo! Agora, se alguém faz aquela pergunta: "Ah, o que é a história oral?". Eu vou ... sei lá, não sei o que é a história oral. Mas essa conversa com a Ângela me ajudou a explicitar umas coisas que surgiram a partir da defesa da Rosinete, do diálogo que a gente travou durante a defesa e depois, né, durante a carona e lá, enquanto a gente esperava. É o seguinte, é ... veja bem, você ta me entrevistando, você tá usando então uma metodologia que vem da história oral e você faz parte de um grupo que trabalha com a história oral, né? O grupo de História Oral e Educação Matemática. É ... tudo bem dentro da metodologia, mas não tudo bem dentro do que eu defino como sendo história oral. Pra quê que você ta me entrevistando? Essa é a pergunta! Essa pergunta remete às intenções que você traz com você e que traz com o seu projeto.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Veja bem, se (e eu vou assim matemático), se e somente se você tem como intenção constituir um documento histórico e não outra coisa, o seu projeto é um projeto de história oral como disciplina, caso contrário você usa a metodologia da história oral, mas eu não posso dizer que o seu trabalho é de história oral. É ... o Sebe, Meihy, foi uma surpresa pra mim, eu fiquei sabe você ta ..., na banca durante a minha defesa de doutorado. Foi uma tensão muito grande a gente não sabia o que esperar e tal, o Sebe foi o primeiro e daí ele começou elogiando muito o trabalho e ... nós relaxamos, nós, eu e o meu orientador o Antonio Miguel.

Luzia: Hã hã.

Vianna: Nós relaxamos porque esperávamos ... nós esperávamos qualquer coisa, né, sei lá...

Luzia: [risos]

Vianna: Inclusive assim uma moção de repúdio do Sebe durante a defesa! O Sebe elogiou muito o trabalho, mas aí durante a argüição e em meio aos elogios (que eu fiquei assim meio zonzo), ele me disse uma coisa que eu fiquei sem ação, disse assim: "Mas o seu trabalho não é de história oral!". Eu pensei ... : "Nossa! Eu queria tanto que fosse!".

[risos]

Luzia: Fiz tudo pra ser! [risos]

Vianna: É, eu queria tanto que fosse, né? Eu não respondi essa questão, depois pensei algumas vezes sobre isso, mas eu não tinha ... resposta pra ... pra ele, eu não tinha resposta pra dar pra ele. E daí conversando com a Ângela lá eu finalmente eu acho que eu entendi e ... não era uma coisa tão difícil assim, eu acho que eu é que talvez tivesse resistência a isso. Mas eu acho que a questão é essa! Por exemplo, eu fiz a minha tese no doutorado em torno da questão do preconceito, então eu tinha uma tese a provar e essa tese era mostrar um tipo

de preconceito existente em relação àqueles que vão estudar, que trabalham no Departamento de Matemática e vão estudar Educação Matemática!

Luzia: Hum hum.

Vianna: Então veja, a minha intenção estava focada em uma outra coisa que não constituir um documento histórico. Nesse sentido eu acho que o Sebe tinha toda razão, meu trabalho não era um trabalho de história oral como disciplina, embora eu tenha construído documentos, né, quando você vai registra em cartório, não sei o quê, faz todo aquele ritual, você construiu um documento! Eu não fiz o trabalho para isto, pra este fim, eu fiz o trabalho pra uma outra finalidade, eu usei a história oral como um recurso, história de vida, história temática, tudo bem perfeito, mas tudo dentro dos conformes, mas não era um trabalho de história oral, disciplina. Pra mim aí ficou bem marcada a diferença. Então veja, se o objetivo do teu trabalho é construir um documento histórico e esse é o objetivo, não é outro!

Luzia: Hum hum.

Vianna: O teu trabalho é de história oral como disciplina! Qualquer outro que seja, então o teu trabalho usa a metodologia da história oral! Quer dizer pode estar usando ou não outras entrevistas, enfim.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Mas acho que daí pra mim ficou bem clara a diferença, hoje eu consigo defender isso [risos], até definir.

Luzia: Ta certo. E ... é ... surgiu uma discussão, acho que foi você ainda que fomentou ela, ... acho que foi na defesa da Silvia, sobre a questão da cientificidade de um trabalho que se vale ... ou ... que é de história oral ou que se vale da história oral enquanto recurso... metodologia. O quê que você pensa disso assim?

Vianna: Eu comentei isso? Em que sentido?

Luzia: Você questionou ... primeiro você questionou a definição que ela deu de história, né, como ciência e aí você começou a questionar se o trabalho que ela estava fazendo ou que o grupo faz se enquadraria nisso, se a gente poderia dizer que era científico mesmo.

Vianna: Hum hum. Ta, então vamos ver ... aí nossa! Essas são daquelas coisas que vai e volta, né? Tem uma frase do Paulini, eu acho que é uma das epígrafes que eu coloquei na minha tese, inclusive assim: "Tudo o que você fala volta um dia pra você com aspas ou sem aspas!".

Luzia: [risos]

Vianna: Nossa, tudo volta. Não, veja, vamos pôr as coisas ... no lugar. É ... talvez dentro do grupo de história oral, a pessoa que você vai encontrar que é mais assim contra a ciência sou eu. Certamente sou eu. Talvez em segundo lugar, mas acho que bem longe, o Carrera. [risos] Ai eu não sei ...

Luzia: Contra que ciência?

Vianna: Veja, eu não tenho ... (eu fiz esse discurso a semana passada) eu não tenho o menor respeito pela ciência, né, essa coisa do método científico ... pesquisa, eu não tenho respeito nenhum por isso, o fato de eu ser doutor, estar trabalhando, orientando alunos não ... não altera em nada isso! Né? Eu acho que essa ciência, a prática científica de fazer pesquisas e colocar as coisas dentro de determinados referenciais, isso virou é ... algo muito mais próximo de algo que por, historicamente, constituição é o oposto da ciência do que outra coisa, que é a religião. A prática acadêmica ta muito mais próxima de uma religião do que algo que seria, eu vou dizer científico com c minúsculo.

Luzia: Hum hum.

Vianna: No sentido do que vem a ser a Ciência que é você, pra mim, eu acho que nas origens era isso, que eu acho que é você ta procurando questionar as coisas que estão ... questionar as coisas que estão estabilizadas! Né? Eu acho que mais ou menos ... buscar explicações. Né? Mas buscar explicações sempre dizendo assim: "Bom, mas isso que explicam assim é assim mesmo?". É essa dúvida metódica, cartesiana, ta?

Luzia: Hum hum.

Vianna: Bom, então quando eu ... quando a ... eu fiz uma crítica sim ao trabalho da Silvia e é por conta de uma concepção de história, não tava falando nem de história oral, aonde você pensa assim "A história tem que se colocar científica!". E isso eu ... sou contra! Eu acho que a história não é Ciência, ... ponto. Eu vou continuar minha opinião: e ela não tem que ser! Não é, não precisa ser e tenho raiva de quem acha que tem que ser! [risos]

Luzia: [riso]

Vianna: Por quê? Porque você pega um livro de yoga ... do que ce gosta, você gosta de coisa esotérica?

Luzia: Não muito.

Vianna: Nenhuma? Nada? Diz uma.

Luzia: [risos]

Vianna: Diz uma assim que te agrade assim ... de longe que seja!

Luzia: Heiky.

Vianna: Nossa! Nem sei o que é isso!

Luzia: É ... é japonesa ...

Vianna: Hum?

Luzia: é uma espécie de terapia assim ... mas sem conversa, de ... de toque e de ... é energia! Energização!

Vianna: Ta, energização! Ta bom, aí já é ... tem várias ... várias escolas ...

Luzia: Hã hã.

Vianna: Qualquer que seja o livro que você pegar, por exemplo, mesmo que seja de alguma coisa de práticas que são orientais muito, muito antigas, vai na livraria e compra um raio de um livro que trata desse assunto! Aí descontando (eu não vou levar nem em conta aqueles que falam que o Heiky é não sei o quê que tem a ver com a mecânica quântica, com a física quântica, que é uma estupidez, enfim, ... gigantesca, mas tem), todos eles ... noventa por cento vão dizer que embora seja uma prática milenar pá pá pá, com acupuntura ... todos que hoje eles têm ... se aproxima de uma prática científica por isso, por isso e por isso. Quê é que ta posto aí? Ta posto aí um ... uma valoração dizendo assim, Heiky, que seja, acupuntura, astrologia, qualquer coisa, nós estamos nesse nível, vamos pôr a história aqui, a Ciência ta aqui, nós temos que ser científicos. Isso, esse desnível, essa diferença de nível, isso não existe. A Ciência não é melhor que o Heiky, que a astrologia, não é melhor!

Luzia: Hum hum.

Vianna: Ta? E o que me espanta é que é muito fácil mostrar que não é melhor! Então quando eu vejo um discurso da Ciência, da história como Ciência e não sei o quê, isso faz ... é uma reação de porco espinho, me ouriço todo, nossa! Então a minha crítica ao trabalho da Silvia foi nesse sentido. Mais uma coisa que foi assim um ponto onde nós estremecemos na defesa, a Silvia disse assim: “Nós historiadores” e nós não somos historiadores.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Certo, nós usamos uma metodologia ah ... e nós, veja, nós não temos o direito de nos colocarmos como historiadores, nós podemos vir a ser conhecidos pela academia ser, se nós estamos trabalhando dentro da academia, estamos num grupo de pesquisa, o Vicente registrou no CNPq e tudo mais, então nós estamos trabalhando dentro das regras da academia. Então nós somos um grupo de pesquisadores educadores matemáticos, ponto. Usamos a metodologia da história oral, ponto. Não somos historiadores. Quem poderá nos reconhecer como tal vai ser a própria academia e quem vai dar o testemunho disso vai ser o nosso trabalho, então não é algo que a gente se coloque por definição. Se a gente se colocar por definição, então nós estamos instituindo de fato aquela coisa assim, aceitando né ... esse grau de Ciência e tal. Eu aceito, embora eu diga sempre que eu não tenho o menor respeito pela Ciência, ta, eu aceito as regras do jogo da academia porque eu to dentro dela e brigo muito, já contribui pra mudar a regra do jogo dentro dela.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Então você vai ... é ... briga com o chefe do Departamento, assume coordenação de curso, briga com o MEC, tudo isso é possível fazer e a gente vai fazendo, né? Agora, só assim ... o Sebe me perguntou no dia da defesa, ele não perguntou, ele fez uma afirmação que: "A julgar pelo trabalho, até tinha uma dúvida se você ia defender ou não!", porque como eu fiz um trabalho questionando o rumos da academia, a rigor, eu respondi isso pra ele, a rigor eu não deveria defender, mas tinha platéia, tinha pessoas que viajaram, o Carrera levou gente daqui de Rio Claro né ... cheguei lá tinha platéia!

Luzia: [risos]

Vianna: E eu digo assim, no mínimo, né, pela platéia eu teria que fazer uma apresentação, fazer uma defesa. Então ... mas isso era uma prestação de contas, o trabalho pra mim

bastava como esse questionamento. Então é isso, não sei se eu respondi, acho que mais ou menos isso.

Luzia: Certo. E é ... pensando assim em contribuições, a gente sempre pensa né, pesa na hora de fazer um trabalho, ah se eu procurar a análise de discurso eu ganho isso, perco aquilo, é ... se eu usar o recurso da história oral, você consegue pensar nisso, ou então num trabalho em história oral, a contribuição dele seria gerar essas fontes?

Vianna: Pra mim, assim radicalizando né, a contribuição de um trabalho na disciplina história oral é gerar fonte, pronto, acabou!

Luzia: Entendi.

Vianna: É ... se você pegar o meu trabalho ou o trabalho de qualquer uma das pessoas que defenderam dentro do grupo, desconsidere todas as palavras colocadas pelas pessoas de análise ou qualquer consideração, aí o exame, joga tudo isso na lata do lixo, pega só o depoimento das pessoas. Você pode, a partir daí, construir outro trabalho. O papel da história ta na construção desses documentos, todo o resto é porque nós vamos acabar fazendo o trabalho de educadores matemáticos! Não to dizendo que não presta ou que não deveria fazer, mas todo o resto é algo pra além da história oral. Todo o resto é o que traz a nossa marca, nós somos educadores matemáticos usando história oral, tudo bem! Ta bem, é isso? [risos]

Luzia: Entendi. [risos] E aí eu ia perguntar, mas você já acabou falando né, essa questão de como o pesquisador se vê então trabalhando com história oral. Se vê como um educador matemático utilizando ...

Vianna: Ah, como eu me vejo? Isso?

Luzia: Isso!

Vianna: Não, das duas maneiras. Num sentido, por exemplo, nisso né, como educador matemático usando ... um instrumento dado, né. Agora, por outro lado eu também posso tender a me ver (isso a discussão com a Silvia) como alguém fazendo história. Fazendo história no sentido de ta produzindo documentos.

Luzia: Hum hum. E ... dos trabalhos que você produziu, você tem ... com história oral ou em história oral, agora eu nem sei mais como que eu ...

Vianna: Nem eu.

Luzia: [risos] falo disso, é ... por causa dessa diferenciação que você colocou, mas assim, é ... você fez a tese, você chegou a escrever mais alguma coisa? É porque eu pretendo dar uma olhada nisso ...

Vianna: Não, não, eu não fiz mais nenhum trabalho com, eu vou falar com história oral. É ... eu tenho uma orientanda, você conhece, a Elenice que ta fazendo um trabalho assim, tem outra orientanda, a Anne Heloise que vem aqui agora, mas há uma diferença significativa de metodologia entre as duas, por exemplo, a Elenice é um trabalho muito mais próximo mesmo da história oral e o trabalho da Anne Heloise é um trabalho que usa elementos da metodologia da história oral. São diferentes os dois.

Luzia: Certo.

Vianna: São os dois trabalhos que eu to orientando, eu mesmo não fiz mais nenhum trabalho de campo, de pesquisa em história oral, mas estou trabalhando, pesquisando fundamentos das nossas várias discussões teóricas que surgiram, então eu tenho procurado estar estudando essas questões de fundamentos, mas acho que ta na hora de tentar fazer um outro projeto de campo.

Luzia: Certo, e aí eu queria discutir com você umas coisas assim, que surgiram nessas discussões que eu acompanhei e às vezes a gente até discute nas reuniões de quarta é ... que

são mais específicas assim, dentro do grupo né, por exemplo o documento. Como você pensa o documento, o quê você vê nesses trabalhos como documento?

Vianna: É ... eu não sei. É muito ampla a tua pergunta, o quê é que você é, por exemplo, isso que você tem aqui dentro desse gravador é um documento, é nesse sentido que você quer ...

Luzia: Isso, isso.

Vianna: Veja, tem muitos níveis de documentos. Você faz uma entrevista, nós estamos aqui conversando, você faz a transcrição dessa entrevista e eu faço uma validação. É ... nós temos, nesse processo, vários documentos. Você tem a fita, que é um documento, você tem a sua transcrição original que é outro documento, você que faz uma cópia, manda pra mim, eu anoto tudo as coisas em vermelho o que eu quero que mude, esse já é um outro documento. Aí você mandou ... passou pra mim, eu concordei tudo, eu registro em cartório e ... numa certa instância aí da história, o documento é esse que ficou em cartório, esses anteriores todos não são. Aí eu pergunto, você faz o quê com estes? Vai jogar fora? Tacar fogo? É isso que você vai fazer Luzia? Responde à minha pergunta.

Luzia: Não [risos], eu não sei o que eu vou fazer.

Vianna: Então, eu tenho lá em casa, nossa! Não vai, o gravador não vai pegar, mas não é exagero é uma pilha que se eu pusesse em cima dessa mesa aqui, ela dava assim [sinaliza com a mão a altura da pilha] e eu não ia ver você com os documentos originais. Porque eu entrevistei quinze pessoas, então eu tenho a minha transcrição que foi enviada pra eles e as anotações, ta? Bom, enfiei ela lá, guardei tudo isso. No meu ponto de vista, isso eu teria que botar numa caixa, deixar num instituto de memória qualquer, ta?

Luzia: Hã hã.

Vianna: Porque eu te garanto uma coisa, é muito interessante, né, não vou dizer nomes aqui ...

Luzia: Hã hã.

Vianna: Mas se você pegar assim, a entrevista de fulano tal qual está na fita, tal qual foi transcrita e modificada por ele, o que ele retirou, o que ele acrescentou, isso é muito legal de você ta vendo ali! E aí, o documento constituído! Bom, mas do meu ponto de vista, como história, todas essas coisas anteriores se constituem documentos também. Agora, tem muitas discussões que podemos levar aí que são as discussões do campo da ética, tarará, então não vamos entrar nisso porque? Se a pessoa fez modificações eu não posso dar esses documentos ao público, por isso que eles estão na minha casa e por isso se eu desse esses documentos, sei lá, pro Centro de Memória da Unicamp, teria uma cláusula qualquer que eles teriam que ficar num arquivo lá por setenta anos. Então até tarem liberados pra ... Mas todas, no meu ponto de vista, todas essas coisas são documentos.

Luzia: Ta certo.

Vianna: E a sua dissertação, a sua tese que agrupa ... é um outro documento. Talvez este, a dissertação seja aquele documento que tenha o maior valor porque é este que é o de circulação pública, este você pode tirar cópia, você pode pôr na Internet, você pode fazer circular à vontade.

Luzia: Ta jóia. E quando você fala em ... na entrevista, pós entrevista, você fala em transcrição da fita, mas você não falou em textualização ainda e aí eu fiquei meio assim porque todo mundo fala pra mim de textualização. Você não vê a necessidade de textualizar?

Vianna: Não, com certeza!

Luzia: Você não textualiza?

Vianna: Não, então não é ... eu vejo as duas etapas assim necessárias mesmo né, inclusive por ... a não ser por necessidade de tempo, às vezes que você tem prazo pra cumprir, terminar o trabalho.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Ah, eu cheguei a mandar algumas transcrições pra alguns dos meus entrevistados que eram mais íntimos e me arrependi de fazer isso. Porque a transcrição, ela, eu acho, ela não é um objeto tratável, ela não é legível, ninguém,a não ser o cara que ta fazendo aquilo, lê uma transcrição. Transcrição ela é muito chata, ela é ... ela é horrenda, né? Eu acho que ela é um registro assim de fidedignidade da ... da ... do modo como você procedeu pra tirar o que tava na fita e passar pro papel. Então ... então eu acho que a coisa que circula nesse sentido é a textualização.

Luzia: Hum hum. Você trabalhou com textualizações?

Vianna: Eu trabalhei. É basicamente com textualizações.

Luzia: E o que você textualizou assim, além de circular melhor tem alguma outra coisa, do tipo, facilitar a leitura porque a transcrição não ...

Vianna: Não, então, mas vai, é isso. Porque a transcrição, a primeira coisa, a transcrição não é um documento legível. Bem entendido transcrição tecnicamente bem feita, ta? E o quê que é a transcrição tecnicamente bem feita? É aquela que vai colocar tudo que ta na fita. Oh, eu parei pra respirar, então vai ter ali esse "oh". Toda essa, essas nuances da ... da linguagem, elas tem que aparecer na trans-crição. Então, por exemplo agora eu ... vacilei e falei trans-crição, isso tem, na transcrição, tecnicamente você vai ter que fazer "trans, tracinho, crição". O cara deu uma vacilada na maneira de falar ou põe uma ênfase, sei lá o quê. Tudo isso eu acho assim é rigoroso e tal, mas torna o texto ilegível, ele vai ser muito

interessante, utilicíssimo se você for fazer análise de discurso, análise de textos, toda aquela ... um certo tipo de análise.

Luzia: Certo.

Vianna: Perfeito. Pros fins historiográficos isso é absolutamente desnecessário, então pros fins historiográficos, vale a textualização! Mais ainda se essa textualização for dentro, essa é uma das grandes diferenças entre a história oral e outras metodologias que usam entrevistas. Acho que é uma coisa que marca a história oral, se você fizer a transcrição, a textualização, passar pra mim, a gente validar, aí você vai, registra em cartório, tem a carta de cessão. Isso é uma das marcas da história oral! Pelo menos pra mim.

Luzia: Ta jóia.

Vianna: Deu o tempo?

Luzia: Não, não, ta rodando ainda.

Vianna: Hum.

Luzia: É ... eu não me acostumei com esse gravador ainda [risos]. E eu queria retomar então aquela discussão sobre análise. Como você vê a análise? Né? A porque toda discussão que a gente tem; "Ah, eu não acho que tenha que ter análise", "Ah, mas o que você pensa de análise então pode não ser a mesma coisa que eu to pensando", que geralmente é o que aparece nas discussões. Eu queria saber o quê que ela é ...

Vianna: Olha eu sempre disse: "Não tem que ter análise nenhuma!", por conta do que eu te falei antes e da conclusão que eu cheguei do quê que é história oral como disciplina, isso só reforça a minha posição. Veja, se eu constituo o meu projeto, o projeto ... o meu projeto de mestrado não é ... é ... alguma coisa com Educação Matemática, o meu projeto é construir

um documento, eu construí o documento, acabou! Tem que analisar o quê? Aqui nós estamos entendendo ...

Luzia: Que analisar pra você ...

Vianna: Isso. A disciplina da história oral tem como finalidade a constituição de documentos, então não tem uma análise. O que é ... vamos dizer assim, satisfaria a academia, eu to preocupado em satisfazer a academia, né, tamos dentro dela!

Luzia: Hum hum.

Vianna: Seria assim, todo o procedimento adotado, ou seja, todos os estudos que você fez, todos os cuidados que você tomou e todas as leituras que você fez pra construir esse documento. Agora isso não tem que aparecer, não precisa aparecer nessa concepção.

Luzia: Hum hum. É isso que ficava [riso], porque eu ficava assim nas discussões então, às vezes eu olhava e ficava: "Nossa, é essa contradição mesmo!", você não quer atender à Ciência, mas ta na academia né, então ... se a academia exige análise e eu não faço análise então eu to e não to, eu to nela pra modificar então né ... aí, tava pensando... E aí você falou, constitui documentos, então no trabalho que você desenvolveu você constituiu os documentos, fez a transcrição e a textualização e ... você disponibilizou essas fontes orais em algum arquivo? Você ...

Vianna: Não, essa é uma coisa que eu prometi e não cumpri. Na verdade eu transcrevi, textualizei e fiz transcriação de alguns, nem de todos eu fiz a transcriação, por conta do tempo. O que acabou determinando a forma do meu trabalho foi assim né, as circunstâncias que eu tinha planejado e outras que era do tempo.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Então acabou que eu vi que não ia dar tempo de fazer a transcriação, como eu tinha planejado, de todos, então eu dividi em três categorias. Eu fiz dois níveis de textualização... e transcriação. Porque dois níveis de textualização? Porque não é seguindo sugestão do Sebe, mas talvez ... nem sei se o Sebe sugere isso...

Luzia: Hum hum.

Vianna: Né? Na minha ... sugestão do Sebe na minha maneira de ver, ta? Existe um procedimento intermediário entre a textualização e a transcriação que é, eu fiz a textualização, a textualização está pronta e aí eu começo a mexer com os blocos de texto, né? Eu divido o texto, o contorno do texto em blocos temáticos e ... daí eu faço o que eu quiser com aqueles blocos temáticos, não necessariamente teria que dar uma ordem cronológica ou a ordem do entrevistado. Então, no meu trabalho, na tese eu tenho lá entrevistas textualizadas com pergunta e resposta e tenho algumas textualizações a meio caminho da transcriação, em que elas estão agrupadas em temas comuns. Então esse foi um processo que eu fiz? Não. Isso foi circunstancial também por conta do tempo, então eu escolhi algumas que eu ia fazer de um jeito, outras de outro e outros de outro. Perdi o fio da meada da tua pergunta inicial. Perdeu ...

Luzia: [risos] Não. Era a questão dos registros orais né, se você disponibilizou num arquivo, se está com você.

Vianna: Não, você perguntou da textualização, ah se eu tinha, você perguntou se eu tinha disponibilizado, então ta. Bom, então eu não ... respondendo a sua pergunta, o texto né, as entrevistas eram gravadas em vídeo e eu passei pro computador, mas nem todas eu dei é ... CD pras pessoas. Todos os entrevistados receberam uma cópia com o cacete ou o CD, junto com o texto trans ... trans...

Luzia: crito?

Vianna: Não.

Luzia: Textualizado?

Vianna: Com textos textualizados, eu confundi, textos textualizados. Em raros casos, eu me lembro que agora nitidamente de um que era o Nilson Machado, que tinha sido meu orientador no mestrado, eu passei pra ele uma cópia do texto transcrito, horrível. E ainda assim com uma cartinha assim bem curtinha dizendo assim: "Pelo amor de Deus", olha só, eu só tinha passado canetinha amarela assim nos nomes próprios né, que ele mencionava nomes, coisas ... lhe disse: "Faça uma leitura diagonal, sugira a grafia correta desses nomes que eu não achei e o que você quiser mudar assim e tal", porque tem ... eu não tinha tempo pra fazer, eu não tava assim, tinha que entregar o trabalho em março, não, final de fevereiro e eu tava com o trabalho nesse ... nessa ... particularmente a entrevista dele nessa situação ainda em dezembro. Então foi um desespero mesmo, eu falei : "Acho que pro Nilson eu posso pedir isso" então mandei assim, nessa situação. Não foi disponibilizado publicamente e tem problemas em relação a isso, porque, por exemplo, se e houve mudanças significativas na maioria das entrevistas, se eu disponibilizar eu tenho que disponibilizar um pacote sem mudanças.

Luzia: Teria que editar a fita.

Vianna: Então eu teria que, ou editar a fita, ou fazer o procedimento correto mesmo que é temporizar e dizer, dos minutos tal ao minuto tal, não pode ser ouvido, né. Ou se ouvido, a pessoa que foi lá no arquivo não pode revelar. Quem é que vai fazer isso? Acho que só o CPDOC faz.

Luzia: [risos] Esse é um procedimento válido então? É ... usável assim? Porque eu não tinha ...

Vianna: Esse é um procedimento do CPDOC, que eu não conheço, não fui ao CPDOC, mas pelo menos tenho lido. O CPDOC lançou agora um livro que explica direitinho como que faz, foi um dos manuais que eu utilizei no começo. Então, por exemplo, é como ... isso

aparece em filmes também, né? Os americanos fazem isso, tem tal coisa que não tem licença e eles pintam de preto. Na transcrição original aparece o nome, mas o que vem é todo pintado de preto ou então é cortado o trecho que foi vetado. Se você ouvir a fita, você vai ouvir o que foi dito, mas você tem que se comprometer a não usar porque o ... entrevistado vetou a fita.

Luzia: Certo. E ... eu entendi bem assim o que fez de considerações sobre o que faz de um trabalho ser um trabalho na história oral enquanto disciplina. É, o que faz de um trabalho usar o recurso da história oral? É que ... quando eu penso assim, fazer a entrevista, transcrever, textualizar, é ... carta de cessão propriamente dita que é feita. É só isso assim? Porque ...

Vianna: Não, não é só isso, mas se você ficar só nisso, já caracterizaria. Eu não tenho conhecimento, o Vicente deve, com certeza, deve não, com certeza tem mais conhecimento que eu nisso. Os métodos de pesquisa qualitativa que usam entrevista, você pede autorização pra pessoa: "Posso entrevistar?", a pessoa concede e fica nisso. É ... em geral, mesmo com pesquisa ação ..., não há um compromisso de você voltar com o instrumento de pesquisa, com o material bruto pro entrevistado, pra pessoa. Então algumas, algumas formas de pesquisa você tem ... você retorna com o produto da pesquisa, ou as pessoas podem participar do projeto, do processo, então é uma construção. Agora, no ... dado mesmo, ninguém põe a mão, então, talvez, só isso já bastasse pra caracterizar a história oral. Então digamos assim, você faz uma entrevista, por exemplo, essa nossa entrevista aqui ela tem muito pouco de histórico, no sentido tradicional digamos assim. Ta? Uma pergunta que você me fez, o que eu pensava antes e o que eu penso agora, mas ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: Ela não tem uma marca de historicidade nesse sentido de cronologia né, de que era uma coisa antes e ..., então você ta registrando um agora.

Luzia: E essa ... essa temporalidade, essa ... essa questão da preocupação histórica seria então uma das características ...

Vianna: É, então, isso seria uma marca. Não necessariamente, eu estou dizendo, se você tem um projeto com essa marca a historicidade então pronto por definição! Né? Agora, não necessariamente ... é um conjunto de coisas. Então, não tem essa marca, mas tem todo um tipo de procedimento que você vai adotar, então essa é uma outra marca que serve pra diferenciar, né? Eu acho que seria um trabalho, o ideal seria que no conjunto ele tivesse todas essas marcas, mas é ... ideal são coisas que você não pode criar.

Luzia: Ta certo. E ... é ... a gente falou em ética em algum momento aqui ...

Vianna: Hum.

Luzia: ...e eu queria ver quais compromissos você vê, nesse tipo de trabalho que o grupo vem desenvolvendo, né, você foi banca de grande maioria deles.

Vianna: A maioria deles.

Luzia: é ... como éticos assim, nesses trabalhos? Tem traços em comum...?

Vianna: O quê que são compromissos, aí vamos nós discutir a ética.

Luzia: [risos]

Vianna: O quê é que são esses compromissos?

Luzia: Então, eu penso assim, coisas que você é ... acordos, não acordos que eu acho que isso fica meio chocando assim.

Vianna: Hum.

Luzia: As negociações que você faz em nome de uma ética ... com o depoente ou dentro do grupo, não sei, toda vez que eu penso nisso eu penso com o depoente.

Vianna: Ai, isso aí é bem complicado, né? Eu não sei nem se o que eu vou falar é exatamente o que você quer saber. Eu diria assim é, eu tenho algum ... a minha primeira ... como disse assim, a minha primeira coisa a dizer assim que eu quase não ia dizer, mas vou dizer. Não tem compromisso nenhum. Veja, quando você vai fazer a entrevista, você faz a entrevista dentro de um projeto, você me consultou, a mim né, se eu iria dar a entrevista pra você. E eu concordei em dar a entrevista! Nessa simples consulta que não passa por cartório, por polícia, por juiz, por nada disso, eu acho que aí já existe uma certa forma de compromisso. Ah ... o compromisso de ... de ... de que você ..., por exemplo, nem eu to querendo sacanear você, nem você ta querendo me sacanear. É ... isso, vamos dizer assim, que eu ... não sei se isso passa depois na censura que ... isso é uma diferença entre, por exemplo, o tipo de entrevista que é feito por alguém que está fazendo uma pesquisa, não necessariamente de história oral e um jornalista. Um jornalista muitas vezes está fazendo uma entrevista com a pessoa com a intenção, que ele sabe, de sacanear com o entrevistado! E muitas vezes, eu to pensando aqui em alguns políticos, a pessoa dá a entrevista pro repórter com a intenção de sacanear alguém, certo?

Luzia: Hum hum.

Vianna: Não é o caso em geral aqui das nossas conversas, agora assim, os compromissos eles são muito variáveis, eu vou te dar um exemplo do que eu quero dizer com isso. Por exemplo, eu tenho um compromisso que é o de ta registrando em cartório, que é uma carta de cessão. Aí o quê que você faz se uma pessoa diz e grava assim: “Não, faz o que você quiser com essa fita e não ... o que você fizer ta bom, eu confio em você! Não precisa me dar ... faz”. O que você faz com isso? Você mandou o texto pra pessoa e ela falou: “Não, mas você pode fazer o que quiser!”.

Luzia: Não te dá uma autorização por escrito, que é o que ...

Vianna: Não, ficou gravado!

Luzia: É um documento. Pra você ... é válido, agora se tiver pensando isso judicialmente, não sei como ficaria. Se o judicial reconheceria isso como documento.

Vianna: Pois é, mas nós estamos na questão do compromisso. Se eu fiz a entrevista com a pessoa e a pessoa me deu essa autorização no gravador e eu achar que eu vou ter algum problema judicial com ela, então eu acho que eu não devia nem entrevista-la! [risos]

Luzia: Não, não. É ...

Vianna: Não, entendeu?

Luzia: Não, eu entendo. É ...

Vianna: Então, tem ... eu to entendendo que essa autorização dela é válida. Agora isso pra mim é um impedimento e aí eu acho que ... chegando até onde você ... isso pra mim é um impedimento determinante pra eu não publicar em livro, por exemplo, a minha tese, porque eu tenho autorizações passadas em cartório de ... um pouco mais de cinqüenta por cento daquelas pessoas, né, e os outros quase cinqüenta por cento não fizeram essas autorizações, né fizeram assim: "Não, pode e tal ...".

[troca da fita]

Vianna: É ... o ... eu tava dizendo lá então, eu entendi que a autorização que eles me deram sem ser registrada e tal como se ... na carta de cessão é uma autorização válida pra tese. É ... se eu quiser publicar em livro eu não posso incluir os trabalhos, eu acho que isso né, as entrevistas das pessoas que eu não consegui a carta de cessão. E não que eu tenha preocupação com o aspecto judicial, a minha preocupação é o seguinte, é porque eu tenho uma autorização que foi ... pra mim é um acordo tácito, né, que acontece quando a gente dá

entrevista, que subentende um certo público que vai ler. A partir do momento em que aquilo vira livro, vai pra livraria o público é qualquer um, claro que preferencialmente ou provavelmente vão se as pessoas do nosso círculo, né, da Educação Matemática, mas pode não ser!

Luzia: Hum hum.

Vianna: E aquilo que as pessoas disseram ela ... é entendido de maneiras diferentes de acordo com pólos onde são lidos e eu também não me sinto, é a questão ética, mas eu não me sinto em condições de publicar aquilo, de jeito nenhum! A não ser que tenha carta de cessão. Então, veja aí são os ... vou por um outro exemplo, esses são ... esses são os limites a que cada um vai se colocando e aí são os critérios, os valores individuais e ... né, então creio que o trabalho da Gilda, ele ... ela fez assim, um esforço ... indescritível pra conseguir as cartas de cessão, todas, e parece-me que ela assumiu um compromisso de não incluir no trabalho mesmo que a pessoa tenha dado a entrevista e tudo mais se não tiver a carta de cessão! Então, depende muito do ... de uma regra que a pessoa se tenha colocado e de quanto ela ... de como ela interpreta essa regra do jogo da entrevista, né? Eu poderia fazer mil exigências pra dar uma entrevista pra você e tal, mas não vejo motivo pra isso né, acho que ... eu não vejo, mas assim como eu não vejo eu entendo que outras pessoas possam ter restrições.

Luzia: Ta jóia. Uma outra questão que eu lembrei agora, que foi quando você falou assim, que tinham depoentes que eram mais próximos, o próprio Nilson né, que você passou pra ele né um bilhetinho ... Como você vê isso? E aí assim, eu sei que está numa discussão muito complexa né sobre estranhamento, distanciamento ... como você vê essa relação do entrevistador com o entrevistado?

Vianna: A primeira, não, as primeiras entrevistas que eu fiz, experimentais, antes de fazer as primeiras entrevistas da minha tese propriamente dita, eu entrevistei os meus pais, o meu pai e a minha mãe ... e perdi as fitas, aí deu pane no gravador e tal, foi um horror. Eu entrevistei minha mãe, meu pai ... bom, isso é uma história a parte. Mas eu percebi ali é ...

claramente que ... como os entrevistados recortam as falas deles pra o entrevistador em função desta intimidade, então, claramente, por exemplo meu pai deixou de me dizer coisas na entrevista que muito provavelmente ele diria pra você, total estranha pra ele. [...] E outras coisas ele me disse e que ele jamais diria pra você. Então, é ... daí vai uma lição, quer dizer, não há um ... um status privilegiado nessa relação de você entrevistar o seu namorado, por exemplo, no sentido de que é totalmente é ... essa entrevista fica ... prejudicada. Essa entrevista ela vai ser peculiar, vai ser única como todas as entrevistas são ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: ... o que você vai ter que analisar é o seguinte, se você ... é ... analisar eu digo, não fazer análise, não vou fazer essa contradição né?

Luzia: [risos]

Vianna: O que você como entrevistadora vai ter que analisar é que a pessoa ta contando aquilo pra você e se coloca essa pergunta: "Diria essa pessoa pra outro?". Isso é uma coisa que o Carrera me pergunta assim: "Como que você fez o fulano falar isso, aquilo e aquilo outro nas entrevistas?". Eu não fiz nada!

Luzia: Hum hum.

Vianna: Eu simplesmente cheguei lá e começamos a conversar. A relação que se estabeleceu foi dessa maneira e a pessoa se sentiu à vontade pra contar o que contou. Se ela não contaria isso pra outro ... Não há aí nenhum mérito, né, não vamos levar isso no sentido de : "Ah, nota 10, nota 4". Não, não é uma questão de mérito né, é uma questão de pe-cu-li-aridade, né, é uma coisa individual, é uma relação que se estabelece entre as duas pessoas, só isso. E essa relação sempre vai ser única, né, e aí o quê que você tem que fazer? Analisa ou não analisa o texto? Tem que ter a clara consciência do quão única ela é, se você não vai analisar, você tem que colocar no teu texto os elementos que permitam vir à tona essa

atividade maior ou menor e os recortes que foram feitos pra você. Se não, não. Não é um ...?

Luzia: É razoável. [risos]

Vianna: É razoável, não é? Eu acho que ... não é? A entrevista é uma coisa ... nossa eu gosto muito da entrevista por isto, né? E depende muito de como você se põe pra ... pra conversar, é muito legal! Quê mais?

Luzia: Eu tava é ... olhando assim pro cenário do grupo, a gente vive discutindo questões pontuais ou mais gerais assim, há alguma questão que ... não foi discutida, mas que você remoe de alguma forma, ou então que foi discutido, mas não tão profundamente e você continua ... ou todas.

Vianna: Não, todas. Eu acho que todas as questões que nós discutimos, elas têm que continuar a ser discutidas, o que é diferente de continuar a aparecer nos trabalhos, por exemplo, é ... acho que não tem sentido isso a gente já chegou até num consenso a respeito, de que, por exemplo, na sua dissertação você vai tem que fazer um capítulo com a história da história oral no Brasil, as questões de método, quer dizer, isso ... agora a gente sempre vai ter que continuar discutindo as questões de método, as questões da subjetividade, essas coisas que nós estamos conversando, acho que a discussão ela sempre vai trazer novos elementos, né? Então eu estou estudando particularmente, por conta das discussões do nosso grupo a questão do estranhamento, do distanciamento, por conta do que nós vamos fazer o seminário ... sábado...

Luzia: Hum hum.

Vianna: ... a questão da subjetividade, né? Então esses aspectos, eles sempre vão ter que estar sendo discutidos, até porque, pro exemplo, a subjetividade, você vai ter contribuições da psicanálise que a maioria dos nossos integrantes não têm, quer dizer o interessante é estar trazendo um psicanalista, um psiquiatra, um psicólogo, trazer um ponto de vista que

nos confrontasse. Uma das coisas mais ricas que eu tive no curso do Sebe foi exatamente isso, né, a turma era constituída por jornalistas, repórteres, gente com curso de jornalismo, psiquiatra, historiadores, eu era o único da Educação Matemática, tinha outros da Educação né, pessoas da Educação... sei lá nem me lembro mais toda a gama de pessoas que estavam fazendo aquele curso

Luzia: Hum hum.

Vianna: ... e isso foi muito rico né, porque as abordagens, os seminários mostravam os recortes que eram feitos. Foi muito bom.

Luzia: Ta jóia. E eu queria saber assim, como você vê um grupo. Você já me falou um pouquinho no dia da defesa da ... defesa da ...

Vianna: Da Rosinète.

Luzia: Isso. E olhando pra ele, o que faz desse grupo um grupo?

Vianna: Tudo.

[risos]

Vianna: Olha, não, esse grupo... primeiro eu acho que ele se constitui como um grupo graças ao Vicente, né, acho que o Vicente conseguiu juntar as pessoas, agregá-las e fazer ... formar um grupo mesmo! Eu ... tenho essa inserção em alguns grupos, alguns institucionalizados, outros não.

Luzia: Hum hum.

Vianna: Eu vejo assim, que esse grupo institucionalizado, ele se constitui num grupo apesar da distância e da diversidade das pessoas. Bom e acho que a gente deve isso ao

Vicente, né? Por ele ter feito o projeto, seja ... por ter feito a institucionalização e por ele ta fazendo esses esforços no sentido de ... de nos reunir, de nos ... então acho isso ... pacífico. Além disso, uma coisa que nos une, o fato de sermos todos assim ligados, relacionados à Educação Matemática, é uma obviedade, né? Mas, nós somos ligados à Educação Matemática, talvez, de uma forma ... isso eu não sei definir, nunca tinha pensado nisso. Mas ... todo mundo trabalha com a Educação Matemática, mas tem uma proximidade, sei lá, independente de ser ... ah, sei lá você ... vamos dar um exemplo assim de fazer as pessoas divergirem. Você pode trabalhar lá com o Paulo Freire e eu trabalhar com o Saviani, anos atrás isso seria motivo pra gente não conversar. Mas isso não significativo dentro do grupo, ou seja, há uma unidade que ... do quê é que é, hein? Eu não sei dizer o quê que é.

Luzia: Não sei também, eu to tentando ver isso. [risos]

Vianna: Não é, eu ia dizer epistemológica, não é epistemológica, eu acho que isso não, não é. Nós somos muito diferentes. [...] Eu não sei, não sei, eu acho que isso não é definido, talvez o Vicente consiga definir isso melhor, consiga dar uma definição, eu to tateando, não sei. Mas eu acho que ... dentro dos grupos onde eu já me inseri, acho que esse é o grupo que tem mais cara de grupo, mesmo aceitando a diversidade, as diferenças todas que têm.

Luzia: Hum hum. E ... assim, eu queria saber qual a fundamentação teórica, alguns nomes do teu trabalho com relação à história oral.

Vianna: [...]Olha, a minha dúvida aqui de para pra pensar é que eu tenho uma resistência enorme com a questão da fundamentação teórica. Acho que a fundamentação teórica é aquela postura lá de pouca fé em relação à Ciência. A fundamentação teórica não é uma coisa que você faz a priori. Tem um texto do Borges, né, eu tava falando do Borges antes.

Luzia: Hum hum.

Vianna: em que ele fala dos precursores. Se você for em busca dos seus precursores, você vai chegar no homem das cavernas. Sempre tem o precursor do precursor do precursor, é

uma regressão infinita. Ah ... eu tenho assim um ponto de partida que eu declarei lá, eu fiz um curso com o Sebe e isso determinou uma influência muito grande com minhas leituras, mas no sentido assim de já ter visto e gostado de coisas que ele sugeria, então de trabalhar com transcriação, de não fazer análise e toda essa discussão. Isso me ... isso ... talvez isso tenha sido o que me atraiu pra fazer o projeto em história oral e não outra coisa, não sei ...

Luzia: Hum hum.

Vianna: ... mas isso certamente me atraiu. Então o Sebe pra mim é um ... Agora, o Sebe não tem textos de teoria escritos sobre história oral, tem coisa assim mínima, ele tem os projetos que ele desenvolveu, então ele fazia as coisas né, então tem lá uma introdução com cinco páginas falando de transcriação, o mínimo né? Então se eu responder pra você isso, veja só "Qual é a sua fundamentação...?", a pergunta "Qual é a sua fundamentação teórica?".

Luzia: [risos]

Vianna: Eu digo assim "Ah, aquelas cinco páginas que o Sebe escreveu no ... Canto de Morte Caioá lá", que é a introduçãozinha do livro, e você vai dizer "Isso?".

[risos]

Vianna: Ta, mas não é "isto"! É isso e mais, sei lá, quinhentos mil livros de história que eu li antes de fazer esse curso! Então, eu ... o curso do Sebe, né? Eu tinha uma concepção de história mais ou menos delineada com base no marxismo, na história nova, sei lá, com base em várias ... referenciais, às vezes você recortando coisas que não eram coerentes entre si e eu trouxe tudo isso pra ... história oral né, a partir do momento em que eu tomei a decisão de fazer um projeto em história oral. Então, essa história ... o quê que eu fui ler? Portelli, Thompson, a professora que foi da minha qualificação e que depois nós não convidamos pra defesa porque a posição era muito divergente, né, não tinha sentido convidar, mas eu li os trabalhos dela, outras coisas que ela fez depois que a ... como Diana Vidal, daí eu acho

que ficou como Diana Schimdt, né, ela tem ... eu acho que ela deve ter se separado, ela tem texto como Diana Vidal e Diana Schimidt, da USP, da área de Educação. Então o que é possível ler de história, história do tempo presente, história oral eu ... leio. Não tenho nada contra, "Ah, o fulano lá não trabalha com transcriação", bom ele não trabalha, eu trabalho, isso não é obstáculo pra que eu deixe de ler!

Luzia: E, quando a gente começou a entrevista a gente tava falando da ... do que te levou pra história oral de alguma forma, o contato e tal. Você falou que aquele contato lá te envolveu de alguma forma, te encantou de alguma forma. Isso fez com que você começasse, o que faz com que você continue estudando sobre história oral, lendo sobre história?

Vianna: Vício!

Luzia: Vício!

[risos]

Vianna: O Carrera me diz uma coisa assim, que eu me ... eu me apaixonei pelos entrevistados. Eu na verdade, eu declarei isto. E isso é perigoso no seguinte sentido e é perigoso no seguinte sentido, quando eu me apaixono pelo entrevistado (quando o Carrera fez isso, foi uma maneira de fazer uma crítica amigável), quando eu me apaixono pelo entrevistado, ou pela ... pelo ato de entrevistar, na verdade eu estou é ... dando margem a ser manipulado, não é? A pessoa, eu fico seduzido, encantado com a pessoa que eu to entrevistando, eu deixo de fazer perguntas ou eu aceito como verdade coisas que não necessariamente são. E isso foi, eu acho, a crítica que o Carrera endereçou. É ... tem fundamento assim como não tem. É o que eu disse antes, é ... a pessoa que dá a entrevista recortando a entrevista pra você. Então, essa, entre aspas, "paixão", que acontece de você gostar da pessoa ou do que ela ta te dizendo é ... provavelmente vai ajudar que a pessoa diga algumas coisas que você se ... como é que fala? Você se solta pra fazer a entrevista e não, em alguns casos ela provoca distanciamento, porque a sensação é: "O que essa pessoa

ta querendo, é tiéte aqui, não?". Então, provoca apenas um recorte e essa paixão também não é generalizada você não se apaixona pelas pessoas, embora em alguns casos seja pela pessoa né, você diz: "Que vida, que coisa fantástica!", você se encanta. Eu acho que a paixão é pelo objeto ... o objeto da pesquisa. E eu acho, como eu não defendo nenhuma prática científica acéptica, não sei o quê, eu acho a paixão ótima [risos].

Luzia: Hã hã.

Vianna: Então é isso assim, não tem ...

Luzia: Ta jóia. E por fim assim, como você leu muito sobre história e continua lendo, você vê isso como necessário pra quem se vale de história oral?

Vianna: Hum hum.

Luzia: Sim?

Vianna: História em geral?

Luzia: Hã hã.

Vianna: Sim.

Luzia: E você conseguiria me falar assim, veja que eu adoro pedir definição ainda, né? [risos] Porque você ta naquele momento de querer se localizar nas coisas assim. Você conseguiria me dizer o que é história?

Vianna: Nossa!

Luzia: [risos] Eu sei o quanto é difícil.

Vianna: Não, esses dias eu tava lendo de novo um livro que eu gosto muito que é o livro do Carr "O que é a história?". Esse livro é aparentemente assim muito despretencioso, é um livro gostoso de ler e a conclusão que eu cheguei assim, porque ele não faz assim, ele faz alguns capítulos e ele, a cada capítulo, ele dá uma definição de história. Mas as definições elas brigam umas com as outras, elas não são ... elas não se alinham, né, elas se complementam, mas, por exemplo, não no sentido, por exemplo, de quebra-cabeça, de ir juntando as peças, formando o todo, se complementam, só que às vezes fica uma peça em cima da outra, às vezes fica um buraquinho e você fica assim: "Nossa, não fecha!".

Luzia: Hã hã.

Vianna: Ah ... foi pra mim um livro muito marcante, no sentido de ta constituindo assim uma definição de história. Uma ... é ... quase formulando assim uma coisa ... história é aquilo que a gente faz vivendo, né? Isso ele não diz e eu acho que se ele ... lesse uma coisa assim ficaria espantado. Mas a gente faz vivendo em vários níveis né, então, por exemplo, a gente faz história vivendo o nosso dia a dia de pessoas absolutamente comuns, isso não passa para a história no sentido dos registros, né? O que eu fiz hoje de manhã, o que eu comi no café da manhã ou não, a menos que você conte, se não: "Ah, eu vou contar aqui", não vai contar pro registro que a gente foi ali no ... na ... shoperia ...

Luzia: Na shoperia.

Vianna: ...ali fazer um lanche antes de conversar e estas coisas, elas não passam pro registro histórico. Histórico no sentido de documento, mas elas são história né, porque elas nos ... elas nos constituem, né? Porque a gente é assim, então quando passo pra um documento uma parte de nós, que é o que foi falado, essas coisas não vão, mas eu não abro mão de dizer que essas coisas todas são história. Ta bom? [risos]

Luzia: Ta jóia. Ta muito bom! Então era isso assim, ao menos por enquanto, pra eu ter uma noção geral. Eu vou transcrever e textualizar, assim que eu tiver o material eu envio pra você, pra você conferir. Ta bom? Obrigada.

Vianna: Eu é que agradeço.

<u>Transcrição da entrevista realizada com Silvia Regina Vieira da Silva.</u>

Luzia: Entrevista de 21 do 10 de 2004 ligada ao projeto de pesquisa História Oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes.

Silvia: Meu nome é Silvia Regina Vieira da Silvia, formada ...?

Luzia: Hum hum.

Silvia: Sou professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e faço parte do grupo História Oral e Educação Matemática.

Luzia: Tá jóia**.** Silvia, eu queria conversar com você assim, primeiro sobre como que você teve contato com a história oral, assim, como foram seus primeiros contatos, o que significa pra você trabalhar com história oral...

Silvia: Hum hum. É ... o primeiro contato foi ... na época que eu tava ... eu tava fazendo o doutorado e eu ainda não tinha ... eu tinha o projeto quanto eu ingressei no doutorado e aí a medida que eu fui fazendo as disciplinas, tendo contato com o orientador a gente foi redirecionando. Aí a história oral apareceu como uma alternativa pras coisas que tavam me inquietando na época e... eu achei legal! Principalmente depois que eu comecei a ter contato com as primeiras pessoas, aí falta ... as entrevistas, a possibilidade de estar escrevendo alguma coisa sobre a história daquelas pessoas é ... me seduziu.

Luzia: Hum hum. Ta jóia. E assim, você consegue me dizer, pra você assim... sei lá de uma definição do que seria história oral assim ...

Silvia: Ah então, história oral pra mim é ... tem a ... tem duas coisas né, primeiro a história que eles contam que a gente vai montando junto né, do jeito que eu fiz lá na minha tese. Fica uma história que eles contaram, a história oral é ... e tem aquela versão que a gente dá, que eu coloquei na tese, que seria a versão do olhar que a gente teve daquele documento que seria a fala deles né, da ... de deixar registrado isso também. Então a história oral ... que tem gente que acredita que a história oral é só aquilo que eles falaram né, aí eu acho que na tese é legal também ter, no meu caso né, eu achei legal ter feito o ... ter olhado o período inteiro né, o período escolhido, tal e ta falando o quê que aconteceu durante aquele período.

Luzia: Então a história oral é ... pra você seria é ... a reconstituição de uma história ...

Silvia: Isso.

Luzia: ... através da oralidade.

Silvia: Isso, isso daí mesmo.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Porque daí dá chance pra aquelas pessoas contarem as histórias tal, inclusive eu acho que eu senti isso dos entrevistados, eles tinham ..., às vezes a gente fala: "Ah, professor que dá aula, eles não querem falar" , tal, eu acho que foi ... pelo menos no meu caso, eles queriam contar tudo o que tinha acontecido com eles, então ouvi-los assim foi muito legal. Achei muito bom.

Luzia: Ta jóia. E essa concepção de história oral que você ta me falando agora, você já tinha naquela ... quando surgiu a idéia de usar a história oral no trabalho,...

Silvia: Não.

Luzia: ... você pensava de outra forma ...?

Silvia: Não. A primeira coisa que a gente vê assim era, bom, a preocupação que a gente tinha era de pegar um período né.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Essa preocupação existia, de pegar um período e ta olhando o que acontece naquele período, então tinha a questão do tempo, né, envolvendo pra ta falando de história oral, isso a gente teve. Mas, assim, as coisas foram ... a medida que as coisas foram acontecendo a gente foi procurando a literatura, tal, então quando eu fui fazer as entrevistas, eu tava já fazendo a pesquisa, eu não tinha nenhuma concepção fixa já. As coisas, à medida que acontecia, a gente ia lendo e tal, ia ... fazendo o esboço. Inclusive na época lá da ... da qualificação eu não tinha feito muitas leituras, eu só tinha feito as primeiras entrevistas mas não tinha mexido com o material.

Luzia: Mas, desde o começo a proposta já era história oral?

Silvia: História oral. Mas eu não tinha nenhuma concepção fechada, eu penso ... eu fazia idéia que tinha a questão do tempo, que tinha ..., que aí as pessoas iam estar contando as histórias dela e tal, mas não tinha ainda uma ... uma coisa que fala: "Ah, é isso, vai ser assim, vai ser assado.".

Luzia: Ta certo.

Silvia: Eu acho até que depois da qualificação que as coisas foram tomando rumo.

Luzia: Clareando melhor ...

Silvia: Isso. Foi depois.

Luzia: Ta jóia. E se eu perguntasse pra você qual a metodologia que você utilizou no trabalho, como que você descreveria ...

Silvia: A história oral, é isso..., engraçado. Na época até da defesa eu achava isso, mas é, eu achava que era historiador oral e isso ficou na minha tese, pediram até pra tirar, aí depois que caiu a ficha: realmente, a gente, na realidade, fala da formação do professor e usa como o recurso né, como metodologia, procedimento de pesquisa, a história oral. A história oral pra gente é um recurso.

Luzia: Então você vê ela como metodologia mesmo?

Silvia: Pra mim, é procedimento, metodologia, procedimento de pesquisa né.

Luzia: Ta jóia.

Silvia: Foi pra gente ta falando da formação do professor. Agora isso pra mim ficou...

Luzia: Ta jóia.

Silvia: ... ficou claro.

Luzia: E aí você falou que na época da qualificação e até mesmo depois, na defesa, você se via como historiadora oral. Como ficou?

Silvia: Eu achava que era isso. É, eu acho que pra mim, ficou muito forte a questão de ter o contato com as pessoas né, acho que foi um envolvimento emocional mesmo com eles. Então eu achava que tava falando ... que eu tava fazendo história, então eu era historiadora né, eu me desvinculei que eu tava, na realidade falando da formação daqueles professores né, me aproveitando da história que eles contavam pra falar da formação. Aí depois que caiu a ficha.

Luzia: E como você se definiria agora assim?

Silvia: O quê?

Luzia: Usando ... usando história oral? Naquele trabalho, se você pudesse...

Silvia: Então, eu achei isso aí mesmo que eu já te falei, eu acho que a gente tava ... porque naquele período que eu peguei, de 50, da década de 50 à década de 90, na verdade a gente tava olhando a formação do professor. Aquela história que eu falava, que eu conto né, nesse período ...

Luzia: Hum hum.

Silvia: Ta falando sobre a formação do professor, e eu usei pra falar sobre isso, as histórias que os professores contaram. Então na realidade, a história oral foi um recurso que eu tive que me possibilitou falar da formação de professores né. Não foi, a gente não fez, até em questão de bibliografia, não fiz revisões de história tal, né. Que eu acho que se fosse um trabalho, se eu fosse uma historiadora, só historiadora, não estivesse falando necessariamente da ... da questão da formação de professores eu acho que aí a literatura seria outra né. Eu penso isso.

Luzia: Entendi.

Silvia: Agora ficou claro, mas é engraçado que só caiu a ficha na defesa, eles falando aquelas perguntas.

Luzia: Pra muitos da gente que estava assistindo.

[risos]

Luzia: E assim, eu queria ver pra ... utilizando a história oral assim, quais é ... procedimentos ou quais encaminhamentos você considera que são característicos de um trabalho com história oral assim?

Silvia: Com história oral. Então, pra mim eu acho que a história oral mexe muito com a ética né, acho que o jeito, o contato que você ta tendo com o entrevistado. Porque não tem, como eu falei na tese, não tem regra estanque pra você falar ... vai depender muito da pessoa que você ta entrevistando. Então, mas eu acho que prevalece assim a ética, os acordos que você vai fazer na ... é ..., por exemplo, tem pessoas que vão é ..., no meu caso, pra assinar aquele termo de responsabilidade todos assinaram numa boa, mas a gente já ouve casos, por exemplo, que a pessoa se nega a assinar, tem ... tem pessoas que não querem se identificar, então não sei se tem uma regra estanque. É nesse sentido que você ta perguntando?

Luzia: É, não. É ... como se fossem assim, vínculos, vínculos não, mas características que ...

Silvia: Da história oral?

Luzia: é, que permitisse você identificar um trabalho em ...

Silvia: em história oral?

Luzia: história oral.

[campainha]

Silvia: Deixa eu ver, deixa eu virar aqui que é melhor [o gravador]. É ... tem, eu não acho que é só a entrevista, por exemplo, às vezes quando a gente fala em história oral, automaticamente a pessoa já acha que só porque ta usando entrevista que é um trabalho em história oral e eu acho que isso não é só isso. Eu acho que teria que ter uma preocupação

com o tempo, mesmo que seja um tempo curto, né, que nem o trabalho da Michela é um tempo, é o tempo presente, a pessoa ta, não pegou um espaço cumprido pra olhar, mas ela tava falando sobre a história, com um determinado tema né, está buscando um determinado tema olhando ali e ... e ta contando as histórias ali naquela situação, mas não é só a entrevista. Aí vai ter a questão do procedimento, que eu acho que o que eu tava falando antes é como você vai lidar com o entrevistado né. Mas acho que tem que ter uma preocupação, tem que ter um tema pra você ta olhando e um tempo, nem que seja curto, pra ta falando sobre aquilo ... naquele determinado tempo estipulado lá.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Não sei, é o que me vem assim, se for ta colocando desse modo. Não é só a entrevista como alguns acham.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Tem que ter uma preocupação e ta contando a história num tempo, seja pequeno ou grande, não interessa.

Luzia: E você consegue identificar assim, dentro do grupo História Oral e Educação Matemática, alguma ... não sei, se concepção, que é comum assim... em todos os trabalhos, sei lá, que todo mundo ache que tem que é..., esmiuçar ou tem que discutir melhor no trabalho?

Silvia: Então, quando você fala isso eu sempre penso nas coisas que a gente pensa diferente [risos]. Mas deixa eu pensar ..., eu acho que a questão da ética todo mundo ..., não ficou explícito de todo mundo falar mas sempre acaba caindo nisso, porque a gente diverge de algumas coisas que vai acabar na ética né. É ... a questão da gente ta reforçando a questão metodológica, porque a gente tem divergências mas a gente acaba caindo que tem que reforçar mais isso.

Luzia: é ... reforçar de que forma, é... da história oral?

Silvia: Leitura é. Eu acho que da gente ... é ..., penso né, que da gente ta reforçando a questão de ta lendo e tal e ta discutindo, não sei se é alguma coisa comum, se todo mundo, se seria uma coisa que todo mundo pensa ... Não sei se é pra chegar numa coisa comum, que história oral é isso, isso, isso. Mas a gente sabe que tem que fazer isso, que é uma coisa que a gente tem que mexer pra melhorar a nossa visão de grupo né.

Luzia: Então, a priori, teria ... todo mundo teria um acordo em tá explorando ...

Silvia: É...

Luzia: ... as características metodológicas da história oral?

Silvia: É, eu penso isso! Até, ... o ... quando a gente ... o ... chegou aquele material do ... do... da ... como é que é o nome? Como que chama aquele que é vinculado lá ao grupo de história oral nacional? É ... to tentando lembrar da sigla e não lembro, mas que o Vicente falou: "Ah, chegou o material tal e nesse material tem bastante coisa relacionada com a questão metodológica ta, é legal a gente ler". E eu acho que isso fica. Porque durante um tempo a gente ficou muito nas nossas coisas e aí a hora que a gente começou a olhar as coisas nacionais e tal, olhar outras pessoas, trabalho inter-disciplinar, não só na Educação Matemática, que a gente tem noção das coisas que a gente ainda precisa caminhar. Mas eu acho que de coisa comum, a questão da ética, literatura, a gente lê, procura ... ler o que o outro leu né.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Não sei falando assim sem pensar muito.

Luzia: Ta jóia.

Silvia: É eu acho que não ... É que eu acho que a gente tá caminhando. Agora que a gente ta ..., depois das defesas que a gente ta olhando as coisas comuns dos trabalhos né ...

Luzia: Hum hum. Ta certo, ta certo.

Silvia: Mas, por enquanto, parece que sobressai a gente pensar ... Quando você faz essa pergunta eu penso mais nas diferenças que a gente tem, as concepções que cada um tem. Aí vem essas coisas, fica mais ...

Luzia: [risos] Hum hum. Fica mais forte!

Silvia: É. Talvez até por causa dessas diferenças a gente consiga ver algo que tem em comum e ainda acho que não ta tão forte.

Luzia: Como você vê essas diferenças assim, dentro do grupo? A existência dessas diferenças?

Silvia: Não eu acho que é saudável! Porque, por exemplo, eu to fazendo as discussões, vendo as discussões on line né, então, um discute uma coisa o outro discute outra e a gente, eu por exemplo on line, eu to vendo, não to tendo contato cara a cara mas eu tô conhecendo, vendo as diferenças de cada um e em cima daquelas diferenças você vai formando as suas idéias, né?

Luzia: Hum hum.

Silvia: Eu acho saudável. Se a gente pensasse tudo igual acho que seria mais complicado, aí a hora que a gente caísse num outro grupo, acho que é mais difícil da gente entender. Eu acho que é saudável.

Luzia: Ta certo. E eu queria ver com você, que é uma discussão que surgiu há algum tempo já, acho até que surgiu na tua defesa que é a questão da cientificidade de um trabalho que se utiliza da história oral.

Silvia: Ah, pois é. Acho... é que eu coloquei a história como uma ciência né? Aquilo lá ficou meio, hum ..., é porque assim, pra mim ficou muito muito forte as coisas que o ... Stuart Hall falava né, então … quando ele fala de fragmentação, … opa [arruma o gravador], que fala da fragmentação do sujeito e tal, então algumas coisas se quebraram né. Então eu não sei se ... o quê que é fazer ciência hoje né? Não sei se teria problema de falar que história oral é ciência ... que nem o Carlos falou que é uma coisa que a gente tá conquistando e tal .... Quando fala em ciência parece que tem que ter uma coisa exata, com a cara certinha e tal, é ... e você fala: "É isso e acabou!". Mas, por exemplo, se ... o Stuart Hall, na proposta de Stuart Hall as coisas é ... vão mudando né, então a questão de ciência também, a concepção de ciência também, essa concepção que a gente tem de ciência que é uma coisa já estanque, fechada, que você tem a cara, acaba se quebrando porque daí ela nunca vai ter uma ... uma cara certa, porque como vai depender das concepções de cada pessoa que você ta entrevistando e da concepção da pessoa que ta fazendo o trabalho, eu acho que ela vai se alterar ... ao longo das histórias que a gente vai ta ouvindo.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Eu acho que, falar que história oral é ciência nos moldes que ... antigos, talvez não seja, porque ... é ... porque não é uma coisa estanque, algumas coisas a gente, tem que é a questão da ética e tal, mas não é uma coisa que você fecha assim, uma coisa fechada.

Luzia: Mas, nos moldes atuais, com essas mudanças todas ...

Silvia: Ah, com essas concepções acho que sim!

Luzia: Sim.

Silvia: Porque é uma coisa, aliás eu acho que é a que ta mais em evidência, porque assim, pensando em história, história oral, a história que era tradicional e tal, a história tradicional acaba perdendo um pouco a força porque ela não olha as histórias parciais né, as pessoas. Que essa história das elites e tal ... era o que estava mais de acordo com a ciência dos moldes que era antes. Aí, agora, olhando o Stuart Hall, eu acho que a história oral ta dentro mais da proposta atual, acho que agora é o momento em que ela tende a ter mais força, ta mais em acordo com as concepções.

Luzia: Essa proposta atual pra ciência que você fala é ... é ... te dá uma abertura com relação aos tipos de pesquisa que podem ser feitas ... não é isso?

Silvia: É, é...

Luzia: ... pra compreender um fenômeno ou alguma coisa assim.

Silvia: É, pra ta olhando é ... A gente ta sempre sendo balançado por leituras, por coisas que a gente faz, e às vezes uma coisa que a gente pensava que era muito forte muda radicalmente né. Então eu acho que aí, pensar ciência do jeito que era pensado antes é mais complicado, ficou durante muito tempo ... ah ... algumas coisas foram muito ..., como receitinha de bolo né, então pra você ser, que nem ... psicologia. Pra ela ser considerada ciência, a gente ... ela teve que se submeter a algumas coisas pra ser considerada ciência, então ela se submeteu durante uma época pra ser considerada como tal. Então, eu não acho que a gente precisaria se encaixar nisso pra ser considerado ciência, do jeito que é ... não sei se eu fui clara.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Mas é ... eu acho que as coisas vão sendo mais ... que nem, o fato de ter feito o trabalho que eu fiz no doutorado, eu voltei pra sala de aula completamente diferente do que eu era antes. Né, então eu acho que é ... muda pra mim a concepção até da..., por exemplo, antes de sair eu já tinha dado aula de geometria, aí eu voltei e peguei a disciplina de

geometria, então as minhas concepções do que eu devo dar é ... na disciplina geometria mudou radicalmente, então eu acho que no meio disso ta envolvido a questão de como eu concebo a matemática, que ta ligada à ciência também né. Eu acho que as coisas agora são mais ...

Luzia: Ta jóia ..., quantos aos trabalhos que se utilizam da história oral na Educação Matemática, que contribuições você acha que esses trabalhos conseguem dar à Educação Matemática? Há um diferencial assim ...?

Silvia: Sim. Eu acho que tanto pra Educação Matemática, a gente tem registrado as histórias tanto pro lado do ... do entrevistado ... Quer virar assim ó [o gravador], você ta vendo se acaba a fita, você olha aqui ó. Quando acaba a fita não apaga aqui?

Luzia: Não sei. [risos]

Silvia: Acho que apaga... É, o diferencial pro entrevistador, você, no caso que eu sinto isso, porque pra mim mudou muito a ... eu como pessoa, como pesquisadora mudou muito, e pra Educação Matemática, por exemplo, tinha história que a gente sabia que acontecia na escola né, olhando pro meu caso específico, a gente sabia que tinha a questão da droga, a gente sabia que tinha a questão da disciplina, na década de 50 a gente sabia alguma coisa, mas a gente não tinha nada registrado no papel, então isso só aconteceu por conta do registro que a gente tem, então agora a gente pode falar: "Acontece isso, a pessoa falou e tem registrado!". Então isso eu acho que é muito importante, a história oral traz uma contribuição nesse sentido, eu acho ... forte.

Luzia: Ta jóia. Ta jóia. Deixa eu só marcar ... eu queria ver com você umas questões assim, mais específicas que são discutidas dentro do grupo já há algum tempo assim como, por exemplo, a ... a noção de documento, como que você pensa a noção de documento?

Silvia: De documento no geral ou documento na história oral você fala?

Luzia: É ... documento na história oral.

Silvia: Na história oral. Pra mim o documento na história oral é a fita. Né, que daí ce vai pensar: "por quê?". Porque daí você recorre à fita pra ... pra escrever aquele papel, mas aí tem eu acho ..., então teria várias formas de documento se for falar. O primeiro documento seria a fita, mas, por exemplo, eu não disponibilizei a minha fita, porque as pessoas né ..., eu achei que elas não iam achar legal porque elas fizeram muitos cortes, aí tem o segundo documento, que seria aquilo que eu deixei na tese, aquilo eu acho que também é um documento.

Luzia: Que é ...

Silvia: Que as pessoas vão lá olhar, vão ta vendo, vão ta podendo ta lendo, isso que eu falei, as histórias que ele contaram. Acho que aquilo lá também é documento.

Luzia: Aquilo lá é a textualização e a transcrição?

Silvia: Eu deixei só a ... textualização, a transcrição eu não disponibilizei porque o pessoal ainda na textualização final, na última versão,teve gente que alterou muita coisa, tirou muita coisa, escreveu de outro jeito que se eu deixasse a ...

Luzia: A transcrição.

Silvia: ...a transcrição eu teria que fazer um trabalho de edição da transcrição também, o que no meu caso não daria tempo de fazer então eu não disponibilizei também. Mas são documentos né, eu acho que todos são documentos que a gente ... que isso pode ser feito agora, eu falei com o Carrera que a gente poderia fazer depois em contato com o entrevistado, são documentos que você vai poder disponibilizar pras pessoas ... chega uma outra pessoa: "eu quero olhar isso", então pode olhar, a primeira entrevista, a segunda entrevista ... dava um trabalho assim ... a gente tem um material muito grande pra olhar. Se ele pegar só, quiser só ouvir as fitas de novo, pra de repente ta olhando a minha concepção

quando eu fiz o trabalho, o quê é que eu fiz ... olhando pra mim, então isso seria também um outro documento que ele vai ta ... Então seria a fita, eu acho a ... o que eu transcrevi, as transcrições, e as textualizações, acho que todos são documentos. Se for enumerar documento 1, documento 2, documento... a fita, você precisou da fita, depois você fez a transcrição ... eu acho que a gente tem um material muito rico. A gente e outras pessoas que olhem as nossas coisas.

Luzia: E a fita, as fitas ficaram com você ...?

Silvia: Ficaram, estão comigo. Agora eu preciso agora, então me organizar pra ... poder disponibilizar que até teria que fazer um trabalho de edição né. Olhar de novo o que eles pediram pra cortar, cortar, então tem que fazer uma cópia e em cima daquela cópia fazer ... mas ta tudo comigo. Dá pra fazer esse trabalho.

Luzia: Ta certo. E ... é o que você pensa ou de que forma você pensa a análise, num trabalho com história oral...?

Silvia: Então, eu acho legal assim, num trabalho, como a gente fala da tese, é ... eu acho que ali a tese, se for pensar em tese que aí a gente vai ta vendo se faz análise ou não. Eu acho legal ta registrado a idéia da pessoa que entrevistou, mas assim ... a gente vê no grupo, por exemplo, que tem pessoa que acha que não deveria fazer análise. Ah, eu não acho que deveria fazer análise da pessoa, por exemplo, eu não acho legal você ficar ... Eu me senti muito mal, por exemplo de né, pensar em ta analisando: “Ah, a pessoa falou isso porque ela devia estar pensando isso”. Isso eu não acho legal!

Luzia: Hum hum.

Silvia: Porque daí ta ... é como se você tivesse ... você tá julgando a pessoa. Isso pra mim, eu não acho que seria legal, eu não encararia uma análise sadia. Eu ..., agora, fazer análise das coisas que elas falaram, deslocando de fazer um vínculo de “Ah, a pessoa falou isso porque pensou isso”, ou de repente podia ..., mas pegar aquele material que ela falou e ta

olhando num contexto maior, aí eu acho válido fazer, eu encararia isso como uma análise sadia, de ta fazendo isso.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Porque daí a pessoa, no caso da tese, ela taria se comprometendo com as concepções dela né. Ela taria deixando explícito o que ela pensa. Se você deixa só o documento, por exemplo se chegasse na minha tese e dissesse, deixasse só as histórias que eles contaram e não falar nada. Por exemplo, a Miriam falou que isso é história oral, pra ela aquilo é, já era história oral na defesa. Ela fala isso em todas as defesas que a gente faz. Mas aí só falar aquilo lá, é ... a pessoa que fez a pesquisa não se compromete com nada né. Não claramente, pode estar se comprometendo assim, nas entrelinhas, porque aí ela participou da confecção do documento e tal, então lógico ali vai ta implícita as concepções dela. Mas não ... deixa, não assume claramente o que ela ta pensando né. Aí eu acho ... eu acho legal, essa análise eu acho sadia.

Luzia: Como um posicionamento do pesquisador ...

Silvia: Isso!

Luzia: ... frente ao conteúdo da ...

Silvia: Ao conteúdo da, o material que você recolheu com as entrevistas. Eu acho legal deixar explícito isso.

Luzia: Ta certo.

Silvia: A pessoa, o leitor tem uma idéia do que a pessoa falar em cima do que ela ... pesquisou. Eu acho isso, eu acho sadio. Eu acho que foi sadio até pra mim, enquanto pessoa, e eu acho que é legal ... porque daí você se expõe e aí mantém o diálogo né. Aí a

pessoa vai ler o seu trabalho e de repente você tem um contato e vai amadurecer em cima daquilo. Eu acho legal.

Luzia: Ta jóia. E você tava falando do ... da questão ética, né, da [olhando o gravador] ... da pesquisa, presentes na pesquisa e ...

Silvia: Eu acho que ela pára [a fita].

Luzia: ... quais procedimentos você poderia assim, me falar que são éticos dentro desse trabalho?

Silvia: Então, eu acho, é o que eu falei. É o acordo que você faz com ... o entrevistado, né. Eu senti, eles ficaram muito a vontade, porque na primeira vez que eu fui conversar com eles, eu deixei claro que só ia sair no material aquilo que eles autorizassem, que eles ... que eles poderiam ficar tranqüilos com a entrevista que eu ... que eu não ia colocar nada que eles não quisessem, que eles iam participar de tudo. A primeira entrevista eles iam olhar, a segunda, até a forma final e se eles não quisessem que saísse alguma coisa, não ia sair. Então eu acho que isso ajudou ... nas fitas eles ficam muito a vontade, apesar de ter feito cortes, se eles quisessem, se eles ficassem inseguros quanto a isso, eles não teriam nem falado. Né, eu penso assim. Eu acho que um acordo primordial é assim, procurar fazer o combinado com o entrevistado. Se de repente num percurso, por exemplo, a pessoa ... o entrevistado fala assim: "Ah, eu não quero mais tal coisa, queria ...". Eu acho que a gente tem que respeitar. Porque a pessoa está se expondo ali, a gente quando foi pesquisar aquela pessoa a gente já veio ... já, nas entrelinhas, já ta assumindo que vai se expor porque a gente ta pesquisando, agora o entrevistado tem que ter a opção de estar se expondo ou não. Eu acho que esse é o primeiro compromisso ético que a gente tem com eles. De deixar sair só o que ele realmente está querendo.

Luzia: No começo você me falou assim, é ... dele autorizar a utilização ou não através de um documento.

Silvia: Isso.

Luzia: Esse documento seria ...o que tem sido chamado de cartas de cessão?

Silvia: É. Então, minha carta de cessão, eu vi o pessoal do grupo, isso não foi ... isso é uma coisa que não foi comum né. Tem gente que, por exemplo a Gilda, ela fez a carta de cessão só depois que a pessoa ... da textualização! E eu fiz, antes de começar a ligar o gravador e eles assinaram com muita naturalidade, sem medo nenhum. E jamais pediram pra rever a carta de cessão! Tipo assim, é ... é ... escreveu alguma coisa "ah, eu não sei se eu vou ceder ou não", não, eles assinaram. Antes de ligar o gravador eles assinaram o termo com muita naturalidade e foram naturalmente, agora ... e ... também não foi uma coisa ampla de dizer: "ah, eu posso fazer tudo o que eu quiser com esse material", eu fiz lá que eles me autorizassem a ta aparecendo na tese, né. Eles ficaram muito ...

Luzia: Tranqüilos.

Silvia: Tranqüilos, não teve problema nenhum. O que eu acompanhei de outros trabalhos do nosso grupo, tem pessoas que depois de todo esse material, eles ficam na dúvida, se você faz uma carta de cessão muito ampla que a pessoa pode..., dá impressão que pode até ... é ... ce ta passando a sua vida pra outra, de um jeito muito forte, parece que assusta um pouco a ... o entrevistado. Porque eu acho que aí você não precisa fazer uma coisa muito ampla porque na medida que você ta fazendo a entrevista você conquista o entrevistado. Eu acho que se fizer o processo inverso, for mais tranqüilo no começo, e for mostrando, aí você vai mostrando que o entrevistado, o seu trabalho e tal, o compromisso que você tem com ele, aí você acaba conquistando. Eu acho que daí se você fizer no final uma carta de cessão assim, depois que você mostrou tudo, aí quem sabe, se for mais ampla, não colocar logo no começo, aí eu não sei ... acho que fica mais ... Mas acho que o compromisso com ele, com o entrevistado, isso pra mim eu acho que a questão ética é muito forte, porque daí, por exemplo, tem coisas que eles não gostariam que saísse de jeito nenhum, aí a gente tava discutindo numa época do material, "ai gente, mas a gente podia fazer...". É, por exemplo, deixar alguma coisa no ar, dar a entender, não escrever, mas dar a entender que a pessoa

falou, por exemplo, eu não me sentiria à vontade. Eu não ... eu só coloquei lá o que eles falaram mesmo. Eles queriam tirar, eu tirei. Mesmo ... apesar do que eles pediram pra tirar não tinha nada que comprometesse meu trabalho, né. Eram coisas que eles não queriam expor da vida deles ...

Luzia: Hum hum.

Silvia: ... podia até não concordar, achar que poderia ficar melhor o trabalho com aquilo, mas eu acho que eles não queriam colocar, eu acho que não tem que colocar.

Luzia: E as correções que eles fizeram foi tanto na transcrição como na textualização ...?

Silvia: Tudo!

Luzia: Então ta.

Silvia: Fiz a primeira entrevista e transcrevi, eles iam lá e modificavam, aí eu vinha e guardava aquilo lá. Fiz a segunda entrevista, eles iam lá e modificavam, guardei aquilo lá. Fiz a primeira textualização, eles modificavam. Aí ... até eu ... então eles modificavam e dependendo do que eles modificavam, podia alterar uma ordem, alguma coisa e aí voltava pra eles de novo.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Então eu falei muito com eles, eu voltei muitas vezes. E aí até ... a última coisa, "esse não tem mais correção?", "não tem", então é esse que vai pra tese. Tudo depende deles, tudo eles ... eles assinaram embaixo, assim, de ... de: "concordo com isso, pode isso", e inclusive têm pessoas que na ... nas transcrições não fez alteração nenhuma, aí chegou na textualização, tirou um monte de coisa. Então daí eu não poderia disponibilizar as transcrições, eu não me senti a vontade de disponibilizar, eu não cheguei a perguntar pra

eles claramente, mas eu achei que isso tava implícito. Como eles alteraram na textualização, eles, óbvio, não queriam na transcrição, então eu não disponibilizei.

Luzia: Ta certo. Entendi.

Silvia: Então isso pra mim, o contato com eles foi muito forte e eu não, nem procurei perguntar pra eles, eu falei: "Ah, isso eu acho que eles não querem, não sai".

Luzia: Entendi.

Silvia: Por causa do compromisso que eu tinha com eles.

Luzia: Hum hum. E daí feitas as entrevistas, a gente falou antes né, da produção de documentos como a transcrição e a textualização. A transcrição é um procedimento assim comum, né, todo mundo que faz entrevista geralmente ... em geral transcreve pra trabalhar, mas a textualização não.

Silvia: Hum.

Luzia: Embora hoje, aqui no Programa mesmo né, você já vê em trabalhos de outras linhas mesmo algumas pessoas textualizando, o primeiro contato que eu tive foi com o pessoal que usa história oral, tem um motivo assim, pra textualizarem, pra você em específico ...?

Silvia: Então, eu acho que é questão de leitura mesmo. É ... a transcrição às vezes dá a impressão que ... vai depender de como o entrevistado foi. Do jeito que eles agiu. Porque às vezes vai e volta, vai e volta, vai e volta, dependendo, pode ficar cansativo. Porque a textualização parece que fica uma leitura mais ... é ..., uma leitura menos cansativa, mas eu já li, por exemplo, eu li um livro, acho que do Le Goff, "Entrevista". Apesar dele ter feito ... diz lá que foi numa entrevista, que foi transcrição, mas você percebe que ele fez um trabalho de edição e deixou sobre a forma pergunta e resposta, né. Eu acho que isso é uma forma de edição também! Não fez a textualização do jeito que eu fiz na minha tese, mas

deixou na forma de pergunta e resposta e arrumou. E eu penso que ele arrumou pra ficar uma leitura menos cansativa. Só nesse sentido, mas em questão de documento eu acho que não chega a alterar. Porque se você deixa disponível, no caso eu não disponibilizei, mas se você tem todas as outras fontes de documento pra ta olhando de novo né, pra ver se você fez alguma grosseria e tal, e a pessoa que você entrevistou, que nem o caso, eles olharam tudo! Se eu tivesse feito um erro grosseiro que não tivesse a cara da pessoa, eu acho que aí ficava ... transparecia. No meu caso eu tive uma sorte assim, a pessoa que corrigiu o português da minha tese conhecia ... oitenta por cento das pessoas que eu entrevistei e aquelas que ela não conhecia, o Carrera conhecia! Então, quando chegou na textualização ficou interessante porque a pessoa falou assim, "ai...", eu perguntei pra professora de português, ela falou assim não, é a pessoa que ta ali! Então, quer dizer, eu consegui, não sei como, talvez fosse o cuidado em não ta modificando as coisas ...

[olhando o gravador..., risos]

Silvia: aí ela ... ela falou assim: "Não, é a cara da pessoa!", então ela ocupou de avaliar se eu tinha feito alguma coisa que alterasse a cara da pessoa. E o Carrera, as pessoas que ele falou assim: "Ah, fulano ta ... ta triste, ta mais assim com a profissão.". E é isso mesmo, apesar do entrevistado não ter falado na hora que o gravador tava ligado, ele realmente tava triste com aquilo e o Carrera percebeu lendo! Então ... eu achei legal.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Achei legal ter essa possibilidade.

Luzia: Então, é ... você acha que a forma de organização pode melhorar a leitura e talvez melhore a identificação do ... do ...

Silvia: É, acho que melhorar a leitura é ... é ... quando você ta fazendo essa alteração pra textualização, pra melhorar a leitura você tem que ter esse cuidado pra não descaracterizar a pessoa que você entrevistou, eu acho que é isso. Melhora, porque de repente você vai

querer melhorar a leitura e você enfeita, tenta melhorar, melhorar e você foge da pessoa que você entrevistou e eu acho isso ruim.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Eu acho que ... se você consegue deixar a leitura melhor e consegue que a pessoa não se desconfigure, eu acho que aí é saudável. Eu acho isso legal! É ... esse trabalho assim você tem que ter uma proximidade grande com o entrevistado pra poder perceber certas coisas e o fato de ter ido muitas vezes falar com eles, eu acho que isso ajudou.

Luzia: Ta jóia. Aí você falou agora da proximidade grande com ...

Silvia: Isso.

Luzia: ... com o entrevistado. É ... como você pensa essa relação, que vem sendo discutida há um tempo na lista de ...

Silvia: Do estranhamento ...

Luzia: ... de proximidade ou distanciamento com relação à pessoa com que ... que você entrevista...?

Silvia: Eu acho assim, até na época que eu tava escrevendo, eu ficava muito em dúvida assim ... do que eu deveria, na hora de eu falar a minha parte né, que é a hora que as histórias deles já tavam lá, a textualização já tava fechada, acabou, eles autorizaram, tudo bem. Na hora de eu me expor eu tomei ... tomei cuidado com determinadas coisas que eu acho que ... foram conseqüências dessa proximidade, é ... eu tomei cuidado com as palavras, pra não ... falar assim, não chatear aquele entrevistado que ele não, por exemplo, meu entrevistado vai ler meu trabalho e eu não queria que eles pensassem, lessem uma coisa e tivessem a impressão de que eu distorci o que eles falaram! Né, mesmo sendo a minha análise eu tomei um cuidado porque a minha análise eu não disponibilizei pra eles

antes da tese. Eu acho assim, é aquilo é meu ... é aquilo que eu vou olhar! Mesmo que aquilo não seja um acordo, eu sei por exemplo, a ... uma pessoa da década de cinqüenta pode não concordar com a análise que eu fiz daquilo, mas de repente ... na hora de eu escrever e deixar claro que é a minha opinião e ..., cuidado com as palavras pra não agredir, que ela entendesse que eu to colocando a minha opinião, mas que não fosse de forma agressiva, entendeu? Então eu acho que isso aconteceu por causa da proximidade que eu tive com eles. É ... uma das entrevistadas, é ... eu acho que eu conquistei ela nesse processo de não ..., logo na primeira entrevista ela tava muito resistente, ela queria falar mas eu tinha impressão de que ela queria falar mais pra cutucar a Educação e a Educação Matemática do que realmente contar as histórias dela, ela queria ..., foi me testando no processo, aí ela viu o tipo de trabalho que eu tava fazendo,a proximidade que eu fui tendo com ela foi facilitando ela se abrir, né, então ... aí no final eu não me senti a vontade de ta falando dos problemas que eu tive com ela no começo, então, até na hora de escrever na tese eu falei, deixei assim claro, não deixei assim: "Ah, ela ... fulano falou isso, o entrevistado ... né", não, eu deixei assim um cuidado de falar: "Teve problemas, teve e tal", mas eu não consegui escrever as coisas, poderia ter escrito, ou não né, é ... que ... isso que eu to falando pra você, que ela de repente teve uma resistência no começo e ... por causa disso, disso e disso ... aí eu não falei, eu deixei aqui um cuidado de falar e não falar. E acho que, isso, na hora de escrever, o quê ficou pesando na minha cabeça essa proximidade. Mas eu não acho que isso tenha ... afetado a análise, não prejudicou a análise, eu acho que aí a análise tava vinculada com a questão ética também, é a questão de você é ... tomar um cuidado com aquela pessoa que ta se expondo, só nesse sentido, não acho que prejudique a análise.

Luzia: Ta jóia. Você acha que essa proximidade que você teve impediu, de alguma forma, que você estranhasse alguma coisa, algum discurso. Porque a gente sempre vê né assim, "Ah, porque é tão comum né, que às vezes passa despercebido".

Silvia: Não, não porque assim, na hora que eles tavam falando mesmo tinha coisas que eu ...

Mulher entra na cozinha: Oi.

Silvia: Oi.

Mulher: Cadê a Maria?

Silvia: Tinha coisas que eu percebia que eu falei assim: "Ah, isso daqui vai ser legal" ou "hum, acho que essa pessoa não ... pode não ta de acordo com a minha ... com o que eu penso e tal", mas mesmo assim eu escrevi, o que eu tomei cuidado foi com as palavras ... o tipo de palavra que eu coloquei, mas acho que não ... pra mim não prejudicou. A proximidade, acho que ajudou é ... determinadas coisas, por exemplo, esse seduzir essa pessoa que eu entrevistei, foi essa proximidade que ajudou. Teve uma pessoa que , um dos meus entrevistados, que na entrevista demorou muito pra falar, ficou meio travado, se eu tivesse só ficado com a primeira entrevista, ele não teria muito a acrescentar mas depois de um tempo ... acho que eu fui duas, três, quatro vezes falar com ele. Tanto é que na última que ele fez alterações e falou outras coisas, ele quis deixar registrado algumas coisas que ela não tinha falado na entrevista, ele se deu conta que aquilo lá ele podia deixar um protesto, por exemplo, registrado e ele fez, então foi essa proximidade que ajudou. Eu acho que se colocar, que nem remédio, a gente toma remédio e às vezes prejudica uma coisa, ajuda uma coisa e prejudica outra, mas se colocar na balança a proximidade eu acho que ela tem mais ... é, ela ajuda mais do que prejudica.

Luzia: Ta certo.

Silvia: Eu não acho que prejudica. Mas o pesquisador tem que ter na cabeça assim, que ele vai ter ... não pode fugir, que nem ele tem a opinião dele e tal, deixar de colocar a opinião dele por causa das concepções lá de ... acho que tem só que tomar cuidado pra falar sobre isso.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Essa questão aí.

Luzia: E ... e aí assim, tem um monte de questão dentro do grupo de história oral que são negociadas ainda hoje né, vive discutindo essas coisas ... é ..., você acha que além dessas, existem outras que te incomodam assim, no trabalho com história oral e Educação Matemática? Existe alguma coisa que o grupo não discute e você acha que devia discutir, ou então que ele tenha discutido muito pouco e você acha que devia aprofundar?

Silvia: Eu acho que ...é ... o tempo que a gente ta junto né, falando algumas coisas, às vezes a gente acaba falando sobre determinadas coisas, não esgota aquilo lá e já muda de assunto. Eu acho que a gente quer discutir muitas coisas, mas a gente não, ainda não conseguiu fechar: "Ah, esse é isso daqui, acabou, encerrou aquilo lá", pode até mudar depois a concepção, mas é ... a gente naquele ... de discutir aquele assunto, no meio daquilo aparece uma outra coisa e a gente já vai pra uma outra coisa e então não fecha aquilo mas abre outra coisa. Mas eu acho que é por causa do crescimento do grupo mesmo, essa ânsia que a gente tem de tentar resolver as coisas.

Luzia: Ta certo. E você vê assim ... é ... você consegue me pontuar algumas dessas coisas assim, algumas dessas questões?

Silvia: Tem aquela questão do estranhamento, eu fiz uma pergunta, agora eu não sei se vou conseguir lembrar, eu fiz uma pergunta e deu margem pra falar do estranhamento e aí a gente falou, começou a história do estranhamento aí ficou um tempão falando, aí parou. Aí nesse meio do estranhamento veio uma outra questão, que agora eu também não vou conseguir ... falar, mas não ... acho que o Carlos e o Carrera começaram a conversar sobre o estranhamento, mas aí eu acho que ele, o amadurecimento dele de leitura era mais forte que o nosso, tanto é que eles ficaram discutindo mais aquilo né. Eu não participei ... eu só lia, eu não ... não conseguia acompanhar o que eles estavam falando, só tava de ouvinte né. Então eu acho que pra mim encerrou. Mas aí a gente ta esperando eles finalizarem pra gente vê se encerra pra gente né!

Luzia: Entendi.

Silvia: Entendeu? Eu acho que essa do estranhamento é mais recente e daí fica mais claro falar.

Luzia: Entendi. E como que você vê o grupo de História Oral e Educação Matemática assim? Que visão você tem do grupo?

Silvia: Ah, é o ... que vem assim é que a gente tem muita diferença mas acho que essa diferença enriquece a ... a gente estar junto assim, eu acho que enriquece. A diferença do grupo acho que é saudável pro grupo! Eu acho que ... que é legal e eu acho que a conversa que a gente tem entre a gente, por exemplo, a minha banca tinha pessoas do grupo, o Vicente e o Carlos, aí pode parecer pra uma pessoa externa que eles vão ser assim, bonzinhos, que eles vão passar a mão na cabeça da gente, não é isso que acontece! Então eu acho que a gente conseguiu manter assim, a gente ta sempre junto em banca, mas não é pra um passar a mão na cabeça do outro. É ... justamente o contrário né, quem assistiu a minha qualificação [risos] e a minha defesa sabe que eles não passam a mão na cabeça. A gente consegue manter um diálogo assim, somos o grupo tal, mas essas coisas tem que ficar clara pra ... pra não ter prejuízo pro grupo mesmo. Porque se fosse passar a mão na cabeça da gente só pra manter aquela aparência de grupo: "Ai, aquele grupo e tal", aquele que ta produzindo de proteção, aí eu acho que afundaria o grupo, acho que isso a gente conseguiu manter, mesmo com as diferenças.

Luzia: E a proximidade não atrapalhou isso?

Silvia: Não atrapalhou, eu acho que a gente ... a gente ... como eu falei, eles não passam a mão na cabeça da gente né. É como eu falei, o fato deles estarem no grupo e estarem participando da banca é como se eles deixassem isso de lado e, tiver que falar isso eles falam isso e acabou!

Luzia: Ta jóia. E é ... o que você acha que faz desse grupo um grupo?

Silvia: Hum... é a vontade, eu acho que é a vontade de ... eu acho que todo mundo foi seduzido pela história oral, então ... as pessoas que tão envolvidas no grupo foram seduzidas pelo contato com as pessoas, ouvir essas histórias, então acho que isso seduziu todo mundo. Bom, ta. Aí a vontade da gente ta continuando ouvindo e discutindo as coisas que envolve esse ouvir eu acho que ... que ... que mantém também o grupo junto, estar discutindo essas coisas e ta ouvindo as pessoas junto, as histórias.

Luzia: Ta jóia. E aí, queria retomar aquela questão lá que surgiu há um tempo atrás, é .... o que você responderia se alguém te perguntasse o que é história?

Silvia: Ah ta... nossa.

Luzia: [risos]

Silvia: Ah então, aí vai depender da, aí vai vir a história da ... história! A história depende da história. É ... se for pensar ... ce fala sem pensar em história oral? História de uma forma geral?

Luzia: Isso.

Silvia: Aí é ... acho que foi na época que a gente tava discutindo isso, lendo Marc Bloch sobre isso? No fim eu não acompanhei muito a leitura do Marc Bloch, porque eu tava longe. [...] Mas como o meu trabalho é muito recente e eu não fiz muitas leituras depois que eu defendi, fiquei muito presa ainda no meu trabalho, depois a gente discutiu... Se for falar, história pra mim fica forte a questão do Ariès, dele tá olhando essa, esse movimento, é ... da gente ta olhando o movimento num período mesmo que não seja ... Então você vai fazer a história de um determinado ... olha o assunto, olha a questão do tempo né. Então você vai ta olhando a questão do tempo e vendo como as coisas estão acontecendo naquele tempo, então pra mim fica forte a concepção que o Ariès deixa implícito lá naquele artigo.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Então eu acho que pra mudar eu teria que pensar, fazer outras leituras ... mas aí a história vai tá dependendo, fazer história vai tá dependendo do tipo de documento que a pessoa vai ta tendo acesso. No nosso caso, a gente tá tendo acesso através das histórias contadas pelas pessoas, né. Então aí o documento é o que a pessoa contou, aí vai aparecer outro documento e tal. Uma pessoa que vai fazer um, vai se utilizar de ... de uma praça, olhar e aí fazer história daquilo é, é diferente o jeito da gente proceder né, é diferente o jeito que você vai agir e tal, mas é fazer história também. Por isso, na tese lá eu falei que a história tinha divisões da história documental, a história oral e ...

Luzia: A monumental.

Silvia: e a ... é, não querendo dizer que são coisa estanques. É a maneira que você vai proceder pra tá falando sobre um determinado assunto.

Luzia: É, você vê como possível usar de material, documentos escritos ...

Silvia: Acho que sim.

Luzia: ... na história oral.

Silvia: É, o que eu acho que tem que tomar cuidado é assim, é ... pra gente a história oral é o que prevalece a oralidade, mas o fato de usar documento escrito eu acho que não inviabiliza, mas é ... o único cuidado que tem que ter é não deixar prevalecer, já que a gente ta fazendo história oral que depende da oralidade, tomar cuidado pra não prevalecer o documento escrito. Né, a gente usa o documento escrito pra enriquecer, né: "Ah, ó isso tá dizendo isso e tal", mas não entrar no ponto de deixar prevalecer o escrito. Só nesse sentido.

Luzia: Você acha que tem que prevalecer o oral.

Silvia: A oralidade. Deixar ... eu acho que deve prevalecer a oralidade. Se usa o escrito, acho que não tem problema, mas desde que não prejudique a questão oral né.

Luzia: Prejudicar você fala no sentido assim, de tentar validar o oral pelo escrito ou não, pra complementar ...?

Silvia: Eu ... eu não me sentiria muito a vontade de ... de fazer isso, de validar o oral pelo escrito, eu não me sentiria a vontade de checar as informações da pessoa pra ver se ela tá falando, se o que ela ta falando tem alguma coisa, eu acho que daí seria um outro trabalho. O meu trabalho primeiro foi trabalhar a oralidade da pessoa, se uma outra pesquisadora quiser olhar: "Ah, olha nessa época aconteceu isso, essa pessoa aqui eu acho que tem uma discordância e tal", acho que esse é um outro trabalho, mas ela vai ter que se apegar no escrito que eu deixei que tem como primeira coisa a oralidade.

[...]

Luzia: Ta certo. E você acha que é possível assim, é ... fazer esse outro trabalho de checagem ...

[trocando a fita]

Luzia: Então, você não veria assim, como problemático tentar é ... esmiuçar num outro trabalho ...

Silvia: Não, aí é outra pessoa. Aí eu acho que nesse caso, eu por exemplo, agora que tá muito recente, eu não me sentiria a vontade, como eu te falei, de fazer isso com meu entrevistado. Você tá fazendo análise, porque daí você tá fazendo análise da pessoa. Eu não faria! No meu trabalho eu não faria. Mas eu não acho que é inviável uma outra pessoa fazer. Porque daí, por exemplo a história oral pra questão da memória, da psicologia, pra ... questão medicinal ajudou muito nesse sentido né, porque daí ela vai ver os lapsos: "Ah, então isso pode ter acontecido isso", aí o psicólogo de repente vai tá olhando, tentando ver

alguma coisa na área dele em cima do ... do material que você fez. Eu acho que não ... não digo que só o psicólogo possa fazer isso, de repente possa fazer isso, de repente um historiador oral vai querer ver isso daí. Não acho, eu, nesse ponto, eu acho que a proximidade, do vínculo ... eu não faria, é um trabalho que eu não ... eu não vou lá mexer no material e olhar isso. Posso olhar outras coisas mas se cair na análise da pessoa eu não vou fazer, eu não me sentiria a vontade.

Luzia: Ta certo. E aí eu queria saber assim, é ... qual, sei lá, alguns nomes da sua fundamentação teórica que você fez com relação à história oral no trabalho ...?

Silvia: Eu li ... , quer ver coisas que me ficam, eu li "Tempo de ..." , é um livro dos vinte e um anos da história oral? Acho que é ...

Luzia: do Século XXI?

Silvia: do Século XXI, é isso! Então alguns autores ficaram pra mim dali: Da Matta, é ..., bom, o Thompson né, eu acho que li alguma coisa também, ai aquele que foi ... ah o Sebe né?

Luzia: Meihy.

Silvia: Meihy. Sebe Meihy, também fica coisa pra mim ... ai eu tenho que lembrar, peraí. O meu problema é que eu tenho uma dificuldade com nomes né, então aí acho que dá até um trabalhinho de ... pra ver esses lapsos.

Luzia: [risos]. Eu também.

Silvia: [risos] Então, porque tem coisas que surpreendem, tem uma... uma autora que eu olhei uma questão da ... de encarar a história oral como inter-subjetiva, como que é o nome dela? Dei o artigo até pra ... Ivete, ela me deu uma luz assim, porque às vezes você fala assim, ah alguém vai falar da subjetividade da história oral vai falar só da pessoa que tá

falando e eu acho que não. Vai, eu acho que envolve a minha também, eu que to trocando com a pessoa e isso envolve também. Agora eu não vou lembrar o nome dela.

Luzia: Hum hum.

Silvia: Mas assim, de ... eu li aquele que é brasileiro, "Braços da resistência", o ... ai caramba. Bom mas aí você vai lembrar, você vai saber identificar depois.

Luzia: Hã hã. Braços da resistência?

Silvia: Gattaz!

Luzia: Gattaz?

Silvia: Gattaz eu li também, é ... esses, eu li bastante coisa mas esses ficam fortes pra mim. Thompson, Sebe [diminuindo o tom de voz] ...

Luzia: Então ta.

Silvia: É o que fica, se você perguntar pra mim, esses vão ficar e toda vez que a gente fala em história oral, agora que eu voltei lá pra universidade, todo mundo se apega no Thompson, que foi um dos primeiros né. Eles falam: "Ah, você leu o Thompson!", ninguém tem noção que tem produção nacional já sobre o assunto.

Luzia: É que é recente até né?

Silvia: É recente, é.

Luzia: Ah, então ta jóia, era isso assim. Muito obrigada!

Silvia: [risos] Obrigada a você.

Luzia: E aí assim que eu terminar a transcrição, a textualização eu trago pra você conferir.

Silvia: Hã hã. Ta jóia, ta jóia.

Transcrição da entrevista realizada com Gilda Lúcia Delgado de Souza.

Luzia: Entrevista de dez de novembro, é ... ligada ao projeto de pesquisa "História oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes". Queria só assim, que você fizesse uma apresentação, se apresentasse do jeito que você achar adequado.

Gilda: Da maneira mais incomum?

Luzia: Pode ser...

Gilda: Bom, eu sou a Gilda, eu faço parte do grupo de História Oral, que ta sob a coordenação do professor Antonio Vicente, que foi meu orientador, né? E eu tenho um ... um respeito muito grande e uma consideração muito grande pelo Vicente. É ... ele foi assim ... o meu salva-vidas quando eu estava aqui no mestrado. Isso porque eu entrei com um projeto que ... levou aterro, mas o meu orientador antigo (o meu ex-orientador) que ... é o professor Sérgio Nobre, é ... ele encampou o projeto, mas no momento em que eu tava com todo o trabalho de campo pronto, ele pediu que eu mudasse o projeto, que ele não acreditava em história oral. Mas ele me deixou chegar nesse ponto, quer dizer, de pesquisa! Ele podia ter me avisado antes né. E ... mas eu já tava tão envolvida com os depoentes, já tinha dado retorno a eles, já tinha ... é ... não precisei de carta de cessão porque todos eles me conheciam, alguns deles inclusive haviam sido meus professores tanto na faculdade como no colegial em Santos e eles então abdicaram, não se preocuparam de jeito nenhum em conceder a carta de cessão, se sentiram muito orgulhosos né. E então, e eu lembro até com uma certa mágoa isso ... que depois virou uma coisa boa! É ... quando o Serginho falou pra mim que eu mudasse o meu projeto e eu já não tinha mais retorno, então eu falei: "eu mudo você, mas o meu projeto não". E aí, eu já tinha sido aluna do Vicente, já tinha aquela amizade, porque o Vicente é um camaradão né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: E ele me encontrou e perguntou: "E aí, como é que vai a pesquisa?" e eu falei: "Ah Vicente, eu preciso conversar com você", aí ele falou: "Ah tudo bem, vamos conversar", né e eu falei: "Mas é uma conversa séria!", né.

[risos]

Gilda: Mas ele não imaginava em que patamar que eu tava ...

Luzia: O quão sério era.

Gilda: ... assim de ansiedade. E, mas foi muito interessante porque o Vicente, ele tava substituindo a professora Maria na cadeira de Filosofia porque a Maria tava na ... tava em São Paulo como reitora de ... ela ... ela era reitora de graduação,né.

Luzia: Ah, sim.

Gilda: E o Vicente tava substituindo a Maria e foi quando aconteceu meu maior relacionamento assim de amizade com o Vicente. E então, uma colega nossa estava defendendo a ... a dissertação dela de mestrado, a Romélia, que é hoje ainda ... hoje voltou a ser ...

Luzia: Orientanda do Sérgio.

Gilda: Aluna do Serginho e ... está fazendo doutorado no Programa! O Serginho pra minha grande felicidade anunciou o credenciamento do Vicente. Então isso pra mim eu falei assim, eu respirei fundo e falei: "Olha, ta começando a aparecer uma luz no fim do túnel" né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: E aí eu fui muito mais confiante conversar com o Vicente, pedi a ele que lesse o meu projeto e ele foi assim, de uma boa vontade incrível e ... e eu lembro que ele falou: "Manda pra Bauru!" e eu falei: "Não. Eu vou em casa, vou rodar tudo o que eu tenho pronto e você já leva", porque ele ia dar aula a tarde né. E ele levou pra Bauru e eu fiquei aqui em Rio Claro torcendo por mim né!

[risos]

Luzia: Hã hã.

Gilda: Eu falei: "Se o Vicente não aceitar eu vou ter que bater na porta de outra universidade!", eu já tava assim ... decidida mesmo que eu iria ir parar na Unicamp, bater na porta, contar o quê é que eu tava fazendo ..., se alguém aceitava trabalhar comigo naquilo né. Mas, não foi necessário porque aí o Vicente gostou muito do que tava sendo feito e aí eu ... aí eu fui mais fundo. Primeiro cativei ele [risos], deixei melhor ele se cativar pelo meu projeto pra depois poder: "Bom já que você gostou então, será que você aceita? Eu to com problemas com orientador, meu orientador quer que eu mude e eu não vou mudar de jeito nenhum. Se você não aceitar eu to indo embora", né.

Luzia: Hum hum.

Gilda: E aí o Vicente aceitou e eu passei a ser orientanda dele e foi uma coisa muito boa, porque houve muita troca né. Ele é um leitor assim, muito ... assim, é ... vamos dizer ... atencioso, ele é minucioso naquilo que lê, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Então coisas que ele não entendia, ele pedia pra eu aprofundar ... E dessa forma, eu acho que houve um certo enriquecimento do trabalho dada a dedicação que ele teve na minha orientação.

Luzia: E ele já tinha tido contato com a história oral? Como foi o teu contato assim ...?

Gilda: Então, o primeiro contato com história oral, segundo ele próprio, foi com o meu trabalho! Então foi uma coisa assim, foi um encontro das coisas que ele gostaria de fazer o do que eu estava fazendo. Ambos precisávamos um do outro, né? [riso]

Luzia: Hã hã.

Gilda: E ... foi muito bom pra mim porque ... é, passando a ser orientanda dele eu resgatei a minha auto-estima. Porque eu vi que tinha uma pessoa que, tava encampando, acreditava naquilo que tava fazendo né, e ...a pouco ... aos poucos eu fui me entusiasmando, sentindo um maior entusiasmo, cada vez mais e me dedicando. Tanto que em um ano com o Vicente eu acabei defendendo a minha ... a minha dissertação. E aí foi muito interessante porque o Vicente ia pros Estados Unidos e eu desesperada pra defender antes que ele fosse! Porque eu tinha que me garantir de alguma forma com ele, né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: Ele era assim, a minha tábua de salvação! Né, e ... e eu defendi no dia primeiro de fevereiro de 99, eu dei entrada em dezembro de 98, mas teve recesso na universidade ... ia passar pela Congregação. Enfim, consegui a defesa no dia primeiro e ... o professor Ubiratan D'Ambrósio foi da banca e o professor Antonio Miguel da Unicamp também. E ... foi muito gozado porque o Antonio Miguel no dia da defesa, após né, ele falou pra mim: "Gilda, eu gostaria que você fizesse parte do meu grupo de pesquisa na Unicamp" e eu te confesso e que eu não ... eu não tava acreditando porque naquela hora é tanta coisa, né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: E eu falei: "Nossa gente, eu consegui, não acredito né!" [risos] Você só vai... vai tomar noção mesmo depois que passa. E eu falei, quando eu cheguei em casa eu falei: "Nossa, parece que Antonio Miguel me convidou, mas será que ele me convidou mesmo ou será que eu entendi errado?", aí eu ainda comentei com o Antonio Carlos e o Antonio Carlos falou assim: "Ah Gilda você tava tão no ar que eu acho que você deve ter entendido alguma coisa errada!". [riso]

Luzia: Hã hã.

Gilda: E eu deixei quieto! Quando chegou final de fevereiro, liga no telefone e fala assim: "Gilda, o nosso grupo vai começar amanhã e eu quero você aqui na Unicamp" e eu falei: "Então é verdade que você me convidou né?".

[risos]

Gilda: é ... porque, eu achei ... e ele falou: "Mas eu convidei você!" e eu falei: "Pois é, eu fiquei na dúvida se era convite, se ... se não era né". E ... eu tava aguardando sim ... não contava que realmente era pra valer. E eu passei a fazer parte do grupo de pesquisa do CEMPEM, o meu grupo é o HIFEM né. Existem dois grupos, o PRAPEM e o HIFEM e eu sou do grupo do HIFEM que é o grupo de História e Filosofia da Educação Matemática. E aí, fazendo parte do grupo, o Carlos Vianna era orientador do ... do Miguel também, mas pela USP né, porque tinha havido um problema de falecimento parece com o orientador do Carlos Vianna...

Luzia: O Vianna era orientando do Miguel?

Gilda: ... e ele era ... passou a ser orientando do Miguel. O Miguel passou a ser orientador do Carlos Vianna, mas na USP. Ta e o Carlos Vianna já tava naquela fase de reta final também com o trabalho dele né, e às vezes nós nos encontrávamos lá no grupo da ... da Unicamp né, no grupo do Antonio Miguel. Bom, e aí o que foi acontecendo, aconteceu que ... eu confesso pra você que, naquele momento, eu não tinha nem um pouco claro que eu fosse fazer um doutorado. Eu tava querendo me dar um tempo né! Nisso eu descobri que tinha uma disciplina que ia ser oferecida, uma professora que tava chegando da França, ela era da PUC de São Paulo, a professora Salma Tannus Muchail. Especialista em Focault. E eu falei assim: "Eu vou aproveitar que eu já to na Unicamp e vou tentar ver se eu posso fazer a disciplina dela" e aí eu descobri que na faculdade de Educação eles não aceitam aluno especial a não ser que já esteja credenciado no Programa. Eu peguei e falei assim, "bom, então minha última opção é pedir autorização pra professora e fazer como ouvinte!". Né, pelo menos eu já vou educando meus tímpanos!

Luzia: Hum hum.

Gilda: E a professora foi de uma gentileza única, me deixou fazer o curso dela e aí ela foi minha grande incentivadora pra que eu fizesse o doutorado. Pediu pra ver a minha dissertação de mestrado, é ... ela deu sugestões de aprimoramento. Tenho até hoje os rascunhos dela né, tenho muito carinho pela Salma e aí a Salma começou: "E aí, e o projeto de doutorado?", eu falava assim: "Não Salma, eu acho que eu não vou fazer!", "como não vai, você vai!" e me entusiasmou, me deu aquela injeção de ânimo e falou: "o quê é que você gostaria de fazer né?" e aí eu falei assim: "E agora José? Eu não pensei nisso né!" e aí eu falei: "Se eu for fazer eu ... eu vou precisar pensar o quê é que eu gostaria de trabalhar né!" e bem assim sabe Luzia, o que eu gostaria, porque eu acho que o trabalho de pesquisa, ele é ... tem que haver uma cumplicidade do pesquisador com a pesquisa que ele ... que ele se propõe a fazer. Sem essa cumplicidade, sem essa ... porque a gente enfrenta tantas dificuldades né e então tem que haver. E aí eu peguei a minha dissertação de mestrado e falei ... fui olhar nessa dissertação de mestrado coisas que gostaria de ter aberto mais um pouco e foi aí, olhando pra dissertação de mestrado, que eu resolvi trabalhar com a CENP e

aí prestei a seleção do ... pra doutorado na Unicamp e o Antonio Miguel aceitou o desafio de ser meu orientador, to com ele lá até hoje trabalhando dentro da mesma linha de pesquisa e eu acho assim, pra mim é ... quase que mágico construir um documento junto com outra pessoa, né? E eu acho isso um trabalho assim, muito gratificante, embora tenha todo aquele ... a parte braçal da transcrição, do ir e do vir, do ajuste, é ... toda essa ... essa ... essa parte, mas em compensação na hora que você é ... se vislumbra com o documento pronto, autorizado e ... é ... eu acho isso muito bonito.

Luzia: É ... você falou que começou a trabalhar com história oral no mestrado ainda e assim, de forma desconhecida do Sérgio Nobre que era teu orientador naquele meio...

Gilda: Com certeza.

Luzia: como é que você teve contato assim, com a história oral? Assim, como que ... encorajou essas leituras ...?

Gilda: Então, como é que eu tive contato com a história oral? Conversando com um professor de história do Departamento de Educação, o professor Jorge Mialhe. Um dia fui buscar o Antonio Carlos lá na ... no departamento e ... eu encontrei com o Jorge e falei pra ele: "Ai Jorge eu to fazendo o mestrado aqui em Educação e ... eu gostaria de trabalhar com a história oral e não tenho nenhuma referência bibliográfica. E aí ele me indicou o livro do Sebe, eu fui, peguei aquele manual do Sebe, depois eu, numa livraria (eu ... eu sou muito rata de livraria sabe) eu comecei a mexer, uma livraria em Campinas, e descobri uns livros da Ecléa Bosi. Aí através do livro da Ecléa (fiquei apaixonada pela Ecléa) eu falei: "É isso que eu quero fazer!".

[risos]

Gilda: Né? Mas, gozado que naquele livro ela não acena com a possibilidade da história oral, né. Ela, em momento algum ela fala de história oral. Mas eu falei: "Bom, juntando um com o outro que eu acho que vai dar certo!". Aí voltei ao Departamento de Educação e falei: "Jorge, eu to lendo um livro fantástico!", contei pra ele e aí ele me indicou o livro "Usando história oral no Brasil". E aí pegando a bibliografia da Ecléa, que começou a me levar em outros né, e aí eu me interessava pelo grupo da escola de Annales e lendo Jacques Le Goff e lendo ... o Philiph Ariès né, eu acabei comprando a coleção de história ... da vida privada do Philiph Ariès ...

Luzia: Hã hã.

Gilda: ... e aí eu comecei a me envolver cada vez mais ... Naquela época eu tinha duas ... duas opções de escolha pra ... pra trabalhar com ... com a história oral, mas aí eu me lembrei desse grupo de professores e falei: "Eu vou começar com eles". E foi assim a minha, vamos dizer, a minha iniciação dentro do campo de pesquisa e precisamente dentro da história oral né. E eu já tinha parado de estudar há muitos anos né, porque eu me formei muito jovem e comecei a trabalhar e aí casei, tive filhos, criei filhos e ... passei a ter outras prioridades né e ... quando eu mudei pra Rio Claro, a Pós Graduação nascia, eu costumo dizer, no quintal da minha casa, porque eu moro aqui no bairro né, e eu, ainda trabalhando,

eu passei a ir em alguns congressos de Educação Matemática. E essa efervescência de congresso contamina a gente né, e ... eu comecei a namorar a Pós Graduação a partir desse momento, certo? Então porque quando eu me dei conta, "nossa já ta até sobrando tempo pra eu me aposentar", então eu optei por me aposentar e não pedir afastamento, eu falei: "Encerro uma etapa de trabalho da minha vida começo outra",né. E foi assim que saiu a minha aposentadoria, muito rápido até, eu entrei com o pedido, achei que ia demorar, mas em uma semana saiu a aposentadoria.

Luzia: Rápido mesmo.

Gilda: Me pegou assim ... até me assustei quando eu tava dando aula e me avisaram que eu tinha que me aposentar e eu falei: "Bom gente, agora é a hora!", eu já tava assim mais ou menos ... eu falei: "Vamos arriscar!" e foi gozado que, conversando com o Sérgio Nobre, ele se mostrou muito aberto! Bom, ele era um historiador né! Ele se mostrou muito aberto e depois que eu vi que realmente não, ele tem uma visão mais positivista da história ... e aí realmente nós não iríamos conseguir trabalhar.

Luzia: Ao menos com esse projeto de história oral.

Gilda: É, não com esse projeto, realmente não tinha condições de continuar trabalhando com o orientador, o Sérgio né.

Luzia: E quando você foi falar com esse professor, de história né, do Departamento de Educação você já foi pedindo referência sobre história oral. Você já tinha ouvido pelo menos falar assim acerca disso? Porque ...

Gilda: Ah sim, eu já ... isso sim, eu já tinha ouvido falar em história oral, não sabia dos procedimentos que acontecia né, como é que se processava, ...

Luzia: Hum hum.

Gilda: ...como é que eu podia é ... me deslocar nessa área né, mas eu fui atrás de um historiador, que por sinal também ... ele trabalha com documentos, mesmo a questão do orientador, o Jorge Mialhe e ... apóia integralmente esse tipo de pesquisa e ... ficou muito contente pelo fato de eu ser uma professora de matemática e resolver trabalhar com a história e mais precisamente com a história oral. Ele falou assim: "dentro da minha área de historiadores, a rejeição é tão grande, as pessoas ... elas colocam muito obstáculo" né, é o problema da credibilidade do documento né, ...

Luzia: Hum hum.

Gilda: Aquela formação mais ... estilo positivista, né, que impede que ...

Luzia: Reconheça esse tipo de trabalho ...

Gilda: ... se dê crédito à questão da memória...

Luzia: Gilda, você tem hoje uma concepção, pra você, do que seria a história oral assim, ela mudou em relação ao momento em que você elaborou da época do contato até agora ...?

Gilda: Olha, eu ... eu agora no meu trabalho de doutorado, eu acho que já que me propus a fazer um doutorado, eu ... eu tenho uma obrigação, e isso eu me impus, de avançar né. E ... e eu não sei se eu vou dar conta do recado.

[risos]

Gilda: Eu to torcendo por mim né!

Luzia: Hã hã.

Gilda: Mas, eu to fazendo uma abordagem, né, trabalhando com a história oral, de forma que eu utilizo a antropologia. Eu vejo, por exemplo, é ... uma semelhança muito grande das táticas de campo da história oral é ... com as práticas de campo do antropólogo né! Então ... ta sendo difícil convencer algumas pessoas, ontem eu tive uma sessão com o Miguel, de orientação né, eu havia mandado um texto pra ele e ... e nós ficamos discutindo um pouco essa proximidade, ele acha que realmente eu tenho que continuar, ele ta apoiando integralmente a minha pesquisa. Isso já é um fator bastante positivo né! Mas existem assim algumas resistências até dentro do próprio grupo, não é com professor ... e ... e então é ... eu pretendo avançar né! Eu vejo a história oral assim hoje, é o que eu falei pro Miguel, eu vejo ela como uma passagem, uma fronteira, uma margem entre a história e a antropologia que eu to querendo trabalhar, ta. Eu não sei se eu to criando outra fronteira dentro de fronteiras ...

Luzia: [risos] Hã hã.

Gilda: Eu ainda não tenho muito claro isso né. Eu to contando de alguma forma, é ... essa região de fronteiras, ela é muito polêmica né, é ... é ... o historiador defende uma posição, o antropólogo defende outra. Eu vejo assim, uma briga de egos muito grande entre historiadores e antropólogos, né? E eu resolvi me meter no meio dessa briga justamente é ... não que eu tenha essa pretensão de ... de transformar esse palco de litígio em relação de boa vizinhança, mas eu to querendo ver se eu consigo conciliar as duas coisas! Então a idéia, a ... a forma que eu vejo a história oral agora dentro do meu trabalho de mestrado é diferente da do trabalho de ...

Luzia: De mestrado?

Gilda: Melhor, invertendo. Falei errado. A visão que eu tenho hoje da história oral dentro do trabalho ... no trabalho de doutorado é diferente do trabalho de mestrado.

Luzia: Tem alguma discussão assim, que eu percebi que desde que eu entrei assim no grupo e comecei a participar das discussões, a ver as coisas, algumas coisas assim, de uma discussão inicial acerca da história oral dividido em linhas assim, em concepções, não sei se eu posso dizer assim, mas de metodologia, de procedimentos, de disciplina. Você acha que no mestrado quando a tua visão era outra ela se encaixava nessas linhas ...

Gilda: Olha, é ... por ocasião do mestrado, como o meu trabalho era o primeiro né, então não havia tido muito tempo de aprofundar determinadas reflexões. Hoje eu pego o meu trabalho de mestrado e eu já vejo que eu mudei algumas posições né. Não sei se pra melhor, se pra pior! Mas que já ...

Luzia: [risos]

Gilda: ... são diferentes, com certeza, elas são. Alguns termos que eu usei inclusive no trabalho de mestrado: textualização né, porque eu me baseei num artigo do ... de um livro é ... é ... **Lapidando a fala bruta** e eu vi a possibilidade de ... de ... de se limpar o texto, de se tornar o texto mais legível, mais palatável - vamos assim dizer – na hora de ler porque o código oral e o escrito são diferentes, né? Então isso atrapalha bastante a leitura né, e então eu ... eu achava que aquelas histórias, elas eram muito ricas em informação e ... e eu me sentia construindo um documento ta. Então eu achava que relegar ao plano de anexo, que eu via posturas de pessoas de banca considerando: "Ah, isso é anexo!", quer dizer, não davam a mínima importância e eu então falei: "Não, os meus depoentes não vão ser relegados ao último plano! Eles vão se constituir num capítulo de tese!", quer dizer, quem for da banca vai ter que ler a história deles, né. Pra criticar, pra fazer o que quiser, mas eles vão ter uma relevância grande. Mesmo porque são pessoas, uma delas já faleceu, mesmo pessoas ... porque são pessoas que tiveram toda uma história como educador matemático né e que vão continuar sendo os meus colaboradores agora no meu doutorado, um deles é o professor Almerindo Marcos Bastes. Eu o entrevistei de novo, mas só que num outro olhar, diferente do mestrado né. Justamente pelo fato dele ter trabalhado na CENP. É, naquela época eu tava mais preocupada com a questão de ... formação de professores e era com o que ele se identificava né, a preocupação central dele naquela pesquisa era mostrar a formação dos professores. Agora, então a gente não polemizava muito isso, né? Então eu li o artigo do Gattaz o ... que se intitulava "O lapidador da fala bruta", conversei com o Vicente e falei: "Ai Vicente, esse negócio de por pergunta e resposta eu acho que fica um negócio cansativo, né. Que tal se a gente fizer um texto!", né, mostrei pra ele e o Vicente assim, muito aberto falou: "Faz um teste com uma entrevista e depois me manda!". Na hora que eu fiz, eu peguei a entrevista mais curta né, fiz só uma, um tinha me dado oito horas de entrevista e eu falei: "Não, vou testar com a pequena, né!" ...

Luzia: [risos] Hã hã.

Gilda: ... se não der certo ...

Luzia: Já pára ali.

Gilda: [risos] É ali mesmo que eu paro né e eu fiz a textualização do meu jeito e o Vicente acenou positivo, ele falou: "Realmente você tem razão! Fica muito melhor de se ler ...etc ... etc ..." e aí eu parti pra empreitada de inserir as perguntas nas respostas, é ... retirar as repetições da oralidade, fazer todo esse trabalho né de texto. Esse termo textualização pra mim hoje não tem mais essa conotação que tinha no mestrado! Hoje eu considero que qualquer anotação escrita foi transformada num texto, então se eu fizer uma transcrição literal, com toda a oralidade, eu tenho uma textualização daquela entrevista. Então você

veja que o meu olhar ele mudou com relação ao que eu considerava e ao que eu considero textualização. Você ta entendendo? Eu já vejo de forma diferente. Por exemplo, transcriação era uma coisa que ... eu não achava que eu tava transcriando nada, quem transcria é o Haroldo de Campos, ele desmantela, ele reconstrói. Eu não faço isso, então eu nunca considerei que seria uma transcriação o meu trabalho, ta. Então hoje eu olho pro mestrado e falo assim, quando eu leio né os meus procedimentos metodológicos, é ... a minha mudança de postura acontece aí com relação a coisas que eu acreditava e que hoje eu acho que tenho mais condições de discutir porque eu tenho mais leituras, porque houve um tempo de amadurecimento maior. .. Pode ser que eu esteja errada ta, mas é o tipo de coisa que eu hoje enfrento com a maior tranqüilidade, é ... aliás acho importante. Eu não consigo, quando o Carlos Vianna fala em ... na história oral, haver uma possibilidade de ser considerada disciplina, eu não consigo entender a história oral como disciplina porque eu fico me perguntando: "O que é que a gente tem por conceito de uma disciplina né? O que é uma disciplina?". Quando eu olho pra história, pra geografia, pro português, pra própria matemática eu penso sempre em conteúdos, né? Você cria ... a gente ... já é praxe você pensar na disciplina como conteúdo!

Luzia: Hum hum.

Gilda: E aí eu falo, eu transfiro isso pra história oral e falo: "Qual seria o conteúdo da história oral sendo que a gente tem uma gama de ... de... de trabalho, de ... de conteúdos e os conteúdos são infinitos?" Né? Então isso ... isso, talvez, ou seja a minha limitação em não entender o que é disciplina, né. Mas eu acho que isso já ta, ainda ta muito polêmico! Nesse penúltimo congresso que teve, o desse ano eu não sei se já se organizou, ele ia acontecer em Roma, mas naquele livrinho do Vinte ... "Desafios para o século XXI" o ... José Carlos Sebe Bom Meihy, ele levanta essa questão, mas assim, ele vem, ele debate a temática, ele vem orientando ..., então eu acho que teóricos assim de muito peso ainda não estão considerando. Eu fiz a disciplina da Olga e a Olga é ..., foi muito bom ter conhecido a Olga, foi muito bom ter feito a disciplina dela, aprendi muito e ela define a história oral como metodologia ..., né?

Luzia: A Olga é ... a Von Simson?

Gilda: A Von Simson, ela é da Unicamp, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: E eu fiz a disciplina dela [...]. E eu ... não parei muito pra pensar nisso, se é metodologia realmente e agora escrevendo pro exame de qualificação do doutorado, mandei pro Miguel. E o Miguel nunca questionou em banca aqui do grupo de história oral o fato de ser método, metodologia, nunca! Mas aí eu tava numa posição diferente, eu sou orientanda dele! Aí na hora que eu pus metodologia ele riscou e pôs "método". Falei: "Meu Deus, precisamos conversar!", né, "Precisamos conversar o que é que a gente entende por método e por metodologia.". E eu depois da qualificação até tentei, mandei um e-mail pro Vicente e falei: "Vicente temos aqui muita... muita coisa pra discutir a respeito de método e de metodologia!". Metodologia né, é o estudo do método se você for pegar a palavra *logia*, estudo, método, estudo do método, né. E eu acho que o método é mais abrangente então eu

coloquei método no meu exame de qualificação. Não deu outra! O Carlos fez um círculo e colocou metodologia ...

[risos]

Gilda: ... o Vicente colocou um círculo e colocou metodologia né e eu já falei isso pro Carlos, "Precisamos sentar e conversar porque você vai continuar na minha banca e a gente tem que resolver esse problema né. Ou você me convence ou eu te convenço, ou a gente ...". Não sei se você lembra em Bauru eu fui provocativa com aquela banca que tinha dois cientistas sociais e tinha aquela historiadora? Eu fiz a pergunta assim de propósito porque eu queria criar uma polêmica , mas eu fiquei frustrada, não saiu nenhuma polêmica ali, eu falei e era a hora do grupo começar a participar e pegar três pessoas da área de humanas pra poder avançar nesse sentido né. "Não, desde que você justifique como você está configurando...", e aí eu fiquei assim, frustrada! Falei: "Não gerou a discussão que eu queria né!". Então é ... existem essas coisas ainda que ... que precisam ser mais aprofundadas, mais discutidas né. Eu ainda to nessa encruzilhada!

Luzia: E aí de história oral você tem a dissertação e aí tem um texto seu e do Carrera né?

Gilda: Tem.

Luzia: que vocês liberaram no *site* sobre bibliografia e uma discussão que vocês fizeram e agora a tese que você ta encaminhando já, já qualificou...

Gilda: Já qualifiquei.

Luzia: Ta certo e eu queria saber assim, se a gente olhasse, se você olhar pra um projeto como ... como você identifica se aquele autor se valeu ou não da história oral? Há princípios inegociáveis assim, pra um trabalho se valer da história oral há coisas que necessariamente tem que estar no trabalho? Coisas assim, inegociáveis...

Gilda: Você fala do referencial teórico?

Luzia: É, é uma ... possibilidade. Pra você olhar um trabalho e dizer: "Esse trabalho realmente se vale da história oral enquanto um recurso da história ..."

Gilda: Eu acho que aí não existe assim uma regra pra você determinar, né? Eu acho que a gente ... a gente ... tem que ter, por exemplo, um projeto pra ir pra campo e quando ... deixa eu te contar, abrindo aqui um parênteses na tua pergunta.

Luzia: Hã hã.

Gilda: Eu quando, por exemplo, fui trabalhar agora na minha pesquisa de doutorado, eu sabia que eu queria trabalhar com história oral, ta. É ... achei que eu tinha que trabalhar de uma forma diferente porque agora eu tava trabalhando não com um grupo só de professores, mas vamos dizer, a minha aldeia né, pertencia a uma instituição. Era um órgão da Secretaria de Educação dentro de um mapa é ... hierárquico enorme, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Na época que eu fiz o meu trabalho de campo, se você me perguntasse "Como é que você vai trabalhar isso aí?", eu responderia pra você: "Eu não sei". A idéia de trabalhar com antropologia, ela veio muito depois. Ela veio através de leituras ta. Eu ... eu tenho uma filha que faz mestrado em antropologia na USP, só que ela trabalha antropologia música, não tem nada a ver, ta?

Luzia: Hum hum.

Gilda: E nós conversamos muito lá em casa, né o papo lá em casa, Antonio Carlos, Carla, eu, Tatiana, a gente acha que ta trabalhando 24 horas porque quando a gente se encontra é pra falar das mesmas coisas que a gente ta fazendo. E eu conversando com a Carla eu falei: "Ai filha, eu queria fazer uma coisa nesse sentido, no sentido de interpretar uma interpretação.". Porque na realidade quando eu entrevistei as pessoas, elas deram a interpretação delas face ao momento que elas viveram. Então foi uma forma de olhar delas. E eu vou ter que olhar para o olhar delas e ter o meu. Então é uma interpretação de interpretação. É assim que eu vejo, eu queria um autor e aí nós fomos no *site* da FFLCH. Eu já tinha lido mil coisas, eu já tinha lido o Weber, eu já tinha lido Maurício Tragtenberg, né, **Burocracia** ... **Ideologia e Burocracia**, eu já tinha lido vários autores, mas ... sabe quando a coisa ta amarrada e você não se identifica, não, até que ... até que ... até certo ponto isso me satisfaz, mas analisar essa linha sociológica e eu também não tenho uma formação que me dê assim ... uma certa segurança, né? Porque a gente também quer ter um pouquinho de segurança, né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: Ta certo que você tem que patinar o tempo todo, mas pelo menos você quer levantar e não escorrega, né?

Luzia: Claro, algo pra se apoiar!

Gilda: Procurar um apoio, né? E aí eu entrei num ... num grupo que existe na FFLCH, na USP, é ... é uma antropóloga que trabalha com história oral e história, só que é um grupo fechado. Mas ela, ela tem toda uma bibliografia e ela ... e ela põe no *site* dela essa bibliografia, e aí ela pôs o Gertz, como uma pessoa que faz uma interpretação densa ta ta ta. Eu falei: "Eu vou atrás dele". E na hora que eu li o Gertz eu falei assim pro Miguel, "Miguel, eu vou trabalhar com o Gertz!"e o Miguel falou "Mas quem é o Gertz?". E aí eu peguei o livro dele **A interpretação das culturas**, li e me meti a escrever um texto em cima disso. Dei pro Miguel, ele gostou, ele pegou o texto e aí o Miguel, fazendo o mesmo papel do Vicente, perguntando coisas e eu procurando responder as coisas que ele me perguntava, porque afinal de contas eu tinha que dar, e aí eu comecei a me aprofundar nessa leitura. E to tentando até agora ele ta ..., eu to conseguindo uma certa ... um certo retorno. Então é muito difícil você chegar e falar de um referencial teórico quando se trabalha com história oral porque ela é tão ampla! E o pesquisador tem que sentir a coisa, aliás quando ele já vai pra campo, ele já vai direcionado, né, pra alguma coisa que ele determina que seja

a pesquisa dele. Então ele já tem que se preparar é ... no sentido de fazer ... de determinar porque ele faz essas perguntas e não outras. Não é verdade? Então ele se prepara pra uma entrevista porque ele já tem em mente fazer alguma coisa. Eu não acho que é ... agora no doutorado aconteceu isso tranqüilamente comigo, no mestrado também, ta. Eu falo agora nível cotidiano, cotidiano, memória e história. Como é que eu ligo essas coisas? E aí, na tentativa de saber o quê é que era cotidiano, como é que o cotidiano se articulava com a memória e com a história e aí sai o referencial teórico. Agora, por exemplo, sai um referencial teórico porque eu falo "Não, quando eu entrevisto uma determinada pessoa, ela dá uma interpretação. Então eu to tendo interpretação de interpretação". É que nem diz o Gertz né, uma interpretação de segunda, terceira mão? É. Não é? Então eu falei, "Nossa, eu acho que é com ele que eu vou, porque é exatamente a forma que eu vejo isso".

Luzia: Assim, tem uma idéia, você tava falando de referencial bibliográfico e tal, teve uma idéia que surgiu, acho que foi na defesa da Silvia, que o Vianna colocou, a questão de cientificidade da história né, do conceito que ela usou, e da história oral e aí naquele grupo que a gente tem de estudos lá a gente ficou discutindo né, se o que o Vianna quis dizer era se a história oral não podia ser reconhecida como um recurso científico e tal. Você lembra dessa discussão? O que você pensa disso?

Gilda: Olha, eu talvez te dê uma resposta é ... que ... ela é a mais honesta possível!

Luzia: Hã hã.

Gilda: Eu acho que é uma briga de egos violenta. Eu tava lendo um artigo do Gertz em que ele fala "A ciência antropologia com relação à disciplina história...". Eu falei: "Peraí!"...

Luzia: [risos]

Gilda: Que é que é isso gente? Não é por aí. Então eu vejo uma briga de egos muito grande, por isso que há sim um ... né, esse ... esse palco de litígios entre essas disciplinas né, porque ninguém quer perder.

Luzia: Hum hum.

Gilda: Não era o interesse né. Então eu vejo assim, eu acho que isso é uma briga de egos e eu ... eu ... eu fico brincando e eu até me divirto nessas horas, e ... eu falo assim: "Gente, não é assim que a gente faz pesquisa, eu vejo de outra forma". Ta, eu, dentro das minhas limitações que não são pequenas, talvez eu não consiga impedir algo ... ver de forma diferente. Eu sei das minhas limitações!

Luzia: Ta certo. E ... uma outra questão assim que eu tinha, que também assim ... essas questões são um pouco...

[troca de fita]

Luzia: Então assim. A questão era assim, é ... pra fazer um certo trabalho né, com um viés histórico, porque o grupo parece ter um projeto coletivo, né, de é construir faces da história

da Educação Matemática no ... no país. Então assim, eu vou pra história né, que seria uma área de interesse, de diálogo com a Educação Matemática e buscou um recurso da história que seria a história oral.

Gilda: Certo.

Luzia: Esse é ... é o único ... certamente não é o único possível, mas ele foi escolhido de alguma forma por certos ... certas contribuições que ele pudesse dar à área da Educação Matemática, não sei, se eu tiver errada, você me corrija! Mas assim ...

Gilda: Não, não.

Luzia: Que contribuições seriam essas assim que você vê desses trabalhos?

Gilda: Olha, eu quando leio Barbosa Alves, eu acho que ninguém dá voz a ninguém, as pessoas já nascem com voz, né. Então dar a oportunidade das pessoas falarem sim, ninguém dá voz, a gente dá oportunidade! E eu acho que ... nós carecemos sim de ... de ... escrever essa história da Educação Matemática que vem se processando ao longo do tempo, que envolve a formação de professores, que envolve o número de, os diferentes tipos de escolas e ... pessoas que, afinal de contas, tiveram suas práticas, né, de sala de aula que precisam ser ... é ... contadas pra que a gente possa aproveitar. Não é porque velho é velho, não tem mais valor, não, pelo amor de Deus a gente tem que parar com isso! Né? É velho então não serve? Não! É ... eu acho que o mal da Educação é esse né, nada tem continuidade, há sempre interrupções abruptas e isso é muito ruim! Né? Então eu acho que é muito importante sim, porque todos nós somos história. Cada um tem a sua, mas nós temos um grupo, nós formamos um grupo em que nós trabalhamos de diferentes formas, com diferentes pessoas, com diferentes aspectos e que é ... é interessante né, é ... como é ... nos trabalhos do nosso grupo há pessoas que são citadas, re-citadas, citadas de novo, então foram pessoas que tiveram uma certa influência e tiveram uma competência é ... pra que se sobressaísse uma capacidade de liderança, de competência que é ... ta se perdendo e que ninguém sabe que existiu e daqui a pouco essa pessoa morre e nós ficamos sem saber. Perdemos a história, né? E essa história tem que ser colocada sim, nós temos que dar oportunidade às pessoas de contarem as suas histórias. Você entendeu? Eu não falo dar voz, todo mundo tem voz!

Luzia: Mas oportunidades ...

Gilda: Nós precisamos dar oportunidades às pessoas, através de seus depoimentos, de seus relatos, né? Que afinal de contas né, aí mexendo com Michel de Certeau, eles praticaram alguns lugares e criaram os seus espaços. Isso sim, isso tem que ser resgatado e eu acho que de uma forma muito grande.

Luzia: Ta certo.

Gilda: É assim que eu vejo.

Luzia: Daí assim, é ... como você se definiria como pesquisadora assim... trabalhando com a história oral? Porque essa foi uma outra discussão também que surgiu, acho que em uma das defesas que eu consegui participar, de ... se o pesquisador usasse, se valesse da história oral ... poderia ser um historiador, poderia ser visto como um tipo de historiador.

Gilda: Eu acho que o ato de constar, de contar história, ele ... ele é inerente ao ser humano. Todo mundo conta história.

Luzia: Não é o que definiria a...

Gilda: A criança conta história, o velho conta história, nós contamos as nossas histórias, ta. Então, historiadora assim dentro dos moldes acadêmicos determinados e etc ... é, quando a gente se propõe a fazer um trabalho para a academia, a gente tem que respeitar certos códigos culturais instituídos dentro daquela academia pra que ... é, seja reconhecido como um trabalho histórico né. Então a gente, a própria academia, ela institui regras ... né, tem uma regra da ABNT, só posso fazer a citação dessa forma, né? Então a gente vai sofrendo enquadramentos, eu falo, né? E dentro daqueles enquadramentos você se desloca. Então quando você atinge todos esses itens, esses pré-requisitos acadêmicos, aí , não, é um ... você pode se considerar uma historiadora! E eu acho que a história, ela é inerente à raça humana. Todo mundo fala, todo mundo conta história, todo mundo tem história pra contar e nós precisamos ... o Benjamim fala isso né, que estão se perdendo as histórias porque ninguém mais liga nos dias de hoje.

Luzia: Que ninguém mais se?

Gilda: Que ninguém mais ... O Benjamim, Walter Benjamim, ele afirma que nós estamos perdendo as histórias, porque as histórias precisam ser guardadas e as pessoas quando ouvem as histórias, precisam tecer e fiar pra que elas possam ser guardadas. Eu acho que é nossa função assim, de narradores de história dentro dessa visão do Walter Benjamin que eu achei fantástica. Vamos tecer as nossas histórias pra ... fiá-las, pra que elas possam ser guardadas.

Luzia: E isso independeria, por exemplo, desse enquadramento que você falou.

Gilda: Independente de eu ser formado na faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP ou num curso de História, ou num curso de qualquer ... dentro da área de História.

Luzia: Sem uma preocupação com esse enquadramento acadêmico todos seriam historiadores.

Gilda: Não é? Eu me vejo bem assim, dentro da ótica do Walter Benjamim. Aliás ele tem um texto "O narrador", não sei se você já teve a oportunidade de ver, leia porque ele é primoroso!

Luzia: Nunca li.

Gilda: Eu tenho. Se você quiser eu tenho, eu te empresto. É fantástico! E eu ... é dentro, bem dessa visão que o Benjamin queria. Porque é que um professor de matemática não pode ser um historiador, o que me impede? Nós somos história.

Luzia: Ta certo. Se nós somos história, falar de nós já seria uma forma de "historiar" né, ninguém pode impedir o outro de falar sobre si.

Gilda: Eu vejo assim, essa é a minha visão.

Luzia: E assim, agora voltando pra algumas questões específicas assim do que ta sendo discutido no grupo, é ... de conceitos, de e-mails, de discussões, principalmente nas bancas assim, é o que mais aparece. É ... como que você vê o documento na história ... na ... na história oral?

Gilda: Olha, eu quando parto pra uma pesquisa é ... desculpe se eu falar muito "campo", porque eu acho que to tão influenciada aqui pela antropologia [riso] que eu já to assimilando certos conceitos né.

Luzia: [risos] De campo, área...

Gilda: Então já ta assim ... quase que ...

Luzia: Fluindo.

Gilda: Incorporado. Então você me desculpe. Mas quando eu vou realizar uma entrevista com uma pessoa né, em que eu me proponho ... dentro dos objetivos. É, com certeza o que ela me conta é uma história, é um documento. Eu agora no doutorado entrevistei uma coordenadora da CENP, aliás eu entrevistei todos os coordenadores da CENP, no meu trabalho de doutorado, e entrevistei uma historiadora. Entrei em contato com ela por telefone assim ... tremendo de medo né, ela nem imaginava como é que eu tava do lado de cá da linha né.

[riso]

Gilda: Eu falei assim "Vamos lá" e aí contei pra ela o meu projeto, contei pra ela o porquê da importância dela, o porquê que eu queria que ela agendasse, ela agendou de pronto. E ... a doutora Maria de Lourdes Mariotto Haidar, né? Ela foi secretária geral da UNESP, aliás, foi ela que montou o projeto de criar a UNESP ta, e ... ela foi de uma receptividade muito grande. E ... ela falou pra mim, "Não precisa me explicar porque eu sei que eu também sou história", então, nossa, eu achei aquilo ... partindo de uma historiadora né? E contar o cotidiano dela enquanto coordenadora de uma instituição. Como é que ela foi parar, como é que ela via a instituição, como é que ela gerenciava e ela me contando o dia a dia dela, é ... gente, isso é história! Eu não tenho nenhuma dúvida. Então ela cedeu a entrevista, eu transcrevi, remeti, ela alterou, lembrou de coisas que ela poderia ter acrescentado e colocou. É ... por sinal, retirou alguma coisas que ela falou que eram ... não era tão importante quanto aquelas outras né. Então ela começou a se envolver cada vez mais, então texto ia, texto vinha e aí ... ela mesmo falava: "Ai Gilda, você precisa agora mexer na sua

fala!", realmente eu precisava porque ela alterou e aí eu ia correndo atrás do prejuízo, né? Mas em compensação abria brechas pra que eu fizesse novas perguntas e aí mandava de novo a entrevista de volta e foi esse ir e vir né, nós construímos um documento. Com certeza. Eu não tenho a menor dúvida! Com todas as pessoas que eu trabalhei e todas as pessoas que o nosso grupo trabalha, nós estamos construindo documentos, é claro que estamos!

Luzia: Documentos orais e escritos? Ou orais?

Gilda: Documentos históricos, sim!

Luzia: Tanto a transcrição ...

Gilda: Uma fonte histórica, um documento histórico é ... construído por intermédio de uma via oral. Mas é um documento tanto quanto um outro documento qualquer! Timbrado, oficial, não oficial, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Pra mim isso é tranqüilo! Eu acho que todos os trabalhos que o nosso grupo faz é ... há constituições ... constituição de documento sim! Todos eles sem exceção! Então isso pra mim é muito tranqüilo!

Luzia: Certo.

Gilda: Ta? Só que a origem é pra ... é via uma fonte oral! Mas é uma construção! Eu não tenho dúvida.

Luzia: E como fica a questão da análise Gilda, nesses trabalhos assim. Que sempre também é um ponto que vira e mexe aparece.

Gilda: É a questão da análise é polêmica né, mas você sabe que é ... eu acho ... há pessoas que acham que ela não deve ser feita, há pessoas que acham que deve ser feita. Eu acho que deve ser feita sim. Sabe, é ... eu defendo que se faça uma análise é ... e o quê que eu entendo por análise? Uma leitura minha em cima daquilo que eu me propus a fazer. Então eu tenho uma série de depoimentos, eu vou tentar trabalhar com todos eles e eles vão me esclarecer coisas que eu não tinha pensado, né? Às vezes coisas que são tão evidentes e que a gente só na hora que depara com um documento oral que a gente fala "Puxa, eu não tinha pensado nisso!", então há que se destacar sim e há que se fazer a sua leitura sim. Mas é aquilo que eu falo né, há leituras e leituras, cada um lê de uma forma. Então eu entendo a análise assim, como uma leitura que eu faço em cima daqueles depoimentos e que eu pontuo em determinadas situações que eu acho relevantes. Outra pessoa poderia pegar os mesmos depoimentos que eu to trabalhando e olhá-los de outra forma! Uma não invalida a outra. Daí a riqueza, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: De informações e as diferentes formas de se olhar para o mesmo objeto.

Luzia: Daí, essa possibilidade de que outras pessoas possam é ... ler de forma diferente esses documentos criados. Essa possibilidade ela é efetivada é ... pela ... pela disposição do documento oral em arquivos históricos ...? Como você veria isso?

Gilda: Eu acho que ...

Luzia: Porque na tese a parte oral, eu acho que não é colocada né, não há uma forma de ser colocada.

Gilda: Bom, isso aí eu acho que nós enquanto grupo precisamos sentar e conversar a respeito. Veja bem, é ... nós precisamos de uma carta de cessão pra que nós possamos nos utilizar da fala do outro. É ... nós não podemos evitar essa forma, se você começa a usar sem a autorização da pessoa e sem a pessoa nem se quer ter visto o que ela falou, que foi alguma, alguns incidentes que aconteceram dentro do Programa aqui de Pós Graduação, não com o Vicente, mas sim com o senhor Sérgio Nobre. E eu te falo isso pelo seguinte, o ano passado no SIPEM, no SIPEM, o segundo SIPEM foi em Santos e eu já havia, por ocasião da minha pesquisa de doutorado, eu havia entrevistado o professor Almerindo Marcos Borges, ele é santista, trabalhou na CENP e a Célia queria aproveitar o evento pra fazer uma homenagem ao Almerindo. Eu já havia ... feito a entrevista. Nós já havíamos nos reencontrado, porque nós éramos [volume muito baixo] da mesma faculdade, ela foi pra um lado, eu fui pro outro. E nos reencontramos né! A vida tem ... promove esses reencontros! Aí a Célia chegou pra mim, ela sabia do meu trabalho de mestrado, ela falou pra mim assim: "Gilda eu ...", assim mesmo, "eu já designei que quem vai fazer a homenagem pro Almerindo é você, apronte o discurso!". E eu falei "Ô Célia, de jeito nenhum", aí ela falou, "Como não? Você teve oito horas de entrevista, você escreveu um trabalho de mestrado utilizando a fala dele, eu já utilizei o seu trabalho de mestrado na fala do Almerindo pra orientar um outro aluno aqui na PUC, como você não vai falar?" e eu falei assim pra ela, "Discurso, fazer um texto, ficar lendo vai ser uma chatice muito grande, pelo amor de Deus! Eu vou deixar a platéia dormindo. Não ... não é o meu estilo de trabalho. Se você me autorizar a promover ... a confeccionar um vídeo, aí sim, aí eu topo entrar com o vídeo lendo a fala do Almerindo". E eu tive a preocupação de, todos os textos dele censurados, cortar no vídeo. Eu achava interessante. E falava "Não, mas ele não permitiu isso, eu não vou pôr". Eu assisti aquelas oito horas, que se resumiram em uma, que se resumiram em meia e que eu condensei em dez minutos. Mas aqueles dez minutos sim, se você pegar o vídeo e pegar a minha dissertação, você vai ver, bate! E foi uma coisa assim muito gratificante que eu ouvi do Almerindo, né, foi o seguinte: "Gilda, eu tinha certeza que eu não precisava dar a carta de cessão pra você porque você foi ética o tempo todo comigo, inclusive com esse vídeo que você produziu. Eu tive é ... a pachorra de, depois ...", isso uma semana depois do acontecido, "Eu tive a pachorra de pegar a minha fala na sua dissertação ...", porque eu dei pra eles né, "... assisti o vídeo e falei: eu autorizei isso, eu autorizei isso, ela não usou em nenhum momento do que eu não autorizei". Quer dizer, então, isso é importante! Então quando você tem essa fonte, no caso, ou de fita ou de vídeo é ... eu perguntei uma vez pra Salma como é que é ... na França fazia é ... esse trabalho de ... de ... você colocar num arquivo. Por exemplo, há trabalhos do Focault que ela disse que podem ser pesquisados, mas que da transcrição literal eles colocam tarjas. E nós, enquanto

grupo tamo precisando urgentemente pensar num projeto em que nós possamos construir o nosso arquivo, a nossa memória e disponibilizar. Há coisas que a pessoa fala num momento, na emoção e que depois ela volta atrás, que ela vê que aquilo, realmente ela ta se expondo desnecessariamente, não é verdade? E então assim ... E aí a doutora Maria de Lourdes que era minha companheira de quarto, disse que ela deu entrevista, não foi retornado, que ela nem sabe que foi publicado, a doutora Maria de Lourdes Onuchic, ela foi pegar o trabalho e tinha ... constavam coisas, inclusive diferente daquilo que ela tinha falado! Ela tava muito magoada com aquilo! E aí, ela falou assim: "Você mostrou uma imagem do Almerindo, no vídeo do Almerindo e o Almerindo falou que tava muito feliz porque ele sabia que você ia respeitar a vontade dele, ou seja, coisas que ele não queria que fosse publicada, mas que ele falou assim de momento, no entusiasmo, na emoção, você respeitou". E eu acho que é o mínimo que a gente tem que fazer! Então pra que a gente disponibilize, eu to com ... isso é um problema, eu preciso, depois que eu terminar o meu doutorado, resolver de alguma forma. Como trabalhar com todo esse material que nós temos? Né, montar um centro de memória nosso, da Educação Matemática, eu acho que é uma boa!

Luzia: As fitas que você gravou, de vídeo, estão com você?

Gilda: Estou com todas elas, tanto de mestrado quanto de doutorado. Então eu pra produzir o vídeo eu assisti tudo e vi os momentos que eram censurados e eu acho que é um direito dele sim, senão eu estaria usurpando a fala dele e eu não tenho esse direito. Ce ta entendendo? Então eu acho que esse respeito, esse valor ético ... o Carlos ficou meio bravo comigo ... vai transcrever tudo isso, ele vai ler e eu não me incomodo, eu não vou cortar nada do que eu to falando ... O Carlos ficou muito bravo comigo, porque ele ta na minha banca de doutorado. Eu apresentei as entrevistas de uma forma diferente e ..., trabalhadas, deixei-as na forma dialógica, ta. E foi um trabalho meu e do entrevistado. Só que eu segui o mesmo estilo, o estilo dialógico, ta. Mal sabia eu que depois o Ginzburg, o Gertz, valorizariam essa forma, foi assim uma opção e eu não pus a transcrição bruta e... ele ... ele não se conformava de eu não ter colocado a transcrição bruta e eu falei pra ele "Carlos eu assumi um compromisso ético, antes de mais nada com essas pessoas! Houve coisas que elas censuraram? Houve. Houve coisas que elas acrescentaram? Houve. Então, o texto que foi liberado, que foi dado sinal verde, é esse que vai ao público!", "Pô, mas nós enquanto banca ...", eu falei "Inclusive vocês! Eu assumi esse compromisso e de jeito nenhum eu volto atrás." E aí ele não ... insistiu né, ele falou assim "Não, mas nós temos que avaliar inclusive esse trabalho, como é que a ... o pesquisador trabalha a questão do texto e eu falei "olha, eu posso contar, aliás eu conto, eu faço uma introdução contando, mas o bruto eu não posso ceder porque o bruto tem censuras!".

Luzia: E essa forma dialógica, desculpa perguntar, mas pra eu entender melhor é ... é assim ... dialógica porque foi esse diálogo é que gerou o que você anteriormente chamaria de textualização? Ou não? A forma original...?

Gilda: É ... tanto o outro é textualização como a forma dialógica pra mim é textualização! Uma transcrição é ... literal pra mim hoje é transcriação, é textualização.

Luzia: E a forma dialógica ...

Gilda: Não transcriação, tudo é textualização!

Luzia: Hã hã. E aí a forma dialógica que você fala é ... é organizar a escrita em forma de um diálogo mesmo?

Gilda: Pergunta e resposta!

Luzia: Pergunta e resposta.

Gilda: Só que eu, por exemplo, não coloco entrevistador, entrevistado, eu não coloco meu nome, o nome dele ... Eu coloquei as perguntas em negrito, depois até te mostro, eu tenho uma cópia aí, coloquei as perguntas em negrito e as respostas dele normal, ta. E eu achei que ficou uma coisa assim bem palatável, porque inclusive tem momentos assim bem espontâneos, inclusive ali ta um bate papo. Há um bate papo! Em que eu dou uma reticências falando e aí o outro vem e completa ou eu mesmo completo, porque eu to assim prestando muito atenção no que ele ta falando e ele não ta encontrando a palavra, aí eu vou e dou uma ajudada e ele fala "Isso mesmo que você ta falando!", e aí deslancha a coisa, sabe?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Mas, mesmo assim, com toda ... procuramos manter o máximo de originalidade, mas perguntas foram deslocadas, perguntas foram colocadas. Outra coisa que eu acho importante de se falar em história oral e que ... é um recado que eu to, pelo menos, tentando dar, eu não sei se a banca percebeu, mas é um recado que eu to tentado dar. Se ninguém perceber, depois eu conto, né?

Luzia: [risos]

Gilda: É ... um trabalho de história oral, por exemplo, como você ta fazendo aqui. Nós estamos aqui gravando uma conversa que vai ser depois passada pro papel, né, vai assumir uma outra forma, a forma escrita, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: É ... veja, o Antonio Carlos foi comigo numa ... na primeira entrevista, ele estava cuidando do gravador e da filmadora, que aliás foi excelente, depois eu conto o incidente que aconteceu, se eu não tivesse o vídeo. Eu talvez tivesse que refazer aquela entrevista porque ... partiu a fita! De tanto vai, tanto vem, partiu e aí eu recorri pro vídeo e depois eu fui transcrever com o vídeo e ... deu problema, então um pedaço ficou no vídeo, o outro pedaço ficou na fita. Se eu não tivesse os dois recursos seria complicado. Ele ficou desesperado pra controlar o som do gravador, a imagem ... e nós estávamos numa sala no Instituto de Artes lá em São Paulo e ... belíssima, mas dando pra rua e tinha uma ambulância ... a todo vapor, tocando a sirene e aquilo tava inaudível! Ele, saiu de lá estressado, ele falou "Gilda, pelo amor de Deus, nessas entrevistas nós vamos pôr alguém pra cuidar só da filmagem e eu cuidar da gravação e você ficar despreocupada conversando

com os teus entrevistados. Dito e feito, na próxima nós já providenciamos, foi até a moça que trabalha com a questão de imagem e som aí do Departamento de Educação, fizemos. E nesse vai e vem de ... de entrevistas né, depois que eu transcrevi, o Antonio Carlos de vez em quando chegava e ele aproveitava ..., ele tava sendo o meu próprio diário de campo! Porque é ... ele aproveitava o momento de talvez fazer uma pergunta que eu deixasse escapar! E ele fez algumas inserções, com autorização do entrevistado primeiro e ele ... cedendo, ele falou "Eu cedo, você como pesquisadora cede, então pode fazer a pergunta!". E ele fez uma pergunta, ficou muito interessante e com uma das entrevistadas, duas aliás, a doutora Maria de Lourdes e ...e a Susana resolveram vir re-trabalhar melhor aquela transcrição. E aí vem o seguinte bilhete "Gilda, eu não sei como é que você vai proceder, eu não sei ... mas eu gostaria que essa pergunta que o Carrera fez, ela fosse colocada no texto. Você vai assumir como sua?", eu falei: "Não, de jeito nenhum! Eu pretendo fazer uma introdução às entrevistas de vocês, contar como se ... como aconteceu, quais foram os procedimentos e não tenho nenhum problema de colocar que algumas inferências foram feitas pelos professor Carrera, porque elas só vieram enriquecer a nossa conversa". Então, eu não entendo que um trabalho em história oral é ... não precisa ser, oh, escondido. Ninguém ta ajudando a idealizar a pesquisa de campo. Não! Nós precisamos de mais gente sim. E você veja, esse último livro que o Sebe soltou em que ele entrevistou mil e quinhentas pessoas, você acredita que ele fez, sozinho, mil e quinhentas entrevistas, que ele, sozinho, transcreveu mil e quinhentas entrevistas, que ele sozinho...? Não.

Luzia: Não.

Gilda: Só que isso não é contado! E eu não vejo porque não contar, porque às vezes você é ... acaba tendo um certo melindre com o trabalho ou então achar "Ah, não, mas ele estava lá .... então vai ver até que foi ele que escreveu!". Eu ouço esse tipo de coisas desse estilo que eu acho assim tremendamente desagradáveis e que eu ... eu deleto. Não adianta ter um grau de maturidade diferente, porque a minha idade né, a idade vem ensinando a gente né a ser mais seletiva! Mas, às vezes uma pessoa mais jovem já trava numa situação dessa.

Luzia: Quer dizer, cria uma barreira ... intransponível.

Gilda: É você põe uma barreira na frente dela e que vai impedí-la de crescer! E eu falei pra Susana "De jeito nenhum, eu vou colocar sim que o professor Carrera em alguns momentos fez algumas intervenções e que foram concedidas pelo entrevistado e pelo entrevistador! Eu não vejo nenhum demérito nisso! Por que Susana, você vê?", ela falou "Não, muito pelo contrário, mas eu não sabia a sua posição e se não fosse pra contar que essa pergunta fosse feita por ele, se o nome dele não fosse ser citado, eu ... faça como se fosse sua!". Eu não acho isso legal, eu acho que numa pesquisa essas dificuldades, essas formas que a gente vai tentando é ... avançar, elas precisam ser contadas.

Luzia: Se não você cria ...

Gilda: Não é só o resultado bonitinho, feito o texto, ali pronto, bonitinho. Não! Tem muita transpiração pra chegar naquele ponto.

Luzia: Se não você cria uma panorama assim ... ideal de pesquisa e aí você forja situações ...

Gilda: Você ...

Luzia: ... pra atingir é ... o ideal.

Gilda: Eu acho isso o fim! Eu acho que a gente tem que relatar sim, as nossas dificuldades!

[...]

Luzia: Porque fazem parte até do processo de pesquisa.

Gilda: Porque fazem parte e porque outra pessoa que for fazer a pesquisa vai falar: "Poxa!", ele vai se sentir incompetente porque ele ta tendo dificuldades? Não, é normal ter dificuldades! Ele vai se sentir incompetente porque ele errou em determinado ponto? Não, não podemos ter medo de errar! Né? E na verdade o quê é que é errar, o que é acertar? Né?

Luzia: Que parâmetros a gente tem pra poder dizer né?

Gilda: É, que parâmetro ...? Tá assim estipulado que isso é certo, que aquilo é errado, que isso é verdade, que aquilo é falso? Né? É ... eu não to nunca à busca de verdades! Né? É verdade enquanto você sustenta aquela interpretação. Assim, eu considero verdade isso! Uma interpretação sustentável, que se auto sustente. Aí ela é verdadeira!

Luzia: Pra aquela pessoa...?

Gilda: Pra aquela pessoa! Então essa ... esse tipo de reparo de que há a necessidade de você ir com uma pessoa te assessorando ou fazendo um trabalho de campo. No caso eu não senti necessidade do trabalho de campo, porque como eu gravei, eu na hora que eu transcrevi e eu tive a pachorra de transcrever uma a uma, tanto que eu já decorei essas entrevistas, até o que foi censurado e o quê é que não foi!

Luzia: [risos]

Gilda: É, eu ... eu ... passava o vídeo e revivia o instante da entrevista. Então eu me vi naquela situação observando a mim enquanto pesquisadora, ao outro enquanto entrevistado, né? É ... na literal, eu ponho ... entonação de voz mais forte, ponho o professor gesticulou de tal forma, ponho o professor pôs a mão na cabeça quando parou pra responder tal coisa ... E tanto que ficou muito gozado, eu mandei gravar num ... CD o texto e o Paulo chegou pra mim e falou assim: "Poxa Gilda, você pôs até os meus suspiros, as minhas pausas, a minha respiração, a minha inspiração e expiração tavam na sua ...", eu falei: "Ah professor, nem tanto viu! Se eu tivesse capacidade pra tanto!", ele falou: "Nossa, eu me senti assim ...", eu falei: "Puxa professor, isso só me deixa feliz!" e realmente eu fiquei, né? Mas é claro que tem coisas que ... não dá, mas que você olha e vê que a pessoa fala, ou com ressentimento, ou com saudades, ou com ... uma lágrima né, que aquela professora falou.

Como é que eu registro a lágrima? A lágrima você registra no sentido, na hora que você vê essa pessoa, ela ta feliz, ela ta chorando de emoção porque alguma coisa boa aconteceu pra ela! E se alguma coisa foi triste, foi amarga, foi uma experiência desagradável, você sente aquela mágoa interna, você sente uma forma de ressentimento se manifestar, né? Então isso pode ser colocado sim, eu acho ta! Eram preocupações que, por exemplo, no mestrado, eu não me ative tanto e no doutorado eu já parei mais pra pensar e ... porque ... eu já tava com ... um pouquinho mais de maturidade em relação a isso, né, se é que eu posso dizer maturidade!

Luzia: Hum hum.

Gilda: Mas eu já tava melhor do que eu tava antes, né? Mais segura pelo menos, né? Eu uso assim dizer. Então e isso é ... é ... é uma coisa que eu acredito que o nosso grupo tenha que parar, eu sou uma coisa cortada desse grupo porque eu fugi dele!

Luzia: Hã hã. [risos]

Gilda: Me afastei! Me escondi né, pra poder terminar em tempo hábil, então não tenho nem visitado o *site*, não tenho nem participado de quase nada por conta de ... de ta querendo ir em busca do tempo perdido e ... eu não tenho participado! Mas eu acho que é uma coisa que a gente tem que ter uma preocupação sim em como é que nós vamos guardar esses registros, é ... seja em forma de vídeo, seja em forma de fita, em forma de MD, de CD ... Nós precisamos sim, porque a gente já tem um número grande de trabalhos ... dentro da área, você diz "Nós somos os únicos!", que bom! Nós já temos uma produção, né? O ... o Vicente tem colocado uma moçada na rua já com doutorado e com mestrado na mão bem grande! O Carlos também né, o Antonio Carlos também. Eles como orientadores né, eles já têm muito trabalho dentro da nossa área que a gente ta precisando parar pra pensar é... como é que a gente vai dar prosseguimento né, porque não adianta eu ta com todas as minhas fitas aqui, guardadas numa caixa, quando elas poderiam ser disponibilizadas pra outras pesquisas!

Luzia: Hum hum.

Gilda: Ce ta entendendo? Com outros olhares, de outra forma, né?

Luzia: Em outras áreas até, né?

Gilda: Então isso ... isso eu acho que é uma coisa que ... até certo ponto eu vou esperar terminar essa minha tese aí e depois lançar uma proposta no grupo, né, de que a gente, realmente, enquanto grupo tem que parar pra pensar e tomar uma atitude conjunta, fazer um projeto e ... trabalhar nesse projeto, montar um centro de memória nosso ... Já que nós somos os únicos da Educação Matemática, então vamos montar o nosso, pra depois até poder disponibilizar pra outras áreas, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Mas, dentro de todo um critério, sério, um trabalho assim .., lógico que a gente vai ter que pedir financiamento, vai ter que pedir uma série de coisas porque essas coisas são caras, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: São caras. Então ... não são baratas, né? Mas a gente tem que ir daqui a pouco é ... conversar com os nossos coordenadores de grupo aí ... chegar pro Vicente e falar: "Vicente, vamos parar pra pensar nisso porque eu acho que ...".

Luzia: E aí assim, é ... você falou né dessa necessária edição da fita, do que foi censurado pelo entrevistado né, até pra poder disponibilizar de uma forma mais comprometida com o entrevistado, e da edição do texto, né, que você passa pro papel o que tava na fita, você textualiza ou você coloca na forma dialógica ... mas é ...

Gilda: É eu faço a transcrição literal né e eu considero a transcrição literal, o texto já trabalhado assim ora, liberado pra ser publicado também um texto. Pra mim tudo é texto. Eu fiz essa distinção ...

Luzia: Sim, eu to falando textualização porque eu não consigo um termo agora pra dizer da ...

Gilda: Eu fiz essa distinção no meu mestrado. Hoje eu ... já vejo de uma forma diferente. Textualizar pra mim é tudo que é escrito num papel.

Luzia: Transformar em ...

Gilda: Na forma escrita.

Luzia: Hum hum.

Gilda: Isso é textualizar, é transformar em texto. Eu vejo a palavra textualizar como transformar em texto, um texto elaborado ou não. Ou elaborado, ou não elaborado é textualizar. Essa é uma diferença que eu me vejo enquanto aluna do mestrado e do doutorado e ... mudei a minha forma de olhar, espero que ela seja mais correta, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Ou então ... talvez, eu não ... não espero estar regredindo né.

Luzia: Hã hã. E aí assim, você me falou dessa questão pro grupo retomar, discutir, de produzir um acervo né, das fitas, da discussão dos documentos mesmo, do trabalho com eles. Que outras discussões você acha que seria relevante retomar? Que o grupo tenha deixado de lado ou que você acha que poderiam ser mais aprofundadas, ou então, outras questões que ainda não foram abordadas nas discussões do grupo ...?

Gilda: Olha é ... é aquilo que você falou né, veja bem, você anteriormente me fez uma pergunta assim: "Quando que eu olho pra um projeto e digo que aquele projeto é viável ser trabalhado em história oral ou não?" e eu disse pra você: "Eu não sei".

Luzia: Hum hum.

Gilda: Nós estamos assim, trabalhando com áreas, enquanto professores de matemática, né, com a área da sociologia, da antropologia, da história e que ... é ... a gente vai com um determinado cuidado, né, pra não fazer besteira, ou então, fazer menos besteira, né?

Luzia: Hã hã. O menos possível.

Gilda: E então, eu acho que a nossa, o nosso grupo ele ta ampliando né, ele ta ampliando, ele ta tendo um leque assim bem grande é ... você vê ..., uma tese é diferente da outra! As teses tem tido referencial teórico diferentes, né, e isso é muito bom! Né? Porque a gente é ... eu acho que isso representa a meu ver duas coisas, é ... é ... um desafio e esse desafio é tentador e nós estamos enfrentando os desafios e isso é muito bom, né? Morrendo de medo, né escorregando, levando cada tombo, mas a gente ta enfrentando os desafios, né? E a gente tem um leque muito grande de referenciais teóricos né, em função de quê? Em função da forma com que você quer olhar e quer levar a sua pesquisa! Então eu acho que, nesse ponto, a ... a situação ta crescendo muito e naturalmente, né? De uma forma bem natural, bem espontânea e muito rica. Quanto a isso eu acho que a coisa ta fluindo de uma forma muito bonita! Eu não teria nada que falar, muito pelo contrário né, a gente fala: "Que bom, mais um que ta trabalhando com o nosso mesmo método/metodologia.

Luzia: [risos]

Gilda: Né? De pesquisa. Trabalhando com a história oral, mas focando outros alvos e isso é muito bonito! Né, eu acho que aí ... isso ta sendo assim, muito natural no meio da gente né. E ... e uma coisa que eu acho muito legal no nosso grupo é ... é que ... existe assim uma cumplicidade entre a gente, né, e um respeito muito grande pelo trabalho do colega e ... se eu sei que uma coisa pode te ajudar eu lembro e falo: "Ô, eu tenho um negócio lá ...", né? E ... e vice-versa né e isso é muito bom porque a gente cresce junto né.

Luzia: E ... como que você vê o grupo assim, olhando pra ele ...?

Gilda: Eu vejo ... é ... eu acho que ... é ... tem muito a ver é ... com a coordenação do grupo né, o Vicente eu vejo assim, como um líder, mas assim, uma pessoa assim, aberta a qualquer diálogo, né? Nunca vi o Vicente bravo! Se ele ficou bravo, passou desapercebido.

Luzia: Disfarçou muito bem ... [risos]

Gilda: É né? Passou desapercebido! E ... e ele permite essa liberdade e as pessoas que se agregam também sentem a necessidade da transparência, é tão bom a gente ser transparente né? Já é tão duro levar a vida que se a gente for começar a montar armadilhas e arapucas, aí ... aí desmantela o grupo né? Eu acho que o nosso grupo ele ... ele por enquanto ...

[troca da fita]

Luzia: Então, daí eu queria ver assim, eu perguntei da visão que você tinha de grupo né? É ... o que faz desse grupo um grupo?

Gilda: Eu acho que o que faz do grupo um grupo é ... são as semelhanças né. É muito difícil de você trabalhar a diferença, né? E ... nós temos muitas coisas em comum, nós temos é ... uma área de pesquisa em comum, nós temos uma facilidade de conversar, de perguntar coisa pra um colega, pro orientador, pro coordenador ... pra quem quer que seja assim, de uma forma natural, sem se sentir inferior mediante ... por mais simples que seja, por mais óbvia que seja a resposta ..., ela pode ser óbvia pro outro, pra mim não é! Então enquanto ela existe dentro de mim, ela não ta resolvida dentro de mim ... e a gente tem essa liberdade de chegar e perguntar. De chegar e falar: "Ah, eu to fazendo isso, você tem alguma coisa em cima disso aí pra me emprestar?", né? E ... então essa proximidade, temos uma área afim de pesquisa, é ... não temos briga de egos. Porque a briga de egos, ela arrebenta qualquer grupo, né? Não tem ninguém que quer ser melhor que ninguém ali dentro, nós nos sentimos iguais, com dificuldades, caminhando né? É o que eu falo, estamos caminhando, não dando saltos, mas caminhando e encontramos as pedras dentro dos nossos sapatos e ... quando precisamos nos apoiar em alguém pra tirar a pedra do sapato, nós temos apoio.

Luzia: Tem apoio do grupo.

Gilda: Né, eu acho que isso ... isso ... isso fortalece muito o grupo, né? É ... é importante ter um grupo porque ... é ... energiza a gente, né? A gente não se sente sozinho, às vezes quando a gente ta num trabalho solitário e que ... a própria solidão vai te ..., né, isolando muito do mundo e ... você vai se sentindo enfraquecido. Ai, na hora que você vai pro grupo você vê fulano, beltrano, cicrano, conversa com um, conversa com o outro, tira dúvida aqui, alguém te responde uma pergunta lá, né? E sem aqui ... sem aquele ... aquela coisa de ... é ... "Ai, será que ele vai me achar ignorante se eu perguntar tal coisa pra ele?". Eu acho que não existe isso no nosso grupo, né? Então eu acho que isso fortalece, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Eu acho que se a gente conseguir manter essa característica, essa transparência, essa ... essa tranqüilidade, essa ... essa ausência de competitividade né, a gente não tem é ... alguém que quer ser o melhor ou ser o pior, nós somos iguais! E acho que isso é uma característica do nosso grupo! É assim que eu vejo o nosso grupo! E eu acho isso ... só pode deixar a gente crescer, né? É muito tranqüilo chegar e perguntar pra alguém do grupo, mandar um e-mail e falar: "Tal coisa ..." e perguntar e alguém, às vezes a gente manda pra todo mundo, mas um responde, tudo bem, aquele teve mais disponibilidade, ou aquele teve um *insight* pra te dar uma resposta e ele te dá a resposta. Que legal! Sem compromisso, sem ... sem estrelismos, né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: Isso é muito bom! É assim que eu vejo o nosso grupo!

Luzia: Ta certo.

Gilda: Essa é a visão que eu tenho dele.

Luzia: E aí ...

Gilda: E eu espero que ela continue ... é ... ritmando e sem perder ...

Luzia: Essa característica.

Gilda: Essa característica. Que ela só vai ajudar.

Luzia: Ta certo.

Gilda: Ta certo?

Luzia: E aí, eu queria voltar um pouquinho numa discussão que a gente tava, anterior, que era a questão da história oral como recurso da história. E aí, como você mesmo colocou né, há diferenças na ... na idéia que se tem de história, né?

Gilda: Nas concepções.

Luzia: Por exemplo, a do Serginho ... Isso, nas concepções. A do Sergio Nobre seria um pouco mais positivista nesse modo de ver ... então assim, como você vê a história?

Gilda: Olha, eu acho que ... é ... o grupo que fundou a École de Annales, ele deu um salto assim, qualitativo muito grande, né? Houve uma abertura pra ... pra aquela concepção única, é ... positivista de documento, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Então, eu acho que nós devemos é ... nós ... nós pegamos uma carona, né? E tamos tentando é ... fazer o nosso projeto dentro dessa carona, né? É ... há pessoas que são mais radicais e há pessoas que não são abertas, né? É ... há pessoas que se ... cristalizam. E eu acho que quando a gente se cristaliza pra qualquer coisa na vida da gente, é uma perda! E eu digo aí cristalizar assim ... em todos os sentidos da nossa vida, né? Não só na nossa concepção de história, mas na nossa concepção de ... de mundo mesmo, de valores, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: A gente tem que mudar. Por isso que eu acho que é muito bom ficar junto, perto de jovem! Que eles quebram todas as estruturas da gente, né?

Luzia: [risos]

Gilda: Nossa, eles desmoronam todos os paradigmas! E eu acho que é ... é ... a gente ganha muito tando dentro de um grupo é ... e principalmente se nesse grupo tiver gente jovem! Né? Porque, na hora que nós somos questionados, é ... e que ... e que aquela ... aquele questionamento nos incomoda e que a gente vai procurar, de alguma forma, resolver aquilo internamente, quer dizer a gente se abre é ... a gente ...

Luzia: Se abre pra fugir de cristalização...

Gilda: Agora, quando a gente se cristaliza em qualquer setor da vida da gente, acha que é o dono da verdade, da razão, é só isso que eu faço, que eu quero ... só a minha concepção é que vale, é uma pena! Eu lamento que ainda existam pessoas que ... é ... se mantenham nessa posição, né? E ... nada é fixo, tudo é transitório na vida da gente. Porque é que as concepções, os conceitos, os valores, as definições, os exemplos não nos são dados né? É assim que eu vejo!

Luzia: E aí só pensando assim de ... do referencial teórico que você falou, né? Você começou a ler, por indicação do professor de história um livrinho, aí você comprou Ecléa Bosi ...

Gilda: Olha, você sabe que ... eu tava falando pra minha filha outro dia uma coisa. Ce é o que eu tive de pior na minha vida, foi professor de história! Eu ... eu antes de ser ... me tornar professora de matemática, na minha época, a escola tinha outra distribuição, né? Nós tínhamos o primário, o ginásio e no ginásio nós tínhamos no segundo grau três versões: o magistério, ou o científico, ou o clássico! Eu sou desse tempo, né? O meu tempo é hoje, mas ...

Luzia: Hã hã.

Gilda: ... eu também fui desse tempo. E então na época eu fiz é ... um curso científico pra medicina. Eu nunca pensei em lecionar. Nunca pensei um dia que eu ... hoje eu não imagino que professora ... que médica que eu teria dado!

Luzia: [risos]

Gilda: Ou que professora que eu fui, né?

Luzia: Hã hã.

Gilda: Tem as pessoas aí pra contar, mas eu não ... no segundo grau, primeiro grau eu tinha um professor horroroso, ele tinha curso do CADES... Eu estudava numa escola é ... estadual e é ... a escola estadual era, na minha época, muito considerada elitista. É ... ou ... culturalmente falando ou ... economicamente que favorecia o cultural, né? No meu caso, era ... é que eu tinha que me manter mesmo lá dentro porque eu não tinha dinheiro pra pagar escola pública ... particular, então eu tinha que me virar pra ser aprovada, porque senão a gente era reprovado, a segunda vez era jubilado e não tinha perdão. Então no ginásio eu tinha um professor que era médico, dava aula de história, é ... ele tinha o curso CADES, ele era o contra exemplo de professor de história! Eram datas, eram aqueles professores que

não relacionavam fatos históricos, não contextualizavam nada, era decoreba! Depois eu fui pro segundo grau, peguei uma parte de exatas e acabei enveredando primeiro pra um curso de ciências que eu fiz, depois abriu matemática em Santos, eu prestei vestibular, fiz de novo! O número de candidatos era muito maior que o número de vagas, então a probabilidade de eu entrar era prestando vestibular outra vez e ... e aí eu fui fazer matemática! Então no segundo grau que eu tive, por exemplo, eu não tinha essa parte de humanas! Mas eu sempre gostei muito de humanas, né? Então, por conta própria mesmo eu lia, lia livros de história, livros de literatura, né? Eu me interessei muito por esse tipo de ... diversidade de leitura. Então, é ... quando me chegou a mão os ... primeiros livros, por exemplo, o primeiro historiador assim que eu achei assim ... que mexeu muito comigo, aliás os dois primeiros foi o Philiph Ariès e Jacques Le Goff, né? E, depois deles, fui atrás de outros, né? Porque aí você vai lendo outros ...

Luzia: Hum hum.

Gilda: ... você xereta a bibliografia deles e então aqueles nomes vão começando a se tornar familiares a você, né? Então você vai começando a localizar as pessoas no tempo e no espaço e as diferentes maneiras de abordagem da nossa chamada história. Então esse meu interesse assim, ele foi mais uma coisa assim, que eu busquei pessoalmente por gostar! O fato de eu ter dado aula só de matemática não implicava que eu não gostasse de Emiliano Saramaso, de ler uma poesia de Vinícius, de ler um Fernando Pessoa, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: Sou apaixonada pelo Fernando Pessoa e então ... essas coisas foram, sempre fizeram parte é ... em casa a gente sempre teve uma diversidade muito grande de ... de livros de literatura né, a gente lê ... de tudo lá em casa, um pouco, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: E ... isso é bom porque ... amplia os nossos horizontes, né? Então esse contato foi ... mais uma necessidade interna no ... no ... em resgatar, vamos assim dizer, algumas carências que eu não tive na escola e que eu procurei no auto didatismo e ... e indo atrás né. Porque se você me entrevistasse há dez anos atrás em que eu estaria numa sala de aula com certeza (99, não, vai fazer 9 anos que eu me aposentei) e ... é ... e falasse pra mim num mestrado, num doutorado em Educação Matemática, trabalhando com história, trabalhando com a memória, trabalhando com o cotidiano e ... me intrometendo né ...

Luzia: Em antropologia.

Gilda: Me arriscando em outras vias, em outras áreas, né, de humanas... Eu quando me olho hoje eu falo: “Olha, eu não sei ... foi bom porque eu não parei”, mas eu nunca me imaginei fazendo ... mestrado e doutorado realmente não faziam parte do meu projeto, eles foram acontecendo na minha vida. Não foi assim uma coisa que eu fui buscar! A oportunidade veio e eu aproveitei a oportunidade! É ... fiz aquela oportunidade acontecer e ... ela aconteceu e eu aproveitei. Mas não, nada planejado!

Luzia: Hum hum.

Gilda: Nada.

Luzia: E de história oral, tem alguma obra assim que você considera que foi muito importante pro seu trabalho no mestrado ou agora no doutorado?

Gilda: Olha, muita coisa foi importante, né? A gente quando fala, pensa assim num trabalho de pesquisa, é ... tudo é importante, né?

Luzia: Hum hum.

Gilda: É ... eu acho que é uma união de ... de forças né, a gente cruza com muitas pessoas que nos ajudam, a gente se depara com a necessidade de muitas leituras pra resolver problemas assim mais circunstanciais, mas que acabam é ... trazendo um leque, ampliando esse leque de leituras, né? E ... é todo esse conjunto, né? Não tem nenhum livro específico, acho que tudo o que eu li foi importante ...

Luzia: Pra constituir a visão que você tem agora.

Gilda: Pra constituir essa minha parte cultural, né? Que te ajuda enquanto ... uma ... uma ... uma pessoa é ... num contexto social, cultural, né?

Luzia: Ta certo.

Gilda: Tudo foi importante! Nada assim foi por acaso e tudo teve essa ... sua contribuição. Eu não saberia destacar UMA leitura, UM livro, ... é um agregado de coisas muito grandes que ajudam.

Luzia: Ta jóia! Era isso então, assim que ...

Gilda: Só isso?

Luzia: Só isso! [risos] E aí eu queria agradecer e aí quando eu tiver tudo ... a transcrição, a textualização ...

Gilda: Eu é que agradeço a oportunidade aí de você ...! eu tava falando hoje quando eu saí de casa né, pro Antonio Carlos, eu falei: "É, inverteu-se os papéis!". Eu sempre entrevistava e eu ia assim, né, "Nossa que será? Como é que será que a pessoa vai fazer? Como é que será que vai ser a entrevista?" e hoje eu to na posição contrária! Eu ... fico feliz de você ter lembrado do meu nome, espero que ... as colocações que eu tenha feito possam de alguma forma trazer alguma contribuição!

Luzia: Claro!

Gilda: Não sei, né? Se houver a necessidade de ... de ... responder alguma coisa que eu deixei em aberto...

Luzia: Hum hum.

Gilda: É ... não tenha dúvidas! É só mandar um e-mail que eu...

Luzia: Ta ótimo!

Gilda: ... eu to pronta pra ... Depois eu quero ver o final hein! Eu quero acompanhar essa ... essa trajetória toda desse trabalho!

Luzia: Claro.

Transcrição da entrevista realizada com Antonio Carlos Carrera de Souza.

Luzia: Entrevista de 16/12 de 2004 ligada à pesquisa História oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes. Ligar ... Eu queria só que você se apresentasse, assim antes de...

Carrera: Nossa! Olha, eu sou o Antonio Carlos, né, ninguém me chama de Antonio Carlos...

Luzia: Só a Gilda.

Carrera: Antonio Carlos Carrera de Souza, eu sou aposentado da Unesp, trabalho no grupo de história oral e trabalhava até recentemente na USC, né, mas eles desmontaram a equipe da pós graduação em Educação lá, então ... não to trabalhando mais lá. Então to me concentrando aqui na Educação da Unesp, né. Não na Educação Matemática, mas no Departamento de Educação, trabalhando com uma coisa que eu trabalho desde ... setenta e alguma coisa, em Santos, que é com a ligação entre a Matemática e a Biologia e agora a gente ta introduzindo um pouco de história oral. Daqui a pouco a gente vai ter oportunidade de conversar sobre isso. Mas, o que acho é o que apresenta aí o Antonio Carlos.

Luzia: Ta certo. Eu queria começar assim, perguntando como foi o contato que você teve, os primeiros contatos, com a história oral assim, como que isso aparece?

Carrera: Olha isso ... é uma coisa gozada, estranha e absurda, tudo junto! Né? É ... lá em casa tem ... tem ... um terraço alto em cima do que a gente chama de escritório, que é um quartinho pequenininho ...

Luzia: Hã hã.

Carrera: ... abarrotado de computador e livro, não é essa organização aqui, porque a Gilda é mestre em organização, lá é uma desorganização total!

Luzia: Hã hã.

Carrera: E ... em noventa e cinco eu tava muito preocupado com o fato de que a Gilda tinha se aposentado e eu não queria que ela ficasse em casa ... cuidando da casa até o fim da vida, porque afinal de contas ela tinha 45 anos, não era pra isso.Aí eu sabia que há muito tempo ela tinha pensado em fazer Educação Matemática e tal ... aí nós começamos a conversar é ... numa tarde, fim de tarde, tomando cerveja, comendo queijo e tal e essa conversa se prolongou por uns três sábados seguidos e ... e uma das coisas que a gente discutiu do que ela poderia pesquisar foi o que foi dar no trabalho de mestrado dela, que era, na época, pra nós, fazer uma entrevista pra que ... o pessoal de Santos que tinha tido uma influência muito grande no ... no estado de São Paulo na questão educacional de primeiro e segundo grau e que ... ia acabar mofando, né, porque vai se esquecendo. É ... que essas pessoas pudessem falar um pouco sobre esse trabalho, né? E ... nessa, nessa idéia, né, vamos dizer assim, num corte muito geral de pesquisa, a gente conversou com o Jorge lá do meu Departamento, o doutor Jorge e ... aí o Jorge, que tinha sido aluno do Sebe, pegou e colocou na mão da gente o Manual de História Oral. Ta lá assim: "To trabalhando com isso aqui, então você dá uma lida". Então aquilo foi lido na primeira noite, né? Depois de tudo aquilo. E aí a Gilda foi fazer curso e ... imediatamente depois do primeiro ano de leituras, aí muito indicadas pelo Jorge, quer dizer, foi o Jorge o introdutor da gente no grupo de Annales, foi o Jorge o introdutor da gente ..., ele é professor de história né, em coisas de história e tal. Trocava bibliografia com ele e ia discutir e tal.

Luzia: E ele ta no Departamento de Educação?

Carrera: Ta no Departamento de Educação. Ele ... ele ta com carga parcial lá e ... ele mudou de integral pra parcial e ta coordenando um curso de pós-graduação na Unimep, na área de Direito, né, então financeiramente pra ele compensou, mas ... o Jorge é uma pessoa maravilhosa, né? Aí nós conversamos bastante, ele indicou muita e muita bibliografia e dessa bibliografia a gente foi achando outra, [tosse] até que a gente achou um clássico [tosse] que juntava as preocupações, que era aquele livro do Le Goff, **História e Memória**, né, e é publicado lá pela Unicamp, deve ta aqui em algum lugar dessa biblioteca da Gilda, depois se for o caso, a gente vê. Mas, aí a gente consumiu esse livro, né, a Gilda muito mais do que eu e eu mais discutindo com ela, lendo pontos que ela ... me indicava, discutindo e ao mesmo tempo eu tinha muita conversa (e aí você vai ver porque né: porque os dois torcem pro Santos, né) com o Álvaro que foi lá em Bauru, também era do meu Departamento, já se aposentou. E o Álvaro também é professor de história e vem da área de Ciências Sociais, né? E trabalhava lá com história. Aí ele me pôs, pela primeira vez na mão, isso em 96, ele me pôs **O queijo e os vermes**, acho que foi 96, não tenho idéia, me pôs O queijo e os vermes do Ginzburg na mão. Aí foi aquela explosão, saiu ... sai comprando, a Gilda também, livros do Ginzburg, lendo, discutindo, discutindo um pouco da Agnes Heller do Cotidiano, então o nosso contato é ..., com a história oral, veio assim meio que acidental, no sentido de ter ... se a Gilda falasse: "Não, eu quero fazer ... sei lá, medicina.", não tinha acontecido nada.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Que era um grande sonho da vida dela. E ... se a ... se a gente não tem encontrado pessoas que tivesse sustentação ideográfica, historiadores mesmo ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... pra gente, talvez a coisa tivesse morrido numa entrevista ... banal. É ... não que seja banal usar entrevista, mas que os trabalhos comuns, triviais vai. Então o nosso contato, primeiro contato foi com isso. E daí pra frente ... aí é bibliografia da bibliografia e aí é descobrir memória no meio disso tudo, aí é descobrir como que a memória é regida, enfim. Foi uma avalanche! Né, quer dizer, então o primeiro contato meu, mesmo, foi nessa conversa com ... com a Gilda pra aquilo que ela iria fazer, mas sem que ela soubesse o que é história oral, é ... nem tinha ouvido falar disso ainda, né? E ... depois com os dois colegas do Departamento, que foi um contato meramente intelectual, não de pesquisa mesmo, né, quer dizer, foi ... a gente ficou vidrado com as possibilidades, né? Esse foi o primeiro contato assim, né? Aí ele foi se alargando e aí foi muito interessante porque ... o ... as pessoas de Santos que a gente entrevistou, uma maioria tinha sido professor da Gilda e uma outra maioria professor meu ou colega meu, né? É ... é o caso do Almerindo que não chegou a ser professor por azar, mas que ... ficou me dando aula o resto da vida e é um amigasso da gente. Na época, talvez nem tanto, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: E aí a gente começou a fazer o trabalho de campo, meio que a revelia, na época, do orientador da Gilda (não era o Vicente ainda) e ... a gente começou a fazer essa coisa de ter que trabalhar como faria um trabalho de campo, completamente crus ainda, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Aí ... pergunta daqui, pergunta dali, conversa com um, conversa com o outro, o Álvaro já tinha trabalhado muito: "Faça isso, faça aquilo"e tal, aí ... nós começamos a trabalhar por essas indicações e aí o campo seduziu a gente, né? Poder conversar com as pessoas, fazer com que pessoas se lembrem e tal. Então como é que era esse campo, só pra você não pensar que era um trabalho extremamente conjunto, né? É ... era um trabalho em que a Gilda tinha o cuidado de ter feito as leituras dos entrevistados previamente, montado um questionário pra cada um e tal, mas ela sabia lidar até com o gravador, mas com a filmadora ela não sabia lidar, né, lidar. E o ... num comentário de passagem do Jorge ele

falou: “Se pudesse filmar era muito bom”,né, porque ... guardar essas imagens também é guardar memória. Então eu fui pra lá, com ela pra Santos e ... ajudei na filmagem, fiquei lá filmando. De vez em quando entrava e ... na conversa porque não dava pra segurar, mas ... eu sabia de um detalhezinho que o cara tava escondendo então eu tentava entrar no meio e tal, mas ... pouca coisa. Mas o campo em si, quer dizer, todo esse trabalho com os professores e a reação deles, da família é ... e ... a vontade de ... de mostrar e ... em uma palavra, uma frase do Silvio Andraus que já morreu, que era outro entrevistado, ele virou e falou assim: “Poxa vida! Agora alguém vai saber a nossa história, porque nós íamos morrer sem deixar essa história de trabalho e de ... de lutas que a gente teve com relação ao ensino da matemática.”. Quando ele falou isso daí, eu acho que daí bateu a paixão nos dois, né. Isso foi definitivo, né? E ... ta lá o Silvinho lá de cabelo branco e tal, falando isso. E aí marcou basicamente tudo isso.

Luzia: E ... e como que surge o grupo? Porque assim, a Gilda começa e eu acho que dentro do grupo ela é uma das primeiras, porque o contato do Vicente, pelo que ela me disse, também é a partir daí né?

Carrera: Hum hum.

Luzia: Do trabalho que ela começou a fazer e tal e aí essas pessoas começaram a se aproximar em volta dessas idéias ...? Naquela época ainda, antes daquela reunião que teve em Bauru.

Carrera: Olha, o ... o que houve foi também de novo uma confluência de fatores porque eu acredito muito em acaso e de fato o acaso funciona, pelo menos na minha cabeça. O ... dentro do ... do que era ... do que era prioritário pra Gilda trabalhar, ela tinha colocado uma abordagem de sociologia que envolvia a Agnes Heller e nisto surge um ... um primeiro embrião de grupo de estudo que era pra ... detalhar a leitura da Agnes Heller, já que nós dois íamos ler em conjunto, a gente abriu, via GPA, o Grupo de Pesquisa Ação em Educação Matemática, uma sessão em que a gente chamava de Leitura do **Cotidiano e História** da Agnes Heller, aí muita gente se juntou, mas não se falava em história oral

porque não era o caso, né, se juntou por conta da leitura ... e o cotidiano tava em moda e tal, é ... e ali então começou o trabalho que eu chamo assim, de histórico dos dois né? No sentido de ta aprendendo história, né? E ... bom, aí a Gilda muda de orientador e vai ter com o Vicente, é ... o Vicente consegue discutir muito bem com a gente o que tava sendo feito, é ... provoca novas reflexões e tal, outros livros a ler e tudo mais e passa a ser o interlocutor nessa época, éramos os três a falar, porque aí a influência do grupo História da Matemática era extremamente forte no Departamento, né? Porque então, o que nós fazíamos não era tanto ... ciência, digamos, embora eu não acredite no que era ciência, o que nós fazíamos não era ciência. Então ficou restrito a esses três conversando, né? Eu, meio que de intermediário, meio que de ... é ... escutando o que a Gilda comentava, meio que palpiteiro e o Vicente e a Gilda com o trabalho duro, né? Eles é que tinham que apresentar. Aí ... a Gilda defende e uns dois, três meses antes, né, eu tinha tido notícia, porque daí eu já conhecia o Carlos há muito tempo, desde **89**, 90, uma coisa assim, desde o primeiro EPEM e ... eu tive, por acaso em Curitiba fazendo uma palestra numa universidade e o Carlos tava assistindo, ele foi lá é ... honrar com a presença dele e ... no meio eu coloquei que ... lá ... sabe quando a pessoa ta querendo conquistar adeptos? Então, "ainda existe uma corrente que faz isso e tal" e apoiado como existe um grupo em Portugal e tal, é ... mostrar que se faziam coisas diferentes daquela, existiam aquelas e outras. E ... aí o Carlos chegou no final da conferência, veio conversar comigo, falar coisa de amigo e aí ele virou pra mim e falou assim: "Você não quer fazer parte da minha banca de doutorado?". Eu levei um susto, né? Eu nem sabia o que ele tava fazendo no doutorado, nem nada! Né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: E aí ele falou: "Oh, vamos fazer a qualificação no ... no mês tal" e ... o orientador era o Antonio Miguel ... e nós fomos pra USP. E tinha uma professora da banca, que eu não me lembro direito o nome dela, acho que é Dalva, depois o Carlos pode confirmar isso pra ti, é ... eu achei muito interessante a participação dela, muito interessante. E aí, nós tomamos contato, quer dizer, entre essa palestra e a qualificação do Carlos, existiam outras pessoas fazendo as mesmas coisas que a gente tava fazendo. E aí, coincidentemente, porque

o Miguel era orientador do Carlos e a Gilda tinha convidado o Miguel pra banca, né? O Carlos e a Gilda participam de um grupo de pesquisa na Unicamp, coordenado pelo Miguel, durante quase um ano. Então daí já nasceu uma grande e boa discussão. O ... bom, caminhando um pouco, essa defesa do Carlos foi muito importante, foi um ... dos marcos aí da história oral e de repente é ... nesse meio termo entre o que a Gilda tinha defendido e o Carlos defende, o Vicente tinha realmente se entusiasmado com a história oral, segundo ele, (ele pode te confirmar ou não) que ele viu um caminho pra poder escapar do fechamento que ele tava percebendo no grupo de filosofia, quer dizer, em cima das mesmas coisas e não encontrava ali o ... uma escapatória. Então se juntou esse pessoal e veio junto com a junção desse pessoal, né, todos os orientandos da época, né? E pessoas que nem eram orientandas, quer dizer, o caso ... da Regina, é ... mais uns dois ou três casos das pessoas que foram à primeira reunião de Bauru lá que foi feita numa salinha da Unesp, umas vinte ou ... pouca coisa assim ... pessoas, a Marisa não tava pensando em fazer história oral, tava fazendo outra coisa é ... mas ela problematizou bastante na reunião, principalmente essa questão do documento, e aí se forma um grupo que a gente pode dizer assim, muito maior, né? E que surge no meio de todas as conversas, a possibilidade de fazer um projeto pro CNPq, aí o Vicente adota o critério de aceitar orientados com história oral, né, que é preferencial pra ele, não que seja o único. A Sílvia tava fazendo os estudos dela, a Michela tava fazendo, também a gente não pensava que o trabalho dela era de história oral e eu continuo pensando que não é de história oral, é ... ela sabe disso.

Luzia: Hum hum.

Carrera: E ... então se forma um grupo maior, né, e com uma ... uma força acadêmica muito grande, porque juntava é ... três pessoas é ... que tinham um contato muito grande com aluno, uma conversa muito boa com os alunos e tal, né? No meio dessa confusão toda, é ... em 2000 e ... 2000 e ... 3, de 2001 a 2003 eu consegui é ... trabalhar na pós graduação em Educação Matemática com uma disciplina de "História, Cotidiano e Memória", em que na realidade a gente trabalhava história oral. Então foi mais um meio, digamos assim de divulgação, discussão teórica, de trazer gente, pelo menos pra simpatia da causa, não pra ... Vem a tese da Ivete, aí começam a aparecer as teses de doutorado, do Carlos, da Ivete e tal.

E aí o grupo se forma, né, quer dizer, ele se formou ao mesmo tempo de contatos puramente ocasionais e ao mesmo tempo ele se formou muito mais, me parece, por laços de ... de amizade e de ... companheirismo, essas coisas, do que ... teoricamente. No primeiro momento não foi uma coisa assim, "Tamo estudando tal coisa", "Ah que legal também to, então vamos sentar estudar!". Não foi assim, quer dizer, foi uma coisa muito mais pessoal, diria eu, né? Quer dizer, acidental, no caso da ciência. Mas, eu acho que essa é ... pelo menos é como eu vejo a história do ... do grupo História Oral, até a gente chegar nessa última reunião de Bauru que já é uma coisa ... já muito mais organizada, chegar no livro e daí por diante, né? Então, agora a gente ta partindo pra uma ... pra uma definição acho que teórica mesmo do grupo e que aliás eu tenho, só entre parênteses, eu tenho comparado muito com a produção brasileira de ... de história oral, né, que é onde eu vou ver a maioria dos trabalhos e tal, e que me parece extremamente fraco em relação ao nosso grupo, à parte teórica. Então é ... eu acho que o nosso grupo ta num belo caminho, esse caminho de ... de discordância, de dissonância e tal ta levando o grupo a crescer bastante e aí ...

Luzia: E você acha que essa abertura que teve, mesmo aquelas pessoas que acabaram aderindo a história oral depois, né?

Carrera: Hum hum.

Luzia: O caso da Michela, da Marisa, é ... essa abertura, mesmo o trabalho com a história oral, ela representa uma mudança de interesses na Educação Matemática?

Carrera: Ah, representam! Principalmente, pegando emblematicamente o caso da Marisa, é ... ela tava preocupada com o ... profissionalismo lá do professor e tinha centrado todas as leituras sobre o que é profissão ... é ... depois ela foi se aproximando dos caminhos da história oral e foi se aproximando bastante das idéias de Focault, então é ... isso, é ... no fundo, passa a ser uma conquista ... não só do grupo, mas uma conquista também é ... teórica, porque acho que ela viu que daria conta de melhor maneira desse jeito. Então, essas pessoas, elas não só é ... enriqueceram, mas elas também abriram leques muito grandes de possibilidades, né? Quer dizer essa ... eu acho que não conheço nenhum grupo é ... pelo

menos em Educação Matemática, com certeza eu não os conheço, que tenha a flexibilidade teórica que o nosso grupo tem. Quer dizer, o ... pra mim ... o Emerson estudando Norbert Elias, outro estudando coisa de psicanálise ... vai ler Freud, vai ler Foucault, outros estudando coisas de filosofia, quer dizer, é ... a história oral ... e agora com o é ... com essa coisa do livro na cabeça, que eu terminei praticamente de ler os artigos todos até agora pra poder escrever o meu, foi esse o pedido, é ... eu não vejo em nenhum lugar, mesmo entre os historiadores e mesmo entre o pessoal que já tem muito ... muito tempo, quer dizer, o pessoal de ... de ... é ... te dou um exemplo, a entrevista da ... tinha ... a Marieta fala melhor, né, desse pessoal que tinha uma melhor visão de história.

Luzia: Marieta?

Carrera: A Marieta é a atual presidente do CPDOC, né, ela é uma das organizadoras daquele livro **Usos e Abusos da História Oral**.

Luzia: Hã hã.

Carrera: Eu tinha a Marieta num bom conceito, né, assim é ... bom conceito no sentido de uma pessoa teoricamente muito forte, né, e ... ela soltou um ... um artigo resposta na História, é ... revista de História do ... do arquivo nacional, é ... acho que ta aqui, ... vamos ver onde ta a revista, ah aqui. A revista **Nossa História** né, ela solta essa matéria aqui ó, Marieta de Moraes Ferreira, **Uma história do tempo presente é possível**? e tal e você vai ver é ... tranqüilamente que ela é completamente ... é ... como é que a gente pode falar? É ... já ... nós já passamos desse ponto, enquanto é ... gente da Educação Matemática, eu li umas quatro vezes pra poder falar isso.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Mas nós já passamos desse ponto. Né? E ela é historiadora há um bom ... ela é historiadora do CPDOC, que é a coisa mais importante de história oral que o Brasil tem, o ... Centro de Memória, é historiadora do PPHPBC, lá do Programa de Pós Graduação, né,

um dos mais conceituados do Brasil e no entanto a visão dela não é tão abrangente como a visão do nosso grupo em termos de riqueza de bibliografia, de autores, de ... frentes até e tudo mais, né?

Luzia: Eu to lembrando, acho que desses Usos e Abusos, de capa verde assim ...

Carrera: Hum hum.

Luzia: É ela e a Amado.

Carrera: Hum hum.

Luzia: Aí tem uma apresentação que eu tava lendo esses dias, a apresentação do livro em que elas colocam que a história oral, ela suscita perguntas, mas ela não é capaz de te dar respostas, que as respostas estariam sempre na boa e velha história.

Carrera: Hum hum.

Luzia: Essa é uma coisa que eu fiquei meio assim ..., aí eu tive que devolver o livro, agora tenho que pegar de novo...

Carrera: É ... o ... eu costumo dizer que tudo quanto é pesquisa qualitativa e, aliás, sem sombra de dúvida, fazendo uma comparação com as pesquisas médicas que são as mais é ... rigorosas que a gente encontra, é ... toda pesquisa ela te dá indicador, ela não ... não te dá respostas, mas é ... isso, voltando com este, essa fala dela, essa sua, de que eu procuro resposta na boa e velha história e tal, né, é ... a gente teria uma resposta que seria uma resposta do cotidiano né, bem interessante nesse ponto, quer dizer, a história do presente é um problema posto pelo presente! A gente vai até as raízes no momento em que surge este ... este problema, por exemplo as cadeias, hospícios e tal né, isso já meio com ... com Nietzsche que vai fazer a genealogia e tal e ... genealogia da moral e ... que o Foucault pega umas idéias, então vai lá atrás, até o século XVI, o século XV e vem resgatando a história

da loucura que conta hoje como que a sociedade teve que se “precaver”, entre aspas aí, é... dessas pessoas indesejáveis, não é? Na verdade é isso. E ... pra que a gente possa compreender o estágio do presente, né, quer dizer, necessariamente, é ... o início do problema é no presente! Você tem uma reflexão histórica profunda que te permita analisar a questão posta pelo presente, mas a resposta está no presente, quer dizer, não está na boa e velha história! Está numa história feita é ... de uma forma distinta da historiografia tradicional, né, quer dizer, numa busca de documentos relativos àquele problema e daí por diante, como é que ele surge ... você o tempo todo fala daquele problema, né, e vem trazendo, vem caminhando com ele, né, pra tentar enxergar como é que ta no presente, né. Então essa ... essa ... essa concepção de história do presente, ou uma concepção de uma história que dê respostas é ... me parece ... é ... equivocada, porque eu acho que nenhuma pesquisa, nem em história, nem em sociologia, nem em medicina nem nada vá dá resposta a nada, ela vai te dar um indicador “Olha, parece que caminha por aqui”, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Aí você continua aquele caminho e tal, vai tentando e vai aprimorando até chegar numa área. Porque se algum tipo de ciência pudesse dar resposta, a gente já tinha achado a cura do câncer, já tinha feito um monte de coisas, né? E ... não achou. E no entanto ... e a história menos ainda, né? Porque ela é humana, ela é humana ... na concepção, quer dizer, ela é o ator participante da história e ela é humana no sujeito que a relata! Quer dizer então ela ta duplamente colocada em termos de subjetividade, então ela não ta dando respostas! Né? Eu pelo menos encaro a coisa por aí, né? Então, mas é exatamente, porque que , só ... só fazer um comentário rápido aqui, porque que a gente consegue ter essa noção? Porque a gente tem uma pessoa forte do grupo de pesquisa qualitativa que é o Vicente, a gente tem uma pessoa forte no sentido do modernismo e pós modernismo que é o Carlos e a gente tem uma literatura muito forte é ... de apoio, desde a psicanálise até a antropologia, então a gente consegue perceber esses dados que, às vezes, os historiadores, somente, na história eles não conseguem perceber, não tem ... não tem como perceber, não tem fundamentação teórica pra isso, né? Porque isso que dá, acho que dá o problema maior aí, né?

Luzia: E ... não sei se é possível dar, mas assim, você conseguiria me dar uma definição de história oral?

Carrera: Então, é ... eu ... vejo assim, como a coisa é ..., foi a nossa primeira definição, que ... é ... a história oral é uma enunciação em perspectiva, que é a célebre frase, do primeiro encontro, do Vicente, é ... muito boa na época e continua sendo, né, se a gente juntar a ela a idéia do próprio Foucault que história é aquela ciência que deve, não faz, mas deve capturar a fratura do momento e ela nunca consegue, ela ta sempre estudando mil e quinhentos e a fratura ta acontecendo aqui em 2000, então ela não consegue capturar a fratura. Então por isso que ele vai por aqueles caminhos de historiador dele, a genealogia, ética e tudo mais, agora, o ... o ... se eu tivesse que ... que pensar numa definição, que eu não gosto, é uma idéia, eu ficaria com essa do Vicente acrescida dessa do Foucault, quer dizer, é uma enunciação em perspectiva de uma determinada fratura, né, na ... no solo epistemológico de uma época, pra mim é isso, né? Quer dizer, o que juntaria as duas, né, e ... juntaria com o que a gente chama de pós moderno, no sentido de que como não é possível nenhuma meta narrativa, também não é possível nenhuma definição fixa, né? Então, esse acréscimo da fratura no campo epistemológico resolve um problema que é um problema de como nós vamos mudando os nossos modos de ver, né, tanto os costumes, como em julgamentos mais amplos, é ... como na banalização da violência, que hoje em dia não se liga mais e tal. Então é ... eu acredito que é meio isso, como é que a gente consegue capturar esse momento de fratura? Né? A gente consegue capturar esse momento de fratura pela nossa condição de ser humano em mudar a visão que a gente tem, sempre determinada pra um ponto e olhar coisas completamente ... que tão à nossa volta, que estão ... no nosso entorno e que a gente não dá a menor atenção! Quer dizer, então, dá ... dá um exemplo assim, nós, você e eu nascemos e já existia hospício, já existia presídio e tal e alguém, pai, mãe, tio, tia respondeu assim: "Não, o hospício tem porque tem gente que fica louco, onde vai pôr? Vai pôr no hospício!" É natural, né? "É, tem gente que rouba, mata e tal outras pessoas né, é natural, tem que pôr na prisão!". Quer dizer essas naturalidades, né, é que o Foucault manda perceber, né, pra exatamente a gente poder verificar as fraturas do momento, né, então, hoje eu vi, quer dizer, essa manhã apareceu a notícia: "O Busch bombardeou o Sudão", ah, normal, o Busch bombardeia todo lado, quer dizer, não é normal não, não é natural! Quer

dizer, matar gente indevidamente não é natural! Então é ... essa fratura só pode ser capturada por quem esteja muito ... é ... ligado, muito ... muito preso a ... observar coisas que os outros às vezes não dão a mínima importância, né? Eu enxergo mais ou menos por aí, né, agora, se você me pedir pra ... repetir isso daqui a cinco anos, provavelmente vai estar completamente diferente. E eu não tenho vergonha disso não, acho que é bom até.

Luzia: Hum hum. Com certeza.

Carrera: Né?

Luzia: E aí assim, eu queria saber de alguns textos que você já escreveu sobre história oral porque depois eu queria dar uma olhada, tem um que você disponibilizou com a Gilda sobre bibliografia e tal, discutem algumas idéias ...

Carrera: Hum hum.

Luzia: ... agora vai sair esse capítulo, seu artigo num livro, tem mais alguma coisa?

Carrera: Olha, eu não sei te dizer se é um artigo de história oral ou não, né? Mas, se nós percebermos essa ... essa fratura, a história oral como uma possibilidade de perceber a fratura, a ... a tese de livre docência, mais o artigo que sai da tese de livre docência que foi publicado na Cortez, ela é exatamente um ... um ... um artigo de história oral, percebe? Por quê que ela é um artigo de história oral? Ela é de história oral porque, na realidade, ela coloca o observar em coisas que nós achamos extremamente comuns. "Ah, o professor não dá aula?, isso é comum, "O aluno não aprende?", isso é comum, e vai por aí a fora, então lá tem todo... da raiz até a realidade, embora envolva um pouquinho de Educação Ambiental, mas eu acho que isso é rico, então ela ta dando conta do que é rico. Tem um outro livro que a gente soltou com ... com a Maria lá pela EDUSC no ano passado, depois eu te passo o livro, você olha ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... não ta colocado em lado nenhum porque saiu no final do ano passado, né? Na época que a gente tava em Curitiba!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Saiu a ... a coisa. O ... esse artigo aqui, eu considero que é um artigo de história e de história oral, quer dizer é o ... é o ... é o artigo que também ta como eu te disse na ... na tese de Livre Docência. Você percebe? Então é isso que a gente ta começando a considerar, embora a temática dela fosse o sujeito da paisagem, ele é sujeito da paisagem justamente pela história, aí vem ... isso, agora, enquanto pesquisa sistemática eu participei como coadjuvante aí, em termos de entrevistar pessoas ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... é ... tanto na ... nas duas pesquisas da Gilda como na da Silvia, né? Quer dizer, eu participava, eu ia junto, né? E em determinados momentos tinha que ficar prestando atenção no acidental do discurso da pessoa pra tocar lá, né? Essa é a ...

Luzia: Certo.

Carrera: Não compra esse livro não, porque vão mandar ... mandar agora, aqui pros direitos autorais, um monte deles pra mim e aí eu te passo um deles.

Luzia: Ta bom.

Carrera: Ta? O ... então, essa é uma primeira frente, textos teóricos, é onde eu gosto de ta aparecendo, embora, como eu te disse, o campo tenha seduzido pela leitura teórica do documento, né? E ... a segunda ... a segunda fase a gente começou, nesse mestrado aqui, com a parte de Educação Ambiental aumentando a questão da história oral, aí nem tanto da Educação Matemática, mas aumentando. Então eu tenho em andamento uma pesquisa com

... o ... o ... um rapaz, ele tem mania que a gente chame ele pelo apelido e eu não guardo o nome dele é ..., ele se chama de Kamikaze, ele ... é misto, é ... filho de um casal nipônico com brasileiro, um nipônico com uma brasileira e ... e ele se chama o tempo todo de Kamikaze, me atrapalho com o nome dele, eu olho o nome dele e não consigo ler!

Luzia: [risos]

Carrera: Então o Kamikaze, ele ta fazendo um levantamento histórico, bem na linha da desse aqui, de toda uma região de Ribeirão Preto em que foram criadas moradias é ... populares, digamos assim, moradias de baixo custo e essas moradias são todas desviadas, né, pra ... embora com saneamento, com tudo, foram desviadas pra cima do ... do ... da zona rural já que o ribeirão ta crescendo muito. Então, o ... o trabalho da ... o trabalho do Kamikaze é tentar resgatar como era aquela região porque antigamente ela era permeável à água e ia enriquecer ... o solo era permeável à água e ia é ... nutrir o aqüífero Guarani, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Que ... gera milhares de rios por aí a fora no Brasil. E agora, com você isolando o solo essa coisa vai começar a ir pela tubulação e da tubulação vai pro saneamento e tal e o aqüífero vai secando. Isso é o problema que ta acontecendo é ... em termos de Brasil e mundo e essa brincadeira nós estamos perdendo uma das riquezas primordiais do Brasil que é a água. Né? Então ele ta trabalhando com o ... desde as pessoas que trabalhavam naquela fazenda que foi vendida pra virar o ... esse ... esse condomínio residencial é ... até as pessoas que são moradoras há pouco tempo. Então o trabalho dele sai bem dentro da linha de história oral, mas aí já dentro da Educação Ambiental e como um problema ambiental, quer dizer, é história oral. Agora, o ... a Luciana, outra orientanda desse programa, tenho três lá, o ... a Luciana vai começar a partir desse ano, nós já tínhamos discutido esse ano anterior todo, ela vai começar uma ... uma inversão na ... no modo de produzir discursos na Educação Ambiental, ou seja, ela vai pegar a bacia Piracicaba, Jundiaí, Corumbataí, que é esse PCJ aí que a turma fala e ... essa bacia é uma das bacias mais poluídas do Brasil, né? É ... e estudada, mais a bacia de Corumbataí e a bacia de Piracicaba, muito pouco estudada

em conjunto e o fluxo d'água de Jundiaí, né? E o quê que é a proposta de trabalho dela? É pegar e ir conversar com moradores é ... ribeirinhos, quer dizer, primeiro ela vai ter que localiza-los ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: Porque a grande maioria se mudou para a cidade e tal ... e verificar nesses ... ou que foram expulsos há pouco tempo que dá pra ... resgatar pessoas, ou que moram ainda na beira dos rios quais as diferenças que eles vêm sentindo é ... no ambiente, no rio, mas mesmo em linguajar bem popular e tal, pra que a gente comece a ter indicadores de quando a poluição começa a surgir e que as pessoas começam a notar e que as autoridades não, não ... não fazem nenhuma ação efetiva, então nesse ponto eu acho que o trabalho dela vai ser um trabalho bem rico, né? E ... em contra partida ela vai contrastar com ... com alguns dados teóricos, principalmente do Corumbataí e em Piracicaba na época em que eles ainda não eram poluídos. Então, quer dizer, vai ficar um trabalho de relatos e documentos orais com é ... os documentos, mas não pra confrontar! Simplesmente, pra numa época em que você não tem é ... depoimentos, numa época em que você não tem registros, você capturar esses registros históricos e de certa forma verificar se eles, na proximidade da fala, né?

Luzia: Hã hã.

Carrera: Se eles estavam corretos ou não. Porque se o fulano falar que quando foi morar pra lá o rio já não tava bom, já não tinha peixe e ... o povo tivesse dizendo que nos documentos oficiais tava dizendo que não, que tinha peixe e tal, há outra face aí. Então é essa ... esse tipo de trabalho que ela vai fazer. Então, eu menos trabalho com ... com artigos e com ...

[troca da fita]

Carrera: O que trabalha mais com estudos históricos, metodológicos e tal, em termos de artigo, é o Vicente. Essa é uma característica dele!

Luzia: Hum hum.

Carrera: É ... o Carlos já menos e ... sinceramente eu sou muito preguiçoso pra escrever, né? Eu gosto muito mesmo de ler, eu leio ... e ... fico fazendo as minhas anotações, às vezes anoto no computador, tem arquivos que tão no computador que se ninguém vier me ... me apertar eu ...

Luzia: Não vai abrir ...

Carrera: deixo lá pra mim ..., não no sentido egoísta, mas no sentido de que pra mim, eu falo assim: "Ah, não vale a pena e tal". Né? E ... acabo não, não fazendo. Agora, nessas pesquisas todas, quer dizer, tanto do Kamikaze, quanto da Luciana, quanto da Silvia, quanto da Gilda (que embora eu não fosse o orientador) eu trabalhei bastante no campo com eles! Porque eu defendo isso, eu já falei pra você, eu acho que nós temos uma ... idéia missionária da história oral, quer dizer, é ... é evidente que não tira o brilho do aqui e agora do teu trabalho, em momento algum, mas ... era necessário pra você ta livre, pra poder ta batendo de frente com o meu discurso, tentando tirar coisas, que você tivesse uma assessoria muito grande, que você não precisasse trocar fita, que você tivesse uma pessoa filmando...

Luzia: Hum hum.

Carrera: Uma ... duas pessoas com caderno de campo, anotando aonde eu vacilei na resposta, então que é a falha que talvez vale a pena cutucar de novo e tal, quer dizer nós precisamos ... essa mentalidade de que a história oral é uma atividade de campo individual é ... eu acho completamente ... fora de cogitação, porque o pesquisador perde inúmeras chances de aprofundar, né? É ... e eu vejo que tem certas coisas que, quando você ainda mora na ... na cidade ou conhece a cidade onde você vai entrevistar a coisa é uma, mas e quando a gente teve que entrevistar gente em São Paulo que simplesmente nós não sabemos

nos deslocar em São Paulo? Quer dizer, aí você tem que contar, na tua equipe e tal, até com motorista!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Senão não vai. Nós fazemos um trabalho ainda muito artesanal, né? Não no mal sentido de artesanal, mas é ... artesanal no sentido de que sobra muita tarefa pra você, quer dizer, você vai, cuida do gravador, transcreve, é ... digita, tem que ... tem que mandar pra pessoa, tem que ficar lembrando ... "Ah, ele tava nervoso, não tava nervoso!" e tal é ... não tem uma pessoa filmando e daí por diante ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: Esse tipo todo de coisa a gente perde! Então no dia que o nosso grupo tiver mais ... é ... acredito eu é ... junto, né? E que nós possamos fazer algumas pesquisas em conjunto, nós vamos dar ... dar valor a isso! Mesmo porque eu acho que vocês devem é ..., eu não fui, mas a Olga, quando me relatou o trabalho dela com o carnaval ela fez as gravações só no Museu da Imagem e do Som! Com toda uma equipe pra movimentar aquilo e ela só perguntando! E na platéia, dois ou três alunos dela, que tavam aprendendo a técnica com ela anotando e sugerindo pra ela esses pontos. Quer dizer, ela tinha uma equipe de dez, doze pessoas em volta dela pra fazer o trabalho, quer dizer, isso é que nós temos que aprender! Quer dizer, não existe um bom trabalho de história oral, como é desenvolver um teorema que: "Ah, é importante desenvolver sozinho!" e tal; o trabalho de história oral, por natureza ele é coletivo, então isso eu acho importante pra ser colocado e é por isso que eu me meto, vou, né? E acho que eu vou mesmo no sentido de técnico de som, de técnico de vídeo, de ... de ajudar como caderno de campo numa determinada hora e tal, mas mesmo assim eu vejo que é completamente diferente! Né? Então a gente fez alguma experiências que ... levou a Sueli do laboratório de Educação, que é uma excelente filmadora, filmadora no sentido de filmar bem, ela ... foi conosco, né? Eu fui ... ela cuidava do gravador e da filmagem e eu cuidava do diário de campo e a Gilda entrevistava, né? E combinou com o entrevistado de, dado um determinado tempo, ela parava um minutinho, conversava

qualquer coisa comigo, voltava às perguntas e tal. Isso é fundamental! Entendeu? Quer dizer, a própria Sueli que tava filmando, nessa hora que ela pára de filmar, ela vem e dá o palpite dela também: "Olha, tal coisa e tal", senão a gente ... as pessoas escondem o que querem da gente, né? [riso]Se a gente não cutucar! E acho que isso é ... é uma ... é uma coisa pra gente aprender.

Luzia: Ta certo. E quando você foi me falar no início, na conversa dos textos, você me falou da ... da tese de ... livre docência.

Carrera: Livre docência.

Luzia: Isso. Você falou assim que não dava pra falar se era ou não de história oral e aí eu lembro que acho que era no Si... no SIPEC, que teve um trabalho que a gente acabou discutindo isso no GT, se era realmente história oral ou não. Há como afirmar isso olhando pra um trabalho? Se é, se não?

Carrera: É...

Luzia: Tem característica que você pode dizer que é típica da história oral? De um trabalho com isso?

Carrera: É, eu acho que uma característica típica de história oral é ... são trabalhos divididos em duas frentes, né? Bem determinadas! Uma frente que é a frente do trabalho que carrega o campo, que carrega a entrevista, então, ele é pra ser usado pelas entrevistas e pelas histórias que estão depositadas, a forma de como a pessoa apresenta essas histórias é um problema literário dela, né? Mas, existe isso, então são facilmente classificáveis de história oral, embora existam pesquisas com entrevista que eu encontro esse ritual e não são de história oral.

Luzia: Hum hum.

Carrera: É ... então os trabalhos em história oral, eles se caracterizam por ter os sujeitos completos, daquele tipo que eu conversei com ele e certamente apresentado segundo o nosso ponto de vista literário pra ... pra quem lê, né? Então eu acho isso é ... um fator que eu acho determinante pro trabalho ser de história oral, em campo. O Vicente, por exemplo, pra pegar um exemplo teórico, quando faz o Joutard, como faz o Paul Thompson, como faz história ... "A voz do passado", "Essas vozes que nos chegam do passado"... o Vicente quando pega a ... a ... a historiografia da história oral recente e tal, na Educação Matemática e tal, não vão existir as entrevistas ali, mas ele ta analisando um conjunto de obras, né, do ponto de vista teórico que se baseiam nessa idéia da oralidade. Quer dizer, se a gente pudesse colocar uma coisa forte, característica da história oral, é uma realidade, ela tem que estar sendo estudada!

Luzia: Hã hã.

Carrera: Não é? Quer dizer, ou factualmente feita, ou então de alguma maneira teórica. É ... quando eu disse que não sei do trabalho de livre docência, é exatamente por conta de uma coisa, ele começa muito tempo antes ... isso aí tem muito a ver com a idiossincrasia do pesquisador, né? E ... eu comecei, por outras razões, a mexer muito com biologia e matemática, quando eu cheguei aqui eu encontrei um campo fértil na temática ambiental, então o primeiro grupo em que eu me envolvi foi na temática ambiental, aí eu fui ler um autor, acho ... historiador, maravilhoso é ... por conta da história ambiental, que começou a fazer a minha, digamos, transição pra história, é ... dentro da Educação Ambiental, que foi o Simon Chama, né, o livro dele lá "Memória ... e presente", ou qualquer coisa assim, deve ta aqui. E ... e lá ele começa a falar das paisagens, ele começa a falar do cenário e tal é ... aí o quê que acontece? É ... esse autor, ele me carregou, digamos assim, com ... "Paisagem e Memória", ele me carregou pra olhar ... aquela coisa da ecologia e do ambiente natural é ... ela ... é extremamente fictícia, qualquer que seja o ambiente, qualquer que seja o cenário, qualquer que seja a paisagem, ela é cultural, porque ela vai depender fundamentalmente de quem vê. Né? Então, quando eu comecei a perceber isso eu falei: "Opa, aqui tem um ... um caminho pra casa.". Nisso começam os trabalhos da Gilda que eu já te relatei, né? Bom, quando eu fui fazer a livre docência, eu começo resgatando esse início de pesquisa em Rio

Claro e comentando muito ... as passagens, realmente, de pesquisas, de autores que a gente teve e tal, pra chegar até o último capítulo, que é o que eu considero mais ligado ao ... teorização de história que qualquer outro, mas embora o quarto, que é esse outro, também esteja muito fortemente ligado, né, quer dizer em termos teóricos. Mas não é a tese inteira, quer dizer, ela não tem ... como objetivo claro dela estudo de história oral, a história oral surgiu porque tava dentro do autor, né? E ... não tem entrevista! Entendeu?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Então a oralidade ali é pouco tratada. É muito mais tratada a questão histórica do sujeito da paisagem, quer dizer, do sujeito que vive pela cultura todo dia, do que o que ele fala, né? Então por isso que eu digo que não sei, porque tem gente que diz que é de história oral, tem gente que diz que não é, então ... pra mim ele não é, né? Mas como tem tanta gente que diz que é, eu calo a boca, né?

Luzia: [risos]

Carrera: E falo: "Não sei", né? Porque é o caso, isso eu e a Michela conversamos muito, eu tenho muitas dúvidas que o trabalho da Michela ainda é de história oral! Né? Muitas dúvidas mesmo! E isso a gente colocou na qualificação, nossa, quase que nós apanhamos, né? Nós perguntamos, qual era o caminho daí pra frente, pra nós era um trabalho em antropologia cultural, que também se nutre do campo, se nutre do ... das entrevistas e tal e a partir desse exato momento a banca passou a dizer que a gente tava é ... estipulando cercas, limites ... E não tava! A gente tava em dúvida mesmo! E aí eles definiram o trabalho dela como de história oral, ficou de história oral! Quer dizer, mas não que ela teve que estudar um monte de outras coisas e tal, mas não que nós considerássemos desde o início assim: é história oral.

Luzia: E você diferencia em algum momento um trabalho que se vale da história oral enquanto recurso e um trabalho que é em história oral? Porque isso acabou surgindo no

meio das entrevistas que eu venho fazendo e é algo assim que eu não tinha ... parado pra diferenciar, nada, é ... dentro desses trabalhos que a gente tem no grupo assim.

Carrera: Olha, o ... a história oral, ela tem uma característica interessante, quer dizer, ela não pode ficar descolada da história né, porque senão ela própria não teria significado no nome. Então ela tem que ta ... ta em conjunto com a história o tempo todo. Como, de outra parte, ela tem que estar em conjunto com as ciências que cuidem da oralidade, quer dizer, a psicanálise, a psicologia, a antropologia e daí por diante.

Luzia: Hum.

Carrera: é ... essa, essa coisa de ... de... ser realmente uma história oral ou é ... ser simplesmente um recurso, eu procuro mudar pra seguinte situação, é ... não sei se isso vai te agradar, mas eu procuro mudar pra situação assim: existem trabalhos que usam entrevista e às vezes com dados históricos, um trabalho desse é um trabalho que tem um campo sobre álgebra, que foi a Ângela que ... coordenou e o pessoal falou que era de história oral, isso pra mim não é história oral! Embora seja a história da álgebra no estado de São Paulo, aquele trabalho não é de história oral, ele é um trabalho que colheu alguns depoimentos e que o autor escolhe o depoimento e não apresenta o sujeito, ta? Então é ... dizer que ele se valeu da história oral eu não posso, eu posso dizer que ele se valeu da entrevista pra tentar fazer alguma análise de história!

Luzia: Pra se valer da história oral ele teria, além do corpo de dados dele, que dar valor à apresentação do sujeito ...

Carrera: Do sujeito.

Luzia: ... que trabalhou com ele.

Carrera: Isso. No meu modo de entender tem que ... que ... que apresentar o sujeito como um todo e ..., conforme eu tava te colocando, tem que ter um tema da história e ... esse tema

deve ser um tema ligado à fratura do solo epistemológico, à mudança de pensamento naquele momento.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Né? Quer dizer, é dessa forma que a gente encara, né? É ... e é, existem trabalhos que exploram muito bem esse tipo de questão, não é, ou seja, eles têm uma questão histórica muito bem determinada. É ... eles têm é ... apresentado pessoas e tal, isso parece que é história oral, independente de ser tema histórico em matemática, né? Ou em Educação Matemática.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Eu acho que, por exemplo, o trabalho tanto ... do Kamikaze, como o trabalho da Luciana vão ser em história oral e tem grandes chances de trabalharem pra isso. Agora, isso podia ser um trabalho, o mesmo trabalho, pegando o mesmo tema, levando tecnicamente só pra poluição ou coisas do gênero e ... não ... não apresentar os sujeitos, só apresentar algumas frases e tal. Quer dizer, não perceber a questão histórica do trabalho que é a questão da urbanização, que é o que o Kamikaze trabalha e a questão da poluição crescente em rios a partir do processo civilizatório, que é a questão que a ...

Luzia: Luciana.

Carrera: que a Luciana trabalha. Então, é ... o trabalho de história oral nunca vai se livrar de ter uma questão histórica fundante.

Luzia: E ...

Carrera: Então, eu não consigo ah ... imaginar ... a história oral como um procedimento distinto de um procedimento pra você poder compreender determinadas verdades, o melhor exemplo disso me parece que é o ... o Joutard, quando ele ... quando ele comenta que teve

que entrevistar netos, bisnetos e familiares de uma determinada região lá da Europa que teve uma ... uma guerra e que os pais ou os avós participaram e essas pessoas dão os depoimentos pra ele, mas você veja, esse tema, ele é um tema pertencente à história, né? Ele ta recapitulando, a única coisa que ... que ele fez diferente foi, em vez de ter feito uma revisão bibliográfica sobre aquele assunto, em vez de ter ido procurar artigos, em vez de ir atrás de documentos perdidos e daí por diante, ele foi atrás das memórias das pessoas, das falas das pessoas, quer dizer, a história oral ela não cria uma possibilidade dela ser uma história oral com seus próprios temas e processos, ela nunca vai fugir, né? Dessa questão nômade que ela tem, por isso que ela é bonita, é ... de atravessar vários pontos na mesma pesquisa, quer dizer, ela tem um ponto de partida que ta sempre lá na história, mas pode atravessar a antropologia, ela pode atravessar a psicanálise, ela pode atravessar a sociologia, por onde ela vai, depende do autor, então por isso que ela é nômade, né? E aí eu não vejo como disciplina, se nós passarmos a acabar com os territórios das disciplinas, né, então "Não existe mais disciplinas!", aí sim, a história oral vai ta no mesmo status que outras é ... particulares ditas ciências hoje, que é o caso de outras ... matemática, física e daí por diante.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Mas, enquanto isso não ocorrer, enquanto nó não tivermos um ... um explodir das disciplinas, né? Elas não derem mais conta do ... do fenômeno a ser observado, né? Nós é ... vamos continuar com essa coisa que eu imagino mesmo, quer dizer, pelo menos na minha cabeça, sai da história e pega história, caminha por um determinado campo, entendeu, então ... nesse campo que você vai caminhar, você vai estabelecer análise, que você vai perceber o problema histórico e tal.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Não é ... não é passível de dizer que ela constitui UM território, UMA disciplina.

Luzia: Quando você fala dessa relação intrínseca dela com a história, que história?

Carrera: Eu acho que a história definida mesmo pelo grupo dos Annales, a história dos homens, né? Quer dizer ... e que nós somos animais farejadores de sangue quente que fala, né? Quer dizer, nesse sentido que eu entendo história, não é história dos documentos, não é isso, quer dizer, eu saio fora da história estruturalista, das grandes mudanças é ... que ocupa ainda espaço, mas as grandes mudanças sociais defendidas principalmente pelos marxistas e sai também do pessoal da ... arquivologia, vamos dizer assim né, pra ficar naquela que busca o sujeito. Agora, a oralidade é uma forma de buscar o sujeito, não é? A outra forma você pode encontrar via estudos dos arquivos, isso ... isso ... fica claro, por exemplo, ... eu assisti a pouco tempo uma palestra do Ginzburg lá em São Paulo, ele tava aí lançando "Olhos de Madeira" e ... ele tava contando o trabalho de pesquisa dele nos Estados Unidos, que ele agora ta bastante tempo dedicado lá e ... ele disse que foi visitar uma cidadezinha e que tinha uma praça enorme com uma escultura de ... de um homem muito grande né, algum, parecia ser uma pessoa muito importante, a placa tava meio que ... ruim de ler e desgastada e tal e ele começou a perguntar pras pessoas quem era e ninguém sabia dizer, "Ah, deve ser um dos importantes de antigamente, da época da fundação da cidade!" e tal, pápápá, quer dizer, e aí ... dessa perguntinha simples: "De quem é essa ... essa escultura? Essa imagem?", ele chega e consegue reconstituir toda a história e pelos caminhos de ... de arquivos, dos arquivos das companhias da Índia, o cara era traficante de escravos! É ... companhia das Índias e tal, mas só que ele construiu aquela cidade inicialmente, então ele foi o dono daquela cidade! O homem rico da cidade. Então construíram a imagem pra ele, mas não tinha nenhuma história nos Estados Unidos disponível, ele teve que ir atrás de documentos, que não tinha ninguém que soubesse ou conhecesse quem era, ele teve que ir atrás de documentos fora ... em outras fontes, pra começar a datar por épocas: "Será que ele não era do século XVIII?", ver se encontrava referência e tal, aí começa a encontrar referência exatamente na ... na Holanda na Companhia?? das Índias né, em que ele teve toda uma relação, de início dessas companhias de exploração do "Novo Mundo", aí entre aspas, né? Então é ... isso é ou não é história, é história! Tem depoimento ou não tem depoimento? Não tem depoimento! Quer dizer, a gente tem que tomar cuidado em não defender uma bandeira, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Porque normalmente as bandeiras é ... se esgarçam, né? E ... outro dia eu tava numa ... numa banca e eu falei: "A gente tem que tomar cuidado porque a única certeza que a gente tem é ... uma que a gente vai morrer e a outra é que algum dia a gente vai ta errado, né? E a suprema glória científica é você morrer antes que você ache que você ta errado, né?

Luzia: [risos]

Carrera: Porque aí ninguém vai achar erro e você não ta vivo, você não vai ter que desmentir a sua teoria, não vai passar por essa vergonha. Então você ainda morre em glória científica, né? Agora quando você fica vivo e a tua teoria cai por terra, aí é ... , quer dizer, a infelicidade científica. Quer dizer, então eu acho isso, acho que ... em algum momento essa idéia que eu to apresentando aqui, pode ser dois anos, um mês, dez anos, vinte anos, ela vai ser ultrapassada e eu fico sonhando muito com o dia em que a gente não tiver mais fronteiras entre as disciplinas, porque aí todos nós vamos ganhar muito, né, porque ... perguntas como assim: "Ah, o quê que você é?", "Ah, eu sou historiador", perguntas desse mesmo tipo: "Ah, você o quê que é?", "Ah, eu sou matemático", "Ah, você ...?", "Antropólogo" e tal. Mas, de repente, nós dois aqui, você é matemática, eu sou matemático, você ta fazendo um trabalho em história, eu oriento trabalhos em história e você ta fazendo um trabalho de campo, coisa específica da antropologia, o que você ta fazendo é antropologia, história ou matemática? Ta certo? Você ta fazendo um trabalho que passa por tudo isso!

Luzia: Não há essa necessidade de engavetar, né?

Carrera: É, quer dizer então se a gente puder aumentar cada vez mais e arrebentar essas fronteiras, aí sim, eu acho que nós vamos ter percursos científicos, né? E ... nesse momento a história oral é um percurso científico porque vai depender do cientista que a percorre, ter aquele ponto de partida e vai percorrer do jeito que ele quiser, né? Não que eu não queira que se delimite disciplinas, eu não gosto de ... de ... agora, não vejo como separar, não

consigo, eu tento às vezes entender a história oral como ... como uma disciplina autônoma como defende o Sebe e tal e não ... não consigo! Porque ... eu não vejo o porquê, eu acho que se exatamente a gente ta contestando os procedimentos da história convencional, não há porque a gente querer se igualar a ela em ... em nos transformar em disciplina, certo? Eu ... não acho que é esse caminho, né? O nosso caminho tem que ser aquele caminho de atrapalhar tudo quanto é fronteira e ta passando mesmo de uma fronteira pra outra até elas acabarem, né? Então eu vejo como muito rico essa possibilidade da história, né, história oral, mas principalmente é ... é a parte mais difícil, a parte que a gente tava fazendo, é o início.

Luzia: Certo, quando você fala do caráter científico várias vezes e até quando começou a falar da história do grupo, de que por já ter dentro da pós aqui em Rio Claro, instalado um grupo de história da matemática, né, e já ter uma definição pra o que seria um trabalho científico nessa área da história, como que fica essa questão, hoje, de cientificidade? Você acha que vale a pena pensar nisso? E se vale, como você pensa?

Carrera: Então, eu penso ... eu penso exatamente agora como eu acabei de te falar e não é um pensamento meu, né? É um pensamento ... o nomadismo vem desde o ... o Nietzsche e o Deleuze foi que arrumou e isso veio à tona.

Luzia: Hum hum.

Carrera: E ... o Deleuze, ele quando define ciência, ele define ciência, digamos assim, as coisas que a gente chama de ciência, né, e na realidade é uma coisa nômade porque ela não sabe qual caminho ela vai percorrer quando começa a estudar o fenômeno, né, então se você parar pra pensar na psiquiatria, de repente ela tem que recorrer pra entender o sujeito a uma série de outros conhecimentos que nós não ... compreende aquela pessoa. Então nós não ... a primeira coisa, quando a ciência foi feita, é estática, não muda, caminha sempre no mesmo caminho e daí por diante, se fecha em fronteiras e tal, pra mim isso daí é coisa do passado, é coisa ... que cheira mofo, né? Então essa ciência que dizem que existe aí pela casa, pra mim eu uso mais no sentido ... pejorativo do que no sentido positivo que nem a

turma gosta de usar, exatamente porque essa ciência é protetora de fronteiras, né, é ... e a gente sempre tem que pensar que quando a gente constitui fronteira, a gente cria marginalizados, né, quer dizer, quem não faz né, a ... o trabalho como o pessoal que ta dentro daquela fronteira. Então você vai expulsando pras margens, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Daquilo e vai tentando expulsar do teu país, né, as suas ciências e ... eu não vejo, por exemplo, isso que eu te falei, acho que a gente tem que caminhar pra entender que a história oral é um percurso de uma ciência nômade realmente, numa terra sem fronteiras! E todas as ciências seriam assim, agora ... o que eu vejo é de ... dos nossos amados cientistas, de maneira geral, é ... eu não to conseguindo lembrar o ... o termo exato que o Bloch usava, mas é uma coisa assim tão velha, tão sem nexo, sem pé, sem cabeça que é absurdo! Né? Quer dizer, você acreditar que isto se dê dessa forma e, no entanto a gente ta ... mesmo porque isso vem de uma definição de verdade, essa ciência se sustenta em algumas verdades pré concebidas e que você tem que aderir como dogmas, né? Então, por exemplo, pegar um dogma da história tradicional, muito defendida aqui em Rio Claro, que história só se faz de morto, né? Quer dizer, então quem vai trabalhar com esse grupo científico tem que fazer um dogma de fé, uma coisa mais irracional do que um dogma de fé não existe! Você tem aceitar cada verdade como verdade e não pode contestar, né? Enquanto que, por exemplo, no nosso grupo de trabalho a gente contesta o que quiser e as verdades são mutáveis ... são mutáveis a qualquer momento, a qualquer instante.

Luzia: E a que se propõe então, a inserção dos trabalhos desse grupo de história oral dentro de um ambiente acadêmico que defende essa ... essa ciência ... sei lá, um conjunto de dogmas bem estabelecidos...?

Carrera: Aí eu vejo, aí eu vou voltar de novo ao meu amigo Foucault e à fratura, quer dizer, eu acho que o que nós tentamos é ... não se encontra na superfície do ... solo epistemológico, ele se encontra embaixo, né? E o que nós estamos provocando ... o que estamos provocando são fraturas e que ... a idéia é mais ou menos assim, são fraturas

pequenas, mas são fraturas que tão ocorrendo é ... semelhantes, no caso da história oral, evidentemente ao caso do Deleuze e do Gatarri, quando escrevem Mil platôs que provam por a mais b que Freud só tinha feito só uma psicanálise pra neurótico, pra esquizofrênico ele não tinha feito. Quer dizer, tava errada a partir daí, quer dizer, isso foi uma coisa que fraturou a forma de pensar de uma determinada época, então o que nós tamos fazendo até agora, são micro fraturas em diversos pontos, por quê? Porque nós tamos vivendo numa crise paradigmática generalizada de todas as ciências e vai contando essa crise paradigmática, as fronteiras delas estão todas meio que em dúvida, né? Não se sabe onde acaba, onde que começa e tal. Então a crise paradigmática é essa e a gente vive por baixo criando fraturas, ruídos, terremotos, né, até conseguir fazer um terremoto muito grande, né, mas aí com todos esses movimentos de ... de conhecimento do homem, que são considerados subalternos da ciência e aí sim bagunça todas as ... as fronteiras, pra que a gente possa, talvez, pensar numa terra sem fronteiras, sem espaço determinado, sem nada. Então eu imagino que o caminho é esse, o nosso caminho é esse!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Quer dizer, é um caminho duro porque ... isso é um caminho de contestação e por ser um caminho de contestação ele ta sempre sob o olhar crítico desses outros que estão belamente encostados e tal. Mas na hora que você vê é ... o fulano tão perturbado que ele já não consegue mais responder, ou que ele tenta responder por outro, ou que ele tenta por todos os caminhos te convencer que aquele não é o caminho, o caminho é outro ... e a agir como pastor protestante e tal, é a hora de saber que você está causando um bom ... um belo dum atrapalhamento pra aquela cabeça de cientista, né? Então é essa fratura né, essa verdade estabelecida que eu imagino que a história oral possa fazer, né?

Luzia: E você conseguiria falar ..., eu acho que você já falou em vários momentos, mas eu queria que você pontuasse algumas coisas sobre contribuições que essa nova visão, proporcionada pela história oral, por essa visão de história proporcionada pela escola dos Annales, é ... possibilita pro estudos dentro da Educação Matemática.

Carrera: É ... aí é o mínimo né, é o mínimo. Eu vou dar outro ... um exemplo porque como no teu trabalho vai ficar escrito e eu nunca ... nunca deixei isso escrito em lado nenhum, ... não porque as pessoas talvez não queiram ouvir. Eu li um trabalho há muito tempo atrás da esposa do Chartie, que foi lançado pela Ática, é ... o nome do livro é **Cem anos de leitura na França**, né, e ... e ele trabalha, ela trabalha o tempo todo com essa ... história das leituras é ... das pessoas e das instituições ao mesmo tempo. Eu acho que um desafio inicial pra gente é ... a gente interrompe aqui Gilda, a gente faz isso aqui ...

[desliga o gravador para cumprimentar a Gilda que acaba de chegar]

Luzia: Daí a gente liga de novo.

Carrera: Então é ... esse livro me chamou a atenção porque diz logo na introdução que aquele livro é ... e aqueles estudos que estão ali são produtos de uns dez doutorados, quarenta de mestrado e daí por diante e tal e ... existem trabalhos lá dentro que dão uma nova idéia do que é o ... a história da leitura, da leitura da França durante os últimos cem anos e como que isso, de alguma maneira interfere é ... na leitura hoje em dia e assim por diante, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Então o ... um dos ... dos velhos e de iniciais tons era tentar pelo menos, em termos paulistas perceber alguma coisa desse tipo, já que o nosso grupo ta inserido mais em São Paulo, mas seria fabuloso se a gente conseguisse por exemplo, ter uma história de como se deu o ... esse processo da Educação e ... as mudanças da Educação Matemática é ... dentro de um período vasto, né, e principalmente a partir dos atores, a partir dos professores, dos alunos e daí por diante, porque que eu digo isso? Porque têm determinadas afirmações em livros de história da Educação que você vê se repetir em vários outros livros da história da Educação, então um copiou o outro, copiou o outro, copiou o outro e que na realidade ninguém foi verificar, então, talvez, a gente fazendo uma história da Educação que incorpore de fato, não a lei que constituiu, não o ... não o debate da câmara, não a visão

de quem estuda a licenciatura da formação do professor, mas é a visão do ator mesmo, do professor, nós estaríamos dando uma contribuição em termos de ... de ... que pudéssemos entender a nossa realidade com muito mais rigor do que qualquer outra coisa, quer dizer, isso é um campo pra n pesquisas! Né, quer dizer ... é uma ... é uma possibilidade, é ... a outra possibilidade é ... desde conversar com ... trabalhar com apoio de livros didáticos e de matemática e que são nenhum pouco, ou então mais ou menos adequados, né, é ... pra ... verificar que idéias eles tinham e como eles viam os professores e como eles viam a matemática, então tem um monte de possibilidade de pesquisa, né, e ... que nós, de alguma maneira, ainda tamos assim meio que engatinhando, né? Nós já temos, quer dizer, como depoimentos de pessoas mais ou menos assim só ligadas ao ato de ensinar no ... no primeiro, no segundo ou no terceiro grau a gente tem alguma coisa em torno de umas vinte e cinco, trinta entrevistas. E é muito né, mas a gente vai ter que caminhar bem mais. Agora, como que a gente vai caminhar, né, e se a gente vai conseguir ter fôlego nesse caminho, aí é uma questão que o futuro nos revela, mas essas possibilidades são assim muito grandes, muito grandes, eu encaro a ... hoje em dia, a forma de fazer história como ... não há possibilidade nenhuma de você fazer mais o que a gente chamava de história da civilização, história da cultura européia, uma história grandona, uma meta história, que você só consegue fazer histórias parciais de um grupo de pessoas é ... eu acho que ... nesse caminho a história oral vai se consolidar, dentro desse caminho e ... mas ela vai ter que se consolidar, aí aquela história, com a quebra das fronteiras, com a quebra de barreiras e se transformando mesmo! A imagem que eu faço na minha cabeça é bem assim, a história oral é um beduíno mesmo em cima de um camelo e que não tem território, né, e que ele conhece alguns oásis que tem água, que ele pára pra beber e comer e tal e continua, quer dizer, é uma coisa de uma errância total, não é algo fixo, né, quer dizer, "Todo mundo vai ter que percorrer aquele mesmo caminho", se outro beduíno conhecer outro oásis vai fazer outro caminho e daí? Fez o seu caminho! Quer dizer, então eu vejo isso como uma possibilidade que hoje em dia ta muito forte por conta da pós modernidade, por conta dos fracassos dessas meta narrativas de uma maneira geral.

Luzia: E eu queria ver com você assim, porque quando eu tava olhando pras entrevistas que eu já fiz e agora na conversa vem é ... eu acho que é um ranço positivista que ... que me

persegue. Como é que fica a história oficial, a partir do momento que você é ... não tem mais, antigamente tinha as pessoas que eram do poder e elas se encarregavam de registros e tal e aquilo permanecia, hoje é impossível negligenciar esses outros estudos que reconstituem é ... outras faces das histórias e tal ... é possível falar em história oficial hoje em dia? Como que ...?

Carrera: Olha, hoje em dia mais do que nunca a história oficial ta aí ... ta aí forte, né? É só pegar o exemplo do Império, né, ... aquilo lá é o maior exemplo de como fazer história contando mentiras, mas transformando em oficiais.

Luzia: Eu falo das histórias do presente.

Carrera: Então, agora em termos de ... de... dessa história assim, quer dizer, como fica a história oficial ou como fica uma versão de história oficial? Ela vai passar a isso, versão, todo mundo, agora, eu prefiro pensar da seguinte maneira, ela vai acabar junto com a crença da verdade, quer dizer que nem os governantes mais vão acreditar naqueles que escalam pra fazer história que hoje em dia, quando eles criaram as universidades não tem mais historiador da corte, né? Mas tem os historiadores das universidades que fazem história só pra eles em troca de um salário, então é igual! Né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Mas, quando caíram os paradigmas, principalmente relativos à verdade, quando as pessoas verificaram que as verdades são completamente é ... fora de foco, que a gente não ta querendo comprar uma verdade, você imagina o impacto disso dentro do aparelho jurídico ... e a história como ta muito presa ao aparelho jurídico vai se desmanchar.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Só pra te dar um exemplo pequeno, eu ... eu, de vez em quando, gosto de ler conto, né, e ... atualmente eu to ... eu to apaixonado pelos brasileiros, então eu to lendo

Machado de Assis, tem ... tem Graciliano, tem Guimarães, tem todos eles e eu tava lendo um conto de Machado de Assis, já comentei esse conto antes, é ... é um conto muito interessante porque chega à beira da loucura borgeana, quer dizer, é quase um conto de Borges e ... o conto começa com um advogado da capital, né que eles chamaram de corte né ... o advogado da capital ...

[troca da fita]

Luzia: Pode ir.

Carrera: O ... então esse advogado recebe uma missiva lá pedindo pra ele comparecer a determinada cidade, que não é localizada na missiva lá, ele tira, o Machado de Assis tira.

Luzia: Hã hã.

Carrera: Pra defender o Julião que é inocente e a carta ta escrita lá, a missiva escrita por uma mão muito trêmula, né, que demonstrava algum tipo de ... ou de idade, ou de emoção ... e o doutor fica intrigado e fala: "Ah, eu gosto de romance, de aventuras e tal, histórias, mas não dá pra parar tudo e ir pra essa cidade, que eu vou levar três dias pra chegar à cavalo é ... e atender." E lá dizia, no bilhete, que no momento exato que ele saísse pra ir a essa cidade, ele receberia o dinheiro correspondente aos honorários e aos gastos dele e tal, coisa que ele não gostou porque ele nem conhecia o cliente! Como que ele ia receber? Mas eu sei que no meio da história tem, resumindo aí rápido, tem um amigo dele que mora nessa tal cidade que mora nessa tal cidade, da época da faculdade e que agora era um amigo que tinha se dedicado a estudos mais exotéricos, tinha largado o direito e tal e ... e ele gostava muito desse amigo, então ele falou: "Vou aproveitar pra ... vou ver ... vou desvendar isso aqui e vou rever meu amigo!" e aí ele subiu lá no cavalo e na hora que ele sobe, pára um ... um ... escravo lá mensageiro, na época da escravidão ainda, entrega pra ele um envelope com um montão de dinheiro e ele não aceita, quer dizer, essa é a primeira loucura do conto: como é que o cara sabia que naquela hora que ele pegou o cavalo ele tava indo pra aquela cidade? Bom, daí ele chega na cidade, conversa muito com o amigo, aquela alegria toda e

tal e à noite, quando sossega, né, os dois podem conversar, ele mostra o bilhete e relata o que tinha acontecido e aí o amigo fala pra ele, depois de olhar o bilhete, fala pra ele assim: "É, o Julião é inocente!", aí ele fala, é a primeira coisa e em segundo lugar o amigo fala pra ele assim: "E a letra é do Pai de Todos!", "Pai de todos?". É, "pai de todos" é o nome que davam a um fazendeiro que era realmente o pai de todos, ajudava todos, tanto é que na fazenda dele não tinha escravos, todo mundo depois de um determinado tempo de trabalhar com ele, ele dava um pedaço de terra pro fulano, do sítio dele, né ... branco, negro, cor de rosa, não importava pra ele e ele era uma pessoa justíssima. E naquela cidade, o Pai de Todos falava e todo mundo sabia que era justo a decisão que ele tomava. Então, no dia seguinte eles poderiam ir visitar o ... o Pai de Todos e ele poderia visitar o criminoso. Aí ele visita rapidamente o criminoso, e ...o criminoso não, as terras lá do Pai de Todos e muito grande ... muito sitiozinho e tal, mas dentro daquela região que o amigo disse: "Olha, isso tudo era dele, ele foi dando esses sítios todos e tal". Aí ele vai visitar o Julião e a história que o Julião conta pra ele é uma história de arrepiar o cabelo, porque ... o filho do Pai de Todos, né, esse cidadão tinha a mesma idade que a filha do Julião e cresceram, como o Julião trabalhava lá e depois é que o Pai de Todos deu pra ele um sítio, cresceram juntos os dois né. Ela negra, filha de escravos, e ele, filho do dono da fazenda. E tinham amizade, mas amizade de criança, de brincadeira e tal e aí, um determinado dia, como era comum na época e tal, o filho do ... do fazendeiro foi estudar numa faculdade da cidade grande e voltou e nessa época, no meio dessa época o Julião já tinha ganho a tal ... o tal sítio dele, que ele morava só com a filha porque a esposa tinha morrido, né. E aí o filho do Pai de Todos volta, vai procurar o Julião, né, que no fundo não é o Julião, é a moça e se diz apaixonado por ela e tal, ela toma um susto e ela fala:"Não vai haver a menor condição disso, né. Porque eu sou negra, você é branco, esse tipo de casamento ta proibido e você é filho do dono da fazenda e nós éramos escravos dele até pouco tempo.". E ele sai enfurecido de lá, com muita raiva do que ela falou e ... no dia seguinte ele volta com cinco capangas, num horário em que o Julião não ta, né, e tenta por toda a lei convencer a moça a casar ou ficar com ele, sei lá, e ela não aceita, então, é ... ele tá se preparando ... o pai ta voltando pra casa, escuta os gritos da moça, ele ta se preparando pra estuprar a moça, o ... filho do Pai de Todos, que não saiu pelo jeito ao Pai de Todos né, ao pai dele mesmo. Então o Julião corre, encontra uma tia que tava lá amarrada do lado de fora, entra dentro da casa,

que tava toda fechada, consegue arrancar o filho do fazendeiro de cima da filha dele e aí o filho do fazendeiro fala: "Você pensa que é forte, mas você não é nada" e pegou e chamou os cinco capangas, amarrou o Julião, né, e saiu com muita raiva e falou que ia voltar com mais gente, né, e ia terminar o serviço. Bom, nesse meio termo, isso o Julião contando pro advogado, nesse meio termo o ... enquanto ele sai, a filha se aproxima, embora machucada e tal, se aproxima do pai que ta amarrado, o pai que ta amarrado se aproxima da filha e tal e o capanga lá que ficou tomando conta dos dois tenta entender aquilo como uma aproximação de pai e filha né e talvez fosse a última porque o destino dos dois já tava traçado né ali, aí ele toma um susto na hora que vê a moça cair, né, com um ... com uma facada, né, e que o Julião tinha dado uma facada na moça, na filha, que era a coisa que ele mais adorava, né? E aí o filho do Pai de Todos volta encontra aquela cena, melhor do que aquilo pra ele... ele não seria acusado de nenhum crime, chamou a polícia, acusou o pai de ter matado a filha, tinha testemunha e prenderam o Julião. E o Julião fala que ele fez aquilo porque a filha dele tinha sido criada a vida inteira honrada e não ia morrer desonrada, ... né? E ele é que não tinha conseguido morrer a tempo dos outros chegarem e que gostaria de estar com a mulher e com a filha. Aí é que vem toda ... toda a maluquice da verdade, quer dizer, o pai do ... rapaz é que chama o advogado pra defender o Julião, entendeu, e no fundo incriminar o filho, ta certo?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Porque ele sabe que a história é verdadeira, quer dizer, ele vai acreditar no que o Julião fala pra ele e o Julião falou a história do pai pro Pai de Todos e o Pai de Todos acreditou. Como o Machado de Assis comenta, ele já tinha visto que o filho tinha voltado muito mudado, então ele preferia acreditar no Julião do que no filho. Então encontraram um advogado da corte pra defender o Julião e todos na cidade dizem que o Julião é inocente! Você vê o número de verdades que tão colocadas aí e jogo, né? Desde verdade no jurídico, desde verdade do fato, desde verdade histórica, desde verdade de versão e tal, quando essa história de existir uma verdade acabar, né, quer dizer, casos como esse do Julião vão poder ser entendidos, na prática, não como assassinato porque o pai cometeu contra a filha, porque é isso que acontece, né, e que o Machado de Assis tenta trabalhar, mas sim que o

pai, no fundo, tava salvando a filha da desonra e isso era importante pros dois, era a última coisa que tinha sobrado nessa vida pros dois, né, eles não tinham dinheiro, ex-escravos, tinham só um pedaço de terra e tal. Outra verdade de que o pai iria sempre defender o filho é completamente destruída pela idéia de que o pai quer defender é o Julião! Porque ele entende que o Julião é que falou o que aconteceu, né? Ele não teria matado a filha, aquela que ele adorada, ele conta lá, ... se não fosse isso. Então você vê, é um conto! E o Machado de Assis, no fundo, nesse conto pra mim, ele ta brincando com um tipo de verdade jurídica, né, porque tinha testemunha ocular, né, tinha lá o jagunço que viu, né, ele viu mas não viu, o que tava acontecendo ele não viu, é ... ele só viu uma parte da coisa, né, quer dizer, tem outra testemunha ocular que é o Pai de Todos que vê o que acontece, que o capanga que tava lá não viu, né? Então essa brincadeira que o Machado de Assis faz com a questão da verdade, no caso jurídico, é uma questão assim que ta posta desde o século XIX e ... e a gente ainda não conseguiu assimilar! Então eu não consigo imaginar histórias oficiais, né, verdadeiras, ou qualquer versão verdadeira, ela é uma verdade, uma versão e também não consigo aceitar a idéia de que a reunião das verdades vai fazer a verdade, entendeu?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Essa também não gruda! Então, na realidade você vai conseguir ter uma versão de um fato com várias pessoas e é isso que você vai ter, você não vai poder dizer que depois que conhece o fato, né, porque como o capanga, pode ser que todas essas pessoas que te relataram o fato, né, com testemunhos orais até, elas não tenham visto o que o Pai de Todos viu, por exemplo né. O ... o Machado já faz essa brincadeira com o Pai de Todos pra tentar colocar o uniciente, unividente e tal, né? Então eu acho que é esse o caminho, quer dizer, história oficial pra mim é uma coisa que ta ... em termos de ... presente, muito presente na nossa frente porque a mídia faz questão absoluta de dizer que aquilo que ela apresenta em entrevista é a verdade, né, só que ela não retira nunca a voz do fulano de tal e passa a imagem, então você acredita duplamente na imagem e na voz, então você não consegue parar pra tentar falar: “mas será que não é outra coisa?”. Né? Quer dizer, então hoje em dia nós temos esse problema, quer dizer, as pessoas vão falar: “Não, eu tenho a

verdade aqui oh, ta aqui oh, foto, ta aqui o vídeo tape e tal pápápá, mas será que ... aquilo, é a sua visão ...

Luzia: diz o que você ta vendo ...

Carrera: ... ou é a visão do capanga? Quer dizer, que não enxergou nada do que tava acontecendo? Quer dizer, essa é ... eu acho que é a moral da verdade de hoje do senhor Bush, do império ... de todo mundo, quer dizer, do Stalin, do Hitler, todos os líderes totalitários, inclusive o Bush, né é ... bem nesse sentido de que eles querem nos convencer a todo custo de que existe essa verdade, a verdade ta de um lado e... ponto final, porque se nós acreditarmos nisso né, nós facilmente somos manipulados pela ideologia. Né? É uma ... só um exemplo que o Machado de Assis conseguia lá atrás problematizar e que como o Machado de Assis não é tão conhecido, talvez, de alguns historiadores que eles ainda continuam acreditando na verdade, né, quer dizer, não vai existir! Porque a versão ... por exemplo, você falou ... você perguntou da versão oficial, pega o exemplo que a gente ta agora com o pessoal que foi morto do Araguaia, né, e a abertura do dossiê do exército da época da repressão. A loucura que os militares estão fazendo em cima disso e, ao mesmo tempo, um governo que está pagando pensão pra famílias que tiveram seus maridos, filhos mortos na guerrilha do Araguaia e tentando desenterrar osso, tentando ver, via DNA, quem é, é ... recuperando ossadas no cemitério de Perus que era o depósito dos mortos fora do DOI/CODI né, os túmulos com nomes que existem pra ver se encontram cadáveres e aí fazer recomposição e tal, então a gente fica perguntando, qual é a versão oficial? Era aquela que eles apresentaram quando ... se falou no Araguaia e se tentou mostrar que todos aqueles prisioneiros foram embora, a Guerra do Araguaia tinha acabado, tinha sido um conto mais forte, na história do Brasil não teve repressão, não teve morto político, não teve tortura, não teve nada e agora começa a aparecer toda tortura, todos os exemplos de tortura, né, daquela época e ... das que continuam acontecendo. Então você sempre vai ter a versão do torturado, da família do torturado, são versões oficiais! Né? Como a do torturador, a do chefe do torturador, são versões oficiais! Né? Mas, na realidade, elas jamais vão se constituir como uma história oficial, elas vão ... ser vistas, né? Você vai poder discernir, pensar, acreditar em A, como o Pai de Todos fez ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... ou acreditar em B, é ... ao gosto do freguês, né, como vou dizer, e não mais imposto ideologicamente.

Luzia: Ta certo. E como que você vê um documento a partir disso?

Carrera: Então, o documento é mais ou menos isso. Isso a gente tem conversado muito, eu e a Gilda. O documento é essa versão, né, trabalhada pelo historiador, essa é a função do historiador oral, que dizer, é ... ele faz a entrevista, transcreve como você fez e depois você vai construir um documento com o teu depoente, porque às vezes a tua versão do depoimento que o depoente deu é tão diferente às vezes, ou às vezes o jeito, o código do discurso é diferente do teu código e aí você decifra de uma outra maneira que é necessário um trabalho aí ...

Luzia: De negociação.

Carrera: ... posterior, né, pra gente poder capturar os códigos direitinho. Tem muita gente que tem medo disso porque ... tanto do depoente, quanto do historiador, porque diz que vai macular a ... a fonte verdadeira, primitiva e tal. Eu não vejo assim, eu vejo como, realmente, já que é a visão das pessoas, a gente tem que construir essa visão em conjunto com as pessoas, então nós dois estamos, quando você manda a transcrição que nem mandou ontem pra Gilda e eu curioso fui olhar, porque ela não olha o e-mail direito, então eu olho e conto pra ela o que chega.

Luzia: [risos].

Carrera: Aí ela vai ver. O quê que você ta fazendo? Você ta mandando pra que ela olhe se ela falou, explicou direito aquela coisa ou não, se você conseguir explicar, entender direito o que ela falou e isso se processa por n idas e voltas até ter um documento final. Agora, não

são ajustes, ou correções, ou qualquer outra coisa que vão atrapalhar a veracidade daquele documento, porque a veracidade só existe onde há verdade, então, se você não quer capturar, né, a ... a versão da Gilda, ou a minha versão, a versão do outro, ela vai se dar na hora em que nós dois falarmos: "Olha, o documento é esse!". Né, nós dois concordamos que o documento é esse!

Luzia: E a fita pra você então não seria um ...

Carrera: Ela é importante, ela é um fundamento importante, como arquivo oral!

Luzia: Não seria um documento?

Carrera: Não é um documento no sentido de criar documentos pra história. Por exemplo, vou te dar um ... caso, a Márcia lá do Centro de Memória da Unesp mandou pra Gilda a entrevista do ... José Bonifácio Plínio Nogueira, que foi secretário da Educação, é esse o nome dele né Gilda?

Gilda: É.

Carrera: E o que a gente nota da entrevista é que simplesmente aquilo muitas vezes não foi trabalhado como deveria ter sido. Ou seja, tem coisas que poderiam ter sido mais exploradas, ah, em outros ... em uma outra volta e uma outra discussão do documento e tal e agora a gente já não tem mais a oportunidade de fazer isso porque ele morreu! E isso vai acontecer com as fitas!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Né? O que ela vai poder ficar é ... da seguinte forma, é você ter um documento oral, né, em que você, daqui há vinte anos, quando a pessoa já tiver morrido, ela ... você possa discutir com ela ... com os outros a versão que os outros deram pra aquele documento, né. Mas ele não vai passar disso, porque a figura do depoente, ela é

fundamental na escrita do documento. É ... não é porque a história é oral que o documento tem que ser oral, entendeu? Porque isso não ... não é o caso, mas a constituição dos documentos, né? Então você vai ter um documento construído por uma fonte oral, então ele, na realidade, é um documento oral, mas é um documento que, sem sombra de dúvidas, a versão daquela pessoa pra aquela situação, isso eu acho importante, agora a fita é um documento que fica aí pra quem quiser usar, né? E ... e dificilmente, e dificilmente, ela vai recuperar a mesma situação, né? Eu vou dar um exemplo pequeno pra você, é rapidinho.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Nós temos um conhecido que eu não vou falar o nome porque é do meio, senão fica ruim, o ... nós temos um conhecido que ele fazia as entrevistas da seguinte forma, ele entrevistava um e ... e esse um dava um certo palpite pra mim, falava mal do Carrera, aí ele ia entrevistar o Carrera (não aconteceu comigo), ia entrevistar o Carrera (tamo colocando a história só pra facilitar), ia entrevistar o Carrera e entregava a fita que você tinha falado mal do Carrera pra mim, pra que eu escutasse antes dele vir me entrevistar, o quê que ele consegue com isso? Né? Umas oitocentas baixas dos depoentes dele, quer dizer, só a fita bruta, o fulano terminou de ouvir, ele vai ficar só com que o Carrera é um canalha, uma coisa assim, não dá pra ele perceber o todo, do que o cara falou, né? Eu, por exemplo, tenho uma brincadeira desde Santos, eu brinco com todo mundo, por isso que eu falei a palavra, que quando uma pessoa é muito amiga, ela é uma canalha, então a gente brincava assim entre colegas da faculdade: "Então aquele fulano? Aquele fulano é um canalha!", imaginou se isso ta gravado?

Luzia: [risos]

Carrera: Fulano vai sair por aí dizendo que o Clóvis chamou não sei quem de canalha, o Carrera chamou não sei quem de canalha e tal e não é! Entende? Quer dizer, a pessoa não pode prescindir a fita, ela não prescinde da nossa situação, da capitulação que você ta fazendo dessa nossa conversa e da que eu to fazendo!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Ela não ... não é uma coisa que depois se torna individual e com a sua individualidade ... e ... modelo semântico. Se, por exemplo, eu não gostasse de dar entrevista, fosse monossilábico, que nem a gente teve um caso assim, um depoente da Sílvia, é ... a fita não traduz em nada a pessoa, eu conheço, é daqui de Rio Claro, a gente conhece da rua e tal, aí nós fomos lá da segunda vez, acionamos uma chavinha e ele começou a falar um pouco mais, mas ele poderia ter falado muito mais, ta certo? Quer dizer, é a versão dele? É a versão dele! Não consegue ser total, porque ele deixou de falar coisas, ele se rotulou, né?

Luzia: E quando a gente fala dos trabalhos dentro da academia, que tem essa questão da constituição do documento e a apresentação desse sujeito de forma integral, né, que é o que você falou antes, é ... como que fica a questão de análise, como que você pensa isso nos trabalhos que você orienta?

Carrera: Então, os trabalhos que eu oriento e ..., vamos começar pensando numa coisa, a análise pode se dar num caminho que a gente abriu agora pra poder entender história, no trabalho do ... que a Silvia fez, a questão do sujeito fraturado, do sujeito partido e daí por diante, então é ... exatamente se você conseguir capturar na fita quais são as minhas fragmentações, é a hora da análise, é a hora de você colocar dizendo: "Olha, dessa ... desse texto do Carrera, entendi que ele tem tais fraturas, né? De nível psicológico, sociológico, tem tais fraturas", ta certo? Essa é uma análise muito interessante, é ... uma segunda análise é ... que é possível é você chegar e capturar o tema histórico e trabalhar um tema histórico a partir do que os depoentes falaram e não analisar o que os depoentes falaram, mas sim, como eles constituíram aquele documento contigo, que é a versão deles da ... da criação de algo, da invenção de algo e tal, você coloca: "Na cabeça desse grupo, isto foi inventado desse jeito", isto é uma análise, ta certo? Quer dizer, não é possível a gente pensar num análise literal da academia por uma questão breve, né, que eu ... que eu gosto sempre de deixar claro, é ... para analisar eu tenho que ter uma paradigma, para ter um paradigma eu tenho que ter uma verdade e para que eu tenha uma verdade eu tenho que acreditar em

verdade! Né? Então nessa hora em que você analisa uma determinada pessoa, você a está julgando com os teus códigos de verdade, certo, errado, e daí por diante, e isso necessariamente não é bom ou mal, mas isso é a realidade e isso também não é acadêmico, percebe?

Luzia: Hã hã.

Carrera: Quer dizer, então, do ponto de vista, eu acho que fundamental, você pode pensar análise, não o momento da análise como algo necessário, análise histórica e tal, não, acho que pensar como um momento em que você analisa pergunta se organizando, é ... se fazendo, criando, inventando uma instituição e daí por diante, eu penso assim, agora ...não consigo fugir disso, porque toda vez que ... e nos meus trabalhos a gente não, não faz análise de pessoas ou de qualquer coisa, a Michela fez análise de tendências e ela fixou quais, né, e ... e isso, ela englobava pelos, por todos os depoimentos, ela não especificava um, né? E a Silvia usou como critério desmanchar a idéia de análise e no último capítulo fazer um capítulo sobre a fragmentação do sujeito moderno! Quer dizer, isso mostrava a impossibilidade de análise, no caso dela, né? Eu ... nos trabalhos que eu oriento eu procuro evitar esse viés universitário que é o viés do ... da análise, então: "Aquele cara é historiador, aquele lá é matemático...", então tem o viés da verdade matemática, histórica e tal. Isso eu tento evitar.

Luzia: Em uma daquela reuniões que a gente tinha na Unesp, a gente começou a discutir um seminário que tinha tido numa terça lá e que foi colocado que a história oral teria procedimentos é ... de pesquisa pra ela se colocar como metodologia e a gente ficou discutindo isso depois e você acabou colocando que os procedimentos que ela teria seriam éticos, né, você pode me falar um pouco disso, de que procedimentos éticos são esses?

Carrera: Eu ... eu não sei aí se eu vou me lembrar do caso direitinho, acho que você vai precisar me ajudar a lembrar melhor.

Luzia: Era ... tinha tido um seminário e era uma aluna que participa do grupo História da Matemática, e ela se valeu de entrevista no trabalho dela, só que ela se valeu de entrevista pra tentar conseguir da pessoa que ela tava entrevistando, informações de onde ela pudesse encontrar outros documentos escritos que ela pudesse utilizar na pesquisa e aí surgiu no meio do debate, né, alguém lá colocou, que não é nem do grupo de história nem de história oral, colocou que ... a possibilidade disso ser história oral e aí o orientador e outros professores do grupo dela começaram a colocar que não, porque a história oral teria procedimentos é ... certos, já estabelecidos do que seria uma pesquisa em história oral e que ela não tava seguindo aquilo, então não era.

Carrera: É ... agora eu me lembro bem, o ... a questão é a seguinte, o ... o mundo, e isso eu posso falar com ... com bastante tranqüilidade, agora que eu to aposentado mesmo e tal ...

Luzia: [risos]

Carrera: O ... o mundo da universidade é um mundo hipócrita porque ele é um mundo de aparências né, e ... eles têm que ser levantados, né, porque a aparência de verdade de uma determinada coisa é que garante essa tal hiprocrisia acadêmica, né?

Luzia: Dentro da universidade.]

Carrera: É ... é dessa forma que eu vou ver o procedimento é ... é do caso da menina da apostila que nem citou o autor, o ... quem tinha dado a informação pra ela?

Luzia: Isso, que era a história do cálculo, né, do curso de cálculo.

Carrera: A ética que eu falei com relação ao nosso grupo é que todos os trabalhos que eu tinha analisado e todos os trabalhos que eu via em confecção eram trabalhos que tinham, vamos dizer assim, o aval determinado, confiante, final de tudo que sairia escrito ao final da tese, né, é ... e se de alguma maneira eu tivesse surrupiado alguma idéia, colocando como minha né, ele denunciaria o ... o documento. Então os nossos procedimentos é ... são,

porque aí tem o ... como a verdade relativa, quem pode garantir alguma coisa? Então, quem pode garantir você, que você não inventou essa entrevista do Carrera? É o Carrera! Ta certo? Quer dizer, então a versão de nós dois dessa entrevista se vale disso, quer dizer, então por isso que nós temos que nos pautar por uma extrema ética e do respeito ao depoente e ao que ele fala e ao que ele produziu e tudo mais. Agora, outros ... outros acadêmicos aí, vamos falar assim, eles, mais afeitos por resultados e ... do que qualquer outra coisa, eu entendo até que do lado ... hajam exigências burocráticas e tal, mas nada disso justifica o fulano tomar comportamento antiético. E eu considero que se eu obtive a informação que a ..., sei lá, o peixe que é bom de pescar fica em tal ponto do rio, eu vou dizer quem me deu essa informação, certo? Eu não vou sob hipótese alguma dizer que eu informo as pessoas de tal coisa, o que não ta certo, não saiu da minha boca! Entendeu? Agora, isso sim é transformar essa mentira, dizer que sai da minha, aspas, "descoberta"a ... a tal coisa é a ficção histórica, né, eles, de uma maneira geral os historiadores dizem que nós fazemos ficção, mas na verdade quem faz ficção é eles que mentem na durante o procedimento, né? Então o que eu considero, do que eu tenho visto até hoje é que os trabalhos, em termos de história oral, eles foram assim ... todos eles passam por qualquer crivo é ... de qualquer é ... filósofo que trabalha com ética e vai ver que o sujeito foi respeitado até o fim, né? E no caso que a gente discutia naquele dia daquela menina, ela ... pra mim aquilo é um comportamento, infelizmente, normal na academia, porque a academia é o reino da hipocrisia, isso eu falo tranqüilamente, agora, é ... infelizmente que a academia tenha optado pela questão antiética, né, quer dizer, a questão de desconsiderar o sujeito, porque muito mais ... eu acho que é ... eu acho que é isso que é o cerne da questão, muito, pra além da ética existe a noção que eu tenho, né, se o que eu vou fazer a ela ou não é bom, se o que eu vou fazer ou não à humanidade é bom, né, a ética se preocupa com o bom, com o belo, com o mal e tal, então nesse ponto é exatamente o X da questão, quer dizer, o procedimento dela não é de história oral, em hipótese alguma, porque ela não é ética, e outra coisa, ela não respeitou aquele sujeito e isso implica que ela não respeita a humanidade, daí sempre fica uma pergunta na minha cabeça, como é que ela faz história?

Luzia: [risos]

Carrera: Mas em todo caso, deixa pra lá. Agora, dizer que nós só somos um conjunto de procedimentos é banalizar porque todas as ciências, se forem levadas a ... a esse grau de ... de análise primária, né, também vou dizer que a biologia é olhar no microscópio, também vou falar que a história é procurar em arquivo, a história tradicional e não é mais nada do que isso, quer dizer, e não é, as coisas não são assim! Quer dizer, existem coisas que realmente chega a determinados resultados e tal, percebe, coisas do gênero, então, nós não somos um procedimento só, mas se existe um procedimento que o grupo de história oral persegue a todo custo, é o procedimento ético com as pessoas, com o ... isso já indica, aliás isso já é, já é meio que ..., assim como se diz, pro futuro: "Crianças tomem cuidado!". A Ecléa Bosi, quando faz a tese de livre docência dela, uma das perguntas que fazem a ela, é a Chauí que faz a pergunta a ela, é ... pergunta pra ela quem eram os sujeitos da pesquisa dela e a Ecléa Bosi, esse aviso que ela deixou aí, vira-se pra Marilena Chauí e fala assim: "Eu ... eu não tenho sujeitos de pesquisa, tenho o seu José, a dona Maria ..." e tal, quer dizer, ela chamou a atenção de todos já em 72 e falou: "Criançada, olha, nós tratamos com gente, não é com sujeitos de pesquisa, não é com coisa assim ...

Luzia: Objetos de pesquisa, o que é pior ainda.

Carrera: ... objeto descartável", então! Isso exige todo um procedimento em que a ética seja valorizada, senão ... que respeito que mostra pela humanidade, né? Nesse caso é mostrado por aí.

Luzia: A gente vem discutindo várias coisas na lista, naquele grupo nosso, eu queria ver com você ... questões que você acha que ainda não foram discutidas, mas você acha pertinente a gente parar pra pensar agora enquanto grupo, ou que já foram discutidas e que você acha importante retomar essas coisas...

Carrera: Então, eu acho que uma das coisas que ... que é importante dessa ... dessa releitura que eu to fazendo por conta dos meninos do mestrado e tal, é ... e por conta do contato que eu tive com vocês e tal, a chamada nova geração, é ... eu acho que nós temos que deixar claro pra todos essa posição de ciência, mas muito mais discutida, acho que isso

é fundamental, ela ainda ta ... meio que ... vacilante e tudo mais no ... As questões de verdade, elas ... é ... é ... eu to cada vez mais me convencendo que as pessoas, elas preferem aceitar as verdades como um dogma e ponto final, porque isso tranqüiliza em demasia a vida dela, é ... do que a gente aumentar essa discussão, mas essa vai ser uma discussão sempre recorrente. Agora, o que eu acho é que nós temos que rever sim a questão do nomadismo, isso eu tenho ... é ... clareza, quer dizer, é ... pensar em áreas, em ... do conhecimento que possam nos auxiliar como algumas já fizeram, né? Quer dizer, esse procedimento que nós estamos fazendo e que foi chamado de história oral é um procedimento que migrou da antropologia, entendeu?

Luzia: Hum hum.

Carrera: É mais ou menos, o procedimento que o antropólogo fazia com o cacique, né, da tribo, com índio da tribo e tal, gravava, conversava e tal, pra depois fazer um trabalho. Então, ao mesmo tempo eu posso dizer assim: "Não, é como se fosse um momento é ... em que um psicanalista estimula a memória da pessoa naquele ponto pra que ela aponte algum ou não, ato falho é ... que ficou, quer dizer, então a psicanálise ta aí dentro, é um ponto que ninguém mexeu ainda, o Emerson ta trabalhando com o Norbert Elias, eu acho sensacional, a sociologia ta vindo, né? É ... com uma nova visão de sociologia que o Norbert Elias traz, porque no trabalho da Gilda já tinha a Agnes Heller, né? Então ... que é socióloga também, mas a gente precisa ta trazendo essas áreas todas já que a gente quer causar aquele terremoto, né, a idéia do terremoto, nós temos que começar a invadir essas áreas é ... e agir mesmo como hordas bárbaras, né, é ... invadir, roubar o que ... o que ... nos apropriarmos do que é interessante, trazer pra cá e ... continuar desenvolvendo o nosso trabalho, então eu nem ... nem sei o quê que faltaria, falta muita coisa, né? O Miguel, por exemplo, denuncia e já faz tempo, ele não é bem da história oral, é da história ... é da Educação, ele fala que ... nós ... nós no geral, não do nosso grupo, e isso incluindo com o grupo dele de história, nós não trabalhamos bem a questão da iconografia, a questão das fotos, da anotação, a questão é ... de como que ... do contexto daquela foto, quer dizer que ... em termos de história, não basta dizer, "No fundo aparece tal coisa, da direita pra esquerda fulano e beltrano e tal, fazia o segundo ano de física", isso é muito pouco, nós deveríamos tentar fazer uma

iconografia um pouco mais rica, isso é a opinião dele, quer dizer, é um assunto que a gente não discutiu.

Luzia: Hum hum.

Carrera: E muitas vezes a gente usa, né? A gente deveria pensar em exatamente uma questão que você me colocou, a questão da fita, é ... da gravação que você fez comigo, que tem uma função no teu trabalho e que nós abordamos um determinado espectro é ... do pensamento de uma pessoa, da troca de idéias com outra e tal, é ... como que isso fica num Centro de Memória e alguém pega daqui a duzentos anos e vai tentar entender e decodificar essas fitas. Quer dizer, ... eu tenho dúvidas

Luzia: Não dá pra ter ...

Carrera: ... da possibilidade linguística, percebe? Eu tenho dúvidas da possibilidade linguística, porque nós hoje em dia, pegamos cartas de 1500 e não conseguimos decifrar, quer dizer, tem gente especializado nisso, né, pra fazer documentos! Então essa é uma outra discussão, do uso dos depoimentos na ... na fase oral, na medida em que a gente reelabora de alguma maneira os vícios de linguagem, os ... uma série de outras coisas, mas se nós temos é ... absoluta certeza de que os procedimentos foram éticos e que os documentos foram construídos com as pessoas e as pessoas deram aval àqueles documentos, nesse momento aquele documento é superior à fita, essa é uma coisa que ... eu acho que a gente precisa começar a discutir porque ... viver num império em que a fita pode ser arquivada e que qualquer um pode interpretar aquela fita, eu acho temerário, acho tão temerário quanto, se a gente tivesse acesso, vamo imaginar uma loucura qualquer, a um filme verdadeiro feito na época de Sócrates, né, de Sócrates. Aí, vai passar lá o Sócrates dando os tais ensinamentos dele, falando e tal, um trechinho, né, dez minutos e tal e aí nós vamos tentar entender Sócrates com aqueles dez minutos, sem ta preso a uma cultura grega, sem ta preso a uma estudo ... a um estudo daquela época...

[troca da fita]

Luzia: Tem que rodar um pouquinho dela [da fita] pra ...

Carrera: Hum hum. Então, eu acho que as possibilidades são imensas né e acho mesmo que nós temos ainda um longo ... um longo caminho a discutir, a entender e tudo mais, por isso que eu acho que o grupo ta no caminho certo, quer dizer, ta discutindo com outras pessoas, né?

Luzia: Hã hã.

Carrera: De outras áreas de ... é ... vou chamar de áreas concorrentes, né, ta conversando com sociólogos, historiadores e daí por diante, isso é um caminho muito bom.

Luzia: Com certeza.

Carrera: Né? Porque ... a gente vai crescer, então, de maneira geral, eu acho que ... o que falta é exatamente isso, né, é ... é pra que a gente faça discussões que podem aparecer aversas, outras que ... muito mais pertinentes do que essas que eu falei, mas é ... que valem de fato a pena, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Quer dizer, isso daí ... por exemplo, eu acho que o ... há um erro histórico o ... na ... juventude da história oral agora, não de 72 pra cá, é ... depois do Manual de História Oral do Sebe, com a tal história da transcriação e tal, que a gente já discutiu. É ... eu to lendo, entre o tempo que sobra, a ... transcriação do ... do ... da Ilíada que o ... Haroldo de Campos terminou antes de morrer, quer dizer, se você olha o trabalho em que o fulano que apresenta a obra mostra o que existiu pra que aquela transcriação fosse feita, quer dizer, porque é isso que eu to falando, quer dizer você traz pro presente o que aquele termo significava.

Luzia: Hum hum.

Carrera: E na realidade transcrição funcionou pra nós uma maneira diferente de representar o que tava escrito numa ... numa entrevista, então a gente ta aqui pra falar: "Não, a textualização é uma etapa, a transcrição é outra etapa...", isso eu acho, a transcriação, por exemplo, acho que já ficou claro pra todo mundo, acho, já ficou claro pra todo mundo que é uma junção que o Haroldo de Campos fez, e que o Sebe deve ter gostado, de duas palavras, de trans no sentido de ser acima, no sentido de ser é ... não simplesmente uma tradução, acima das traduções e criação, porque é a criação do escritor que faz, então a transcriação significa uma tradução além do que nos foi dado. Quer dizer, dizer que a gente faz isso com o oral e com o escrito, só mudando o ... o estilo, né, é muito pouco, né, quer dizer...

Luzia: É, isso me lembrou da questão da textualização, né que você falava, é ... como que você pensa isso hoje? Daquela mesma forma? Porque você me falou uma vez de ... da importância dela como apresentação integral do sujeito, né, sem quebras da ...

Carrera: Hum hum, então, eu vejo ... eu vejo é ... hoje em dia a idéia de textualização assim, é ... num primeiro momento é ... eu pensava bastante na textualização como é ... a ... a ... transcrição, a degravação que a Gilda chama, é ... seguida de uma edição, digamos assim, pra não existirem repetições que o leitor vá se ... "Ah, ta repetindo" e tal, então é ... eu entendi que a coisa caminhava por aí, hoje em dia mesmo os autores modernos né, que eles já definem o homem como um texto, né, a ser decifrado, né, quer dizer, então a minha fala existe pra ser decifrada e daí por diante, todos nós não passamos de é ... figuras de linguagem e tal, então, eu acho que, no momento que você ta transcrevendo, você já ta fazendo a primeira textualização, né, transformando naquilo que normalmente as pessoas aceitam como texto, né, e não simplesmente a voz, né, como um texto, a pessoa como um texto...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... o gesto, tudo, né? É ... em segundo lugar, esse trabalho de edição é ... aquilo que eu tava comentando, ele se torna necessário quando passa pro escrito porque numa conversa às vezes até é aceitável é ... que existam muitas repetições, mas num texto que vai ser apresentado, né, é ... como um texto, como um documento eu acredito que o número de repetições pode ser substituído por ... é ... toca nesse ponto insistentemente e coisas do gênero né e você faz uma edição daquilo que você enxergou em mim, enxergou na Gilda, enxergou em qualquer um.

Luzia: Hum hum.

Carrera: E é evidente que como você vai conversar com as pessoas depois, as pessoas vão ver se conseguiram te passar as idéias corretas disso, né? Então, a ... a textualização conforme eu vejo hoje é ... a visão, da primeira, é a visão que o pesquisador tem do pesquisado, né, seca e a partir daí os dois, ao construírem um documento, né, vão ta colocando as suas duas visões, a ... tanto a visão dele quanto a visão do outro, né, do pesquisador e do pesquisado! Então acho que essa questão é ... quando o Sebe colocou é ... ele, as coisas ainda estavam muito nos primórdios e tal, ele ... quando ele colocou esse tipo de idéia eu acho que ele tava entusiasmado por alguma coisa mais literária, ficcional ou qualquer coisa assim, nós ... eu não vejo como possível, quer dizer, você mexer num texto porque aí você já faz a ficção mesmo né, porque daí você já muda completamente o ritmo das coisas ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... você vai apresentar uma outra coisa que muda aquela que originalmente era o documento e que ... se a gente diz: "Olha, pode ... pode ficar em qualquer termo", eu pergunto: "Mas a pessoa escreveu em qualquer termo?", então ela inverteu as verdades do outro ou não? Ela obedeceu o regime de verdade do outro ou não? E isso tem que ficar claro, então eu acho que essas ... essas etapas, né, esse espaço ou essa metodologia (que nossos amigos nos acusam) vem exatamente ainda desse meio que trotar é ... militarmente

que o... que o ... Sebe introduziu no manual dele, que era um manual mesmo! Era pra difundir, né, mas eu acho que a gente tem que avançar, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: E mesmo porque o pesquisador, ele não é obrigado, não ... não faz parte do acordo quando ele entra na academia que ele seja um bom ensaísta, ou que ele seja um bom escritor e daí por diante! Não faz parte, faz parte ele produzir uma pesquisa, esse é o contrato, né? Quer dizer, então vai depender se uma pessoa escreve bem, é ... o melhor e ... e o que é entrevistar, eu acho que ... nada a opor, né? Agora, é ... se ficar só com a transcriação com a proposta como sendo aí só o trabalho do pesquisador, me parece que aí é uma fratura ética, quer dizer, o fulano não vai saber se você continua falando a ele naquele livro, naquela coisa.

Luzia: Ta certo.

Carrera: Né?

Luzia: E eu queria ver assim qual a visão que você tem do grupo de História Oral e Educação Matemática.

Carrera: Olha é ... é um ... eu não sei nem falar porque ... porque eu, quando gosto demais de uma coisa a coisa fica ruim. Mas, mas é assim, eu vejo o grupo como o ... o único lugar aqui nessa pós-graduação ... em Educação Matemática, em que existe brisa fresca e se respira é ... livremente, sem ter que ficar em ambientes viciados, quer dizer, essa é uma visão assim, primeira. A segunda visão, e isso eu acho que é uma característica atual do grupo, né, pode ser que ele não continue assim, né, é ..., por exemplo, o Marc Bloch e o Lucien Febvre eram amicíssimos, mas depois não era obrigatório pra ser da escola de Annales ser amigo de alguém, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: O nosso grupo tem um ... um nível de cooperação, de amizade, de respeito, de carinho que não sou eu que digo, é todo mundo que vê as apresentações da gente, que vê é ... encontros que a gente participa e tal ...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... que fala isso como importante no grupo. É ... e principalmente, quer dizer, é um grupo que abre as suas portas é ... pra ... pra novas pessoas, novos ares né, enquanto que aqui eu vejo na pós graduação, as coisas cada vez mais se fecham, né, então é ... eu analiso o grupo como uma ... como uma grande e ... (agora eu posso falar grande), uma grande e organizada tentativa de ... de deixar arejada um pouco mais a pós graduação em Educação Matemática como um todo e a própria história da Educação e ... e isso só poderia ser feito por essa junção mesmo, é ... espetacular que a gente arranjou de pessoas jovens, de pessoas é ... velhas e daí por diante e que todos tenham vontade de saber. Quer dizer, isso é ... é específico de grupos que tem ... sensivelmente, eu acho, é ... abaixo das falas e abaixo das negociações, que tem objetivos comuns, quer dizer, fica claro! Quer dizer, que coisa explicaria é ... a vinda da Silvia do meio do Mato Grosso pra reunião de Bauru? Né? Que coisa explicaria? Né, não ... Que coisa explicaria todo o trabalho que o pessoal lá de Santa Catarina tem pra acompanhar os trabalhos do grupo? Então, eu não ... não é tanto a parte teórica ou a parte prática, eu acho que é a amizade mesmo, eu acho que é o carinho que um trata o outro, o respeito que um trata o outro, a não negatividade de não dar informações né, é ... informações circulam livremente, então ... eu ... eu acho que esse grupo tem tudo, se continuar nesse pé, pra provocar pelo menos um abalo sísmico, não sei em que escala, mas provocar um abalo sísmico dá, agora, eu tenho receio é do gás né, porque eu aprendi com a vida que a rotina é a maior ... é a maior ... e gasta mais rápido, então todos nós daqui um, dois anos vamos ser submetidos a um ... a um espalhar de gente, né, cada um de vocês vai pro seu canto trabalhar e tal, quer dizer, se a gente vai conseguir manter todo mundo junto, pelo menos pela internet, né, se a gente vai conseguir manter encontros, o quê que a gente vai conseguir, né, é vai depender muito dos rumos que a gente der, né, quer dizer, e ... um grupo que forma o número de doutores e mestres que vem formando nos últimos cinco anos

não é ..., o grupo hein, não to nem falando das universidades, o grupo, que aí você pega Carlos, você pode pegar gente de outras universidades é gente ... é muita gente! Quer dizer, é impressionante! Imagina todo mundo conseguindo trabalhar no mesmo departamento de Matemática, o que não seria feito? Né? Então eu acho espetacular! Dentre os grupo que ... que eu trabalhei, até hoje, é... me parece ser, não sei se é porque eu fiquei velho e as pessoas passam a não contestar tanto, né, por conta da ... da velhice, mas a ... a idéia é a seguinte, é um grupo que se auto-respeita e isso não tão comum. Mesmo teoricamente, quer dizer, se o fulano tem uma posição divergente da tua, você explicita a tua divergência, mas não ... a ... a ... em termos de grupo mesmo não há nenhum tipo de ... de ... eu que no último e-mail falei imbecilidade, foi imbecilidade de minha parte, mas o ... na realidade é um grupo que aceita bem a diferença, o outro, né? Então por isso é um grupo, hoje em dia, com uma capacidade muito grande de ... ir longe, né? Essa é uma característica forte.

Luzia: E o que faz dele um grupo?

Carrera: Hum?

Luzia: O quê que faz desse grupo um grupo?

Carrera: O quê que faz desse grupo um grupo. Eu acho que é a ... a própria coisa do objetivo em comum, né, eu acho que ... é ... a gente poderia até falar da seguinte forma, porque nós não ... não trabalhamos com ... deixa em cima da mesa o papel ... [de um chocolate que a Gilda havia nos oferecido], não vai ... ah bom, então ...

Luzia: É ... eu vou por aqui...

Carrera: Ah bom, pensei que você fosse colocar na tua bolsa.

Luzia: Não. [risos]

Carrera: O ... o nosso grupo, por ter essa mescla e por ter, por ser caracterizado por um grupo em que os orientandos, os orientadores, os que são orientandos ou são orientadores sentam todos em pé de igualdade pra discutir. Isso nos transforma num grupo diferenciado, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Agora o que transforma um grupo num grupo, eu acho que é aquela frase que a Heloisa tanto gostou do Deleuze, quer dizer, é a loucura em comum, né, quer dizer, sozinho a gente nunca é ... tem uma leitura completa, precisa de dois pelo menos.

Luzia: Hã hã.

Carrera: Nós tamos aí nuns quinze, vinte...

Luzia: Já ta num bom tamanho! [risos]

Carrera: Então ta ... a loucura ta num bom tamanho, porque ... eu gosto! Eu gosto muito desse grupo, eu acho que ... é ... inclusive eu vou ta pedindo pra incluir tanto o Kamikaze, quanto a ... a ... a Luciana, é que ... ela foi no último encontro em Bauru, mas pra que eles tenham acesso a discussões, reuniões e tal, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: E ... isso é bom! Isso é excelente, porque fazendo isso a gente evolui sempre.

Luzia: Ta certo. E uma outra coisa que eu queria ... ver com você é assim, é uma idéia que eu comecei a discutir com você por email de um artigo seu, né, não sei se você lembra.

Carrera: Lembro. Além do que eu não sei se taria no ...

Luzia: Da paisagem, a história ... de Educação Ambiental ... e você falava lá que pra discutir com Foucault e outros autores, você pegava uma idéia pra poder colocar essa discussão que é "não importa quem escreve, importa o que escreveu". Como que fica isso perto dessas idéias de apresentar o sujeito assim? Porque eu não ... eu não sei se eu consegui entender aquilo direito, né, lembra, eu até tentei lá, mas acho que não ficou muito claro.

Carrera: Então, essa é uma frase que ... eu ... eu remeto né, é ... ela ... no seguinte contexto, é ... o ... o artigo lá, é ... usa um capítulo da tese de livre docência e como eu já te falei, eu peguei um ... traçado histórico, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Então, eu iniciava com o Vygotsky, Leontiev e daí por diante. E olha, essa ... essa questão é uma questão que pode parecer tonta, mas que na academia é meio complicado, as pessoas falam assim: "Poxa, o cara fica mudando o referencial teórico", é evidente que a gente muda, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Se a gente não mudasse, ia ficar o mesmo a vida inteira, ia virar um fóssil antes da hora, a ... o que acontece é ... ali, quando eu falei essa frase, ela é baseada lá no Foucault, no **O que é um autor**, pra questionar a autoridade do autor, e a frase nem é do Foucault, é do Beckett, né?

Luzia: Hum hum. Você citou ele...

Carrera: Então, pra questionar a questão ... a fala do autor, por quê? Em 60 é ... se tinha muito forte essa idéia dos autores, né, então, era ... quem praticamente fazia ciências era o ... os autores, né, ciências humanas ... e daí por diante. Então valia muito mais ler Proust do que você, de repente, ler o outro...

Luzia: Desconhecido.

Carrera: Exatamente por causa disso. E aí leva ... leva o Foucault a discutir a seguinte questão: que quando você escreve um texto, enquanto você escreve, a gente poderia dizer que ele é teu, né? Mas quando você solta no mundo, você publica o ... o texto vai ser a tua apropriação dele. Então, ele já não é mais o meu texto, ele é o teu texto. Percebe?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Isso antigamente era feito por mediação do nome do autor, então se é tal autor eu vou aceitar aquilo que ele fala como uma verdade absoluta! Então o quê que os dois, o Beket e o Foucaut estão criticando? Eles tão criticando nessa posição: "ah, não importa que alguém escreveu, agora, o que importa é o que você ta lendo, né, o que você ta concordando, o que você não ta concordando e daí por diante". É ... então, feita essa contextualização, também me pegava numa época em que o ... o sujeito pra mim era o sujeito foucaultiano, quer dizer, um sujeito é ... integral, uno, com as marcas dele e tal, mas não o sujeito fissurado, costurado, não! Né? É ... pulverizado, se a gente quiser e tal, é ... é um sujeito ainda uno, né, como no marxismo, como no cristianismo e daí por diante, né, o sujeito quase que como sinônimo de homem. Tanto é que o Foucault coloca que quando o sujeito nasce, mal, ele termina de falar com discurso, mal o sujeito nasce, ele já ta, já ta sendo anunciada a morte dele! Né? Como, vou dar um exemplo até poético, como se fosse uma imagem desenhada na areia em que o mar vai e vem e apaga, né? Então, é ... realmente essa ida e volta das ondas tem acelerado nos últimos tempos e atualmente, quando as leituras que a gente tem feito mais é ... pós 70, né ... pós [trecho inaudível na fita], vamos dizer assim, Derridé, que tem entrado nessa idade, os pós modernistas de uma maneira geral e tal, é... a gente vai percebendo que esse sujeito do ... do Foucault também não é único, ele é partido, ele é fragmentado, ele é ... uma série de coisas, mas exatamente nisso reside, na ... nos dois, reside no fato do pesquisador apresentar o sujeito...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... né, ou o fragmentado, ou um uno, vamos dizer, é ... representa um lado da ... da constituição ética do documento, agora é evidente que uma pessoa que for ler o texto, vai se apropriar ... como? Vamos pegar um exemplo, é ... escreve-se é ... sei lá, um artigo aqui no Brasil, que é traduzido na França, bem traduzido e tal, e como os franceses vão se apropriar dele? Quer dizer, o ... o que é, o que tava sendo discutido ali é que o nome não importa, importa a apropriação teórica que eu fiz do teórico, então por isso que não ta errado você pensar em que como passageiros de uma mesma viagem o Nietzsche, o Vygotsky, o Leontiev, que compartilham de visões de mundo completamente diferentes, ta certo? A Arendt ... e daí por diante. Por que? Porque importa da leitura da Arendt o que fica pra você, quer dizer, pra mim a coisa funciona assim, funciona menos na ... na figura e muito mais na minha leitura, né? Quer dizer então, essa minha leitura é aquilo que eu privilegio, né? Então é ... e o que os dois tavam falando, preconizando era a morte do autor nesse sentido, dele não ter mais autoridade, é a morte da autoridade do autor. Quer dizer, porque todo mundo queria ler ... José de Alencar é uma autoridade, ele falou ta falado.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Quer dizer, comprava, ia, saia, comprava, agora como o Paulo Coelho escreveu a turma vai e compra e tal... Quer dizer, isso não existe! Quer dizer, porque por mais que você queira a gente põe o nome no artigo, mas isso é bobagem, né? Isso é completamente tonto, porque na verdade o ... as idéias você coloca, você coloca as idéias no mundo pra que o mundo se aproprie delas ou não, jogue fora ou não! Então, aquele artigo foi constituído, quer dizer, por uma falha inicial, até não é falha é ... é que não teria chegado no momento dessa idéia, mas mesmo esse sujeito fraturado, mesmo que na hora que você ta entrevistando, e isso eu não sei se você chegou a pegar, na tese da Ivete ela ... ela entrevista um senhor, que é um problema dele de memória, um problema de qualquer outro tipo, ele ... ele se tocou, se atrapalhou, sei lá, e ele falou coisas que ... não tinham ... lógica, né? E ... lá em Bauru o Vicente falou com a gente, eu não fui, eu mandei um texto né e... no texto eu falei que era uma grande oportunidade esse incidente, eu não tava criticando o depoimento deles, eu tava pedindo pra discutir o depoimento dele, e isso sim, você poderia apresentar

isso ao grupo na reunião, você poderia apresentar uma série de coisas porque foi como ele se apropriou!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Foi como ele lembrou! O fato dele ter misturado tudo já tem um indicador de si que você pode ir lá pegar e falar "oh, ta certo?". Então não é o fato de mudar o que é fragmentado, fragmentado, quer dizer, eu percebi que ele era fragmentado em tais e tais pontos. Então, por que? Por coisa tal, por coisa tal, por coisa tal, fundamentado teoricamente, isso normal!

Luzia: Hum hum.

Carrera: Você não ta acusando o fulano de nada, né? Porém o ... o ... o sujeito hoje em dia e mais do que nunca, ele tem que ser apresentado como ele é, com todas as fraturas dele, ta certo? Porque é isso que vai garantir ao ... ao futuro leitor e ao futuro decodificador daquela leitura como que se lê, como que se enxerga a ... aquela verdade, aquela ... aquela pessoa, né, quer dizer, não como uma pessoa bonitinha, arrumadinha e tal, mas como uma pessoa fraturada geral, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Isso eu acho que tem que ficar!

Luzia: E ... quanto a ... a ... essa fundamentação teórica com relação à história oral, tem algum título assim que você indica já pros seus orientandos de cara assim, que seria uma coisa que daria uma boa noção pra eles?

Carrera: É, aí é ... aí é, estilo ... tem estilo e não tem, né? O ... as pessoas com quem eu trabalhei com história oral, até agora, a única que ... inicialmente pediu, antes do projeto, pediu ... bibliografia pra ... fazer um projeto já dentro da história oral e tal foi a Luciana, os

outros todos, eles foram se chegando à história oral exatamente por conta ... das coisas que eu falava, dos trabalhos que eu desenvolvia, das bancas que eles assistiam e daí por diante. Então não tive é ... essa coisa assim, do orientando que já entra pra trabalhar com história oral comigo, ta? Então, eu falei da Michela, até a qualificação, a Sílvia entrou pra trabalhar com antropologia e mudou no meio do caminho, ta? Bom, isso é um ... é um lado da questão. O outro lado da questão, eu gosto muito hoje em dia e se ... e se a gente pudesse ... indicar textos logo de cara pro orientando, é ... eu tenho um certo receio disso, por algumas razões, mesmo que o orientando esteja convencido, ainda resta por que lado ele vai caminhar dentro dessa história oral. Se ele já tiver convencido que é na sociologia, aí tudo bem! Né, aí eu vou ... agora, se não, eu fico ..., eu quero deixar o cara decidir o que ele quer fazer.

Luzia: Se não você acaba ditando uma direção.

Carrera: É, determinando uma direção. Mas tem dois livros que eu acho que são ... básicos: um é um romance, **O Manual de tapeçaria**, que eu acho que é ... pra essa parte de ... de ler, de entender como que é o refazer da história e tal.

Luzia: Hum hum.

Carrera: É ... é dez! E do outro lado tem ... o ... um livro que saiu pouco, já citei na lista e dificilmente ele é trabalhado, chama **Clio e Psique**, é um ... grupo, são dois grupos na realidade, é ... um de São Paulo e um do Rio que trabalham com junções e ... cisões, digamos assim, da história com a psicologia ou a psicanálise, né? Quer dizer, essas duas ... essas duas coisas aí, eu acho que o livro é ..., no fundo, é ... um livro de ... um congresso! São mesas redondas, na verdade é o ... o ... o texto do congresso.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Então é tudo breve! Né, você não demora muito, mas tematicamente ele ta muito bem dividido, então você vai encontrar lá coisas de psicologia, coisas de literatura, coisas

de história, coisas de sociologia e tal. E é um livro que te abre a cabeça pra coisas que você não tinha pensado e ... é ... eu sempre volto nele, né?

Luzia: Hum hum.

Carrera: É ... é um livro que eu acho que pra uma pessoa que está se iniciando valeria a pena. Pra responder aquela pergunta do Ronaldo de né, que ... qual é a qualidade do lustre né, que a gente tem que ter? Então a idéia ... de lustração, a idéia que varia por aí mesmo, né? Esse livro, ele tem o aspecto geral, aí talvez a gente poderia ir caminhando primeiro, talvez pelo **Usos e Abusos**, pro professor começar a tomar cuidado.

Luzia: Hum.

Carrera: Aí depois outro livro de congresso que é ... **Introduzindo a história oral no Brasil**, eu acho que vale a pena, é um livro muito interessante, né? E aí ... não sei, eu acho que tem gosto, eu gosto mais de trabalhar com a idéia de memória, então pra mim a parte da psicanálise, da psicologia é mais legal e aquele ... **Memória e ressentimento** pra mim é fabuloso. Então tem ... bibliografia hoje em dia até que tem e de boa qualidade! Mas ... é ... precisa ver o que a pessoa quer trilhar!

Luzia: Ta certo.

Carrera: Se não, ela vem pra cá, vai pra lá e depois ...

Luzia: E aí, o que você me falou né, da importância de ter pessoas te acessorando, né, no caderno de campo e tal, que em geral a pessoa consegue esconder coisas de você e aí assim o quê que você ta escondendo de mim?

[risos]

Carrera: Não, eu ... conscientemente nada que eu possa te falar né, essa é a ... a brincadeira que a gente faz com ... com a memória, aquela história da ... da memória permanente lá, como é que é? Um modo voluntário e um modo não ... é ... memória voluntária! Voluntária e involuntária. Na realidade quando você vai entrevistar alguém, ele já vem ... mesmo, vendo ou não vendo, ele já vem se organizando mentalmente pra aquilo, né? Pra falar aquelas coisas, o quê que eu quero dizer? O ... o ego dele recebeu a mensagem de que vai fazer ... vai dar um depoimento de história oral, né, essa mensagem, assim só pra ficar aí, essa mensagem é transmitida imediatamente pro super-ego né, então é ... se incumbe, sem que o ego saiba, né, de recalcar coisas, então se alguém falar: "Escondi tal coisa". Não é verdade! Né, porque a gente não tem consciência ... e como que a gente pode pegar, é ..., pegar esses pontos?

Luzia: Hum hum.

Carrera: Aí a psicanálise dá de novo a dica, quer dizer, são os momentos dos atos falhos, os momentos é ... em que o fulano realmente gaguejar, não aquela coisa ... o nome e tal, ta tentando lembrar, mas o gaguejar realmente pra falar alguma coisa, o ... ou premeditadamente esquecer algo que você sabe que a pessoa participou, né? Então é ... nessa hora a ... a psicanálise te ajuda a identificar,no discurso da pessoa, quem são os recalcados, né, e aí o quê que você faz? Você faz uma tática pra pessoa liberar os recalcados, né? É ... e é essa cena mesmo, que o Freud descreve, ele descreve uma cena em que o fulano ta fazendo uma palestra, todo mundo de terno e gravata assistindo e, de repente, entram duas pessoas berrando na sala, gritando ... e aí, depressa pra eles saírem e polidamente, dois senhores levantam e põem pra fora, né, e fecham a "porta", entre aspas. Isso feito, continua a palestra, mas aí essas duas pessoas que foram postas pra fora começam a esmurrar, gritar, berrar, chutar a porta e tal, de um tal jeito que a palestra não continua, quer dizer, a fala ... entenda bem: a palestra é a fala do sujeito, não continua. Então o que esses dois diletos senhores fazem, se levantam, abrem a porta, fecham a porta, pegam uma cadeira, se sentam do lado de fora da porta, né, e aí impedem qualquer manifestação desses dois, esses dois são os recalcados, né. O palestrante sou eu, né, agora todo o resto que acontece, acontece no meu inconsciente.

Luzia: Hum hum.

Carrera: Quer dizer, conscientemente eu não ...

Luzia: Não se dá conta dessa cena.

Carrera: Eu não dou conta disso, quer dizer, é necessário uma outra pessoa pra se dar conta desses pontos e me chamar ou me dar alguma coisa: "Mas o que quer dizer tal coisa, o que quer dizer tal coisa?". Ta. E aí, de repente, eu me distraio, né, é aí que vem a memória involuntária, eu me distraio e num momento de distração a porta é aberta e o recalcado entra e fala no discurso, quer dizer, aí sim, porque senão toda história oral que a gente pega, ela age dentro da memória voluntária, da memória que eu quero tornar pública, o que eu quero deixar, né? É ... as coisas que eu quero esconder, muitas delas eu já nem mais sei quais são, né, de tão escondidas que ficaram. É ... elas são muito bem policiadas pelo super-ego, sem que eu tenha consciência, sem que o ego se dê conta disso, né? Então, é ... eu não posso dizer que eu tenha escondido nada, não ... eu escondi, né, eu escondi, mas conscientemente eu não posso, quer dizer, é uma coisa assim, é um fato, um fato marcante, uma coisa assim ... nada, eu acho que a coisa ... que talvez eu não tenha falado, mas falei nas entrelinhas é a questão de que ... eu tive a honra, o prazer e a alegria de ter participado de praticamente todas as bancas de história oral, né, do nosso grupo! E isso me fez ter uma visão, como deve ter feito ao Vicente e ao Carlos, né, muito claramente uma visão do grupo, desses caminhos do grupo, pra cada um de nós, pra ver se as nossas se coincidem, né? Bom, isso eu não falei, isso daí eu acho que já tava no texto, no discurso, né, e ... agora não pode, essa coisa de dizer o que esconde é aquilo que eu te falei, né, de uma outra pessoa só me olhando com olhares é ... de ir buscando esses ... pontos pra te falar, pra você poder é ... me cutucar e aí, se eu me distrair, falar. Quer dizer, tem gente que usa táticas! O Carlos usa táticas da pessoa ir levantando, ao acaso, papéis, outras usam da pessoa lembrar ... da infância, porque deixa ... a pessoa ta esperando uma coisa e aí você pergunta outra, ela meio que tem que se reorganizar pra responder aquilo e aí ela esquece um pouco disso e aí então quando você chega aqui não ta tão recalcado, mas, no caso ... no caso né ...

Luzia: E aí é ... lembrando agora né, de uma questão que você colocou no meio da sua fala, que é quanto à metodologia, você tem algum problema de ver a história oral como metodologia? Assim, dentro dos trabalhos, na academia, que a gente faz é ... pensando a metodologia como uma interface assim entre é ... idéias no âmbito teórico e atividades de efetivação do trabalho.

Carrera: Hum hum. Então é ... eu não vejo a história oral ... aquilo que eu tava te comentando, quer dizer, vou até meio que ... meio que repetir, mas a idéia que eu tenho é essa mesma, eu vejo a história oral é ... se construindo e ... e cada um de nós colocando lá alguma coisa nessa construção...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... de qualquer percepção de eremita, se for ver e alargando a percepção, né? É ... aquelas leituras feitas, então ela é uma ... ela é uma ... um construto teórico aí, metodológico em construção mesmo, né, não é ... não é brincadeira. Agora, metodologicamente a gente teria que discutir é ... o uso de etapas formais né e não formais, que eu acho que isso aí é ... complicou ... um breque, é ... inicial. Agora com o ... o que ... tem muita gente que falou o tempo todo que eu falei uma época que vidas não se analisam e tal ..., é, vidas não se analisam, mas o todo, o conjunto pode te dar uma visão pra onde aquelas vidas indicam, né? Onde aquele conjunto indica, né? Essa coisa pra mim fica assim, é ... eu considero que existe um corpo de ciências muito bem é ... delimitado e que a história oral é um quisto, então quer dizer, então ela quer se inserir! Mas como ela própria não tem muita idéia da onde, se é entre história e antropologia, entre história e sociologia nãnãnã, fica aquela confusão danada, né, de onde inserir! Então nós meio que somos uma ... uma forma de olhar, né, o mundo enquanto área de conhecimento, é ... pra não usar a palavra ciência ... propriamente, é ... meio que ... sem muito ... sem muito endereço né, sem muita partição e ... como que isso pode mudar? Pode mudar quando uma série enorme de coisas, ditas ciências caminharem pra aceitar a colaboração de outras ciências, né, que vão aprofundar muito as ciências que eles trabalham atualmente. Vou te dar só um exemplo, é

... hoje em dia a psicanálise estaria bem assim no nível de Freud só, se não tivesse estado no caminho da lingüística posteriormente. Que ... contribuiu violentamente pra isso, quer dizer, como poder analisar discurso e ter técnicas pra isso enfim. Então, hoje em dia como ta se criando cada vez mais, cada vez mais áreas de conhecimento vai chegar uma hora que ... vai explodir, então eu entendo que as ciências vão se compreender não mais como ciência, mas como percurso, percursos científicos em que o oásis vai representar as teorias que eu vou ... consumir. Então, eu tenho esse, tenho esse, tenho aquele e tal, então a ciência que eu faço tem esse percurso, né, não vai ter mais uma região delimitada e isso é tipicamente de uma ciência, volto a usar a palavra, nômade, quer dizer, não tem nunca um caminho certo de como fazer as coisas, o ... o lugar certo por onde começar as coisas e daí por diante. Então eu, eu não sei, eu vejo que ... que a ciência nômade, ela explica hoje em dia a posição da história oral, né, quer dizer, as pessoas caminham! Hoje em dia elas têm um oásis oficial que realmente é a história, né, e tudo o que aconteceu e aí tem um que vai lá pro oásis da antropologia, o outro pra sociologia e vamo embora! Quer dizer, nós estamos fazendo isso: trajetórias! Nossas pesquisas não se caracterizam numa ciência e nem por um método, elas se caracterizam por uma trajetória, nós, da história oral. Quer dizer então, isso eu acho que é importante a gente fixar, porque eu acho que supera um pouco aquela discussão: "é disciplina. Não é disciplina. E tátátá, tátátá, tátátá". Eu quero que não tenha nenhuma ...

[troca da fita]

Carrera: Então, só voltando...

Luzia: Hum hum.

Carrera: ... no que eu tava falando, é ... quando eu escolho áreas assim, né, Educação Ambiental, história oral e tal, eu to procurando lugares que não sejam disciplinas mesmo, constituídas, de terno e gravata e tal, é ... porque essas me ... me ... me dão [palavra inaudível], não gosto delas, eu gosto de liberdade, de trilhar caminhos e daí por diante, né? Então quando eu vejo alguém defender que história oral é disciplina eu fico nervoso, né,

porque eu não quero disciplina e se ela virar disciplina eu vou embora, vou procurar outra coisa, eu quero explodir disciplina, né, e ... e só método é muito pouco, né e só método ... porque ... não é, não é.

Luzia: Ta certo.

Carrera: Ela é um pouco mais do que isso.

Luzia: Bom, era isso.

Carrera: Era isso?

Luzia: Muito obrigada.

Carrera: Gastou uma fita?

Luzia: [risos] Obrigada mesmo.

Carrera: Obrigado ... você ter me feito ... todas as perguntas e, de repente, ter podido lembrar de tudo isso, né, e aí a gente vai fazendo junto uma avaliação dos caminhos e tal, ... eu acho legal! Eu ... eu tava brincando, não sei se você reparou, eu falei pra Gilda: "nós vamos experimentar do nosso próprio veneno", né, porque sempre tive a impressão que quando ... você sai de uma entrevista o ..., e isso ... é claro que é verdade, o entrevistador sai mudado e o entrevistado fica mudado na medida da tua inserção naquilo, naquela sessão de ... de entrevista, mas o que fica depois ..., né, remoendo por dentro, quer dizer, pro pesquisador fica: "Eu devia ter feito aquela pergunta, eu devia ter dito aquela coisa e tal", né?

Luzia: Hã hã.

Carrera: E ... e o entrevistado a gente sempre supôs que ficasse alguma coisa que não contou, que talvez fosse importante e tal, é impossível lembrar tudo! Então é ... eu acho que esse trabalho é um trabalho de reconstrução interna muito interessante, né? E ... e agora eu vou ver, eu falei, vou experimentar o veneno agora.

Luzia: Ver o que acontece!

Carrera: Vou ver o que acontece.

Luzia: Desligar aqui...

<u>Transcrição da entrevista com Rosinete Gaertner.</u>

Luzia: Entrevista de 16 do 1 de 2005 ligada ao ... à pesquisa História oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundantes. Bom, eu queria antes de tudo assim, que você se apresentasse da forma que você quiser...

Rosinete: Ok. Meu nome é Rosinete Gaertner, sou professora na Universidade Regional de Blumenau, já ... na universidade eu já to há quinze anos, na verdade eu comecei a dar aula em 1976, ta, quando eu tinha 16 anos quando comecei a dar aula.

[risos]

Rosinete: E ... aí depois eu vim pra universidade trabalhando com Cálculo Diferencial e Integral, Práticas de Ensino, aí fiz mestrado em Educação e depois eu vim então, em 99 eu vim como aluna especial pra fazer a ... uma minha primeira disciplina aqui na Unesp, em 2001 vim como aluna regular e terminei o doutorado em 2004. Amém!

Luzia: Amém.

[risos]

Luzia: Então, eu queria começar é ... falando com você... assim ...

Rosinete: Hum.

Luzia: ... é ... quais os primeiros contatos que você teve com a história oral, como é que ela aparece no teu trabalho e se isso teve um significado pra você, assim?

Rosinete: A história oral apareceu na tese de doutorado, né? A primeira proposta seria trabalhar, na verdade, com entrevistas, aí em conversas com o Vicente, né, eu também coloquei pra ele ... a gente discutiu ... parte do projeto de pesquisa, aí ele disse: "Ah, você vai trabalhar com história oral, com certeza!", né? Eu não sabia nada de história oral, então aí, primeiro eu tive que me informar sobre o quê que era história oral, ler aqueles básicos, né, **Manual de História Oral**, o livro da Ecléa Bosi e assim outros pra começar a me situar, pra realmente depois começar a trabalhar com a história oral, porque durante as disciplinas que eu fiz aqui na Unesp, nenhuma tratou da história oral, nenhuma, então as informações ...

Luzia: E você pegou alguma ligada com história assim...?

Rosinete: Não, a ... de, eu tinha feito a história da Matemática, no mestrado e não aqui, essa eu fiz durante o mestrado, mas não história oral, então eu não tinha experiência alguma, eu não sabia nem o que era história oral, sabe? E aí aos poucos, através das leituras, das discussões com o Vicente a ... principalmente o que me ajudou bastante é ... na biblioteca, a biblioteca da URB é muito boa e aí eu encontrei muita coisa pra ler sobre história oral, dentro da área de história. Aí eu fui me informando e discutindo com eles.

Luzia: E aí você tem ... tinha, depois desses primeiros estudos aí uma concepção de história oral? Ela mudou de lá pra cá?

Rosinete: É, desde o início ficava aquela ... aquela dúvida, né, história oral seria mais uma técnica, seria uma metodologia? No inicio, sabe, isso é bastante interessante, quando eu fiz a primeira entrevista, se eu for olhar agora pra ela, eu percebo assim que eu tava muito mais dogmática, tentando aplicar a técnica na verdade! Só que logo mostrou que isso foge da ... pra mim a técnica é muito pouco, a técnica é uma receita praticamente. Você pega, segue e não tem que dar errado, a não ser que você fugir da receita e aí eu percebi que a história oral não ... não... realmente, envolve muito mais coisa! Cada entrevista é única, é ... em cada depoente, ta, você vai encontrar um campo de trabalho muito grande e... e ... você, falando com eles, você vai aprendendo muito, você vai aprendendo a ... a não só querer saber deles as informações, o que faz uma entrevista, que simplesmente quer arrancar as informações, na verdade, vai ... vai ser uma troca mútua, você aprende com eles, você consegue as informações que fazem parte do teu trabalho e de outro lado há toda uma questão de respeito, de envolvimento pessoal até, tá, e numa só técnica isso não ficaria, porque numa técnica de entrevista, eu penso assim oh, se você vai entrevistar alguém, é totalmente impessoal, você vai com um roteiro pré-definido, pergunta, resposta, acabou, fechou, vai embora.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Na história oral não é assim, você acaba, porque durante a ... a ... essa parte do depoimento, eles vão te revelando muitas coisas da vida deles, você acaba discutindo coisas que estão, sabe, que te envolvem também, porque fazem reportar à sua vida [risos], então eu achei muito interessante, eu aprendi muito, eu percebi isso. Comparando a primeira entrevista com as últimas, eu já tava, sabe, eu aprendi muito mais a ter mais paciência pra ouvir mais e aprender mais. Com certeza há uma evolução!

Luzia: E tem alguma coisa que você considera assim, que é característica de um trabalho que se vale da história oral de alguma forma. Eu olho pra um trabalho e sei que o trabalho é de história oral por causa disso. Tem alguma coisa assim?

Rosinete: Olha, eu acho que sim, pois pelo fato de você dar voz ao depoente, é a idéia dele que tem que estar ali, não é, na entrevista, muitas vezes, quando você dá voz ao depoente, você só vai buscar informações que realmente te interessam pro trabalho, não interessa o restante, enquanto que num trabalho de história oral você dá voz ao depoente, respeita as idéias dele, ta, e ... e muitas vezes, eu acredito que ... nessas idéias apareçam coisas ... até que não são tão pertinentes ao teu trabalho, mas que vale a pena você deixar, incorporar ao depoimento, porque elas revelam muito sobre as informações, elas justificam muitas vezes aquelas informações, porque que foram dadas dessa maneira. Eu acho que diferencia sim, eu vejo muito a diferença entre uma simples entrevista, eu tive um ... um ... uma depoente, ta, e quando eu fui conversar com ela foi muito interessante, porque eu expliquei pra ela como seria e ela disse assim pra mim: "Olha, teve uma moça aqui, uma jornalista que veio fazer uma entrevista comigo e foi publicada essa entrevista e eu já vou dizendo se você vai fazer igual, eu não gostei. Não quero que seja feita.". Aí eu fui atrás dessa entrevista, porque ela não me passou, sabe...

Luzia: Hã.

Rosinete: ... ela só me disse isso e eu acabei encontrando porque ela me disse em qual publicação saiu. E ... realmente, porque que ela não gostou, porque era aquela pergunta, resposta, seca. Ela mesmo disse, várias informações que ela tinha dado, adicionais, que justificavam as posições que ela tava tomando, não foram consideradas. Então ela ficou magoada, sabe, muito magoada. E já na história oral não, a gente procura realmente incorporar a fala das pessoas e não fazer esse tipo de corte.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Eu acho que isso é importante.

Luzia: E esse respeito que você fala com o depoente, né, que ele expressa pra você no momento da entrevista, você diria que tem alguma coisa a ver com aquelas relações que a gente fala no grupo, que existem relações ou procedimentos éticos.

Rosinete: Éticos, exato, tem muito a ver. Eu acho que ... ah, tem uma publicação da ... da revista História ..., a revista História de ... eu teria que pegar o nome correto. Até fiz uma ...

Luzia: Acho que **Nossa História**?

Rosinete: Não, não, é uma outra revista que sai ... que é da faculdade de História, acho que da USP e até fiz uma cópia pro ... pro Vicente, a História Oral e Ética, sabe? O volume todinho da revista discute isso, tem vários artigos, foi muito bom pra mim ler aquilo ali, sabe? Eu acho que tem muito a ver sim, a parte ética é extremamente ... a ética que eu falo é profissional do pesquisador, ela é muito importante, você respeitar a ... e colocar realmente

no trabalho, as justificativas daquela pessoa e também, às vezes, você ter que suprimir quando eles pedem. Quando muitas vezes você faz um texto e vai apresentar, quando você vai ler pra conferência, né, você vai conferir com ele e ele diz: "Olha, isso aqui eu falei, mas foi num momento de ... de raiva, eu expressei de tal forma e eu queria que você modificasse", e você respeitar, porque afinal de contas, a entrevista é dele, o depoimento é dele...

Luzia: Hum hum.

Rosinete: ... não é seu, é isso que faz a história oral, o respeito ao depoimento dele, mesmo que depois ele queira modificar o que ele tenha gravado, fica aquilo e depois diz: "Não, me arrependi, eu não quero, eu não fui claro." Tudo bem, você tem que respeitar.

Luzia: E quando você fala assim pra mim é ... dessa relação, desse respeito, desse aprendizado mútuo, da importância de ter uma ... uma relação com o depoente que me lembra de uma discussão que teve na lista há pouco tempo, acho...

Rosinete: Hum hum.

Luzia: ... de distanciamento.

Rosinete: É.

Luzia: Estranhamento. Como que você vê isso nessa relação do entrevistador com o entrevistado?

Rosinete: Essa questão de distanciamento, ela é bastante intrigante sabe, é [risos] mais fácil falar do que na prática acontecer, eu penso. Na verdade não há uma neutralidade, você acaba se envolvendo e você acaba tendo as tuas concepções que, muitas vezes, não estão de acordo com aquilo que está sendo colocado, né. Há ... eu procurava até manter um certo distanciamento, no sentido de não me envolver durante as entrevistas na ... quando for pra ... partir pra questões pessoais, uma coisa assim, procurando voltar ao trabalho, né, mas havia momentos em que realmente você dá a sua opinião, você realmente tem um pressuposto sobre aquilo ...

Luzia: Hã hã.

Rosinete: ... e não tem como você, sabe [risos], você acaba soltando. Isso nas gravações é muito nítido que você diz: "Puxa, porque que eu falei isso, né?"

Luzia: Hã hã.

Rosinete: "Devia ter ficado de boca fechada nessa hora, mas eu falei, sabe!" [risos]. É, às vezes a ... cita um caso e você lembra de outro que aconteceu com você e você faz um comentário que você diz: "Puxa, podia fechar a boca, que não precisava ter falado isso", né? Mas você falou, quer dizer, essa história de distanciamento, envolvimento é bastante complicada.

Luzia: E você acha que tem que ter? Assim, ao menos teoricamente, apesar de não conseguir aplicar agora e tal, ter que pensar nessas discussões, ou não? Você acha que é um momento de interação mesmo...

Rosinete: Eu acho que é um momento de interação e nós somos humanos. Não acho que aconteça isso, por mais que você queira. Essa coisa de pesquisador distanciado, só focando o objeto de pesquisa, não sei, acho que essa teoria seria um pouco antiquada, já passou, querendo ou não acho que é bastante ... não digo que você tenha que ter esse envolvimento total, é claro que você não pode perder o foco da ... do ... não pode deixar de realmente centrar o seu olhar, de procurar ser ... lógico, querendo ou não somos matemáticos, [risos] somos da Matemática, né? Mas, por outro lado a parte humana é muito forte, querendo ou não é muito complicado, o ser humano é um ser muito complicado.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: E muito complexo! Então eu acho difícil, essa história de não se envolver é complicada.

Luzia: Não dá pra submeter ou deixar de humanizar, sei lá, esse processo em nome do que muitos chamam na academia de rigor científico e tal.

Rosinete: É, a questão é o quê que é o rigor científico? Porque você falar de rigor científico num laboratório fazendo experimentos, um, dois, três, mil vezes aquele mesmo experimento e só colhendo os dados, é muito fácil falar de rigor científico. Agora, quando você envolve pessoas, sentimentos, memória, formação, isso é muito complicado, eu acho que é difícil, não quer dizer que a gente daqui a pouco vai dizer: "Ah, tudo que foi falado é verdade!", não é a questão da verdade, ta, mas é a questão de realmente ... eu concordo de ... se a informação não está correta, porque foi dada dessa forma? Então aí entra o rigor científico, de verificar o que fez produzir aquela informação incorreta.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Muitas vezes a pessoa acredita realmente que ela tinha a informação correta e não era!

Luzia: E, na verdade, não era... [riso]

Rosinete: Era a verdade dela, mas muitas vezes não, aconteceu isso comigo de eu perceber que a pessoa não estava dizendo realmente ... ela sabia que o que ela tava dizendo é ... é uma forma dela fazer acreditar, que eu acreditasse que aquilo era verdade e eu sabia que não era. Sabe? Então há um motivo, eu acho que por aí que passa o rigor científico e passa o cuidado do pesquisador, dele procurar justamente é ... esses, sabe, o que está atrás a ... e aí estipular um certo rigor científico.

Luzia: Hum hum. E aí assim, eu tava olhando esses dias pras entrevistas que eu ... tive fazendo, né, e ... você acha assim, olhando pra Educação Matemática, esse movimento, esse

grupo de História oral e Educação Matemática, que a utilização desse recurso dentro da Educação Matemática, ele ... mostra uma mudança de pensamento assim... você pensa nisso? Porque até então, quando você falava de história da matemática, que muitas vezes vem junto com a história da Educação Matemática...

Rosinete: Hum hum.

Luzia: ... tem gente que não diferencia muito. É ... vem com uma idéia clássica de história, de verdade que hoje em dia esse grupo abre mão, de certa forma.

Rosinete: Hum hum.

Luzia: Não sei, além disso, você vê alguma mudança de ... percepção, de olhar a Educação Matemática pra que esse movimento se torne possível?

Rosinete: Eu acredito que sim, que está havendo uma evolução e o próprio grupo de história, eu acho que ta percebendo isso e ta começando a ... eu tive agora um contato com uma colega, né, do grupo, que era do grupo de história da ... da Unesp, já terminou, e ela me disse agora em dezembro: "Olha, eu to orientando a ... uma pessoa, uma aluna do mestrado e que ta trabalhando com história oral.".

[risos]

Rosinete: É ... eu disse: "Olha! Interessante, né!", ela vai usar a metodologia da história oral, né, e ta sendo bastante interessante, quer dizer, a ... eu acredito que aquela história a ... tanto da Matemática e da Educação Matemática também tava acontecendo isso, a gente tem obras ali dentro da história da Educação Matemática, não vou citar nomes, né, apesar de [trecho inaudível], mas a ... aonde é baseado em documentos, em publicações de outros pesquisadores e tudo mais, só essa história eu acho que não é mais suficiente, ela não está dando conta, ela ta percebendo que há a necessidade realmente, eu acho que aí entra o que o nosso grupo ta fazendo, de usar a história oral, né, não pra preencher lacunas, mas pra discutir também, o Vicente diz: "Também pra preencher lacunas.", ta, mas principalmente é essa outra história que não ta aparecendo, que não conta, às vezes, na história dos documentos. Isso eu percebi muito na minha pesquisa, havia toda uma história que está com as pessoas, que não ta registrada nos documentos, agora, por exemplo, eu to começando um projeto lá de pesquisa, vamos até ver se dá pra fazer com iniciação científica, com aluno da graduação, nós temos um curso lá em Santa Catarina, quando termina a ... quando ocorre a nacionalização do ensino, em 1938 e fecha as escolas alemãs por falta de professor, eles criam um curso chamado Curso Complementar, em dois anos pra formar professores, só que não tem nada registrado, praticamente, desse curso. Sabe? Então o que eu encontrei, tipo assim, eu até fui olhar a parte do documento, eu gosto de olhar a parte documental, afinal de contas o quê que era isso, né? O que você encontra? São portarias falando do curso, são, nas escolas, o currículo das disciplinas, chamado curriculares ???? das disciplinas e mais nada, sabe? Mas o que era o curso, como ele funcionava, que profissional ele formava, nada. Só dizia que também ele faria isso. Então eu vou trabalhar com alunos que fizeram esse curso e que se tornaram professores, eram professores das escolas rurais, basicamente formava professores de escolas rurais em dois

anos. Como eles faziam isso depois de quatro anos de ensino primário e mais dois anos de Complementar, essas crianças tinham doze, treze anos quando se formavam, como eles se formavam professores, eu não tenho a mínima idéia, vou descobrir agora.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Na pesquisa, porque não ... eu acho que ... é isso que ta fazendo a história oral, sabe? Abrindo muitos campos de pesquisa que até então ...

Luzia: Não tinha.

Rosinete: ... não tinha.

Luzia: Certo. E ... que você tava falando agora né, dessa questão acadêmica, do que é rigor no mundo acadêmico e eu lembro das disciplinas que eu fiz e em algumas delas surgiram discussões sobre história oral e há algum ... alguns questionamentos sobre o que é ou não científico, né. E aí, o que ... você já ouviu alguma coisa sobre isso assim, alguns questionamentos se a história oral seria ou não realmente científica. Quê que você pensa disso assim?

Rosinete: Não, eu não pensei nisso não, Luzia. Eu tenho lido bastante como eu te falei, na Universidade, dentro do campo da História da ... da História, eles tão já falando de história oral há muito tempo e eu procurei fazer muitas leituras ..., pelo acesso que eu tinha às informações dentro da Universidade eu acho que eu fiz muitas leituras lá, dentro do campo da História, eles já organizara congressos de história oral e tudo mais. Eu acho que lá essa ... essa discussão já avançou, eu não ... não percebo nas leituras que eu fiz, alguma dúvida de que realmente é ... é dentro do campo científico, é respeitado, sabe...

Luzia: Hã hã.

Rosinete: ... tem um certo respeito e validade.

Luzia: Então você não percebe resistência quanto a essa produção de conhecimento com história oral?

Rosinete: Não, não, dentro do ... da ... do campo da história, eu acho que isso já ta ... as leituras que eu fiz, eu vi assim, desde a década de 80 no mundo todo já estava bastante desenvolvido. Houve no início sim muita resistência e conforme você vai fazendo leituras, você vai atualizando e vai percebendo que cada vez menos as pessoas já colocam [trecho inaudível], lá pra eles isso é muito claro. Tanto é que dentro da minha Universidade, eu te falei? Tem uma professora da área de História, ela tem lá o ... um Centro de Memória, ela criou dentro da Universidade um Centro de Memória e trabalha com alunos da graduação, ela trabalha com história oral, ela ta fazendo, ela tem, eu acho que já tem ..., a última vez que eu conversei com ela, eles já tinham mais de duzentas entrevistas.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: E ... eles, tipo assim, quem eles entrevistam, o quê que eles tão guardando, ela ainda tem muito aquela ... concepção de documentação, ta? De ... a ... obter documentação para futuras pesquisas que, muitas informações as pessoas têm, não ficaram de outra forma registrada, ou são registradas de maneiras diferentes, que depois é possível fazer esse cruzamento, né, de olhar e ... ela trabalha, tipo assim, há um ..., das mais variadas entrevistas, eu procurei olhar toda a relação de entrevistados deles, né? É muito interessante, então ela tem desde um agricultor de cem anos de idade, sabe, que viveu a vida inteira numa localidade bem no interior e ela tem toda a parte dele contando, aí ela trabalha com história de vida e dentro da história de vida aparece todo um sistema de ... familiar, que hoje em dia a gente percebe que perdeu-se com o tempo, mudou-se né... as concepções foram modificando e ... ela entrevista, por exemplo, um radialista que começou com a primeira rádio em Blumenau. Então tudo que ela vê motivo, sabe, ela acha importante a parte de geração de documentos, de trazer esse conhecimento à sociedade.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Futuramente o que a sociedade vai querer fazer com essa..., todo esse conhecimento, que tipo de trabalho, ela diz: "Isso é pras ... pras futuras pesquisas depois.". Cada um vai poder, sabe, trabalhar como quiser. Ela ta montando o Centro de Memória.

Luzia: Enquanto ela vê uma possibilidade, ela ...

Rosinete: Exatamente. Né, porque eu achei estranho porque eu trabalhei com a história oral dentro de um projeto bem definido, então ta era temático, eu queria aquilo! Ela não tem isso, ela não tem, o grupo dela trabalha simplesmente ... a ... histórias de vida, basicamente.

Luzia: Mas ela não ta fazendo um curso específico, ela ta trabalhando numa ..., ela não ta ligada a um mestrado ou um doutorado, agora, pra esse projeto?

Rosinete: Não, não ta.

Luzia: Porque eu acho que isso dá uma liberdade maior assim, né?

Rosinete: Ela não está, ela tem esse Centro de Memória, ela tem alunos pesquisadores, né, da graduação e da pós graduação com ela, também, mas a ... até alguns deles trabalham com projetos, né, mas ela ... não tem essas amarras. Ela ta trabalhando em torno de tudo, ta ficando tudo na ... nesse Centro de Memória, que agora inclusive tão conseguindo local próprio, com todas as condições de manter. As minhas fitas devem ir pra lá, só não foram ainda porque ainda não ta pronto. Porque construíram uma biblioteca nova e o Centro de Memória vai ter, dentro dessa biblioteca, toda uma área climatizada. Aí as minhas fitas vão pra lá.

Luzia: E aí elas estão com você, as fitas?

Rosinete: Elas estão comigo, eu deixei, eu fiz cópia, praticamente de todas. Pra cada entrevistado eu dei uma cópia e eu fiquei com uma outra, né? Aí então, para esse Centro de Memórias, eu devo então, passar essas fitas e ... uma cópia das transcrições literais. Vou

ficar com as transcrições apenas, não vou ficar com a fita porque a nossa região é muito úmida, se eu ficar com as fitas, apesar de eu ter colocado em caixa de isopor, guardadinho, ta.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Elas ...

Luzia: Não duram muito tempo.

Rosinete: Ela ... perde logo, as nossas fitas cassete, às vezes em três, quatro anos estão estragadas, elas emboloram.

Luzia: Ah.

Rosinete: Elas pegam bolor dentro das fitas e temos que jogar no lixo. Por isso que ... a gente tem que ter um local adequado pra ... pra fazer isso.

Luzia: E aí você disse que disponibilizaria essas fitas e as transcrições?

Rosinete: As transcrições literais. Isso ela me pediu, inclusive, porque eu tava conversando com ela, né, e ela falou assim: "Ai, me dá as transcrições também!", né, claro, porque as pessoas têm acesso muitas vezes, vai ouvir as fitas, mas também já vai ter acesso às transcrições.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Ela também, todas as entrevistas que ela tem, ela libera ambas. Ta? E ela toma bastante cuidado também, porque pelo que nós comentamos, quando alguma pessoa (que aconteceu comigo, né?) censura uma parte da entrevista, não quer que seja... ela também deixa registrado na fita aquilo que não pode ouvir, isso ... não ...

Luzia: Hum, isso eu queria ver com você, que é assim, tem algumas pessoas que recortam e outras não, simplesmente marcam o tempo, né, e colocam que tem alguns trechos que não podem ser usados.

Rosinete: Não, eu não recortei, ta, eu só vou... eu só fiz isso, né, na transcrição literal, eu simplesmente coloco que durante tantos minutos, ta, houve ... a pessoa não permitiu que fosse publicado e na fita eu faço o registro do tempo ali, do tal tempo, porque dá pra contar, né, os gravadores grandes, eles fazem a contagem, os nossos pequenos não fazem, mas os grandes fazem. Aí dá pra marcar aquele tempo ali que a pessoa não teria acesso. No Centro de Memória eu não sei como é que eles fazem esse controle, ta, porque ela mesmo disse que, no momento, as pessoas tiveram mais interesse nas transcrições, às vezes, literais do que nas ... gravações. Talvez pelas próprias ... ta, ainda o Centro ainda ta em ... se organizado, então eles mesmos estão procurando não permitir tanto a saída das fitas. Mas agora então, com as novas instalações não, aí eles devem ser mais profissionais.

Luzia: E na transcrição você coloca tudo também e só avisa os trechos que não podem ser usados?

Rosinete: Exato. Não, na transcrição eu fiz o seguinte na ... quando eu fiz a transcrição literal, eu fiz completa, pra mim, mas na hora de eu disponibilizar pra outras pessoas, ta, eu ... eu retirei, eu retirei. Inclusive porque na minha tese tem um CD que a banca recebeu com as transcrições literais, na tese tem. Eu falei da banca porque eu fiz cópia também pra cada depoente meu, cada um ganhou uma cópia da minha tese, aí eu dei o CD com o álbum de fotos e documentos, porque são muito grandes e ... mas aí no caso, cada depoente ganhou a sua cópia da fita e mais a transcrição literal, ele ganhou completa. Mas a que eu disponibilizo e vou disponibilizar pra outras pessoas, na transcrição literal só vai ter a informação de que um certo trecho foi ta ... no caso, censurado, não vai poder ser ... usado.

Luzia: Ta certo. E, pensando na Educação Matemática, você conseguiria me falar no que seriam contribuições? Dentro desse recurso da história oral.

Rosinete: Bem, dentro da Educação Matemática, eu acho que tem áreas que, com certeza, vão ter grandes contribuições. A parte da formação de professores, eu acho que ... não ficou a ... dentro da ... no Brasil, quando se fala em formação de professores se privilegiam as leis que ... vão executar ... porque que tal coisa ocorreu, mas a forma como isso foi feito não ... não ficou, não está claro, não foi discutido, na verdade. Então eu acho que dentro da formação de professores, no desenvolvimento profissional do professor, na própria história da matemática escolar ...

Luzia: No sentido de que vem à tona, né?

Rosinete: Que vem à tona. Eu acho que assim, que ela tem um campo, eu vejo, sei lá, assim umas idéias de pesquisa que eu pretendo usar história oral ainda, ta? Porque eu vejo que ela realmente é adequada! É a que vai me possibilitar entender, ta, e resgatar e ... e analisar e trazer a outras pessoas o que aconteceu. Que são histórias que muitas vezes não ... como eu te falei desse Curso Complementar. Lá na minha região muita gente fez o curso complementar, muitos não foram professores nas escolas rurais, mas os que estavam nas escolas rurais eram esses ... eram essas pessoas, que fizeram esse curso. E, no entanto, nunca foi discutido, não foi feito nada, as pessoas hoje em dia não tem mais conhecimento disso, que esse curso aconteceu e quem fez esse curso era o pessoal ali da década de trinta, da década de trinta e quarenta, ele encerra no início da década de quarenta, meados da década de quarenta, quarenta e seis chega o curso normal e aí ele é encerrado. E o curso normal que eu falo no interior, porque o curso normal praticamente, em Santa Catarina existiram sete escolas em todo o estado e formava simplesmente os professores das escolas de elite, na verdade. Né, as pequenas escolas rurais não tinha, eram leigos "então vamos dar o Curso Complementar" e isso ainda não foi feito. Então eu vejo assim, que dentro de determinadas áreas, ao menos na minha realidade, a história oral vai ser muito, muito ... ela vai ter uma contribuição.

Luzia: E aí quando você fala disso, e discuti isso com o Carrera, que é assim, como que ficaria hoje em dia, porque eu to com uma dificuldade e é positivista ainda, eu falei pra ele.

[risos]

Luzia: Como que ficaria hoje a história oficial, porque antes ...

Rosinete: Ai, não me fala de história oficial porque hum, me lembro na qualificação eu levei cada paulada com a história oficial, porque eu tinha botado no meu que era história oficial e a Angela...

Luzia: Que era?

Rosinete: Porque, pra mim, isso não tinha, não tava claro na minha qualificação, foi muito boa a minha qualificação porque aí houve discussão, o Carlos Vianna e a Ângela Miorim da história oficial, porque eu usava esse termo num ... no documento que eu apresentei na qualificação. Porque pra mim, a história oficial é aquela ... a história, não a história que está nos documentos, mas é aquela que foi perpetuada. É claro que a história que está nos documentos, aí ela já avisa: "História oficial é a que está nos documentos", aí depois o Vianna disse: "Não, não é só essa!". Pra mim, a minha visão era essa ta, essa que também é perpetuada, é a que é contada, é a que é reproduzida depois nos livros didáticos...

Luzia: Hã hã.

Rosinete: E ... na TV, em documentários depois, e ... essa é a história oficial, né? E é muito interessante porque, isso eu acho que é ... é uma grande característica da história oral, ela mostra que a história foi feita de várias facetas, aquela que fica, às vezes, como oficial é uma delas e essa... a história oral permite então, quer dizer, as outras facetas.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Falar de história oficial como sendo a verdade, isso não tem sentido, sabe, a verdade depende de quem olha, de quem produziu aquele fato.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Né? Porque tem um sentido, porque ... eu comento isso na tese, né, porque que alguns documentos foram guardados e outros não foram? Quer dizer, há um jogo político, há uma questão toda porque que se guarda uns documentos e outros não se guardava e aqueles que foram guardados é que, de repente, esses são os oficiais e trazem a verdade, não é assim. Então, há ... essa preocupação de produzir uma história oficial, eu procuro, ta, como eu trabalho com história oral, de produzir história, sabe, ter a história e é uma faceta da história, ta. É claro que ocorre, voltamos a dizer, não quer dizer que você não vai muitas vezes, por isso que eu gostei de usar documentos, não é pra mostrar que aquilo é verdadeiro, mas você tendo vários pontos nas mãos, você começa a ter uma visão mais ampla e você tira as suas conclusões e que é ... são as suas. Eu olho de uma forma e tiro uma conclusão, você olha de outra forma e tira outra conclusão.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Mas ela possibilita isso! Mais olhares e não um único olhar. Aquela história que nós estudamos no ... no ... nos colégios, na história do Brasil, meu Deus, é ... ela teria que ser reescrita praticamente. Pena que todo mundo já morreu, eu não esqueço que foi um choque pra mim quando eu tinha dezoito anos, eu fui numa excursão pra Minas Gerais e tive em Tiradentes, Ouro Preto e ... aí então chegamos lá numa casa muito antiga e um guia que tava lá conosco e era uma pessoa bem ... era ... amigo de um ... do grupo que eu estava junto, então era um grupo de ... de turismo, né, e esse, era um senhor de idade e... foi como guia só pra mostrar a cidade porque ele era amigo de uma das pessoas do grupo, não era guia oficial.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Que disse: "Olha gente, aqui nesse cartório ta registrado, tem um documento aonde o Tiradentes registra uma filha depois de quatro anos morto.". Já foi feito um estudo da assinatura dele e confere, já estudaram direto a assinatura dele, não foi ele que foi morto lá e esquartejado! Pra mim aquilo foi um baque com relação a história oficial. [risos]

Luzia: Uau.

Rosinete: E ta ali o documento, ele registrou uma filha quatro anos depois de ter sido morto e esquartejado e ... e foi feito o estudo grafológico, a assinatura é dele, tudo indica [trecho inaudível]. Quer dizer, quanta coisa também que a história oficial traz e ...

Luzia: Que deixam de lado.

Rosinete: Outras que deixaram de lado, quer dizer ...

Luzia: E aí, eu queria ver sobre uma questão que surgiu, eu acho que, na defesa da Silvia, que é a questão de ser ou não historiadora, né, usando a história oral. Como você vê isso?

Rosinete: É muito complicado. É muito complicado porque eu não tenho formação de historiadora, eu não tenho e ... e eu não sei se somente com leituras, eu acho assim, sou um estudioso, um pesquisador que usa a história oral que é uma metodologia de pesquisa que trabalho, muitas vezes, fazendo um trabalho dentro da história, mas eu não me vejo como historiadora, ta? Porque fica difícil isso, mas porque também eu não me vejo como ao menos uma historiadora que eu diria ... completa, né? Porque me falta muita coisa, muita leitura, eu tenho pouco conhecimento da área, eu conheço a história oral, mas dentro da própria história ta, outras metodologias de pesquisa que eles usam, eu sei muito pouco. Então eu ... eu sou, digamos, uma historiadora e entendo quando eu falo de história oral, mas falar: "Você é uma historiadora!", pára um pouquinho, acho que falta muito, eu sou uma aprendiz ainda, eu to aprendendo, mas eu sou uma aprendiz de historiador. Eu tenho procurado ler bastante coisa dentro da área de história também, já que eu sempre gostei da área de história, sempre ... se eu não tivesse feito matemática, eu acho que teria feito história e ... mas eu percebo assim que falta ainda muito conhecimento, porque eles têm toda uma evolução, toda uma discussão que valeria a pena a gente olhar um pouquinho também, né, nós trabalhamos com história oral, acho que deveríamos olhar.

Luzia: E você acha assim, que pra trabalhar com a história oral é ... seria necessário ter ao menos uma visão da história, do que é a história?

Rosinete: Eu acho que sim. Deveríamos, se nós estamos trabalhando com a história oral e vamos permanecer, eu acho que nós temos que aprofundar as nossas ... nossas mentes, alargar o nosso campo de visão. Querendo ou não porque o pessoal lá da história, como eu disse, ta trabalhando muito com a história oral, então é ... o que ... eu penso que alguns conhecimentos ali, não são todos, mas é preciso ter o ... saber o que eles já fizeram, o que eles já discutiram, sabe? Eu entrei na área deles, e depois eu vou ser chamada, eu acho, a tomar posições, a ...

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Eu to procurando fazer isso, não sei se ta dando certo, mas ... eu gosto muito da parte histórica, realmente, falar da revista Nossa História, saiu a reportagem sobre história oral, não sei se tu chegaste a ver.

Luzia: Não.

Rosinete: Em uma delas, eu tenho a revista, fala sobre a história oral. Não sei o número da revista, tenho que olhar.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Eu andei comprando algumas lá que me interessavam e elas têm um artigo sobre história oral.

Luzia: E você chegou a discutir assim uma definição de história pra você, a sua visão de história oral no trabalho ou agora, você consegue ter isso mais claro?

Rosinete: É, no trabalho eu chego a olhar a parte da ... do desenvolvimento histórico da história, mas ... eu acho que pra aprofundar eu teria que saber mais ainda. Eu procurei falar de história, memória, eu procurei, não digo que foi aprofundar, eu fiz uma discussão, mas eu não porque ainda ... pra ... pro momento foi bom e foi suficiente.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Mas eu teria que aprofundar mais.

Luzia: E como você vê a história?

Rosinete: Eu ... acho que no ... Marc Bloch fala isso, porque a história é a história dos homens, é a história de vida dos homens, sem os homens é impossível a história. Na verdade a origem dela é a forma do homem, né, fazer o registro da sua existência. Eu acho bastante interessante, porque é o que a gente ta fazendo, né?

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Fazendo de alguma forma, seja a gravação, seja o documento, o porquê que tem que deixar registrado o que aconteceu, deixar registrado as pessoas, a ... porque até a forma de contar, né o pessoal que trabalha com história oral conta que procura preservar a cultura, os costumes, então eu acho que você trabalha num campo interessante dentro da história oral, porque a gente faz muito história oral de vida e temática, né, e a tradição oral ainda ... é pouco ... no Brasil é pouco trabalhada, eu acho.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: E que seria interessante a preservação de culturas através da ... a... não do documento escrito nem do documento, no caso, as gravações, mas a forma de falar, de pai pra filho, geração após geração vão mantendo aquela forma de cultura, né ...

Luzia: Porque seria mostrar a visão de um grupo que sobreviveu assim, de pessoas que já...

Rosinete: Exatamente, quer dizer, é isso que faz a história, é isso que torna bonita a história e acho que é isso que ta inculcando o desejo, deixando as pessoas cada vez mais interessadas na história. Eu percebi agora com o meu trabalho, né, de ver como tem pessoas ... até o médico [risos], que eu fui no médico e ... eu fui agora em novembro, né, no ginecologista e então eu fiz o exame de colesterol e tava um pouco alterado e aí ele disse: "O quê que houve? Tiveste algum stress...?", eu disse: "Não, só uma defesa, pouca coisa.".

[risos]

Rosinete: Aí ele perguntou o tema da minha tese, eu comentei e ele ficou encantado, ele disse: "Você vai fazer um livro. Vai fazer sim e eu vou estar lá pra comprar esse livro, que me interessa muito", sabe, e ele deve ter uns 70 anos, cuida de mim há muitos anos [é isso?], achei assim muito interessante, sabe? E outras pessoas mostram assim, é importante a ... vontade de conhecer essa história e de assim encontrar, tem um outro que não viu meu trabalho e aí ele começou a ler sabe trechinhos e disse: "Ah, mas eu conheci, tal pessoa foi meu professor. Puxa, eu convivi com tal pessoa, não sei o quê", como é importante, aí você começa também a resgatar ...

Luzia: Seria um reconhecimento dele...

Rosinete: É, seria. Isso eu acho muito bom sabe, o Brasil é muito sem memória, as coisas são muito esquecidas rapidamente, eu acho que já melhorou bastante.

Luzia: Porque a visão que se tinha de história, ao menos nas minhas aulas, era de um monte de nome e datas que você tinha que decorar.

Rosinete: Datas. Somente, não tinha realmente sentido, eu tive a mesma coisa, eu tive esse tipo de história e que agora eu não sei como é que ta se dando o ensino e é por isso que eu te digo que a gente tem que realmente, se vai trabalhar com história oral, é bom olhar a história sim, ver como ta o ensino de história sabe, eu não vou querer fazer um estudo sobre isso agora, mas eu espero que seja melhor do que foi pra nós, que era só isso realmente,

datas, coisas sem haver discussão, sem um olhar mais aprofundado, às vezes o aluno começa a enxergar o que tem por trás, o que tem por trás da história do Paraguai, por exemplo. Porque que o Brasil, até hoje, todo mundo fala do contrabando, do roubo dos carros brasileiros que vão para o Paraguai, mas porque que o Brasil nunca faz nada? Porque o Brasil nunca fez nada? O quê que ocorre, o quê que tem por trás, o quê que a história nos traz pra mostrar o que ta acontecendo?

Luzia: Hum hum.

Rosinete: E, fora aqui dentro, né, do Brasil, das escolas alemãs lá e o que eu posso dizer o que aconteceu porque eu não encontrei praticamente nada, é como se não tivesse existido, foi varrido, foi varrido. Agora é que a gente ta conseguindo, sabe, eu vejo as pessoas também trabalhando, tentando fazer algum resgate pra mostrar, deixar registrado que existiam, como é que acontecia o ensino naquela escola, a importância dela.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Na década de ... como fala na minha tese, na década de 30 Blumenau tinha 9% de analfabetos, era considerado baixíssimo, Santa Catarina, no final do ... quando ocorre a proclamação da república em 1889, tem livros que viam o censo em 90, que 90% do estado era analfabeto! Loucura. A população do estado de Santa Catarina era analfabeta quando há a proclamação da república. Quer dizer, sabe, são ... são dados que impressionam! Né?

Luzia: Hum hum.

Rosinete: E como é que a ... 40 anos depois, só na região tem 9%!

Luzia: Porque acontece isso...

Rosinete: O quê que acontece, né, enquanto que nessa época ali, sabe, era um diferencial pro ... de que forma que eles tinham ... o que aconteceu, né? E inclusive, na verdade, a ... a ... algo que eu não tinha a visão que eu tenho hoje, né, porque eu continuei ainda trabalhando na ... na tese coisas, aprofundando os estudos, aí eu noto hoje que inclusive muito da ... do que nós temos hoje nas escolas públicas, tipo assim oh, a proliferação das escolas blumenais em compensação as escolas alemãs, houve uma necessidade que a sociedade exigiu de que se abrissem essas escolas e aí aumentou inteiramente o grupo de escolas públicas, tiveram que ... botando professor leigo, fazendo curso complementar, sabe? Porque tinha que ter escola, eles pensaram só em fechar e vão deixar tudo assim, proíbe-se, muita ... a maioria ficou sem escola, aí as comunidades começaram a se organizar.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: De que forma? Contratando professor particular pra dar aula em casa, aí eles foram obrigados a colocar as escolas rurais com professores ... no início podia ser qualquer um, a comunidade não aceitou porque antes não tinha qualquer um, então eles vão formar professores, ainda que em dois anos, mas com ao menos alguma formação.

Luzia: E aí eu queria ver com você a ... sobre alguns temas que foram discutidos assim, acho que mais específicos, que foram discutidos dentro do grupo nesse tempo em que, pelo menos, eu tive, né, na discussão.

Rosinete: Hum hum.

Luzia: Que é sobre a visão de documentos assim, que eu lembro que eu ouvi algumas coisas logo que eu entrei assim, do que seria isso, do que é reconhecido como na história oral...

Rosinete: Hum hum. É, acho que a visão de documento ta sombreando também, quer dizer, com a chegada da tecnologia as gravações, as filmagens, gravações seja áudio, visuais, começaram a contar como documentos. Vamos pensar, o que seria documento? Tudo ... pra mim seria tudo quanto é registro que a ... outras pessoas tenham acesso depois, não importa a forma. Seja um pedaço de papel, seja um mapa, seja uma gravação, seja um ... um ... sabe, um ... uma gravação de áudio, uma fita cassete, seja um CD agora, contanto que a pessoa tenha esse tipo de acesso, eu acho que é um documento e pra mim a história oral veio fazer isso, eu acho que é a ... agregar mais documentos, no caso né, a todo um ..., quer dizer, são formas de ... nós estamos falando na verdade de formas de documento, apresentação de documentos, né. Por sua vez, cada entrevista que você faz acaba gerando um documento, a transcrição literal vai ser um documento escrito que gerando, a fita cassete é um documento que você ta gerando também, ta, sonoro, que vai ficar ali pra outras pessoas usarem.

Luzia: Certo. E você trabalhou com textualizações também, né?

Rosinete: Trabalhei.

Luzia: Você vê isso como um documento?

Rosinete: Eu vejo como um outro documento e aí isso eu discuti até na qualificação, que o Carrera, eu fiz a gravação da qualificação, o que eu achei ótimo, eu fiz e fiz a transcrição literal, [risos] até eu to devendo essa transcrição literal acho que pro Vicente, que eu ainda não passei, mas eu tenho e deu um trabalho desgraçado, porque a Ângela falava baixinho, ela tava na ... no corredor da porta, pegava assim aquele ar e o gravador não captou muito bem, mas eu consegui fazer. E aí houve essa questão na ... na discussão e o Carrera concorda comigo, a fita cassete é um documento original, a textualização que você faz é um outro documento, mas que não é o único, porque você pode ouvir a fita e fazer uma textualização diferente daquela que eu fiz. E possivelmente, se eu fosse fazer agora a textualização daquela fita, eu faria diferente!

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Já não seria mais o mesmo, mas seria ...

Luzia: Seria um documento possível.

Rosinete: Seria um documento possível.

Luzia: Ta certo. E porque trabalhar com textualização? Porque assim, eu olho pras entrevistas e nessas pesquisas qualitativas que você fala, na maioria ...

Rosinete: É, primeiro ta, a fita cassete já teria essa questão de você só ter o som, eu acho que ... você ouve, parece que a necessidade do homem de fazer o registro em papel é antiga, daí a origem da escrita.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Porque conforme o tempo, o processo da memória vai realmente perdendo, né? Então é uma questão de memória, há a necessidade, a gente sente a necessidade de escrever. Porque não ficar com a transcrição literal apenas? Porque ela é muito chata!

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Ela é muito longa, ela é muito demorada, ela tem muitos "para", "né", "não", "senão", isso, aquilo... e é muito demorada. A textualização ela simplesmente procura fazer e enxugar e ... na ... a ... isso eu percebi bem, a ... quando você vai fazer a entrevista, por exemplo eu trabalhei com história oral temática, às vezes, você vai e volta no tema, daqui uma meia hora você ta voltando no tema, tá, e ... "lembrei daquilo que eu falei antes, volta lá", então a transcrição literal traz isso tudo ... a ... tal como ocorreu.

Luzia: E na textualização...

Rosinete: Na textualização você pode colocar isso de uma forma mais organizada, mais ... ta, pro leitor é muito mais fácil, ele já recebe pronto. Além do que você realmente compacta, né, que se tirando fora aquelas expressões e ... e tudo mais... e tem ainda a ... oportunidade de você colocar numa linguagem escrita mais acessível, acessível que eu quero dizer é assim oh, que as pessoas tenham mais prazer de ler, porque a transcrição literal eu não acho muito prazerosa não.

Luzia: [risos]

Rosinete: Ta, se você pega páginas e páginas, fazendo ... a gente sabe que é terrível, fazendo a leitura dela, nesses textos do Centro de Memória que eu te falei são só as transcrições literais, aí eu peguei uma pra ler, sabe? Pra ... eu tinha curiosidade em saber se o que eu tava fazendo porque eu fui a eles depois que eu já tinha começado, aí eu fui olhar pra ver como que eles faziam, sabe...

[troca da fita]

Luzia: Colocar aqui.

Rosinete: Bem, e?

Luzia: Você tava me falando das entrevistas, dos calhamaços com mais de cem páginas.

Rosinete: É, um disquete que tinha uma lá que era mais de cem páginas, né, quer dizer, é cansativo ler aquilo lá. Daqui a pouco você começa a ler já ... o pensamento já vai longe, então e a transcrição literal, a textualização acho que a forma como nós fazemos, o grupo ta fazendo, eu acho bastante interessante. Eu li as da Ivete, né? E ... achei assim interessante, né, porque assim são histórias, eu tenho curiosidade de ler as do Carlos Vianna também, é ... você vai seguindo as idéias e fica realmente e fica as idéias, você se empolga no final, porque é a pessoa que ta falando, né, que através do diálogo que ta se narrando. Então, eu acho assim...

Luzia: Seria uma forma de organizar pra que...

Rosinete: Exatamente, exatamente. E caso alguém queira, olha então a fita, volte lá no original, volte lá na transcrição literal, ta?

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Porque lá é como eu disse. É a pessoa que está falando, não podemos esquecer, é o depoente, mas foi você que fez, há uma outra, uma segunda pessoa que fez aquilo. Querendo ou não é como eu disse, ela muitas vezes aglutinou temas, ou coisa assim, que outra pessoa, talvez, não fizesse. Então, depende o ... fim com que ela fez o trabalho.

Luzia: E falando agora dessa questão da textualização, é ... eu me lembrei do que você me falou sobre como reconhecer um trabalho que é em história oral e aí você falou do respeito às idéias do depoente, né?

Rosinete: Do depoente.

Luzia: De você ta ... a textualização seria uma forma disso também.

Rosinete: Verdade. Por isso que eu considero ...

Luzia: Porque essa organização será submetida a ele, né?

Rosinete: Por isso que eu considero que é muito difícil fazer textualização, é o momento que eu achei mais difícil, sabe? A entrevista é prazerosa, eu adorei fazer as minhas entrevistas, sabe e as pessoas quando eu via, eu chegava na casa deles, tinha um contato primeiro, mas no dia da entrevista eu acho engraçado como a maioria se preparava sabe, pra entrevista.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: As mulheres, vestidinho bonitinho, cabelinho muito arrumado.

Luzia: [risos] Até fisicamente.

Rosinete: Sim. Depois serviam um café, alguma coisa. A maioria eu fiz na casa das pessoas. A ... transcrição literal a gente sabe que é aquele trabalho que você faz solitária e que é maçante e te toma horas e horas. A textualização eu considerei o momento mais terrível, porque você tem que realmente pegar agora aquele depoimento, escrever respeitando as idéias e os sentimentos das pessoas. Nas minhas textualizações eu procurei deixar, eu procurei transparecer esse sentimento que está lá na entrevista, muitas vezes, sentimento de mágoa, de rancor, de alegria, eu procurei deixar. Eu vejo que tem pessoas que, às vezes, tira isso fora, sabe, já ... teve uma entrevista, uma textualização que eu li, não sei se foi, acho que do Gattaz, que eu percebi que ele ... não ... foi bem mais, sabe, digamos ..., distante, talvez ele tenha usado o distanciamento, mas eu senti falta da ... da pessoa realmente, tem outras dele que não, mas tem uma delas, do Gattaz, que me chamou a atenção e ... acho que deve transparecer que realmente a pessoa está ali falando e isso é muito difícil na textualização.

Luzia: E aí vamos dizer, que você foi um trabalho em história oral, né?

Rosinete: Hum hum.

Luzia: Tem algumas pessoas de algumas pessoas que trabalham com textualização até por influência do grupo aqui da pós e que não se vale da história oral...

Rosinete: Da história oral.

Luzia: Você acha que, olhando isso, então não seria uma característica que, por si só, implicasse estar na história oral.

Rosinete: Eu queria saber como é que eles fazem, eles trabalham da mesma forma, eles só não reconhecem que é história oral?

Luzia: É, não ... pelo que eu entendi, eu não li o projeto...

Rosinete: Ta.

Luzia: ...mas eu tava conversando com a Michela e uma amiga dela, que é orientanda da Miriam, fez isso, ela trabalha com entrevista, discutindo informática, devia ser, e textualizava e disponibilizava lá e aí discutia as outras coisas, não que tivesse fazendo história ou que pensasse em história oral.

Rosinete: Não deixa de ser interessante, ta, porque no momento em que o pessoal trabalha com entrevista não faz textualização, normalmente faz a entrevista, eu não conheço não, talvez seja uma nova modalidade que surge aí, porque tem gente que escreve, por exemplo agora, o Pedro Bial que escreveu agora uma biografia ali do Roberto Marinho, né?

Luzia: Ah é? Eu não sabia.

Rosinete: Sim [trecho inaudível], estava nas páginas da Veja que já é o primeiro lugar no Brasil, sei lá, quem sabe né o que tem ali? Mas, ... na biografia a pessoa escreve usando

dados da outra pessoa e talvez, escreve como sendo a outra pessoa e passa pela conferência também e tudo mais, mas no caso de entrevista eu tenho, eu acho interessante, teria que até olhar pra ver em quê que eles estão se fundamentando, ta, o que faz ... Porque, voltando novamente na história oral, o quê que ... o que nós fazemos? É uma pura entrevista? Não, a entrevista é uma técnica, acho que ela não é só isso, há toda uma questão de ética, há todos os procedimentos que nós tomamos, tá e que muitas vezes estão envolvidos dentro da técnica, mas ... vai muito além. E nesse ponto a ... a Verena Alberti, acho que ela fala, tem um livro dela sobre isso ...

Luzia: Uma outra questão que aparece aí, principalmente no momento das defesas, que é a questão da análise, como você pensa isso? É um ponto até polêmico, de certa forma, dentro do grupo ainda.

Rosinete: Dentro da área de história, eles tão defendendo a análise. Eles dizem que é um ponto a mais, que a história oral só pra gerar documentos, pra compreender fatos, preencher lacunas, render novas fontes, já foi esse tempo, eles tão defendendo que tenha já que fazer análise. Querendo ou não, quando você trabalha com a ... com a história oral, que você faz as textualizações, eu acho, eu não fiz, eu não posso chamar de análise, mas na minha tese eu não tive como deixar de lançar um olhar, sabe, procurar realmente ... eu sistematizar e ver tudo o que isso aí me trouxe, que é uma forma de análise, eu acho que é o caminho que vai ter que ser feito.

Luzia: Então teria que ter análise como um posicionamento, uma visão do pesquisador ...

Rosinete: Do pesquisador.

Luzia: ... sobre tudo o que ...

Rosinete: Sobre tudo. Ah e ele faz isso, não sei se o grupo faz, acho que se cada um for falar, mandam fazer um comentário abrangente do teu trabalho, eu acho que você vai fazer uma análise, ele vai citar isso, isso e aquilo e vai lá nas entrelinhas, de vez em quando vai escapar algum ponto dele.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Que é uma análise. O pessoal da história ta defendendo e é o próximo passo, é um avanço que ... deve ser colocado.

Luzia: Antes você tinha me falado também de ... de ética, do pesquisador, quais ... além desses, existem outros que você poderia delimitar como sendo esses procedimentos éticos de quem trabalha com história oral?

Rosinete: Vamos ... retomar, procedimentos éticos, olha, a todo momento que você faz entrevista com alguém, você tem um compromisso com aquela pessoa, seja ... desde o respeito de você ter agendado, de conferir o horário, de ... de cumprir o que você disse que faria e você faz, então eu acho que ... esse é ... é o primeiro assim, é o básico, depois é ... o respeito. O compromisso ético é o respeito realmente com o teu depoente, eu vejo muito

mais esse compromisso ético em relação ao depoente, talvez por eu estar ainda pensando muito nos meus depoentes, estar muito ligada a eles, sabe? Mas, durante as entrevistas, você realmente respeitar as idéias dele, as posições dele, porque, às vezes, não são as suas, nem sempre você concorda, mas você respeita, procura entender as colocações que eles colocam. A própria forma de você fazer a entrevista e depois, o que você faz com as transcrições literais, a ... com a textualização, eu acho assim você ... há uma série de questões envolvidas que você se compromete, que você eticamente tem que cumprir. Então, eu procurei fazer isso com os meus depoentes, eu disse a eles que eu voltaria lá, eles teriam acesso às transcrições literais, às textualizações, que eles iam ler, corrigir, teve uma senhora que eu sentei com ela e nós lemos juntas, inclusive, sabe, ela pediu isso, quando eu fui pra entregar ela disse: "Fica comigo, lê junto comigo"e tal. E ela, sabe, foi, "Não isso aqui não ficou claro, ainda faltou isso e tal". Eu acho que esse, essa parte toda de retorno tem que haver, então, e ... a ... a parte da ... do teu compromisso de ... de você, você ta fazendo uma pesquisa, apesar de você ter pressupostos, você abrir mão deles, em nome realmente de uma ética que envolve o teu trabalho.

Luzia: Então é como se esse compromisso que você assume com o teu depoente fizesse com que, por mais que você se posicione no trabalho, haja um momento em que você se comprometa, concordando ou não com a idéia dele, a ... a expressar esse sujeito integralmente, com a visão dele.

Rosinete: Exatamente. Com a visão dele, é uma questão de respeito! A ... parte, tipo assim, que essa senhora colocou, né, que foi feita a entrevista e quando ela viu a entrevista publicada ela ficou muito, muito chateada e entristecida porque não ... eles cortaram partes que eram importantes, que justificavam porque que ela tava visando fazendo aquela afirmação. Então a ... porque que ela disse pra mim, ela comentou bastante o caso, porque que isso foi feito, ela disse, porque a ... ela percebeu que a entrevistadora não concordava com essa posição dela, então a forma como foi publicada deu a entender sabe, que ela tinha uma posição a ... extremamente a ... rancorosa sobre determinado fato que não era. Sabe, e ... inclusive ela disse que faria uma discriminação e que não era isso.

Luzia: Então já ... usou o depoimento dela pra colocar a visão da pesquisadora.

Rosinete: É. Exatamente por isso esse cuidado, por isso que eu disse que a textualização é muito difícil, tem que ser muito fiel e isso não é fácil, por isso a importância de mostrar pra pessoa, a pessoa tem que olhar essa textualização, ela tem que aprovar que realmente ela disse aquilo.

Luzia: E a ... Ivete comentou sobre isso na entrevista dela, que a maior parte dos depoentes, eles nem olha pra transcrição, né? Eles só olham pra textualização porque eles conseguem corrigir ali, né?

Rosinete: Hum hum. É, exatamente. É, é bem isso. Isso aconteceu comigo também, eu entreguei ambos e eu percebi que o que, depois, a maioria das pessoas pediu pra ficar uns dias com o material, depois eu voltava lá e era realmente na textualização. Na transcrição nem na fita não se toca, a não ser um depoente não ... uma depoente, ela fez questão que "Não quero que isso saia, nem na fita que isso apareça" e já teve outros que não ... sabe,

tipo assim: “Eu não quero que apareça escrito aqui, porque assim, eu falei..., eu citei o nome de tal pessoa e ele ainda é vivo. Aí ele pode ficar, ele já ta velhinho coitado, ele pode ficar meio chateado comigo. Agora, tira fora da textualização e deixa na fita, não tem problema as pessoas ouvirem porque é a verdade, eu não falei mentira, é a verdade. Só que eu gostaria que ele olhasse e você vai publicar”, ele disse pra mim: “E a tese é uma publicação, daqui a pouco você faz um livro e vai ta lá o nome dele, ele vai olhar e vai dizer: ‘Puxa vida, eu ... não precisava ter me citado assim, né?’”. Então sabe, mais é ... realmente a preocupação é com a textualização, porque é ela que ele sabe que vai ser a divulgada, a ... a ..., sabe, ao menos no momento, pode ser que futuramente, por isso eu acho que não há essa preocupação, talvez futuramente ta, a fita sendo utilizada, ele pode dizer: “Não, lá eu já mudei de idéia, antes eu pensava assim, mas não é mais ...”. Mas no momento é o que ta valendo!

Luzia: Hum hum. Ta certo. Essas são algumas das questões, agora surgiram várias outras e eu queria ver assim, se tem alguma que foi colocada em discussão, mas você acha que devia ser aprofundada dentro do grupo, ou alguma questão que ainda não foi discutida e você acha pertinente discutir?

Rosinete: Nas discussões do grupo eu procurei sempre acompanhar via internet, porque eu tava ... porque eu peguei o fôlego no semestre passado da defesa né, então, tanto é que eu praticamente só fui acompanhando e imprimindo tudo, imprimi tudo, to com um monte de papel lá pra ... pra botar em dia, porque eu praticamente eu fui só acompanhando, não ... não fui participando. Eu acho válido, eu acho que essa questão da ... da ética é muito importante, ter isso tudo debatido, sabe? Aquela publicação que eu comentei ali é muito interessante apesar de já ser mais da linha de [trecho inaudível], acho que foi 94 o ano dela, mas ela é bastante interessante a questão da ética, a questão da história, a própria questão do realmente da questão do historiador, essas discussões todas eu acho que são, são válidas, tá

Luzia: [trecho inaudível] alguma coisa que ficou no trabalho, que precisa ser discutido?

Rosinete: Acho que não, Luzia. No momento não vem nada...

Luzia: Aí, eu queria ver assim é ... sobre o grupo né?

Rosinete: Hum hum.

Luzia: Como é que você vê esse grupo “História Oral e Educação Matemática”?

Rosinete: Ah, eu to achando ... muito interessante porque primeiro é ... é ... participar de um grupo é gostoso, né, você poder debater, isso eu sinto muita falta, porque eu to muito longe, eu to ... to em Blumenau e ... querendo ou não, dentro da Universidade, as áreas não se falam, então na minha universidade tem uma pessoa que trabalha com história oral e eu não tenho contato com ela, sabe? Porque não temos? Nossos horários são totalmente diferentes, as atividades ... ela não mora em Blumenau, mora em Brusque, então ela vem poucos dias em Blumenau, eu to sempre em Blumenau, quer dizer, a ... acho que agora, com o término da tese, eu vou ter mais tempo, talvez, de ... procurá-la, ela já é doutora há

vários anos, ela tem todo um nome, muita publicação em coisas não em história oral, ela não tem publicação em história oral, ela tem publicações só dentro da área de História, história documental, o documental parte de registro escrito, ela usa documentos, fotos. Então é muito bom poder debater, trocar idéias, aprofundar, ta. Eu percebo assim, concepções que você, às vezes, tem quando vai pro grupo discutir, [risos] você percebe que as suas concepções têm vazios, têm buracos ali, né, tem furos que você, quando começa a discussão, você percebe: "Opa, mas isso aí eu realmente não pensei", ou realmente isso aí vem e muda o que eu considerava que era o ideal, né, o correto. Então acho que isso aí é muito válido. A outra coisa eu acho que é a parte de trabalhar com história oral, eu acho muito interessante porque eu não ... sabe, como eu disse, eu ia trabalhar com entrevista! Mas que ... eu gostei muito mais de realmente, só fazer a entrevista, eu acho que não daria conta do que eu tava procurando. Então trabalhar com a história oral eu acho um processo muito interessante. Eu que trabalhei com pessoas de idade, né, meus depoentes ... eu tinha um jovem na história com 54 anos, eu acho, mas todos os outros são acima de 70 anos, a mais ... assim a que tem maior idade é a dona Volfman que está agora com 88 anos e forte e firme como sempre.

Luzia: Hã hã.

Rosinete: Não mudou nada, ela foi uma das primeiras depoentes. Aprende-se muito sabe, aprende-se que não só em termos de ... de um, de uma época que, pra gente às vezes tava tão distante, ouve fatos, mas aprende-se muito de vida, né também de vida. Então pelo grupo discutir entre o grupo, eu acho que é ... com cada um fazendo em áreas diferentes, porque você ta fazendo esse tipo de pesquisa, a Ivete fez aqui, eu fiz, agora tem um pessoal trabalhando em Curitiba, outro ... sabe, isso é muito interessante porque ver as diferenças e também o que realmente vai ... as afinidades, o que tem em comum, né?

Luzia: É, por falar em diferenças, coisas em comum, como você considera ... o que ... o que faz desse grupo um grupo?

Rosinete: O que faz do grupo um grupo? [...] É a ... eu acho que é essa busca, esse interesse comum, né, que na verdade tem afinidade entre as pessoas porque se não... o nosso grupo eu acho que se dá muito bem, o relacionamento entre os membros é de respeito, de aprendizagem mútua. Eu acho que isso faz um grupo, quando você aprende com os teus colegas, sabe? Aprende, às vezes não precisa nem abrir a boca pra aprender, você ficar só ouvindo você já ... e quando tem a oportunidade de debater, trocar idéias, sabe, de ... essa troca de informações, "Olha, lê tal coisa. Encontrei tal coisa. Vi tal filme.", acho que isso é muito, muito bom. Você tem acesso a muitas informações que você sozinha não ... não é possível, você não avança sozinho, avança muito devagar. Num grupo você consegue avançar muito mais rápido, ta? Então eu acho que a produção como um todo fortifica o grupo.

Luzia: Eu queria ver uma questão que agora vem assim, sobre ... é ... sobre representatividade. Isso surgiu numa conversa que eu tive com a Marisa e aí eu fiquei com isso na cabeça, de pensar é ... acho que não devia pensar, eu não consegui argumentar sobre isso ainda, é ... como os depoentes que eu seleciono pra minha pesquisa são representativos

de certa forma, pro tema que eu to investigando assim, dentro dessa temática. Você já pensou nisso?

Rosinete: Acho que aí você ta se referindo mais à parte da história oral temática, né?

Luzia: Isso.

Rosinete: Eu pensei sim, quando eu comecei a fazer sabe, o meu trabalho, mas quantas pessoas eu vou entrevistar, quantos depoentes ... aí eu percebi assim oh, eu comecei e o sistema de rede vai indicando outro e eu tinha um ... todo um tempo, eu tinha um período de tempo que eu queria cobrir ali , né? Então o quê que eu fiz? Eu fui ouvindo uma pessoa, outra, outra, até ouvi pessoas que eu não conhecia, eu não sabia informação alguma dela, sabe? Apenas algumas pessoas diziam: "Tal pessoa estava lá e ela tem boa memória", você confiava e ia lá conversar com as pessoas. O "boa memória"é ... é muito subjetivo [risos], mas você ia lá e conversava com as pessoas. A partir do momento que eu percebi que já era suficiente, as informações começaram a repetir, as pessoas que eles indicavam eram pessoas que eu já tinha conversado, sabe, então já tinha sido discutido, começou a fechar assim o círculo e eu comecei a ter uma visão do que tinha acontecido, eu já sabia dizer o que ... o que realmente aconteceu, ta, não verdade factual, mas que eu tinha uma visão do ... do que eles me contaram. Então eu percebi "consigo agora, realmente", é claro que pode ser feito outras entrevistas, né? Inclusive teve uma entrevista que eu fiz no ... no final que eu não usei no meu trabalho porque já vai ser pro próximo trabalho de pesquisa, que é do Curso Complementar, mas ele se refere, eu fui conversar com ele por causa desse novo trabalho, mas ele se refere ainda muito ao trabalho que eu já tinha feito, sabe? Mas eu percebi que essa entrevista, pra aquele trabalho, já não acrescentaria mais nada porque o que ele falou as outras pessoas também já tinham falado, já tinham contado, então já ...

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Eu acho que é isso que acaba fazendo. Eu procurei ter esse cuidado, se você tem um período delimitado de tempo, acho que você tem que tomar cuidado de realmente a ... fazer com que você tenha uma visão daquele período de tempo. Você não pode se concentrar ... e o tempo era relativamente longo, então eu não podia me concentrar só nos primeiros anos, ta, você tem que fazer de tal forma ... e você tem ... você percebe, principalmente entrevistas, você começa perceber que ... já é, já te dá essa visão, já é suficiente, as pessoas começam a citar outras, as mesmas pessoas, sabe, começa a fechar, aí fica esse círculo assim, é muito interessante! É como se fosse fechando um círculo e realmente você consegue ter uma visão daquilo ali. [risos]

Luzia: [trecho inaudível]

Rosinete: É, eu consegui fazer isso, se você pegar a ... sabe a segunda parte, mesmo na ... eu tenho praticamente duas partes: antes da nacionalização do ensino em Blumenau e depois da nacionalização do ensino. Mas as pessoas começam sabe, a citar, uma cita a outra ou cita pessoas que ambos vão citando, todos vão citando as mesmas pessoas, quer dizer, você ta percebendo que ta fechando o trabalho.

Luzia: É que pra um certo grupo aquelas pessoas que são, de certa forma, representativas...

Rosinete: Representativas. Exato. Não há um número ta, eu acho que não há um número, tem trabalhos que fecham com quatro, cinco, depende do que você quer pesquisar. Tem trabalhos que as pessoas precisam fazer dez, doze, quinze entrevistas, não sei quanto.

Luzia: E aí queria assim, a questão que você já falou no começo de fundamentação ... e aí você citou o Manual ...

Rosinete: É esse foi o primeiro.

Luzia: A Ecléa ...

Rosinete: Foi a Ecléa ...

Luzia: Tem mais algum que você fala que foi ...?

Rosinete: Depois foi a Olga, a Verena, o ... eu fui ... Gattaz, o Gattaz me ajudou bastante na parte de procedimento, é ... ele é bem, bem claro, o próprio ... a tese do Carlos Vianna também me ajudou bastante.

Luzia: A Olga que você fala é a Von Simson?

Rosinete: É a Von Simson, hum hum. E o ... a tese do Carlos também me ajudou bastante porque ... foi muito interessante a forma como ele organizou, porque ele deixa umas que é transcrição literal, tem horas que é textualização, ele faz todo aquele jogo e ... achei, apesar da ... da espessura daquela tese que ...

Luzia: [risos]

Rosinete: ... de ler, é letra grande, mas é espaço simples, eu sei que não poderia mesmo ser espaço um e meio porque daria um volume enorme, mais do que já foi, mas auxiliou bastante e eu precisava muito disso, sabe? Porque se não você se sente perdida, eu ... você não sabe exatamente como proceder porque quando você vai fazer o que a gente ta fazendo agora, que é o momento da entrevista, (mas na verdade não é uma entrevista, é uma conversa, um bate-papo), a ... você tem que estar preparada pra isso e eu percebi assim, a primeira eu fui com muito receio, sabe? "E se a pessoa sai fora do tema ou se recusa a falar sobre isso? Eu não lembro sobre isso!", sabe, "E fica inibida com o gravador", são todas essas questões que ... que te passam pela cabeça e dizem pra você, como eu tive um que me disse: "Desligue o gravador. Eu quero conversar algo com você e não quero que ligue o gravador", porque é algo que não era pertinente ao trabalho, era comentário, mas que ele precisava, era um desabafo que ele precisava fazer isso aquela hora.

Luzia: Até pra você entender o que ele ia dizer depois.

Rosinete: Exatamente sabe, então eu acho que é ... é importante e ... também pra que ... você ter sustentação e defender o teu trabalho, né? É você criar argumentação do porque

você realizou dessa forma, porque você considera ... importante ter feito isso. Acho que a fundamentação teórica é fundamental, sem ela não dá pra fazer isso. Eu não consegui pegar o gravador e dizer: "Oh, vamos lá, vamo passar a mão no gravador e vamo começar!".

Luzia: Minha visão é essa ...

Rosinete: Não, não é só isso.

Luzia: E aí você já fez alguns trabalhos contando assim a tese, artigos sobre história oral.

Rosinete: Hum hum.

Luzia: Então ... teórico mesmo, quais mais assim, só pra eu ter uma idéia. Tem a tese que você já falou...

Rosinete: Hum hum.

Luzia: ... tem o artigo do livro que vai ser lançado agora...

Rosinete: Isso e fiz, publiquei, saiu já na ... já foi publicado, é um artigo, aí não vai ser ... a revista de história não é de história oral. Eu vou fazer um outro agora de história oral. Ela foi basicamente, essa da revista da história, foi sobre documentos que eu tinha do ... do arquivo histórico, aí eles pediram que eu fizesse um artigo só sobre os relatórios da escola alemã e eu não falo de história oral, aí eu quis falar de história oral, né, aí eles disseram "Você faz então um artigo falando da história oral pra publicar no Blumenau Cadernos", é esse ficou pra esse ano, só que eu quero mais tempo, eu quero agora realmente estar aprofundando, outro era fácil porque eu tava com todos os dados até, então ele foi publicado, em tão pouco tempo era impossível.

Luzia: Então você continua trabalhando na tese ...

Rosinete: É, porque tipo assim, o que acontece quando eu fiz a tese apareceu muitas ... muitos temas que eu acho que podem ser pesquisados ainda e que não foram e um deles é isso, é do curso complementar que eu agora to iniciando e tem outros também. Até ... na tese eu faço essa observação: "A gente ta útil hein, pra futuras pesquisas", o Carrera diz que eu tenho pelo menos quatro temas agora pra fazer pesquisa e realmente dentro dessa face eu acho, inclusive trabalhando dentro da matemática escolar e da formação de professores. Então esse do curso complementar eu acho muito interessante porque é algo que eu não vi em outros estados e eu quero até depois fazer esse paralelo, ta, eu to vendo que só existiu lá, ele foi de um período curto que foi de 38 à 45 que existiu esse curso depois ele foi eliminado, foi substituído, eu já tenho um breve histórico assim dele, mas não tenho nada sobre ele, a formação como era feita, isso eu não tenho nada. Não consegui ao menos ... trabalhar com registros escritos já existentes eu acho interessante porque, ao menos, permite saber aonde você ta pisando, o que tem e o que não tem, né, aquela questão de você reinventar a roda.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Se já foi feito, apesar da história oral poder dar outra ...

Luzia: Visão.

Rosinete: Exatamente, mas eu gosto de me situar, se alguém questiona, como questionaram lá, eu fui muito questionada quando estudava as escolas alemãs porque falavam: "Ah, isso já foi feito!", não foi não! A forma como eu fiz não foi e eu mostro que não foi e foi feito muita coisa no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina não foi feito. Tem uma professora na federal, na Universidade Federal de Santa Catarina que ta trabalhando, mas ela trabalha muito a parte da etnia, ela é muito ligada à área de sociologia, não trabalha a parte escolar. Então eu acho que ... das escolas nós temos muita coisa ainda a saber, talvez muita coisa vá ... vá fazer com que nós entendamos porque que foram feitas modificações, foram feitas umas introduções que a gente não entendia.

Luzia: Tem tantas possibilidades, principalmente quando a gente olha os trabalhos né, por exemplo a CADES aparece nos ...

Rosinete: Exatamente.

Luzia: ... depoimentos da Ivete.

Rosinete: Exato, da Ivete! Apareceu esse Curso Complementar nos depoimentos, apareceu por exemplo, na outra também a ... aparece entre 1906 e 1907, saiu um jornal pra orientação dos professores das escolas alemãs que era o Mitteilugen, ninguém trabalhou esse documento e ele existe, o arquivo histórico de Blumenau tem esse documento e ninguém trabalhou com ele, então eu ... havia cursos de formação de professores para as escolas alemãs, tinha o Timbó, que era promovido pela Igreja Evangélica Luterana e tinha um em Blumenau conduzido pela Igreja Católica e eles formavam professores paroquiais. Que cursos eram esses? Sabe? Quem eles formaram? Qual era a formação que era dada, que orientação era dada? Daí é claro eu sempre vou depois olhar a matemática, né, que isso me interessa bastante! Que obras usaram? Quem eram esses professores? Então tem ... eu acho que tem muita coisa pra fazer. A própria ... resgate das fotos e documentos é algo que esses ... final do ano eu tive uma alegria muito grande, eu ganhei cinco fotos originais da ... relativos à escola alemã, sabe, é ... eu só tinha sempre digitalizando, né, e essas eu ganhei originais, todas de 1904.

Luzia: Nossa!

Rosinete: Muito interessante, sabe? A forma que eles ... tem muito cartão postal, quer dizer, a própria foto é um documento que ... mostra pro ... como é que eles perpetuavam então, por exemplo, a escola alemã em Blumenau, eles bateram a foto e ela era vendida como cartão postal! Eles mandavam então, não tem nada a ver, você não vai falar nada da escola alemã, mas você vai mandar pra uma amiga sua ... a ..., por exemplo ali era entre a... Itajaí mandando pra uma amiga em Blumenau. Hoje em dia, de carro, isso dá cinqüenta minutos, mas na época isso eram horas!

Luzia: É na época ...

Rosinete: Então, eles compravam esse tipo essa foto, esse postal e escreviam as mensagens dizendo: "Olha, eu estou aqui, como é que está tudo aí, não sei o que e tal?" e tal e isso era mandado também pra Alemanha sabe, é muito interessante a forma como a ... a ... as fotos das escolas com professores, com alunos era veiculada, então ela era valorizada!

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Isso é bastante interessante! Tem uma outra em que os alunos estão todos na frente das escolas e a pessoa que escreve ali do lado não vai reconhecer nenhuma, ela vai ... é um postal que está escrito em alemão e não faz referência nenhuma à escola, não, não faz. Mas ela o usava como postal e era uma forma de você dizer: "Olha, nossa cidade tem essa escola, olha que bonita!", [risos] era interessante, como a gente passa e-mail, né?

Luzia: É a valorização mesmo, né?

Rosinete: É. A valorização! Bastante interessante!

Luzia: Ta certo. E aí assim, antes de terminar eu queria ver, dentro da Educação Matemática, se você consegue, olhando pra grupos assim, é ... esse da História Oral é o primeiro e até a última vez que eu consultei a base do CNPq, era o único registrado lá como ... que trabalha com história oral na Educação Matemática, não sei se você conhece outras pessoas, mas pra dizer se você consegue ter uma visão de com que interesse a história oral tem sido usada nessa linha de pesquisa?

Rosinete: É ... não conheço outros grupos também não, ta, nem outras pessoas fora do nosso grupo, dentro da faculdade eu não conheço. Acho que ... e dentro dessas linhas que estão aparecendo basicamente eu acho que estamos retidos à ... à história da matemática escolar, né quando... no âmbito da escola. Seja com relação a estratégias de ensino, recursos didáticos, formação de professores, dentro da área de formação de professores eu acho que estamos também.

Luzia: Hum hum.

Rosinete: Né? E ... a Gilda ta fazendo dentro da ... da estrutura né desse sistema educacional...

Luzia: Da CENP.

Rosinete: Dentro do sistema, é da CENP né? CENP, né?

Luzia: É, CENP.

Rosinete: É dentro do sistema educacional também, sabe? Porque acho que isso é importante na história oral, porque através de depoimentos você sai daquele ... que você comentou, daqueles documentos oficiais que são portarias, que estavam ali né, que

nomeavam pessoas, mas qual era essa política? O que tinha ali por trás, isso não ta em arquivos, nenhum deles, então nos documentos vão se revelando sabe, você vai entendendo as tomadas de decisões e ... muitas coisas que aconteceram e que muitas vezes justificam o que nós temos hoje. Elas permitem que nós compreendamos estudos do tipo da história que nós construímos pra conseguir enxergar melhor o presente, estudando o passado você entende melhor o presente. Porque senão você acha que realmente que simplesmente é uma maravilha e muitas vezes é cópia mal feita do passado.

Luzia: Então era isso.

Rosinete: Era isso?

Luzia: Muito obrigada [risos]

Rosinete: De nada! Não doeu!

[risos]

Rosinete: Não doeu!

<u>Transcrição da entrevista com Ivani Pereira Galetti.</u>

Entrevista de 30 de abril de 2005 ligada à pesquisa "História oral e Educação Matemática: um estudo sobre alguns de seus fundamentos"

Luzia: Se você puder se apresentar Ivani...

Ivani: Bom, o meu nome é Ivani Pereira Galeti, eu sou licenciada em Matemática e venho trabalhando com Matemática desde 1969, como professora. E... em 2002 eu ingressei no programa de Pós Graduação de Educação Matemática na Unesp de Rio Claro e a partir daí eu comecei a me interessar por história oral e a minha dissertação de mestrado tem como metodologia a história oral.

Luzia: Hum hum. E como que surge esse... esse contato, como que você descobre a história oral em 2002? Assim...

Ivani: Bem, é ... quando eu fui pra ... pra Unesp de Rio Claro, na verdade as minhas pretensões eram no sentido de ... é ... trabalhar com metodologias ... assim, novas metodologias que me ajudassem é ... no processo de ensinar e aprender Matemática e... durante a ... o processo de seleção eu fiz algumas... algumas provas que diziam respeito né, algumas provas relativas a disciplinas que tratavam desse... desse meu interesse e também fiz uma... tinha uma disciplina que se chamava "Cotidiano, Memórias e Práticas Educativas" que estava sendo oferecida, o titular era o professor Carrera e eu fui fazer uma provinha de seleção pra... pra essa disciplina também e eu ... no momento em que o professor Carrera, depois da prova, especificou qual era o perfil daqueles alunos que... que ele tinha interesse em trabalhar, ele fez algumas considerações a respeito de cotidiano, de memória e de práticas educativas. Naquele momento aquilo era tudo muito novo pra mim. Eu sou aqui na Alta Paulista desde 1965, fui supervisora de ensino e tive alguns contatos assim na Secretaria de Educação onde se fazia reflexões sobre o ensino da Matemática, né, onde se discutia fundamentações teóricas para o ensino da Matemática, mas eu nunca tinha ouvido falar em nada dessas coisas e nunca tinha pensado que eu podia ligar, por exemplo, a memória, o cotidiano ao ensino da Matemática. E ... nesse momento eu fiquei assim, literalmente apaixonada por tudo aquilo. Deixei tudo o resto, fui selecionada pra fazer a disciplina e fui assistir as aulas do professor Carrera. Era muito complicado porque nós estamos aqui em Dracena a setec... a quinhentos e trinta quilômetros de distância de Rio Claro. É... você deve ter percebido que é muito complicado [risos] sair de Dracena pra chegar em Rio Claro e vice-versa né, é uma viagem que se fosse feita de ônibus deve durar aí umas oito ou nove horas, né?

Luzia: Hum hum.

Ivani: Mas a ... a ... os resultados daquilo que nós fazíamos lá compensava o sacrifício. Então eu comecei a fazer a disciplina e foi ali, lendo autores que o professor Carrera indicou durante o curso que eu entrei em contato, por exemplo, com o Ginzburg que mostra como nós podemos olhar para fatos, para textos, para documentos com outros olhares procurando assim indícios que nos permitam é..., vislumbrar coisas que não tinham sido vistas ainda. É... com Certeau, por exemplo, com Michel de Certeau, que... me alertou é...

pra uma coisa que eu também não tinha pensado: pra importância da oralidade e de como a gente coloca na vida e na prática cotidiana, né, e nas nossas atividades profissionais a escrita numa posição de destaque, deixando a oralidade em segundo plano. E tudo isso começou assim a ... a fazer muito sentido pra mim e no momento então que eu tive que fazer a opção pelo meu tema de dissertação eu já estava convivendo com o professor Garnica que foi meu orientador e que também vinha trabalhando com história oral. Então foi é... pelas mãos né, primeiro do professor Carrera e depois né é... pelos pela pela convivência com o professor Garnica que eu acabei adentrando ao campo da história oral, a essa ... esse tipo de... de metodologia.

Luzia: Ta certo. E você já falou né de metodologia, a história oral é pra você ainda hoje metodologia, ela sempre foi?

Ivani: Não. É... num primeiro momento, como eu disse pra você, como eu não conhecia eu não tinha assim uma visão sobre isso. Depois, a medida em que ... que... que nós fomos assim discutindo essas coisas no grupo de pesquisa, é... e que eu tinha que... que... que me definir por um status né na realização do meu trabalho, então ... naquele momento ela assumiu assim um status de metodologia como uma orientadora de de procedimentos, estabelecedora de procedimentos e..., mas eu sempre tinha, sempre tive e tenho ainda, a ...a convicção de que esse era naquele momento um status provisório e que continua sendo um status provisório. Porque essas coisas ainda, elas continuam a ser discutidas no grupo de pesquisa e a medida em que o grupo for discutindo, talvez, em um determinado momento possamos ter assim um ... dar pra ela um outro status, uma coisa diferenciada de metodologia.

Luzia: De metodologia, mas no trabalho foi como metodologia?

Ivani: É, no trabalho eu assumi como posicionamento provisório que ali ela seria, ela teria status de metodologia.

Luzia: Ta certo e nesse trabalho de Educação Matemática com história oral, que trabalho você já produziu? Você tem a dissertação né que você defendeu...?

Ivani: É, na verdade é... eu penso que eu tenho a dissertação e na dissertação tem alguns posicionamentos né. Eu tenho um texto na dissertação e que trata, por exemplo, daqueles procedimentos relativos a ... a ... a análise de texto né, então que eu precisei fazer algumas considerações teóricas pra me posicionar.

Luzia: Hum hum.

Ivani: E seria assim, o trabalho mesmo seria a dissertação de mestrado.

Luzia: E aí você... nesse livro que vai ser lançado agora você chegou a escrever algum texto? Você já tinha finalizado...?

Ivani: É ... o Vicente disse que aproveitaria um texto, uma parte da minha dissertação nesse livro, né?

Luzia: Hum hum.

Ivani: Que seria o ... é ... esse texto de "História Oral e Memória", não desculpa, "História ... e Memória: o desejo de trazer o passado ao presente".

Luzia: Ao presente.

Ivani: É. Seria esse o ... o texto.

Luzia: E, olhando pra um trabalho é... qualquer, um trabalho... uma dissertação, uma tese, como que você identifica um trabalho como sendo de história oral, tem procedimentos, tem posturas teóricas que você vê como necessário ter nesse trabalho pra que se possa...?

Ivani: Eu penso que sim. Eu acho que primeiro você precisa ter uma ... uma temática né, pra você caracterizar isso nós precisaríamos de alguns... alguns... algumas ... alguns procedimentos, então primeiro esse trabalho precisa ter uma temática, depois nós precisamos olhar se os documentos né relativos à esse trabalho são documentos sonoros, são documentos que foram gravados né, com pessoas vivas né, claro, é uma história viva né... e se esses ... se depois foram seguidos aqueles procedimentos da história oral, ou seja, de transcrever esses documentos, textualizar esses documentos e depois, se for o caso, de fazer uma transcriação desses documentos.

Luzia: Ta certo. Na tua dissertação você vê a fita como documento então, de pesquisa?

Ivani: É. Isso...

Luzia: A transcrição, a textualização... você trabalha com textualização, né?

Ivani: Trabalho.

Luzia: Elas, você vê elas também como um outro tipo de documento ou você prioriza a fita?

Ivani: Não, eu acho que a prioridade é a fita! É... os outros seriam também documentos né, mas eu penso assim que seriam documentos de apoio né, quer seriam ... uma forma até de você poder trabalhar com aquele documento inicial de uma forma mais prática, porque fica complicado você, cada vez que for se reportar àquilo que tem ali no trabalho, ter que ouvir tudo novamente, né?

Luzia: Ta certo. Você falou em textualização. Com que objetivo você faz a textualização? O que você acha que esse trabalho com o texto proporciona assim?

Ivani: Bem, é... a forma da textualização ela... ela tem ... ela tem o objetivo de transformar a ... a gravação num texto fluente né, então, onde você elimina vícios de linguagem, aquelas

pausas que são... que aparecem na linguagem oral, né? E ... você elimina perguntas e respostas, agora, pra mim o ponto principal é de você estar entrando realmente em contato com a, com aquilo que o depoente disse e, sobretudo no sentido de você ta, cada vez que você ouve você ta detectando outros indícios, outras coisas que talvez numa primeira... vez que você houve, você não conseguisse detectar. Então eu penso que o grande lance da... da... da... da textualização é você ir detectando todos os indícios, inclusive é... coisas que, por exemplo, você percebe que o indivíduo queria falar mas não falou, então de estar tentando compreender o que é que existe nesses lapsos, sabe, nessas paradas...

Luzia: Hum hum.

Ivani: ... naquelas emoções que você pode detectar. Porque o documento escrito, o texto escrito, ele não tem emoção, né? E a fala, ela transmite todas as emoções do... do... do... algumas a gente consegue apreender, outras não consegue.

Luzia: Então a textualização, além de tornar o texto mais fluente, ela traria é... como... o trabalho com o documento, uma familiaridade maior...

Ivani: Acho que sobretudo é você se familiarizar com a fala, você detectar aqueles indícios, é você tentar compreender realmente aquela fala como ... como um todo assim e não só aquilo que está preso àquelas frases que a pessoa diz.

Luzia: Hã hã. Ta jóia. E ... é... eu tenho ouvido de algumas pessoas, no ano passado principalmente, algumas questões sobre a cientificidade da história oral, né, se ... o trabalho com a oralidade né, o como isso se apresentaria como científico dentro da academia. Você já ouviu alguma consideração a respeito? Você já parou pra pensar sobre isso? Como que...?

Ivani: É, pessoas assim ... externas ao grupo né, que não convive, que não participa das nossas discussões, realmente colocam algumas indagações sobre isso, né? Eu não tenho

esse tipo de preocupação porque eu vejo a história oral como uma forma de fazer história. Não me considero historiadora!

Luzia: Hum hum.

[risos]

Ivani: Eu sou uma professora de Matemática que de uma forma assim muito atrevida foi tentar tomar como objeto histórico professores de Matemática da Nova Alta Paulista que atuaram numa determinada época. Na época de 50 a 70, né? Então é... , voltando àquilo que eu tava dizendo, a história oral pra mim é uma forma de fazer história. Como eu disse pra você, as minhas concepções a respeito de História depois que eu entrei no programa, elas se modificaram! Então, essa história oral pra mim tem a ver com as concepções que eu tenho sobre...

Luzia: História.

Ivani: Sobre as concepções atuais que eu tenho de História. Então eu... eu penso que nós podemos considerar como uma ciência humana que trata do... do... do homem como indivíduo e como elemento de uma sociedade, né?

Luzia: Certo. A História como uma ciência humana e a partir daí haveria

Ivani: Iiiiisso!

Luzia: ... a possibilidade...

Ivani: Exatamente!

Luzia: ... de trabalhar uma metodologia como a história oral.

Ivani: Certo!

Luzia: Certo. E... é... que tipo de contribuições você acha que podem surgir nos trabalhos que se voltem à história oral dentro da Educação Matemática? Com que interesse a história oral tem sido usada na Educação Matemática?

Ivani: Bem, eu ... eu ... eu gostaria de dizer das contribuições assim... de história oral desses trabalhos que eu tenho, que tive maior acesso que são os trabalhos da Ivete, da Gilda, da Néi... da Ednéia, então esses trabalhos do grupo, eles têm assim, penso que tem uma contribuição no sentido de fazer com que haja um conhecimento e uma compreensão de como vem se dando a Educação Matemática em diversas regiões do estado de São Paulo, ao longo do tempo né, e que depois então eles poderiam fazer parte de um trabalho mais amplo que poderia levar às compreensões e ao conhecimento de como se dá o ensino da Matemática, de como se... se tem trabalhado a Matemática em termos até do país. Então eu penso que nesse sentido é uma contribuição muito valiosa, porque como eu já disse e vou tornar a repetir, os registros escritos que nós temos de professores de Matemática dizem respeito à vida funcional deles, quando eles ingressaram, quando eles fizeram concurso, né? Mas, por exemplo, ninguém sabe de como eles se sentiram na época desses concursos pro ingresso ao magistério na... na ... ao magistério de... hoje seria de ensino médio, né? Então que essas coisas né, esses, essas informações, elas só podem ser conhecidas a partir do depoimento oral dessas pessoas. Porque onde você vai encontrar, por exemplo, informações é... sobre..., vou dar o exemplo do meu trabalho, sobre como o professor... sobre como o ... professor de Matemática da... da... da região, é... que trabalha num processo... no... na região durante um período em que ... a região está sendo colonizada e que vai buscar documentos ... na... na no Japão! Textos matemáticos no Japão pra poder trabalhar com filhos de japoneses! Quer dizer, como que nós chegaríamos a conhecer isso se não fosse pelo depoimento desses professores?

Luzia: Porque o tipo de registro escrito que se tem deles privilegia as informações de contato deles assim com ... sei lá, a gente pode pensar, com aquela idéia do Foucault de poder, né?

Ivani: Sim!

Luzia: Com a Secretaria da Educação...

Ivani: Sim, são coisas institucionalizadas! Com a Secretaria da Educação, então são documentos que dizem respeito, por exemplo, a ... onde eles se formaram, quantos anos eles exerceram o magistério, quantos faltas abonadas eles deram, quantas licenças-saúde eles tiraram, não é verdade? Mas, com relação às emoções, com relação aos sentimentos, com relação ao trabalho, ao cotidiano deles em sala de aula, na relação professor-aluno, eu penso que não existe registro nenhum escrito!

Luzia: Ta certo.

Ivani: E isso nós perdemos, por exemplo, no momento em que esse professor se for, então acabou a possibilidade de ter esse registro também porque tudo que... praticamente tudo vai com ele, né?

Luzia: Ta certo. E aí têm algumas questões é... mais pontuais, ligadas também à história oral que são discutidas no grupo, há um tempo atrás... desde a formação do grupo, né? Eu queria ver como você está pensando essas coisas agora, depois de ter feito o teu trabalho e tal, que é a visão, por exemplo, do que seria o documento nesses trabalhos que estão sendo desenvolvidos pelo grupo.

Ivani: Bem, no meu trabalho eu considerei como documento estas gravações, né, que trazem então essas informações a respeito da... da temática em questão, ou seja, de ... de... da atuação desses professores de Matemática, né? E esses documentos pra mim, eles são considerados como construções e eles são registros de uma versão, né? A versão que aquele professor dá num determinado momento sobre fatos da sua vida pessoal e profissional, sobretudo da vida profissional, e... e eu... num determinado momento, eu ficava assim muito preocupada a respeito de... de... é... de como esses documentos precisavam ser

olhados e depois de leituras que eu fiz eu fiquei mais tranqüila porque, na realidade, quando ... quando o professor dá seus depoimentos, quando ele está falando sobre a sua vida, ele está fazendo reconstruções do passado, então ele não está trazendo, ele não está mostrando pra gente "o passado"!

Luzia: Ele não ta resgatando o passado!

Ivani: Isso! Não, ele não ta mostrando o seu passado, não há... não se volta para o passado, não há volta para o passado. Então o que nós pensávamos, o que eu penso hoje? O que ele faz é dar uma versão pra aquilo tudo,né, ou seja, ele cons... ele constitui, ele cria naquele momento um duplo dele mesmo e esse duplo nem sempre, né, corresponde ao que ele é, ao que ele foi. Não é verdade? Então às vezes ele faz isso até inconscientemente!

Luzia: Hum hum. Porque ele descreve pra você um "eu"...

Ivani: Isso!

Luzia: ... que é a forma como ele se vê hoje, né?

Ivani: Isso! Como ele se vê, como ele se sentiu, não é verdade? Que pode, na realidade, não ter sido exatamente aquilo, ou que pode ter sido muito diferente daquilo, né? Então eu tenho, eu tinha a sempre que esses documentos, eles traziam uma versão do indivíduo da sua própria vida.

Luzia: Você pode pensar versão como verdade?

Ivani: É, eu penso que... é uma versão que é uma verdade daquele momento.

Luzia: Daquele sujeito.

Ivani: Isso, daquele sujeito. Porque naquele momento aquela é uma verdade dele, mas é "uma verdade", é "uma versão". Não é "a verdade", não é "a versão".

Luzia: E existe uma "a verdade"?

Ivani: Não, pra mim não. Pra mim existem versões, verdades. [risos]

Luzia: Ta certo. E como que..., eu tava lembrando agora né, porque essa questão de ser "a verdade", né, ficou por muito tempo ligada à história oficial.

Ivani: Sei.

Luzia: Como que você consegue olhar assim, depois de ter feito um trabalho desse, de renunciar a idéia de que existe "a verdade"cristalizada e tal, como que você consegue olhar pra... pra essa idéia de história oficial?

Ivani: Ah, com ... com... pensando que elas foram reconstruções também, né?

Luzia: Como uma versão.

Ivani: E que deram "uma versão" e que, talvez, por interesses políticos, tenha ficado, ou outros interesses, e tenha ficado como sendo "a versão", certo, mas que se nós tivéssemos dado voz a outras pessoas para darem as suas versões, com certeza teriam surgido outras verdades.

Luzia: Outras verdades. Ta certo, entendi. E com relação à análise em história oral, né, porque tem uma discussão no grupo, né, sobre analisar ou não, o que seria análise. Como que você vê a análise e qual que é a tua opção frente a ela assim no trabalho?

Ivani: Bom, isso foi uma coisa que me preocupou muito e que também me levou a escrever um textos que está no meu trabalho e que... que eu dei um título assim: "História oral,

memória, depoimentos: considerações gerais e similaridades dessa investigação". É... isso tudo surgiu porque... no meu exame de qualificação um dos elementos da banca, muito propriamente até, levantou algumas questões a respeito de... dos depoimentos que... que... que depoentes, os professores tinham feito no meu trabalho e aquilo me preocupou muito porque eu ficava pensando assim: "será que uma dissertação de mestrado pode trazer pontos que não são, aspas, 'verdadeiros'", né? Declarações que realmente não sejam verdadeiras. Então até esse momento ainda essas concepções assim de verdade, de versão ainda dançavam na minha cabeça. Por outro lado, eu pensava: é... se eu dou voz ao indivíduo, até que ponto eu posso estar introduzindo nos depoimentos dele e questionando esses depoimentos que seria então a ... a ... o fato de poder estar analisando ou não. E eu fiz muitas leituras a respeito de memória, a respeito de passado, a respeito de como se reconstitui o passado, certo? E, sobretudo, a respeito de memória. Então, a partir disso eu me posicionei nesse sentido de que nós... nós estivemos conversando até agora: de que aquilo tudo que o indivíduo coloca ali no seu depoimento é a sua versão daquele momento, né, sobre determinado fato. E eu resolvi considerar como a verdade daquele indivíduo, naquele momento e não fazer análise, não fazer questionamentos. O que eu fiz no meu trabalho não foi análise, foi... eu estabeleci, inclusive a pedido do Vicente, algumas compreensões, certo, é ... que poderiam sair a partir da leitura daqueles depoimentos, mas eu não fiz análise no meu trabalho.

Luzia: Como que você vê análise? Assim... o que seria a análise que você não fez?

Ivani: Bom, a análise que eu não fiz seria ta questionando, ta olhando pra aqueles depoimentos, no sentido de falar: "Olha, o professor colocou assim, mas um outro professor colocou de forma diferente", sabe? Então seria mais de estar checando essas informações.

Luzia: Trabalhando, cruzando as informações que aparecem...

Ivani: Isso, cruzando informações, é.

Luzia: Entendi. E, é... há uma discussão também sobre a idéia de procedimentos éticos que o trabalho com a história oral estaria envolvendo. Como que você vê isso? Você identifica como sendo cuidados éticos alguns dos procedimentos que você tomou? Quais deles?

Ivani: É, eu penso que uma preocupação grande que eu tive no meu trabalho e que... que foi assim... que... que deu muita satisfação porque os meus depoentes ficaram assim muito agradecidos, a gente conversou bastante sobre isso, sobretudo o meu retorno sobre o que eu estava fazendo é... a partir dos depoimentos. Então, por exemplo, eu gravei as entrevistas e fiz as... as transcrições assim de uma forma que eu considero cuidadosa, né. Eu transcrevi mesmo assim tudo, tudo, tudo que... da forma como eles colocaram. Eu tive dificuldades porque eu não sei... eu não ... tenho, eu digito tudo com dois dedos, né, eu faço tudo com dois dedos.

Luzia: [risos]

Ivani: E eu precisei até pedir ajuda de pessoas para fazer isso. E a medida que eu pedi ajuda eu tive que procurar várias pessoas porque as pessoas modificavam, sabe? Os textos, né? Então eu tive que ir pedindo ajuda até encontrar uma pessoa que pudesse realmente transcrever pra mim do modo é que... que eu entendia que precisava ser feito. Isso foi feito por uma rapaz, não me lembro o nome dele agora, mas por um rapaz que é do departamento de jornalismo na Unesp de Rio Claro, na Unesp de Prudente, de Bauru, desculpe, de Bauru. E depois então que foi feita essa... essa transcrição e realmente revi tudo isso e é um trabalho muito cansativo, demorado, né? E mandei essa transcrição pro... pro... pros depoentes, então eles me devolveram dizendo que tava tudo ok e a partir daí eu comecei a fazer a textualização. Na textualização também eu não mudei a ordem, sabe, eu não agrupei os... os textos por assunto. Eu coloquei, eu textualizei os assuntos na ordem em que eles apareceram na gravação, eu não fiz modificação na ordem.

Luzia: Você fez isso com algum interesse específico, ou...?

Ivani: No sentido de que, e... e... eu entendia que a ... quando nós falamos de determinado assunto nós não fazemos um esqueminha pra falar: "vou falar tudo disso, vou falar tudo daquilo", né, você vai e volta, então eu quis conservar isso no meu depoimento. De início o Vicente sugeriu que eu agrupasse e depois eu disse pra ele que eu gostaria de não agrupar e ele concordou comigo. Então, é... feita a textualização, e aí eu... eu penso que esse texto já não era mais só do depoente, já era um texto nosso, né, porque tem... de uma certa forma você se inclui na conversa...

Luzia: Hum hum.

Ivani: ... no pensamento, vamos dizer assim do... do ... do... do depoente, né? Eu também dei retorno pra eles da textualização e eles me devolveram então. E depois de tudo isso então eles me deram, mediante tudo isso aí, eles me deram um texto, uma carta de cessão, né, dizendo que me cediam tudo. Eu tive um pouquinho de dificuldade com um depoente porque a família dele entendia que... ceder a entrevista significava ceder os direitos da produção dele e como ele tinha feito uns, escrito alguns livros, então eles tavam entendendo que... aquilo podia estar me cedendo o direito dos livros. Então essa carta de cessão ficou assim com uma redação um pouco diferente das outras, mas os outros depoentes não... não fizeram assim praticamente nenhuma modificação na textualização, conservaram a textualização do modo como eu tinha feito e cederam isso com... sem nenhum problema.

Luzia: Ta certo. É... com relação aos registros orais, aos documentos orais, às fitas...

Ivani: Hum.

Luzia: ... como você considerou no começo da conversa. Você vai disponibilizar, ainda tão com você...?

Ivani: É, eles ainda estão comigo né, porque depois que eu fiz, que eu terminei todo o meu trabalho eu tive assim poucos ... poucos contatos na..., pessoais, com o Vicente. Mas nós

tínhamos combinado que nós íamos mandar esses registros, é... essas gravações pro arquivo da... da USC. Então isso com certeza será encaminhado pra lá.

Luzia: Ta certo. É... eu... eu ia perguntar, né, o que faz da tua pesquisa um trabalho em história oral, mas a gente... você considerou no começo que tem aquela preocupação de construir o documento, né, oral...

Ivani: Isso!

Luzia: ... e de seguir mesmo aqueles procedimentos que são utilizados dentro desse tipo de trabalho, né? E aí tem, além dessas questões que já sugiram, né, existem outras que são abordadas pelo grupo e eu gostaria de saber de você se tem alguma que você tenha e que você percebe que ainda não foi abordada pelo grupo e você acha necessário que seja ou que já foi, mas você acha que é necessário retomar, aprofundar essas inquietações.

Ivani: Bom, uma das inquietações diz respeito àquilo que nós já conversamos e... de ser a história oral, de dar à história oral um status de... de metodologia. Eu penso que isso tem surgido em vários momentos, na minha qualificação uma... um dos elementos da banca era uma historiadora e ela fez até algumas sugestões e eu penso que isso ainda vai... vai ter retorno aí no grupo de pesquisa e que nós vamos poder estar discutindo, né? E ... e... um outro, uma outra coisa que também não fica muito clara pra mim, que eu gostaria de estar discutindo é sobre... sobre a análise da... da... disso aí, o quê que nós poderíamos, de que forma nós poderíamos estar fazendo análise dessas entrevistas sem fazer, sem... sem... é..., como diria, sem...

Luzia: Sem se restringir à checagem,como você colocou antes.

Ivani: Isso, exatamente, sem estar simplesmente é... amarrando informações que os depoentes dão com outras, né?

Luzia: Então seriam basicamente essas questões que você acha que...

Ivani: É, seriam essas questões. Aí, claro, tem assim, acho que nós precisamos, eu particularmente preciso fazer ainda muitos estudos sobre história oral, sabe, há muitas compreensões sobre a história oral que ainda eu precisaria estar avançando nelas, né?

Luzia: Hum hum. E quando você fala de história oral, você liga ela como uma particularidade da História?

Ivani: Eu acho que é uma forma...

Luzia: Dentro da História.

Ivani: ... pra mim é uma forma de fazer História. É uma forma de fazer História mesmo.

Luzia: Ta certo. E como que você vê é... esse grupo, né, porque na verdade ele surge, né, depois, praticamente depois do trabalho da Gilda...

Ivani: Hum.

Luzia: ... né que é defendido em 98, em 1998 e que as pessoas começam a discutir é... o trabalho com história oral, a encaminhar pesquisas direcionadas pra isso. Como que você... qual a visão que você tem desse grupo assim?

Ivani: Bem, o grupo é o grupo que tem feito trabalhos em Educação Matemática e...

[esbarra no gravador]

Ivani: Desculpa.

Luzia: Imagina.

Ivani: e... ele é um grupo assim que... faz trabalhos em Educação Matemática se utilizando, né, da história oral. E esse grupo, à medida em que ele vem é... fazendo as suas pesquisas, ele vem ao mesmo tempo, constituindo um método, né, de... uma metodologia, vamos dizer assim, da história oral. E vem também discutindo problemas relativos à história oral e, eu já disse isso pra você, eu vou tornar a repetir, eu acho que um... um dos destaques do trabalho do grupo é que esses trabalhos, o meu, o da Gilda, o da Ivete e da... da Ednéia, ele... eles... e outros que estão sendo feitos agora pelo grupo, eles dão condições pra que a gente entenda é... como vem se... como vem sendo o ensino da Matemática, ou seja, possibilidades de estar fazendo uma Educação Matemática, olhando pra Matemática, né, pra compreender esse... esse ensino da Matemática, né, dentro do estado de São Paulo e que vai servir até como parâmetro, que pode vir a servir como parâmetro pra outras... pra outros trabalhos, pra outras compreensões mais abrangentes.

Luzia: Ta certo. E é... o que faz desse grupo, na tua visão, um grupo? O quê que o... o quê que o constitui com esse status.

Ivani: Ah, é o fato deles terem interesses e objetivos comuns, né? Então nós temos assim, o que nos liga mesmo é a história oral, é o interesse pela história oral, é a ... a necessidade de estabelecer compreensões, de fazer estudos, né, sobre história oral.

Luzia: E como que você vê as divergências que surgem dentro do grupo, né, as diferenças de posições? A gente tava falando da... do que seria a história oral, né?

Ivani: Certo.

Luzia: É metodologia, é disciplina, esse tipo de discussão ainda existe dentro do grupo. Qual a visão que você tem disso?

Ivani: Ah, isso pra mim é altamente produtivo né, porque essa... esse... essas maneiras diferentes de pensar e isso dão... dão... dão... geram compreensões, geram necessidades de

estudos, né, de aprofundamentos e... extremamente, eu vejo de forma extremamente positiva!

Luzia: Ta certo. E voltando um pouco ao trabalho que tem sido feito com a história oral, como que você vê essa relação do entrevistado com o , do pesquisador, né, com o entrevistado? Uma vez a gente chegou a discutir na lista, não sei se você lembra, uma idéia de distanciamento, de estranhamento... Você acha que é possível ter, ou é até interessante ter esse distanciamento no trabalho com história oral? Como que você vê isso? A relação... Como que você acha que é a relação entre pesquisador e entrevistado?

Ivani: É eu posso dizer da minha experiência pessoal, eu não fiz leituras sobre isso, eu não me posicionei sobre isso, mas eu penso que... você tem que manter um certo distanciamento, né, pra você poder estar olhando pra aquilo, né, procurando indícios de coisas que você não conhece. Quer dizer, eu entrevistei um professor que foi meu colega de curso normal e que foi meu colega de faculdade e que vem trabalhando comigo ao longo de toda a minha vida, né? E, claro que você tem uma aproximação muito grande com uma pessoa desse tipo, mas no momento em que eu fui fazer a textualização eu descobri muitas coisas ali que eu não... não conhecia, que eu não sabia, então, se você não se distanciar um pouco você não tem condições de detectar esses pequenos indícios, né, da fala.

Luzia: Você passa por cima de algumas coisas...

Ivani: Isso! É porque você fica pensando que você já conhece tudo aquilo, que você... você já viveu aquilo com ele, né? Mas que isso não... não é verdade, não é a realidade.

Luzia: Ta certo. E você também... você ligou, né, a questão da história oral, você fala que é uma forma de fazer História. Que História é essa que é possível de fazer? Qual que é a visão que você tem de História?

Ivani: É aquele aspecto que nós já conversamos, né? É... de que você... é uma história, né, não é uma história, um tipo de história política, né, onde você pode tomar como objeto de

estudo os elementos, os elementos assim mais peculiares possíveis, né, onde você tem uma concepção de documento que não é uma coisa cristalizada, que não é uma coisa que tem aquela versão de verdade, enfim, de uma história moderna no sentido daquilo que o grupo dos Annales estabelece a respeito de História.

Luzia: E essa sempre foi a tua visão de História? Porque aquela hora você tava falando: "Quando eu entrei na pós eu pensava..."...

Ivani: Não, não foi. Isso tudo, essas compreensões todas, elas foram aparecendo ao longo de leituras que eu fiz, ao longo de estudos que eu fiz, de reflexões e discussões no grupo de estudo, no grupo de pesquisa, nas aulas que eu assisti. Certo? Então realmente essas concepções elas surgiram durante o processo da... da... da, durante os momentos, ou durante o tempo em que, a partir, vamos dizer assim, a partir do momento em que eu comecei a freqüentar a universidade.

Luzia: Ta certo. E qual foi esse ponto de partida? Qual que era a tua visão de História quando você chega...?

Ivani: Ah sim, uma História política, uma História que contava a história dos grandes homens, dos grandes feitos, né, e de uma história, que a História era aquilo que estava escrito nos livros de História, era aquilo que o professor de História contava, né, era essa a minha concepção de História, que isso era... a História.

Luzia: "A História".

Ivani: "A História", existia "uma História", aquela "a História" mesmo, né? Então era essa, essas eram as minhas concepções.

Luzia: Ta certo. E com relação à história oral, né, à História, que tão atreladas pra você nesse trabalho, o quê que você destacaria de fundamentação teórica, de... de autores que tiveram grande relevância nessa trama que você monta na dissertação?

Ivani: Bem, eu eu eu penso que primeiro a produção do grupo de pesquisa é uma... é um ponto assim, relevante, né, pra que a gente possa trazer compreensões, existem ali trabalhos, né, extremamente importantes pra que possamos compreender, né, realmente fazer reflexões sobre a história oral e ... e alguns autores, há muitos autores, eu, por exemplo, gosto, gosto muito do Certeau, do Michel de Certeau, já disse isso pra você, quando ele mostra a importância da oralidade, né, a importância que a oralidade pode ter. Ah, gosto muito do Burke, acho as produções, por exemplo, acho de extrema importância que alguém queira começar a trabalhar com história oral a ... a produção do professor Garnica e do professor Carrera, ah... gosto muito do... foi muito importante pro meu trabalho a leitura do Ginzburg que mostra esta possibilidade de você fazer é... leituras, outras leituras de textos com os quais você entra em contato, né? E... a ... o Le Goff, quando ele nos mostra é... quais são as mentalidades de cada época, como... como as pessoas pensavam, né, viam o mundo em cada, em cada, em épocas diferentes e isso é muito importante porque a gente pode ter outros olhares é... sobre... sobre os mesmos fatos, né? O ... o Meihy que dá procedimentos a respeito de como trabalhar com história oral, o Pollak que... que pra mim foi assim extremamente importante no sentido de entender aspectos da memória, a..., não sei se a pronúncia é essa Schaff, né, S-C-H-A-F-F, que trata de... de História e verdade, que a gente tem que isso aí foi um questionamento que eu fiz ao longo do meu trabalho e ... o Thompson quando trata de... de... de... da história oral, retratando assim, como uma voz que retrata o passado, né? Então são... seriam esses assim, as minhas referências, algumas das referências...

Luzia: Que você usou.

Ivani: ... teóricas que eu usei e que foram muito importantes pra minha produção.

Luzia: Ta certo. E como você ta inserida nesse ambiente de... de graduação, né, de universidade ainda, coordenando né cursos, enfim, como que você vê essa inserção, hoje, da história oral na Educação Matemática. Você acha que as pessoas ainda estranham isso, é, que elas conseguem ver, reconhecer a importância desse tipo de trabalho? Porque você

coloca no começo que traz uma outra visão dos trabalhos que tinham sendo feitos até agora da história da Educação Matemática, enfim.

Ivani: Bem, é... no contexto onde eu trabalho isso não tem sido discutido, sabe, nós não ... não tem ninguém trabalhando com história oral e... eu eu tenho feito algumas coisas no sentido de mostrar pros meus alunos que... eles podem lançar mão da história oral pra... pra... pra dentro da Educação Matemática, né? Mas, no contexto onde eu estou não tem ninguém que se interessa por isso, ninguém trabalhando com história oral.

Luzia: Ta certo. E no começo da entrevista você falou assim que o que disparou né o teu primeiro trabalho com história oral foi o encanto que você teve com aqueles entrelaçamentos entre cotidiano e memória, que surgiam na disciplina que o Carrera...

Ivani: Certo.

Luzia: ... ofereceu na pós e tal. Isso fez com que você começasse a trabalhar com história oral. Você pretende continuar? O que faz com que você queira continuar? Se é que você quer.

Ivani: Ah, eu tenho, eu quero continuar, eu quero continuar porque toda... todo esse meu trabalho me deu a possibilidade de ver a importância de resgatar coisas, né, que como eu disse pra você, não poderiam ser resgatadas através de outro tipo de documento. Né? Então eu gostaria de continuar fazendo trabalho, de estar, por exemplo, ligada ao grupo e de ta retomando até esses trabalhos que eu fiz pra dar continuidade num outro tipo de trabalho, talvez ampliando isso aqui, porque eu trabalhei numa região que vai de, vai de Tupã até Dracena. Talvez isso pudesse ser ampliado, pudesse estar ouvindo outros professores que tem outras práticas numa outra região, né, em outras cidades da mesma região, não em outra região, mas em outras cidades da mesma região.

Luzia: Hum hum. E como que você vê essa área que você trabalha, você falou assim: "Eu não sou historiadora, eu não to dentro da História, eu to dentro da Educação Matemática...

Ivani: Certo.

Luzia: ... eu sou professora de Matemática".
Como que você vê essa área tua? Que é a Educação Matemática.

Ivani: Hum, em que aspecto você quer saber?

Luzia: Assim, como que você vê esse campo de investigação, a que ele se volta? Sabe. Você falou que tenta reconstituir faces de como era o ensino da Matemática.

Ivani: Certo.

Luzia: Essa é uma das possibilidades...

Ivani: Bom, eu ... eu vejo, eu diferencio o ensino, especificamente da Matemática, porque dentro da Educação Matemática a gente pode estar olhando pra... pra... O ensino da Matemática num contexto muito mais abrangente, né? E nesse contexto então você não vê só as informações, você vê a necessidade da construção do saber matemático e construir esse saber matemático envolve... envolve outros aspectos, envolve aspectos que transcendem a informação, né, então, tudo isso, enfim, que nos cerca, né, por exemplo estudando história da Matemática, estudando a mentalidade de uma determinada época, quando determinado conhecimento da Matemática foi produzido, ou seja, colocar a produção da Matemática num contexto maior, entender como aquele espaço onde aquele... aquele.... aquela produção se deu, estava, como aquele espaço estava organizado, né? Então essas concepções é que eu vejo que são extremamente importantes...

[término da fita]

Ivani: Então olhar, por exemplo, como... como a modelagem como uma possibilidade de você ta fazendo um trabalho multi-disciplinar, né, que... em que os alunos podem estar se

associando a alunos de outros departamentos pra estar fazendo modelos matemáticos pra outras disciplinas, enfim, esta... esta ... esta possibilidade de não enxergar a Matemática como uma coisa estanque, morta, produzida num determinado momento e que é retransmitida, mas de fazer isso um organismo vivo em que você possa ta trabalhando com isso em outros aspectos.

Luzia: Ta jóia. Era isso.

Ivani: Era isso? [risos]

Luzia: Muito obrigada...

Ivani: Que bom.

Luzia: ... pelas entrevistas, pelas contribuições.

Ivani: Espero ter contribuído de alguma forma pra que você...

Luzia: Com certeza.

Ivani: ... faça um trabalho de excelente qualidade que eu tenho certeza que você fará.

A entrevista realizada com Antonio Vicente Marafioti Garnica foi diretamente textualizada, não havendo, portanto, a transcrição literal.